JAYME LANDMANN

SEXO E JUDAÍSMO

ed uerj

O propósito deste livro é rever o papel central que a sexualidade desempenhou e desempenha no desenvolvimento e no destino de uma das mais antigas e influentes civilizações e culturas da história da humanidade – o povo judeu e a cultura judaica. O livro descreve e discute os hábitos eróticos judaicos à luz dos textos sagrados e laicos e dos eventos históricos vividos pelo povo judeu.

A análise, como não podia deixar de ser, se inicia pela leitura cuidadosa da Bíblia. A Bíblia contém algumas das páginas mais vibrantes e eróticas de toda a literatura ocidental, em geral, pouco exploradas pelo cânone religioso. Trata-se da paixão humana em sua variedade infinita, onde não faltam o adultério, a sedução e o incesto.

O autor investiga também a outra Bíblia, a apócrifa, abordando temas polêmicos como o sexo de Deus e a história de Lilith, a primeira mulher criada no mundo, antes de Eva.

Da Bíblia, o livro, passa para o Talmud – tratado clássico de interpretação dos textos –, e

ed uerj

Jayme Landmann

SEXO E JUDAÍSMO

Rio de Janeiro
1999

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Rua São Francisco Xavier 524 - CEP 20550-013 - Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax.: (021) 587-7788 / 587-7789 — e-mail: eduerj@uerj.br

Coordenador de Publicações: Renato Casimiro
Coordenadora de Produção: Rosania Rolins
Revisão: Maria Bastos e Francisco Inácio Bastos
Diagramação: Celeste de Freitas
Capa: Heloisa Fortes
Apoio Administrativo: Maria Fátima de Mattos

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/PROTAT

L257 Landmann, Jayme
Sexo e judaísmo / Jayme Landmann. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999.
404p.

ISBN 85-85881-65-8

1. Sexo - Aspectos religiosos - Judaísmo. 2. Sexo na Bíblia. I. Título.

CDU 159.922.1:297

Para minha maravilhosa e cada vez maior família, com amor, como sempre.

Sumário

Prefácio

Nos últimos anos cresceu enormemente o interesse pela sexualidade, evidenciado pelas reportagens e pelos artigos da mídia, pela enxurrada de livros sobre o assunto, pela difusão de estudos especializados e pela discussão aberta em todos os campos de atividade. Ao mesmo tempo, houve um declínio das forças religiosas em prol de maior secularização, e a própria religião teve de ceder princípios arraigados para se adaptar ao sistema social e aos anseios individuais. Esse fenômeno também ocorreu entre os judeus, onde laços religiosos ortodoxos se afrouxam e onde os movimentos anti-ortodoxos e liberais começam a predominar. A religião, para sobreviver na sociedade moderna, torna-se cada vez mais secularizada, adaptando-se às circunstâncias trazidas pelo progresso. As práticas judias passam a assemelhar-se cada vez mais às dos povos com os quais os judeus coabitam, isto é, aos não-judeus de igual idade e posição social, localização geográfica e situação econômica. E mesmo entre os judeus interessados em preservar normas sexuais religiosas tradicionais, os valores e práticas são articulados em consonância com perspectivas e prioridades modernas.

Um dos reflexos da secularização nas comunidades judias se evidencia no campo da psicoterapia, começando com seu fundador, o genial Freud, que atraiu e atrai grande número de judeus, seja como terapeutas ou como clientes. Acoplado ao problema da sexualidade entre os judeus está o problema da mulher judia. Embora a sua situação em comparação às mulheres de outros povos e outras crenças fosse mais favorável, na

tradição judaica ela sempre esteve relegada a um plano secundário em relação aos homens. Ainda hoje, as mulheres judias lutam para definir sua identidade sexual e seu papel na comunidade. Cada vez elas se impõem mais, a tal ponto que o papel das mulheres tornou-se preocupação central em debates cujo mérito é engajar no judaísmo contingentes femininos até então alheios à vida intelectual e espiritual da comunidade. Nos Estados Unidos, os setores reformistas liberais e conservadores passaram a admitir mulheres como rabinas. Nas escolas conservadoras de rabinato, mais da metade dos alunos é formada por mulheres. Nos movimentos ortodoxos, as mulheres já ocupam seu espaço, tornam-se cada vez mais interessadas em participar e adquirir conhecimentos e, com isso, passam a influir e a obter regalias antes negadas. Assim, entre os ortodoxos britânicos, há contingente para *minianim* (*quorum* de dez pessoas exclusivamente do sexo masculino exigido para rezas em público) de mulheres. E em Israel há escolas talmúdicas para o sexo feminino. A linguagem do passado sempre ecoa entre os judeus. Nele, as mulheres sempre foram participantes silenciosas na consumação dos textos canônicos e das leis outorgadas pelos rabinos. Agora, porém, levantam suas vozes e se tornam parceiras ativas na discussão de nossas tradições e de nossa identidade.

Embora a proporção de judeus ortodoxos seja pequena (as estimativas são de que pouco ultrapassam 5 por cento da comunidade judaica), o espaço por eles ocupado é aparentemente maior, porque são eles os mais ligados à tradição e porque possuem grande peso político em Israel, onde constituem o fiel da balança no parlamento entre a direita e a esquerda. São eles os que mais desejam integrar a sexualidade na moldura do judaísmo normativo.

Como demonstramos neste livro, o judaísmo sempre teve uma concepção aberta em relação ao sexo. Jamais o relegou a um plano secundário ou se recusou a discutir seus variados aspectos. Desde os primórdios da criação do mundo, relatados na *Bíblia* até os dias de hoje, passando pela interpretação dos rabinos, encontramos as mais diversas versões e histórias, mensagens e diretrizes, além de uma legislação abundante abordando todos os aspetos da sexualidade, dos mais simples aos mais complexos. Desde relações normais até as mais aberrantes.

Mas, apesar da abertura, não encontramos na *Bíblia*, no *Talmud* ou sequer na língua hebraica a palavra *sexo* e tampouco uma palavra que

exprima uma relação sexual. O homem que se relaciona com a mulher: *Conhece a mulher* ou a *toma* ou ainda *entra nela*. Vejamos apenas alguns exemplos: *E* conheceu *Adão a Eva, sua mulher e ela concebeu e teve a Caim* (Gên. 4, 1). *E* tomou *Lameque para si duas mulheres* (Gên. 4, 19). *Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e* tomaram *para si as mulheres de todas as que escolheram* (Gên. 6, 2). *E disse Jacó a Labão, dá-me minha mulher, porque meus dias são cumpridos para que eu* entre *nela* (Gên. 29, 21). *E aconteceu à tarde que tomou ele Léia, sua filha e trouxe-lha. E* entrou *nela* (Gên. 38, 2). *E viu Judá ali, a filha de um varão cananeu cujo nome era Sua e* tomou-a *e* entrou *nela* (Gên. 38, 2). *Onã, porém, soube que a semente não seria para ele e assim quando* entrava *na mulher de seu irmão, derramava-a na terra* (Gên. 38, 9). Os exemplos se sucedem.

Há na *Bíblia* um pudor enorme para citar explicitamente o ato sexual e até para denominar os órgãos sexuais. *E viu Cão, o pai de Canaã, a* nudez *de seu pai e fê-lo saber a ambos os seus irmãos. Então tomaram Sem e Jafé uma capa, puseram-na sobre seus ombros, virando-se para trás, cobriram a* nudez *do seu pai.* (Gên. 9, 23). Outro exemplo ainda mais sugestivo: *Então, pôs o servo a sua mão debaixo da coxa de Abraão seu senhor e jurou-lhe sobre este* negócio (Gên. 24, 9). Ou, mais adiante, em *Ezequiel*: *E enamorou-se de seus amantes cujas* carnes *são como* carnes *de jumento e cujo* fluxo *é como o* fluxo *dos cavalos* (Ezeq. 23, 20).

Apesar de todo esse pudor, a *Bíblia* e o *Talmud* e até a literatura judaica moderna são repletos de relatos e de poesias sexuais e eróticas de todas os matizes. Há poesias e poemas de amor de beleza deslumbrante, bem como relatos sexuais de estupro, homossexualismo, incesto etc. Para Howard Schwartz Eilberg (1991), o fato se deveria ao valor extremo que os judeus sempre deram ao espiritual em detrimento do corpóreo. Os judeus seriam o povo do livro (*people of the book*) e não um povo do corpo (*people of the body*). Os judeus constituiriam uma comunidade vinculada aos livros, a cada geração, o que privilegiaria certas perspectivas em relação a outras. O simbolismo dos judeus os define como o povo que recebeu o *livro* (a *Bíblia*), e dedicou a sua existência a estudá-lo e interpretá-lo. Posteriormente, o simbolismo extrapolou para o cultivo dos livros em geral. Quando Deus deu a *Bíblia* aos Judeus, recomendou a Moisés que a pusesse numa arca, a arca da aliança, de madeira e cetim, revestida de ouro puro (Êxodo 25, 10-11). No maravilhoso *Sefer Hassidim*, o livro dos

pios, o rabi Judah ben Samuel, o *hassid* de Ratisbone que viveu no século XII e parte do século XIII, dizia que não devemos hesitar em emprestar os nossos livros pelo medo de serem riscados, porque é melhor que isso aconteça do que não sejam lidos.

Os judeus passam a ser definidos não em termos de uma genealogia hereditária, mas de uma genealogia do conhecimento. Participaram da criação e disseminação da *Bíblia* e isso coloca todas as questões, inclusive as sexuais, num plano secundário. Embora, legalmente, sob o ponto de vista religioso, judeu é aquele que tem mãe judia, a imagem do *povo do livro* idealiza a identidade. Além disso, como o conteúdo do livro não é especificado, o que os judeus estudam não importa. O que importa é o compromisso com os livros. E para idealizar ainda mais, omite-se que a *Bíblia* e outros livros religiosos são um repositório rico em detalhes sobre emissões corpóreas, doenças da pele, circuncisão, posições adequadas na relação sexual etc. Em tudo isso, procuram conservar a imagem espiritual, omitindo as palavras explícitas que traduzem as atividades corpóreas. O vínculo dos judeus com os livros está relacionado a quatro vultos de sua história, todos com o nome de Moisés.

O *primeiro Moisés* é o legislador e profeta, o autor presumido da *Bíblia*, que libertou os judeus da escravidão do Egito e os conduziu à sua Terra, embora nela não entrasse. As palavras finais da *Torá* sobre Moisés dizem: *Assim morreu ali Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, conforme ao dito do Senhor. E foi sepultado num vale na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor. E ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura. Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera cara a cara* (Deut. 34, 5-6).

Moisés é considerado o libertador de seu povo, não só porque o resgatou da escravidão, mas também porque através de sua legislação ética, religiosa, civil e criminal, criou os fundamentos de uma liberdade permanente, numa futura sociedade onde reinaria a justiça. Podemos questionar a universalidade da legislação, mas sem dúvida, as leis e especialmente as doutrinas morais, são destinadas a todos, judeus e não-judeus, cidadãos e alienígenas, patrões e servos. Além disso, Moisés, apesar de ser reverenciado pelos judeus, o é também por muçulmanos e cristãos e, apesar de ter tido uma infância privilegiada no palácio do faraó, jamais se assimilou. Quando jovem, viu um feitor egípcio batendo e flagelando

um escravo judeu, e matou o agressor. Como resultado desse ato teve de refugiar-se, só retornando para libertar seus compatriotas.

O *segundo Moisés* foi o *Rambam*, ou Moisés ben Maimon ou Maimônides. Quando os judeus foram derrotados pelos romanos, expulsos de sua terra e dispersos pelo mundo, os rabinos de Israel e do exílio estavam convictos de que o judaísmo só poderia se manter através de uma dedicação à *Torá*, e se organizaram para difundir seus ensinamentos, obter discípulos e exercer o máximo de sua influência na vida judaica. Graças a isso, os judeus jamais desapareceram, como aconteceu com os demais povos daquela época – assírios, romanos, helenos, gauleses e celtas. A língua hebraica foi a única que permaneceu viva no decorrer destes séculos. Os judeus sobreviveram encouraçados pela *Torá*.

A literatura rabínica é formada por cinco divisões: a *Mischná*, a *Tosefta*, o *Talmud* de Israel ou *Yeruschalmi*, a coleção do *Midrasch*, o *Talmud* da Babilônia ou *Bavli*. As partes do *Talmud* que são comentários sobre a *Mischná* constituem a *Guemara*. Finalmente, após a edição do *Talmud*, surgiram novos problemas, e estes, à medida que apareciam, eram transformados em questões apresentadas às sumidades rabínicas do exílio, constituindo um novo cabedal de *respostas*. Hoje em dia, estas respostas vêm sendo armazenadas em computadores. Para os judeus religiosos, todos os ditames – desde a *Bíblia* até as respostas – foram transmitidas por Deus. O Pentateuco, compreendendo os cinco primeiros livros: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*, foi entregue por escrito. Os outros ensinamentos foram transmitidos oralmente, primeiro a Moisés, por este a Arão, e por este aos seus dois filhos, por estes aos anciãos e à sua geração. Daí, de geração em geração, até chegar ao rabi Judá, no ano 200 d.C., que reuniu tudo na *Mischná*. O *Talmud* de Jerusalém e o da Babilônia foram publicados em torno de 600 d.C. Esta noção ortodoxa de que todo o corpo de leis e interpretações é equivalente à palavra de Deus cria problemas, porque os rabis não são considerados como infalíveis nas suas decisões, nem estas constituem dogmas irreversíveis. Além disso, há diferenças de opiniões entre os rabis, expostas desde a *Mischná*, onde se lê: "Rabi Meir disse, mas os sábios disseram...". Há assim um formalismo que permite adaptar as leis às circunstâncias do momento e às alterações de costumes.

As interpretações dos textos eram feitas pelos rabinos, o que colocava as mulheres em plano secundário porque muito poucas participa-

vam da elaboração e do estudo das leis. Uma das poucas foi Ima Schalom, a excepcional sábia da geração que se seguiu à destruição do templo. Era irmã do rabi Gamaliel e esposa do rabi Eliezer ben Hyrcanus. Este último era contra o ensino da *Torá* às mulheres, que seriam muito frívolas para entendê-la. Mas Ima estudou e interpretou a *Torá*, e muitas das suas interpretações estão inseridas no *Talmud*. A *Mischná* é mais teórica do que prática. Os detalhes práticos encontram-se no *Yeruschalmi* e no *Bavli*. A coleção do *Midrasch* é composta antes de histórias que relatam passagens bíblicas do que práticas das leis. Os textos do *Talmud* e das interpretações posteriores não são organizados por assunto.

Se alguém quer conhecer o que os textos dizem a respeito de algum assunto específico, como por exemplo sobre questões médicas ou sexuais, terá de ler ou conhecer todos eles, o que é praticamente impossível. Por isso, fez-se necessário organizar e codificar o conteúdo, e este trabalho foi realizado por Moisés ben Maimon (1135-1204), que escreveu o mais importante dos códigos, chamado *Mischné Torah* – a *Torá* recapitulada. Cada item é tratado no seu devido lugar e cuidadosamente descrito, o que inclui os debates que precederam as conclusões. Uma tradução brasileira primorosa foi feita pelo rabino Yaacov Israel Blumenfeld.

Moisés ben Maimon, conhecido entre os latinos como Maimônides, entre os árabes como Musa Ibn Maimon e como o *Rambam* entre os judeus, abreviatura de seu nome: Ra*beynu* (nosso rabi). M*osche* B*en* M*aimon*, foi a maior figura judaica da Idade Média como filosófo, médico, juiz e comentador da *Bíblia*. A *Mischné Torah* foi a primeira exposição sistematizada da religião judaica. As obras filosóficas de Maimônides influenciaram não somente os filósofos judeus, mas também os cristãos e os islâmicos. Seu principal livro de filosofia – o *Guia dos Perplexos* – traduz a harmonia entre o pensamento judeu e o de Aristóteles e, em menor grau, o de Platão. Tomás de Aquino e todos os tomistas aplicaram suas idéias à defesa do cristianismo. Maimônides foi também o grande médico de sua época e nos seus livros anteviu a medicina psicossomática e as modernas teorias sobre a ecologia.

O terceiro Moisés, Moisés de Leon, nasceu na Espanha, na cidade de Leon, e começou a divulgar manuscritos místicos que atribuiu a rabinos do século II, para dar-lhes maior credibilidade. Estes manuscritos, reunidos em livro, constituem o *Zohar*, livro que ao lado da *Bíblia* e do *Talmud*

tem *status* quase canônico. Foi estudado e divulgado com afinco, reverência e perseverança pelas mais diversas comunidades judaicas, servindo de inspiração aos inúmeros movimentos cabalísticos que se seguiram. O *Zohar* dá ênfase ao relacionamento sexual e, junto com outras obras da *Cabala* que o precederam e sucederam, tem concepções similares às freudianas.

O quarto Moisés, Mendelsohn, ou Moses ben Mendel (1729-1786), é quem inicia a era da emancipação e integração dos judeus à civilização ocidental. Para Joseph Roth, com Mendelsohn os judeus passaram a unir os seis mil anos da sua tradição, herdeira do distante período patriarcal da *Bíblia*, ao humanismo dos séculos XVIII e XIX. A partir do momento em que a emancipação se tornou realidade, os judeus da Europa procuraram se integrar no mundo moderno, sem, contudo, renunciar à sua identidade. Passaram a considerar conexões relacionadas ao sexo como embaraçosas ao seu desejo de integração. O sentimento teve como causa o conceito europeu que antepunha sua religião, a *religião da razão*, às *demais religiões* consideradas primitivas. E os judeus temiam que sua religião fosse catalogada como primitiva. Há ainda o fato de que os judeus eram considerados uma raça inferior em muitos círculos, com defeitos corpóreos, odores peculiares, narizes compridos, pés enormes. As mulheres judias eram consideradas como sexualmente animalescas. O nariz grande dos judeus, assim caracterizado, significaria uma dependência maior do instinto do que do intelecto.

O judaísmo no período moderno deixou de ser considerado uma religião e passou a ser concebido como entidade racial, apodada e estigmatizada. Os brancos cristãos representavam o apogeu da civilização, os mais evoluídos da humanidade. Os negros eram colocados no limiar mais baixo da escala e os judeus eram colocados entre os dois extremos. Por sua linguagem, vestimentas, religião, expressões culturais e ainda pelo seu aspecto físico, os judeus eram desvalorizados, paroquializados e estigmatizados. Mesmo entre os cristãos mais esclarecidos, que se diziam amigos e admiradores dos judeus, liberais autênticos, o preço da integração judia seria a abolição da diferença. Figuras como Kant exigiam dos judeus que eles alterassem seu modo de viver e agir. O filósofo alemão Fichte (1762-1814), discípulo de Kant, não acreditava ser isto possível, e advogava a remoção forçada de todos os judeus para a Palestina. Voltaire culpava os judeus por todos os males do cristianismo. Muitos judeus passaram a

renunciar à sua identidade, como o poeta Heinrich Heine, que se converteu ao protestantismo, acreditando que, com isso, adquiria um bilhete para a cultura ocidental.

O aspecto físico do judeu era objeto de escárnio e repulsa como o demonstram as ilustrações de ninguém menos do que Toulouse-Lautrec. A mulher judia era idealizada como figura exótica, objeto sensual de fascinação erótica, que a protegia da animosidade que atingia seus compatriotas masculinos. Toda essa repulsa da elite européia fez com que os judeus procurassem reforçar sua imagem de *povo do livro*, e suprimir os aspectos de sua tradição ligados às atividades do corpo. Alguns chegaram a concordar que o corpo dos judeus era mais fraco e curvado, conseqüência de uma vida sedentária nas cidades, sem permissão de cultivar o campo. Para Max Nordau, a volta dos judeus a Israel e à vida ao ar livre e ao trabalho manual restauraria a saúde de seu corpo. Para David Biale, no ensaio "Zionism as an erotic revolution", do livro de sua autoria, *Eros and the Jews*, o sionismo pode ser entendido como a revolução erótica que liberou os judeus da emaciada impotência do exílio. A relação do judaísmo com o corpo humano e com o sexo é repleta de contradições. Não se pode admitir que os judeus somente escrevam ou leiam livros, e que o epíteto de *povo do livro* exclua ou sublime os demais desejos. Um velho dito em *ydisch*, o dialeto dos judeus ocidentais, se aplica aqui: *azoi vie es cristelt zich, idischt zich*. Em tradução literal: "os judeus agem do mesmo modo que os cristãos, onde vivem". Há os que discordam dessa tese. O assunto será desenvolvido no decorrer deste livro.

Ruth H. Sohn (1994), rabina, formada em 1982 no *Hebrew Union College of Jewish Institute of Religion*, chama a atenção para a importância dos comentários e das interpretações dos textos, desde a *Mischná* até os dias de hoje. Ela cita Nachmanides, o rabi Mosche ben Nachman (1194-1270), talmudista e cabalista espanhol, rabi e médico que escreveu sobre a relação entre o *pschat*, o sentido pleno do texto, e o *drasch*, a sua interpretação, e a relação dos dois com as letras e as vogais da *Torá*. O rolo da *Torá* consiste de palavras, cujas vogais representadas por pontos abaixo das consoantes, não aparecem. E, sem esses pontos virtuais, as palavras são como tinta preta sobre pergaminho, impronunciáveis. Para ler o texto, para torná-lo explícito, precisamos acionar os pontinhos. O mesmo acontece com o *pschat*. O texto literal da *Bíblia* é aparente na

superfície. Mas é incompleto. Para torná-lo vivo e significativo, devemos infundi-lo com a vida do *drasch*, com a interpretação que veio a nós através dos séculos, e com a nossa interpretação, resultante do nosso envolvimento com o texto.

Podemos comparar a questão à história talmúdica de um rei que tinha dois servos, dos quais gostava igualmente. Tendo de viajar, deu a cada um deles uma medida de trigo e um feixe de fibras de linho. O servo mais esperto tomou o feixe e fiou uma toalha. Depois tomou o trigo e transformou-o em farinha e fez um pão, que pôs sobre a toalha. O outro servo nada fez. Quando o rei retornou, pediu aos servos que lhe devolvessem o que ele havia deixado. O primeiro mostrou o pão branco sobre a toalha. O outro mostrou intactos o feixe de linho e a medida de trigo. Do mesmo modo, quando Deus deu a *Torá* para Israel, era para extrair dela o pão da sabedoria e a toalha da interpretação e não para deixá-la intacta.

Interpretar e aprofundar-se no texto, no significado específico das palavras e mesmo do espaço entre as palavras, descobrir o desígnio e o conteúdo para além do que se evidencia à primeira vista é finalidade de todos os comentários feitos em todos os tempos e em múltiplas fontes. Os comentários sobre a *Bíblia*: *Paraschanut*, acompanham as escrituras hebraicas por todos os séculos. Os mais importantes são de autoria de Raschi, rabi Schlomo Ytzchak (1040-1105), grande sábio de Troyes, o maior comentador bíblico de todos os tempos cuja interpretação integra hoje o próprio texto do *Talmud*. É justamente a partir da fonte, que é a própria *Bíblia*, e nas interpretações que se seguiram, que tecemos nossas considerações.

1ª Parte

O SEXO NA *BÍBLIA* e NA *OUTRA BÍBLIA*

A *Bíblia* hebraica, que os cristãos batizaram com o nome de *Velho Testamento*. em contraposição ao *Novo Testamento*, é chamada pelos judeus de *Tanach*, devido às letras iniciais de suas três partes mais importantes: T*orá* (ensino), N*eviim* (profetas) e C*uetuvim* (escritos). A *Bíblia* é composta de 39 livros, assim distribuídos:

Torá ou Pentateuco: *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.*

Neviim ou Profetas: *Josué, Juízes, Samuel I, Samuel II, Reis I, Reis II, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Ageu, Zacarias e Malaquias.*

Cuetuvim ou Escritos: *Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, Crônicas I e Crônicas II.*

A *Bíblia* narra uma história contínua, desde a criação, que começa no *Gênesis*, até o capítulo de *Reis II*. Os demais livros bíblicos são também narrativas com reminiscências de mitos, histórias de lugares e costumes, sagas familiares, lendas tribais, relatos épicos, contos morais, missões proféticas, sátiras, parábolas, cultos etc. Os diferentes gêneros são entremeados com matérias de natureza não-narrativa: leis, poemas, canções, epigramas, profecias e enigmas. Para os religiosos, o conteúdo da *Bíblia* foi todo ele transmitido a Moisés por Deus. Para os não religiosos, trata-se de autores individuais, mas com um texto sempre sancionado pela comunidade. De acordo com Paul Johnson (1988), o Pentateuco, na sua forma mais primitiva, data da época do profeta Samuel. A *Bíblia* não é um

livro homogêneo de um único autor. Tampouco, como o querem seus detratores, é uma falsificação de sacerdotes judeus após o exílio. Os Manuscritos do Mar Morto, encontrados recentemente em escavações arqueológicas, testemunham a acurácia com que a *Bíblia* foi copiada através dos séculos. Esses manuscritos contêm os textos mais antigos da *Bíblia*. Foram encontrados em 1947, e incluem fragmentos de 24 livros e todo o texto do livro de Isaías.

Nos primeiros séculos da era cristã, continuaram a aparecer escrituras sacras. Muitas são de excepcional beleza e de não menor importância religiosa. Para Willis Barnstone (1984), constituem a *Outra Bíblia*, formando com a original a *Grande Bíblia*, judaico-cristã. São textos não incluídos no Velho Testamento e no Novo Testamento. Contém mitos sobre a criação do mundo, sobre o Éden, salmos, romances, epístolas, profecias, histórias e documentos místicos. Contém ainda textos relacionados com a *Cabala*. Essas escrituras são estética e religiosamente iguais a muitos textos canônicos e oferecem informações valiosas e alternativas de histórias bíblicas. Em alguns textos da *Outra Bíblia*, Eva dá vida a Adão e a serpente é uma figura libertadora que convence o casal a libertar-se da escravidão do Paraíso, comendo a maçã proibida. De acordo com Gershom Scholem (1987), muitos desses textos têm sua origem em escritos pré-cristãos. Em algumas de nossas citações, há referências a esses escritos não-oficiais.

CAPÍTULO I

O SEXO DE DEUS

Os textos judeus foram escritos por uma elite cultural de homens: sacerdotes, rabinos, filósofos, místicos, mestres hassídicos, escritores e ideólogos sionistas. Durante muito tempo havia também uma forte conexão entre os que escreviam e ensinavam e os que detinham o poder. Conhecimento e autoridade estavam associados. A cultura era utilizada para referendar a autoridade dos rabis sobre os que não pertenciam à elite intelectual: os pobres, os ignorantes, os iletrados e as mulheres. Criou-se, assim, uma fonte de distorção em que os homens impuseram seus pontos de vista sobre a própria sexualidade e sobre a sexualidade em geral. Mesmo em relação à sexualidade feminina, o que sabemos através do textos religiosos foi filtrado pelos olhos masculinos.

Por outro lado, é indiscutível a influência das sociedades onde os judeus viviam. David Biale, no seu livro *Eros and the Jews* (1992), repete velho provérbio árabe: "Os homens assemelham-se aos outros de seu tempo, mais do que aos do tempo de seus pais". Quando a vizinhança era canaíta ou helênica ou romana, ou da Europa Medieval, ou ainda da Europa nacionalista, a visão judaica refletia ao mesmo tempo a sua tradição e o pensamento da época e do local onde vivia. A história da sexualidade judaica é, portanto, complexa, com todas as variações e interações com as demais culturas. O debate para saber se o judaísmo libera ou reprime a sexualidade é antigo. Os que desejam apresentar o judaísmo como não-repressor, citam o poema erótico *Cântico dos Cânticos*, em oposição às leis bíblicas de pureza sexual, que seriam o marco da repressão.

Como a *Bíblia* foi escrita por homens, é natural que o monoteísmo destruísse o matriarcado erótico das deusas pagãs e que, acentuando este domínio masculino, o Deus monoteísta fosse masculino. Os homens judeus, nas suas rezas, agradecem a Deus por tê-los feito à sua imagem e as mulheres agradecem a Deus por tê-las feito conforme sua vontade. Toda a cultura bíblica, a partir de Eva, trata as mulheres como sedutoras, perigosas, aquelas que se desviam de caminhos retos, tendo, por isso, de ser controladas e dirigidas. Apesar disso, há muita discussão em relação ao sexo de Deus. Há os que consideram o Deus de Israel um ser sem expressão corporal que os humanos possam ver ou imaginar. Seria um ser assexuado espiritualmente e fisicamente. Outros acreditam que espiritualmente e fisicamente Deus tem os atributos masculinos. Outros, que Deus é andrógino. E, finalmente, há ainda os que crêem que Deus seria um ente feminino ou com qualidades femininas predominantes.

No dizer da *Bíblia*, homens e mulheres foram criados à imagem de Deus: *E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea, os criou* (Gên. 1, 27). A imagem de Deus não se refere a Adão e a Eva isoladamente, mas aos dois em conjunto. Deus não teria uma forma corpórea fixa ou uma expressão corporal que os homens pudessem ver ou imaginar: *Então o Senhor vos falou do meio do fogo, a voz das palavras ouvistes, mas além da voz não vistes semelhança nenhuma* (Deut. 4, 12). *Guardai pois com diligência as vossas almas, pois semelhança nenhuma vistes no dia em que o Senhor vosso Deus, em Horebe, falou convosco do meio do fogo. Para que vós não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem, figura de macho ou de fêmea.* (Deut. 4, 15-16). Os judeus ouviram a voz, mas não viram qualquer forma divina na revelação de Horebe. Daí a razão de serem proibidos de retratar a deidade em qualquer forma: *Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra* (Êxodo 20, 4). Os seres humanos só se assemelhariam a Deus por suas qualidades e não pela forma. Para Nahum Sarna, a idéia do homem feito à semelhança de Deus significa a dotação de qualidades de caráter e de sabedoria que distinguem os humanos dos animais: capacidade intelectual, livre arbítrio, autoconsciência, autocontrole e sociabilidade. Outros acreditam que a expressão significa que os homens dominarão a Terra: *E disse Deus, façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança e domine sobre os*

peixes do mar e sobre as aves dos céus e sobre o gado e sobre toda a terra e sobre todo o réptil que se move sobre a terra (Gên. 1, 26).

Deus não tem corpo ou sexo. É assexuado e desincorporado. A sexualidade do homem e as outras funções corpóreas não são manifestação de sua semelhança com Deus. O comando de Deus para que os homens se reproduzam e multipliquem é uma benção que os homens compartilham com os animais e assim Israel é metaforicamente identificado como o rebanho de ovelhas do Senhor: *Vós pois, oh ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto, homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová* (Ezequiel 34, 31). A materialização de Deus não seria feita sob a forma humana: *E Moisés estava apascentando o rebanho de seu sogro, Jetro, chefe dos midianitas, e conduziu o rebanho para trás do deserto e veio ao monte de Deus a Horebe. E apareceu-lhe o anjo de Deus, numa chama de fogo, no meio da sarça, e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e não era consumida. E disse Moisés: Aproximar-me-ei e verei esta visão grande, porque não se queima a sarça. E viu o Eterno que ele se aproximou para ver e o chamou de dentro da sarça* (Êxodo 3, 1-4). Mais adiante, Moisés exorta o povo a obedecer a Deus: *E vos chegastes e vos pusestes ao pé do monte e o monte ardia em fogo até o meio dos céus e havia trevas e nuvens e escuridão. Então o Senhor vos falou do meio do fogo: a voz das palavras ouvistes, porém além da voz não vistes semblante algum* (Deut. 4, 11).

Sendo o corpo de Deus imaterial, ele não morre, não tem emissões, não tem relações sexuais, como os deuses gregos. Na verdade, teria ele algumas propriedades comuns aos humanos, como falar ou deslocar-se, mas não outras funções mais vulgares como comer, urinar ou defecar. O corpo de Deus na concepção bíblica é concretizado apenas parcialmente. O motivo poderia ser o de encobrir o sexo divino. Seria também o motivo pelo qual Deus impede a Moisés de ver sua face e só lhe permite ver o dorso. Para Maimônides, Deus não é corpo, nem forma. A sua essência real é diferente de qualquer ser. A frase do *Deuteronômio*: *nenhum outro há senão ele*, exprimiria o fato de que não há nenhum ser que seja realmente como ele. Segundo Maimônides, Deus é o Senhor do Universo, com um poder que não tem fim, nem limite; com um poder que jamais é interrompido pois o universo está sempre em rotação e é impossível que ele se mova sem que alguém o faça mover-se. Deus não tendo mão e corpo, faz com que ele se mova. Se o Criador fosse um corpo físico,

teria limitações, pois é impossível que um corpo físico não tenha limites. Se um corpo é limitado e finito, a sua energia também é limitada e finita. E o nosso Deus, afirma Maimônides no seu *Mischná Torá*, tem um poder infinito e incessante. E não sendo ele material, os fenômenos que acontecem aos corpos físicos não se aplicam a ele, o que o distingue dos outros seres. Que o Eterno não é um corpo físico está explícito no Pentateuco: *Só o Senhor é Deus, em cima no céu e embaixo na terra* (Deut. 4, 39), e sabemos que um corpo físico não está em dois lugares ao mesmo tempo.

Maimônides acha que as expressões bíblicas que sugerem a existência de componentes corpóreos na imagem de Deus: *E viram o Deus de Israel e debaixo de seus pés* (Êxodo 24, 10), ou: *Eis que a mão do Senhor* (Êxodo 9, 3), ou ainda: *Era mal aos ouvidos do Senhor* (Num. 11, 1) e frases similares são metáforas adaptadas à capacidade mental do ser humano, que tem apenas uma percepção clara do mundo material. A *Torá* fala na língua dos homens, como, por exemplo, quando Deus diz: *Se eu afiar a minha espada reluzente* (Deut. 32, 41). Está mais do que claro que o termo é utilizado alegoricamente. Nenhum dos acidentes da matéria podem ser atribuídos a Ele; nem conjunção, nem separação, nem local, nem dimensão, nem ascendente, nem descendente, nem esquerda, nem direita, nem frente, nem costas, nem uma postura. Ele não existe no tempo, no sentido de que não tem início, fim ou número definido de anos. Ele é imutável, imortal, não tem uma vida do ponto de vista físico. Todas as expressões bíblicas como, por exemplo, *aquele que habita os céus se rirá deles* (Salmos 2, 4), ou Deus dizendo: *Com suas vaidades me provocaram a ira* (Deut. 32, 21), ou ainda: *O Senhor se deleitará* seriam todas elas metáforas.

Outros ressaltam que Deus tem formas humanas e que os textos sagrados que as citam devem ser tomados ao pé da letra. *E subiram Moisés e Arão, Nadabe e Abiú* [filhos de Arão] *e setenta anciãos de Israel, e* viram *o Deus de Israel e havia debaixo de seus* pés (...) (Êxodo 24, 9-10). O próprio Deus fala a Moisés do seu corpo: *E disse mais: não poderás ver o meu* rosto *porquanto homem nenhum verá a minha* face *e viverá. Disse mais o Senhor: eis aqui um lugar junto a mim; ali te porás sobre o penhasco. E acontecerá que ao passar a minha glória te porei numa fenda do penhasco e te cobrirei com a minha* mão *até ter passado. E tendo eu tirado a minha* mão *verás pelas* costas, *mas a minha* face *não será vista* (Êxodo 33, 20-23). O profeta Amós também diz

ter visto Deus: *Vi o Senhor que estava* em pé *sobre o altar e me disse* (...) (Amós 9, 1). E Isaías também diz tê-lo visto: *no ano em que morreu o rei Uzias eu vi o Senhor,* sentado *sobre alto e sublime trono* (Isaías 6, 1-2). E Ezequiel, outrossim: *E por cima do firmamento que estava por cima de suas cabeças havia uma semelhança de trono, como de uma safira, e sobre a semelhança do trono havia como que a semelhança de um* homem, *no alto sobre eles. E vi como a cor de âmbar, como aspecto de fogo pelo interior dele, desde a semelhança de seus* lombos *e daí para cima e, desde a semelhança de seus* lombos *e daí para baixo, vi como a semelhança de fogo, e um esplendor ao redor dele* (Ezeq. 1, 26-27). A forma humana de Deus foi assim revelada a alguns eleitos, sugerindo que o corpo humano foi feito à semelhança de Deus.

Para muitos estudiosos, as palavras hebraicas *Tselem Elohim (à sua imagem)* utilizadas no *Gênesis* (1, 26), quando Deus disse que faria o homem, consubstanciam a imagem física. As mesmas palavras são empregadas mais adiante para exprimir a semelhança física entre Adão e seu filho Sete: *E viveu Adão cento e trinta anos e gerou à sua semelhança* ["tsalmo", derivado de "tselem"] *um filho e chamou seu nome Sete* (Gên. 5, 3-4). A repetição da mesma terminologia sugere que o homem se assemelha a Deus do mesmo modo que Sete a Adão e, portanto, fisicamente. O grande problema é se Deus tem órgãos genitais e de que sexo são eles. É o problema posto no início do *Gênesis* quando Deus criou o homem à sua imagem: *macho e fêmea os criou* (Gên. 1, 27). Como podem macho e fêmea se assemelhar, concomitantemente, a Deus?

Como os caracteres físicos sexuais são ignorados em toda a *Bíblia*, o sexo de Deus só pode ser inferido indiretamente. Nas escrituras e nas rezas, o que predomina é a imagem masculina. Deus é nosso Pai (*uvinoh*) e nosso Rei (*malqueinuh*). É um ser que luta e guerreia, o ente Supremo que fez seu convênio com Israel e o exprime como pacto com os patriarcas: *e ouviu Deus o seu gemido* [dos judeus no Egito], *lembrou-se Deus de seu convênio com Abraão, Isaac e Jacó* (Êxodo 2, 23-24). E, mais adiante: *O Senhor é minha força e meu cântico, ele me salvou. Este é o meu Deus, portanto lhe farei uma habitação. Ele é o Deus meu pai, por isso o exaltarei. O senhor é o varão da guerra* (Êxodo 15, 2-3).

Falando através do profeta Oséias, diz Deus: *E naquele dia farei por eles aliança com as bestas feras do campo, com as aves do céu e com os répteis da terra, e da terra tirarei o arco e a espada, e com a guerra os farei deitar em*

segurança (Oséias 2, 18). Deus passou a ser um guerreiro ou, em outra passagem, também: *Portanto diz o Senhor Deus dos exércitos* (Isaías 1, 24). Kate Millet, no seu livro *Sexual Politics* (1970), escreve que não há dúvida de que o machismo e o patriarcado têm Deus ao seu lado. Um dos mais ativos agentes de controle é o poderoso expediente de doutrinas que falam da natureza da criação e que imputam à mulher o pecado original e as maldições da sexualidade. A religião e a ética patriarcais tendem a conjugar a mulher e o sexo, como se todo o ônus atribuído ao sexo fosse da mulher. O homem é exculpado da perda do paraíso e do conseqüente desconforto da vida. Adão é isento de culpa, embora do ponto de vista da psicanálise, a serpente represente o pênis no início de todo o processo. O impulso sexual do homem é deslocado ou transferido para a serpente, de modo a transformar Eva na grande culpada. A história do pecado original em que Eva induziu Adão a comer da árvore da sabedoria serviu para culpar a mulher de todos os males do universo.

O livro *Eclesiastes* (*Cohelet*), atribuído a Salomão, assim se exprime sobre as mulheres: *Eu tornei a voltar-me e determinei em meu coração saber e inquirir e buscar a sabedoria e a razão e conhecer a loucura da impiedade e a doidice dos desvarios. E eu encontrei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher, cujo coração são redes e laços e cujas mãos são ataduras. Quem for bom diante de Deus escapará dela, mas o pecador virá a ser preso por ela* (Ecles. 7, 25-26). No fim de tudo, considerar Deus como ente masculino implica constrangimento para os homens judeus. A literatura profética imagina a relação entre Deus e Israel como um casamento. Deus é o marido da mulher Israel. É uma metáfora usada freqüentemente. Anderson e Freedman, no seu livro *Hosea* (1986), mostram que o profeta Hosea, do século VIII, utilizou esta imagem constantemente. Howard S. Eilberg, em seu livro *God's Phalus* (1994), ressalta que não pode haver uma relação de desejo entre um Deus masculino e os israelitas, porque as relações entre homens são uma abominação e um pecado: *Com varão não te deitarás, como se fosse mulher. Abominação é* (Lev. 18, 22). E, com mais rigor, adiante: *Quando um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação, o seu sangue é sobre eles* (Lev. 20, 13).

Oséias é considerado um profeta menor, em extensão de texto, comparado com os escritos de Isaías, Jeremias e Ezequiel, mas é identificado como profeta genuíno que recebia diretamente a palavra de Deus:

Palavra do Senhor, que foi dita a Oséias (Oséias 1, 1). Viveu num período em que a Assíria emergiu como potência mundial sob a liderança de Tiglath Pileser (475 a.C. a 725 d.C.). Testemunhou o caos político de Israel quando quatro de seus reis foram assassinados. Anteviu, inclusive, a morte de sua amada nação, mas nutria a esperança de um renascer baseado num arrependimento dos judeus da vida devassa e da idolatria que os dominara. O profeta foi instruído por Deus para casar-se com uma prostituta com a qual teve filhos. Era um casamento que visava imitar o casamento de Deus com Israel prostituída. Anderson e Freedman (1986) relacionam de tal modo as duas histórias – o casamento de Deus com Israel e o de Oséias com Gomer (a prostituta) – que se torna difícil dizer quando uma começa e a outra termina. A idolatria de Israel passa a ser comparada ao adultério. Falando de sua mulher em particular, Oséias apela para os filhos e se explica: *Contendei com vossa mãe, porque ela não é minha mulher e eu não sou seu marido. E desvie ela suas prostituições de sua face e oculte seus adultérios entre seus peitos. Para que eu não a deixe despida e a ponha como no dia em que nasceu e a faça como um deserto e a ponha como terra seca e a mate de sede, e não me compadeça de seus filhos porque são filhos de prostituições* (Oséias 2, 2-4).

E, em seguida, o profeta recrimina Israel pelos mesmos pecados e acena com o castigo: *E irá em seguimento a seus amantes mas não os alcançará e buscá-los-á e não os achará, então dirá: Ir-me-ei ao meu primeiro marido, porque melhor me ia então do que agora. Ela pois não reconhece que eu lhe dei o grão, o mosto e óleo e lhe multipliquei a prata e o ouro, que eles usaram para Baal* [o Deus dos canaítas]. *Portanto tornar-me-ei, e a seu tempo tirarei o meu grão e o meu mosto e arrebatarei a minha lã e o meu linho, com que cobriam a sua nudez. E descobrirei a sua vileza diante dos olhos de seus namorados e ninguém a livrará de minha mão. E farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas e os seus sábados e todas as suas festividades. E devastarei a sua vinha e a sua figueira, de que ela diz: É esta a paga que me deram os meus amantes. Eu pois farei delas um bosque e as bestas feras do campo as devorarão. E sobre elas recordarei os dias de Baal, nos quais lhe queimou incenso e se adornou com seus pendentes e suas gargantilhas, mas de mim se esqueceu, diz o Senhor* (Oséias 2, 13). Mas logo Deus acena com a reconciliação: *Portanto eis que eu a atrairei e a levarei para o deserto e lhe falarei ao coração. E lhe darei as suas vinhas e o vale de Acor por porta de esperança, e ali cantará como nos dias de*

sua mocidade e como no dia em que saiu da terra do Egito. E acontecerá naquele dia que me chamarás: Meu marido *e não me chamarás mais: Meu Baal* (Oséias 2, 14-16).

Ainda de acordo com Anderson e Freedman, os profetas Jeremias e Ezequiel também desenvolveram a metáfora do casamento: *Lembro-me de ti, diz o Senhor, da beneficência da tua mocidade, do teu amor de noiva, quando andavas atrás de mim no deserto, numa terra em que não se semeava* (Jerem. 2, 1). O profeta também usa a imagem do adultério: *Eles dizem, se o homem despedir a sua mulher e ela se ausentar dele e se ajuntar a outro homem, porventura tornará a ela mais? não se poluiria de todo aquela terra? Ora, tu te maculaste com muitos amantes, mas ainda torna a mim, diz o Senhor* (Jerem. 3, 1).

Ezequiel, que viveu entre os judeus no exílio da Babilônia, repete a metáfora: *Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo e cresceste, e te engrandeceste e alcançaste grande formosura, avultaram os teus seios e cresceu o teu cabelo, mas estavas nua e descoberta. E passando eu por ti, vi-te e eis que o teu tempo era tempo de amores, e estendi sobre ti a ourela do meu manto e cobri tua nudez e dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Jeová, e tu ficaste sendo minha* (Ezeq. 16, 7-8). Mas logo Israel traiu: *E em todas as tuas abominações e nas tuas prostituições, não te lembraste dos dias da tua mocidade, quando tu estavas nua e manchada de teu sangue. E sucedeu depois da tua maldade (ai, ai de ti, diz o Senhor Jeová) que edificaste uma abóbada e fizeste lugares altos por todas as ruas. A cada canto do caminho edificaste o teu lugar alto e fizeste abominável a tua formosura e alargaste os teu pés a todo o que passava e multiplicaste as tuas prostituições. Também te prostituíste com os filhos do Egito, teus vizinhos de grandes carnes, e multiplicaste a tua prostituição para me provocares a ira, pelo que estendi a minha mão sobre ti e diminuí a tua porção e te entreguei à vontade dos que te aborrecem, as filhas dos filisteus, as quais se envergonham de teu caminho depravado. Também te prostituíste com os filhos da Assíria, porquanto eras insaciável e prostituindo-te com eles, nem assim ficaste farta. Assim multiplicaste as tuas prostituições na terra de Canaã até a Caldéia e nem ainda com isso te fartaste. Quão fraco é o teu coração, diz o Senhor Jeová, fazendo tu todas essas coisas, obra de uma meretriz imperiosa* (Ezeq. 16, 22-30). A traição de Israel mulher é comparada à de mulheres adúlteras e prostitutas.

A imagem dos profetas – Israel prostituída por outros deuses – se repete: *Não te alegres, oh Israel, até saltar como os povos, porque te foste com teu Deus como uma meretriz, amaste a paga sobre todas as eiras de trigo* (Oséias 9, 1).

E como se fez prostituta a cidade fiel, ela que estava cheia de retidão. A justiça habitava nela, mas agora lá habitam homicidas (Isaías 1, 21). *Quando eu já há muito quebrava o teu jugo e rompia as tuas ataduras, dizias tu: nunca mais transgredirei; contudo em todo outeiro alto e debaixo de toda a árvore verde te andas encurvando e corrompendo* (Jerem. 2, 20). Aliás, a metáfora de Israel tendo relações adúlteras com outras nações para exprimir a idolatria é ainda mais antiga e aparece desde o começo da *Bíblia*. Após os dez mandamentos, Deus diz a Moisés: *Guarda-te para que não faças aliança com os moradores da Terra onde hás de entrar, para que não seja por laço, no meio de ti. Os seus altares transtornareis e as suas estátuas quebrareis e os seus bosques cortareis. Porque não te inclinarás diante de outro Deus; pois o nome do Senhor é zeloso. Deus zeloso é ele. Para que não faças aliança com os moradores da terra e não te prostituas após os seus deuses, e tu convidado deles comas dos seus sacrifícios* (Êxodo 34, 12-15).

Mais adiante, quando Moisés já está nos seus dias finais, Deus enfatiza de novo: *E disse o Senhor a Moisés: Eis que dormirás com teus pais, e este povo se levantará e se prostituirá, indo após deuses estranhos da terra, para o meio dos quais vai e me deixará e anulará minha aliança que tenho feito com ele* (Deut. 31, 16). Após a conquista da Terra Santa e na época dos juízes, a mesma queixa do Senhor: *porém tampouco ouviram aos juízes, antes se prostituíram por outros deuses e encurvaram-se a eles* (Juízes 2, 17). Mais insinuações encontram-se no *Levítico*: *E nunca mais farão seus sacrifícios aos demônios pelos quais eles se prostituem* (Lev. 17, 7) e em *Números*: *E não seguireis após o vosso coração, nem após os vossos olhos, após os quais andais adulterando* (Num. 15, 39).

O elo mais forte entre o Deus macho de Israel e o seu povo é encontrado no Cântico dos Cânticos, do rei Salomão. Uma das frases mais românticas do poema: *Como é doce o seu amor, minha irmã, minha esposa, como o mel; melhor é o teu amor que o vinho* (Cântico 4, 10), é assim comentada pelo rabi Samuel ben Nachman: "Há dez passagens nas escrituras em que Israel é comparado a uma esposa: seis no poema de Salomão e quatro entre os profetas: *Vem comigo do Líbano minha esposa. Olha desde o cume de Senir e de Hermon, desde as moradas dos leões, desde os montes dos leopardos* (Cântico 4, 8). *Tiraste-me o meu coração, minha irmã, minha esposa, tiraste-me o coração com o impacto do teu olhar, com o calor do teu pescoço* (Cânt. 4, 9). A repetição do primeiro (4, 10): *Favos de mel emanam de teus lábios,*

oh minha esposa, mel e leite estão debaixo de tua língua e o aroma de teus vestidos é como o aroma do Líbano (Cânt. 4, 11). *Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada* (Cânt. 4, 12). *Já vim para o meu jardim, minha irmã, minha esposa. Colhi a minha mirra com a minha especiaria, comi o meu favo de mel, bebi o meu vinho com o meu leite. Comei amigos, bebei abundantemente, oh amados* (Cânt. 5, 1). E quatro vezes entre os profetas: *E farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz dos folguedos, a voz da alegria, a voz do esposo e da esposa, porque a terra se tornará desolada* (Jer. 7, 34). *Regozijar-me-ei muito no Senhor. A minha alma se alegra no meu Deus, porque me vestiu com vestes de salvação, me cobriu com o manto da justiça, como um noivo que se adorna com atavios e como a noiva que se enfeita com suas jóias* (Isaías 61, 10). *E envolve-te como uma noiva* (Isaías 59, 18). *Porque como mancebo que se casa com a donzela, assim teus filhos se casarão contigo, e como noivo se alegra da noiva assim se alegrará em ti o teu Senhor* (Isaías 62, 5)".

Além disso, o rabi Samuel acrescenta que o Eterno muitas vezes se veste com roupas nupciais: *O Senhor reina, está vestido de majestade. O Senhor se revestiu e cingiu* (Salmos 93, 1). *Bendiz, oh minha alma, ao Senhor. Senhor Deus meu, tu és magnificentíssimo, estás vestido de glória e majestade* (Salmos 104, 1). *Porque se revestiu de justiça com uma couraça e pôs o elmo da salvação em sua cabeça e retomou vestes de vingança por vestidura, e cobriu-se de zelo, como manto* (Isaías 59, 17). *Quem é este que vem de Edom com vestes tintas? Este que é glorioso em sua vestimenta, que marcha com sua grande força? Por que está vermelha a tua vestimenta?* (Isaías 63, 1-2).

No final, o rabi conclui: todos esses textos mostram a exigência de punição para as nações do mundo que procuram desviar os israelitas dos dez mandamentos, que por sua vez são cingidos e firmemente envolvidos neles como os ornamentos de uma noiva. Para Jacob Neusner, no seu livro *Androgynous Judaism* (1993), os textos sagrados consideram sempre que Israel é feminina e Deus masculino. O *Midrasch* compara a metáfora do amor de Deus por Israel ao amor do marido por sua mulher. E, assim, quando o Cântico diz: *Beije-me com os beijos de tua boca, porque melhor é o teu amor que o vinho* (Cânt. 1, 2), os sábios interpretam como Deus beijando Israel.

A religião judaica é a única entre as de seu tempo a utilizar a metáfora do casamento nas relações entre a coletividade e Deus. Nenhum outro Deus do Oriente Médio é considerado marido de seu povo. A

imagem, segundo H.S. Eilberg (1994), define a relação entre Deus e Israel em termos heterossexuais, interpretando a aliança como demanda de fidelidade e em apoio à teoria da dominação masculina. O homem é para sua mulher como Deus é para seu povo. E aqui enfrentamos o dilema homoerótico da relação que se estabelece entre Deus e os israelitas homens. Os homens são considerados como casados e em relação amorosa com Deus: *E acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que me chamarás meu marido e não me chamarás mais meu Baal* (Oséias 2, 16); *e desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça e em juízo e em benignidade e misericórdia. E desposar-te-ei em fidelidade e conhecerás o Senhor* (Oséias 2, 19-20).

Há ainda a história bíblica dos filhos de Deus tomando para si mulheres entre as filhas dos homens: *E foi quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a Terra e nasceram filhas a eles. E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres, as mulheres que tinham escolhido* (Gên. 6, 1-2). E, mais adiante: *Havia naqueles dias gigantes na terra e também depois, quando os filhos de Deus entraram nas filhas dos homens e nelas geraram filhos* (Gên. 6, 4). É a única menção na *Bíblia* de seres divinos tendo relações com criaturas humanas. Não há nenhuma menção relacionada a Deus.

O paralelo entre a história da nudez de Noé, que seus filhos se abstiveram de olhar, e a história de Moisés, vendo somente o dorso de Deus, pode sugerir que Deus estaria escondendo seu pênis. Por outro lado, o que faria um Deus monoteísta com seu pênis, sem parceiras, como nas religiões pagãs. A história da criação do mundo mostra que ele criou o mundo sozinho através da palavra. A forma de reprodução que mais se reconcilia com essa idéia é a fissão, como na criação de Eva.

Para Jacob Neusner (1993), o povo judeu se rege por leis normativas profundamente masculinas, mas, ao mesmo tempo, as virtudes dos homens de Israel são predominantemente femininas. O sistema religioso dá a Israel um toque feminino, dotando o povo de qualidades que os próprios sábios que interpretam a *Bíblia* consideram como eminentemente femininas. Seria um coração feminino no corpo masculino do judaísmo, definindo o caráter nacional de Israel. A possibilidade de ser Deus um andrógino físico, como em antigas religiões pagãs, é nula. Não há qualquer evidência bíblica a favor dessa versão. Um Deus hermafrodita seria híbrido e a religião judaica abomina os híbridos.

Finalmente será Deus uma mulher? Em toda a *Bíblia* há uma grande preocupação com a fertilidade, que começa com Adão e Eva. Ao criar os dois, Deus os abençoou e disse: *Frutificai e multiplicai-vos e enchei a Terra* (Gên. 1, 28). O mesmo mandamento é imposto a Noé e seus filhos: *E abençoou Deus a Noé e seus filhos e disse: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a Terra* (Gên. 9, 1). O mesmo é imposto ao patriarca Jacó: *Disse-lhe mais Deus: Eu sou o Deus todo poderoso. Frutifica e multiplica-te, uma multidão de nações sairão de ti e reis procederão de teus lombos* (Gên 35, 11). A importância desse mandamento é ressaltada no *Talmud* Babilônico (*Yevamoth*): Rabi Eliezer diz: "Aquele que não se engaja na propagação da raça é como se derramasse sangue, porque está escrito na *Bíblia: o que derrama o sangue do homem, o seu sangue será derramado* e, logo a seguir, *crescei e multiplicai-vos*" (Gên. 9, 6-7). Logo, quem se abstém de procriar, desdenha Deus. A fertilidade é um dos componentes mais importantes da religião judaica, por serem os judeus um povo pequeno e fraco, o que é ressaltado nos Salmos: *A ti dei a terra de Canaã por limite de tua herança, quando ainda eram poucos os homens, muito poucos e estrangeiros nela, quando andavam de nação em nação e de um reino para outro.* Os mesmos *Salmos*, belamente captam a relação entre a fertilidade e o poder, como se vê na inspirada tradução de Dom Marcos Barbosa:

Salmo 127, 1-5

Se o Senhor não constrói a nossa casa,
Em vão trabalharão os que a edificam
Se o Senhor não velar pela cidade
Em vão vigiará a sentinela.

Inútil levantar antes da aurora
E retardar a hora de deitar-se
Pois ganharás com tanto esforço o pão
Que o Senhor dá aos seus enquanto dormem.

Os filhos são uma bênção do Senhor
E dádiva sua o fruto das entranhas
Como as flechas na mão do combatente
São os filhos em plena mocidade.

Feliz aquele pai que com tais flechas
Consegue guarnecer a sua aljava!
Não ser confundido ao enfrentar
À porta da cidade, os inimigos.

E quando o poeta Oséias lamenta os pecados de Israel e condena seu afastamento das leis de Deus e sua adoração de deuses pagãos, ameaça-a com a infertilidade: *Quanto a Efraim, sua glória como ave voará, não haverá nascimento, não haverá filhos, nem concepção. Ainda que venham a criar filhos, eu os privarei deles, para que não fique nenhum homem. Dá-lhes, oh Senhor. Mas que lhes darás? Dá-lhes um útero que aborte e seios secos* (Oséias 9, 11-14). Há que observar que, de um modo geral, o mandamento da procriação é dirigido exclusivamente aos homens, pois as mulheres cumpririam apenas um ato meritório ao ajudar o marido a cumprir o seu dever. Neste texto, contudo, reconhece-se o papel imprescindível da mulher, pois a fertilidade é profundamente relacionada ao sexo feminino. Por isso, talvez, em todas as bênçãos relacionadas à fertilidade, o nome de Deus no *Gênesis*, desde os tempos de Abraão, é *El Shadai*.

O patriarca Jacó, no seu leito de morte, reúne os filhos e os abençoa, dizendo a José: *El Shadai te abençoará com as bênçãos dos céus de cima, com bênçãos do abismo que está debaixo, com bênçãos dos peitos e do útero* (Gên. 49, 25). Temos aqui um jogo de palavras que associa o nome *El Shadai* com a palavra *shadaim*, seios, em hebraico. O nome *El Shadai*, algo como o Deus (*El*) com seios, ou o Deus que amamenta, ligado aos seios e ao útero. A fertilidade de Deus é aqui vinculada a atributos físicos femininos, o que jamais acontece nas imagens masculinas da *Bíblia*, onde pênis ou barba jamais são mencionados.

Os canaítas, nação na qual os judeus viviam nos primórdios de sua existência, rezavam para deusas (Achera e Anat), cuja iconografia mostra seios imensos e cuja atividade sexual com os deuses masculinos, El e Baal, se relacionava com a fertilidade. Em vários períodos bíblicos, os judeus adoraram Achera, a tal ponto que quando o profeta Elias (séc. IX a.C.) se revoltou contra as divindades pagãs, reunindo no monte Carmelo os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Achera, após desafiá-los, só matou os primeiros. *Agora pois, envia e junta a mim todo Israel, no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinqüenta*

profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Achera, que comem da mesa de Jezabel (I Reis 18-19). E demonstra que o Deus de Israel era o verdadeiro: *E Elias lhes disse, lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. E lançaram mão deles, e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou* (I Reis 18, 40). *Quando estava próxima a destruição do primeiro templo onde a deusa Achera era venerada, o rei Josias destituiu os sacerdotes que os reis de Judá estabeleceram para incensarem sobre os altos, nas cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém, como também os que incensavam a Baal, ao Sol, à Lua e aos demais planetas e a todo o exército dos céus* (II Reis 23, 5). E mais: *Também derrubou as casas dos rapazes escandalosos que estavam na casa do Senhor em que as mulheres teciam vestes para Achera* (II. Reis 23, 7). Há evidências arqueológicas que corroboram esses fatos. Figuras de Achera do período israelita foram encontradas em escavações de Tel Beit Mischrim. Inscrições encontradas em Kuntilet registram bênçãos a Javé e à sua Achera, implicando a existência de uma consorte canaíta para o Deus de Israel.

O *Êxodo* é o último texto da *Bíblia* em que Deus é citado como El Shadai: *E apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shadai, mas por meu nome eterno (Iavé) não me fiz conhecer a eles* (Êxodo 6, 3). Alguns historiadores acham que este foi um artificio para incorporar e assimilar ao Deus monoteísta as diferentes deidades dos canaítas. Os israelitas queriam dar a Iavé as funções de fertilidade de El, o consorte de Achera, deusa que eles adoravam. El foi assimilado em Iavé e Achera foi adotada no iavismo por uma sub-reptícia alteração de sexo, reincarnada como El Shadai, o Deus com seios, numa espécie de monoteísmo andrógino. Em vez de rejeitar os cultos dos canaítas, os israelitas incorporaram ao seu Deus a imagem da fertilidade poderosa de seus vizinhos. E, como resultado, Deus passou a transformar mulheres estéreis em férteis, em resposta à religião de fertilidade de seus vizinhos.

Há autores que negam essa versão. Acham que o Deus de Israel nada tem que ver com a sexualidade, não tolera o culto da fertilidade e não se parece com os antigos deuses e deusas da Antigüidade. *O Senhor nosso Deus é o único Senhor* (Deut. 6, 4). Há muitas insinuações de masculinidade mas há também citações contrárias. *Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa* (Num. 23, 19) ou: *E aquele que é a força de Israel, não mente nem se arrepende, porquanto não é um homem*

para que se arrependa (I Sam. 15, 29). Em Oséias, diz o profeta em nome de Deus: *Não executarei o furor de minha ira, não voltarei para destruir Efraim, porque sou Deus e não homem* (Oséias 11, 9). Antes disso, Deus diz: *Quando Israel era menino eu o amei e do Egito chamei o meu filho. Todavia eu ensinei a andar a Efraim, tomei-o nos meus braços, mas não reconheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas e lhes dei mantimentos* (Oséias 11, 1-4). Iavé é o que ensina a criança a andar, que cura as feridas e que as alimenta, funções tradicionalmente atribuídas às mães e não aos pais.

Na *Bíblia*, muitos textos focalizam a fome e a sede, e Iavé assume o papel de mulher e de mãe ao suprir alimentos e bebidas. A matriarca Sara, ciumenta, exigiu de Abraão que expulsasse Hagar e seu filho, Ismael. [O patriarca] *levantou-se de madrugada e tomou pão e um odre de água e os deu a Hagar, pondo-os sobre seu ombro, também lhe deu o menino e despediu-a e ela se foi errando no deserto de Ber Sheba. E consumida a água do odre, jogou o menino debaixo de uma das árvores. E foi-se e assentou-se em frente, afastando-se à distância de um tiro de arco porque dizia que não queria ver o menino morrer. E ouviu Deus a voz do menino e bradou o anjo de Deus a Hagar. Que tens Hagar? Não temas porque Deus ouviu a voz do menino desde o lugar em que está. Ergue-te, levanta o garoto e pega-o pela mão, porque dele farei uma grande nação. E abriu-lhe Deus os olhos e viu um poço de água, e foi-se e encheu o odre e deu de beber ao garoto* (Gên. 21, 14-19).

Quando o profeta Elias fugiu do Rei Acabe, casado com Jezabel, e adepto dos deuses canaítas, Deus o mandou ao Oriente, com o fim de esconder-se junto a um ribeiro, afluente do Jordão. Mas havia uma seca muito grande e (...) *Então veio a ele a palavra do Senhor dizendo: Levanta-te e vai a Zarefate que é de Sidom e habita ali, eis que eu ordenei a uma mulher viúva que te sustente. E chegando à porta da cidade, eis que estava ali, uma mulher viúva apanhando lenha e ele a chamou e disse: Traz-me, peço-te, num vaso, um pouco de água para que beba. E indo ela buscar a água ele a chamou e disse: Traz-me também um bocado de pão, na tua mão. Porém ela disse: Viva o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija, e vês aqui apanhei dois cavacos para mim e para meu filho para que os comamos e morramos. E Elias lhe disse: Não temas, vai e faz conforme tua palavra. Porém faz primeiro para mim um bolo*

pequeno e traz-me-o para fora. Depois farás para ti e para teu filho. Porque assim diz o Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará e o azeite da botija não faltará até o dia em que o Senhor der chuva sobre a Terra. E foi ela e fez conforme a palavras de Elias e assim comeu ela, ele e a sua casa durante muitos dias. Da panela a farinha não se acabou e na botija o azeite não faltou, conforme a palavra do Senhor que falara pela boca do profeta (I Reis 17, 9-16).

Há ainda inúmeras outras referências. No deserto de Sim (Tsin) não havia água e o povo saído do Egito revoltou-se contra Moisés, ameaçando apedrejá-lo, e Deus fez sair água das rochas de Horebe após o toque pela vara do profeta (Êxodo 17, 1-7). O profeta Nehemias recorda os milagres de Deus alimentando e saciando os israelitas: *E o pão dos céus lhes deste na sua fome e a água da rocha lhes forneceste na sua sede* (Nehemias 9, 15).

Prover alimentos e bebidas é função tradicionalmente atribuída à mulher. A mulher virtuosa: *Ainda de noite se levanta e dá mantimentos à sua casa* (Prov. 31, 15). Quando Abraão foi visitado pelos três anjos que lhe anunciam que sua mulher Sara terá um filho, ele foi ter com a mulher e disse-lhe: *Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faz bolos* (Gên. 18, 6). Quando Rebeca quis enganar Isaac para favorecer seu filho Jacó em detrimento de Esaú, ela o convoca e diz: *Vá agora ao rebanho e traz-me de lá dois bons cabritos e eu farei deles um guisado saboroso para teu pai, como ele gosta* (Gên. 27, 9). Quando Amnon, filho do Rei Davi, se apaixonou e quis seduzir sua meia irmã, Tamar: *Deitou-se pois Amnon e fingiu-se doente, e vindo o rei visitá-lo disse Amnon ao rei: Peço-te que minha irmã Tamar venha e prepare dois bolos diante de meus olhos para que eu coma de sua mão. Mandou então Davi a Tamar dizendo: Vai à casa de Amnon, teu irmão, e faz-lhe alguma comida. E foi Tamar à casa de Amnon seu irmão, e tomou massa e a amassou e fez bolos diante de seus olhos e cozeu os bolos* (II Sam. 13, 6-8).

Deus forneceu alimentos ao seu povo no deserto, sob a forma de maná. *Então disse o Senhor à Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus e o povo sairá e colherá cada dia a porção para cada dia, para que eu veja se anda nas minhas leis ou não* (Êxodo 16, 4). E mais adiante: *E o Senhor falou a Moisés dizendo: Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel; fala-lhes, dizendo que entre as duas tardes comereis carne e pela manhã vos fartareis de pão* (Êxodo 16, 11). Ainda no deserto, e após outra revolta do povo: *E dirás ao povo: santificai-vos para amanhã e comereis carne porque chorastes aos ouvidos*

de Deus (Num. 11, 18). No seu último canto, antes de morrer, Moisés relembra as benesses de Deus: *Ele o fez cavalgar sobre as alturas da terra e comer as novidades do campo e o fez sorver mel da rocha e azeite das oliveiras que crescem entre as pedreiras. Deu-lhe manteiga de vacas e leite de ovelhas. O melhor dos cordeiros e carneiros de Baschan e cabritos e trigo grosso como a gordura de rins e vinho de uva semelhante ao sangue, bebeu* (Deut. 32, 13-14). Nos *Salmos* encontramos ditos preciosos: *Eles se fartarão da gordura de tua casa e os farás beber da corrente de tuas delícias* (Salmos 36, 8). *Eu sou o teu Deus que te tirou do Egito;, abre bem a tua boca e a encherei* (Salmos 81, 10). *E eu o sustentaria com o trigo mais fino e o saciaria com o mel saído da rocha* (Salmos 81, 16).

A imagem feminina de Deus continua na *Bíblia*. No deserto, os filhos de Israel continuam a se queixar e Moisés, diante da pressão, se dirige a Deus: *Concebi eu porventura todo este povo? Geri-o eu para que me disseses: Leva-os ao teu colo como a ama que carrega a criança que amamenta* (Num. 11, 12). É uma imagem que joga a responsabilidade sobre Deus e o compara à mãe que amamenta. Em Nehemias, insinua-se uma nova faceta feminina de Deus, a da costureira que cuidou da roupa dos filhos: *Desse modo os sustentaste quarenta anos no deserto, falta nenhuma tiveram, as suas roupas não envelheceram e seus pés não incharam* (Nehemias 9, 21). Aliás, a função de costureira vem desde Adão e Eva: *E fez o Senhor Deus a Adão e sua mulher túnicas de peles e os vestiu* (Gên. 3, 21). Também é uma função feminina: *A mulher virtuosa veste a família, e o homem casado com ela não temerá a neve porque toda a sua casa anda forrada de roupa dobrada* (Prov. 31, 21.)

Pela voz de Isaías, Deus se compara a uma parturiente: *Darei gritos como a mulher em trabalho de parto suspira e arqueja* (Isaías 41, 14). Mais adiante, Deus se compara à mulher que cria seu filho: *Pode a mulher esquecer-se tanto de seu filho, que não se compadeça dele, do filho de seu ventre? Mas ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti* (Isaías 49, 15). Isaías continua falando em nome de Deus e ressaltando a imagem materna: *Abriria eu o útero para não gerar, diz o Senhor; geraria eu e fecharia o útero? diz o teu Deus* (Isaías 66, 13). E Deus é ainda a mãe que conforta: *Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei, e em Jerusalém sereis consolados* (Isaías 66, 13).

Em outras passagens bíblicas, Deus é comparado a uma parteira: *Mas tu és o que me tiraste do ventre, o que me preservaste estando ainda nos seios de minha mãe* (Salmos 22, 9). E, mais adiante: *por ti tenho sido sustentado*

desde o ventre, tu és aquele que me tiraste das entranhas de minha mãe (Salmos 71, 6). Na *Bíblia*, Deus é assim caracterizado com muitas imagens femininas: mãe, ama, costureira, parteira, dona de casa. A afirmação de que Deus é masculino é enganadora, as limitações gramaticais, o uso de pronomes masculinos para designar Deus não podem limitar a amplitude teológica. A mais profunda e mística das teologias judaicas, a *Cabala* ensina que o *galuth* (exílio) é a realidade triste do povo judaico. Ela afirma que uma das causas mais importantes do *galuth* é a separação dos componentes feminino e masculino em Deus. É a alienação da *Schechinah*, que é o componente feminino. A *Cabala* pode contribuir para o fim do exílio, dedicando seus esforços para a reunificação da *Schechiná* em Deus. O componente feminino está desmembrado e banido e a reparação ou *tikun* é obrigação de todos. Quando os dois componentes se reunificarem e o componente feminino sair de seu exílio, nós teremos o nosso *tikun*. O mundo será reparado.

Para Rita M. Gross (1983), professora de Religião Comparada da Universidade de Wisconsin, E.U.A., chegou o momento de abandonar a imagem de Deus Pai por outra mais complexa e abrangente. A linguagem religiosa é inevitavelmente limitada e o modo como ela se expressa em relação a Deus não deve ser considerado irreversível. Até hoje, pronomes masculinos são sempre utilizados para denominar Deus, quer pelos tradicionalistas quer pelos ateus e pelos críticos do antropomorfismo. O uso é automático. A metáfora de um Deus sem gênero é difícil de ser vulgarizada porque é impossível imaginar uma pessoa específica sem lhe atribuir características masculinas ou femininas. Por isso, Rita Gross advoga que se considere na religião judaica uma imagem feminina para Deus, e incorporando dimensões que foram perdidas ou atenuadas durante os longos séculos em que a imagem divina era limitada pela imagem masculina.

Judith S. Antonelli, no seu livro *In the Image of God* (1997), advoga o uso de nomes femininos e pronomes também femininos ou neutros para designar Deus. Ela sugere os pronomes *she* ou *it*, abolindo-se o *he*, e o uso dos nomes *Elohim* e *Haschem* em vez de o Eterno, o Divino, o criador do Universo e todos os outros similares. Para Carol Christ (1976), sentimos que Deus foi aprisionado numa rede patriarcal. A autora se refere de início a uma história do prêmio Nobel Elie Wiesel, no seu livro *The Town beyond the Wall* (1969). Nela, o autor sugere que a libertação dos

homens depende de um antigo diálogo entre eles e Deus, que dá forma ao sentimento de traição que muitos judeus sentem em relação a Deus em virtude do holocausto. Ei-la: A lenda nos conta que um dia o homem falou a Deus sabiamente: "Vamos mudar de posição por apenas um segundo. Você será homem e eu serei Deus". Este respondeu: "Você não tem medo?" "Não", respondeu o Homem. "Eu tenho", disse Deus. Apesar disso, Deus acedeu aos desejos do homem. Ele se tornou homem e o homem virou Deus e, com toda a sua onipotência, se recusou a retornar à sua condição. Passaram-se dias, semanas, meses, anos e talvez eternidades, e cada dia o fardo da nova situação tornava-se mais pesado para cada um deles. Até que não o suportando, Deus e o Homem renovaram o antigo diálogo, cujo eco vem a nós, durante a noite, carregado de ódio, remorso e de infinita ansiedade, pois a libertação de Deus depende da libertação do homem.

Carol Christ (1976) assim modificou a lenda: Uma dia, a mulher falou a Deus: "Vamos mudar de situação. Você será mulher e eu serei Deus. Somente por um segundo". Deus riu e perguntou: "Você não tem medo?" "Eu tenho", disse Deus. A mulher queixou-se amargamente de seu destino. "Quero", disse ela, "que Você conheça os meus sentimentos. Que saiba como sofri porque Você deixou que sua imagem fosse a do homem, do pai, a do rei do Universo, a do guerreiro. Não acredito que saiba como me sinto se Você não aceitar minha condição. Eu não temo a troca." E assim Deus se tornou mulher e a mulher se tornou Deus. Mas ao transformar-se em Deus ela fez uma auto-análise inesperada e uma voz surda e longínqua revelou-lhe: "Deus é uma mulher como você. Ela compartilha de seu sofrimento. Ela teve roubado o poder de dar nome aos animais e aos seres vivos. Ela foi um ídolo dos canaítas e depois deixou de existir como divindade." Quando a mulher se tornou Deus, o Deus que nela existia deixou de ser um estranho. Neste momento, ela compreendeu o significado da história de Elie Wiesel: a libertação de uma dependia da libertação da outra, e assim Deus e a mulher renovaram o antigo diálogo cujo eco vem a nós durante a noite, carregado de ódio, de remorso e sobretudo de infinita ansiedade.

Carol Christ quer que Deus experimente o que é ser uma mulher num mundo formado pela convenção entre Deus e os homens. Ela quer que Deus experimente o sofrimento das mulheres num mundo onde as

mães, as filhas e as irmãs não existem para Deus. Ela espera que Deus, experimentando sua situação, altere o mundo que criou. Mas, ao assumir a forma de Deus, a mulher verifica a real afinidade que existe entre ela e Deus, ausente nas histórias patriarcais. A história patriarcal lhe trouxe uma alienação de Deus. Esconderam dela que o verdadeiro Deus é feminino.

O conceito da libertação de Deus é alheio às tradições nas quais Deus é concebido como o iniciador de todas as ações e nas quais a natureza de Deus não é afetada pela ação humana. No entanto, o conceito de um Deus dependente e impotente está enraizada na tradição mística do judaísmo, com seu símbolo de um messias preso em cadeias. Histórias cabalísticas e hassídicas dizem que Deus necessita dos seres humanos para ser libertado. A autodependência de Deus e a concomitante necessidade da libertação divina são temas familiares na teologia mística do judaísmo. Alienação de Deus de sua contraparte feminina – a *Schechiná* –, que erra pelo mundo, soluçando e chorando pelo sofrimento do povo judeu, é o símbolo dessa teologia mística. De acordo ainda com os místicos, na celebração do Sábado, Deus e a *Schechiná* se reencontram.

CAPÍTULO II

ADÃO, EVA E LILITH

E disse Deus, façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança e domine sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus e sobre todo o réptil que se move sobre a Terra. E criou Deus o homem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea o criou (Gên. 1, 26-27).

Este trecho deu origem a várias versões e controvérsias. Há os que o interpretam significando que Deus criou o homem e a mulher ao mesmo tempo. Mas essa versão entra em conflito com passagem posterior do *Gênesis*: *E formou o Senhor Deus o homem do pó da Terra e soprou em seu nariz a essência da vida e o homem foi feito alma vivente* (Gên. 2, 18). E, mais adiante: *E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora que esteja frente a ele. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu, e tomou uma de suas costelas e serrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta agora é osso dos meus ossos e carne da minha carne e será chamada* ischa [mulher] *porque do homem,* isch, *foi tomada. Portanto deixará o homem seu pai e sua mãe e serão uma só carne* (Gên. 2, 21-24). E, pouco mais tarde: *E chamou Adão o nome de sua mulher Eva, porquanto ela era a mãe de todos os viventes* (Gên. 3, 20).

Há, assim, uma contradição entre as duas versões. Em *Gênesis* I, Deus cria simultaneamente o homem e a mulher à sua imagem e em *Gênesis* II cria o homem, e depois a mulher, a partir de uma costela. Uma das explicações pode ser encontrada no *Midrasch*. O *Midrasch* não é um livro, nem um texto uniforme. Designa uma modalidade de literatura de

inúmeros textos, reunidos no decorrer de centenas de anos por vários autores e editores especialmente entre os séculos V e XIII. Originalmente, esses textos eram transmitidos oralmente, em sermões, e só mais tarde foram editados, embora muitos sejam bastante antigos e bem anteriores à publicação. A palavra *midrasch* significa interpretação e abrange dois ramos: a *Halacá* e a *Hagadá*. A primeira é um repositório de leis e mandamentos. A segunda é a parte romântica, contendo contos, parábolas, homilias, afirmações teológicas e éticas. É originalmente associada ao *Talmud*, contendo ainda textos de escritos não-canônicos, compostos em grande parte na Palestina e no Egito, além de uma florescente literatura greco-judia. Conta ainda com narrativas e tradições dos primórdios da *Cabala*.

Vejamos o que o *Midrasch* diz: "Quando Deus resolveu criar o homem, na sua sabedoria, resolveu pedir o conselho dos que o cercavam, um exemplo para mostrar que até o Ser Supremo pode ser humilde e pedir conselhos. Primeiro, ouviu o Céu e a Terra, depois, os outros seres que ele criou e finalmente os anjos. Estes tinham opiniões diferentes. O anjo do amor era favorável à criação do Homem porque julgava que ele seria amoroso e carinhoso. O anjo da verdade era contra, porque acreditava que o homem mentiria. O anjo da justiça era a favor, acreditando que o homem praticaria a justiça, enquanto o anjo da paz se opunha, porque julgava que o homem fomentaria guerras e conflitos. A objeção dos anjos seria muito maior se eles conhecessem a verdadeira natureza humana. Mas Deus ressaltou apenas as boas qualidades e escondeu muitos dos defeitos. Afinal ele conseguiu que todos aprovassem sua empreitada ao perguntar: *Para que criei eu todas as coisas da Terra, se ninguém vai consumi-las?*"

Ao obter a aprovação, Deus chamou o anjo Gabriel e lhe ordenou que fosse buscar o pó da terra, dos quatro cantos do Mundo, para criar o homem. Mas a Terra se recusou a cedê-lo. Disse a Terra: "Meu destino é ser uma maldição para o homem e ser amaldiçoada por ele, e se Deus não apanhar o pó, ninguém o fará". Deus ouviu essas palavras, retirou o pó com as próprias mãos, e com ele criou o homem. O pó foi colhido nos quatro cantos da Terra, de modo que a um homem nascido no oeste, que morresse no leste, ou vice-versa, a Terra não lhe recusaria guarida, mandando retornar o corpo ao lugar de origem. Também o pó era de várias cores: vermelho para o sangue, preto para os intestinos, branco para os ossos e esverdeado ou amarelado para a pele. Ao mesmo tempo que criou

o homem, Deus achou que ele não poderia viver só e, de imediato, criou a mulher, também com o pó da Terra e deu-lhe o nome de Lilith.

Logo, Adão e Lilith brigaram. Ele exigiu: – "Eu tenho o direito de ficar em cima porque você foi feita para me servir". Ela se recusou a ficar debaixo do homem, como este exigia. Lilith disse: – "Eu não ficarei deitada sob você". E ele respondeu – "Não ficarei embaixo e sim em cima porque você foi feita para me servir". Ela retrucou: – "Ambos somos iguais porque descendemos da Terra". Um não ouviu o outro. Adão quis forçar Lilith e subjugá-la. Então, ela pronunciou o nome de Deus (magia que era proibida), adquiriu forças e fugiu, desaparecendo no espaço. Adão prostrou-se frente a Deus dizendo: – "A mulher que Você me deu voou de mim". Imediatamente, o Ser supremo mandou três anjos para capturá-la e disse a Adão: – "Se ela quiser voltar, tanto melhor. Mas, se não quiser, ela será castigada e deverá matar cem de suas crianças, a cada dia". Os anjos foram atrás de Lilith, localizando-a no mar, nas poderosas águas onde os egípcios mais tarde pereceriam. Transmitiram a mensagem de Deus, mas ela se recusou a voltar. Por isso, ela é considerada um símbolo das feministas. Mas foi punida por Deus. É obrigada a viver no exílio e foi amaldiçoada, gerando crianças demoníacas, as quais deve comer logo depois do nascimento. Se ela não gerar as cem crianças por dia, deverá procurá-las no mundo das outras mulheres e matá-las (meninos até o sétimo dia e meninas até o vigésimo). Freqüentemente, ela procura homens solitários que, adormecidos, têm relações com ela. E ainda se intromete entre homens e mulheres para separá-los. Quando Deus criou para Adão uma segunda mulher que lhe fosse submissa, Lilith apareceu sob a forma da serpente e fez com que ela desafiasse Deus, comendo da árvore da sabedoria. E todos conhecem a conseqüência desse ato. Lilith, a mulher que quis ser independente, é estigmatizada como bruxa e figura diabólica.

O mito de Lilith aparece no *Talmud* babilônico: "Rabi Chanina disse: – É proibido ao homem dormir sozinho, numa casa, porque aquele que dorme só numa casa é possuído por Lilith" (*Shab*). A caracterização de Lilith é desenvolvida no *Zohar*, o livro básico da *Cabala* e em outros textos místicos. A sua imagem mais completa é encontrada no Alfabeto de Ben Sira, de data desconhecida, mas seguramente anterior a 1.000 d.C. Trata-se de um texto grego, baseado em original hebraico, e considerado por algumas seitas cristãs como parte integrante das escrituras.

Em uma sociedade que, no exílio, era profundamente patriarcal e cujo modelo ideal era a mulher submissa, Lilith é a sombra negativa desse ideal. Por isso, é desfigurada: mata as parturientes, fere e mata crianças recém-nascidas, excita os homens no seu sono para colher seu esperma e fabricar crianças demoníacas destinadas a morrer.

Para Aviva Cantor (1983), co-fundadora e editora do magazine judeu feminista *Lilith*, o aspeto central da heroína é a sua luta pela independência e pela igualdade da mulher, formada da mesma maneira e do mesmo material e ainda no mesmo momento que o homem. Os aspectos depreciativos resultam da negativa de Adão de considerá-la como igual. Tivessem Adão e Deus aceito sua igualdade e não haveria disputa entre os sexos, uma luta baseada na negativa do homem em aceitar o direito das mulheres.

Uma outra história sobre Lilith aparece na obra do escritor francês Rémy de Gourmont (1858-1915). Adão sente-se solitário, e Deus decide criar uma mulher para ele. Toma então um punhado de terra argilosa e a transforma na mulher mais bela e voluptuosa que se possa imaginar, com inúmeras curvas nos lugares devidos. Ao terminar, verificou que esquecera de fazer um cérebro. Retirou então um pouco da argila de entre as coxas e transformou em cérebro. Completado o corpo, ele introduziu o sopro da vida, formou a alma e Lilith passou a viver. Imediatamente, procurou o marido para quem fora criada. Tornou-se insistente. Só queria copular e Deus viu que havia criado um monstro. Deus resolveu, então, mandá-la para o Inferno, para ser a esposa de Satã. Banida do Mundo e reprimida, ressurge como tudo que é reprimido, sob outra forma. E retorna como demônio destrutivo que procura desfazer a harmonia entre homens e mulheres.

Retirar Lilith da história da criação, a figura de Adão permanece bastante ambígua. De um lado, é a primeira criatura humana formada: *E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida e o homem foi feito alma vivente* (Gên. 2, 7). E deu ao homem afazeres característicos da masculinidade: *Com o suor de teu rosto comerás o teu pão* (Gên. 3, 19). Por outro lado, Adão, ao ser criado, é uma figura andrógina, um ser humano em que os dois sexos se combinam: *E criou Deus o homem à sua imagem, macho e fêmea os criou* (Gên. 1, 27). Ao ordenar a Adão para não comer da árvore da sabedoria: *Mas da árvore da ciência*

do bem e do mal não comerás (Gên. 2, 17). Deus fala para os dois sexos. Adão é um termo genérico para o ser humano, até que a mulher se diferencia: *Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu, e tomou uma de suas costelas e serrou a carne em seu lugar e da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão* (Gên. 2, 21). Adão é andrógino até então.

De acordo com o *Gênesis Rabbah*, Adão foi a primeira criatura da Terra, criada como homem e mulher, simultaneamente. Um andrógino ou hermafrodita. O rabi Samuel Nachmani descreve a criatura como tendo duas faces e dois corpos opostos. *A ela foi dado o domínio da Terra* (Gên. 1, 28) *e sobre os animais, antes de ser dividida em dois* (Gên. 2, 18-20). Ela nomeou os animais antes de ser desdobrada, dando-lhes, por vezes, nomes distintos de acordo com o sexo, como touro e vaca ou cavalo e égua.

Considerar o andrógino como o modo original da existência humana, indica que a Terra não foi dada ao homem, mas à humanidade como um todo. Também indica que a mulher não foi criada para ser dominada pelo homem. A palavra hebraica *tela*, freqüentemente traduzida como *costela*, seria melhor traduzida como lado, como aliás é traduzida para descrever a estrutura do tabernáculo. Não há como negar que, pela *Bíblia*, a mulher foi criada depois de Adão. Foi a última criatura a ser formada após a criação de todas as espécies e do homem. E, assim, representa o clímax, a culminância da criação.

O *Midrasch* assim descreve a forma como a mulher foi criada: *A mulher destinada a ser a companheira do homem foi tomada do corpo de Adão para que o similar se juntasse ao similar e assim a união fosse indissolúvel. A criação da mulher de parte do homem foi possível porque originalmente Adão englobava os dois gêneros.*

Quando Deus estava para formar Eva, ele disse: *Não a farei da cabeça do homem porque ela sustentará sua cabeça com arrogância; não a farei dos olhos do homem para que seu olhar não seja lascivo; não a farei do pescoço para que ela não tenha ar insolente; não a farei da boca para que ela não se torne mexeriqueira; não a farei do coração para que ela não se torne ciumenta; não a farei da mão para evitar que ela seja intrometida e não a farei do pé para que ela não seja uma vagabunda errante. Construirei a mulher de uma porção reservada do corpo, e para cada pedaço de costela transformada em porção da Mulher, Deus*

disse: Seja reservada e modesta. Apesar das precauções, a mulher teria todos os defeitos que Deus quis evitar: é arrogante, anda com o pescoço empertigado e com o olhar lascivo. É intrometida, como foi Sara escutando às escondidas a conversa entre Abraão e os anjos, quando estes vieram anunciar o nascimento de Isaac. É mexeriqueira, como foi Míriam, a irmã de Moisés, ao falar mal de seu irmão para Arão. É ciumenta, como foi Raquel, que tinha ciúmes e inveja da fertilidade de Léia. A primeira mulher, Eva, estendeu sua mão para pegar a fruta proibida e Diná, a filha do patriarca Jacó, foi estuprada, por sua mania de andar em lugares estranhos.

A formação física da mulher foi mais complexa que a do homem, de modo a adaptar seu corpo à sedução, concepção, gravidez e amamentação. Além disso, a inteligência da mulher amadurece mais rapidamente que a do homem. Muitas das diferenças físicas e psíquicas seriam atribuídas ao fato dos dois terem sido formados de material diferente: de terra o homem e de osso a mulher. As mulheres necessitam de perfume porque são oriundas da costela, e a carne que a reveste deteriora e necessita de sal para ser conservada. Já o homem, formado de terra permanece intato. A voz da mulher é estridente como o som do osso quando colocado num vaso. O homem é facilmente apaziguado. Algumas gotas de água derretem a terra. O osso permanece duro em face da água e são necessários dias para amolecê-lo.

É o homem que deve pedir a mulher em casamento porque foi o homem que perdeu a costela e deve investir para recuperá-la. Deus foi o primeiro anestesista e cirurgião, pois antes de retirar a costela adormeceu Adão profundamente. O *Midrasch* afirma que se Adão tivesse presenciado a formação de Eva, ela não despertaria seu amor. Os homens não apreciam os encantos das mulheres que viram crescer e se desenvolver. Por isso, quando Adão acordou e viu Eva em todo o seu esplendor, exclamou: "Essa é a mulher de meus sonhos."

Eva foi criada porque Deus achou que não era boa a solidão do primeiro homem. O contexto para a criação da mulher foi um julgamento divino. O termo usado em hebraico, *ezer*, é um termo de relação e não de subordinação. A expressão usada *ezer beneged* conota igualdade completa sem domínio. Convém salientar que só Deus criou Eva. O homem dormia e estava alheio. Não exerceu nenhum controle. Não foi consultado, não foi partícipe. Ela, como Adão, deve sua vida unicamente a Deus. Denominar a mulher costela de Adão é interpretar erroneamente os fato porque o osso extraído requereu o trabalho complementar de Deus. Clamar que a costela significa inferioridade e submissão é atribuir ao homem poderes inexistentes. Não há no *Gênesis* nenhuma passagem que afirme que o homem é superior, mais forte ou mais poderoso. Ao contrário: ele é formado de terra, sua vida dependeu de um sopro divino que ele não podia controlar, e ele permaneceu passivo enquanto Deus planejava sua existência.

A costela significa solidariedade e igualdade, e o próprio Adão o reconhece: *Essa é agora osso dos meus ossos e carne de minha carne, ela deve ser chamada* ischa *porque de mim que sou* isch *ela foi tirada* (Gên. 2, 23). De acordo com a lenda, Adão chamou sua mulher de *ischa* e a si de *isch*, porque acrescentou ao seu nome o *I*, de *Iaweh*, e, ao nome da mulher, o *H*, última letra de *Iaweh*, para indicar que se eles seguissem seus mandamentos seu nome os protegeria. Mas, se eles se desviassem, *isch* se transformaria em *esch* (fogo), que os consumiria. O jogo de palavras proclama a diferenciação entre os dois sexos. Somente com a criação da mulher ocorre a designação específica do homem (*ischa* e *isch*). O homem, ser masculino, não precede a mulher, o ser feminino. Até então ele é andrógino.

A diferença entre os dois sexos se acentua após a transgressão induzida pela serpente. A serpente fala para a mulher: *Ora, a serpente era mais astuta que todos os animais do campo, que o Senhor tinha feito. Ela disse à mulher: Foi Deus que disse não comereis de toda árvore do Jardim* (Gên. 3, 1). Por que a serpente se dirigiu à mulher, e não ao homem? Umberto Cassuto (1971) identifica a serpente com a própria mulher. A astúcia da serpente seria a astúcia da mulher. Ele acha que a mulher foi instigada e atraída por ter imaginação mais fértil que a do homem. Para alguns autores, no mito da história da serpente, a mulher é mais inteligente, mais curiosa, mais agressiva e mais sensível. Ela contempla a árvore da sabedoria, estudando todas as possibilidades. As frutas são um excelente alimento, satisfazem o desejo, agradam aos olhos, são apetitosas e, acima de tudo, cobiçadas, como fonte de sabedoria. A mulher está perfeitamente consciente das conseqüências de seu ato. A decisão e a iniciativa são suas. Ela não consulta o marido. Não lhe pede conselho ou permissão.

Colhe a fruta e a come. O homem é um ser passivo: *E vendo a mulher que aquela árvore era boa para comer, agradável aos olhos e desejável para dar sabedoria, tomou de seu fruto e deu também ao seu marido e ele comeu com ela* (Gên. 3, 6). O ato do homem é de aquiescência, não de iniciativa, embora a proibição tenha surgido antes da criação da mulher. Eva sabia que estava se arriscando, mas a tentação foi mais forte. O homem seguiu passivamente a vontade da mulher, sem questionar ou comentar.

O contraste entre o homem e a mulher cessa depois do ato de desobediência. Ambos tomam consciência de sua nudez: *Então foram abertos os olhos de ambos e reconheceram que estavam nus e cozeram folhas de figueira e fizeram para si aventais* (Gên. 3, 7). O homem foi o primeiro a ser questionado por Deus. *E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele respondeu: Ouvi a tua voz soar no Jardim, e temi porque estava nu e escondi-me. E disse Deus: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore que ordenei que não comesses?* (Gên. 3, 9-11). O homem não culpa a mulher nem diz que ela o seduziu. A sedução aparece quando Deus questiona a mulher e esta põe a culpa na serpente. *E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me seduziu e eu comi* (Gên. 3, 13). Deus aceitou a desculpa e imediatamente castigou a serpente. *Então o Senhor disse à serpente: Por que fizeste isso maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo, sobre teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida* (Gên. 3, 14). Assim a tentadora serpente é amaldiçoada. A mulher e o homem são julgados, são expulsos do Paraíso e submetidos a uma vida de preocupação e trabalho. A mulher, por sua leviandade, passa a ser submissa ao homem. *E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção, com dor terás filhos e teu desejo será para teu marido, e ele dominará sobre ti* (Gên. 3, 16). A subjugação é uma aberração. Por desobediência, a mulher se torna escrava. Mas o homem também se corrompe ao se tornar dono de alguém que lhe é igual. A subordinação da mulher ao homem significa que ambos estariam em pecado, e, pelo pecado, todas as relações da natureza são rompidas entre homens e mulheres. *E porei inimizade entre ti e tua mulher, entre a tua semente e a sua semente, esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar* (Gên. 3, 15). Mas, também, entre a Terra e os homens: *Maldita é a terra por causa de ti, com dor comerás dela todos os dias de tua vida. Espinhos e cardos também produzirá e comerás a erva do campo* (Gên. 3, 18). E, até, entre o homem e seu

trabalho: *No suor de teu rosto comerás o teu pão* (Gên 3, 19). Neste momento, o homem chama sua mulher de Eva. *E chamou sua mulher de Eva, porque era mãe de todos os viventes* (Gên. 3, 20). Com isso, confirma seu domínio, pois dar o nome é um modo de transgredir a relação de igualdade. A partir daí é fácil compreender a tese de a *Bíblia*, como quer Simone de Beauvoir (1952), ser profundamente patriarcal e machista. Para a grande escritora francesa, Eva foi criada depois de Adão não como figura essencial, mas como complemento para o homem. Foi um ato para livrar o homem de sua solidão. Teria de ser um ente submisso. Daí em diante, o homem passou a se realizar possuindo a mulher e submetendo-a. Para Carl G. Jung (1964), a história de Adão e Eva é o arquétipo da história da humanidade. Funciona como imagem característica do inconsciente coletivo. É uma história contada com vários nomes, através da mitologia de muitas religiões e culturas. A interpretação da vida sexual entre Adão e Eva constituiu uma preocupação permanente dos exegetas judeus e cristãos. Os cristãos pressupõem que o primeiro par vivia no Paraíso sem ter relações sexuais. O Paraíso inicial deve ser igual ao do futuro e neste último não haverá casamento. *E respondendo Jesus disse-lhes: Os filhos desse mundo casam-se e dão-se em casamento. Mas os que forem havidos dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dos mortos, nem hão de casar, nem serão dados em casamento* (São Lucas 20, 34-35). E não havendo casamento no Paraíso vindouro, pressupõe-se que não o houve no Paraíso do passado. Além disso, os cristãos são exortados a se absterem de relações sexuais em virtude do apocalipse do mundo atual: *Ora, quanto às coisas que me escreveste, bom seria que o homem não tocasse em mulher* (I Coríntios 7, 1). Já o judaísmo condena o celibato. O *Midrasch* compara o celibatário a um assassino. O ato da procriação humana é um mandamento que vem desde o *Gênesis*. Portanto, não é surpresa que no judaísmo o Jardim do Éden tenha sido o primeiro local de encontro sexual entre o homem e a mulher. A bênção da procriação vem de Adão até os patriarcas. *E depois abençoou a Abraão, então o levou para fora e disse-lhe: Olha agora para os céus e conta as estrelas se as podes contar. Assim será a tua semente* (Gên. 15, 5). A Torá promete que em Israel não existirão mulheres estéreis: *Não haverá alguma que aborte, nem estéril em tua terra* (Êxodo 23, 26). E, mais adiante, na voz de Moisés: *Bendito serás mais do que todos os povos, nem macho, nem fêmea entre ti haverá estéril, nem entre os teus animais* (Deut. 7, 14). De acordo com o

livro dos jubileus, a relação sexual entre Adão e Eva consumou-se mesmo antes que os dois entrassem no Paraíso.

O livro é uma reprodução extensa do *Gênesis* e do *Êxodo* com ênfase na *Halacá*, que surgiu como oposição à helenização da época em que foi escrito. Neste livro, que data mais ou menos do século II, Deus secretamente revela a Moisés, no monte Sinai, a história dos judeus desde a criação do Mundo até a passagem pelo Mar Vermelho. Um anjo de Deus ordena a Moisés que escreva fielmente aquilo que lhe foi narrado. Diz o livro que no sexto dia Deus criou os animais da Terra e o homem. No sétimo, descansou. Na semana seguinte, fez com que os animais desfilassem perante Adão para receberem um nome, e Adão verificou que cada espécie possuía macho e fêmea, mas ele estava só. Deus então resolveu criar a mulher. De acordo com o *Talmud*, depois da criação do homem e da mulher, após 40 dias, Adão entrou no Paraíso. E Eva só depois de 80 dias. Estes dias refletem os da purificação determinados no *Levítico*. *E falou mais o Senhor, dizendo: Fala aos filhos de Israel se uma mulher conceber e tiver um varão, será imunda por sete dias. Depois, ela ficará trinta e três dias no sangue de sua purificação. Mas, se tiver uma fêmea, será imunda por duas semanas. Depois, ficará sessenta e seis dias no sangue de sua purificação* (Lev. 21, 1-5).

Mas a situação descrita no livro dos jubileus não é exatamente igual à da *Bíblia*, porque, nela, Adão e Eva só tiveram filhos depois de expulsos do Paraíso. O mandamento da reprodução se destina a toda a humanidade porque data da época de Adão e Eva, vinte gerações antes de Abraão que, na realidade, foi o primeiro judeu. O primeiro casal não era judeu nem o foi Noé, que também recebeu a bênção da reprodução. Em *Isaías*, encontramos a confirmação desse fato: *Porque assim diz o Senhor, o Deus que formou a terra e a fez, ele a estabeleceu, não a criou vazia, mas a formou para ser habitada* (Isaías 45, 18). Ao criar a terra para ser habitada, essa não poderia ser função do povo judeu, cuja etnia sempre foi escassa. As controvérsias e as várias interpretações continuam até hoje. Inúmeros autores duvidam de tudo. É para muitos impossível aceitar que um acontecimento peculiar ocorrido num tempo imemorial, em pequeno canto da Terra, seja tão fundamental para a humanidade. Mas o fato é que ninguém pode contestar a contínua sensibilidade do Mundo, em todas as épocas, ao legado desse pequeno canto e de seus textos.

CAPÍTULO III

DO PRIMEIRO SER HUMANO, ADÃO, AO PRIMEIRO JUDEU, ABRAÃO

Expulso do paraíso, conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve a Caim e disse: Obtive do Senhor um varão. E teve mais a seu irmão Abel, e Abel foi o pastor de ovelhas e Caim foi lavrador (Gên. 4, 1-2). Por ciúme, Caim cometeu o primeiro homicídio, matando seu irmão Abel. Depois conheceu sua mulher, que teve um filho, Enoque. A *Bíblia* não diz onde Caim teria conhecido sua mulher. Presumivelmente, Adão e Eva tiveram uma filha, uma irmã sem nome de Caim, que se tornou sua mulher. Ou teríamos de admitir a existência de outros seres humanos não originários de Adão e Eva.

E Adão viveu cento e trinta anos e gerou um filho à sua semelhança, e chamou o seu nome Sete. E foram os dias de Adão depois que gerou a Sete, oitocentos anos, e gerou filhos e filhas (Gên. 5, 3-4). E diz a *Bíblia* que os homens começaram a se multiplicar sobre a terra e lhes nasceram filhas. *E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas que escolheram.* (Gên. 6, 1-2). Da união nasceram gigantes e valentes. E a devassidão e a corrupção começaram a grassar: *e viu o Senhor que a maldade se multiplicara sobre a Terra e arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a Terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei de sobre a face da Terra o homem que criei, desde o homem até o animal, até o réptil e até a ave dos céus porque me arrependo de os haver feito* (Gên. 6, 5-7). *Mas Noé achou graça aos olhos do Senhor. Era justo e reto e andava com Deus. E gerou Noé três filhos: Sem, Ham e Jafé* (Gên. 6, 8-10). E como a terra era corrompida e violenta, Deus resolveu provocar um dilúvio. Mas antes,

mandou que Noé construísse uma arca gigantesca para salvá-lo, a seus descendentes e às espécies animais. O dilúvio durou 40 dias e nele desapareceram todos os homens e animais que não estavam abrigados na arca. O que restou da humanidade foram Noé e seus descendentes com suas mulheres.

Ao sair da arca, Noé plantou uma vinha, embebedou-se com o vinho que produziu e desnudou-se. E Ham, um dos filhos de Noé, viu a nudez de seu pai e fê-lo saber aos irmãos: então tomaram Sem e Jafé uma capa e puseram-na sobre ambos os ombros e indo virados para trás cobriram a nudez do pai. E seus rostos eram virados de maneira que não viram a nudez do pai. E despertou Noé de seu vinho e soube que seu filho Ham e seu neto Canaã tinham visto sua nudez, e disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem e seja-lhe Canaã por servo. Alegre Deus a Jafé e habite nas tendas de Sem (...) (Gên. 9, 23-27).

Edwards Allen, no seu livro *Erotica Judaica* (1967), baseado em fontes talmúdicas e midráschicas, defende a tese de que Noé teve o sexo mutilado. Enquanto Noé estava nu em estupor alcóolico, seu ambicioso neto, Canaã, o castrou como sinal de usurpação, e por isso foi amaldiçoado para ser escravo de seus tios. Algumas fontes midráshicas dizem que a castração era para evitar que Noé tivesse outro filho. Ham não foi castigado, porque antes de entrar na arca com seu pai e seus irmãos, foi abençoado por Deus. Uma versão egípcia cita Ham como vilão, e Canaã, seu filho, como culpado de perversão sexual. No *Talmud*, rabi Arica salienta que Ham, além de castrar o pai, o violentou. Ainda de acordo com rabi Arica, Noé amaldiçoou os descendentes de Ham (egípcios) a terem os órgãos sexuais alongados e andarem nus. Fontes midráschicas atribuem todas as atrocidades a Canaã que, com instinto malvado, castrou seu avô embriagado, dando um laço com corda em torno de seus órgãos sexuais. De acordo com a *Yalquit Schimeoni*, a antologia hagádica de todos os *midraschim*, datada da Idade Média e de autor desconhecido, os efeitos demoníacos do vinho inspiraram o profeta Habacuque (séc. VII a.C.), contemporâneo de Jeremias, a denunciar os que embebedam os outros: *Ai daquele que dá de beber aos outros. Tu lhe chegas o teu odre e o embebedas para olhar fixamente a sua nudez* (Hab. 2, 15). Noé, depois do dilúvio, ainda viveu 350 anos, num total de novecentos e cinqüenta. Seguem-lhe os seus descendentes e os descendentes de seus descendentes.

De acordo com a *Bíblia* a corrupção voltou a se manifestar à medida que a população crescia. O mais importante líder dos corruptos foi Nimrod, filho de Cusch, que era o filho mais velho de Ham. Cusch casara com a própria mãe, já velho, e Nimrod, o rebento dessa união, era particularmente querido por ele. Deu a Nimrod as roupas que Deus costurara para Adão e Eva após o pecado original para esconder sua nudez. De Adão e Eva, essas roupas passaram para Caim, deste para Enoque, e deste para Metusdela e depois para Noé, que as levou para a arca. Ham roubou as roupas e passou-as para Cusch e este as presenteou ao filho Nimrod, quando completou 20 anos. Quem vestia essas roupas tornava-se invencível e irresistível. As bestas e pássaros das florestas curvaram-se diante de Nimrod e ele foi vitorioso em todas as suas batalhas com os rivais. E assim foi aclamado Rei e conquistou o Mundo.

Desde o dilúvio, não houve pecador igual. Construiu ídolos de madeira e pedra para serem adorados. Os homens deixaram de confiar em Deus e as honras divinas eram dirigidas ao próprio Nimrod. O clímax de seu pecado foi a construção da Torre de Babel por seiscentos mil operários, num processo que levou anos. A Torre atingiu tais alturas que se levava um ano para atingir seu topo. Daí atiravam na direção do céu e às vezes as flechas voltavam tintas de sangue. O que fortalecia sua ilusão de que tinham atingido a meta. Aí, Deus entrou em ação. Criou inúmeras línguas entre os povos e uns não entendiam os outros. Não compreendiam as ordens e passaram a combater entre si. Uma parte da Torre desmoronou, outra foi consumida pelo fogo e uma terceira permanece ereta, e quem passa por ela perde a memória. A punição imposta à geração da Torre foi leve. Deus não quis aniquilá-la. Além do castigo dos pecadores pela confusão das línguas, Deus e os setenta anjos desceram à Terra para tomar posse das nações. Cada um dos anjos recebeu uma nação e uma língua nacional. Israel não foi dada a nenhum anjo. Ficou pertencendo ao próprio Deus e recebeu o hebraico como língua, a mesma que foi usada para criar o Mundo.

Seguem-se novos descendentes, desta vez na linhagem de Sem, o filho caçula de Noé, até que chegamos a Terá, que foi pai de Abraão e seus irmãos Naor e Harã, que, por sua vez, foi pai de Lot. E como Harã morreu, Abraão tomou conta de seu sobrinho Lot. E tomou

mulher para si: sua meia irmã, Sarai. E Sarai era estéril (Gên. 11, 30). A esterilidade na Bíblia é uma maldição e desgraça, e a fertilidade, uma bênção, pois os filhos representavam a segurança para os pais, na velhice, como se vê no Salmo 127, do Rei Davi, transcrito anteriormente.

As mulheres, diz o salmista, *são as videiras frutíferas ao lado da tua casa. Os teus filhos serão como as plantas de oliveira à roda da tua mesa. E verás os filhos de teus filhos e a paz sobre Israel* (Salmos 128, 3 e 6). Sarai foi a primeira mulher da Bíblia com o estigma da esterilidade. Não lamentou, mas seu marido Abraão o fez por ela: *Então disse Abraão: Senhor Jeová, que me hás de dar, pois ando sem filhos e o mordomo de minha casa é o damasquino Eliezer. Eis que não me tens dado semente, pois ando sem filhos e eis que um nascido em minha casa será meu herdeiro* (Gên. 15, 2-3). Sarai decidiu ter um filho de qualquer jeito e ofereceu sua criada, Hagar, ao marido, para obter descendentes por seu intermédio. *E disse Sarai: Eis que o Senhor me tem impedido de gerar. Entra pois na minha serva e terei filhos dela. E ouviu Abraão a voz de Sarai. Assim tomou Sarai, mulher de Abraão, sua serva Hagar, a egípcia, e deu-a por mulher a Abraão, seu marido, ao fim de dez anos que Abraão habitara a terra de Canaã. E entrou em Hagar e ela concebeu* (Gên. 16, 2-4).

Obedecendo ordens de Deus, Abraão, em companhia da mulher, de seu sobrinho, e de todos os bens que havia adquirido, havia vindo para a terra de Canaã. Mas havia fome ali e, por isso, ele se dirigiu ao Egito e, ali, a mulher do patriarca cometeu, com sua anuência, seu primeiro adultério. Na ida ao Egito, Abraão observou a beleza de Sarai. Ele nunca detivera o olhar nela e, agora, na viagem, ao passarem perto de um riacho, viu sua imagem refletida na água como se fora o brilho do Sol. E, então, lhe disse: "Os egípcios são muito sensuais e vou te colocar em uma caixa para que nenhum mal possa nos ocorrer." Na fronteira com o Egito, os fiscais queriam cobrar-lhe impostos pela mercadoria e abrindo a caixa ficaram deslumbrados com a beleza de Sarai. Comparado a ela, as egípcias pareciam macacas. Os servos do Faraó começaram a disputar a sua posse mas chegaram à conclusão de que uma beleza tão radiante devia ser ofertada ao Rei. O Faraó mandou uma expedição militar para trazer Sarai ao palácio e ficou tão encantado com ela que deu presentes caros aos que a trouxeram.

Abraão, antes de chegar ao Egito, com medo de ser morto se soubessem que Sarai era sua mulher, instruiu-a para dizer que era sua

irmã. Seu medo dizia respeito ao que poderia acontecer a ele e não a ela. *E aconteceu que chegando ele para entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher formosa à vista. E será que quando os egípcios te virem dirão - esta é sua mulher. E matar-me-ão a mim e a ti guardarão em vida. Diz, peço-te, que és minha irmã para que me vá bem por tua causa e que viva a minha alma por amor de ti* (Gên. 11, 11-13). Daí em diante, as coisas correram bem para Abraão, tudo por causa da beleza de Sarai, que Abraão praticamente vendeu ao Faraó em troca de generoso lucro. *E foi a mulher tomada para a casa do Faraó. E este fez bem a Abraão por amor dela; e ele obteve ovelhas e vacas e jumentos e servos e servas e camelos* (Gên. 12, 15-16).

O Senhor porém castigou o Faraó com muitas pragas e ele soube, afinal, que era um castigo porque possuíra não a irmã do forasteiro mas sua esposa. *Devolveu, então, Sarai ao esposo, depois de recriminá-lo e de enchê-lo de riquezas: E ia Abraão muito rico, em gado, em prata e em ouro* (Gên. 13, 2). Ficamos pensando então o que achara Abraão do episódio. O Faraó confessou que tomou Sarai como esposa. *Porque disseste: Ela é minha irmã*, *ele perguntou depois de devolvê-la, de maneira que a tomei como minha mulher* (Gên. 12, 19). Ele só a devolveu para se livrar das pragas com que Deus o castigou, e Abraão poderia tê-la perdido. Mas o seu valor na mente do patriarca estava na segurança e na riqueza que ela lhe proporcionou. Talvez ele tenha pensado que como Sarai era estéril e Deus lhe prometera grande descendência ao convencê-lo a ir a Canaã, uma esposa estéril seria de pouca ajuda. Ele poderia sempre encontrar uma mulher mais jovem e fértil. Conseqüentemente, Abraão não se importou em sacrificar a mulher em troca de seu bem-estar físico e material. Mas Deus tinha outros objetivos em mente e obrigou o Faraó a devolver-lhe a mulher.

Voltou, assim, Abraão a Canaã sem que a promessa de uma grande descendência se cumprisse. Neste ínterim, por falta de espaço para seus rebanhos, eclodiu uma briga entre os pastores de Abraão e os de Lot, e os dois resolveram se separar. Lot escolheu para si terras férteis no Oriente, na planície do Jordão, em Sodoma. Mais tarde, houve guerra na região escolhida e Lot foi seqüestrado pelos inimigos da região. Ao saber do fato, Abraão armou seus servidores e perseguiu os seqüestradores até perto de Damasco e livrou Lot, os demais cativos, suas mulheres e seus bens. O Rei de Sodoma, refeito da derrota, saiu ao encontro de Abraão e lhe disse: Fica com os bens materiais, mas dá-me de volta meus homens

que libertaste, mas Abraão respondeu: *Levantei minha mão ao Senhor, o Deus altíssimo, o possuidor do Céu e da Terra, e desde um fio até a correia de um sapato não tomarei coisa alguma de tudo que é teu, para que não digas, eu enriqueci Abraão* (Gên. 14, 22-23). David Gun e Dana Nolan Fewell, no seu livro *Narratives in the Hebrew Bible* (1993), perguntam: Por que a captura de Lot inspirou tanta coragem a Abraão, quando a captura de Sarai pelo Faraó chegou a ser urdida por ele? E por que ele desprezou a oferta de bens pelo Rei de Sodoma. Onde estava o seu orgulho no Egito? Aí ele não teve escrúpulos. Para os autores, a história mostra o pouco valor que Abraão dava a Sarai.

Mais adiante, acontece a oferta de Sarai a Abraão, para que ele engravidasse sua serva Hagar e ele, incontinenti, aceitou a proposta. Usou o desejo de Sarai para satisfazer seu próprio desejo de ter uma linhagem. Hagar concebeu, engravidou, teve um filho, mas os planos de Sarai foram frustrados. A jovem serva, ao saber que estava grávida, procurou valorizar-se, Sarai sentiu-se desvalorizada e culpou a Abraão. *E disse Sarai a Abraão: Meu agravo seja para ti. Minha serva pus eu em teu regaço e vendo ela agora que concebeu sou monosprezada aos teus olhos. O Senhor julgue entre mim e ti* (Gên. 16, 5). Abraão, satisfeito com a gravidez de Hagar, mas obviamente despreocupado com o destino da serva, entregou-a ao tratamento rude de Sarai. E ela, sentindo-se ameaçada, tanto fez que Hagar fugiu de casa. Mas o anjo do Senhor a encontrou, e a instruiu a voltar. Ela deveria retornar humilhada para uma patroa opressiva e um patrão indiferente, mas com a promessa de Deus de que teria uma linhagem numerosa, a partir de seu filho.

Treze anos se passam, e Deus aparece a Abraão e com ele faz um convênio. Promete-lhe uma linhagem de reis e povos. Abraão ouve tudo com reverência e sem dúvida com prazer, pois já tinha 90 anos. No convênio, fica acertado que como sinal, todo macho será circuncidado: *E circuncidareis a carne de vosso prepúcio e isto será o sinal da aliança entre mim e vós. O filho de oito dias será circuncidado, todo macho nas vossas gerações, o nascido na casa e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que não for da tua semente* (Gên. 17, 10-12). O rito da circuncisão passa a representar a inscrição física da promessa divina da proliferação de seus descendentes. A circuncisão não é um sinal arbitrário, mas o símbolo da promessa de Deus de multiplicar a descendência de Abraão: *E te farei frutificar*

grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti. E estabelecerei minha aliança entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, como aliança perpétua para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti (Gên. 17, 6-7). O símbolo da aliança é impresso no pênis, não por acaso. O pênis é o orgão masculino através do qual a genealogia de Israel será perpetuada. A remoção da pele do prepúcio dá ao pênis, quando ereto, a aparência de uma árvore frutífera, prestes a frutificar. E a circuncisão cria uma comunidade de homens relacionados entre si através de uma marca similar sobre os seus membros viris.

O contentamento de Abraão ao receber a notícia de que teria descendência se viu reduzido quando Deus anunciou que Sarai estava incluída no projeto. E disse Deus a Abraão: *A Sarai, tua mulher, não chamarás mais de Sarai, mas Sara será seu nome. Pois eu a hei de abençoar e dar-te-ei dela um filho. E a abençoarei e será mãe de nações, reis de povos sairão dela. Abraão caiu sobre seu rosto e riu-se e disse a si próprio: a um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de 90 anos?* (Gên. 17, 15-17). Abraão estava descrente. Contudo, Deus confirmou que Sara lhe daria um filho, mandou que ele fosse chamado de Isaac e acrescentou que o pacto que fizera com Abraão se estenderia a este filho, e que também Ismael teria descendentes que constituiriam uma grande nação. Porém, a aliança propriamente dita seria estabelecida com Isaac e seus descendentes. Nesta ocasião, Abraão, com 99 anos, submeteu-se à circuncisão. Também seu filho Ismael, na ocasião com 13 anos, foi circuncidado. E circuncidados foram todos os machos que moravam em sua casa, os lá nascidos e os comprados.

Abraão guardou segredo e não revelou a Sara os planos de Deus transmitidos pelos mensageiros, mas Sara tudo escutara nos bastidores. Não podia acreditar na promessa divina e riu. *E ouviu-o Sara na porta da tenda. Abraão e Sara eram já velhos e adiantados em idade e já à Sara cessara o fluxo das mulheres. Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo, geraria eu ainda havendo já envelhecido?* (Gên. 18, 9-12). Mas Deus não gostou da ironia e questionou Abraão: *Por que se riu Sara duvidando e dizendo – geraria eu agora, havendo envelhecido? Haverá alguma coisa difícil ao Senhor? ao tempo determinado, tornarei a ti na mesma época, e Sara terá um filho. E Sara negou, dizendo: Não me ri, porque temeu. E Ele disse: Não diga isto porque te riste. E levantaram-se os três mensageiros*

e olharam para os lados de Sodoma e Abraão ia com eles acompanhando-os (Gên. 18, 16).

Entrementes, em Sodoma reinava a devassidão. Os seus habitantes e também os da cidade vizinha, de Gomorra, e mais três menores, eram pecadores inveterados. Concentravam-se anualmente num extenso vale para celebrar orgias com suas mulheres e crianças. Se um mercador ou forasteiro atravessasse seus domínios, era assediado por todos, roubado e estuprado. E, ao fim, perseguido e afugentado. Antes, porém, era colocado numa cama padrão. Se era mais comprido que a cama, suas pernas eram cortadas. Se mais curto, era esticado pela cabeça e pelos pés até desfalecer. Muitos morriam porque, além da tortura, negavam-lhes alimentos. Eram enterrados nus e seus pertences eram distribuídos. A crueldade dos habitantes de Sodoma pode ser inferida de dois episódios que se seguem. Lot tinha uma filha Paltit, que casou. Uma vez, um mendigo apareceu na cidade, e a Corte municipal decretou que ele deveria morrer de inanição. Ninguém deveria dar-lhe comida. Mas Paltit condoeu-se dele e às escondidas o alimentava. Presa em flagrante, foi condenada à morte e queimada viva. Um episódio similar aconteceu na vizinhança. Admá, a filha de um homem rico, alimentou um peregrino e foi condenada à morte. Besuntaram seu corpo com mel e ela foi morta por um enxame de abelhas. O acúmulo de crimes, de corrupções, de falsos juízos e de maldade fez com que Deus decidisse destruir as cidades. Mas queria salvar Lot e sua família. E mandou para lá dois mensageiros para avisá-lo da destruição iminente e da necessidade de que eles abandonassem o local.

Certa tarde, Lot estava sentado na porta de entrada da cidade quando dois anjos se aproximaram, disfarçados de homens. Lot os convidou para se hospedarem em sua casa. Preparou-lhes alimentos e convidou-os a pernoitar em seu lar. Mas antes de se deitarem, a novidade de sua chegada espalhou-se pela cidade e os habitantes se aglomeraram em frente à casa de Lot. *E chamaram a Lot e disseram: Onde estão os varões que a ti vieram esta noite? Traga-os fora a nós para que os conheçamos* (o verbo conhecer é empregado aqui como relação sexual). *Então saiu-lhes Lot ao encontro e fechou a porta atrás de si. E disse: Meus irmãos, rogo-vos que não lhes façais mal. Eis aqui duas filhas que ainda não conheceram varão, vô-las trarei e fareis com elas como bem for aos vossos olhos. Somente nada façais a esses varões, pois por isso vieram à sombra do meu telhado. Eles porém disseram: Saia daí!*

Disseram mais: Como estrangeiro este indivíduo veio habitar aqui e quer ser juiz em tudo, agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre os varões e sobre Lot e a aproximaram da porta, para arrombá-la. Aqueles varões porém estenderam a mão e fizeram entrar Lot consigo e fecharam a porta. E feriram de cegueira os atacantes que estavam na porta da casa de Lot de maneira que eles se cansaram e não podiam encontrar a entrada. Então os anjos disseram a Lot: Tens alguém mais aqui? Teu genro, teus filhos e tuas filhas, e todos quanto tens nesta cidade, tira-os daqui porque vamos destruir este lugar, porque o clamor tem engrossado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou para destruí-la (Gên. 9, 5-13).

Ao decidir a destruição de Sodoma e Gomorra, Deus quis debatê-la com Abraão porque elas se situavam na terra de Canaã, prometida ao patriarca. Este intercedeu e barganhou, e Deus concordou que se achasse dez justos entre os habitantes, pouparia as cidades. Mas os dez justos foram procurados em vão e o episódio da ameaça de estupro dos dois anjos reforçou a decisão. Os anjos instruíram Lot para fugir com a família. Os dois genros não acreditaram na ameaça e resolveram ficar com as esposas. E, assim, Lot fugiu com a mulher e as duas filhas solteiras. A família foi advertida para não olhar para trás durante a fuga. Mas a mulher de Lot desobedeceu. O seu amor materno a fez olhar para trás, pois queria ver se as duas filhas casadas a acompanhavam. E como castigo, foi transformada em estátua de sal. Foi uma punição por sua atitude quando os dois anjos estavam escondidos em sua casa. Naquela ocasião, ela se dirigiu à casa de um vizinho para pedir sal emprestado. "Tínhamos bastante sal", disse ela, "mas a presença de hóspedes inesperados aumentou a necessidade". Foi o estopim para que a presença dos dois anjos se espalhasse e a multidão acorresse a fim de estuprar os visitantes. Diz-se que a estátua de sal existiria até hoje.

Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma chuva de fogo e enxofre. A mulher de Lot e a destruição das duas cidades são lendas freqüentemente citadas. O próprio Jesus cita o fato: *No dia em que Lot saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre e os consumiu a todos. Assim será no dia em que o filho do Homem se há de manifestar. Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo suas alfaias em casa, não desça para tomá-las, e da mesma sorte, quem estiver no campo, não volte para trás. Lembrai-vos da mulher de Lot* (São Lucas 17, 29-32.).

Da mesma forma, virou lenda o comportamento dos sodomitas, dando origem à palavra *sodomia*, que o *Dicionário Aurélio* define como conjunção sexual anal entre homem e mulher ou entre homossexuais masculinos. A história ilustra a insistência dos israelitas em assinalar a decadência dos canaítas e de sua civilização. Tratava-se de uma civilização antiga, que já existia setecentos anos antes de Abraão lá chegar. E era corrupta como todas as civilizações antigas. O homossexualismo era freqüente, mas não se limitava aos canaítas, existindo igualmente entre os judeus, como veremos adiante. Na história de Lot, além do homossexualismo, há o incesto. Este vem de longe. Presume-se que Caim, o filho de Adão e Eva, o tenha cometido com a irmã porque antes dele, além de Eva, não existia outra mulher. Também, depois do dilúvio, a única família que sobrou foi a de Noé, e eles se perpetuaram. A própria Sara era meio-irmã de Abraão.

Ao fugir das cidades destruídas, Lot e suas duas filhas, temendo ficar ao relento se alojaram numa caverna. E aí se consumou o duplo incesto. *Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já está velho e não há varão na terra entre nós, segundo o hábito; vem, demos de beber vinho ao nosso pai, e deitemo-nos com ele para que em vida conservemos a semente de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai e naquela noite não sentiu ele quando se deitou e quando se levantou. E sucedeu no outro dia que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai, vamos dar-lhe a beber vinho também esta noite. E deram a beber vinho a seu pai, também naquela noite e levantou-se a menor e deitou-se com ele e não sentiu ele quando ela se deitou e quando ela se levantou. E conceberam as duas filhas de Lot de seu pai. E teve a primogênita um filho e chamou seu nome de Moab, este é o pai dos moabitas, até o dia de hoje. E a menor também teve um filho e o chamou ben Ami; este é o pai dos filhos de Amon* [amonitas] (Gên. 19, 31-38).

Amonitas e moabitas são inimigos clássicos e ferrenhos de Israel: *Nenhum moabita ou amonita entrará na congregação do Senhor, nem ainda sua décima geração entrará na congregação do Senhor eternamente* (Deut. 23, 3). E, mais adiante: *Não os procurarás em teus dias, para sempre* (Deut. 23, 6). Contudo, como veremos adiante, a bisavó do Rei Davi, Rute, era moabita. No *Livro de Rute*, a sua origem moabita é mencionada cinco vezes. Existe aí uma clara contradição entre a proibição bíblica e a origem do Rei, após um processo de sedução planejado por Naomi e executado por Rute em

um parente embriagado, Boaz. A história de Rute reúne dois ramos da família de Abraão. Boaz, com o qual Rute tem um filho, é descendente direto de Abraão, e Rute é descendente de Lot, através de Moab. Para completar a história, Reoboano, escolhido diretamente pelo Rei Salomão para sucedê-lo, foi amonita. A dinastia de Davi acaba reunindo amonitas, moabitas e israelitas.

Essas histórias podem ter um intento pacifista, uma vez que Davi conquistou a terra de moabitas e dos amonitas e a lenda de que os judeus misturaram seu sangue com o deles serviria para solidificar as conquistas, mas podem existir outros motivos. O conceito bíblico de fertilidade é tão forte que permitiria suspender as normas vigentes quando se trata do nascimento de heróis. Os limites étnicos são ultrapassados. Como veremos, Rute foi duplamente anti-tradicional: mulher que tomou a iniciativa sexual numa sociedade patriarcal e moabita que se tornou ancestral do maior rei de Israel, apesar de a *Bíblia* ter proibido o casamento com moabitas. Encerrado o episódio de Sodoma e Gomorra, voltemos à história de Abraão e Sara. O casal emigra à terra dos filisteus, Gerar, ao sul de Canaã. E aqui repete-se o drama que ocorrera no Egito. Abraão declara que Sara é sua irmã e o Rei dos filisteus, Abimeleque, a toma como esposa. Deus, porém, vem em sonho a Abimeleque e o ameaça de morte e este, amedrontado, devolve Sara ao marido, sem tocá-la. Nesta ocasião, Abraão confessa que ela era sua meio-irmã. *E disse Abraão: porque eu dizia comigo: certamente não há temor a Deus neste lugar e eles me matarão por amor de minha mulher. E, na verdade, é ela também minha irmã, filha de meu pai, mas não filha de minha mãe, e veio a ser minha mulher* (Gên. 20, 11-12). Novamente, Abraão ganhou ovelhas, vacas, servos e servas e mil moedas de prata. O seu modo de agir, explorando os encantos da mulher não se modificou. Sara continuava dispensável quando sua presença ameaçava sua vida e continuava a render. Abraão rezou por Abimeleque, e os habitantes de Gerar ficaram livres de suas doenças e a mulher de Abimeleque, que era estéril, conseguiu engravidar. Sara aceitava tudo com humildade e Abraão aumentava seu patrimônio. E foram os anjos do Senhor que intercederam por Sara. Eles assim falaram a Deus: – "Oh Senhor do Mundo! Todos esses anos Sara foi estéril, como a mulher de Abimeleque. Agora Abraão rezou para você e ela angravidou. É portanto justo que Sara seja finalmente relembrada com a concessão da mesma benesse." As palavras dos anjos

pronunciadas no dia do ano novo, quando o futuro dos seres humanos é traçado, foram decisivas e, finalmente, sete meses depois, Isaac nasceu.

Aos oito dias, Isaac foi circuncidado e Abraão deu uma grande festa. Dizem que todos se rejubilaram, porque Deus teria tornado férteis todas as mulheres estéreis ao mesmo tempo, e todas conceberam. Os cegos recuperaram a visão, os loucos a razão, os aleijados passaram a andar e os mudos a falar. O brilho do sol nunca atingiu tal intensidade. Ao nascer Isaac, Abraão tinha 100 anos de idade: *E era Abraão da idade de cem anos quando lhe nasceu Isaac, seu filho. E disse Sara: Deus me tem feito rir e todo aquele que o ouvir rirá comigo. Disse mais: Quem diria a Abraão que Sara daria de mamar a filhos? Porque lhe deu um filho na sua velhice* (Gên. 21, 9-13). A explicação para essa concepção tão tardia era a necessidade de Abraão já ter o sinal da aliança no seu corpo, antes de ter um filho apontado como um dos patriarcas.

O que passou então a incomodar Sara foi a presença de Ismael, que podia ameaçar a progenitura do seu filho. Por isso, ela exigiu de Abraão que expulsasse a concubina Hagar, com o filho. O patriarca não gostou da exigência, mas Deus a reforçou: *E viu Sara que o filho de Hagar, a egípcia, que ela havia dado a Abraão, zombava dela, e disse a Abraão: Deita fora esta serva e seu filho, porque o filho desta serva não herdará com meu filho Isaac. E soaram estas palavras muito mal aos olhos de Abraão por causa de seu primeiro filho. Porém, disse a Abraão: Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço e da serva. Em tudo que Sara te diz ouve a sua voz porque em Isaac será continuada a tua semente. Mas também do filho desta serva farei uma grande nação, porquanto é tua semente* (Gên. 21, 9-13).

Até então Abraão sacrificara sua primeira mulher, Sara, a dois reis estrangeiros. Sacrificou sua segunda mulher, Hagar, expulsando-a duas vezes. Sacrificou do mesmo jeito seu filho Ismael e, não fosse a intervenção divina, os dois morreriam de sede. Mostrou, assim, o patriarca que ele jamais teria dúvidas em sacrificar os membros de sua família. Mas Deus queria testá-lo, mais uma vez, naquilo que seria o maior sacrifício. *E disse Deus, Toma agora o teu filho, teu único filho Isaac, a quem amas e vai à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto, sobre uma das montanhas que eu te direi. Então se levantou Abraão, pela manhã, de madrugada, albardou o seu jumento, tomou consigo dois de seus servos e Isaac, seu filho, e fendeu lenha para o holocausto e levantou-se e foi ao local que Deus lhe dissera. Ao terceiro dia, levantou Abraão*

os seus olhos e viu o lugar, de longe. E disse Abraão aos seus servos: Ficai vós aqui e eu e meu filho iremos até ali e havendo rezado tornaremos a vós. E tomou Abraão a lenha do holocausto e a pôs sobre Isaac, seu filho. E tomou o fogo e o cutelo na sua mão e foram ambos juntos. Então falou Isaac a Abraão: Meu pai. E ele respondeu: Eis-me aqui, meu filho. E ele perguntou de novo: Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? E disse Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. Assim caminharam ambos juntos. E vieram ao lugar onde Deus lhe dissera e edificou Abraão ali um altar e amarrou Isaac, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão e tomou o cutelo para imolar seu filho. Mas o anjo do Senhor lhe bradou desde os céus: Abraão. E ele disse: Eis-me aqui. Então, disse: Não estendas tua mão sobre o rapaz e não lhe faças nada porque agora sei que temes o Senhor e não me negaste o teu filho, o teu único (Gên. 22, 2-12).

A *aquedá* (em hebraico, amarração) ou a história desta prova foi toda engendrada, por instigação de Satã, numa reunião de Deus com todos os anjos e na qual ele pôs em dúvida a lealdade de Abraão. O que queria Deus, testando desse modo o patriarca? A *Bíblia* não o diz. Diz apenas que em virtude de sua cega obediência, Abraão conquistou definitivamente a graça total de Deus, cuja intenção parece indecifrável. Suponhamos que Deus sabia que Abraão era capaz de sacrificar sua família, será que ele queria saber até onde Abraão iria? O que aconteceria a Abraão se ele se recusasse a cumprir a ordem divina? Como seria punido? E Abraão, como vimos, era muito sensível no que concernia à sua segurança pessoal. Até onde ele iria em prol de sua autopreservação? Será que Deus queria mesmo saber até onde ele iria? Ou se ele se sacrificaria para não matar o filho? Ou invocaria a justiça de Deus como fez para salvar as cidades de Sodoma e Gomorra. Mas nada disso aconteceu a não ser uma obediência silenciosa e covarde que terminaria em assassinato horrendo, não fosse a intervenção divina. Aliás, todos os atos anteriores em que Abraão esteve prestes a sacrificar membros de sua família, Sara, Hagar, Ismael, terminaram bem porque Deus interveio a tempo. A resposta de Deus à atitude hedionda de Abraão foi abençoá-lo: *Então o anjo do Senhor bradou a Abraão, pela segunda vez, dos céus e disse: Por mim jurei, disse o Eterno, porque fizeste esta coisa e não me negaste o teu filho, o teu único, abençoar-te-ei e multiplicarei tua semente como as estrelas do céu e como a areia que está à beira-mar. E se aben-*

çoarão em tua semente todas as nações da terra, porque ouviste a minha voz (Gên. 22, 15-18).

Para Alicia Suskin Ostriker (1994), a história do sacrifício de Isaac ocupa na cultura judaico-cristã uma posição de destaque equivalente à de Édipo, na tradição clássica. Ela ressalta a dependência dos filhos ao mundo teocêntrico dos pais. A geração dos filhos é predominantemente um ato paterno. O significado da *aquedá* seria o sinal do predomínio absoluto do direito paterno sobre o materno. A ausência de Sara na história – acerca da qual ela não foi consultada – reforça essa tese. Há, também, os que afirmam que o sacrifício dos filhos fazia parte do culto canaíta ao deus El. A história da *aquedá* é lida na liturgia como forma de lembrar a devoção do patriarca Abraão a Deus e da compaixão deste por Isaac. No ano novo, além da leitura, sopra-se o *schofar* (instrumento de sopro feito de chifre de carneiro), como lembrança do animal que substituiu Isaac no sacrifício. Na Idade Média, Isaac tornou-se símbolo do martírio judaico e corria a lenda de que ele realmente havia sido sacrificado, para ser ressuscitado. A morte de crianças judias pelos próprios pais para evitar o seqüestro e o batismo foi portanto moldada sobre um precedente bíblico, e acompanhada pela esperança na ressurreição dos mortos.

Antes da *aquedá*, a figura de Sara é fonte de tensão porque, apesar da promessa de Deus a Abraão de uma descendência numerosa como as estrelas do céu, ela era estéril. Aliás, na *Bíblia*, é freqüente a menção a mulheres estéreis que o deixam de ser pelo poder de Deus sobre a fertilidade, em um processo eminentemente feminino. Apesar de sua esterilidade, Sara sempre foi uma figura autoritária. Ela ofereceu sua serva Hagar a Abraão, refletindo o costume da época quando mulheres estéreis se apropriavam das crianças geradas por seus maridos com suas servas. Mas quando Hagar se tornou impudente e quis marcar sua posição pessoal, Sara ordenou que Abraão a expulsasse e ele obedeceu. O riso cético de Sara quando ela escuta o anúncio de sua concepção transforma-se em riso triunfante quando seu filho é circuncidado e recebe o nome de Isaac. É um riso que enfatiza a sua existência independente e seu orgulho. O triunfo de Sara sobre Hagar quando ela consegue sua expulsão representa a força genuína da mulher legítima. A primeira matriarca judia é agressiva, obstinada, protetora de suas prerrogativas, enfim, uma personalidade forte.

O próximo episódio da *Bíblia* nos conta a morte de Sara aos 127 anos, em Quiriat Arba (Hebron). Para lá se dirige Abraão e negocia a compra de uma sepultura, na qual, mais tarde, todos os patriarcas serão sepultados. Ao negociar o terreno da sepultura com os hiitas, Abraão diz mais de uma vez que queria enterrar sua mulher longe de seus olhos: *Depois se levantou Abraão de diante de seu morto e falou aos filhos de Hete dizendo: Estrangeiro e peregrino sou entre vós, dai-me a possessão de sepultura para que eu sepulte o meu morto, longe de meus olhos* (Gên. 23, 3-4). Esta frase repetida mais tarde (Gên. 23, 8) é riscada e modificada em traduções e versões modernas e enfatiza a vontade de Abraão de eliminar Sara de sua consciência. O seu enterro em terra longínqua sinaliza a derrota, mais uma vez, do poder materno em conseqüência da aliança de Deus com o homem. O *midrasch* medieval considera a morte de Sara como conseqüência da *aquedá*. Sara sabe por Satã que Isaac foi imolado e morre de tristeza, ou, em versão oposta, sabe de toda a trama e morre de alegria ao saber que Isaac escapara com vida.

Sara foi enterrada na gruta de Machpela, em Hebron, onde existem hoje uma sinagoga e uma mesquita, pois Abraão é também patriarca dos muçulmanos. Diz a lenda que Adão e Eva estão sepultados no mesmo lugar.

A Circuncisão

Até hoje, permanece o mistério da origem da circuncisão. Os antigos egípcios relacionavam a circuncisão ao ritual religioso e também a viam como medida higiênica de amputação de um apêndice longo e estreito, "armadilha" para o acúmulo de germes e obstáculo para a ereção e a ejaculação.

Os hebreus aceitaram essa racionalização e a revestiram de religiosidade, conferindo-lhe uma aura mitológica, belamente ilustrada pela lenda da aliança entre Abraão e Deus traduzida no corte de seu capuz caloso, aos 99 anos, que abriu o caminho para a geração de seu filho Isaac. *E disse Deus a Abraão: E tu minha aliança guardarás, tu e tua semente depois de ti; será circuncidado entre vós todo varão. E circuncidareis a carne de vosso prepúcio e será por sinal de aliança entre mim e vós. E com a idade de oito dias será circuncidado entre vós todo varão, nas gerações. E o varão incircunciso, que não circuncidar a carne de seu prepúcio,*

essa alma será cortada da comunidade, sendo minha aliança quebrada (Gên. 17, 9-14).

Desde então, todas as crianças judias masculinas são circuncidadas, bem como os que se convertem ao judaísmo ou os meninos não-judeus adotados por pais judeus. Mesmo que a criança adotada ou o gentio convertido já tenham sido circuncidados, devem experimentar uma simbólica picada de sangue. O fator-chave deixa de ser a remoção do prepúcio, tornando-se o derramamento do sangue. O derramar do sangue seria uma compensação para a perda do sangue de mulheres no parto e na menstruação. No *Leviticus Rabbah* é dito que o prepúcio foi criado quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, junto com o hímen, a menstruação e o parto, as três fontes do sangue feminino. A circuncisão corresponderia ao defloramento da mulher.

Além dos egípcios e dos israelitas, os semitas ocidentais também praticavam a circuncisão: canaítas, fenícios e árabes. Os semitas orientais: assírios e babilônios, não. Os gregos e os povos do mar Egeu também não a praticavam. O historiador grego Heródoto (480-425 a.C.), falando dos egípcios escreveu: "Eles praticam a circuncisão, enquanto homens de outras nações, exceto os que aprenderam com os egípcios, deixam suas privativas como a natureza os fez. Eles praticam a circuncisão por motivo de limpeza, sendo antes limpos do que graciosos".

A circuncisão era também comum entre os povos da África. Ainda hoje constitui prática ritual entre muitos povos primitivos. Existiu e existe ainda na Ásia, na América do Sul, na América do Norte, na Austrália e na Polinésia, entre tribos aborígenes. Foi praticada entre os aztecas e os maias. Em muitos locais, foi e é realizada como rito de puberdade, pré-requisito da relação sexual e do casamento. A circuncisão neonatal é limitada aos judeus, a poucas tribos africanas e indígenas da América e ainda a alguns grupos árabes. É bom ressaltar que os deuses dos povos que adotam a circuncisão são circuncidados. De acordo com a mitologia fenícia, o priápico deus El, cortou seu próprio prepúcio e forçou seus aliados a fazerem o mesmo. Os canaítas alegavam que o deus El procedeu à circuncisão numa crise de angústia e frustração, após anos de abuso e doenças venéreas, que lhe trouxeram uma gama de inflamações.

Os deuses da Etiópia já nasciam circuncidados, do mesmo modo que os deuses aztecas, que emergiram da *grande mãe* com glandes vermelhas enormes. O Rei Ra, do Egito, do mesmo modo que o deus El, de Canaã, desbastava seu prepúcio para melhor masturbar-se. Textos mortuários do Egito dizem que a alma humana se origina do sangue gotejado pelo falo de Ra quando ele se circuncidou. Essas gotas de sangue geraram mais tarde uma galáxia de deuses, todos os quais já nasciam circuncidados. Astarte ou Isthar, a Vênus semítica, também teria nascido do sangue do prepúcio de El.

Os judeus crêem que Adão foi criado já sem prepúcio. No *Gênesis Rabbah*, o rabi Yohanan afirma: "A escritura confirma que Adão nasceu circuncidado porque lá está escrito que Deus criou o homem à sua imagem. E por que Deus criou o homem apenas à sua imagem e não a ele idêntico? Porque as criaturas do *mundo superior* foram criadas iguais a Deus, porque viveriam eternamente e não procriariam." A tradição de que Adão já nasceu sem prepúcio aparece também em vários trechos hagádicos antigos.

Para Freud, a circuncisão é relacionada ao temor primitivo dos pais da virilidade dos filhos. Baseia-se no conceito darwiniano de que as hordas primitivas eram dominadas por um pai feroz, dominador e ciumento que conservava todas as mulheres da tribo. Os filhos mantidos em celibato forçado, depois de algum tempo reuniam-se em bando, matavam e devoravam o pai e tomavam posse das mulheres. O ciclo se repetia de geração em geração, e presumivelmente se transformou em traço de memória na evolução posterior do homem, sendo sublimado pela circuncisão.

O primeiro relato entre os judeus foi a circuncisão de Abraão, de Ismael e dos homens de sua casa. Mais tarde, quando Isaac nasceu, foi circuncidado aos oito dias: *E Abraão circuncidou seu filho Isaac quando ele era da idade de oito dias como Deus lhe tinha ordenado* (Gên. 21, 4). Dizem os rabis que só depois de circuncidado, Abraão se tornou perfeito, como está escrito: *Anda em minha presença e sê perfeito* (Gên. 17, 1).

A referência seguinte à circuncisão na *Bíblia* ocorre na história do rapto de Diná, filha do patriarca Jacó. O príncipe de Schechem, hoje Nablus, viu Diná, raptou-a, deitou-se com ela e a deflorou. Mas, depois, apaixonou-se e quis se casar com ela. Jacó contou a história aos filhos e a proposta de casamento que o pai do príncipe lhe fez: queria conciliar os homens e as mulheres das duas nações, prometendo dotes e dádivas

em troca. Os irmãos de Diná, maldosamente, exigiram que os varões do reinado de Schechem fossem circuncidados, e quando os habitantes masculinos ainda convalesciam, dois dos filhos de Jacó invadiram a cidade de espada em punho, mataram todos os homens, saquearam as casas e levaram mulheres e crianças como escravas.

A história subseqüente é a de Moisés, Zípora, sua mulher, e seu filho quando saíram do deserto para voltar ao Egito e enfrentar de novo o Faraó. No caminho, numa estalagem, o anjo de Deus encontrou Moisés e o quis matar. Mais que depressa, Zípora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio do filho, lançou-o aos pés de Moisés e o salvou da morte: *E no caminho da estalagem, encontrou-o o anjo do Eterno e quis matá-lo. E tomou Zípora uma pedra aguda e cortou o prepúcio de seu filho, jogou-o a seus pés e disse: Esposo sanguinário tu és para mim. E o deixou. Então ela disse esposo sanguinário por causa da circuncisão* (Êxodo 4, 24-26). O texto reproduz um ritual israelita antigo em que o prepúcio do filho era jogado sobre a genitália do pai. Na *Bíblia*, a palavra pés é eufemismo do órgão sexual masculino.

Quando os judeus cruzaram o rio Jordão para conquistar sua terra, eram comandados pelo sucessor de Moisés, o general Yoshua ben Nun, ou Josué. Com esse guerreiro no comando, o destino dos judeus era transformar-se numa nação agressiva e conquistar Canaã. E Deus ordenou a Josué que circuncidasse todos os israelitas: *Naquele tempo disse o Senhor a Josué: Fazei facas de pedra e tornai a circuncidar, uma segunda vez, os filhos de Israel. Então Josué fez facas de pedra e circuncidou os filhos de Israel no monte dos prepúcios. E foi essa a causa por que Josué os circuncidou: todo o povo que havia saído do Egito, os varões, todos os homens de guerra, eram já mortos no deserto, pelo caminho, depois que saíram do Egito. Porque todo o povo que saíra estava circuncidado mas nenhum do povo que nascera no deserto, pelo caminho, depois de ter saído do Egito, havia sido circuncidado* (Josué 5, 2-5). Uma vez realizada a circuncisão em massa, os judeus comemoraram a Páscoa, nas campinas de Jericó. A desprepucização dos homens simbolizava a unidade nacional, com enorme quantidade de prepúcios cortados. Pela remoção de um anel de carne, que para as mentes primitivas representava fraqueza e feminilidade, a circuncisão teve a magia de tornar os hebreus fisicamente iguais aos canaítas, também circuncidados. Para Josué, o hebreu circuncidado na infância teria força duas vezes superior à dos canaítas

circuncidados na adolescência, e o efeito psicológico dessa crença foi decisivo nas batalhas que se seguiram. Os judeus consideravam-se invencíveis em virtude do sinete de Deus na carne sagrada de sua infância. A pilha de prepúcios foi designada com o nome de *Ghibá at há Gharlut*, Gruta dos Prepúcios, e o local onde os judeus foram circuncidados ficou conhecido com o nome de *Gilgil*, o Círculo, em alusão à cicatriz circular resultante. O rabi midráschico Levi relata que quando Josué circuncidou os filhos de Israel, empilhou prepúcios, sobre os quais o Sol brilhou. Esses deram crias a vermes e o odor subiu aos céus, como aroma de incenso das ofertas de fogo. Então, o Senhor disse: *Quando os descendentes desse povo cometerem algum crime ou outras ações diabólicas me lembrarei desse odor e terei compaixão deles* (*Midrasch Rabbah*).

Na clássica história de Sansão e Dalila, este pediu ao pai de Dalila que a pedisse em casamento, porém, seu pai e sua mãe perguntaram: *Não há porventura mulher entre as filhas de teus irmãos, nem em todo o meu povo para que tu vás tomar sua mulher aos filisteus, daqueles incircuncisos?* (Juiz. 14, 3). Ele acabou se unindo à mulher que o traiu e o entregou aos inimigos. Antes de ser traído, feriu mil homens com a queixada de um jumento. E, de repente, acometido de grande sede, clamou ao Senhor: *Pela mão de teu servo tu deste esta grande salvação, morrerei pois agora de sede e cairei na mão dos incircuncisos? Então, o Senhor fendeu a caverna em que estava, em Leí, e saiu dela água e bebeu, e seu espírito se renovou* (Juiz. 15, 18-19).

Na sua guerra contra os filisteus, Jônatas, filho do Rei Saul, disse ao pajem que carregava suas armas: *Vem, passemos à guarnição desses incircuncisos* (I Sam. 14, 6). O Rei Saul, para conceder ao futuro Rei Davi a mão de sua filha Mical exigiu 100 prepúcios de filisteus: *Então disse Saul, assim direis a Davi. O Rei não tem necessidade de dote senão de cem prepúcios de filisteus, para tomar vingança dos inimigos do Rei. Porquanto Saul tentava fazer Davi cair na mão dos filisteus. E anunciaram seus servos estas palavras a Davi e este negócio pareceu bem aos olhos de Davi de que fosse genro do Rei. Então Davi se levantou e partiu com seus homens, e feriram dentre os filisteus duzentos homens e trouxeram os seus prepúcios e os entregaram todos ao Rei, para que fosse genro dele. Então Saul lhe deu por mulher sua filha* (I Sam. 18, 25).

Diz a lenda que Davi uma vez estava no banheiro e se viu nu e lamentou que não tivesse um mandamento divino para cumprir e

testemunhar assim seu temor por Deus. Mas quando viu seu membro circuncidado, sua mente se acalmou.

Num dos livros da época dos macabeus, a *Apócrifa* (escritos não canônicos, semi-sagrados, retirados de circulação oficial por conterem ensinamentos heréticos e designados em hebraico como *sefarim chitzonim* – livros estranhos), há passagens que se referem a um período helenista em que os judeus jovens queriam esconder as marcas da circuncisão. Depois de Alexandre o Grande, todos queriam ser ou parecer gregos, e um dos meios era freqüentar os ginásios esportivos onde os atletas competiam nus. Muitos judeus então removeram a marca da circuncisão, embora os textos não expliquem como.

No *Livro de Jó*, encontramos a expressão: *E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus* (Jó 19, 26). O *Zohar*, o livro mais importante dos cabalistas, interpreta a palavra carne, *basr*, como o local onde a aliança com Deus está impressa, e afirma textualmente que o homem quando marcado com esta sagrada impressão, vê a Deus através dela. Por quê? Porque a alma, afirma o *Zohar*, adere a essa marca. Quando os judeus apóstatas tentam obliterar a marca divina da circuncisão, perdem a alma que lhes foi dada por Deus: *Com o hálito de Deus perecem e com o sopro de sua ira se consomem* (Jó 4, 9). Iavé é o falo onipotente, cada pênis é uma incorporação de Deus. Como a alma humana se localiza no anel cicatricial do falo, ao desfazer a cicatriz ele perde a alma.

O apóstolo São Paulo, na "Primeira Epístola aos Coríntios", também sugere que não é necessário remover a marca da circuncisão: *E assim cada um ande onde Deus lhe repartiu, cada um como o Senhor o chamou. É o que ordeno em todas as igrejas. E alguém chamado, estando circuncidado, fique circuncidado. E alguém chamado estando incircuncidado, não se circuncide* (I Corint. 7, 17-18). A circuncisão ou a não-realização do ato significava o mesmo em Cristo: *Onde não há grego nem judeu, nem circuncidado e não-circuncidado, bárbaro, cita, servo ou livre, mas Cristo é tudo em todos* (Colos. 3, 11). Deste momento em diante, o cristianismo se separou definitivamente do judaísmo.

Jesus Cristo nunca se mostrou preocupado com a circuncisão. Foi submetido a ela aos oito dias: *e quando os oito dias foram cumpridos para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus que pelo anjo lhe fora posto, antes de ser concebido* (Lucas 2, 21). O apóstolo Timóteo, companheiro de

São Paulo, não havia sido circuncidado, embora fosse filho de mãe judia. Mas seu pai era grego e os gregos eram contra a circuncisão. E, embora São Paulo acreditasse que os cristãos prescindiam da circuncisão, ele circuncidou Timóteo por razões pragmáticas: *E chegou São Paulo a Derbe e Listra. E eis que ali estava um certo discípulo com o nome de Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego. Do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e Icônio. Paulo quis que Timóteo fosse com ele e, tomando-o, o circuncidou por causa dos judeus que viviam naqueles lugares, porque todos sabiam que seu pai era grego* (Atos 16, 1-3).

No *Talmud*, a circuncisão é exaltada: "Grandiosa é a circuncisão", dizem os rabis. "Sem ela Céus e Terra não persistiriam. Tão grandiosa é ela que só por ela o santo Senhor criou o Universo. Ela é tão grandiosa como todos os mandamentos em seu conjunto" (rabi Judá). A motivação higiênica é exemplificada na tradição oral pelo rabi Eliazar ben Azariah, contemporâneo do rabi Aquiva, que dizia ser o prepúcio repugnante, uma vez que é o opróbrio dos pecadores. A praga dos Schitin que atingiu os judeus no deserto do Sinai, quando se prostituíram com mulheres moabitas e midianitas, é atribuída ao estado de incircuncisão, quando as infecções tinham sua presença ocultada pelo prepúcio. O *Zohar* se refere ao prepúcio como *espírito sujo*, acrescentando que a serpente que seduziu Eva era simbolicamente o prepúcio de Adão.

Na psicologia primitiva, a bainha fálica é considerada como a parte feminina da genitália masculina, enquanto o clitóris é considerado como o componente masculino da genitália feminina. Daí, a necessidade de remover os dois antes que os sexos possam assumir seus respectivos papéis tradicionais, ativo e passivo. A desprepucização e a desclitorização desestimulariam a masturbação nos dois sexos, encorajando a relação sexual e a procriação. Hebreus (menos), egípcios e etíopes praticavam a desclitorização. Strabo, geólogo grego (58-25 a.C.), descreveu a circuncisão feminina como freqüente entre judeus e árabes, e o folclore da Igreja Cristã antiga admite que a virgem Maria foi desclitorizada do mesmo modo que todas as adolescentes judias. Os árabes asseveram que a clitoridectomia foi criada por Sara, a mulher ciumenta de Abraão, que mutilou sua rival Hagar, e condenou as mulheres egípcias a esse costume cruel. Alguns acrescentam que Alá teria ordenado a Abraão que cortasse também o clitóris de Sara e que esta teria sido a causa de sua esterilidade.

Robert Burton, escritor inglês (1577-1640), conhecido como o Montaigne britânico, assevera que as judias eram circuncidadas até a época de rabi Guerschon ben Judá (960-1040 d.C.), que denunciou o fato como escandaloso. Disse ainda que as tribos judias que praticavam a desclitorização forneceram aos árabes os instrumentos para o procedimento. Mas o célebre historiador judeu Heinrich Graetz (1817-1891) nega o fato com indignação. Diz que o rito jamais foi praticado por judeus e que o edito do rabi Guerschon apenas proibiu a poligamia. Para Thomas Inman (*apud* Allen, 1967), o rito da circuncisão mostra que a religião judaica incorpora idéias corporais, e que o abandono desta cerimônia em prol do batismo no cristianismo tipifica a fé espiritual e o compromisso de cultivar virtudes mentais no lugar de poderes carnais.

De acordo com o filósofo Philos Judaeus (25 a.C.-50 d.C.), a circuncisão foi instituída para remover a lascívia que domina o homem e atormenta a sua alma. Os legisladores teriam como finalidade mutilar a atração pecaminosa entre homens e mulheres. Para Maimônides, a circuncisão foi criada para completar a perfeição moral do homem. A lesão causada não interrompe nenhuma função vital nem destrói o poder de geração. Apenas se opõe ao excesso de lascívia. O médico-filósofo considerava a cópula um mal necessário, que desviava o homem do estudo. O prepúcio funcionava como excitante indevido da atividade sexual. Estimulava a repetição excessiva do ato, cujo fim natural era a perpetuação da espécie e não o prazer. Poliakov (*apud* Allen, 1967) acreditava que a circuncisão constituía um choque psicológico que contribui para a formação da mentalidade judaica, enquanto o fisiologista italiano Paolo Mantegazza (1831-1910) via na circuncisão a marca que consagra a nacionalidade e impede a mistura de raças.

O fato é que com tantas teorias pró e contra, a amputação do prepúcio sobreviveu até os dias de hoje, apesar do progresso da ciência, em vez de desaparecer como remanescente de superstições antigas. Ao contrário, o procedimento aumenta em proporção idêntica ao aumento da licenciosidade sexual e da desvalorização intelectual e psicanalítica da culpa. Outrora, era a circuncisão ritualizada e cheia de misticismo. Hoje, é sofisticada e constitui atributo desejável, passando da mão de feiticeiros ou leigos para as mãos de cirurgiões.

Nos Estados Unidos, anualmente entre 1,2 milhões a 1,8 milhões de recém-nascidos são circuncidados anualmente. Até 1980, não se atribuíam méritos medicinais ao procedimento. Subseqüentemente, numerosos trabalhos mostraram a sua validade científica. O procedimento evita a fimose patológica (com prepúcio não retrátil), a parafimose, a balanite e a postite. Reduz a incidência de infeções urinárias, que é 12 vezes mais freqüente em incircuncisos, e diminui o risco de câncer de pênis. Reduz também o risco de câncer cervical nas parceiras femininas dos circuncidados. Virtualmente, todas as doenças sexualmente transmitidas, inclusive a AIDS, são menos freqüentes em homens circuncidados.

CAPÍTULO IV

DO PRIMEIRO JUDEU, ABRAÃO, AO FUNDADOR DO JUDAÍSMO, MOISÉS

Morta Sara, Abraão mandou seu servo mais antigo, Eliezer, buscar uma mulher para Isaac, na terra de sua origem. Isaac, na ocasião, tinha quarenta anos, e Abraão temia que ele se casasse com uma canaíta. Fez com que o servo jurasse, pondo a mão nos seus testículos, para dar ênfase ao juramento: *Põe agora a tua mão debaixo da minha coxa para que eu te faça jurar pelo Senhor Deus dos Céus e da terra que não tomarás, para meu filho, mulher das filhas dos cananeus, no meio dos quais eu habito. Mas que irás à minha terra e aos meus parentes e ali tomarás mulher para meu filho Isaac* (Gên. 24, 2-3). *Então pôs o servo a sua mão debaixo da coxa de Abraão, seu senhor, e jurou-lhe sobre este negócio* (Gên. 24, 9). Mais uma vez a *Bíblia* omite o nome dos órgãos sexuais. O servo rezou a Deus e se foi. Parou em frente a um poço, em Naor, antigo lar da família de Abraão, e ficou observando as donzelas que vinham buscar água com seus cântaros. Eliezer pediu a todas um pouco d'água porque estava sedento, mas nenhuma o atendeu. E eis que aparece Rebeca, que, não só deu-lhe de beber, como repreendeu as outras por terem se recusado a fazê-lo. Era a mais bonita e a mais gentil, e ofereceu-se inclusive para dar de beber aos camelos de Eliezer. O servo viu nisso um sinal do Céu, e o era de fato, pois a donzela era neta do irmão de Abraão e irmã de Labão. *E a donzela era muito formosa à vista, virgem a quem varão não havia conhecido* (Gên. 24, 16). Quando os familiares souberam que Abraão a queria como nora pediram seu consentimento e, tendo ela acedido, deixaram que ela acompanhasse o servo para casar-se com seu primo Isaac. O interessante é que os parentes só

concordaram quando Rebeca aquiesceu; naquela época, um sinal de independência da mulher.

Isaac estava orando no campo quando viu Eliezer voltando com a caravana. Viu Rebeca, linda, e ela viu Isaac, e foi amor à primeira vista. Logo Isaac trouxe Rebeca para a tenda que fora de sua mãe, tomou-a por mulher e amou-a. E constituiu com ela o primeiro casamento monogâmico da *Bíblia*. O *Gênesis Rabbah* comenta: "Antes que o Eterno fizesse com que o Sol de Sara sumisse, ele fez o de Rebeca resplandecer."

Abraão não ficou viúvo por muito tempo. Casou-se com outra mulher, Quetura, teve concubinas, gerou filhos e netos. Mas deu tudo que tinha a Isaac. Aos outros filhos, de Quetura e das concubinas, deu presentes valiosos. Raschi, o *Midrasch* e o *Zohar* acreditam que Quetura era a própria Hagar. Com cento e setenta e cinco anos, Abraão morreu e seus filhos Isaac e Ismael o sepultaram junto ao túmulo de Sara.

Rebeca, do mesmo modo que Sara, era estéril. A esterilidade parece ter sido o sinete das matriarcas. Como veremos adiante, Raquel também era estéril. E Isaac, bem mais velho que Rebeca (ele tinha 40 anos e ela 15, quando casaram), orou por sua mulher e Rebeca concebeu. E eram gêmeos. E o parto demorou porque eram duas nações que lutavam entre si. Afinal, nasceram dois varões desiguais: um ruivo, forte e cabeludo, de nome Esaú, e outro franzino, que nasceu agarrado ao calcanhar do primeiro, Jacó. E os dois meninos cresceram. Esaú era caçador e Isaac o preferia porque gostava de caça, mas Rebeca gostava mais de Jacó.

Um dia, Esaú voltou esfomeado da caça. Jacó tinha acabado de cozinhar um guisado de lentilhas. Esaú estava tão esfomeado que vendeu a Jacó sua primogenitura pelo prato de lentilhas. E aí sobrevém a Isaac e Rebeca um episódio similar ao que ocorrera com Abraão e Sara. Havia fome em Canaã e Isaac emigrou para Gerar, para pedir a proteção do Rei dos filisteus, Abimeleque. E ali, do mesmo modo, Isaac, temendo que o matassem, disse que Rebeca era sua irmã. Mas o Rei Abimeleque, escolado pelo que havia acontecido antes, procurou vigiar o casal por uma janela de seu palácio. *Assim habitou Isaac em Gerar, e perguntando-lhe os varões daquele lugar acerca de sua mulher, disse: É minha irmã, porque temia dizer é minha esposa para que porventura não o matassem por amor a Rebeca, que era formosa à vista* (Gên. 26, 6-7). Tendo Abimeleque visto Isaac fazer amor com sua mulher, o chamou à ordem. *E aconteceu que como ele estava ali há*

muito tempo, Abimeleque, o Rei dos filisteus, olhou por uma janela e viu, e eis que Isaac estava brincando com a sua mulher. Então, chamou Abimeleque a Isaac e disse: Eis que na verdade é tua mulher, como pois disseste 'é minha irmã'? E disse-lhe Isaac: Porque eu dizia para que eu porventura não morra por causa dela. E disse Abimeleque: O que é isto que nos fizeste? Facilmente se teria deitado alguém com tua mulher e tu terias trazido sobre nós um delito (Gên. 26, 8-10). Isaac prosperou muito em Gerar e mudou-se com os bens adquiridos para Ber Sheba.

Estando Isaac velho e quase cego, Rebeca e Jacó o enganam. Jacó, instigado pela mãe, se disfarça em Esaú e consegue enganar o pai e obter dele a bênção destinada ao filho mais velho, consagrando-se como herdeiro. Esaú descobre a trama e decide matar Jacó. Mas Rebeca sabe do fato e manda Jacó a Harã, à casa de seu irmão Labão. Isaac concorda com sua ida porque temia que Jacó se casasse com mulher canaíta ou hiita e queria que ele tomasse para si uma das filhas de Labão. Parte, pois, Jacó e aí começa a sua história com Raquel, Léia, com suas concubinas e com seus doze filhos.

Ao chegar a Harã, o destino fez com que Jacó encontrasse, perto de um poço, Raquel, e que os dois se apaixonassem. No pedido de casamento, Labão disse ao pretendente que ele deveria trabalhar sete anos para ter o direito de casar com sua filha, pois não trouxera bens para ressarci-lo. Diz-se que no caminho para Harã, Jacó foi atacado por um filho de Esaú, com seus comparsas, que quase o matou e roubou-lhe todos os bens, inclusive a roupa. *E Labão tinha duas filhas: o nome da mais velha era Léia e o nome da menor, Raquel. Léia tinha os olhos fracos, mas Raquel tinha semblante formoso e era bela à vista. E Jacó amava a Raquel e disse: Sete anos te servirei por Raquel, tua filha menor. Então, disse Labão: Melhor que eu te a dê do que a outro varão, fica comigo. Assim serviu Jacó sete anos por Raquel e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava* (Gên. 29, 22-23). No dia do casamento, Labão trouxe Léia no lugar de Raquel e Jacó, sem se dar conta, tomou Léia como esposa. *Então juntou Labão todos os varões daquele lugar e fez um banquete. E aconteceu de tarde que tomou sua filha Léia e a trouxe, e Jacó entrou nela* (Gên. 29, 22-23). Na manhã do dia seguinte, Jacó, quando descobriu a trapaça protestou mas Labão defendeu-se alegando que era costume da terra jamais casar a filha mais nova antes da mais velha e que ele lhe daria Raquel por mais sete anos de

trabalho. E no fim do período, Jacó estava casado com duas mulheres e amasiado com duas concubinas: Zilpa, a serva de Léia, e Bilha, a serva de Raquel. O amor de Jacó por Raquel foi magistralmente registrado por Luiz de Camões no seguinte soneto:

> Sete anos de pastor Jacó servia
> Labão, pai de Raquel, serrana bela;
> Mas não servia ao pai, servia a ela,
> Ela só por prêmio pretendia
>
> Os dias na esperança de um só dia
> Passava, contentando-se em vê-la
> Porém o pai usando de cautela,
> Em lugar de Raquel lhe dava Lia.
>
> Vendo o triste pastor que com enganos
> Lhe fora assim negado a sua pastora
> Como se não a tivera merecida
>
> Começa a servir outros sete anos. Dizendo
> Mais serviria, se não fora, pera tão longo amor
> Tão curta a vida.

De acordo com o *Sefer Hayaschir*, história bíblica da Idade Média, Raquel anteviu o procedimento de seu pai e combinou com Jacó uma série de sinais secretos para que ele a reconhecesse e não fosse enganado, mas ao ver a irmã toda compenetrada, sendo conduzida ao altar, ficou com pena e transmitiu-lhe os segredos. Do mesmo modo, ao se deitar o casal no leito nupcial, Jacó conversava com Léia, enquanto Raquel, escondida debaixo da cama, respondia. Desse modo, Jacó fez amor com Léia pensando que ela fosse Raquel.

Léia teve seis filhos e uma filha com Jacó. Sua serva Zilpa teve dois. Raquel foi estéril durante muito tempo e tinha ciúmes de Léia e sua prolífica descendência, elemento central na vida das mulheres naquela época. O desespero de Raquel foi tão grande que ela chegou a pedir a morte: *Vendo pois Raquel que não dava filhos a Jacó teve inveja de sua irmã e*

disse a Jacó: Dá-me filhos senão morro (Gên. 30, 1). Por outro lado, Léia teve inveja de Raquel porque Jacó não lhe dava a mínima atenção. Um dia, Rubem, filho de Léia, foi ao campo e lá colheu mandrágoras para oferecer à mãe. Estas eram plantas muito usadas em feitiçaria, na Antigüidade. Raquel viu nas plantas a oportunidade única de conceber e pediu a Léia que lhe concedesse algumas. Mas Léia barganhou e exigiu trocar as mandrágoras pela cessão por Raquel, de Jacó, por uma noite. *Vindo pois Jacó do campo, saiu-lhe Léia ao encontro e disse: A mim entrarás porque te aluguei de Raquel com as mandrágoras de meu filho. E deitou-se com ela, naquela noite* (Gên. 30, 16). E Léia concebeu de novo e teve seu quinto filho. Mais tarde, deu-lhe outro filho e uma filha, Diná. Ao todo foram seis filhos, nesta ordem: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom. Raquel havia dado a Jacó sua serva Bilha, em compensação por sua esterilidade, e o patriarca teve com ela dois filhos: Dã e Naftali. Léia também lhe ofereceu sua serva Zilpa, e Jacó teve outros dois filhos com ela: Gad e Aser. Finalmente, seja por efeito das mandrágoras ou porque Deus afinal se apiedou dela, Raquel acabou engravidando, dando a Jacó seus dois últimos filhos: José e Benjamim, mas ainda aqui foi infeliz porque morreu de parto ao dar nascimento ao caçula.

Quando Jacó e sua comitiva deixaram Harã, Labão os perseguiu. Acusou Jacó de muitos delitos, inclusive do roubo de ídolos pagãos. Na realidade, o roubo fora feito por Raquel, que o guardou debaixo de seu assento no camelo e não permitiu que seu pai a revistasse alegando que estava menstruada.

O que se depreende é que Léia era feia, míope, quieta, dócil, aceitando de bom grado o Deus de Jacó, de quem almejava um pouco de carinho. Pensava que cada filho que gerasse atrairia o marido. Mas não conseguia competir com Raquel. Raquel era bela e invejava a capacidade da irmã de gerar filhos. Quando o segundo filho de sua serva nasceu, ela disse: *Com persistência insisti com Deus para igualar-me com minha irmã e também venci* (Gên. 30, 8). O que se deduz do roubo dos ídolos é que não acreditava plenamente no Deus do marido.

Jacó e Raquel se adoravam e tinham sonhos paralelos de grandeza: queriam sempre sobrepujar seus antecessores na linhagem: Esaú e Léia. Garantir o controle sobre o direito dos mais velhos, que existia à época. J. P. Fokelman, no seu livro *Narrative Art in Genesis* (1981), traça

meticulosamente os paralelos entre as histórias de Jacó e Raquel. Chama Raquel de Jacoba para acentuar seu papel como a verdadeira esposa. No princípio, parecia que Raquel, como Jacó, levaria a melhor. É por ela que o patriarca se apaixona. Ela era a mais bonita e Jacó enfrentou 14 anos para conquistá-la. O amor de Jacó ultrapassou sua ligação com Léia. O sonho de Léia para conquistar Jacó através de seus filhos evaporou-se. Jacó foi mesmo rebaixado à humilhante posição de objeto de troca entre as duas mulheres. Quando Léia vai ao seu encontro no campo e lhe diz que o ganhou em barganha, ele a segue sem discutir.

A morte de Raquel, mais do que sua vida, exprime seu trágico destino. Ela morre quando seu segundo filho está nascendo, no caminho de Efrat, no limiar da cidade imperial de Belém, e não chega a entrar na cidade. Também a futura dinastia real que começa com o Rei Davi se origina de Judá, o quarto filho de Léia. Ao morrer, Raquel chama seu segundo filho de *Ben Oni*, filho do sofrimento, mas Jacó muda seu nome para Benjamim - "filho da minha mão direita" - para evitar um nome tão melancólico e, ao mesmo tempo, como promessa à sua querida de que o seu filho iria prevalecer ao seu lado: *E aconteceu que estando ela em trabalho de parto, lhe disse a parteira, não temas, porque este filho também terás. E aconteceu que no momento em que lhe saía a alma chamou o seu nome Ben Oni mas seu pai o chamou Benjamim* (Gên. 35, 18).

Jacó chorará por Raquel o resto de sua vida. Muitos e muitos anos mais tarde, na véspera de sua morte, Jacó, no Egito, diz a seu filho José: *Vindo pois eu de Padã, me morreu Raquel, na terra de Canaã, quando faltava pequeno espaço para Belém e eu a sepultei ali* (Gên 48, 7). Além disso, gostava mais dos dois filhos de Raquel, José e Benjamim, do que dos filhos de Léia. Mas ao morrer preferiu ser sepultado ao lado desta, no túmulo onde estavam seus pais e seus avós do que ser sepultado como estranho, numa estrada, junto com Raquel. *Depois ordenou-lhes e disse-lhes: Eu me congrego ao meu povo. Sepultai-me com meus pais na cova que está no campo de Efron, o heteu. Na cova que está no campo de Campela, que está na frente de Manre, na terra de Canaã, a qual Abraão comprou com aquele campo de Efron, o heteu, por herança de sepultura. Ali sepultaram Abraão e Sara sua mulher; ali sepultaram Isaac e Rebeca sua mulher; ali eu sepultei Léia. O campo, e a cova que está nele, foi comprado aos filhos de Hete. Acabando pois Jacó de dar mandamentos aos seus filhos, encolheu os pés na cama e expirou e foi congregado ao seu povo* (Gên. 49, 29-33).

A amada Raquel é, porém, a matriarca favorita da tradição judaica. Isso se torna evidente nas lamentações do profeta Jeremias quando Jerusalém foi destruída e os judeus eram cativos na Babilônia. Raquel, e não Léia, é a mãe do povo judeu. *Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramã, lamentação e choro amargo. Raquel chora seus filhos, sem admitir consolação por eles porque já não existem. Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz de choro e as lágrimas de teus olhos, porque há galardão para o teu trabalho, diz o Senhor, pois eles voltarão da terra do inimigo* (Jer. 31, 15-16).

O Rapto e o Estupro de Diná

Diná, a filha de Jacó e Léia, protagoniza o primeiro estupro relatado na *Bíblia*. Adolescente, saiu para as ruas de Schechem (Siquém, hoje Nablus) para ver e acompanhar as danças e canções promovidas pelo príncipe da cidade para alegrar o povo. Quando o Príncipe, filho do Rei Hamor, que possuía o mesmo nome da cidade – Schechem –, a viu, seqüestrou-a e a violentou brutalmente: *E saiu Diná, filha de Léia, que esta dera a Jacó a ver as filhas da terra. E Schechem, filho de Hamor, o heveu, Príncipe daquela terra, viu-a e tomou-a e deitou-se com ela e a humilhou* (Gên. 34, 1-2).

Quando Jacó soube que Schechem havia deflorado sua filha, mandou doze de seus servos para trazê-la de volta, mas o Príncipe os enfrentou com seus homens e os expulsou. Além disso, beijou e acariciou Diná diante dos olhos dos mensageiros. Jacó mandou, então, duas adolescentes, filhas de servas, para fazer companhia a Diná, na casa do Príncipe. Por sua vez, este se apaixonou por Diná e pediu a seu pai, Hamor, que a requisitasse para ser sua esposa. *E apegou-se sua alma a Diná, filha de Jacó, e amou a moça e falou afetuosamente à moça. Falou também Schechem a Hamor seu pai, dizendo: Toma-me esta por mulher* (Gên. 34, 3-4).

Naquela época, as tribos semi-nômades de Canaã viviam uma existência quase selvagem. A poligamia era a regra. E quando um determinado clã era deficiente em mulheres, os homens assaltavam tribos rivais para seqüestrá-las. No período relatado nesta história, a cidade de Schechem era dominada pelos hivitas, um ramo não-semítico. E um grupo de hivitas invadiu o campo da tribo hebréia de Jacó, raptando jovens mulheres personificadas na pessoa de Diná. Fiéis a seu pacto com Abraão, os jacobinos até então se recusavam a casar com os hivitas, considerando

a assimilação sexual como primórdio de extinção. O texto do *Gênesis* em que Diná foi humilhada e o *Talmud*, mais tarde, interpretando o acontecido, consideram que o príncipe estuprou Diná de modo natural e também incomum, isto é, na vagina e no ânus. O termo hebraico *aneh* (traduzido como "humilhou") significa "dobrada e subjugada", e teria sido usado como expressão de sodomia forçada. O prazer sádico é significativo na história porque os hivitas eram genitalmente bem dotados, como eram, em geral, na opinião rabínica, quase todos os idólatras. O Rei dos hivitas chamava-se Hamor, e *hamûr*, da raiz hebraica *hamar* (inchar) significa asno, besta cujo vergalho incha rapidamente. A utilização do asno como símbolo de órgão masculino lascivo e grande é comum no Oriente Médio. Cada nação satirizava os órgãos genitais dos cidadãos das demais. Os judeus satirizavam o membro similar ao dos burros dos egípcios, enquanto o historiador Tácito (55-120 d.C.) comparou os israelitas a um asno com órgão lascivo e protruso. O seqüestro das mulheres hebréias foi uma forma de extorsão para forçar o casamento misto.

Quando o príncipe confessou ao pai que amava a hebréia, este a princípio tentou dissuadi-lo, mas seus esforços foram em vão, fazendo com que o Rei se dirigisse a Jacó para concretizar a solicitação. Neste ínterim, os filhos de Jacó voltaram do campo, e, inteirados do ocorrido, se revoltaram: *Quando Jacó ouviu que fora deflorada sua filha Diná, estavam os seus filhos no campo com o gado e calou-se Jacó até que viessem. E saiu Hamor, pai de Schechem, a Jacó para falar com ele. E vieram os filhos de Jacó do campo e ouvindo isto entristeceram-se e irritaram-se muito, pois aquele fizera doidice em Israel deitando-se com a filha de Jacó, o que não se devia fazer assim. Então falou Hamor com eles dizendo: A alma de Schechem, meu filho, está enamorada de vossa filha, dai-lhe-a, peço-vos, por mulher. E aparentai-vos conosco, dai-nos as vossas filhas e tomai as nossas filhas para vós. E habitareis conosco e a terra estará diante de vossa face. Habitai e negociai nela e tomai possessão dela* (Gên. 34, 5-10).

Embora sua honra tivesse sido brutalmente violada, os filhos de Jacó concordaram a princípio, só para ganhar tempo e pensar num estratagema que servisse de vingança contra os hivitas, que trataram a irmã como se fora uma prostituta. Pediram ao Rei e a seu filho que aguardassem uma decisão que viria após consulta ao patriarca Isaac, e, durante a espera, se abstivessem de molestar sua irmã. Schechem e seu pai, aparentemente esperançosos, voltaram para casa. Na manhã do dia seguinte, os

filhos de Jacó deram uma resposta afirmativa desde que todos os hivitas se circuncidassem, inclusive o Rei e o Príncipe. Para evitar conflitos com os hebreus e desejando reparar o erro, o Rei Hamor concordou e assim todos foram circuncidados. Ao todo, Schechem, seu pai, seus cinco irmãos e todos os homens da cidade, num total de seiscentos e quarenta e cinco, e ainda duzentos e seis garotos.

No terceiro dia após a circuncisão em massa, com os nativos ainda convalescentes, Simeão e Levi atacaram a cidade, degolaram todos os homens, resgataram Diná, confiscaram todos os bens e levaram todas as mulheres como escravas. Entre as mulheres, capturaram oitenta e cinco virgens, entre as quais uma jovem donzela de rara beleza, Buná, que Simeão tomou como mulher.

Judá e Tamar. Onã e o Onanismo

Os filhos de Jacó e Léia tinham inveja e até ojeriza aos de Raquel. Odiavam especialmente a José, que se vangloriava de seus sonhos e de que os dominaria a todos, no futuro. Além disso, percebiam que o pai o amava mais do que a eles. Chegaram a pensar em matá-lo, mas o venderam como escravo a mercadores que iam para o Egito. Para justificar seu desaparecimento, retiraram a túnica que ele vestia e a embeberam do sangue de um cabrito, rasgaram-na e a levaram ao pai, dizendo tê-la achado. Jacó pensou que o filho fora dilacerado por um animal selvagem. Chorou e lamentou-se por dias a fio e não queria consolo. Judá foi considerado responsável por seus irmãos e, repudiado, deixou a companhia destes e, através de seu servo Hira, travou conhecimento com Basran, o Rei canaíta de Adulão. Apesar de saber da corrupção de costumes que grassava entre os canaítas, Judá se encantou pela filha de um deles, chamada Schuá. Esta, num banquete dado por Adulão, serviu o vinho e Judá intoxicado pela bebida e pela paixão, a tomou e entrou nela e ela concebeu e teve um filho, chamado Er.

Os dois episódios: a venda de José e a partida de Judá estão entrelaçados. A dor inconsolável de Jacó, que lhe trazia permanentemente à lembrança seu crime, fez Judá partir para terras distantes e procurar em braços de mulher um alívio para sua culpa. Judá se relaciona com Schuá e, com ela, além de Er, tem mais dois filhos: Onã e Selá. O caráter

de Judá está implícito na história. Não esteve, por exemplo, com a mulher quando do nascimento de Selá, mas sim em Chezib. *E continuou ainda e teve um filho e chamou seu nome Selá. E ele estava em Chezib quando ela o teve* (Gên. 38, 5). Este local não é mencionado em nenhum outro trecho da *Bíblia*. A palavra *Chezib* significa, em hebraico, algo como falsidade ou mentira, e isto nos faz pensar que Judá foi irresponsável e infiel, características de seu comportamento posterior.

Atendendo ao desejo do pai, Er casou com Tamar, filha de Aram. Como ela não era canaíta, a mãe de Er, através de feitiçaria, evitou que os dois se conhecessem (no sentido de copular), e Er morreu logo depois do casamento, sem tê-lo consumado. O *Talmud* (*Yevamot*) diz que Er não queria que Tamar engravidasse para não perder sua beleza, e, assim, só tinha relações anais com ela e que, por isso, Deus o castigou com a morte. Então, Judá deu Tamar a Onã, seu segundo filho. Era a lei do levirato antecipada. Por essa lei, quando um dos irmãos morre sem descendência a viúva deve casar com o outro para que os bens não saiam da família. O primeiro filho deste segundo casamento deve receber o nome do irmão morto para que seu nome não seja apagado em Israel. Como a história mostra, esse costume já existia entre as tribos israelitas antigas.

Durante um ano inteiro, Onã viveu com Tamar sem *conhecê-la*, ainda por injunção de sua mãe. Quando seu pai o repreendeu, passou a ter relações, mas jogava o sêmen fora: *Er porém era mau aos olhos do Senhor pelo que o Senhor o matou. Então disse Judá a Onã: Entra na mulher de teu irmão. Onã porém soube que a descendência não seria dele e aconteceu que quando entrava na mulher de seu irmão derramava a semente na terra, para não dá-la a seu irmão. E o que fazia também era mau aos olhos do Senhor, pelo que o matou. E Judá disse à sua nora Tamar: Fica-te viúva na casa de teu pai, até que Selá meu filho seja grande, para que porventura não morra este, como seus irmãos. Assim foi-se Tamar à casa de seu pai* (Gên. 38, 6-11).

Este trecho mostra que Judá controlava sua família. Ele escolheu sozinho sua mulher, mas não deu este privilégio aos filhos. Queria determinar sua própria linhagem. O primeiro filho morreu sem que ele o tivesse lamentado. Ele determina, então, que o segundo filho seja seu substituto. Mas quando o segundo morre, ele não tem pressa em casar a viúva com o terceiro. O pretexto da juventude do terceiro deve ter sido um estratagema, temendo a sua morte. É possível até que Judá não tenha

mais pensado em casar Tamar com Selá. Tamar era uma *catlanit*, mulher que fez dois maridos morrerem e, com isso, estava proibida de se casar novamente.

Passa-se um ano, a mulher de Judá morre, e ele vai buscar consolo entre os tosquiadores de suas ovelhas, e Tamar vai ao seu encontro: *E deram aviso a Tamar: Eis que teu sogro está em Timna a tosquiar suas ovelhas. Então ela tirou de si os vestidos de sua viuvez e cobriu-se com o véu e disfarçou-se, e assentou-se na entrada das duas fontes que estão no caminho de Timna porque viu que Selá já era grande e ela não lhe fora dada como mulher. E vendo-a, Judá tomou-a por prostituta porque ela tinha coberto seu rosto. E dirigiu-se para ela no caminho e disse: Vem, peço-te, e deixa-me entrar em ti. Porquanto não sabia que era sua nora. Ela disse: Que darás para entrar em mim? E ele disse: Te enviarei um cabrito do rebanho. E ela disse: Dás-me penhor até que o envies? Então ele disse: Que penhor te darei? E ela disse: Teu sinete, teu manto e o cajado que está na tua mão* (Símbolos da realeza, do julgamento e do messianismo: as três distinções dos futuros descendentes de Tamar e Judá). *O que ele lhe deu e entrou nela e ela concebeu dele. E ela levantou-se e foi-se e tirou de sobre si seu véu e vestiu os vestidos de sua viuvez* (Gên. 38, 13-19).

Tamar convenceu-se de que Selá, já crescido, não iria casar com ela. Por sua vez, Judá, para consolar-se da morte da mulher, foi aos tosquiadores. Na época da tosquia havia grandes bacanais, regadas a vinho e comidas. Tamar conhecia bem o sogro e ao saber que ele fora à festa da tosquia, calculou suas intenções e resolveu manipular sua sexualidade. Diz-se que ela era profetiza e sabia que a realeza de Israel surgiria de seu relacionamento com Judá ou um de seus descendentes. Com Selá descartado, resolveu jogar a última cartada. Para se resguardar, exigiu os penhores de Judá, pois sabia de sua falta de caráter: *E Judá enviou o cabrito, pela mão de seu amigo, o adulamita, para recuperar o penhor da mão da mulher, porém não a achou. E perguntou aos homens daquele lugar, dizendo: Onde está a consagrada* [prostituta] *que estava no caminho, entre as duas fontes? E disseram: Aqui não estava consagrada alguma. Então, disse Judá: Tome-o ela para que porventura não venhamos em desprezo. Eu enviei o cabrito, mas tu não a achaste* (Gên. 38, 20-23).

O amigo de Judá não achou a prostituta mesmo tendo-a procurado entre as consagradas, mulheres que se entregavam para enaltecer os deuses canaítas da fertilidade. Mas a história tem outra seqüência: *E acon-*

teceu que quase três meses depois deram aviso a Judá dizendo: Tamar, tua nora, adulterou e eis que está grávida do adultério. Então, disse Judá: Tirai-a fora para que seja queimada. E tirando-a fora, ela mandou dizer a seu sogro: do varão de quem são esses objetos, eu concebi. E disse mais: Conhece, peço-te, de quem é esse selo, esta capa e este cajado. E conheceu-os Judá e disse: Mais justa é ela do que eu porquanto não a tenha dado a Selá meu filho. E nunca mais a conheceu* (Gên. 38, 24-26).

Diz-se que Judá, arrependido, não somente assumiu a culpa, como confessou a sua participação na venda de José e a confissão franca induziu Rubem a também confessar outro pecado que cometera contra seu pai e que até então mantivera em segredo: *E aconteceu que habitando Israel naquela terra* [Betel] *foi Rubem e deitou-se com Bilha, concubina de seu pai* (Gên. 35, 22). Os rabis dizem que foi uma vingança de Rubem, porque o pai, logo após a morte de Raquel, em vez de procurar sua mãe, Léia, a preteriu pela serva Bilha.

Tamar estava grávida de gêmeos. Na hora do parto, um dos gêmeos pôs a mão para fora e a parteira atou nela uma fita roxa para saber que ele havia saído primeiro. Mas ele recolheu a mão e o outro saiu primeiro. A parteira disse que ele rompera seu caminho e deu-lhe o nome de Perez (em hebraico, ruptura). Depois disso, saiu o irmão com a fita roxa e seu nome foi Zerá.

A história compensa as perdas de Judá. Perdera dois filhos e ganhou outros dois. E, através de Perez, sua linhagem seria gloriosa. Aqui também se repete a rivalidade entre irmãos: Caim e Abel, Isaac e Ismael, Jacó e Esaú, os filhos de Léia e José e, agora, Perez ultrapassando Zerá na hora do nascimento e ganhando com isso uma descendência de reis e imperadores e até de Jesus Cristo. E o canal para essa ilustre descendência é Tamar, eclipsada no resto dos textos bíblicos.

Em termos de mitologia, a dos judeus é completamente diferente das demais da Antigüidade pagã. Nestas o rei-herói tem origem legítima, que perde de início e posteriormente recupera. Os pais o abandonam, ele é criado por animais ou estranhos e após muitas peripécias volta a exercer o poder que era seu. Édipo, filho do Rei Ali, foi expulso pelo pai porque o oráculo predisse que ele o mataria. Recolhido por pastores, Édipo foi levado ao Rei de Corinto, que o educou. Ao crescer, consulta o oráculo, que lhe diz para não voltar à sua terra porque acabaria por matar seu pai

e desposar sua mãe. E isso se confirma. Na origem dos heróis da *Bíblia*, isso não acontece. Os filhos mais novos ultrapassam os primogênitos, Jacó ultrapassa Esaú, Isaac ultrapassa Ismael. José ultrapassa seus irmãos e Davi, sétimo filho, ultrapassa as barreiras de sua origem e, depois de apascentar suas ovelhas, é ungido Rei. O herói não é predeterminado, nem o do direito legítimo, mas o que obtém a glória subvertendo a ordem estabelecida. Para Goldin, este era o meio de reagir contra os abusos dos poderosos.

Nos primórdios da confederação hebréia dos descendentes de Judá, o casamento misto entre judeus e canaítas era comum, embora com a obrigação expressa dos hebreus de permanecerem hebreus, absterem-se de idolatria e educarem os filhos como judeus. Entre as práticas condenadas estava a contracepção e a prostituição sagrada, costumes aos quais eventualmente os descendentes de Judá se entregavam. Os talmudistas asseveram que Er e Onã foram castigados com a morte porque praticavam relações sexuais aberrantes: penetravam e ejaculavam fora ou tinham relações anais. Tamar, a personificação da mulher canaíta, é tida, no *Talmud*, como mulher habituada a se masturbar. O rabi Nachman (280-356 d.C.) diz que Tamar se friccionava com os dedos e outros textos bíblicos asseguram que todas as mulheres da casa do rabi Judah Hanasi que praticavam a fricção eram apelidadas de Tamar.

Na língua hebraica moderna, o masturbador é designado *Onã* e masturbação *ma'assêh Onã* (ato de Onã) ou *anonuth* (onanismo). O desperdício do sêmen pelos que têm relações e não as completam é expressamente proibido, como ressaltado pelo rabi Abraão Ben Hia (1065-1136): "De todos os pecados que aviltam o homem, o que mais o degrada aqui e no outro mundo é o desperdício da própria semente." Para Maimônides, ao masturbador se aplicam os dizeres de Isaías: *Tuas mãos estão cheias de sangue* (Isaías 1, 15) porque o ato da masturbação equivale ao assassinato de um ser humano. Originalmente, a proibição expressa teria surgido pelo antagonismo dos judeus às orgias dedicadas ao deus canaíta Moloch, nas quais o esperma humano era sacrificado: *E falou o Eterno a Moisés, dizendo: O homem dos filhos de Israel e do peregrino que habitar em Israel que der de sua semente a Moloch certamente será morto, o povo de Israel o apedrejará* (Lev. 20, 1-2).

Como vimos, o relato bíblico menciona a lei do levirato violada por Onã. Já as leis contra o incesto parecem contraditórias: *nudez da mulher do teu irmão não descobrirás, ela é a nudez de teu irmão* (Lev. 18-16). A punição é a impossibilidade permanente de ter filhos. O levirato representa uma profunda reformulação dessa lei. Finalmente, mencionamos aqui a questão das prostitutas ligadas ao culto pagão e encarnadas na pessoa de Tamar, que se disfarçou como tal. O culto é uma fornicação dedicada a Achera, a Vênus dos canaítas, destruída por Josué, que restaurou na sua integridade a religião patriarcal dos judeus. Não obstante, a adoração e o culto de Achera se repetiram por muitas vezes na história dos judeus, durante a época dos reis.

José e a Mulher de Potifar

José era o filho preferido de Jacó e odiado pelos irmãos porque se vangloriava de que iria dominá-los e que eles se prostrariam diante dele por cinco vezes. Um dia, os irmãos de José se afastaram de casa e demoraram a voltar e o pai, apreensivo, mandou que José fosse procurá-los. Eles encontraram aí a ocasião para vingar-se dele, jogando-o num poço. Pensaram em matá-lo, mas prevaleceu a decisão de vendê-lo como escravo a mercadores. Estes o revenderam ao chefe dos eunucos do Faraó, Potifar. Diz-se que Potifar ou Poti-Fera era homossexual e comprou José, que era muito belo, com propósitos escusos, mas que o anjo Gabriel mutilou o egípcio e ele não conseguiu cumprir seus desígnios. Aos poucos, José ganhou a confiança do patrão que se convenceu de sua honestidade e acabou por lhe entregar a gestão de seus negócios e a administração de sua casa. Tratou-o mais como pessoa da família do que como escravo: *E deixou tudo que tinha na mão de José, de maneira que de nada sabia do que estava com ele, a não ser do pão que comia* (Gên. 39, 6).

A beleza de José fez com que a mulher de Potifar se apaixonasse perdidamente por ele. No começo, tentou seduzi-lo com artifícios, sem confessar seu amor. Abraçava-o como se ele fosse seu filho. Vendo frustradas suas tentativas, quis seduzi-lo com promessas. Acabou jogando-se a seus pés, pedindo-lhe carinho. Ela não tem nome na *Bíblia*, o que acontece com muitas outras personagens, como a própria mulher de Judá. O *Sefer Hayaschar* diz que seu nome era Zelicá. De acordo com Raschi, José,

mais tarde, casou com a sua filha. Muitas e muitas vezes, ela repetiu seus gestos de aproximação. Era persistente e, sem dúvida, deve ter despertado o desejo de José ou pelo menos uma ponta de orgulho pelo fato de ser a mulher do patrão e tê-lo achado atraente. Mas a honestidade e a lealdade de José o impediram de ceder. *E aconteceu depois dessas coisas que a mulher de seu senhor pôs os olhos em José e disse-lhe: Deita-te comigo. Porém ele recusou e disse à mulher de seu senhor: Eis que o meu senhor não sabe do que há em casa comigo e entregou em minha mão tudo o que tem. Ninguém é maior do que eu nesta casa e nada me vedou senão a ti, porquanto tu és sua mulher. Como pois eu faria tamanho mal e pecaria contra Deus* (Gên. 39, 7-9). Um dia, depois de muitas tentativas, a mulher de Potifar, quando os dois estavam sozinhos em casa, avançou sobre José e este não teve outra alternativa senão fugir e na fuga deixou sua túnica nas mãos da apaixonada. Ela, então, para se vingar, armou um escândalo. Usou a túnica como evidência de tentativa de estupro por parte de José. *Sucedeu um certo dia, que veio à casa para fazer o seu serviço e nenhum dos da casa estava ali e ela lhe pegou pela sua túnica dizendo: Deita-te comigo. E ele deixou a túnica na mão dela e fugiu. E aconteceu que vendo ela que deixara a túnica na sua mão e fugira para fora, chamou os homens de sua casa e lhes disse: Vede, trouxe-nos o varão hebreu para escarnecer de nós, entrou até mim para deitar-se comigo e eu gritei em alta voz, e aconteceu que ouvindo ele que eu levantava a minha voz, deixou a túnica comigo e fugiu. E ela pôs a túnica perto de si até que seu senhor veio à sua casa. E disse-lhe o mesmo: Veio a mim o servo hebreu que nos trouxeste para escarnecer de mim. E aconteceu que levantando eu a minha voz e gritando, ele deixou sua túnica comigo e fugiu* (Gên. 39, 11-18).

José foi posto em uma prisão, onde ficou por três anos. Logo conquistou as graças do chefe da carceragem, que lhe entregou a administração de todo o presídio. Destacou-se como intérprete de sonhos dos prisioneiros, e a fama granjeada pela precisão de suas interpretações logo se espalhou. Foi convocado para interpretar os sonhos do Faraó e previu para o Egito sete anos de bonança seguidos de sete anos de fome. E o Faraó o nomeou para gerir o Egito e organizar a agricultura e a economia, de modo a abastecer o país nos anos de prosperidade e armazenar alimentos e bens para os anos de desgraça. José passou a ser uma espécie de primeiro-ministro do Egito e se casou com a filha de um sacerdote de Om, honra suprema no país. Chamava-se Asnat e era filha de Diná, nascida de seu estupro.

Os sonhos de José são destaque na obra de Sigmund Freud. O pai da psicanálise fala sobre o livro egípcio dos sonhos e mostra sua identificação com José e com a *Bíblia*, utilizando a história de José para mostrar que os sonhos são suscetíveis de interpretação. Freud opôs-se, assim, às teorias então dominantes de que os sonhos não possuíam significado, e adotou o ponto de vista do mundo leigo, habituado à interpretação.

Na sua posição de mandante, José recebeu Jacó e seus filhos, que para lá foram, tangidos pela fome. Ele os recebeu e, apesar do passado, os amparou. Depois da morte de Jacó e de José, os judeus se multiplicaram no Egito. E os egípcios, ciosos de seu poder, escravizaram as tribos judias. Tudo aconteceu por volta do século XIII a.C., quando os judeus no Egito constituíam uma confederação de tribos nômades que a si mesmo denominavam *habiru* (a liga). Era um clã de pastores, agricultores, operários, mercadores e mercenários influentes no Egito, para onde haviam emigrado premidos pela fome. Constituíam uma ameaça ao absolutismo faraônico e, por isso, foram perseguidos e levados à servidão. O esplendor do reino egípcio de Ramsés II foi em grande parte devido à exploração dos escravos judeus. O pesadelo teve fim através de uma figura de incrível saber e dinamismo que uns acreditam ter sido um egípcio e, a maioria, de ter sido um hebreu da tribo dos levitas. Qualquer que tenha sido sua origem, lutou ele pela causa da comunidade oprimida e conseguiu que ela voltasse até Canaã, após prolongada peregrinação no deserto.

CAPÍTULO V

MOISÉS – O LEGISLADOR DO JUDAÍSMO. MÍRIAM E ZÍPORA

A História de Míriam

De acordo com a *Bíblia*, como a população judia houvesse crescido enormemente (seria então de 600.000 almas), o Faraó ordenou às parteiras egípcias que matassem todos os recém-nascidos do sexo masculino das hebréias, logo após o parto. As parteiras, contudo, tementes a Deus, não cumpriram as ordens. Diz-se que as parteiras eram Jochebed, a mãe de Moisés, e sua filha Míriam, irmã de Moisés. Míriam foi denominada "Puá", a partir da terminologia hebraica, porque desafiou o Faraó e Jochebed "Schifrá", porque conseguiu acalmar o Faraó quando este quis castigar Míriam com a morte, por sua desobediência. Mas o Faraó persistiu nos seus desígnios e ordenou que todos os recém-nascidos judeus fossem jogados no rio. Foi quando a mulher de um levita, também levita, Jochebed, teve um filho e escondeu-o durante três meses. Tomou então uma arca de juncos, besuntou-a com piche, pôs nela o menino e lançou a arca ao rio. A irmã do menino pôs-se ao longe, de vigília, e viu a filha do Faraó, que ia lavar-se, reparar na arca, encantar-se com o garoto e tomar posse dele. Então, Míriam se aproximou da princesa e sugeriu-lhe uma ama, para criá-lo até que crescesse e a ama sugerida foi sua mãe, Jochebed. Quando o menino cresceu, a princesa deu-lhe o nome de Moisés, que significava "tirado da água". Foi a primeira aparição de Míriam na *Bíblia*. Educado no palácio imperial, Moisés se encolerizou quando viu um guarda vergastar um escravo judeu, e o matou. O Faraó soube da

atitude de Moisés e queria matá-lo, o que fez com que ele fugisse do país. Na fuga, encontrou abrigo na casa de um midianita e casou com sua filha, Zípora. No deserto, recebeu a missão divina de libertar seu povo. Tentou barganhar com o Faraó, mas só quando Deus lançou sobre os egípcios uma série de pragas obteve a liberdade e a permissão de sair do Egito, comandando o êxodo de seu povo. E, no deserto, Míriam reaparece como profetisa, dançarina e cantora: *Então Míriam a profetisa, a irmã de Arão* [irmão de Moisés] *tomou o tamboril na sua mão e todas as mulheres saíram atrás dela com tambores e com danças. E Míriam lhes respondia: Cantai ao Senhor porque sumamente se exaltou e lançou no mar o cavalo e o cavaleiro* (Êxodo 15, 20-21). Era uma alusão à travessia do Mar Vermelho, quando os judeus seguiram em frente porque Deus separou as águas, e os egípcios que vinham em sua perseguição morreram afogados.

A figura de Míriam desaparece então, reaparecendo mais tarde em pleno deserto onde os judeus peregrinavam, ciosa de seus direitos e criticando as prerrogativas que Deus dera a Moisés. Ela e Moisés eram levitas, filhos dos mesmos pais. Além disso, Moisés casara com mulher *cuschita*, de tez escura, de origem alienígena, alheia ao judaísmo: *E falaram Míriam e Arão contra Moisés, por causa da mulher cuschita que tomara. E disseram: Porventura falou o Senhor somente para Moisés? Não falou também para nós? E o Senhor o ouviu. E era o varão Moisés muito modesto, mais do que todos os homens que havia sobre a terra. E logo o Senhor disse a Moisés, a Arão e a Míriam: Vós três, saiam da tenda da congregação! E saíram os três. Então o Senhor desceu na coluna da nuvem e se pôs na porta da tenda. Depois chamou a Arão e a Míriam e eles saíram ambos. E disse: Ouçam agora as minhas palavras: se entre vós houver profeta, eu o Senhor em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com meu servo Moisés que é fiel em toda a minha casa? Boca a boca falo com ele e de vista e não por figuras, pois ele contemplará a glória do Eterno. Porque pois não tivestes temor de falar contra meu servo, contra Moisés. Assim a ira do Senhor contra eles se acendeu e se foi. E a nuvem se desviou de sobre a tenda e eis que Míriam se tornou leprosa como a neve. E olhou Arão para Míriam e eis que ela era leprosa. E disse Arão a Moisés: Rogo-te meu Senhor, não ponhas sobre nós esse pecado, pois loucamente procedemos e pecamos. Não seja ela igual a um morto, pois dado que ela saiu do ventre de nossa mãe, isso seria como se fosse consumida a metade de nossa carne. E clamou Moisés ao Senhor, dizendo: Rogo-te que a cures. E disse o Eterno a Moisés: Se seu pai se*

tivesse zangado com ela, não deveria ela ficar envergonhada por sete dias? Seja ela encerrada por sete dias fora do acampamento e depois libertada. E foi encerrada fora do acampamento por sete dias e o povo não partiu até que ela fosse libertada (Num. 12, 1-15). A propósito desse episódio, o rabi Hanina disse que a lepra é o castigo dos caluniadores. Mesmo Míriam, sempre reta e virtuosa, ao caluniar seu irmão Moisés, foi atacada pela praga como advertência a todos aqueles que caluniam.

Segundo o *Midraschim*, Míriam e Arão falaram contra Moisés quando tomaram conhecimento de que ele abandonara a esposa, Zípora. Souberam disso quando a esposa, comentando a revelação do espírito de Deus aos anciãos, disse: "as esposas destes deviam se lamentar em vez de se alegrarem, pois meu esposo, desde que recebeu o espírito de Deus, deixou de aproximar-se de mim." Ainda de acordo com as mesmas fontes, Arão também foi castigado com a lepra, sendo curado na mesma hora. Outra versão é a de que a mulher cuschita citada seria a própria Zípora. Neste caso, a principal instigadora teria sido Míriam, uma vez que ela aparece em primeiro lugar e a expressão *falaram contra* aparece, em hebraico, na forma feminina. Também nas queixas dos dois irmãos contra Moisés, este não responde. É Deus quem intervém na rivalidade. Reafirma seu favoritismo, pune os dois rebeldes, mas a punição de Míriam é maior, sugerindo que a lei tem menos simpatia pelas vozes de oposição das mulheres. A punição de Míriam pareceu severa demais a Arão, que se sentiu na obrigação de defendê-la. Mas tendo aprendido o valor da hierarquia, em vez de se dirigir diretamente a Deus, apela a Moisés. Míriam, que havia desempenhado papel fundamental quando Moisés foi jogado ao rio, e havia sido líder nas comemorações das mulheres após a travessia do Mar Vermelho, de repente, se vê repudiada ao ser castigada com a lepra. Em resposta ao pedido de Moisés, Deus diz ser este um castigo brando, de pai para filha. Trazida de volta ao acampamento, Míriam morre: *E vieram os filhos de Israel, toda a congregação ao deserto de Tsin no primeiro mês e esteve o povo em Cadesch e morreu aí Míriam e foi sepultada* (Num. 20, 1).

Assim, já nos tempos de Moisés, uma mulher de valor, foi silenciada e enterrada sem pompa, por ter aspirado uma posição de maior destaque. Inclusive, mais tarde, é ela apresentada como exemplo de réprobo e do desterro: *Guarda-te da chaga da lepra observando bem e agindo de*

acordo com tudo que te ensinaram os sacerdotes levitas, como lhes ordenei, cuidareis de fazer. Recorda-te o que fez o teu Deus, o Eterno, a Míriam no caminho quando saíste do Egito (Deut. 24, 8-9).

Finalmente, porém, nas palavras do profeta Miquéias, ela é reabilitada: *Certamente, te fiz subir das terras do Egito e da servidão e pus diante de ti Moisés, Arão e Míriam* (Miquéias, 6, 4). O título dado a Míriam de profetiza, a audácia com que ela exige igualdade de tratamento com Moisés, a severidade de sua punição e, finalmente, seu aparecimento como libertadora ao lado dos irmãos, em Miquéias, fazem supor que ela foi uma figura muito importante.

O Midrasch, por isso, a valoriza e diminui o significado de sua punição. Afirma que Arão também foi punido. E além de salientar as profecias de Míriam, atribui-lhe o aparecimento de fonte milagrosa que matou a sede dos judeus no deserto. De acordo com os rabis, pelo mérito de Moisés, os judeus receberam no deserto o maná que os alimentou. Pelo mérito de Arão, nuvens de glória protegiam os peregrinos. Pelos méritos de Míriam, uma fonte miraculosa acompanhava a comunidade. A água jorrava de um rochedo poroso toda vez que os anciãos falavam a ele ou para ele cantavam. Dizem as lendas que quando Deus criou o mundo, na véspera de Sábado, criou a fonte junto com o maná. O rabi Yohanan disse que a fonte regava as ervas dos jardins, as sementes das plantas e todas as árvores frutíferas. Quando Míriam morreu, a fonte desapareceu. Logo após a descrição de sua morte, vem a afirmativa: *Não havia água para a congregação* (Num. 20, 2). E Moisés foi obrigado a usar uma vara para bater na rocha e obter o líquido: *E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Toma a vara e ajunta a congregação. Tu e Arão, teu irmão. E falai à rocha perante os seus olhos e dará a sua água, assim lhes tirareis água da rocha e dareis de beber à congregação e a seus animais. E Moisés tomou a vara diante do Senhor como lhe havia ordenado. E Moisés e o irmão reuniram a congregação e feriu a rocha duas vezes, e saiu muita água e bebeu a congregação e seus animais* (Num. 20. 7-11). Há, assim, uma diferença entre Míriam e Moisés. A primeira obtinha água através de cânticos dos anciãos, enquanto Moisés só a obteve ferindo a rocha. Dorothy Zeligs, em estudo psicanalítico (1986), ressalta que a atitude agressiva de Moisés seria secundária ao desespero por ter perdido a irmã, que foi como uma mãe para ele. Míriam é curiosamente a única mulher

da *Bíblia* cuja descendência não é citada, o que faz supor que ela morreu virgem.

Por detrás de Míriam, temos a grande mãe das águas dos credos pagãos, a fonte da água viva. A imagem da água está intimamente ligada a ela. Ela pôs seu irmão na água e o viu ser salvo após sua vigília. Passou com os israelitas através das águas do Mar Vermelho e comemorou o fato com danças e canções. Seu nome deriva de *marim* (amargo), mas a água provida no deserto por sua fonte era doce e salvadora. Dizem as lendas que os rios derivados da fonte de Míriam eram tão largos que se fazia necessário um bote para cruzar de uma margem à outra. Míriam, líder dos judeus no deserto, também pode ser considerada como uma de suas matriarcas.

Zípora e Moisés

Moisés foge do Egito após matar um capataz que vergastara um escravo judeu e detém-se na terra de Jetro, um midianita por cuja filha, Zípora, se apaixona, casando-se com ela e passando a habitar na casa do sogro.

Diz a lenda que Moisés conheceu Zípora junto com as outras seis filhas de Jetro, perto de uma fonte. Aliás, as paixões e os casamentos na *Bíblia* sempre têm fontes como cenário. Perto de uma fonte, Eliezer, o enviado de Abraão escolhe Rebeca para mulher de Isaac. Perto de uma fonte, Jacó se apaixona por Raquel. E, perto de uma fonte, Moisés conhece Zípora. Moisés pede a Zípora que case com ele, mas ela reluta. Diz que o pai tem uma árvore no jardim com a qual testa todos os pretendentes de suas filhas e quando algum forasteiro toca na árvore, é devorado por ela. A árvore deriva de uma vara que Deus deu a Adão quando este foi expulso do paraíso. Foi uma das últimas criações divinas, na véspera de Sábado, o dia em que descansou. Adão transmitiu a vara para Enoque e este deu-a a Noé e Noé a Sem. Sem deu-a a Abraão e este a Isaac e Isaac a José. Quando José morreu, seus bens foram levados ao palácio do Faraó. Jetro era escriba do palácio. Encantou-se pela vara e a roubou. Um dia, estava carregando a vara no jardim e ela ficou encravada na terra. Tentou retirá-la, mas viu que ela se transformara em árvore florida. Com a árvore, Jetro testava todos os pretendentes. Só daria suas filhas a quem conseguis-

se arrancar a árvore do solo. Moisés tentou e conseguiu. Mas teve de enfrentar outros obstáculos antes de casar com Zípora. O midianita não queria que sua filha casasse com um judeu e jogou Moisés numa cova para que ele morresse de fome e sede. Mas Zípora, em segredo, alimentou Moisés durante sete anos. O milagre da sobrevivência convenceu Jetro que, então, permitiu o enlace. Mas, antes disso, exigiu que as crianças nascidas em sua casa fossem divididas em dois grupos iguais, criado um na religião judia e o outro na religião dos egípcios. Quando Zípora teve o primeiro filho, Moisés o circuncidou e o chamou Guerschon (Gérson), como lembrança de sua vida como *guer* (estrangeiro). Zípora amamentou o filho durante dois anos e, no terceiro ano, teve um segundo filho que, de acordo com o trato feito, não foi circuncidado.

Foi quando Deus apareceu e ordenou à Moisés que chefiasse seu povo e o tirasse do Egito. Ao voltar ao Egito, na companhia dos dois filhos e da mulher, o Eterno quis matá-lo: *E foi no caminho, na estalagem, encontrou-o o anjo do Eterno e quis matá-lo* (Êxodo 4, 24). Zípora tomou de uma pedra afiada e circuncidou o prepúcio do filho não-circuncidado, lançou-o a seus pés e disse: *Esposo sanguinário tu és para mim e desviou-se dele e então ela disse esposo sanguinário por causa da circuncisão* (Êxodo 4, 25-26).

É uma história enigmática, que levanta uma série de dúvidas. Por que Deus quis matar Moisés? Por que este não se manifestou? Por que Zípora se apressou em circuncidar o filho? E por que a expressão "esposo sanguinário". Freud acreditava que esta passagem comprova sua tese de que os egípcios deram origem à circuncisão. Nenhum povo do Oriente fazia uso deste costume. Para ele, Deus se teria irritado com Moisés por não ter circuncidado seu segundo filho e sua esposa, a midianita, o teria salvo da morte ao efetuar o corte. Sua estratégia de trocar o prepúcio e um punhado de sangue pela vida do marido apaziguou Deus. Zípora deu a Deus uma substituição simbólica. Uma substituição simbólica da castração. Para o historiador Umberto Cassuto (1971), a expressão "esposo sanguinário" significa que Zípora, ao salvar o marido da morte, lhe disse: "Eu te salvei da morte por meio do sangue de nosso filho e tu, retornando à vida, é como se me desposasses uma segunda vez e agora como esposo de sangue, porque foi um esposo adquirido através do sangue."

Segundo Ilana Pardes, professora da Universidade de Princeton, E.U.A., no livro *Countertraditions in the Bible* (1992), toda a história seria

uma versão modificada do mito egípcio de Ísis e Osíris. Ísis, deusa da medicina, do casamento e da agricultura, esposa e irmã de Osíris, o deus protetor da morte, ganhou fama pela ressurreição de seu marido-irmão e pela salvação do filho dos dois, Hórus. Osíris era regente divino do Egito e foi assassinado pelo irmão, o ciumento Set. Este atraiu Osíris para deitar-se num luxuoso sarcófago, depois fez com que os seus auxiliares o fechassem abruptamente e o jogassem no rio. Após intensa procura, Ísis achou o sarcófago, mas Set recuperou o corpo do irmão e o desmembrou. Ísis conseguiu reunir os membros de Osíris e o fez reviver por meio de fórmulas mágicas e através do movimento ondulatório de suas asas. O foco da ressurreição foi o revivescer do falo de Osíris e a conseqüente gravidez de Ísis. E, assim, Osíris começou sua trajetória como deus dos mortos e da vegetação. Para Pardes, na história bíblica, há também um violento agressor, o Deus dos Hebreus, querendo eliminar Moisés. Também aí a mulher salva o marido e também aí o pênis é objeto de tratamento. Inclusive, a história de Ísis arrancando Osíris do sarcófago lembra a de Moisés salvo da arca que o afogaria no rio Nilo. Na lenda egípcia, Ísis dá à luz Hórus, num cesto de papiro, e o esconde para evitar que Set o mate. E, devido aos cuidados que ela dispensa a Hórus torna-se a parteira divina dos reis.

Zípora volta a ser citada na *Bíblia* quando seu pai a devolve a Moisés: *E escutou Jetro, chefe dos midianitas, sogro de Moisés, tudo o que fez Deus a Moisés e a Israel, seu povo, e como tirou Israel do Egito. E tomou Jetro, sogro de Moisés, a Zípora, a mulher de Moisés, depois que ele a tinha enviado. E a seus dois filhos, dos quais um se chamava Guerschon, porque disse: Peregrino* [guer] *fui em terra estranha, e o nome do outro Eliezer, pois o Deus de meu pai veio em minha ajuda e livrou-me da espada do Faraó. Vindo pois Jetro, o sogro de Moisés, com seus filhos e a sua mulher, a Moisés, no deserto, no monte de Deus, onde tinha acampado, disse a Moisés: Eu, teu sogro Jetro, venho a ti com tua mulher e seus dois filhos com ela. E saiu Moisés ao encontro de seu sogro e prostrou-se e o beijou. E perguntaram um ao outro pela sua paz e vieram à tenda* (Êxodo 18, 1-7). Nós não sabemos porque Moisés havia mandado embora a mulher e os dois filhos, mas o fato é que nem a saudou quando ela retornou. Só falou com o sogro, mostrando que seu relacionamento com a esposa tinha pouco significado. Na expressão de Erich Auerbach (1974), a representação de Zípora na *Bíblia* é muito obscura.

A Farra de Schitim

De acordo com o historiador J. B. Hannay (*apud* Allen, 1967), baseado no trabalho, *Historium Judaeorum*, do escritor latino do século II, Justin, a verdade sobre o êxodo é que ele era formado por um bando de leprosos, doentes e escravos judeus, expulsos do Egito quando o oráculo do deus Amin declarou-os culpados das doenças pestilentas que assolavam o país. Justin não foi o único historiador da Antigüidade a adotar esta versão. Também o fizeram: Manethon, sacerdote e historiador egípcio do século III, autor de uma história do Egito; Tácito, o autor romano que viveu em Roma entre 55 e 120 d.C.; e Desdouros da Sicília, historiador grego do século I, contemporâneo do Imperador Augusto.

É razoável admitir que muitos dos hebreus estavam com lepra e doenças venéreas, durante o êxodo, como fazem supor os decretos sanitários de Moisés, mas seguramente é exagero presumir que centenas de milhares de judeus tenham sido expulsos em conseqüência do estrago imenso que teriam causado. Possivelmente, como é habitual na história dos judeus, eles foram o bode expiatório revelado pelo oráculo. De qualquer modo, Moisés capitaneou os judeus e os manteve durante 40 anos no deserto porque queria fortalecê-los através do crescimento demográfico, principalmente porque, naquela época, as tribos pequenas eram dizimadas pelas grandes. Daí, as leis rituais mosaicas sobre a obrigatoriedade de propagar a espécie. O próprio Moisés teria sido bastante prolífico, com pelo menos duas mulheres e um número não citado de descendentes.

O *Midrasch* interpreta o Salmo 10, 16: – *E tiveram inveja de Moisés no acampamento e de Arão, o santo do Senhor,* dando a entender que cada peregrino suspeitava que sua mulher tivera relações com Moisés. Pura calúnia. Os profetas todos eram austeros e Moisés por demais atarefado e preocupado. Mas Arão parece que se dedicava mais aos prazeres da carne, como o demonstrou ao reconduzir seu povo às orgias egípcias.

Enquanto Moisés meditava nas montanhas consultando Deus e trazendo os dez mandamentos, o hierarca Arão foi induzido a modelar a imagem de Ápis (o deus-touro da fertilidade) com o ouro dos brincos das mulheres judias: *Mas vendo o povo que Moisés tardava a descer do monte, ajuntou-se o povo a Arão e disseram-lhe: Levanta-te, faz-nos deuses que vão adiante de nós porque quanto a este Moisés, esse homem que nos tirou da terra do Egito,*

não sabemos o que lhe sucedeu. E Arão lhes disse: Arrancai os pendentes de ouro que estão nas orelhas de vossas mulheres e trazei-mos. Então, todo o povo arrancou os pendentes de ouro que estavam nas suas orelhas e os trouxeram a Arão. E ele os tomou de suas mãos e formou o ouro com um buril e fez dele um bezerro de fundição. Então disseram: Estes são teus deuses, oh Israel, que te tiraram da terra do Egito (Êxodo 32, 1-4).

No dia seguinte, foi a festa do sacrifício: uma orgia de bebidas, comidas, danças e atos libidinosos, num ritual sagrado auto-erótico e homossexual, que teria irrompido porque o número de homens excedia o das mulheres. Quando Moisés chegou ao acampamento e viu as orgias, enfureceu-se, quebrou as tábuas da lei com os dez mandamentos que trouxera, queimou o bezerro de ouro e mandou matar os idólatras. Reuniu sua guarda pessoal de levitas, atirou-a contra o povo que estava despido e matou cerca de três mil. O massacre deveria ser profilático e exemplar. Mas isso não aconteceu, como o prova a nova explosão de lascívia e concupiscência que ocorreu em Schitim, nas planícies de Moab.

No caminho de volta a Canaã, quando os hebreus estavam em Schitim, começaram a misturar-se com as mulheres das tribos midianitas, idólatras, mas belas e promíscuas. Considerando-se as fortes emoções de uma estada prolongada no deserto, era provável que alguns hebreus se misturassem e prostituíssem com as complacentes midianitas: *E Israel deteve-se em Schitim e o povo começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. E convidaram o povo ao sacrifício de seus deuses e o povo comeu e se inclinou aos seus deuses* (Num. 25, 1-2)

Zimri ben Salu (filho de Salu), chefe da tribo de Simão, foi o que deu o exemplo mais significativo, tomando como amante Cozbi Bath Zur (filha de Zur), filha do Príncipe midiantia. Milhares seguiram esse exemplo, tomando mulheres estranhas como companheiras e fazendo sacrifícios ao deus Baal Peor. Era uma divindade sobre cujo pênis cada moça era obrigada a se sentar para ter o hímen rompido. Zimri desafiou Moisés e, de acordo com o historiador Flavius Josephus, atiçou o povo contra ele dizendo que Moisés os conduziria a uma escravidão pior que a do Egito. Textos talmúdicos dizem que Zimri e Cozbi fornicaram 424 vezes sem interrupção. Julgando essa estimativa exagerada, outro texto reduziu o número para 60, afirmando que terminaram quando os testículos de Zimri estavam inflamados e a vagina de Cozbi parecia um rego cheio de

água. O rabi Cahan sugeriu que o útero de Cozbi era como um silo e o rabi Joseph adicionou que a abertura de seu útero tinha quase meio metro, o que leva a supor que o pênis de Zimri era enorme.

Na ocasião, um jovem clérigo, Finéias ben Eliazar, neto de Arão, se apossou de uma lança, entrou na tenda onde o casal estava se entregando à orgia e atravessou a ambos pela barriga: *Vendo isto Finéias ben Eliazar, filho de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, se levantou do meio da congregação e tomou uma lança na sua mão. E foi atrás do varão israelita até a tenda, e atravessou a ambos, ao varão israelita e à mulher, pela sua barriga. Então a praga cessou de sobre os filhos de Israel* (Num. 25, 7-8).

De acordo com o *Talmud*, Finéias introduziu a lança através dos órgãos sexuais do homem e da mulher. Philo Judaeus (25-50 a.C.) filósofo e historiador judeu, contemporâneo de Jesus, relata que Finéias os atravessou com a lança e também cortou seus órgãos sexuais. Encorajado pela ação de Finéias, Moisés reuniu novamente sua guarda de levitas e ordenou um massacre geral de todos os hebreus que veneravam Baal Peor. O número de mortos chegou a 24 mil, entre os que morreram pela espada e os que morreram por doenças venéreas adquiridas pela promiscuidade sexual, embora maior número tenha morrido pela espada. Depois, Moisés vingou-se dos moabitas matando todos os seus homens adultos, inclusive o Príncipe Zur. A princípio, mulheres e crianças foram poupadas. Mas quando Moisés considerou as mulheres como culpadas de sedução e constatou que muitas crianças haviam praticado atos de pederastia, ordenou que todas as moabitas e todos os garotos que tinham dormido com um judeu fossem mortos. Sobreviveram 32 mil garotas virgens.

As Filhas de Zelofeade e o Direito das Mulheres

A história das filhas de Zelofeade é importante não pelo seu sentido erótico mas porque é o primeiro registro na *Bíblia* que dá às mulheres o direito de herança dos bens paternos. Antes da morte de Moisés, Deus ordenou que ele dividisse a terra prometida entre os israelenses. As filhas de Zelofeade, que viveu piedosamente, souberam que a divisão seria feita entre os membros masculinos das tribos, excluindo as mulheres. Reuniram-se então para debater o assunto e chegaram à conclusão que o amor de Deus não era igual ao dos homens, que preferem os filhos

homens. Sua piedade era igual para todos. Mantiveram, assim, a esperança de que poderiam demover os dirigentes e obter a parte cabível das terras.

Não trouxeram sua reivindicação diretamente a Moisés e só após recursos sucessivos chegaram a ele. Mas Moisés se sentiu incapaz e apelou para Deus: *Porém, Zelofeade, não tinha filhos senão filhas* (Num. 26, 33). E, mais adiante: *E chegaram as filhas de Zelofeade, filho de Hefer, filho de Geliade, filho de Maquir, filho de Manassés, filho de José. E estes são os nomes das filhas: Macia, Noa, Hogia, Milca e Tirza. E puseram-se diante de Moisés e diante de Eliezer, o sacerdote, e diante dos príncipes e de toda a congregação, dizendo: Nosso pai morreu no deserto e não estava na congregação dos que se voltaram contra o Senhor, mas morreu no seu próprio pecado e não teve filhos. Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio de sua família, porquanto não teve filhos? Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai. Moisés levou a sua causa perante o Senhor. E falou o Senhor a Moisés dizendo: As filhas de Zelofeade falam corretamente, certamente lhes darás possessão da herança entre os irmãos de seu pai e a herança de seu pai farás passar a elas. E falarás aos filhos de Israel dizendo: Quando alguém morrer e não tiver filho, fareis passar a sua herança para sua filha. E se não tiver filha, então sua herança dareis a seus irmãos. Se também o pai não tiver irmãos, então a sua herança dareis ao seu parente que lhe for mais chegado, na sua família, para que a possua. Isto aos filhos de Israel será estatuto de direito, como o Senhor ordenou a Moisés* (Num. 27, 1-11).

Segundo o rabi Aquiva, Zelofeade foi o homem que flagrado ao apanhar lenha num sábado foi condenado à morte: *Estando pois os filhos de Israel no deserto acharam um homem apanhando lenha no dia de Sábado e os que o acharam apanhando lenha o trouxeram a Moisés e a Arão e à congregação. E o puseram em guarda, porque ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer. Disse pois o Senhor a Moisés: Certamente morrerá o tal homem. Toda a congregação com pedras o apedrejará para fora do arraial. Então toda a congregação o tirou para fora do arraial e o apedrejaram e morreu como o Senhor ordenara a Moisés* (Num. 15, 32-36). Mas, segundo o rabi Simão, foi ele um dos corajosos que subiu ao cume do monte para lutar contra os amalequitas e os cananeus apesar do aviso dado por Deus: *Mas Moisés disse: Por que quebrantais o mandato do Senhor? Pois isso não prosperará. Não subais porque o Senhor não estará no meio de vós para que não sejais feridos diante de vossos inimigos. Porque os amalequitas e os cananeus estão ali, e diante de vossa face*

caireis à espada, pois enquanto vos desviares do Senhor o Senhor não estará convosco. Contudo, temerariamente, tentaram subir ao cume do monte, mas a arca da aliança do Senhor com Moisés não saiu do meio do acampamento. Então desceram os amalequitas e os cananeus que habitavam na montanha e os feriram e derrotaram ... (Num. 14, 41-45).

A vitória feminista das filhas de Zelofeade não foi completa. Os anciãos da tribo de Zelofeade temiam que as herdeiras levassem a herança, por casamento, a outras tribos que não a de sua origem (Manassés) e, assim, através de Moisés, Deus exigiu que elas se casassem na própria tribo. E elas se casaram com seus primos. Também pela legislação bíblica, os homens precedem as mulheres e, assim, estas nada herdam se há algum filho e as irmãs nada recebem se não há filhos e filhas mas há irmãos na família.

CAPÍTULO VI

O CÓDIGO MOSAICO DA SEXUALIDADE

A *Bíblia*, desde os seus primórdios, comanda a sexualidade entre os homens: *E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a* (Gên. 1, 28). Isto, logo depois de ter criado o primeiro ser humano.

As leis criadas por Moisés destinavam-se a fortalecer os hebreus através de medidas sanitárias que evitassem as doenças e do estímulo à propagação da espécie. A circuncisão, os tabus contra a menstruação, as doenças venéreas, a masturbação, o incesto, o adultério, a prostituição, o estupro, a castração tinham como finalidade preservar a pureza sexual e propagar a raça. Por isso, todas as atividades sexuais fora do casamento eram rigorosamente invectivadas.

Ao cuidarmos dos vários itens do código mosaico ligados ao sexo, vamos debatê-los não somente naquilo que Moisés determinou na sua legislação mas também em face dos desdobramentos resultantes da interpretação que dela fizeram posteriormente os textos judaicos.

O Casamento

Deus criou o mundo em seis dias, diz a *Bíblia*. No sétimo, ele descansou. E depois, que fez ele? perguntam os sábios. E outros respondem: depois, ele passa o tempo unindo homens e mulheres para o casamento. Porque cada casamento é como criar um mundo novo (tradição mística judaica).

A união do homem com a mulher é determinada por Deus desde a criação do mundo: *E disse o Senhor Deus, não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma companheira frente a ele* (Gên. 2, 18). E a *Bíblia* continua a definir a relação como injunção positiva: *portanto deixará o varão seu pai e sua mãe e apegar-se-á à sua mulher e serão ambos uma carne* (Gên. 2, 24).

O primeiro ser humano, Adão, era homem e mulher, simultaneamente: *E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea o criou* (Gên. 1, 27). Só mais tarde, separou ele os dois, criando o homem e a mulher como duas entidades distintas. Sem a companheira, o homem é, portanto, meio ser humano, como também a mulher, e a união dos dois torna-os de novo um ser integral. Com a junção, Adão e Eva, o homem e a mulher, voltaram ao estado original, um único corpo, uma só mente, um só coração. A idéia é de que, embora homem e mulher sejam seres separados, cada um com suas características, nem o homem nem a mulher se completam antes de se unirem.

Os livros sagrados nos fornecem detalhes do casamento das figuras judaicas proeminentes como o dos patriarcas Isaac e Jacó. O escravo de Abraão, Eliezer, viajou para a Mesopotâmia para encontrar a noiva, Rebeca, para seu filho Isaac. Jacó penou 14 anos para casar com Léia e com Raquel. Mas no código mosaico não há uma legislação especial sobre o casamento nem mesmo sobre os procedimentos necessários para a sua efetivação. As referências são indiretas.

Uma delas é a isenção do marido, após o casamento, do serviço militar, para cumprir seu dever com a esposa: *Quando o homem tomar uma mulher nova, não sairá à guerra, nem se lhe imporá carga alguma, por um ano inteiro ficará livre na sua casa e alegrará sua mulher que tomou* (Deut. 24, 5). Também se ele casou e não consumou o casamento, terá o mesmo direito: *E qual o homem que está desposado com alguma mulher e ainda não a recebeu. Vá e torne à sua casa, para que porventura não morra na peleja e algum outro homem a receba* (Deut. 20, 7).

Outra lei de guerra trata das mulheres feitas prisioneiras: *Quando saíres à peleja com teus inimigos e o Senhor teu Deus os entregar na tua mão e tu deles levares prisioneiros, e tu entre os presos vires uma mulher formosa à vista e a cobiçares e a queiras tomar como mulher. Então a trarás para tua casa e ela raspará a cabeça e cortará as suas unhas. E despirá o vestido de seu cativeiro e se assentará na tua casa e chorará a seu pai e sua mãe o mês inteiro. E depois*

entrarás nela e serás seu marido e ela tua mulher. E será que se não te contentares dela, a deixarás ir à sua vontade, mas de modo algum a venderás por dinheiro, nem com ela mercadejarás pois a tens humilhado (Deut. 21, 10-14).

Finalmente, há o caso do homem que se casa com a mulher, não gosta dela e a acusa de não ser virgem: *Quando o homem tomar uma mulher e entrando nela se aborrecer e lhe imputar coisas escandalosas e contra ela divulgar má fama, dizendo: Tomei esta mulher e me cheguei a ela, porém não a achei virgem; então o pai da moça e a sua mãe tomarão os sinais da virgindade da moça e levá-los-ão para fora aos anciãos da cidade, à porta. E o pai da moça dirá aos anciãos: Eu dei minha filha por mulher a este homem porém ele a aborreceu. E eis que lhe imputou coisas escandalosas dizendo: Não achei virgem tua filha. Porém eis aqui os sinais da virgindade de minha filha; e estenderão o lençol diante dos anciãos da cidade. Então os anciãos tomarão aquele homem e o castigarão. E o condenarão em cem siclos de prata e os darão ao pai da moça, porquanto divulgou má fama sobre uma virgem de Israel. E lhe será por mulher em todos os seus dias, não a poderá despedir. Porém se este negócio for verdade, que a virgindade se não achou na moça, então levarão a moça à porta da casa de seu pai e os homens de sua cidade a apedrejarão até que morra, pois fez loucura em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai. Assim tirarás o mal do meio de ti* (Deut. 22, 13-21). Por esses textos da legislação mosaica, vê-se que, exceto pela exigência da virgindade, o machismo dos hebreus era então atenuado frente ao dos outros povos da época, e que a religião judaica procurava de algum modo preservar a dignidade das mulheres, incluindo as prisioneiras tomadas como escravas.

Nota-se ainda aqui que o termo *tomar* designa casamento e que há uma associação automática entre casar ou tomar e a relação sexual. O termo tomar é usado como sinônimo de copular e o casamento é efetuado através da relação sexual, como aconteceu com Isaac e Rebeca: *E Isaac trouxe-a para a tenda de sua mãe Sara e tomou a Rebeca e foi-lhe ela por mulher e amou-a* (Gên. 24, 67). Nesta união, destaca-se a festa do noivado, quando o emissário de Abraão recebeu o consentimento dos pais da noiva: *Então comeram e beberam, ele* [o emissário] *e os varões que com ele estavam e passaram a noite* (Gên. 24, 54). Mas, sobretudo, o que chama a atenção é o fato de que se buscou, antes da palavra final, a opinião da filha: *E disseram: chamemos a donzela e perguntemo-lhe. E chamaram a Rebeca e disseram-lhe: Irás tu com este varão? E ela respondeu: Irei* (Gên. 24, 57-58).

A mais incomum das leis do casamento é a do levirato, que descrevemos anteriormente na história de Judá e seus filhos. O dicionário *Aurélio* define o levirato como instituição matrimonial difundida entre os antigos hebreus, que impunha à viúva o casamento com o irmão ou herdeiro do nome de seu defunto marido a fim de assegurar a continuidade da família ou, segundo a *Bíblia*, a descendência na linha masculina. O nome da lei vem do latim *levir* que significa "irmão do marido". Eis o enunciado da lei: *Quando alguns irmãos morarem juntos e algum deles morrer e não tiver filho, então, a mulher do morto não se casará com homem estranho de fora, seu cunhado entrará nela e a tomará por mulher e fará a obrigação do cunhado com ela. E será que o primogênito que ela der à luz estará em nome de seu irmão morto para que seu nome não se apague em Israel. Porém se o tal homem não quiser tomar a sua cunhada, subirá então a cunhada à porta dos anciãos e dirá: Meu cunhado recusa a suscitar a seu irmão e seu nome em Israel. Então os anciãos de sua cidade o chamarão e com ele falarão e se ele ficar nisto e disser: Não quero tomá-la, a sua cunhada se chegará a ele e lhe descalçará o sapato do pé e lhe cuspirá no rosto e dirá: Assim se fará ao homem que não edificar a casa de seu irmão. E dirá toda a Israel presente ao ato: Hahalutz Hanaa* [descalçado o sapato] (Deut. 25, 5-10).

O costume teria duas funções: prover um filho ou filha para a viúva sem filhos, que sem a lei teria poucas chances de se casar, e preservar a memória do falecido. Naquela época, com a poligamia, a mulher não seria a única esposa do cunhado e apenas um membro adicional da sua família. O parente que se casa com a viúva toma posse da herança e é obrigado a dar ao menino que nascer do matrimônio o nome do falecido. A obrigação visa fazer com que a herança não saia da família.

Desde o edito do rabino Guerschom de Metz (60-1028 d.C.), que proibiu a poligamia entre os judeus *asquenazim* (do Ocidente), estes aboliram a consumação do levirato, mantendo apenas a *halitza* (o costume de descalçar o parente e cuspir na sua face), após o qual a viúva fica livre para casar-se com outro judeu, desde que não pertença à seita dos sacerdotes, aos quais é vedado casar-se com mulher já possuída ou divorciada. A lei do levirato está tão enraizada na religião judaica, que foi um dos temas do interrogatório ao qual Jesus foi submetido pelos saduceus, seita sacerdotal do fim da época do segundo templo, que interpretava e seguia a *Torá* literalmente: *No mesmo dia chegaram junto a ele os saduceus, que dizem não haver ressurreição, e o interrogaram, dizendo: Mestre Moisés disse: Se morrer alguém não tendo filho, casará seu irmão com a mulher dele e suscitará descendência a seu irmão. Ora, houve entre nós sete irmãos e o primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão. Da mesma sorte, o segundo, o terceiro até o sétimo. Por fim, depois de todos, morreu a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?* (Mateus 22, 23-18). Jesus respondeu que no mundo vindouro, após a ressurreição, não haverá casamento. A regulamentação específica para os procedimentos necessários à efetivação do casamento não existe na *Bíblia* e foi feita posteriormente na *Mischná* e no *Talmud*, isto é, pelo judaísmo rabínico.

O modo de encarar o casamento é balizado nestes textos pela palavra hebraica que o define: *quiduschim* (santificação). A união do homem e da mulher constitui uma ligação espiritual santificada. O casamento cria um pequeno santuário, *micdasch m'at*, onde serão cumpridos os deveres da procriação e da educação dos filhos e onde o casal viverá em segurança e companheirismo. O casamento é uma união que não tem como finalidade única a procriação. Uma vez que a mulher foi criada de parte do homem, a unificação de seus corpos pelo casamento é o retorno de partes separadas. O homem e a mulher foram criados à imagem de Deus e a reunificação recria a imagem divina.

Contudo, a igualdade implícita entre os dois sexos foi derrubada após o pecado original, quando Eva comeu da árvore da sabedoria e deu de comer a Adão. A mulher foi castigada com as dores do parto e a submissão completa ao homem: *Com dor terás filhos e teu desejo será para teu marido e ele te dominará* (Gên. 3, 16). Ao comer da árvore da sabedoria, Adão e Eva reconheceram que estavam nus e descobriram sua sexualidade. No código mosaico, todas as relações sexuais proibidas giram em torno da nudez: *Nenhum homem se chegará a qualquer parente de sua carne para descobrir a sua nudez* (Lev. 18,6). O casamento, por sua vez, é referido como cobertura da nudez: *E passando eu por ti, vi-te e eis que o teu tempo era tempo de amores e estendi sobre ti a ourela do meu manto e cobri a tua nudez* (Ezeq. 16, 8). O texto sobre o casamento constitui o primeiro parágrafo da *Mischná*, no tratado *Quiduschim*, que versa sobre o noivado e sobre o casamento. Diz a *Mischná* que a mulher é adquirida pelo homem de três modos: com dinheiro, com ação e com

relação sexual. Em relação ao primeiro item, dinheiro, há uma divergência entre os dois grandes rabinos do século I d.C., Hilel e Schamai.

Hilel foi um dos mais proeminentes sábios do judaísmo palestino, sendo reverenciado também por sua bondade e humildade. Pode-se apreciar suas qualidades pela lenda do pagão que queria se converter ao judaísmo e procurou Hilel para aprender a essência da *Torá*. E Hilel respondeu: "Não faças aos outros o que é odioso para ti. Esta é a essência. O resto são comentários. Vai e estuda-os."

Schamai era mais rigoroso e intolerante na interpretação da lei. Na aquisição da mulher por dinheiro, Hilel fixou uma quantia irrisória, uma *perutah* (a mais baixa das moedas), enquanto Schamai valorizava a troca, fixando o preço mínimo de um *dinar*.

O *Talmud* infere que a mulher pode ser adquirida por dinheiro ao comparar dois textos da *Bíblia* que usam o termo adquirir ou tomar: *Quando o homem tomar uma mulher e se casar com ela* (Deut. 24, 1). E o outro texto, quando Abraão compra a sepultura de Sara: *Ouça-me, o preço do campo o darei, toma-o de mim.* Em ambos os textos a palavra *tomar* é usada, *quinian*, em hebraico. Normalmente, a palavra se refere à compra de propriedade, mas a *Mischná* utiliza o termo e o interpreta para significar que a mulher pode ser adquirida, comprada ou tomada com dinheiro. A aquisição não significa literalmente a compra de uma mulher como propriedade, pois o homem não pode vendê-la. Além disso, o preço fixado por Schamai é pequeno e por Hilel ínfimo, o que afasta a possibilidade do casamento ser transformado em operação financeira. E tanto é assim que a *Mischná* e o *Talmud* usam o termo *quiduschim*: santificam o enlace. A mulher, depois do casamento, se transforma em objeto santificado, *Hecdesch*, que não pode ser usado ou trocado por outro. O homem coloca a mulher num pedestal e a proíbe para qualquer outro homem. A mulher casada só pode ter relações sexuais com o marido. É proibida aos demais.

A noção acima só se aplica às mulheres. O marido pode ter relações com outras mulheres, desde que elas não sejam casadas. Trata-se do reflexo do sistema de poliginia (casamento de um homem com mais de uma mulher), que prevalecia naquela época. A poliginia difere da poligamia, porque este termo pode ser aplicado a mulheres com mais de um marido.

O judaísmo rabínico que se seguiu procurou atenuar cada vez mais o domínio do homem sobre a mulher após o casamento. Aos poucos, ditou que os modos de aquisição do tratado, *quiduschim*, eram meramente simbólicos. Foram desaprovados os casamentos forçados por violação ou relação sexual prévia, ou os transformados em mercadoria por dinheiro ou dádivas. E foi introduzida a exigência de um acordo prévio (antes do casamento), *schiduchin*. Além disso, instituiu-se um contrato de casamento, *quetubah*, que garantia direitos à mulher, inclusive financeiros, em caso de separação. A relação sexual só era permitida após a cerimônia do casamento. Nesta, eram exigidas duas testemunhas e um *minian* (reunião de dez judeus adultos) para que o matrimônio tivesse validade, ameaçando com a excomunhão quem não cumprisse o ritual.

Um dos problemas enfrentados nos períodos rabínicos foi a fuga de um dos consortes acarretada pelo casamento imposto a noivos muito jovens, algumas vezes com pouco mais de dez anos. Ou a fuga porque os noivos tinham outros amores, ou, ainda, porque os noivos queriam casar contra a vontade dos pais. O *Talmud* deixa bem claro que a aquisição da noiva só pode ser feita com o seu consentimento. Não detalha, porém, o modo de consentir. Às vezes, o silêncio da noiva já implica consentimento. Também esta regra provocava, por vezes, conflitos, por se opor ao domínio dos pais. De um modo geral, nas épocas de exílio – por séculos a fio – repletas de incertezas e perseguições, a grande proteção da mulher era o casamento e os homens eram praticamente obrigados a se casar. A mulher passava do domínio paterno para o domínio do marido. O *Schulchan Aruch*, o mais autorizado código de leis judaicas, afirma autoritariamente: "Todo homem é obrigado a se casar para cumprir o mandamento da procriação e quem não o faz é como se derramasse sangue, diminuísse a imagem de Deus e fizesse com que o Senhor abandonasse Israel." O *Midrasch* diz que Deus aspira tanto ao casamento de seus filhos que ele mesmo arranja os casamentos e serve de testemunha. Tão importante para o judaísmo é o casamento, que a lei permite vender todo o rolo da *Torá* se há dificuldade financeira para consumá-lo. O casamento é mais importante do que honrar pai e mãe, pois está escrito: *Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe e serão ambos uma carne* (Gên. 2, 24). Nenhum homem, moço ou velho, pode se escusar de cumprir o mandamento da procriação. Mesmo que já tenha casado e seja pai de filhos, ele

é proibido de permanecer só. O *Talmud* diz: "Se um homem se casou na juventude que ele se case também na velhice. Se ele teve crianças na juventude, deixe-o ter também na velhice."

Maimônides incorporou o dito no seu código: "Mesmo que o homem tenha cumprido a *mitzvah* (mandamento ou boa ação) da procriação, continua como *mitzvah* a procriação posterior, desde que ele seja viril, porque quem acrescenta uma alma em Israel é como se tivesse criado um novo mundo. E é um mandamento dos rabis que homem algum pode ficar sem casar. Mas mesmo que a procriação não seja mais possível, nenhum homem deve permanecer sem mulher."

De acordo com o *Schulchan Aruch*, se um homem continua solteiro após certo período da vida, a lei judia exige que a corte seja acionada para obrigá-lo a casar. A obrigatoriedade faz-se através de castigo corporal, multa e até excomunhão.

O *Zohar*, a *Bíblia* dos místicos, diz que o homem só deve ser considerado homem após se unir com uma mulher em casamento. A alma e o espírito, homem e mulher, devem iluminar o mundo juntos. Um sem a outra não irradia nem ilumina. Só pela união eles iluminam o mundo. E o Baal Schem Tov, o fundador do hassidismo, acrescenta: "Cada ser humano emite uma luz que atinge o céu. Quando duas almas se encontram, a emissão das luzes se funde e uma luz mais brilhante se forma."

O *Midrasch* ensina: "O senhor Deus disse: 'Não é bom para o homem ficar só. Todo homem que não tem esposa vive sem bens, sem ajuda, sem felicidade e sem bênção. Sem bens, porque está escrito: *Não é bom que o homem esteja só* (Gên. 2, 18); sem ajuda, porque está escrito: *far-lhe-ei uma adjutora* (Gên. 2, 18); sem felicidade, porque está escrito: *E alegra-te tu e a tua casa* (Deut. 14, 26); sem bênção, porque está escrito: *Para que faça repousar a bênção sobre tua casa* (Ezeq. 44, 30); e mesmo sem vida, porque está escrito: *Goza a vida com a mulher que amas* (Ecles. 9, 9)."

Os sábios judeus exprimem uma grande compaixão pelos viúvos: "Aquele cuja primeira mulher morre sofre uma experiência tão profunda como se o Templo tivesse sido destruído nos seus dias". A mesma compaixão pelos divorciados: "Quem se divorcia de sua primeira mulher, o Templo verte lágrimas por ele." E eis a frase de ouro do *Talmud*: "Para tudo há sempre um substituto, exceto para a mulher de sua juventude".

Para a mulher, o casamento é opcional e voluntário. Ela não tem a obrigação de procriar. A procura de parceiro para casar é agressiva e a natureza da mulher é mais reservada. Embora o casamento seja o centro de outras culturas, a insistência religiosa dos judeus é responsável pela maior freqüência de casamentos do que entre seus vizinhos. Ainda como conseqüência de injunções religiosas, a idade com que os judeus se casavam era menor. Somente a partir do século XVIII, na Europa Ocidental, do século XIX, na Oriental, e deste século no Oriente Médio, o tradicional controle do casamento fugiu dos pais, sofrendo modificação substancial. O casamento e a vida familiar saíram da esfera pública para se transformar em assunto eminentemente privado.

A Poliginia

A poliginia é citada na *Bíblia* desde os primórdios. A história começa com Lameque, descendente de Caim e pai de Noé. *E conheceu Caim a sua mulher e ela concebeu e teve a Enoque. E a Enoque nasceu Irade e Irade gerou a Meujael e Meujael gerou a Metusael e Metusael gerou a Lameque* (Gên. 4, 17-18). *E viveu Lameque 180 anos e gerou um filho e chamou seu nome Noé* (Gên. 5, 28-29). *E tomou Lameque para si duas mulheres, o nome de uma era Ada e da outra, Zila* (Gên. 4, 19). Para ambas, Lameque cantou versos sanguinários: *E disse Lameque a suas mulheres, Ada e Zila: Ouvi a minha voz, vós mulheres de Lameque, escutai o meu dito, porque eu matei um varão por me ferir e um mancebo por me pisar. Porque sete vezes Caim será vingado, mas Lameque setenta e sete vezes* (Gên. 4, 23-24).

De acordo com os sábios, os homens da geração do dilúvio tinham o costume de tomar duas mulheres: uma para procriar e outra para o prazer sexual. A destinada à procriação vivia recatada em seu canto, enquanto a outra era obrigada a tomar uma poção esterilizante e a ficar em casa, adornada como prostituta, para satisfazer à sensualidade do marido.

Abraão, ao lado de Sara, teve Hagar, a mãe de Ismael, o ancestral dos árabes, e Quetura. Esta, porém, depois da morte de Sara, e com ela teve seis filhos. Na *Bíblia*, Quetura é citada como esposa (Gên. 25, 1) e como concubina (Cron. 1, 32). Isaac foi o primeiro a se contentar com uma única mulher, mas seus dois filhos, Jacó e Esaú, eram polígamos,

embora Jacó tivesse uma única paixão, Raquel, mas quatro mulheres. Moisés teve duas: uma beduína típica, Zípora, e outra escura, de raça negra, que sua irmã Míriam abominou.

No código de Moisés, não há lei sobre a poligínia mas há lei que protege as mulheres já existentes quando o homem arranja uma nova: *Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem o seu vestido, nem a sua obrigação marital* (Gên. 21, 10). Elcana, o pai do profeta Samuel, teve duas mulheres, uma prolífica, Penina, e outra estéril, Ana, que após ter a vida atormentada pela primeira, concebeu mais tarde e foi mãe do profeta.

Davi, o Rei, teve diversas mulheres: Mical, Ahinoam, Abigail, Maaca, Hagite, Eglá e Bethscheba (Betsabé). Esta é a mais célebre de todas, cantada e descrita na literatura, em peças de teatro e em filmes. Além disso, Davi teve concubinas, escravas que lhe eram oferecidas por reis vizinhos. Teria ainda, segundo os maledicentes, tido relações homossexuais com o Príncipe Jônatas, filho do Rei Saul. Mas seu filho Salomão ultrapassou a todos em número de mulheres: *E tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas e suas mulheres lhe perverteram o coração* (I Reis 11, 3).

Os costumes aos poucos se modificaram e mesmo antes da destruição do segundo templo e antes do cristianismo a poligínia estava abolida na prática. Até mesmo na *Bíblia*, as citações sobre casos de poligínia estão limitadas a Reis e patriarcas e apesar de ser permitida, não existe nada escrito sobre o seu uso pelo homem comum.

No *Talmud* há muitas referências que tornam clara a permissão da poligínia. O homem pode se casar com quantas mulheres desejar desde que assegure a todas o sustento e o cumprimento de suas obrigações maritais. Os rabis especulavam que quatro mulheres era a quota máxima permitida, permitindo devotar uma semana a cada mulher. Um estudo detalhado da época rabínica mostra que todas as especulações eram teóricas, pois não é possível encontrar um único rabi com mais de uma mulher.

A permissão da poligínia nos países ocidentais terminou oficialmente na Idade Média, entre os judeus vivendo em comunidades cristãs. O cristianismo proibia a poligínia, mesmo para os que não professassem e crença cristã e, assim, entre os judeus surgiram proibições locais sob a forma de regras e regulamentos: *tacanoth* (ordens suplementares destina-

das a reforçar a observação das leis e da moral). Tradicionalmente, a ordem definitiva é atribuída a um edito do rabino Guerschon Me'or Hagolah (960-1028), que determinou o *herem* (excomunhão) e o banimento da comunidade para o judeu que se casasse com mais de uma mulher. A proibição não foi aceita pelos judeus orientais que viviam em países islâmicos, onde a poligínia era regra. O Estado de Israel também proibiu a poligínia, mas os judeus orientais que emigraram com mais de uma mulher, o que era comum entre os imigrantes do Iêmen, podiam manter a poligínia original.

Há algumas circunstâncias em que a proibição pode ser abolida: quando a mulher desaparece e é impossível dar-lhe uma carta de divórcio; quando ela aparentemente morreu mas não há prova de sua morte; quando se torna insana, e quando ela recusa o divórcio sem motivo razoável. O novo casamento só é permitido em casos extremos, quando o homem casado não consegue viver com sua mulher e tampouco divorciar-se dela. Mas, ainda aqui, a aprovação exige a aquiescência de uma corte rabínica de cem membros de três regiões diferentes.

Para as mulheres, as condições são mais drásticas: elas só podem se casar de novo quando o marido morre ou delas se divorcia, mesmo que ele seja insano ou desapareça sem deixar vestígio. Neste caso, ela é considerada uma *agunah*, mulher cujo marido desapareceu, e não pode casar-se de novo sem uma testemunha da morte dele. Para obviar esse problema, que aumentou depois da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto e com a emigração, foi acrescentada à *quetubah* (contrato de casamento) cláusula que nomeia, junto ao marido, um procurador que possa em seu nome conceder o divórcio, em caso de desaparecimento.

O Sexo no Casamento

A *Torá* e o *Talmud* revelam uma compreensão profunda da sexualidade feminina. A mulher tem o direito pleno de obter com o casamento a completa satisfação, mais do que o próprio homem. A obrigação é do homem de satisfazer a mulher. No contrato de casamento, o homem se obriga garantir à mulher relações sexuais, em conformidade com a lei judaica *onah*.

A obrigatoriedade da relação sexual está nos textos da *Bíblia* desde os primórdios da criação do homem: *Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne* (Gên. 2, 24). Os textos sobre o mandamento da fecundidade se repetem com freqüência. E, no código mosaico, o comando da relação sexual é repetido. O casamento, como vimos, libera o soldado de sua convocação para a guerra durante um ano, caso tenha ele se casado sem consumar o casamento.

Quando Deus, no sexto dia da criação, acabou de criar o ser humano, confiou-lhe a grande tarefa de povoar o mundo: *E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra* (Gên. 1, 28). Quando Noé saiu da arca, terminado o dilúvio, Deus repetiu a ordem: *E abençoou Deus a Noé e a seus filhos e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra* (Gên. 9, 1).

Quando a narrativa bíblica emerge de sua história primitiva e passa a focalizar o patriarca judeu Abraão e seus descendentes, a bênção da fertilidade reaparece com insistente monotonia: *Sendo pois Abraão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abraão e disse: Eu sou o Deus todo poderoso, anda em minha presença e sê perfeito. E porei minha aliança ante mim e ti e te multiplicarei grandissimamente* (Gên. 17, 1-2). E, mais adiante: *E disse Deus: Na verdade, Sara tua mulher te dará um filho e chamarás seu nome Isaac e com ele estabelecerei minha aliança como aliança perpétua com seus descendentes. E quanto a Ismael também te tenho ouvido; eis que o tenho abençoado e fá-lo-ei frutificar e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente* (Gên. 17, 19-20). Isaac transmite a bênção a seu filho Jacó quando o manda procurar uma esposa: *e Deus todo poderoso te abençoe e te faça frutificar e te multiplique para que sejas uma multidão de povos* (Gên. 28, 3). E o próprio Deus confirma a bênção: *disse-lhe mais Deus: Eu sou o Deus todo poderoso, frutifica e multiplica-te; uma nação e uma multidão de nações sairão de ti e Reis procederão de teus lombos* (Gên. 35, 11).

No Egito, a bênção fez seus efeitos: *Os filhos de Israel frutificaram e aumentaram muito e multiplicaram-se e foram fortalecidos grandemente, de maneira que a terra se encheu deles* (Êxodo 1, 7). E depois que os judeus já estavam no deserto, Deus reafirma seu pacto: *E para vós olharei e vos farei frutificar e vos multiplicarei e continuarei minha aliança convosco* (Lev. 26, 9). Todas essa bênçãos estão ligadas ao dever da procriação. Mas ao lado dele, há

outro dever, o de satisfazer a mulher, muito explícito no código mosaico: *E se alguém vender sua filha por serva, não sairá como saem os servos. Se desagradar aos olhos de seu senhor e não se desposar com ela fará com que se resgate, não poderá vendê-la a um povo estranho, usando deslealdade com ela. Mas se a desposar com seu filho fará conforme o direito das filhas. Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem o seu vestido e nem a sua obrigação marital* (Êxodo 21, 11). A palavra hebraica para designar a obrigação marital é *onatah* e a partir dela os rabinos construíram um arcabouço de obrigações sexuais denominado *onah*. A obrigatoriedade de assegurar para a serva alimentos, roupas e atividade sexual fez com que os rabinos deduzissem que se tais direitos são dados a uma escrava, certamente são direitos da mulher casada. O termo *onah* tem duas etimologias: a primeira significa "período", e definiria a freqüência das relações sexuais a que a mulher teria direito; a segunda deriva da assertiva de que a palavra *onah* vem da raiz *inui*: "causar dor ou sofrimento". Nessa interpretação, negar à mulher seus direitos sexuais equivaleria a causar-lhe sofrimento e dor.

No que tange à obrigatoriedade de assegurar alimentos, o termo usado na *Bíblia*, *sche'erah*, carne, pode ter uma dupla interpretação e alguns rabinos acreditam que ele significaria "o contato das carnes dos dois corpos". As relações sexuais devem ser praticadas com o contato íntimo dos dois corpos e não à maneira dos persas, que copulavam vestidos.

No que tange à freqüência dos atos sexuais, a *Mischná* reza que se um homem faz voto de castidade, este deve durar no máximo duas semanas, segundo Schamai, e uma semana, segundo o Hilel. Mais tarde, o *Talmud* exige que as relações tenham uma freqüência determinada pela profissão: para um homem independente, diária; para trabalhadores, duas vezes por semana; para trabalhadores que exercem sua profissão em outra cidade, uma vez por semana; para condutores de jumentos, também uma vez por semana; para condutores de camelos, uma vez por mês, e para marinheiros, uma vez de seis em seis meses. Estudantes da *Torá* podem afastar-se de suas mulheres por trinta dias. De um modo geral, devem cumprir sua obrigação sexual uma vez por semana e, de preferência, às sextas-feiras à noite.

Outros períodos também são prescritos: antes de ausentar-se para viagem e antes da menstruação, porque nos dois casos a mulher sabe que vai enfrentar um período de abstenção. A obrigatoriedade de cópula

antes de viagem é baseada em *Jó*: *E saberás que a tua tenda está em paz e visitarás tua habitação e nada lhe faltará. Também saberás que se multiplicará a tua semente e a tua posteridade como a erva da terra* (Jó 5, 24-25). A importância de satisfazer a mulher, mesmo sem procriar, é ressaltada pela obrigação de ter relações sexuais mesmo durante a gravidez. Os rabis achavam que nos primeiros três meses a relação era penosa para a mãe e para o feto. Durante os três meses seguintes, a relação era penosa para a mãe e boa para o feto e no último trimestre, era boa para ambos. Para alguns talmudistas, os períodos prescritos se referem a um mínimo de obrigações e o marido deve procurar a mulher além da visita periódica. Outros acreditam que os homens não devem se comportar como os galos e, portanto, devem limitar as relações.

O maior defensor de relações mais freqüentes do que o mínimo exigido foi o Rabad (Abrahan ben David de Posquieres – 1125-1180 d.C. –, místico provençal, autor do livro *Baalei Hanefesch*, no qual ele diz que as *onoth* (plural de *onah*) devem ser determinadas pela própria mulher. Quando o marido percebe que ela se enfeita e procura atrair sua atenção, ele é ordenado a satisfazê-la.

A obrigação do marido de satisfazer a mulher decorre de outro texto bíblico já citado: *Quando algum homem tomar uma mulher nova, não sairá à guerra, nem lhe imporá carga alguma; por um ano inteiro ficará livre em sua casa e alegrará a mulher que tomou* (Deut. 24, 5). Para Raschi, o texto significa que o marido é que deve alegrar a esposa e não o contrário. A alegria do marido é apenas um efeito colateral.

A finalidade dos rabinos foi evitar os excessos da libertinagem e ao mesmo tempo impedir a abstinência que poderia interferir na procriação. Diziam eles: "Somos gratos aos nossos antepassados por terem pecado, porque não fora seus pecados não estaríamos neste mundo" (*Avodah Zara*). O judaísmo atinge o equilíbrio desejado legitimando o impulso sexual dentro do casamento e restringindo fortemente a ação anárquica fora de seus limites. E, mesmo nos limites permitidos com largo espectro de possibilidades, a freqüência e a época dos atos sexuais é regulada pelas leis da *nidah*, que proíbem a cópula durante a menstruação e seguindo-se a ela e pelas leis da *onah*, que prescrevem o tempo e a quantidade de relações sexuais que o marido deve manter. Os mandamentos da atividade sexual são todos pertinentes aos homens. São

eles os obrigados a casar, a procriar e a manter as relações sexuais em dia. As mulheres não têm obrigação nesse terreno, a não ser a de recusar a cópula nos seus períodos de impureza determinados pela *nidah*. A obrigação conjugal é do marido para com a mulher e não ao contrário. Os rabinos acreditavam que a mulher era passiva, sexualmente introvertida, escondia seus impulsos e sofria as restrições impostas a ela pelos preconceitos sociais. O impulso sexual da mulher estaria oculto, embora até pudesse ser maior do que o do homem: "A paixão das mulheres é maior que a do homem" (*Sanhedrim*).

A sexualidade do homem é extrovertida, ativa e egocêntrica e portanto ameaça constantemente o equilíbrio familiar. Por isso, deve ser controlada através do casamento e dos deveres da procriação, da responsabilidade perante a mulher e pelos tabus poderosos contra o homossexualismo e a masturbação.

Quando Eva foi castigada por ter comido da árvore da sabedoria, disse Deus: *O teu desejo será para o teu marido e ele te dominará* (Gên. 3, 16). Para Raschi (1040-1105 d.C.), o grande comentador da *Bíblia* e do *Talmud*, cujos comentários, hoje em dia, fazem parte dos próprios textos talmúdicos, a frase *e "o teu desejo"* exprime o desejo sexual da mulher que a mulher não tem a audácia de revelar porque especificamente Deus disse: *Ele te dominará*, e portanto tudo deve vir dele e não dela. Para Nachmanides (1194-1270 d.C.), talmudista e cabalista espanhol, que morreu em Acre, na Palestina, a obrigação da mulher de ter seu desejo pelo marido é para que esse desejo ultrapasse o medo da gravidez e o seu anseio de libertar-se da tutela masculina. E se a mulher fizer um voto de castidade? De acordo com o Rav Cahana, se a mulher diz: "O prazer sexual teu é proibido tê-lo comigo", ela pode ser compelida a quebrar o voto. Mas se ela diz: "O meu prazer sexual é proibido tê-lo contigo", ele deve concordar. O Rav declara ter a mulher a obrigação de fazer sexo com seu marido, sendo compelida a fazê-lo contra sua vontade.

Em verdade, nem o homem nem a mulher são obrigados a manter um casamento assexuado. Nas leis judias, o prazer sexual é um direito das mulheres e o dever dos homens é proporcioná-lo. O estupro, mesmo pelo marido, é proibido. A mulher que se recusa a ter relações sexuais com o marido é uma *mordente* (rebelde) e ele dela pode se divorciar sem que ela receba a indenização fixada na *quetubah* (contrato de casamento).

Os rabis não querem que a mulher seja forçada a ter relações com um marido que ela acha repulsivo porque em tais casos a lei obriga o marido a conceder-lhe o divórcio. O que eles visam é não permitir que a mulher utilize o ato sexual como barganha para obter vantagens. Uma outra questão é saber se existem limites quanto ao modo de realizar a cópula. O rabi Yochanan ben Dabai acena com deformações em rebentos nascidos de coitos em posição supostamente anormal: crianças aleijadas, quando os parceiros "viram a mesa" – a mulher por cima –, ou o coito por detrás; crianças mudas, quando o casal conversa durante o ato; crianças cegas, quando eles olham para o local. Mas a maioria dos rabis rejeita essa concepção e afirma que o homem pode fazer tudo com a sua mulher. O *Talmud* conta a história da esposa que veio ao rabi e disse: "Preparei-me para o meu marido, mas ele me virou, e o rabi replicou: – Minha filha, a *Torá* te permitiu a ele e assim não posso fazer nada por ti".

O consenso dos rabinos é de que marido e mulher podem adotar qualquer manobra no ato sexual, desde que não expilam o sêmen em vão. Em *Nedarim*, o rabi Eliezer diz: "Palavras de amor são permitidas no ato para despertar a paixão da mulher", e, no tratado *Callah*, o rabi Judá aconselha que ele desperte o prazer da mulher. Já em relação ao desejo masculino, a maioria dos tratados, inclusive o código *Schulchan Aruch*, acha que o homem deve controlar seus impulsos e executar o ato sexual como mandamento e não como prazer. Mas existem exceções. No livro *Igereth Hacodesch*, que alguns atribuem a Nachmanides e outros ao cabalista Abraham Gicatila (1248-1325 d.C.), a cópula é exaltada: "A relação sexual é santa e pura quando realizada em período apropriado e quando a intenção é reta. Dizer que ela é abominável é inadmissível aos olhos de Deus. Uma gota da semente quando expelida em santidade e pureza traz consigo o conhecimento e a sabedoria do cérebro. E não é por acaso que a *Bíblia* chama a relação de conhecimento. O homem é sabedoria e a mulher é o segredo da razão e, assim, a relação sexual é o segredo do conhecimento. Mas, quando a intenção não é pura, traz em si uma gota fedorenta da qual Deus não participa."

O homem é encorajado a estimular a mulher porque se esta lhe proporcionar a "semente" daí nascerá um filho. Isto se baseia numa frase do Levítico: *E falou mais o Senhor a Moisés dizendo: Fala aos filhos de Israel, quando a mulher produzir a semente e tiver um varão, ela será impura por sete*

dias, como no período da menstruação (Lev. 12, 1-2). Surge, assim, a noção de que a mulher possui uma semente, antes que os ovários tivessem sido descobertos.

Uma das passagens mais interessantes do *Talmud* refere-se ao rabi Hisda, ao dar instruções às suas filhas sobre o comportamento antes do ato sexual, que foram assim interpretadas por Raschi: "O rabi Hisda disse às suas filhas: Quando o teu marido te acariciar para despertar teu desejo e segurar teu seio com uma das mãos e aquele lugar com a outra, dá-lhe primeiro o teu seio para aumentar seu desejo e não lhe dês o local logo até que sua paixão cresça e seu desejo seja equivalente à dor. Dá-lhe então o lugar." O desejo sexual e o poder da procriação são considerados no judaísmo como impulsos criativos impostos por Deus e, por isso, não podem ser considerados pecaminosos, vergonhosos ou não-naturais. O impulso dado por Deus é uma sensação normal, natural e é parte integrante do ser humano.

O cabalista rabi Isaac D'Man Acco (1250-1340 d.C.) assim definiu a natureza do desejo: "aquele que jamais experimentou desejo por uma mulher é como uma besta de carga ou está em nível ainda inferior." Diferentemente das crenças cristãs, o ato sexual não é considerado aviltante nem deve ser ignorado. Enquanto para os cristãos há uma divisão entre espírito e corpo, o primeiro procurando níveis de santidade e o segundo tendo como base o instinto animal, no judaísmo, espírito e corpo constituem uma unidade e o corpo não contém impurezas e, no dizer de Maimônides, o objetivo da *Torá* é o bem-estar da alma e do corpo.

A esse propósito, o grande talmudista Jacob Emden (1699-1776) escreveu: "Os homens esclarecidos de outras nações ensinam que o desejo sexual é vergonhoso. Não é essa a opinião da *Torá* e de nossos sábios. Nós entendemos que as relações sexuais são boas, elevadas e benéficas ao corpo e à alma e absolutamente santas. Quando o ato é realizado com atitude apropriada, não há outra atividade de maior nível de santidade."

Finalmente, cabe salientar que o ato sexual na Bíblia está ligado ao conhecimento mútuo: E Adão conheceu sua mulher Eva e ela concebeu (Gên. 4, 1). E tornou Adão a conhecer sua mulher e ela teve um filho e chamou seu nome Sete (Gên. 4, 25). E referindo-se a Rebeca, quando o servo de Abraão foi procurar uma mulher para Isaac: E a donzela era muito formosa à vista, virgem a quem varão não havia conhecido

(Gên. 24, 16). E, mais tarde, na história de Tamar e Judá, este último referindo-se à nora: e mais justa é ela do que eu, porquanto não a tenha dado a Selá, meu filho. E nunca mais a conheceu (Gên. 38, 26). Outros exemplos na Torá: e conheceu Caim sua mulher e ela concebeu (Gên. 4, 17). E Moisés, ao revoltar-se contra os midianitas: Agora pois matai toda mulher que conheceu algum homem deitando-se com ele (Num. 31, 17). E sobre o nascimento do profeta Samuel: E Elcana conheceu a Ana sua mulher e o Senhor se lembrou dela (I Sam. 1, 19). E sobre a velhice do Rei Davi: E era a moça sobremaneira formosa, porém o Rei não a conheceu (I Reis 1, 4). A Torá, usando a expressão conhecer, quer dar a entender um conhecimento visceral e profundo de uma pessoa pela outra, que só pode ser expresso quando o homem e a mulher se unem para se transformarem, como diz a Bíblia, numa única carne. Para Jacob Emden, o conhecer significa a união entre a sabedoria masculina e a compreensão feminina. Seria a constatação dos sábios de que quando o homem se une à sua mulher, a divina presença se instala entre eles. Nos seus Salmos, o Rei Davi canta: Pois que tão encarecidamente me amou, pô-lo-ei no alto porque conheceu meu nome. E Jacob Emden comenta: "O conhecimento referido nesse salmo é idêntico ao conhecimento expresso na frase: E Adão conheceu sua mulher."

O sentido se completa com a metáfora do profeta Oséias (750 a.C.), que comparou o amor de Deus por Israel com um noivado: e desposar-te-ei comigo em fidelidade e conhecerás o Senhor (Oséias 2, 20).

A Violação dos Limites Sexuais *(Ervat Guilah)*

A *Torá* estabelece limites às atividades sexuais, essenciais na sociedade humana para evitar que a repressão sexual contraproducente seja substituída pela licenciosidade e promiscuidade que se delineavam nos tempos bíblicos, e que persiste até os dias de hoje. Os limites estabelecidos encontram-se em *Levítico* 18 e se repetem em *Levítico* 20, ao lado das penalidades impostas aos transgressores. A violação dos limites sexuais é chamada *legaloth ervah*, ou seja, "a nudez não coberta". A raiz do verbo é a mesma de *galuth* ou "exílio". O significado seria, portanto, o de "nudez exilada" ou, de acordo com Aryeh Kaplan (1985), a "sexualidade pervertida". A forma substantiva *ervat guilah* significaria proibição sexual. As

proibições são dirigidas aos dois sexos mas cada proibição individual é dirigida especificamente ao sexo masculino e aos adultos, admitindo-se que são os homens que iniciam e são responsáveis pela violação das leis. O propósito é conter a agressividade da sexualidade masculina, subordinar seu potencial de violência e canalizá-lo para um objetivo mais elevado.

As práticas sexuais proibidas são apresentadas como costumes depravados dos egípcios e dos canaítas. Os israelitas são advertidos para não adotar os costumes do país de onde vieram nem para onde vão: *Falou pois o Senhor a Moisés dizendo: Fala aos filhos de Israel e diz-lhes: Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis segundo as obras da terra do Egito em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã para qual eu vos levo, nem andareis nos seus costumes* (Lev. 18, 1-3).

O Incesto e a Consangüinidade

A maioria das proibições é relativa ao incesto: *Nenhum se chegará a qualquer parente de sua carne, para descobrir sua nudez. Eu sou o Senhor* (Lev. 18, 6).

E seguem-se os detalhes: *Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe; ela é tua mãe, não descobrirás a sua nudez* (Lev. 18, 7). Não descobrirás a nudez da mulher de teu pai (Lev. 18, 8). *A nudez da tua irmã, filha de teu pai ou de tua mãe, nascida em casa ou fora de casa, a sua nudez não descobrirás* (Lev. 18, 9). *A nudez da filha de teu filho ou da filha de tua filha, a sua nudez não descobrirás, porque é tua nudez* (Lev. 18, 10). *A nudez da filha da mulher de teu pai, gerada de teu pai, ela é tua irmã, a sua nudez não descobrirás* (Lev. 18, 11). *A nudez da irmã de teu pai não descobrirás, ela é parente de teu pai* (Lev. 18, 12). *A nudez da irmã de tua mãe não descobrirás, pois ela é parente da tua mãe* (Lev. 18, 13). *A nudez do irmão de teu pai não descobrirás: não te chegarás à sua mulher. Ela é tua tia* (Lev. 18, 14). *A nudez da tua nora não descobrirás, ela é mulher de teu filho, não descobrirás a sua nudez* (Lev. 18, 15). *A nudez da mulher de teu irmão não descobrirás, é a nudez de teu irmão* (Lev. 18, 16). *A nudez de uma mulher e sua filha, não descobrirás; não tomarás a filha do teu filho nem a filha de tua filha para descobrir sua nudez. Parentes são* (Lev. 18, 17). *E não tomarás uma mulher com sua irmã para afligi-la, descobrindo sua nudez, com ela na sua vida* (Lev. 18, 18).

Seguem-se punições para quem infringir as leis: *E o homem que se deitar com a mulher de seu pai, descobriu a nudez de seu pai, ambos certamente morrerão, o seu sangue é sobre eles. Semelhantemente, quando um homem se deitar com a sua nora, ambos certamente morrerão. Mistura de sêmen fizeram. O seu sangue recairá sobre eles* (Lev. 20, 11-12).

E aparecem novas proibições: *E o homem que tomar uma mulher e sua mãe má ação é; a ele e a elas queimarão com fogo e não haverá maldade entre vós* (Lev. 20, 14). Em outras circunstâncias, a pena é apenas de maldição: *Maldito aquele que se deitar com a sogra* (Deut. 27, 23). Outras vezes a pena é de excomunhão: *E quando o homem tomar a sua irmã, filha de seu pai ou de sua mãe e ele vir a nudez dela e ela vir a sua torpeza, serão extirpados aos olhos dos filhos de seu povo, descobriu a nudez de sua irmã, levará sobre si a sua iniqüidade* (Lev. 20, 17).

Os rabis, mais tarde, estenderam as proibições para incluir a avó, a bisavó, a mulher do avô, a bisneta e outros parentes consangüíneos de várias gerações. As proibições cobrem todos os parentes da linha materna até a quarta geração. A única exceção é a relação sexual entre tios e sobrinhas. O homem pode ter relações com as filhas de seu irmão ou de sua irmã. Tais relações são proibidas em muitos países, inclusive em Israel, mas são permitidas pela *halacah*. As relações proibidas são designadas como atos de descobrir a nudez, em oposição à expressão *cobrir a nudez*, que aparece em Ezequiel como sinônimo de casamento: *E passando eu por ti, vi-te e eis que era tempo de amores, e estendi sobre ti a ourela do meu manto e dei-te juramento e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Jeová, e tu ficaste sendo minha* (Ezeq. 16, 8).

Todas as medidas contra o incesto são posteriores a inúmeras transgressões acontecidas e relatadas na *Bíblia*. Nos primeiros capítulos do *Gênesis*, ninguém explica onde Caim conseguiu sua mulher: *E conheceu Caim sua mulher e ela concebeu e teve a Enoque* (Gên. 4, 17). Presumivelmente, houve outra filha de Adão e Eva, irmã de Caim, não mencionada. Também, após o dilúvio, toda a humanidade teve sua origem nos filhos de Noé e suas esposas e o incesto era inevitável. Abraão era casado com Sara, que era sua meio-irmã, como ele confessou ao Rei Abimeleque. Ao peregrinar pelas terras de Abimeleque, Abraão temia ser assassinado para que lhe tomassem a mulher, e disse a todos que ela era sua irmã. Em vista disso, o Rei Abimeleque tomou-lhe a esposa, mas Deus interferiu, veio em

sonhos ao Rei e o ameaçou de morte. O Rei recuou mas admoestou a Abraão e este em defesa disse: *Porque eu dizia comigo, certamente não há temor a Deus neste lugar e eles me matarão por amor de minha mulher. E, na verdade, ela também é minha irmã, mas não filha de minha mãe, e veio a ser minha mulher* (Gên. 20, 11-2). Lot teve relações com as duas filhas. Elas o embebedaram e conceberam, e da relação nasceram filhos que foram os ancestrais dos moabitas e dos amonitas (Gên.19, 30-38). E, desta linhagem provém o Rei Davi e anuncia-se o futuro messias. Aliás, a injunção bíblica contra o incesto não condena especificamente a relação entre pai e filha, embora proíba expressamente a do filho com a mãe.

Um relato estranho é o do incesto de Rubem, filho de Jacó com a concubina de seu pai, Bilha: *aconteceu que habitando Israel* [Jacó] *naquela terra, foi Rubem e deitou-se com Bilha, concubina de seu pai e Israel soube-o* (Gên. 35, 22). Seria um caso de estupro ou teria Bilha consentido e, então, teria sido um caso de adultério e incesto. Para os rabis não houve pecado. Os que acreditam que Rubem pecou, diz o *Talmud*, se enganam (*Shab*). Ele invadiu a cama de seu pai porque se ressentiu da humilhação de sua mãe Léia após a morte de Raquel, pois Jacó pôs sua cama na tenda de Bilha, transformando sua serva na nova rival da mãe de Rubem. Antes, Judá teve relações com a nora, Tamar, ainda que enganado por ela, que se disfarçou de prostituta.

Depois da promulgação do código mosaico outros casos de incesto continuam sendo relatados. Amnon, o filho mais velho do Rei Davi, apaixonou-se por sua irmã por parte de pai, e a estuprou: *e aconteceu depois disso que tendo Absalão, filho de Davi, uma irmã formosa, cujo nome era Tamar, Amnon, filho de Davi* (primogênito), *a amou. E angustiou-se Amnon até adoecer por Tamar sua irmã porque era virgem e parecia aos olhos de Amnon difícil fazer-lhe alguma coisa. Tinha porém Amnon um amigo de nome Jonadabe, filho de Simeia, irmão de Davi. E era Jonadabe homem muito sagaz. O qual lhe disse: Por que tu de manhã em manhã, tanto emagreces, sendo filho de Rei? Não m'o farás saber a mim? Então lhe disse Amnon: Amo a Tamar, irmã de Absalão meu irmão. E Jonadabe lhe disse: Deita-te na tua cama e finge-te doente e quando teu pai vier te visitar diz-lhe: Peço-te que minha irmã Tamar venha e prepare dois bolos diante de meus olhos, para que eu coma de sua mão. Deitou-se pois Amnon e fingiu-se doente. E vindo o Rei visitá-lo, disse Amnon ao Rei: Peço-te que minha irmã Tamar venha e prepare dois bolos diante de meus olhos, para que eu coma*

de sua mão. Mandou então Davi Tamar à casa de Amnon dizendo: vai à casa de Amnon e faz-lhe alguma comida. E foi Tamar à casa do irmão Amnon (ele porém estava deitado) e tomou massa e a amassou e fez bolos diante de seus olhos e cozeu os bolos. E tomou a frigideira e os tirou diante dele, porém ele recusou-se a comer. E disse Amnon: Fazei retirar todos da minha presença. E todos se retiraram. Então disse Amnon a Tamar: Traz a comida à cama e comerei da tua mão. E chegando para que comesse pegou dela e disse: Vem, deita-te comigo, minha irmã. Porém ela lhe disse: Irmão meu, não me forces, porque não se faz assim em Israel. Não faças tal loucura. Porque aonde iria eu com a minha vergonha? E tu serias como um dos loucos de Israel. Agora, pois, peço-te que fales ao Rei, porque não me negará a ti. Porém ele não quis dar ouvidos à sua voz e sendo mais forte do que ela, a forçou e deitou-se com ela (II Sam. 13, 1-14). Após ter violado a irmã, Amnon a escorraçou e humilhou. Mas o castigo veio mais tarde. Absalão atraiu Amnon para uma festa que era uma cilada e mandou matá-lo.

Esse mesmo Absalão quis usurpar o trono paterno e para testemunhar sua revolta resolveu copular publicamente com as concubinas do pai. *E disse Aitofel a Absalão: Entra nas concubinas de teu pai que ele deixou para guardarem sua casa e assim todo Israel ouvirá que te tornaste aborrecível para com teu pai e se fortalecerão as mãos de todos que estão contigo. Estenderam pois para Absalão uma tenda no terraço e entrou Absalão nas concubinas de seu pai perante os olhos de todo Israel* (II Sam. 16, 21-22). A história não acabou bem para os conspiradores. Aitofel foi dispensado pelo próprio Absalão e suicidou-se, e Absalão foi derrotado e morto.

É necessário salientar que a punição imposta a relações incestuosas só se aplica aos parentes de mulher casada legalmente. Se o homem fornica ocasionalmente com prostituta, não é proibido de se casar com parente dela. Nem a conexão sexual com parente dessa mulher é pecaminosa. Também a cópula através de prostituição (*derec zenut*) com mãe e filha ou com irmãs não é considerada incestuosa. Elas são consideradas como estranhas. Somente o casamento legítimo é fonte de incesto. Da mesma forma, não é ilegal o homem casar com mulher com quem seu pai, seu filho, seu irmão ou seu tio tenha tido relação fora do casamento, pois somente suas mulheres legítimas são proibidas para ele.

No judaísmo, o sexo não é um mal, mas o sexo ilícito é. O ideal é atingido pela renúncia do ilícito e pela santificação do lícito. Quando o sexo é praticado dentro dos limites do casamento e investido de inten-

ções puras, é visto no judaísmo como a essência da vida e a expressão mais nobre dos impulsos criativos. As relações sexuais são uma *mitzvah*, um comando de Deus. Mas, ao mesmo tempo, os sábios tinham noção das tentações sexuais. Os homens, diziam eles, as desejam e se deliciam com elas. Os preceitos, afirmavam eles, que os judeus tiveram mais dificuldade de aceitar foram os que tratavam das relações sexuais proibidas, como observou Maimonides no seu *Guia dos Perplexos*: "Quando Israel foi instado a não participar de relações sexuais incestuosas e proibidas, o povo chorou e só aceitou esses preceitos com muita relutância e tristeza."

O Adultério

O adultério é infração similar ou talvez mais grave do que o incesto. A proibição é tão rigorosa que consta nos Dez Mandamentos: *Não cometerás adultério* (Êxodo 20, 14). E é punível com a morte: *também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher de seu próximo, certamente morrerão o adúltero e a adúltera* (Lev. 20, 10). E, mais adiante: *Quando um homem for achado com mulher casada com marido, então ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher. Assim tirarás o mal de Israel* (Deut. 22,22).

O pecado do adultério é tão grande que com ele se infringem todos os dez mandamentos. Infringe-se o primeiro mandamento: *Eu sou o teu Deus, não terás outros deuses diante de mim*, porque os adúlteros cometem seu crime em segredo e acham que nem Deus, cujos olhos abrangem todo o Universo e vêem tudo que se passa na terra, percebe o pecado.

Fere-se o segundo mandamento: *Não terás outros deuses diante de mim*, porque o adultério é uma demonstração da falta de fé em Deus.

Peca-se contra o terceiro mandamento: *Não invocarás o meu nome em vão*, porque os pecadores juram por Deus que não cometeram o ato.

Profanam o Sábado e, assim, o quarto mandamento: *Lembra-te do dia de Sábado para o santificar*, porque, com sua relação, os adúlteros geram descendentes que rezarão e cumprirão ritos religiosos no Sábado, o que é proibido a bastardos.

O quinto mandamento: *Honra teu pai e tua mãe*, será descumprido, pois os filhos do adultério honrarão como pai um homem que não o é e não conhecerão o próprio pai, para honrá-lo.

Potencialmente, profanarão o sexto mandamento: *Não matarás*, se forem surpreendidos pelo esposo da adúltera. Cada vez que um homem copula com mulher casada tem de estar consciente de que pode morrer ou matar.

Ferem diretamente o sétimo mandamento: *Não adulterarás*, e o oitavo: *Não furtarás* porque ele rouba a fonte da felicidade de outro.

O nono mandamento: *Não prestarás falso testemunho*, é quebrado pela mulher adúltera que afirma que o fruto de seu crime é filha ou filho de seu marido.

E, finalmente, profana o último mandamento: *Não cobiçarás os bens e a mulher do próximo.*

O pecado do adultério se estende a toda a humanidade, não é exclusivo dos judeus. É incluído entre as sete leis básicas que os rabis consideram extensivas a todos os descendentes de Noé. A Adão, Deus teria dado seis mandamentos: não adorar ídolos, não blasfemar, estabelecer cortes de justiça, não matar, *não cometer adultério*, e não roubar. A Noé, após o dilúvio, foi dado o sétimo mandamento: não comer carne de animal vivo: *A carne, porém com sua vida, isto é com seu sangue, não comerás* (Gên. 9, 4). As sete leis são consideradas naturais em contraposição às leis nacionais, exclusivas do judaísmo, existentes na *Torá* e no *Talmud*. Se um gentio comete um dos pecados acima e depois se converte ao judaísmo, fica livre da punição, porque todo convertido é considerado puro como criança recém-nascida.

Para Maimônides, todos os gentios que cumprem os sete mandamentos têm participação garantida no mundo vindouro, após a morte. O que diferencia a lei concernente ao adultério das outras leis, como as do incesto, é que ela só se aplica às mulheres: mulher casada é proibida de ter relações sexuais com qualquer homem que não seja o marido. Ela é proibida a todo mundo: *assurah le culei alma*. Mas o homem casado é livre. Pode ter relações sexuais com outra mulher que não seja casada, já que ela está disponível: *penuiah*.

A maior liberdade conferida ao homem decorre de sua convivência num mundo poligínico e da permissão de casar-se com várias mulheres e de ter concubinas. A punição só existe se ele adultera com mulher casada. Mas, ainda aqui, a desigualdade existe. A adúltera é divorciada do marido mas o adúltero pode continuar casado com sua esposa. Em algumas referências bíblicas, os adúlteros são condenados à morte: *Também o homem que adulterar com mulher de outro, havendo adulterado com a mulher de seu próximo, certamente morrerão o adúltero e a adúltera* (Lev. 20, 10). Contudo, em outros trechos a punição é menos severa, o homem abandona a adúltera ou a manda embora: *Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que se não achar graça em seus olhos por nela achar coisa má* [ervah], *ele lhe dará escrita de repúdio e lho dará na sua mão e a despedirá de sua casa* (Deut. 24, 1).

A lei bíblica sobre o adultério não permite dúvidas ou incertezas. Enfrenta, assim, problema pior por ser um acontecimento entre quatro paredes, sem testemunhas, embora os rumores sempre se espalhem e a suspeita ganhe corpo. Tal suspeita é uma ameaça à vida familiar e uma fonte de amargura, daí o código mosaico estabelecer regras pelas quais um julgamento divino determina a culpa ou inocência da mulher acusada. É a provação da mulher suspeita ou *sotah* detalhada na *Bíblia*.

Falou mais o Senhor [a Moisés] *dizendo: Quando a mulher de alguém se desviar e prevaricar contra ele, de maneira que algum homem se houver deitado com ela e contra ela não houver testemunho e no feito não for apanhada (...) e o espírito de ciúmes vier sobre ele e de sua mulher tiver ciúmes não havendo ela se contaminado. Então aquele varão trará sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará a sua oferta por ela: um décimo de efá de farinha de cevada, sobre a qual não colocará azeite, nem sobre ela porá incenso, porquanto é oferta de manjares de ciúme, oferta comemorativa que traz iniqüidade, em memória o sacerdote a fará chegar e a porá diante da face do Senhor. E o sacerdote tomará água santa num vaso de barro; também tomará o sacerdote do pó que houver no chão do tabernáculo e o deitará na água. Então, o sacerdote apresentará a mulher ao Senhor e descobrirá a cabeça da mulher e a oferta de manjares de ciúmes porá sobre suas mãos e a água amarga que traz consigo a maldição estará na mão do sacerdote. E o sacerdote a conjurará e dirá àquela mulher: Se ninguém contigo se deitou e se não te apartaste de teu marido e te contaminaste pela imundícia destas águas amargas amaldiçoadas, serás livre. Mas se te apartaste de teu marido e te contaminaste e algum homem fora de teu marido se deitou contigo, então o sacerdote abjurará a mulher com a conjuração da maldição e o sacerdote dirá à mulher: O Senhor te ponha por maldição e por conjuração no meio do teu povo, fazendo-te o Senhor decair a coxa e inchar o ventre. E esta água amaldiçoante entre nas tuas entranhas para te fazer inchar o ventre e te fazer decair as coxas. Então a*

mulher dirá amém. Depois, o sacerdote escreverá essas maldições num livro e com a água amarga as apagará. E a água amarga amaldiçoante dará de beber à mulher e a água amaldiçoante entrará nela para amargar. E o sacerdote tomará a oferta dos manjares de ciúmes da mão da mulher e moverá a oferta de manjares perante o Senhor e a oferecerá sobre o altar. Também o sacerdote tomará um punhado da oferta de manjares e sobre o altar o queimará. Depois dará de beber a água à mulher. E havendo-lhe dado de beber aquela água, será que se ela estiver contaminada e contra seu marido tiver prevaricado a água amaldiçoante entrará nela pela amargura e seu ventre se inchará e sua coxa decairá e aquela mulher será por maldição no seu povo. E se a mulher não tiver se contaminado, mas estiver limpa, então será livre e conceberá semente. Essa é a lei dos ciúmes quando a mulher em poder de seu marido se desviar e for contaminada. Ou quando sobre o marido vier o espírito de ciúmes e tiver ciúmes de sua mulher, apresente a mulher perante o Senhor e o sacerdote execute toda esta lei. E o homem será livre da iniqüidade, porém a mulher levará sua iniqüidade (Num. 5, 11-31).

Neste texto tão complexo, dois enigmas surgem: o porquê da distensão do ventre e do decair das coxas. Alguns sábios crêem que seria um aborto provocado. A coxa seria o eufemismo para designar os órgãos sexuais e a queda significaria a de um feto abortado. A distensão do abdome seria por gravidez. Isto é sugerido pela afirmação de que a mulher inocente reterá sua semente.

Na realidade, tudo parece ser uma encenação em que, a mulher, submetida a um impacto psicológico, culpada e aterrorizada, revelaria sua falta. Existe, também, a possibilidade de que a provação favoreceria as mulheres, culpadas ou não, de maneira a livrá-las da pecha. Representaria então uma forma de proteção às mulheres.

No *Talmud*, há um tratado completo sobre o assunto: *Sotah*, que focaliza o ritual mas não dirime as dúvidas. De um modo geral, os rabis não deram importância a esta provação, porque ela não era mais praticada na vigência do judaísmo rabínico e mesmo muito antes. O *Midrasch* escreve que esta lei macabra que Moisés ditou para a mulher suspeita de infidelidade, jamais foi aplicada em Israel. Por outro lado, na *Mischnah* e no *Talmud* diz-se que esta lei perdeu seu significado diante da frase do profeta Oséias, falando em nome de Deus: *Eu não castigarei vossas filhas, nem vossas noras quando adulterem porque eles com as prostitutas se desviam e com as meretrizes sacrificam; pois o povo que não tem entendimento será transtornado* (Oséias 4, 14).

No período pós-bíblico, a provação da água amarga e a pena de morte para o adultério foram abolidos. De acordo com o *Talmud*, os casos de adultério são produtos de desajuste mental. A palavra hebréia *tisteh*, que significa sair do caminho, é praticamente similar a *tisté*, cuja raiz deriva de alienação mental. Daí, a limitação da culpabilidade. Mas o adultério persistiu como crime grave. A adúltera teria de ser divorciada e proibida de casar com seu amante. Na prática, era excomungada porque seria difícil na comunidade achar alguém que quisesse ficar com ela.

Dizem que a proibição do adultério foi uma das causas que levaram Deus a dar a *Torá* a Israel: *O Senhor veio do Sinai e lhes subiu de Seir, resplandeceu desde o monte Parã e veio com dez milhares de santos, e à sua direita havia para eles o fogo da lei. Na verdade, ama os povos, e cada um receberá das tuas palavras* (Deut. 33, 2-3). Deus revelou-se não só a Israel mas a todos os povos. "*Ele se voltou para os filhos de Esaú e lhes perguntou: – Vocês querem aceitar a Torá? E eles responderam: – Mestre do Universo, o que está escrito nela? E Deus disse: – Não matarás. E os descendentes de Esaú responderam: – Mestre do Universo, esta proibição é contra a nossa origem. Nosso pai, cujas mãos eram as mãos de Esaú, só nos deixou a espada como alternativa de vida, pela tua espada viverás e por isso não podemos aceitar a Torá.*"

"*Voltou-se Deus para os filhos de Ismael e perguntou-lhes: – Vocês querem aceitar a Torá?" E eles perguntaram: – O que está escrito nela? – Não roubarás, disse o Senhor. E eles responderam: – O nosso destino é viver do que obtemos com o roubo e com o assalto porque está escrito sobre Ismael: – E ele será homem bravo e a sua mão será contra todos e a mão de todos contra ele* (Gên. 16, 12).

Voltou-se, também, para os amonitas e moabitas e eles perguntaram o que estava escrito na *Torá* e quando Deus leu o mandamento que proibia expressamente o adultério, eles responderam: *– Mestre do Universo, nossa origem está no adultério porque a própria escritura o diz: – E conceberam as duas filhas de Lot, de seu pai* (Gên. 19, 36)."

"*Não houve nação do mundo que Deus não tivesse consultado, mas só os judeus aceitaram a Torá: Moisés tomou o livro da aliança e o leu aos ouvidos do povo e eles disseram: Tudo que o Senhor tem falado, faremos e obedeceremos* (Êxodo 24, 7)."

Depois de elaborado o código de Moisés, o mais famoso dos casos de adultério citados na *Bíblia* é o do Rei Davi com Bethscheba (Betsabé). Começou numa tarde quando o Rei, passeando no terraço de sua casa,

viu Betsabé do outro lado da rua, em sua casa, tomando banho nua, e a achou linda: *E aconteceu, na hora da tarde, que Davi se levantou de seu leito e andava passeando no terraço da casa real e viu uma mulher que se estava lavando e era esta mulher mui formosa à vista* (II Sam. 11, 2). Ele perguntou quem era ela e sabendo que seu marido comandava tropas que estavam em guerra, mandou buscá-la e se deitou com ela (...) *e perguntou por aquela mulher e disseram porventura não é esta Betsabé, filha de Eliá, mulher de Úrias, o heteu. Então, enviou Davi mensageiros e a mandou trazer e entrando ela, ele se deitou com ela, e já tendo ela se purificado de sua imundícia, voltou ela para casa. E a mulher concebeu e fê-lo saber a Davi, e disse: Estou pejada* (II Sam. 11, 3-5). Davi sabia que a criança era sua e deu licença ao capitão Úrias, com a esperança de que ele, voltando, se deitasse com sua mulher e assumisse, sem saber, a paternidade. Mas Úrias não quis voltar para casa quando seus comandados estavam arriscando a vida. Nada mais restou a Davi senão mandá-lo de volta ao campo da batalha recomendando ao chefe das tropas para que o colocasse em posição vulnerável. Úrias foi morto e Davi apossou-se da mulher. Através do profeta Natan, Deus amaldiçoou o soberano: *Agora pois não se apartará a espada da tua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Úrias, o heteu, para que seja a tua mulher. Assim diz o Senhor: Eis que suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti e tomarei tuas mulheres perante os teus olhos e as darei a teu próximo, o qual se deitará com as tuas mulheres, perante este Sol* (II Sam. 12, 11-12). Além disso, como castigo, o filho do adultério morreu no sétimo dia do nascimento.

Dizem que Davi escreveu o *Salmo* 51, súplica de um pecador arrependido, depois do pronunciamento do profeta Natan. Eis o salmo, na magistral tradução de D. Marcos Barbosa:

Deus tem pena de mim, no teu amor
Teu grande amor apague o meu pecado
Lava completamente a minha culpa
De toda iniqüidade, purifica-me.

Pois eu reconheço a minha falta
Meu pecado está sempre à minha frente
Foi contra ti somente que eu pequei
E fiz o que era mal ante teus olhos.

Assim és justo quando me condenas
Irrepreensíveis são teus julgamentos.

Vê porém que eu nasci na iniqüidade
Minha mãe concebeu-me no pecado
Amas no entanto o espírito sincero
Pões a sabedoria no meu peito.

Com o hissope me asperge e serei puro
Mais branco que a neve se me lavas
Restitui-me palavras de alegria
Rejubilem os ossos que esmagaste.

Desvia o olhar do meu pecado
Apaga inteiramente as minhas culpas.
Um coração sem mancha cria em mim
Renova em mim o espírito de força

Não me afastes, oh Deus, da tua face,
Teu espírito santo não me tires!
Alegre-me de novo o teu auxílio
Inspire-me uma pronta obediência

Ensinarei aos meus os teus caminhos
E voltarão a ti os pecadores
Deus que me salvas, livra-me da morte
Exulte a minha língua, porque és justo.

Eu te peço, oh Senhor, abre os meus lábios
Proclame a minha boca o teu louvor!
Não te agradam Senhor, os sacrifícios
Meu holocausto tu rejeitarias.
Uma lama abatida eu te ofereço
Um coração contrito não desprezas

Mostra a Sião, Senhor, a tua bondade
E de Jerusalém reergue os muros,
Então aceitarás os sacrifícios,
Ablações e holocaustos de justiça,
E ofertas em teu altar de novilhos.

Finalmente, os rabis dizem que a destruição do segundo templo teve como causa um adultério. Um aprendiz de feiticeiro apaixonou-se pela mulher de seu patrão. Este, em certa ocasião, precisou de dinheiro e o aprendiz lhe disse: "Manda tua mulher para cá e eu emprestarei o dinheiro." O patrão mandou sua mulher para o aprendiz e ela ficou por lá durante três dias. Por fim, o patrão foi à casa do aprendiz e perguntou: – "Minha mulher, que eu mandei para ti, onde está?" O aprendiz respondeu: – "Eu a mandei de volta logo, mas ouvi dizer que no caminho alguns jovens tiveram relações sexuais com ela." – "Que devo fazer?", perguntou o patrão. – "Se queres ouvir meu conselho", respondeu o aprendiz: – "Divorcia-te." Mas o patrão alegou que pelo contrato de casamento ela teria uma grande indenização a receber. No que o aprendiz falou: – "Eu te emprestarei o dinheiro para que possas divorciar-te." Dito e feito. O patrão divorciou-se da mulher e logo o aprendiz casou-se com ela. Quando expirou o prazo do resgate do dinheiro, o patrão não possuía o suficiente e assim teve de vender-se ao aprendiz, por causa do seu débito e passou a ser empregado do aprendiz e de sua ex-mulher, servindo-lhes comida e bebida e arrumando-lhes a casa, e as lágrimas corriam de seus olhos, cheios de ódio. Desde aquele momento, a sorte de Jerusalém estava selada. O primeiro templo, dizem os sábios, foi destruído por idolatria, imoralidade e derramamento de sangue. Mas, por ocasião da destruição do segundo templo, as gerações cultuavam a *Torá*, praticavam a caridade e obedeciam às leis de Deus. A causa da destruição foi o ódio. Isso significa que o ódio sem causa é tão grave como a idolatria, a imoralidade e o derramamento de sangue juntos (*yoma*).

Sedução e Estupro

O estupro é considerado, hoje em dia, um ato de violência criminoso e de modo algum uma manifestação de amor ou fruto exclusivo de

uma atração sexual incontrolável. Este ponto de vista baseia-se em laudos psiquiátricos sobre homens que cometeram estupros e também na modificação dos conceitos sociais sobre os direitos das mulheres. Na legislação religiosa judaica, o estupro é considerado um ato de violência mesmo quando ocorre na intimidade do lar entre o homem e sua esposa, embora se admita também que ele pode ocorrer quando alguém quer forçar o acesso à intimidade de uma mulher através do ato de posse.

A *Bíblia* relata estupros em que a motivação era a violência e o mau caráter dos que o cometeram. O mais gritante é o atribuído a um bando da cidade de Giva e narrado em *Juízes*: *Aconteceu também naqueles dias, em que não havia Rei em Israel, que houve um homem levita, que, peregrinando pelos lados da montanha de Efraim, tomou para si uma mulher concubina, de Belém de Judá. Porém a sua concubina adulterou contra ele e foi dele para a casa de seu pai, a Belém de Judá, e esteve ali, alguns dias, a saber, quatro meses* (Juízes 19, 1-2). O amante apaixonado partiu atrás da mulher e o sogro o deteve em sua casa por dias a fio, o regalou com sua hospedagem, o reteve e o convenceu a retornar para a sua concubina. Ao retornar, passou pela cidade de Giva (*Gibea*), da tribo de Benjamim, e lá, sem conseguir hospedagem, permaneceu numa praça, até que um velho lhe ofereceu pouso na sua casa, junto com a sua concubina, seus animais e seu servo. Os homens do local quiseram invadir a casa do velho para estuprar o peregrino, mas o ancião, para proteger o hóspede, ofereceu-lhes a própria concubina e a sua filha virgem para que se servissem delas. Mas os homens não aceitaram a barganha e acabaram se contentando com a concubina do visitante: *Porém aqueles homens não quiseram dar-lhe ouvido. Então aquele homem* [o visitante] *pegou a sua concubina e a tirou para fora, e eles a conheceram e abusaram dela toda a noite, até pela manhã, e subindo a alva a deixaram* (Juízes 19, 25).

De acordo com fontes rabínicas posteriores, a estupraram por via vaginal e anal. No dia seguinte, o levita achou sua mulher morta. Levou-a para casa, a esquartejou num total de 12 pedaços e os mandou para todas as tribos de Israel. Os israelitas se revoltaram com a afronta: *Então todos os filhos de Israel saíram e a congregação se juntou como se fora um só homem, desde Dan até Berscheba, como também da terra de Gileade ao Senhor em Mizpá. E dos cantos de todo o povo se apresentaram, de todas as tribos de Israel, na congregação do povo de Deus. Quatrocentos mil homens de pé que arrancavam a*

espada (Juízes 20, 1-2). Cada um que soube do fato dizia: *Nunca se fez, nem se viu isto, desde que os filhos de Israel subiram das terras do Egito, até o dia de hoje* (Juiz. 19, 30). O resultado foi a guerra, que envolveu de um lado 400 mil israelitas e do outro 26 mil da tribo de Benjamin, mais seiscentos homens de elite, arqueiros e canhotos, que com a funda eram tão exímios que miravam um cabelo e não erravam, afora os guerreiros da cidade de Gibea, onde o crime fora cometido. Nos primeiros embates os israelenses foram derrotados e perderam 40 mil guerreiros. Mas, depois, através de estratagemas e emboscadas, acabaram vencendo. Mataram 25 mil inimigos e destruíram tudo. *E os homens de Israel voltaram para os filhos de Benjamin e os feriram ao fio da espada, desde os homens da cidade até os animais, tudo quanto ali se achava e também a todas as cidades, quantas acharam, puseram fogo* (Juízes 20, 48). Houve somente 600 sobreviventes, sem mulheres, em virtude de outro castigo imposto a eles: não lhes permitir casamento. O clã da cidade de Gileade, parceiro silencioso dos benjaminitas, não se juntou aos vingadores israelitas e por isso as tribos de Israel atacaram a cidade e degolaram todos os homens e todas as mulheres que não eram mais virgens. Sobraram 400 virgens, com a finalidade específica de restaurar a casa de Benjamin. Também sobraram 200 benjaminitas, que não ficaram desprovidos. Numa conspiração, na qual eles ficaram à espreita nos vinhedos de Schilo, onde virgens canaítas vinham dançar anualmente no festival da fertilidade, 200 foram raptadas antes de serem defloradas pelo pênis do Rei Baal. A estratégia foi bem sucedida, e a *Bíblia* diz: *Naqueles dias não havia Rei em Israel, porém cada um fazia o que parecia reto aos olhos do Senhor* (Juízes 21, 25).

A atrocidade tem muita semelhança com a história de Sodoma, na qual os devassos que constituíam toda a população da cidade cercaram a casa de Lot e exigiram que ele entregasse seus hóspedes. O historiador Philo Judaeus assim escreve sobre os sodomitas: "Não eram só loucos por mulheres mas gostavam também de ter relações com homens e não tinham vergonha de suas atitudes." O *Midrasch Raba* assume que os sodomitas tinham um pacto entre eles de ter relações sexuais com todos os estranhos que viessem à sua cidade e de roubar seus pertences, dizendo mesmo que se o patriarca Abraão viesse visitar seu sobrinho Lot, eles o violentariam e roubariam.

Fontes rabínicas acham que o egípcio morto por Moisés quando flagelava um israelense, era também estuprador. Baseiam-se em dois textos da *Bíblia*: *E aconteceu naqueles dias que sendo Moisés já grande, saiu a seus irmãos e atentou nas suas cargas e viu que um varão egípcio feria a um varão hebreu. E olhou a uma e outra banda e vendo que ali não havia ninguém, matou o egípcio e escondeu-o na areia* (Êxodo 2, 11). Quem era o egípcio? Dizem os rabis, o blasfemador cuja mãe era judia e cujo pai era egípcio: *E apareceu o filho de uma mulher israelita, o qual era filho de um egípcio no meio dos filhos de Israel. Então o filho da mulher israelita blasfemou o nome do Senhor e o amaldiçoou, pelo que o trouxeram a Moisés. E o nome de sua mãe era Schelomit, filha de Dibri, da tribo de Dan.* Naquela época, os capatazes eram egípcios e os feitores a eles subordinados eram judeus. Cada capataz mandava sobre dez feitores e cada feitor sobre dez escravos judeus. Os capatazes iam à casa dos feitores de madrugada para que o trabalho começasse cedo. Uma vez, um capataz egípcio foi à casa de um feitor e encantou-se com sua mulher, Schelomit, filha de Dibri, que era linda. No dia seguinte, chegou à casa do feitor e disse: - "Junta a tua turma de dez homens, e escondeu-se debaixo de uma escada." Quando o marido deixou a casa, o capataz foi ao quarto do casal e estuprou a mulher. O marido entrou de novo em casa e perguntou à mulher: – "O egípcio te tocou?" Pois o havia visto deixando a sua casa. E ela respondeu: – "Sim, mas eu pensei que era você." Quando o capataz soube que fora descoberto, passou a bater diariamente no feitor e obrigá-lo a trabalhar pesadamente para ver se o matava. Moisés soube o que se passara e disse: – "Basta." E matou o egípcio, fendendo a sua cabeça com uma pá e o enterrou na areia.

A distinção entre sedução e estupro é estabelecida pelo código de Moisés, seguindo certos parâmetros. Se o estupro é na cidade, a mulher deve gritar e berrar por socorro. Naquela época, as cidades eram compactas e alguém certamente ouviria os clamores. Se ela não gritar, presume-se que estará de acordo. E se ela é casada e os dois são flagrados, ambos devem ser apedrejados. A cumplicidade da adúltera é evidente e o homem também é culpado por ter violado o mandamento do adultério: *Quando houver uma moça virgem, desposada com algum homem, e um outro homem a achar na cidade e se deitar com ela. Trareis a ambos à porta daquela cidade e os apedrejareis, porque estando ela na cidade não gritou, e o homem porque afligiu a mulher de seu companheiro, e eliminarás o mal do meio de ti*

(Deut. 22, 22-24). Mas se o mesmo ato se realiza no campo, onde não há ninguém para ouvir seus gritos, só o homem faz juz à sentença capital. A culpa da mulher não pode ser provada, mesmo que ela tenha concordado. A culpa dele é explícita por ter violado o direito de outros: do marido, do noivo, ou mesmo do pai, que poderia ter recebido dinheiro numa transação. Além disso, foram todos ofendidos na sua honra: *E se no campo achar o homem a moça desposada e o homem a forçar a se deitar com ele, então morrerá somente o homem que se deitou com ela. Mas à moça não farás nada; a moça não tem pecado de morte porque como no caso do homem que se levanta contra seu companheiro e o mata, assim também é este caso. Pois no campo a achou, a moça desposada gritou e não houve quem a salvasse* (Deut. 22, 25-27).

Ainda, se um homem estupra uma virgem não comprometida e é pego, ele não é condenado à morte mas tem de se casar com ela e indenizar seu pai: *Quando achar o homem uma moça virgem, que não foi desposada, e pegar nela e se deitar com ela e forem encontrados, então o homem que se deitou com ela dará ao pai da moça 50 siclos de prata e ela lhe será por mulher, porquanto a afligiu, e não a poderá despedir por todos os seus dias* (Deut. 22, 28-29).

Como vimos, na legislação bíblica, se o estupro é cometido contra uma virgem não comprometida, o crime é primariamente contra ela e seu pai, sendo resgatado pelo casamento indissolúvel. Mas se a mulher é noiva ou casada, o estupro é crime muito mais grave, punível com a morte. Algumas vezes, o estupro é considerado um seqüestro pelo qual o estuprador adquire a mulher contra a vontade de seu pai, e por esse motivo a punição pode ser mais leve. O violador paga 50 *schequels* ao pai para indenizá-lo pela perda da filha e pela degradação em virtude de um casamento, não esperado de antemão.

A legislação não admite que a mulher estuprada se negue a casar com o estuprador. A lei presume que na falta de pretendentes possíveis, a moça não titubearia em aceitar quem a violou e também porque o estupro, no caso, não é considerado uma agressão, mas uma forma de adquirir uma esposa.

Já a legislação pós-bíblica abrange todas as situações. De acordo com o *Código* de Maimônides, que resume essa legislação, se a mulher seduzida ou estuprada se recusa a casar com quem a violou ou seu pai

não quer dá-la em casamento, o estuprador paga a indenização da lei e fica livre. Se a mulher aceita o casamento, escreve-se a *quetubah*, o contrato, e tudo é feito de acordo. O estuprador não tem o direito de rejeitar o casamento, é compelido a realizá-lo e a pagar a indenização. No caso de estupro, a indenização é maior do que no caso de sedução, pela dor infligida. Não a dor da penetração, porque esta ocorre em qualquer eventualidade, mas a dor da agressão psicológica. E o estuprador tem de beber de seu copo até o fim. Mesmo que a mulher estuprada seja aleijada, cheia de pústulas, cega, ou tenha outros defeitos físicos ou morais, ele não pode recusá-la.

Outro problema discutido no *Talmud* é como definir a relação sexual que começa forçada e termina com prazer, com consentimento e participação ativa da estuprada. Uma história do *Talmud* de Jerusalém ilustra o problema: "Uma mulher veio ao rabi Yohanan e queixou-se a ele: – Eu fui estuprada. Ele lhe disse: – E, no fim, o estupro te agradou? E ela respondeu: – Se um homem coloca seu dedo num pote de mel e o enfia na tua boca no dia do *Yom Kipur* (dia de expiação e de jejum absoluto), não será mau para você, embora o mel seja doce? Ele concordou com ela" (*Sotah*). O *Talmud* babilônico também adota o princípio de que a relação deflagrada pela compulsão é estupro, embora no fim possa despertar prazer e concordância.

A noção de que o estupro pode ocorrer mesmo dentro do casamento, só recentemente aceita no Ocidente, já existia no *Talmud*. Rabi ben Hama, citando o Rav Assi disse: *O homem é proibido de compelir a mulher a cumprir a* mitzvah *da* onah *porque está escrito: O que se apressa com seus pés, peca* (Prov. 19, 2).

O Sexo antes do Casamento

De acordo com Michael Kaufman, no livro *Love, Mariage and Family in Jewish Law and Tradition* (1992), o judaísmo julga que só o casamento constitui moldura apropriada para a relação sexual. Para assegurar que a mais intensa, íntima e pessoal das experiências humanas seja preservada, a união legal e o compromisso religioso público devem preceder a relação sexual. E somente a instituição que exige pré-requisitos pode determinar o reconhecimento público, porque enfatiza que as

ações individuais devem ser subordinadas às regras da sociedade. As exigências são cumpridas porque as obrigações do casal ultrapassam a relação contratual entre os parceiros e o casamento é o único meio legal de trazer crianças ao mundo, educá-las e criá-las.

O judaísmo, diz Kaufman, não sanciona a atividade sexual isenta do termo da aliança santificada com Deus. A relação sexual dentro da estrutura marital é desejável e bela. Fora do casamento, é proibida como ofensa a Deus e ao homem. Por isso, o judaísmo proíbe a atividade sexual pré-marital e a extramarital.

E vai mais longe, limitando inclusive as relações sociais entre homens e mulheres não casados entre si de modo a minimizar os contatos que eventualmente possam levar a um envolvimento perigoso. Uma amizade puramente platônica entre homem e mulher seria praticamente impossível porque a excitação sexual e a força do desejo são extremamente poderosas. Sem restrições, o instinto acaba prevalecendo e transforma a amizade numa relação física. Daí, as limitações impostas ao contato físico (*n' gi'ah*). O contato físico de qualquer espécie entre homens e mulheres não-casados entre si é proscrito pela lei judaica. Enquanto a sociedade em geral aceita expressões físicas de afeto como procedimentos habituais e sem maior significação, como dar a mão, abraçar ou beijar, a legislação judaica ortodoxa é contra, porque acredita que esse contato, aparentemente sem maldade, caminha sempre além. No judaísmo tradicional, o ímpeto sexual e a facilidade com que ele pode surgir, especialmente no homem, impõem regras de comportamento dentro de uma conduta ética de controle dos desejos. Engajar-se em atividade extramarital é cultivar a sensualidade para a *t'ama d'issura*, o sabor do que é proibido. O sexo pré-marital é excitante, em grande parte porque é proibido moral e eticamente, e uma vez que o prazer passa a ser ligado à proibição, deixa de ser tão atraente após o casamento. O desejo pelo proibido leva a vítima a experiências cada vez mais extremadas e a semente perniciosa continua a agir após o enlace.

Os atos íntimos são expressões de amor e veículos para o cumprimento das leis judaicas e, desse modo, devem ser preservados para os nossos parceiros de toda a vida. Homens e mulheres ainda não-casados estão num estado preparatório para o casamento e, desse modo, devem estar puros para o enlace.

As Nove Características ou *Midot* de Casamento com Filhos Anormais

E separarei dentre vós os rebeldes e os que prevaricaram contra mim (Ezeq. 20, 38). Os rabis acham que o texto refere-se aos filhos das nove *midot*, porque a sua concepção é resultado de atos indignos. Nestes casos, o marido, e, com menor freqüência, também a mulher, peca(m) por ter tido relações sexuais inapropriadas e selvagens. Embora todos os seres humanos tenham livre arbítrio e ninguém seja prisioneiro de um destino predeterminado e inevitável, o estado de espírito dos pais durante a relação sexual determinaria as tendências do futuro caráter da criança concebida. O *Talmud* (*Nedarim*) enumera os nove tipos de união sexual que podem gerar crianças defeituosas ou retardadas:

Crianças de cópula forçada

A condição não se aplica somente ao estupro mas também a relações forçadas com a própria mulher. Assim, mesmo que ela momentaneamente não esteja inclinada ao ato, ele não deve forçá-la. E, mesmo após a relação, se ele quiser repeti-la e ela não concordar, ele deve abster-se. Inclusive quando a sua intenção é cumprir a *mitzvah* da procriação. O coito forçado é um ato brutal de violação física ou psicológica e não inspira o amor necessário, pois constrange de modo selvagem a mulher.

Crianças de um parceiro odiado

Quando um odeia o outro ou os dois se odeiam. A *maharscha* (comentários sobre o *Talmud*), de Schmuel Edels (1555-1631), inclui nessa categoria os filhos de mulher que declarou ao marido a sua total antipatia por ele e a sua completa falta de vontade de cumprir suas responsabilidades maritais para com ele. Exceção feita às situações em que ela tenha se arrependido e renunciado completamente à sua rebelião.

Crianças de um parceiro excomungado

No caso em que um dos esposos está submetido a um edito de excomunhão por um tribunal religioso ou por um sábio rabínico. Uma

pessoa sob tal punição não pode ter relações de qualquer espécie, inclusive sexuais com seu esposo ou sua esposa. Rosch (Ascher ben Yechiel, 1250-1327), comentarista talmúdico, inclui nessa categoria as crianças de parceiro que está de luto, porque o enlutado nos primeiros sete dias (*schivah*) também é proibido de ter relações sexuais. Nos dois casos, a mente está preocupada com a tragédia que o atingiu e as emoções o perturbam. Há um senso de isolamento profundo que o tornam incapaz de se engajar, a contento, em um relacionamento amoroso.

Crianças de troca

Raschi interpreta o caso como sendo o de alguém que tem relações com a própria mulher enquanto imagina que está copulando com outra. Essa união é quase adúltera, porque ele em pensamento está cometendo o adultério. Traduz uma falta de intimidade que repercute sobre os que são concebidos. Confunde-se com o conceito de "crianças de mistura".

Crianças de briga

Raschi fala aqui de crianças de casais em briga ou questionamentos de parte a parte. Mesmo que não haja ódio entre os dois, a união é maculada. Para alguns talmudistas a união se iguala à prostituição porque é isenta de amor, pois o encontro é puramente físico.

Crianças de bebedeira

Ainda citando Raschi, refere-se a quando um dos parceiros ou ambos estão bêbados, e não têm consciência de seu ato. Outros comentaristas acrescentam: não há a intenção de amar. Seria um ato também equivalente à prostituição, porque isento de amor. Algumas autoridades rabínicas incluem nessa categoria as crianças concebidas quando um dos parceiros está dormindo, porque esta relação sexual, segundo a *tosafat* (suplemento do *Talmud*) seria marcada pela falta de consciência do ato.

O *Talmud* (*Nidah*) exalta o casal real de Munbaz, que se converteu ao judaísmo, por copularem durante o dia. O *Talmud* indaga: "Não é este

um procedimento contra a lei, já que como diz o rabi Huna, os judeus só devem realizar sua relação sexual à noite?" E logo o próprio Talmud explica: "Os membros da casa real se tornavam íntimos durante o dia porque temiam que de noite o sono faria com que eles se rejeitassem." E Raschi explica: "Vencido pelo sono, o marido tem a relação unicamente como obrigação e a intimidade sexual só é válida quando dominada pelo desejo mútuo e pela paixão."

Crianças de mulher de quem o marido resolvera se divorciar

Inclui situações em que o marido tenha decidido se divorciar da esposa, e a relação sexual ocorra antes de dar-lhe conhecimento do fato. Mesmo se ele ainda a ama, como nos casos em que o *Beit Din* (Tribunal) compele o marido a dar o divórcio. Neste caso, ele deve se abster de ter relações sexuais com a mulher.

Crianças de mistura

Quando um dos parceiros tem a relação pensando em uma terceira pessoa. O prazer ligado ao sexo é desviado da esposa ou do esposo e dirigido a uma terceira pessoa. O texto bíblico enfatiza: *E não seguireis após o vosso coração, nem após os vossos olhos, após os quais andais adulterando* (Num. 15, 39). Este texto é assim interpretado pelo rabi Yehuda Hanasi: "Não devemos beber de um copo e ao mesmo tempo olhar e desejar outro." E o *Talmud* diz: "Enquanto se tem relações com a esposa não se deve pensar em outra mulher (*nedarim*), e ainda, "o mesmo se aplica à mulher que pensa em outro homem." E os rabis determinam: "Quando a mulher tem relação com o marido e seu coração intimamente se dirige a outro homem que ela viu de passagem, não há maior adultério do que esse."

Crianças de mulher sem-vergonha

Refere-se aos filhos de mulheres desbocadas, impudentes, atrevidas, que exigem a relação sexual em brados e em termos insolentes. Mas se a mulher se exprime em termos elevados e se enfeita para que c

marido note o seu desejo, os sábios dizem que ela será compensada com crianças de qualidade superior. A mulher demonstraria discretamente seu desejo com atitudes que atraem o esposo.

Por que essas *midot* são tão fortemente condenadas como pecaminosas e capazes de gerar filhos malformados? Todas as *midot* têm em comum uma única condenação: o ato sexual físico separado de seus componentes emocionais ou psíquicos.

A essência da santificação do ato sexual é o cumprimento do mandamento da *Torá*: *Santos sereis pois santo sou eu o vosso Deus* (Lev. 19, 2). "E santo", diz o grande líder rabínico Gaon de Vilna (1720-1797), "é evitar as nove *midot*." A essência da santificação durante a intimidade é cumprir integralmente o mandamento da *Torá*: *Sê santo.* E os requisitos essenciais da santificação do ato sexual são aprofundar o amor e a unidade entre marido e mulher. A santidade, afirma o Gaon, é assegurar que após cada encontro sexual o prazer seja transformado em força que solidifique e cimente os laços maritais.

A Promiscuidade Sexual

Diz o *Talmud*: "O Deus do povo de Israel é inimigo da licenciosidade" (*Sanhedrin*).

Pela *Bíblia* o homem casado pode ter relações com outra mulher, além da esposa, mesmo porque a poliginia o permitia. A proibição talmúdica de contato entre homem e mulher que não a esposa e o edito medieval que instituiu entre os judeus ocidentais a monogamia, acabou praticamente com a poliginia. Ainda assim, legalmente, o homem não estaria cometendo crime ou nem transgressão. Em algumas comunidades era condenado a ser flagelado.

Em relação à mulher, desde que não esteja comprometida por noivado ou casamento, poderia ter relações com um ou mais homens, sem violar nenhuma proibição explícita. Já a *halacá* (legislação religiosa judaica) não aceita a sexualidade extramarital, e a condena e rotula de *zenuth*. O termo pode ser traduzido de vários modos. Conota a prostituição profissional, conota a promiscuidade e define, inclusive, a relação de mulher não casada, por puro prazer, sem visar ao casamento. Tem também um significado mais amplo, abrangendo o adultério e o incesto.

Um outro aspeto interessante é o que se refere aos sacerdotes, porque estes estão proibidos de se casar com mulheres permitidas à plebe comum, entre elas as chamadas *zonah*. *Não tomarão mulher* zonah *ou infame, nem mulher repudiada por seu marido ou divorciada* (Lev. 21, 7). O rabi Aquiva traduz *zonah* como prostituta. O rabi Masya ben Cherech estende a definição para mulheres suspeitas de adultério. O rabi Judá estende o significado para mulheres incapazes de procriar. Os sábios do *Talmud* dizem que o termo se aplica às mulheres que têm relações extraconjugais. O rabi Eleazar diz que quando um homem tem relações com mulher solteira, sem intenção de casamento, a transforma em *zonah*.

Os rabis procuram evitar de tal modo as relações fora do casamento que chegam a proibir não só a coabitação mas também o encontro inocente entre homens e mulheres não aparentados. Uma proibição que tornaria impossível a relação extraconjugal.

A Prostituição

Antes da décima geração após Adão e Eva, se inicia a prostituição. Têm, pois, razão os que dizem ser ela a mais antiga das profissões.

A poliginia (poligamia masculina) se inicia na quarta geração depois de Adão. *E tomou Lameque para si duas mulheres: o nome de uma era Ada e o nome da outra era Zila* (Gên. 4, 19). Posteriormente, essa duplicidade se repetiu na geração do dilúvio. Uma das mulheres era destinada à concepção e a outra ao prazer. A primeira vivia como viúva viva, sem a companhia do marido, porque mulheres grávidas eram, na visão dos homens, uma abominação (*toevah*), conforme o *Sefer Hayaschar*, crônica da história bíblica, chamado *Livro do Reto*, que se teria perdido, e é mencionado em *Josué* (10, 13) e em II *Samuel* (1, 18). A segunda, a companheira sexual, recebia uma bebida esterilizante (*masque acarot*) para evitar a concepção e preservar sua figura e aparência.

Na *Bíblia* há também uma referência ao sexo grupal: *E viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram* (Gên. 6, 2). O *Sefer Hayaschar* descreve os *filhos de Deus* como sendo filhos de homens que se afastaram de Deus, cometeram crimes e violência e se consideravam, eles mesmos, deuses. Ainda de acordo com esse livro, eram eles juízes e oficiais que tomavam as

mulheres desejadas à força, mesmo sendo casadas. Para o *Gênesis Rabbah*, quando a noiva se preparava para a sua noite de núpcias, eles entravam na alcova e a estupravam. Essa forma de estupro ocorreu mais tarde, na época do domínio sírio-grego, culminando com a revolta dos macabeus. O fato é que: *Viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara por sobre a terra e que toda a imaginação de seu pensamento era só má, continuamente* (Gên. 6, 5), e decidiu destruir sua obra através do dilúvio. O estupro, o adultério, o incesto, a promiscuidade, a prostituição, a bestialidade, a sodomia e a masturbação são citados como causas do dilúvio. De acordo com o *Gênesis Rabbah*, as mulheres iam à praça central da cidade ou do povoado, viam um homem que lhes agradava, e iam se deitar com ele. Os homens não somente tinham relações sexuais com animais, como faziam com que os animais tivessem relações perversas entre eles, cruzando espécies diferentes.

Especificamente, a primeira referência à prostituição é encontrada na *Bíblia*, na história do estupro de Diná, a filha de Jacó e de Léia. Simão e Levi massacraram toda a população da cidade de Schechem, onde Diná fora deflorada e declararam textualmente ao pai que os admoestou: *Como prostituta, haveriam de tratar nossa irmã?* (Gên. 34, 31).

Um pouco adiante, na *Bíblia*, é contada a história de Judá com Tamar, sua nora. Quando Tamar decide seduzir o sogro, disfarça-se em meretriz e fica aguardando-o na estrada. O filho nascido da união é Perez, ancestral do Rei Davi. Judá pensou que ela era uma *quedescha*, mulher de religião pagã que uma vez ao ano se entregava ao primeiro que a quisesse, para cumprir um preceito religioso: *E Judá perguntou aos homens daquele lugar: Onde está a prostituta que estava no caminho junto às duas fontes? E disseram: Aqui não esteve* quedascha *alguma* (Gên. 38, 21). Judá a tomou como prostituta comum: *E vendo-a, Judá a tomou como prostituta comum* [zonah], *porque ela tinha coberto seu rosto* (Gên. 38, 15). Para um judeu, dormir com prostituta comum poderia ser um caso de transgressão sexual. Mas dormir com prostituta religiosa era caso de idolatria.

O código mosaico diz expressamente: *Não profanarás tua filha para fazê-la prostituta, para que a terra não seja entregue à prostituição e que não se encha a terra de pensamentos maus* (Lev. 19, 20). Diz ainda o Levítico: *A filha do sacerdote, quando se profanar com a prostituição, a honra de seu pai ela profana, no fogo será queimada* (Lev. 21, 9). Mais adiante, a legislação mosaica

prescreve: *Não haverá mulher destinada à prostituição dentre as filhas de Israel, nem haverá homem destinado à pederastia entre os filhos de Israel* (Deut. 23, 18). E reafirma: *Não trarás salário de rameira nem preço de cão à casa do Eterno teu Deus, em paga de qualquer voto, pois a abominação do Eterno teu Deus se refere a ambos, e a coisas semelhantes a estas* (Deut. 23, 19).

Se a rameira recebeu dinheiro ou animal em pagamento, não poderão servir de oferenda no templo. Ao se referir a mulheres da vida ou a pederastas ("cão"), o texto se baseia no costume dos povos idólatras, vizinhos de Israel, com suas prostitutas e seus pederastas de culto. O Velho Testamento contém inúmeras referências a ambos. Uma descrição destes costumes encontra-se nos textos de Heródoto, historiador grego conhecido como o pai da História (480-425 a.C.). Ele descreve um costume, que diz ser vergonhoso, entre os canaítas, onde cada mulher, pelo menos uma vez na vida, devia sentar-se no templo de Afrodite e dar-se a um homem estranho. Muitas mulheres ricas e de posição elevada, deviam desfazer-se de seu orgulho e, chegando ao templo em carruagens de luxo, acompanhadas de grande séquito, esperar sentadas no frontispício do templo. Uma vez sentadas não podiam mais se levantar, até que um homem passando por lá, lhes jogasse uma moeda de prata na dobra da roupa. Ao jogar a moeda, o homem devia dizer que o fazia em nome da deusa Milita, nome assírio de Afrodite. O valor da moeda não importava, porque uma vez jogada tornava-se sagrada e não podia ser recusada ou servir de troca. A mulher não tinha escolha. Devia deitar-se com o homem que a escolhera, e sua dívida com a deusa terminava e ela podia então voltar para casa. As mulheres bonitas desvencilhavam-se rapidamente do voto, mas as feias permaneciam sentadas, por muito tempo, meses e até anos. Embora proibida, em tempos de apostasia, a pederastia aparecia em Israel: H*avia também rapazes escandalosos na terra; fizeram conforme as abominações das nações que o Senhor tinha expulsado de diante dos filhos de* Israel (I Reis 14, 24), e, ainda: *Asa* (Rei de Judá, 715-686 a.C.) *fez o que era reto aos olhos do Senhor, como Davi, seu pai. Porque tirou da terra os rapazes escandalosos e tirou todos os ídolos que seus pais fizeram* (I Reis 15, 11-12). Anos mais tarde, o Rei Josias teve de destruir os lupanares dos pederastas, instalados nos templos: *Também derrubou as casas dos rapazes escandalosos, que estavam na casa do Senhor, em que as mulheres teciam casinhas para os ídolos do bosque* (II Reis 23, 7).

Uma das mais famosas meretrizes da *Bíblia* foi a prostituta Raabe, de Jericó, que hospedou os dois espiões que Josué enviou antes de invadir Canaã, para reconhecer o terreno. *E enviou Josué, filho de Nun, dois homens, desde Setim, para espiar secretamente, dizendo: Andai e observai a terra e a Jericó. Foram pois e entraram na casa de uma prostituta, cujo nome era Raabe e dormiram ali* (Josué 2, 1). O Rei de Jericó soube da presença deles e mandou procurá-los, mas Raabe os escondeu no telhado da casa, visando proteger seus bens e seus parentes de uma futura invasão israelense, que ela temia. Os espiões prometeram que Josué protegeria seus bens e seus parentes, cuja casa seria reconhecida por um cordão escarlate a ser pendurado na janela. Até hoje, não se sabe se os espiões consumaram o outro objetivo dos que freqüentam casas de prostitutas. O que se sabe é que Josué cumpriu a promessa à meretriz: seus bens e seus parentes foram poupados após a conquista de Jericó pelos judeus. Os talmudistas acham que não houve rei, príncipe ou regente em Canaã que não tivesse possuído Raabe, tal a sua beleza. Com tal influência, por que teria ela protegido os dois espiões? Diz a tradição que eles teriam sido os primeiros estrangeiros que a procuraram sem pedir seus favores sexuais, despertando seu respeito e sua admiração.

Jefta (em torno de 1.100 a.C.), um dos juízes de Israel, era filho de uma prostituta: E*ra, então Jefta, o gileadita, valente e valoroso, porém filho de uma prostituta* (II Juízes 11, 1). Vivia no país de Tob com um bando de marginais e era conhecido como guerreiro vigoroso. Quando os amonitas atacaram Israel, o povo o chamou para comandá-lo. Ele fez voto de oferecer a Deus o primeiro ser humano que ele encontrasse após sua vitória, queimando-o. E este foi a sua única filha, e ele cumpriu a promessa.

Sansão, antes de apaixonar-se por Dalila, foi a Gaza onde conheceu e teve relações sexuais com uma prostituta: *E foi-se Sansão a Gaza e viu ali uma mulher prostituta e entrou nela* (Juízes 16, 1). Os filisteus souberam do fato e cercaram a casa, esperando que ele saísse para capturá-lo. Mas Sansão deitou-se somente até meia-noite e escapou graças à força hercúlea de que era dotado.

O profeta Amós (750 a.C.) repreendeu os homens de Samaria porque pais e filhos tinham relações com a mesma prostituta: *E o homem e seu pai entraram na mesma moça para profanarem o meu santo nome* (Amós 2, 7).

O profeta Joel, de quem não se sabe ao certo sobre a época em que viveu, possivelmente, logo depois do exílio da Babilônia, incriminou as nações que conquistaram Israel porque, entre outros crimes, transformaram meninos em pederastas: *E lançaram a sorte sobre meu povo, e deram um menino por uma meretriz e venderam uma menina por vinho, para beberem* (Joel 3, 3).

O profeta Jeremias descreveu as iniqüidades praticadas em Israel: *Disse mais o Senhor, nos dias do Rei Josias, viste o que fez a rebelde Israel? Ela foi-se a todo monte alto e debaixo de toda árvore verde, ali andou prostituindo-se* (Jerem. 3, 6). Os lugares altos correspondem às colinas onde os canaítas faziam o culto da prostituição.

O profeta Ezequiel, deportado por Nabucodonosor, descreveu a prostituição de Israel com cores vivas. *Assim diz o Senhor Jeová a Jerusalém: A tua origem e o teu nascimento procedem da terra dos cananeus; teu pai era amorreu e tua mãe hetéia. E quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água, para tua purificação (...). Não se compadeceu de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas compadecido de ti; antes foste lançada em pleno campo, pelo nojo de tua alma, no dia em que tu nasceste. Eu te fiz multiplicar como a renovação do campo e cresceste e te engrandeceste e alcançaste grande formosura, avultaram os teus seios e cresceu teu cabelo, mas estavas nua e descoberta. E passando eu por ti, e eis que o teu tempo era tempo de amores, e estendi sobre ti a ourela do meu manto e cobri a tua nudez e entrei em aliança contigo, diz o Senhor Jeová, e tu ficaste sendo minha. Então te lavei com água e te enxuguei de teu sangue e te ungi com óleo. E te vesti com bordados e te calcei com pele de texugo e te cingi de linho fino e te cobri de seda. E te ornei de enfeites e te pus braceletes nas mãos e um colar em volta de teu pescoço. E te pus uma jóia na testa, pendentes nas orelhas e uma coroa de glória na cabeça. E assim foste ornada de ouro e prata e o teu vestido foi de linho fino e de seda e bordados. Nutriste-te de flor de farinha e de mel e óleo e foste formosa em extremo e próspera, até chegares a ser rainha. E correu a tua fama entre as nações por causa da tua formosura, pois eras perfeita, por causa da minha glória que eu tinha posto sobre ti, diz o Senhor Jeová. Mas confiaste na tua formosura e te corrompeste por causa da tua fama, prostituíste-te a todo que passava, para seres sua. E tomaste dos teus vestidos e fizeste lugares altos adornados de diversas cores e te prostituíste sobre eles. E tomaste tuas jóias de enfeite que eu te dei, do meu ouro e de minha prata, e fizeste imagens de homens e te prostituíste com eles. Além*

disso, tomaste os teus filhos e as tuas filhas que por mim geraras e os sacrificaste para serem consumidos. Acaso é pequena a tua prostituição? E em todas as tuas abominações e nas tuas prostituições não te lembraste dos dias da tua mocidade quando tu estavas nua e manchada de sangue. A cada canto do caminho edificaste o teu lugar alto e fizeste abominável a tua formosura e afastaste os teus pés a todo que passava e multiplicaste as tuas prostituições. Também te prostituíste com os filhos do Egito, teus vizinhos de grandes carnes, e multiplicaste a tua prostituição para me provocares a ira. Também te prostituíste com os filhos da Assíria, porque eras insaciável, e prostituindo-se com eles, nem ainda assim ficaste farta. Antes multiplicaste as tuas prostituições na terra de Canaã até a Caldéia e nem ainda assim te fartaste. Quão fraco é o teu coração, diz o Senhor Jeová, fazendo tu todas essas coisas, obra de uma meretriz imperiosa. Edificando tu a tua abóbada no canto de cada caminho e fazendo o teu lugar alto, não foste sequer como a meretriz, pois desprezaste a paga. Foste como a mulher adúltera que em lugar de seu marido recebe estranhos. A todas as meretrizes dão paga, mas tu dás presentes a teus amantes. E lhes dás presentes para que venham a ti de todas as partes, pelas tuas prostituições. Tu és filha de tua mãe, que tinha nojo de seu marido e de seus filhos e és irmã de tuas irmãs, que tinham nojo de seus maridos e de seus filhos, vossa mãe foi hetéia e vosso pai, amorreu (Ezeq. 16).

Sobre as abominações em Jerusalém, Ezequiel acrescenta: *Um cometeu abominação com a mulher de seu próximo, outro contaminou abominavelmente a sua nora e outro abominou, no meio de ti, a sua irmã* (Ezeq. 22, 11).

Depois o profeta descreve a conduta de duas meretrizes: Aolá e Aolibá. A primeira representa a Samaria e a segunda Jerusalém: *Filho do homem, houve duas mulheres, filhas de uma mãe. Elas prostituíram-se no Egito, na sua mocidade, ali foram apertados os seus peitos e ali foram apalpados os seios de sua virgindade. E seus nomes eram Aolá, a mais velha, e Aolibá, sua irmã, e foram minhas, diz o Senhor, e tiveram filhos e filhas e quanto aos seus nomes, Samaria é Aolá e Jerusalém é Aolibá. E prostituiu-se Aolá, sendo minha, e enamorou-se de seus amantes, os assírios, seus vizinhos, vestidos de azul, perfeitos magistrados, todos mancebos de cobiçar, cavaleiros, montados a cavalo. Assim cometeu ela as suas devassidões com eles, que eram todos a flor dos filhos da Assíria e com todos aqueles com quem se enamorava, com todos os seus ídolos se contaminou. E as suas impudicícias que trouxe do Egito, não as deixou, porque com ela se deitaram na sua mocidade e eles apalparam os seios de sua virgindade e derramaram sobre ela a sua impudicícia. Portanto, entreguei-a na mão de seus*

amantes, na mão dos filhos da Assíria de quem se enamorara. Estes descobriram a sua vergonha, levaram seus filhos e as suas filhas e sobre ela executaram juízos. Vendo isto, Aolibá corrompeu o seu amor mais do que ela e as suas devassidões foram maiores do que as da sua irmã. Enamorou-se dos filhos da Assíria, dos prefeitos e dos magistrados, seus vizinhos, vestidos com primor, cavaleiros que andam montados em cavalos, todos mancebos de cobiçar. E vi que se tinha contaminado, o caminho de ambas era o mesmo. E aumentou suas impudicícias, porque viu homens pintados na parede, imagens de caldeus pintados de vermelho, com os seus lombos cingidos e com tiaras largas e tingidas na sua cabeça, todos similares a capitães semelhantes aos filhos da Babilônia na Caldéia, terra de seu nascimento. E se enamorou deles vendo-os com seus olhos e lhes mandou mensageiros à Caldéia. Então vieram a ela os filhos da Babilônia para o leito dos amores e a contaminaram com as suas impudícias e ela se contaminou com eles; então apartou-se deles a alma dela. Assim pôs a descoberto as suas devassidões e descobriu a sua vergonha; então a minha alma se apartou dela, assim como já se tinha apartado a minha alma da de sua irmã. Ela multiplicou todavia as suas prostituições lembrando-se dos dias de sua mocidade em que se prostituíra nas terras do Egito. E enamorou-se de seus amantes, cujas carnes são como carnes de jumento e cujo fluxo é como o fluxo dos cavalos (Ezeq. 23, 1-21).

O castigo veio dos próprios amantes que atacaram as cidades de suas amantes e as destruíram a ferro e fogo.

Ninguém, porém, profligou tanto contra a prostituição como Oséias (750 a.C.), o primeiro dos profetas menores, que comparou a infidelidade de Israel ao Senhor à infidelidade conjugal. Por ordem de Deus, e para mostrar o horror da prostituição e o seu grau de expansão em Israel, casou-se com uma prostituta: *Disse pois o Senhor a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituição e filhos de prostituição porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor. E foi-se e tomou a Gomer, filha de Diblaim, e ela lhe concebeu e teve um filho* (Oséias 1, 2-3). E, mais adiante, diz Oséias: *Contendei com vossa mãe, contendei porque ela não é minha mulher e eu não sou seu marido; e desvie ela as suas prostituições de sua face e os seus adultérios dentre os seus peitos. Para que eu não a deixe despida e a ponha como no dia em que nasceu e a faça com um deserto e a ponha como uma terra seca e a mate de sede. E não me compadeça de seus filhos porque são filhos de prostituição. Porque sua mãe se prostituiu, aquela que vos concebeu houve-se torpemente, porque disse: Irei atrás de meus namorados, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho,*

o meu óleo e as minhas bebidas. Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos e levantarei uma parede de sebe para que ela não ache as suas veredas. E irá em seguimento de seus amantes mas não os alcançará e buscá-los-á mas não os achará, então dirá: Ir-me-ei, tornar-me-ei ao meu primeiro marido, porque melhor me ia então do que agora (Oséias 2, 2-7).

A Bestialidade

O Dicionário *Aurélio* define a bestialidade como a prática de atos libidinosos com animais. De acordo com especialistas em Ciências Sociais, é esta uma prática comum em zonas agrícolas, como na Israel dos tempos bíblicos. Não existe na *Bíblia* nenhum relato de bestialidade, mas nos códigos mosaicos, ela é freqüentemente citada: N*ão te deitarás com animal para não te contaminares com ele, nem a mulher se porá perante um animal para ajuntar-se com ele: confusão é* (Lev. 18, 23). E segue outra advertência, já com a ameaça de pena de morte: *E o homem que se juntar com animal será morto e o animal matareis. E a mulher que se aproximar de qualquer animal para se juntar com ele, matarás a mulher e o animal, certamente serão mortos e o seu sangue recairá sobre eles* (Lev. 20, 15-16). Esta lei é uma repetição de proibição anterior: T*odo aquele que tiver coito com animal, será morto* (Êxodo 22, 18); e também amaldiçoado: *Maldito aquele que se deitar com qualquer animal. E todo o povo dirá amém* (Deut. 27, 21). É a única forma de *ervat guilah* na qual a proibição explícita inclui homens e mulheres.

A bestialidade é considerada na *Bíblia* como depravação adquirida pelo exemplo dos egípcios e dos canaítas. A pena de morte é executada por apedrejamento e o julgamento é feito após sentença lavrada por 23 juízes, como, aliás, em todas as penas por atos criminosos. O animal envolvido também deve ser morto. Isto, para que, ao passar pela rua, não surjam comentários de que ele foi a causa do apedrejamento.

Para não se tornarem cúmplices desse ato imoral, proibiu-se de encarregar um pastor pagão de tomar conta de gado ou deixar animais num estábulo de pagãos. O rabi Chanina afirma ter visto um pastor sodomizando um ganso, para depois assá-lo e comê-lo. Também é recomendável que as viúvas não coabitem com os cães (*Tosefta*). De acordo com a *Agadá*, o profeta dos moabitas, Baal, cometia sodomia com seu asno e o Rei Ataxerxes da Pérsia (465-425 a.C.) tinha uma cadela, junto

a si, no trono. Também, e ao contrário dos pontos de vista da Antigüidade e da Idade Média, os rabis negavam enfaticamente a possibilidade de gravidez em animal, por relação com homem, e de mulher por relação com animal. O coito de mulheres com animais prevalecia nos ritos de fertilidade pagã, como no Egito, na adoração do touro. O bode era usado, como está escrito no *Zohar:* "Quando os egípcios desejavam se unir aos demônios iam a certas montanhas altas, cavavam valas no solo e punham sangue nas bordas e no interior e colocavam carne sobre o sangue como oferta aos demônios. Estes apareciam sob a forma de bodes e se uniam aos humanos. Os judeus, escravos no Egito, os imitavam."

Em Mendes, no baixo Egito, tratava-se de um bode vivo – a imagem do poder gerador – para o qual as mulheres se paramentavam e por quem tinham a honra de serem publicamente possuídas. Heródoto relata esta prática. Os habitantes de Mendes consideravam todos os bodes como sagrados. Conectado ao bode fálico, era o sátiro uma divindade lasciva, metade humana e metade com a forma de bode, que tinha relações sexuais com homens e mulheres O sátiro é associado às orgias do deus Dionísio ou Baco. O seu grande atributo era um pênis gigante, que para os gregos era sinal de bestialidade.

Seir, o nome hebraico para bode, sátiro ou demônio, também significa cabeludo, como na descrição de Esaú, o irmão do patriarca Jacó: *E saiu, o primeiro, todo cabeludo* [seir] *e ruivo e por isso chamaram seu nome: Esaú* (Gên. 5, 25). Uma reminescência desta conexão entre bodes, sátiros e bestialidade é a cerimônia do *yom quipur,* o dia da expiação dos judeus, da qual participam dois bodes. Um é sacrificado ao Senhor e o outro é levado a um penhasco, sendo atirado do alto para pagar pelos pecados do povo. Daí a origem do termo: *bode expiatório.*

O Homossexualismo Masculino

O homossexualismo ou relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, do grego *homo – igual* e não do latim *homo – homem,* na *Bíblia,* refere-se sempre ao homossexualismo masculino. Praticamente não há referências ao homossexualismo feminino ou lesbianismo.

O homossexualismo é considerado na *Bíblia* obra do povo do Egito, de onde os israelitas saíram, e do povo canaíta, para onde os judeus

iriam: *Não fareis segundo as obras da terra do Egito, onde habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual vos levo, nem andareis nos seus costumes* (Lev. 18, 3). E depois de uma série de proibições, a maioria das quais sobre o incesto, as escrituras continuam: *Com varão não te deitarás como se fosse mulher, é uma abominação* (Lev. 18, 22). Adiante, a proibição é repetida: *Quando também um homem se deitar com outro homem como com mulher, ambos fizeram abominação, certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles* (Lev. 20, 13). No texto, a expressão é usada no plural (*mischquebei ischa*). Os rabis, no *Talmud*, deduzem que as Escrituras se referem não somente à cópula anal mas a qualquer outra prática similar. Punidas com a morte por apedrejamento.

Na *Bíblia*, a primeira história envolvendo homossexualismo é relatada em Sodoma, na terra de Lot, o sobrinho de Abraão. Ela é de tal modo marcante, que deu nome a um sinônimo de homossexualismo masculino: *sodomia*. Os habitantes de Sodoma ao saberem que dois homens (na realidade dois anjos) estavam hospedados na casa de Lot, cercaram a casa e exigiram: *E chamaram Lot e disseram-lhe: Onde estão os varões que a ti vieram esta noite. Trazei-os fora a nós para que os conheçamos* (Gên. 19, 5). O termo conhecer é mais uma vez usado para significar relação sexual. A história reflete a decadência dos canaítas habitantes das cidades de Sodoma e Gomorra. Quando os israelitas chegaram lá, eram elas corruptas, como todas as civilizações no seu declínio.

Outro caso de homossexualismo é o do levita e sua concubina quando passavam pelo território da tribo de Benjamin. Os habitantes da cidade exigiram do ancião levita que os hospedou que lhes entregasse seu hóspede. Mas, neste caso, contentaram-se com a concubina, o que fala mais em bissexualidade.

Quando Potifar comprou José, o filho de Jacó, o fez atraído por sua extraordinária beleza. *E José era formoso de parecer e formoso à vista* (Gên. 39, 6). E sua intenção era usá-lo para a prática da pederastia. Deus, contudo, o castrou e ele se tornou inofensivo.

Diz-se que o Rei Davi teria tido relações homossexuais com Jônatas, filho do Rei Saul, tema que será tratado mais adiante.

Além do homossexualismo, existiam também, entre persas e babilônios, homens e mulheres que se prostituíam como forma de culto e para os quais a *Bíblia* criou os termos *cadesch e cadesha*, respectivamente.

Muitos desses prostitutos traziam o dinheiro auferido com seus atos como oferenda ao templo, prática proibida pelas Escrituras.

No reino de Roboão, filho do Rei Salomão, os homossexuais reaparecem. *Havia também rapazes escandalosos na terra, fizeram conforme todas as abominações das nações que o Senhor tinha expulsado de diante dos filhos de Israel* (I Reis 14, 24).

Asa, o neto de Roboão, baniu os homossexuais, e seus remanescentes foram destruídos por seu filho Josafá: *Também desterrou da terra o resto dos rapazes escandalosos que ficaram nos dias de seu pai Asa* (I Reis 22, 47). Cem anos mais tarde, o profeta Oséias repreendeu os israelitas por suas relações com prostitutas e sacrifícios com meretrizes de culto: *Eu não castigarei vossas filhas que se prostituem, nem vossas noras que adulteram, porque eles mesmos com as prostitutas se desviam e com meretrizes sacrificam, pois o povo que não tem entendimento, será transtornado* (Oséias 4, 14).

Em Jerusalém, já sob o domínio dos gregos, o templo era repleto de devassidão dos pagãos que fornicavam com mulheres nos lugares sagrados.

De acordo com os rabis, a pederastia está entre os crimes para os quais a punição é a morte. Não somente a vítima, mas qualquer observador tem a obrigação de matar o agressor. Na época de origem do *Talmud*, os rabis tiveram a oportunidade de presenciar a pederastia que grassava nos altos círculos do poder israelense, quando reis e imperadores davam o exemplo. Alexandre, o filho de Herodes, de acordo com o historiador Flavius Josephus, praticava a pederastia com os eunucos de seu palácio.

Para evitar o homossexualismo, a *Mischnah* aconselha que homens solteiros não devem morar sob o mesmo teto ou serem professores de adolescentes. Já no *Talmud* diz-se que tal perigo não existe e que a proibição visa defender a mãe dos adolescentes. A proibição do homossexualismo cria um abismo entre a moral da sociedade contemporânea, mais tolerante, e a ética judaica, que considera o desvio sexual uma aberração contra a natureza e as leis divinas. Comentários rabínicos citam entre as razões para sua oposição tenaz ao homossexualismo o imperativo da procriação. O homossexualismo seria uma forma corruptora porque não frutífera. Seria um ato irracional, desprezível e vil aos olhos de Deus e aos olhos de qualquer ser inteligente. E especialmente lesivo à família.

Norman Lam (1974), autor de uma análise judaica sobre o assunto, diz que há uma repulsa visceral no *Talmud*, uma desqualificação intuitiva, razão bastante para a proibição, não importando estar em voga entre culturas avançadas e sofisticadas. Por isso mesmo, o *Talmud* afirma que a proibição não é restrita aos judeus, mas se estende a toda a humanidade, incorporada ao código *Nohaide* (dos tempos de Noé), como lei básica para todos, gentios ou judeus.

Em toda a história do povo judeu o homossexualismo, apesar de presente, é raro. No período talmúdico essa raridade é expressa no tratado *quiduschim*, que afirma categoricamente que os judeus não são suspeitos de praticá-lo. Isso é confirmado por Maimônides e incorporado à *Halacá*, que aboliu a proibição inicial de dois solteiros dormirem na mesma casa. Mas, já no século XVI, o novo código de leis judaicas, o *Schulchan Aruch*, restaura a proibição afirmando que a lascívia estava em ascensão e que era prudente que o homem judeu não ficasse a sós com outro homem. O judaísmo tampouco considera o homossexualismo como doença ou como modo alternativo de vida. Os grandes *slogans* de nosso tempo: amor, realização, felicidade acima de tudo são utilizados para que não se considere o homossexualismo como pecado ou como imoral se realizado por dois adultos mutuamente apaixonados. Mas para a religião judaica não existe.circunstância que torne o homossexualismo respeitável.

O casamento entre homossexuais tampouco é novidade e o próprio Maimônides o cita entre as depravações dos egípcios. O casamento de homossexuais em templos e sinagogas reformistas, embora novo, pode ser considerado como a procura da sanção religiosa para minorias, com a finalidade de abrandar a consciência e evitar o sentimento de culpa. Embora sancionado por certos grupos judaicos, Lam acredita que permitir movimentos religiosos homossexuais é o mesmo que permitir sinagogas de idolatria de deuses pagãos ou de adúlteros ou de rufiões e exploradores de mulheres.

O rabino J. David Beliche, chefe da Universidade Teschivah de Nova York, chama a atenção para a distinção entre homossexualidade e conduta homossexual. Diz ele que é preciso reconhecer que algumas pessoas têm atração por seres do mesmo sexo e não a têm por seres do sexo oposto. Mas esse sentimento, embora profundo, pode não se concretizar. As pessoas afligidas são homossexuais enrustidas, mesmo que se

abstenham do ato ou que se engajem somente em relações heterossexuais. A homossexualidade, no caso, seria uma doença. Já o ato homossexual seria governado pelo livre arbítrio e sua realização proscrita.

Vejamos agora as considerações dos homossexuais e dos movimentos religiosos que os apóiam. Dizem eles que a *Bíblia* é um livro de uma cultura patriarcal em que o casamento e o direito de propriedade estão mesclados. O livro bíblico mais "pró-*gays*" seria o *Cântico dos Cânticos*. Relata ele o amor de um homem e de uma mulher, não sendo eles casados. Não se fala nele do desejo de procriar. A beleza e o valor da atração erótica estavam aí validados por Deus.

Um dos grandes profetas da *Bíblia* foi Daniel, jovem de origem nobre, cativado por Nabucodonosor, Rei da Babilônia, e elevado a altos postos no cativeiro. Depois que Ciro ganhou a guerra contra os babilônios, continuou ocupando postos iguais no novo reinado. Daniel, um dos grandes profetas, era eunuco e extremamente belo, e foi castrado na corte do Rei. E Deus tem um lugar para os que eram desviados das normas sexuais: *Porque assim diz o Senhor: A respeito dos eunucos que guardam os meus sábados e escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, também lhes darei na minha casa um lugar e um nome, melhor do que a de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará* (Isaías 56, 4-5). Dizem os homossexuais: os eunucos não podem cumprir todos os mandamentos de Deus, como o da procriação e, do mesmo modo que os homossexuais, podem manter a aliança com Deus através do amor a Deus, embora com nuanças diferentes dos heterossexuais. Da *Bíblia*, dizem eles, podemos extrair trechos que, em traduções modernas, repudiariam o homossexualismo, mas na realidade são textos mal interpretados e mal traduzidos.

Setores não ortodoxos do judaísmo, as sociedades de judeus seculares e humanistas e os religiosos reformistas e, ainda, certas alas entre os conservadores, desenvolvem novas interpretações do *Levítico* que não consideram o homossexualismo como pecado. Os atos homossexuais seriam apenas abominações para as quais a palavra hebraica usada é *toevah* e não *zinah*. A abominação não é um pecado grave. Misturar leite com carne é uma abominação. Misturar lã com algodão na mesma roupa constitui uma abominação. E a maioria dos judeus infringem essas abominações. Os judeus ortodoxos, que representam não mais de dois mi-

lhões no mundo, seguem toda a legislação levita. Mas os demais, não. Os reformistas, em número igual ou até superior, descartam a maioria das leis do *Levítico*. Os judeus conservadores adotam grande parte das leis mas não seguem todas. O que parece estranho é rejeitar grande parte das leis e pugnar por outras, como certos rabis que não mantêm as leis do *cascher*, que vestem roupas de tecidos mistos e, no entanto, condenam os homossexuais.

Os líderes dos movimentos *gays* judeus questionam as interpretações dos antigos rabis do *Talmud* advogando novas, mais atualizadas e verdadeiras, porque os sábios modernos têm mais informações disponíveis que podem servir para modificar a orientação clássica. Os reformistas atuais chegam a ordenar rabis e rabinas homossexuais.

São estes argumentos da New York Federation of Reform Synagogues e do Jewish Gay and Lesbian Resource, que trazemos ao exame dos leitores.

Masturbação e *Coitus Interruptus*

Os dois procedimentos são designados com o termo *onanismo*. Na realidade, o onanismo ou ato de Onã foi uma forma de *coitus interruptus*. *E disse Judá a Onã: Vem à mulher de teu irmão e cumpre a lei do levirato e dá sucessão a teu irmão. E soube Onã que a semente não seria dele e, quando ia à mulher de seu irmão, jogava o seu sêmen ao chão, para não dar sucessão a seu irmão. E foi mal aos olhos do Eterno o que fez e matou também a ele* (Gên. 38, 8-10).

De acordo com o rabi Yochanan, o criador da *Mischnah*, principal figura rabínica quando da destruição do templo, aquele que se masturba merece a morte. Ele é comparado a alguém que derrama sangue, a um assassino e idólatra, porque a masturbação é um ritual pagão. A censura do profeta Isaías: *Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue* (Isaías 1, 15) é interpretada como se referindo aos que utilizam as mãos para atos lascivos. A mão com a qual a pessoa examina excessivamente seu pênis, merece ser cortada, dizem os sábios. Ainda de acordo com os rabis, o homem que induz uma ereção através de pensamentos lúbricos, merece ser banido.

Em diversas fontes judaicas, o estupro, o adultério, o incesto, a promiscuidade, a prostituição, a sodomia e a masturbação teriam sido as

causas do dilúvio. Naquela época, os homens jogavam a sua semente sobre as árvores, se envolviam em degradações sexuais *(zenut)* e tinham muitas mulheres *(Gênesis Rabah)*. A masturbação masculina é fortemente repelida pelo *Zohar*, a *Bíblia* dos místicos. Os homens da geração do dilúvio, diz o tratado, cometeram toda sorte de pecados, mas o copo só transbordou quando eles jogaram sua semente no chão. Tais indivíduos jamais atingirão a morada celeste e jamais verão a *Schechiná* (a imagem feminina de Deus) porque, pelo pecado que cometeram, a *Schechiná* foi banida do mundo. O profeta Isaías disse ao Rei Ezequias: *Assim disse o Eterno: Dá tuas últimas ordens aos da tua casa, porque morrerás e não viverás* (Isaías 38, 1). Ezequias perguntou a razão do castigo e o profeta lhe respondeu: *Porque não te casaste e não cumpriste o dever de procriar.*

De acordo com Maimônides, o homem que tem pelo menos um filho e uma filha cumpriu o mandamento da procriação. O neto e a neta são considerados como filhos. Por conseguinte, se o filho morre e deixa um neto ou a filha falecida deixa uma neta ou ao contrário, considera-se cumprido o mandamento. Embora no conceito bíblico o onanismo signifique coito interrompido no momento da ejaculação, o termo passou a abranger também a masturbação manual masculina. No código levítico, ela é claramente proibida. *Também o homem quando sair dele a semente da cópula, toda a sua carne banhará com água e será imundo até à tarde. Também toda roupa e toda pele em que houver semente da cópula se lavará com água e será imunda até a tarde* (Lev. 15, 16-17). Toda celeuma em torno da masturbação deve-se ao mandamento da procriação imposto aos homens. Alguns sábios vêem a procriação e o casamento no mesmo grau do estudo da *Torá*. Citando Isaías: P*orque assim diz o Senhor que criou os céus, o Deus que criou a terra, e a fez, ele a estabeleceu e não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada* (Isaías 45, 18). O *Talmud* babilônico diz textualmente: "O rabi Yochanan falou em nome do rabi Meir: Não podemos vender um rolo da *Torá* a não ser para o estudo ou para casar uma filha." A *Guemarah* cita vários casos de rabis que rejeitaram seus discípulos por não terem cumprido seus deveres conjugais.

Houve um caso que criou um nítido desconforto, o do rabi Simeon ben Azai, membro da academia do rabi Aquiva, que ressaltou o valor teológico da procriação mas se recusou a procriar porque os filhos poderiam afastá-lo do estudo. Na visão de seus colegas, apesar de ter compa-

rado ele o homem casado que se recusa a ter filhos a um assassino, o fato de ser celibatário o deixou incompleto, faltando-lhe a perfeição dos que cumprem o que pregam.

O casamento por si só é insuficiente para cumprir o mandamento da procriação. É necessário casar com mulher que tenha ostensiva capacidade de gerar crianças. A *Mischnah* determina que um sacerdote não pode casar com uma *ailonit*, mulher infértil. E o *Talmud* afirma que essa proibição se estende a todos os judeus. A *Tosefta*, antologia tanaítica dos primeiros rabis, paralela à *Mischnah*, mas fora do cânon, inclui na proibição mulheres muito velhas ou muito novas para conceber. Na mesma passagem, a *Tosefta* proíbe beber uma poção esterilizante e a prática de qualquer ato sexual que não vise a reprodução. Neste sentido, o *Talmud* reproduz o seguinte comentário dos sábios: "Reb Yochanan disse: qualquer um que emite sêmen sem necessidade merece a punição capital, porque a escritura diz: *O que ele fez desagradou ao Senhor e ele o puniu com a morte* (Gên. 38, 101)." Rabi Isaac e rabi Ami disseram: "É como se ele cometesse um assassinato". Rabi Assi disse: "É como se ele praticasse idolatria." Para os sábios talmúdicos impedir o processo procriativo é como destruir uma sociedade sadia. Existem, contudo, de acordo com os sábios de *Yavneh*, justificativas em relação ao coito interrupto. Durante os 24 meses em que a mulher amamenta os filhos, o onanismo é permitido porque quem o pratica o faz para salvaguardar a criança recém-nascida, cuja mãe perderá o leite se engravidar neste período.

Não existe no *Talmud* nenhuma proibição quanto à masturbação feminina. Por isso, a mulher é instada a autoexaminar-se, esfregando a vagina e introduzindo panos no seu interior para ver se está sangrando, o que a torna impura para o marido.

Emissão Noturna de Esperma

É a ejaculação involuntária, em decorrência de sonho erótico, ocorrendo de noite ou de madrugada após sono profundo. É citada no código mosaico: *Quando entre ti houver alguém que por algum acidente, de noite, não estiver puro por causa do derrame de sêmen, sairá fora do acampamento, não entrará em nenhum acampamento. Porém, quando a tarde começar a declinar, banhar-se-á em água e depois do pôr-do-sol entrará no acampamento*

(Deut. 23, 11-12). *Também toda roupa e toda pele em que houver semente da cópula se lavará com água e será imunda até de tarde* (Lev. 15-17). Quando Davi faltou a uma reunião da corte, o Rei Saul achou que sua ausência era devida ao fato de ter-se tornado impuro: *E assentando-se o Rei no seu assento, como das outras vezes, no lugar junto à parede, Jônatas se levantou e assentou-se Abner ao lado de Saul e o lugar de Davi apareceu vazio. Porém, naquele dia não disse Saul nada, porque dizia: Aconteceu-lhe alguma coisa pela qual não está limpo, certamente não está limpo* (I Sam. 20, 25-26).

No *Levítico*, a impureza de quem emitiu sêmen também é citada: *Ninguém da semente de Arão que for leproso ou tiver fluxo comerá das coisas santas até que esteja limpo, como também o que tocar alguma coisa imunda de cadáver ou aquele de quem sairá a semente da cópula* (Lev. 22, 4). Na *Bíblia*, a emissão de esperma durante o coito ou fora é denominada *schichbat zera*, depósito de sêmen. A emissão acidental é chamada *micreh* ou *careh*. No *Talmud*, é dita *querei*, que significa ocorrência. *Ra'ah queri* significa polução noturna. Dom divino é jamais tê-la.

O *Talmud* tem regras para o diagnóstico: se, logo após o início da micção, aparece um líquido opaco, a opacidade deve-se à urina retida e o homem está limpo. Se a opacidade aparece no meio ou no fim, o homem está impuro. Se ocorre durante toda a micção, ele está limpo porque a opacidade é por catarro na bexiga. Um dos milagres que ocorria no templo no dia do *yom quipur* era a ausência de polução noturna entre os sacerdotes, apesar de sua abstenção sexual, nos sete dias anteriores. Na véspera do dia santo, o sacerdote evitava carnes, lentilhas, suco de limão, vinho branco, alimentos gordurosos, leite, queijo, cebola, ovos e condimentos. Apesar dessas precauções, houve ocasião em que um dos altos sacerdotes teve uma polução noturna e teve de ser substituído às pressas (*Yoma*). A emissão noturna é considerada de bom prognóstico em pessoa seriamente doente junto com outros cinco sinais: espirrar, suar, dormir, sonhar e evacuar normalmente.

Uma história curiosa é contada no *Talmud*: "Numa vila do Egito um homem queria divorciar-se da mulher. Para não ser acusado como responsável e ter de pagar indenização, convidou amigos para sua casa, embebedou-os e os pôs na cama com sua mulher. Depois, derramou clara de ovos entre eles e veio à corte de justiça com o lençol como corpo de delito. Na corte, o defensor da mulher recordou o texto do rabi Schamai:

'A clara de ovo se retrai perto da luz e do calor e o esperma se espalha'". A investigação confirmou a fraude e o homem foi condenado a ser açoitado e a pagar a indenização.

A Nidah

Durante a menstruação, a mulher judaica é uma *nidah* ou excluída. A menstruação é citada na *Bíblia* como o *costume das mulheres* – *derech há naschim*. Quando Jacó deixou a terra de seu sogro com suas duas mulheres, Léia e Raquel, e esta última roubou os ídolos de seu pai, Labão os perseguiu e resolveu revistar as duas filhas. *Mas tinha Rachel tomado os ídolos e os tinha posto na albarda de um camelo e se sentado sobre eles. E Labão apalpou toda a tenda e não os encontrou. E ela disse a seu pai: Não se acenda a ira aos olhos do meu senhor, que não posso levantar-me diante de ti porque estou com o costume das mulheres. E ele procurou, mas não achou os ídolos* (Gên. 31,34-35). Segundo Raschi, Raquel havia roubado os ídolos de seu pai para livrá-lo da idolatria. Porém, Jacó não o sabia e lançou uma maldição sobre quem os roubara: *Com quem achares teus deuses, esse não viva; reconhece diante de nossos irmãos o que é teu e está comigo e toma-o para ti* (Gên. 31, 32). Para os sábios do *Talmud*, esta maldição foi a causa da morte prematura de Raquel, anos após, ao nascer seu filho Benjamim.

No código mosaico, a menstruação é impura e a relação sexual no período é proibida: *E a mulher quando tiver fluxo e o fluxo de sua carne for de cor sangüínea, sete dias ficará separada na sua impureza e todo aquele que tocar nela ficará impuro até a tarde. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar será impuro e tudo sobre o que ela se sentar será impuro. E todo que tocar em seu leito, lavará suas roupas e banhar-se-á em água e será impuro até a tarde. E se deitar-se um homem com ela, a sua impureza passará a ele e ficará impuro sete dias, e toda a cama em que ele se deitar se fará impura. E a mulher, quando emanar o fluxo de seu sangue por muitos dias, fora do tempo de sua menstruação, ou que emanar além do tempo de sua menstruação todos os dias do fluxo de sua impureza, serão como os dias de sua menstruação, impura será ela* (Lev. 15, 19-25). A prevenção continua e o texto final é concludente: *Esta é a lei daquela que tem o fluxo e daquele de quem sai o sêmen porque eles se tornam impuros e daquela que está indisposta por sua menstruação e daquele que tem o fluxo, para o homem e para a mulher e para o homem que se deitar com uma que está impura* (Lev. 15, 32-33).

O castigo pode ir até a excomunhão: *E se o homem se deitar com mulher na época de sua indisposição e descobrir sua nudez, descobrindo sua impureza, e ela revelar a impureza de seu sangue, ambos serão banidos do meio de seu povo* (Lev. 20, 18). Para passar de *tamé* (impura) ao *tahor* (pura) há necessidade de imersão em água, não com a intenção de limpar a impureza, pois mesmo nos casos simples exige-se, além do banho de imersão, que a água além de limpa seja corrente, chamada *maim haim* ou "água viva". A necessidade do banho ritual fez com que os judeus, em todos os lugares em que vivessem, construíssem *micvah*. Mesmo em Massada, onde os judeus lutaram contra os romanos até o último ser vivo, os arqueólogos encontraram duas *micvahs*, uma para homens e outra para mulheres. De acordo com os rabis, todas as comunidades judaicas devem ter uma *micvah*, antes mesmo da sinagoga. Parece uma pequena piscina, com espaço para duas a quatro pessoas e água suficiente para imersão. Em geral, dispõe de degraus que levam ao interior da água que é canalizada da cidade ou abastecida pela água da chuva e da neve.

Todas as leis sobre impureza tinham como finalidade evitar que o templo fosse contaminado. A destruição dos dois templos, em 586 a.C. e 70 d.C., alterou o significado das leis e as trouxe para a esfera da atividade diária, especialmente sexual. Esse deslocamento determinou profundo impacto sobre o comportamento dos judeus e impôs regras restritas às atividades sexuais, com períodos de abstenção e de afastamento da vida marital. Além disso, no que tange à menstruação, as leis da *nidah* fazem coincidir o reassumir das atividades com a época da concepção, favorecendo a procriação.

A mulher torna-se, também, impura após o parto. Quando dá nascimento a um filho, é *nidah* por sete dias, como quando menstruada, e espera outros 33 dias para a sua purificação. Ao todo, são quarenta dias de impureza: *A mulher quando conceber e der à luz um varão, será impura por sete dias, como nos dias de impureza de sua indisposição. No oitavo dia será circuncidado o prepúcio de seu filho. E trinta e três dias depois estará com seu sangue purificado. Em nenhuma santidade tocará e no templo não entrará até que se cumpram os dias de sua purificação* (Lev. 12, 2-4). Quando nasce uma filha, a impureza é pelo dobro do tempo: *E se der à luz uma menina será impura por duas semanas e sessenta e seis dias permanecerá com o sangue da purificação* (Lev. 12, 5). A razão da diferença não é clara. A explicação é

de que o nascimento de uma menina prevê no futuro outro caso de impureza. Seria assim um duplo sangramento e uma dupla impureza.

Houve também necessidade de distinguir entre o sangramento uterino e o da bexiga ou das vias urinárias ou da parede vaginal, mas isso era impossível na época e assim qualquer emissão de sangue, por via vaginal, era considerada impura. O *Talmud* procura evitar a tentação nos dias impuros. A mulher rica, que tem várias empregadas, pode ficar sentada sem fazer nada mas não está isenta de três obrigações: encher de vinho o copo do marido, lavar sua face, suas mãos e seus pés e fazer sua cama. Já, no período de sua impureza, ela não deve cumprir nenhuma delas. Pode, contudo, fazer a cama se ele está ausente. As três funções não são consideradas meras tarefas domésticas. Concretizam a relação entre marido e mulher e representam o atendimento dedicado ao marido como preparo para a relação sexual. São funções simbólicas que condensam qualidades essenciais ao casamento e devem ser realizadas pessoalmente, mesmo quando a mulher tem inúmeras servas. Por esse motivo, são proibidas durante a *nidah*. Raschi estende as restrições a outros atos: comer no mesmo prato, sentar na mesma cadeira, receber qualquer coisa de suas mãos.

Há um conflito de opinião sobre se a mulher poderia ou não se enfeitar durante sua impureza. Há discordância entre os que acreditam que a mulher não deve se adornar para não se tornar atraente e os que acreditam que ela não pode se arriscar a se tornar desinteressante para o marido. O rabi Aquiva acha que a mulher deve se manter permanentemente atraente para que o marido, eventualmente, não a repudie. Mas o código de leis judaicas, o *Schulchan Aruch*, diz que os sábios permitem os enfeites com grande relutância. Joseph Caro, o autor do código, acredita que as mulheres só devem purificar-se quando da purificação depende o reinício da atividade sexual. Se elas não podem engajar-se em ato sexual porque o marido está ausente ou porque não são casadas, são dispensadas desta obrigação. Já as mulheres que não se purificam e molestam o marido, cometem pecado.

Para Maimônides, no seu *Guia para os Perplexos*, as leis da *nidah* visavam o afastamento do templo e dos objetos sagrados. Não se aplicam à vida do dia-a-dia. As leis do *Levítico* seriam uma forma de afastar os judeus dos costumes de um povo vizinho: os sabianitas, que impunham

uma segregação total à mulher menstruada e consideravam qualquer contato com ela uma contaminação e uma ameaça à saúde. O propósito das leis do código mosaico era reduzir drasticamente as proibições e permitir a continuidade dos afazeres domésticos e, por isso, de acordo com ele, a única proibição que persiste é a de manter relações sexuais durante o período de impureza. Todas as outras atividades são permitidas.

Num livro do século XX para mulheres ortodoxas, há um guia sobre a pureza sexual das mulheres e, nele, a autora, Kalman Kahane (1970), discute a viagem em veículos durante a menstruação: "Se a viagem é de lazer", diz ela, "homem e mulher não devem sentar-se juntos em automóvel, barco ou trem, e sim em bancos ou cadeiras separadas. Mas, se a viagem não é de lazer, podem sentar-se juntos, com o cuidado de não se tocarem".

Nachmanides (1194-1270), Moisés ben Nachman, talmudista e cabalista, médico e rabi, é mais rigoroso. Ele deriva suas considerações de um tratado sobre a *nidah*, *Baraita de nidah*. Afirma ele que os antigos, na sua sabedoria, diziam que até o hálito da mulher menstruada é nocivo. Não só o sexo é proibido como também contatos banais como dar a mão. E em presença de mulher desconhecida, como não se sabe se ela está ou não impura, o melhor é não ter qualquer contato. No *Talmud*, há trechos que defendem a abstenção sexual visando tornar o ato sexual posterior mais atraente. Para o rabi Meyer, o contato sexual constante desenvolve a repugnância. A ordem da *Torá* de que a mulher é impura periodicamente tem como finalidade aumentar o amor por ela, dedicar-lhe mais fervor, após a abstinência.

Para Meisselman, as leis da *nidah* visam enriquecer o lado espiritual da relação sexual forçando o casal a considerar os respectivos parceiros como companheiros não só de prazer mas também espirituais. Como as leis da *nidah* dizem respeito à procriação, porque fazem coincidir o reinício das relações sexuais com o período fértil da mulher, há pareceres rabínicos que antecipam o fim da *nidah* quando há comprovação médica de antecipação do período fértil.

A regulamentação da atividade sexual entra em choque com o romantismo, para o qual o sexo é a culminância do desejo e do amor e contradiz também o modernismo, que vê no sexo a consumação das aspirações eróticas e do prazer. Contudo, o erotismo é balizado nas leis

judaicas através da *onah*, que obriga o marido a cumprir suas obrigações sexuais independentemente da procriação. O impulso erótico é canalizado, o que cria uma atmosfera na qual pode faltar espontaneidade e às vezes sentimento. Mas, por outro lado, a abstenção pode intensificar o desejo.

Finalmente, o rabi Meyer acha que não se deve casar com mulher que não menstrua. E se alguém casa com mulher que não menstrua deve divorciar-se dela. Ela não pode casar porque é incapaz de conceber. O historiador Flavius Josephus (37-106 d.C.) relata que os essênios (seita judaica da época de Cristo) só se casavam com uma mulher quando esta tinha menstruado por no mínimo três vezes.

O Lesbianismo

O lesbianismo é praticamente ignorado nos textos tradicionais judaicos e não é citado na *Bíblia*. O *Talmud* faz apenas duas referências ao lesbianismo, e nestas fica claro que os nossos sábios lhe davam pouca importância. O termo usado no *Talmud*, *mesolelot*, que Rachi interpreta como "o roçar entre as duas genitálias" (*levamot*), refere-se a um contato sexual sem penetração. Tanto assim que é usado também em outro trecho do *Talmud* para descrever a mãe acariciando o membro do filho.

Há uma discussão entre os rabis para definir se as mulheres que praticam sexo entre si são desqualificadas para o casamento com sacerdotes. O rabi Eliezer ben Horquenus, discípulo de Yochanan ben Zacai, da escola rígida de Schamai, disse que a relação sexual com um homem solteiro, feita com o expresso propósito de prazer, sem envolvimento marital, transforma a mulher numa *zonah*. Mas, na relação entre duas mulheres, a violação é menos grave. É uma ofensa menor que a prostituição e não requer punição.

A proibição do *Talmud* de que duas irmãs dormissem juntas é interpretada não como desejo de evitar o lesbianismo, mas para não acostumá-las a dormir acompanhadas. Para Maimônides, o lesbianismo é condenável. É um costume dos egípcios e está escrito na *Bíblia*: *Não fareis conforme os costumes dos egípcios* (Lev. 18, 3). E os nossos sábios diziam que os egípcios dormiam homem com homem, mulher com mulher e mulher com dois homens. Embora o ato seja proibido, continua Maimônides, na

sua obra *Mischnah Torá*, os que nele se envolvem não são passíveis de punição, nem mesmo de açoitamento porque não existe nenhum mandamento bíblico contra. As lésbicas não são, assim, desqualificadas para casar com sacerdote. Contudo, ele aconselha aos homens que vigiem rigorosamente suas mulheres impedindo-as de visitar ou receber visitas de mulheres com esses hábitos.

Os movimentos das lésbicas judias são muito ativos nos Estados Unidos. Elas se queixam de uma discriminação, como judias, pelas lésbicas que não o são, porque o judaísmo derrubou o matriarcado e as deusas pagãs. E se queixam da discriminação que sofrem por parte das congregações judaicas conservadoras e ortodoxas. Reclamam, e com razão, por Israel negar-lhes a cidadania a que têm direito pela lei do retorno, concedida a qualquer judeu que deseje emigrar para o país.

As lésbicas têm em Rute e Naomi suas heroínas (Ver adiante no capítulo específico sobre Rute).

As Doenças Venéreas

As doenças venéreas são abominadas no código mosaico: *Falai aos filhos de Israel e dizei-lhes: Qualquer homem que emanar fluxo de sua carne* [pênis] *por seu fluxo ele é impuro. E esta será sua impureza no seu fluxo: Seja que sua carne deixe vazar o seu fluxo ou que se retenha a carne por seu fluxo, é sua impureza. Qualquer cama em que se deitará aquele que tem fluxo será impura e todo objeto em que se assentar será impuro. E o homem que tocar em sua cama lavará as suas vestes, e banhar-se-á em água e será impuro até a tarde. E quem se assentar em objeto onde se assentou o que tem fluxo, lavará as vestes e será impuro até a tarde. E aquele que tocar a carne do que tem fluxo, lavará as suas vestes e se banhará em água e será imundo até a tarde. E tudo que o que tem fluxo cavalgar, será impuro. E todo aquele que tocar alguma coisa que tenha estado debaixo dele será impuro até a tarde. E todo aquele em que tocar o que tem o fluxo sem antes ter lavado as mãos em água lavará as suas vestes e banhar-se-á em água e será impuro até a tarde. E o utensílio de barro em que tocar o que tem fluxo será quebrado e todo utensílio de madeira será lavado em água e quando estiver limpo de seu fluxo, quem o tiver, contará sete dias desde sua limpeza para sua purificação e lavará sua vestes e banhará sua carne em águas vivas e será puro* (Lev. 15, 2-13). Provavelmente o fluxo representa a existência de blenorragia.

É chamado *zob*. O homem afligido é *zab* e a mulher *zibah*. A *Bíblia* e, posteriormente, o *Talmud* não proíbem o coito aos atingidos pelo *zob*, o que mostra que o contágio era desconhecido.

A *Tosefta* esclarece a diferença entre o fluxo e o esperma. O primeiro sai de um pênis flácido, enquanto o esperma flui de um pênis ereto. A *Mischnah* preocupa-se mais com o diagnóstico da condição, isto é, do *zob*. Um único fluxo da uretra é considerado como polução por esperma. Mas, se ocorre por mais vezes nas 24 horas, é *zob*. As doenças venéreas são mencionadas em outras passagens da *Bíblia*. O Rei Davi amaldiçoou seu comandante-em-chefe, Joabe, pela morte traiçoeira de Abner, que foi o comandante-em-chefe das tropas do Rei Saul, dizendo: *Fique-se sobre a cabeça de Joabe e sobre toda a casa de seu pai e nunca na casa de Joabe falte alguém que tenha fluxo, ou que seja leproso, nem que se atenha a bordão, nem que caia à espada, nem quem necessite de pão* (II Sam. 3, 29).

No *Salmos* de Davi, há referência a um mal nos quadris, eufemismo para designar os órgãos sexuais: *Oh Senhor, não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor. Porque tuas flechas se cravaram em mim e a tua mão sobre mim desceu. Não há coisa sã na minha carne por causa da tua cólera, nem há paz em meus ossos por causa do meu pecado. Pois as minhas iniqüidades ultrapassam a minha cabeça como carga pesada, e são demais para minhas forças. As minhas chagas cheiram mal e estão corruptas por causa da minha loucura. Estou encurvado, estou muito abatido, ando me lamentando o dia todo. Porque os meus quadris estão cheios de ardor e não há coisa sã na minha carne. Estou fraco e muito quebrantado, tenho rugido por causa do desassossego* (Salmos 38, 1-8). A descrição parece se adequar à sífilis, embora se pressuponha que a doença tenha sido trazida pelos espanhóis após a descoberta da América.

Também a seguinte passagem parece se referir à sífilis: *Ferir-te-á o Eterno com a sarna do Egito e com hemorróidas e com úlceras úmidas e secas, de que não poderás curar-te. Ferir-te-á o Eterno com loucura e com cegueira e com entupimento do coração. E apalparás no meio-dia como apalpa o cego nas trevas e não prosperarás nos teus caminhos, e serás repreendido em todas as tuas ações e roubado todos os dias e não haverá quem te salve* (Deut. 28, 27-29). Isso tudo por desobediência aos mandamentos de Deus. A doença misteriosa de Jó era caracterizada por feridas em todo o corpo: *Então saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó duma chaga*

maligna, desde a planta dos pés até o alto da cabeça (Jó 2, 7). Um caso similar à sífilis secundária.

Se os judeus desobedecessem aos mandamentos divinos, Deus os castigaria nas futuras gerações: *Não te prostrarás diante deles* [outros deuses] *nem os servirás, pois eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso que transfiro a iniqüidade dos pais sobre os filhos, até a terceira e quarta geração, daqueles que me desobedecem* (Deut. 5, 9). A sífilis, sendo uma das poucas doenças transferidas de pais para filhos, pode ter aqui uma forma de velada referência a esta forma de doença venérea.

Há, finalmente, a praga de Baal Peor, na qual morreram 24 mil judeus. No tempo de Josué, Finéias, o sacerdote, testemunha da epidemia, queixou-se: *Foi-nos pouco a iniqüidade de Peor, de que até hoje não fomos purificados?* (Josué 22, 17). A doença persistiu e uma das possibilidades é de novo a sífilis.

CAPÍTULO VII

DE MOISÉS A DAVI

Com a morte de Moisés, seu sucessor, o generalíssimo Joschua ou Josué ben Nun, guerreiro no poder, transformou os hebreus, mal saídos do deserto, numa nação agressiva cuja ambição era a conquista de toda a terra de Canaã. Na sua infância, Josué foi engolido por uma baleia que depois o expeliu num ponto distante da costa marítima. Foi encontrado por passantes que dele se compadeceram e o criaram. Trabalhou como carrasco, e sem o saber enforcou o próprio pai. Quase matou a própria mãe, também condenada, mas quando se aproximou dela começou a escorrer leite de suas mamas. De suspeita em suspeita, acabou descobrindo sua origem. De tão ignorante, Josué era considerado tolo, mas passou a servir Moisés com tal dedicação que Deus tornou-o seu sucessor depois que venceu os amalequitas.

Antes de atravessar o Jordão para iniciar suas batalhas, Josué, como bom estrategista, enviou dois espiões ao território inimigo. *E enviou Josué, filho de Nun, dois homens, desde Sitim, para espiar secretamente, dizendo: andai e observai a terra e a Jericó. Foram pois e entraram na casa de uma mulher prostituta de nome Raabe e dormiram ali* (Josué 2, 1). Josué escolheu como espiões Caleb e Finéias. Caleb já fizera parte de uma leva de espiões que Moisés enviara anteriormente. E Finéias era o neto de Arão e sobrinho-neto de Moisés. O Rei de Jericó foi avisado da vinda dos espiões, mas Raabe os escondeu no telhado de sua casa. A *Bíblia* não nos diz se os dois fizeram com a prostituta. O que sabemos é que eles prometeram à meretriz que, vencedores os judeus, seus bens e seus parentes seriam poupa-

dos da destruição e do saque. Nessa ocasião, ela deveria pendurar na janela um cordão escarlate, permitindo o reconhecimento.

Os dois espiões foram acompanhados na sua missão por dois demônios, maridos de duas diabas: Lilith e Mahla. Quando Josué estava planejando sua campanha, os diabos ofereceram-lhe os seus serviços, mas ele recusou a oferta. Os diabos se apoderaram de Caleb e de Finéias e transformaram sua feições, de modo que os canaítas fugiram apavorados.

Quando os espiões voltaram com suas observações, Josué resolveu atravessar o Jordão. Reuniu o povo em torno da arca e levou-o a Gilgal, onde realizou a circuncisão maciça dos que haviam nascido no deserto e não haviam sido circuncidados. A desprepuzição serviu de símbolo da unidade nacional. Prepúcios, num total de duas toneladas e com até 40 anos de existência, foram cortados por facas afiadas feitas para a ocasião. Foi uma mutilação fálica de grande abrangência, evento único na história da humanidade. A remoção de um anel de carne, que na concepção da época representava feminilidade e fraqueza, teria tido a qualidade mágica de dar ânimo aos judeus e fazer com que eles se sentissem superiores aos seus inimigos. A pilha dos prepúcios foi denominada *Giba'at Há Gurluth* ou Monte de Prepúcios, e o local onde a aliança com Deus foi reconfirmada, *Guilgil*, o círculo, em alusão à cicatriz circular da circuncisão.

Josué derrotou inúmeros Reis e fez grandes conquistas territoriais que dividiu entre as doze tribos de Israel.

A Época dos Juízes – Sísera e Jael. Débora

Apesar das espetaculares vitórias de Josué, a conquista de Canaã não foi completa. A consolidação do estabelecimento do povo judeu na Terra Santa, o domínio das cidades e a ocupação final da costa marítima atravessou dois séculos: de 1.200 a.C. a 1.000 a.C. As diferentes tribos de Israel agiam independentemente e ocasionalmente lutavam entre si, além de lutar contra os enclaves inimigos: canaítas, subjugados mas superiores aos judeus em tecnologia; filisteus, que os ameaçavam na costa marítima e tribos errantes. O *Livro dos Juízes*, ao cobrir estes dois séculos, nos dá a falsa impressão de uma chefia única, que não existia, pois a vida era tribal, sem unidade. Os juízes não constituíam chefias únicas, e, às vezes, eram contemporâneos uns dos

outros. De vez em quando, em períodos de crise, surgiam heróis carismáticos.

Como os israelitas habitavam em meio a povos estranhos, muitas vezes misturavam-se com eles e serviam a seus deuses: *Habitando pois os filhos de Israel no meio dos cananeus, dos heteus, amorreus e perizeus, e heveus e jebuseus, tomaram de suas filhas por mulheres e deram a seus filhos as suas filhas e serviam a seus deuses* (Juízes 3, 5-6). Deus os castigava, submetendo-os ao domínio de déspotas estrangeiros. Mas quando os judeus se arrependiam, Deus os perdoava e providenciava um herói salvador. Quando os judeus foram submetidos ao jugo do Rei Cusã, da Mesopotâmia, surgiu o irmão mais novo de Caleb, Otoniel, que venceu o tirano e garantiu aos judeus um período de paz de 40 anos.

Os judeus voltaram a pecar e o castigo veio sob a forma do Rei dos moabitas, Eglom, que se juntou aos amonitas e aos amalequitas, e subjugou Israel por 18 anos. E então, novo arrependimento, novas preces e um novo salvador, o canhoto Eudes, da tribo de Benjamim. Eudes se insinuou nos aposentos de Eglom, matou-o com a espada que trazia escondida sob suas vestes e depois convocou seus compatriotas para a batalha final em que foram mortos dez mil inimigos, livrando os judeus de seu jugo.

Quando Eudes morreu não havia quem o substituísse, e o povo novamente se afastou do caminho de Deus. E o Eterno disse: *Terei que mandar outro inimigo para castigá-los mas se eles se arrependerem serão salvos por uma profetisa e ela brilhará durante 40 anos.* O castigo veio pelas mãos de Jabim, Rei de Hazor, que os oprimiu, mas pior que o Rei era seu general Sísera, o maior guerreiro daquela época. Aos trinta anos, havia conquistado praticamente todo o mundo. Ao som de sua voz, as paredes mais resistentes se transformavam em ruínas e os animais nas florestas fugiam. A dimensão de seu corpo era vasta e indescritível. Quando ele tomava banho e emergia das águas do rio, havia tantos peixes presos na sua barba que podiam alimentar uma multidão. Sua carruagem era conduzida por nada menos do que 900 cavalos. Armado até os dentes, dispunha de 900 carros de ataque, e durante 20 anos exerceu domínio absoluto sobre Israel.

Para livrar Israel do inimigo, Deus escolheu uma heroína, a profetisa e cantora Débora, e seu esposo, Baraque. Este era um bronco, como a maioria de seus contemporâneos, deficientes em instrução e sa-

bedoria. Carregava velas para o serviço do santuário e daí seu apelido *Lapidoth* (chamas). Débora fazia pavios de velas bastante espessos, para que durassem mais tempo. Por isso, Deus a distinguiu e ela se tornou profetisa e juíza. Fazia os julgamentos ao ar livre porque não era conveniente para uma mulher receber homens em casa. *Débora, mulher, profetisa, esposa de Lapidoth, julgava a Israel naquele tempo. E habitava debaixo das palmeiras entre Ramã e Betel, nas montanhas de Efraim, e os filhos de Israel iam a ela em juízo* (Juízes 4, 4-5).

Débora, nas suas profecias, previu a vitória de Israel sobre os canaítas e convocou Baraque, comandante da milícia do Norte de Israel (a federação de Zebulom e Naftáli), usando como bandeira a "guerra santa". E a horda de Sísera foi destruída pelas águas do rio Medido. A tarefa imposta a Débora e Baraque não era fácil: teriam de enfrentar uma legião enorme de guerreiros. Mas Deus ajudou Israel com água e fogo. Sísera, derrotado, fugiu ao ver o aniquilamento de seu exército e foi buscar abrigo na terra dos queneus, descendentes de Hobabe, sogro de Moisés. Lá refugiu-se na tenda de Heber, beduíno, cujo respeito à hospitalidade, tradição árabe, lhe assegurou proteção. Jael, a graciosa mulher de Heber, deu a Sísera leite como sinal de boas-vindas e depois convidou-o a compartilhar de seu leito para relaxar e restaurar as forças. Quando Sísera acordou, Jael o embebedou de vinho e, tomando de uma estaca e um martelo, mansamente cravou-lhe a estaca na testa. E assim, Sísera foi morto. Débora assim cantou a sua morte: *Bendita seja entre as mulheres Jael, a mulher de Heber, o queneu. Água pediu ele, leite lhe deu ela, em taça de príncipes lhe ofereceu manteiga. À estaca estendeu a sua mão esquerda e ao maço dos trabalhadores a sua direita e matou a Sísera quando lhe pregou e atravessou as fontes. Entre seus pés se encurvou e caiu, onde se encurvou, ali ficou abatido* (Juízes 5, 27). O rabi talmúdico Johanan, deduziu da frase final que Sísera teve relações sexuais com Jael e, enquanto estava deitado entre suas pernas, ela, com o martelo, teria desferido o golpe mortal. E foi por isso abençoada pelo cântico da profetisa.

Vários rabinos do *Talmud* criticaram a arrogância de Débora, expressa em seu canto triunfal. Divergem também no que concerne à sua condição de juíza, que não seria permitida às mulheres. Também os cabalistas refutaram sua condição, dizendo: "Desgraçada a geração na qual não se pode encontrar um homem para ser juiz." Mas a *Bíblia* afirma

com segurança sua condição. Débora morreu, conforme a previsão, 40 anos depois de cumprir seu exercício.

A História de Sansão e Dalila

Depois de Débora, houve outros juízes e uma sucessão de combates em que os judeus ora dominavam ora eram dominados. Um dos guerreiros daquela época foi Gideão, que livrou Israel do domínio dos midianitas. Outra de suas façanhas foi ter tido 70 filhos com muitas mulheres: *E teve Gideão setenta filhos que procederam de suas coxas, porque tinha muitas mulheres* (Juízes 8, 30). Um dos filhos de Gideão foi Abimeleque, que matou todos os seus irmãos e se proclamou Rei mas foi morto por uma mulher que lhe atirou uma pedra na cabeça. Mais tarde, ocorreu a escravidão sob os filisteus e os amonitas, da qual foram salvos pelo filho de uma prostituta: Jefté. Seguiram-se anos de paz, mas os judeus não se corrigiam, e Deus os castigou e os submeteu aos filisteus. E aí nasceu Sansão. A história fabulosa e épica de Sansão o nivela ao semideus grego, Hércules, e se passa num período em que os israelitas se afastaram das leis de Deus e em que havia casamentos e relações sexuais entre judeus e não-judeus.

Sansão era filho de Manué, da tribo de Dã e de sua mulher Zelalponit, da tribo de Judá, e nasceu quando o casal já perdera a esperança de ter descendentes. A mãe era estéril, como muitas mães de heróis da *Bíblia*. Um anjo do Senhor apareceu-lhe e disse: *Eis que agora és estéril, porém conceberás e terás um filho. Agora, pois, guarda-te e não bebas vinho ou bebida forte e não comas coisa impura. Pois eis que conceberás e terás um filho sobre cuja cabeça não passará navalha, porquanto o menino será nazireu de Deus desde o ventre e ele começará a livrar Israel da mão dos filisteus* (Juízes 13, 3-5).

A força de Sansão era sobre-humana e as dimensões de seu corpo enormes. A primeira prova que deu de sua força foi desenraizar duas árvores e atritá-las uma contra a outra. Começou então a utilizá-las como armas contra os filisteus, agindo como verdadeiro guerrilheiro, talvez o primeiro na história do mundo. Aprisionou 300 raposas, uniu cauda com cauda, pôs um tição no meio de cada duas caudas e largou as raposas na seara dos filisteus e assim queimou suas plantações de trigo e suas vinhas e ainda os olivais. Os filisteus exigiram que os judeus aprisionassem Sansão

e o entregassem. Os homens de Judá amarraram Sansão, mas, ao ser entregue aos inimigos, as cordas se tornaram como que fios de linha queimados pelo fogo e as amarrações se desfizeram. E achou Sansão uma queixada de jumento e feriu com ela mil homens. Dizem as lendas que essa queixada pertencia ao jumento de Abraão, em cujo lombo este levara seu filho Isaac para ser sacrificado no monte de Moriá. Depois de muitas peripécias, Sansão foi a Gaza, onde teve relações com uma prostituta. A casa foi cercada pelos filisteus, que prepararam tudo para aprisioná-lo de madrugada. Mas ele saiu à meia-noite e com seus ombros arrombou as portas da cidade e as levou consigo.

Finalmente, Sansão afeiçoou-se a uma mulher filistéia chamada Dalila. Foi a sua ruína. Os cinco Reis dos filisteus vieram a Dalila e cada um ofereceu-lhe 1100 peças de ouro se ela descobrisse o segredo da força de Sansão. Era uma tentação muito grande. Por três vezes, Dalila tentou mas Sansão mentiu, até que ela começou a molestá-lo dizendo que ele não a amava. Enfim, Sansão não resistiu e revelou que a força vinha de sua imensa cabeleira. Dalila fez com que Sansão adormecesse sobre seus joelhos e cortou-lhe os cabelos e assim sua força desapareceu. Em seguida, os filisteus o aprisionaram, o cegaram e o puseram num cárcere na cidade de Gaza, onde seu cabelo começou a crescer de novo. Os filisteus resolveram comemorar e fazer uma grande festa em homenagem ao seu deus, Dagon, que lhes entregara o inimigo. Reuniram-se todos no templo e mandaram buscar Sansão para diverti-los: *Chamai a Sansão para que brinque diante de nós. E chamaram a Sansão do cárcere e brincou diante deles e fizeram-no estar de pé entre as colunas* (Juízes 16, 25). Sansão encostou-se nas colunas e diante de 3 mil espectadores e de todos os príncipes filisteus, sacudiu as colunas do templo, abalando seus alicerces e matando a todos os presentes, morrendo também: *E foram mais os mortos que matou na sua morte do que os que matara em vida* (Juízes 17, 30).

Sansão foi o autor de sua própria destruição. A vaidade, a lascívia e a impulsividade eram os traços marcantes de seu caráter. Foi traído pela mulher que amava, perdeu sua força sobre-humana e teve um fim trágico. Segundo fontes históricas, a saga de Sansão é uma alegoria de eventos que ocorreram naquela era. Um grupo de homens da tribo de Dã foi emboscada por oficiais filisteus numa casa de tolerância. Os seus olhos foram extirpados, sendo eles condenados a trabalhos forçados e obrigados a fazer sacrifícios a deuses pagãos. Era um procedimento comum entre as nações não-semitas.

Quando Sansão foi aprisionado, diz a *Bíblia*: *Então os filisteus pegaram nele e lhe arrancaram os olhos e fizeram-no descer a Gaza e amarraram-no com duas cadeiras de bronze e andava ele moendo no cárcere* (Juízes 16, 22). O rabi Yochanan ben Zacai, principal figura rabínica depois da destruição do Segundo Templo, fundador da academia de Yavne, traduziu o termo moer, *tahan*, como "ter relações sexuais", fundamentado no *Livro de Jó*: *Então moa minha mulher para que os outros se encurvem sobre ela* (Jó 31, 10). Para Yochanan, todos os filisteus de Gaza traziam suas mulheres à prisão para serem engravidadas por Sansão e produzir super-homens. Os filisteus procuravam melhorar a raça e os judeus eram apreciados porque eram prolíficos. Daí, a procura da miscigenação. Cegar os escravos era um pré-requisito para que as mulheres pudessem ser usadas sem medo das complicações psicológicas que pudessem daí advir. Sem dúvida, Sansão representa na história os diversos judeus submetidos a essa degradação. A fase final da humilhação de Sansão ocorreu no festival de fertilidade de Dagon, o deus Baal dos filisteus, quando o herói é posto para divertir os espectadores: *Chamai a Sansão para que brinque diante de nós e chamaram Sansão do cárcere e brincou diante deles* (Juízes 16, 25). Os cativos judeus eram obrigados a masturbar-se e sacrificar seu sêmen à Dagon. Três mil espectadores estavam presentes, homens e mulheres que se divertiam com Sansão, quando ele fez desabar o edifício sobre eles. Seu último clamor a Deus foi: *Para que de uma vez me vingue dos filisteus que drenaram as minhas forças* (Juízes 16, 28).

CAPÍTULO VIII

RUTE E NAOMI

A história se passa na época dos juízes e, no oceano machista da *Bíblia*, é uma ilha de feminilidade. Rute, filha do Rei de Moabe, casa com o filho de Elimeleque, um israelita que emigrara para o Reino, tangido pela fome que grassava em Israel. Vive com a família do marido. Seu sogro, Elimeleque, morre e seu marido também. Sua sogra, Naomi, incentiva-a a voltar à casa de seus pais, mas ela se recusa terminantemente. A sogra volta à terra natal e ela a acompanha, aceitando seu Deus e seu povo. Convertida, Rute se sustenta e à sua sogra colhendo os restos da colheita dos campos de Boaz, parente do seu sogro. Por insistência de Naomi, Rute seduz e conquista o coração de Boaz e se casa com ele apesar da diferença de idades, Boaz tem 80 e Rute tem 40 anos. Rute engravida e tem um filho, antepassado do Rei Davi. Boaz morre pouco depois e Rute vive longos anos, até o reinado de seu bisneto, o Rei Salomão.

A *Bíblia* foi escrita por homens e tem toda uma conotação masculina. O *Livro de Rute* é uma exceção. As figuras centrais da história são mulheres. Todos os ingredientes estão presentes: casamentos, viuvez, nascimentos, experiência de mães e filhas, relação entre sogra e nora, tudo conforme modelos femininos. Focaliza, ainda, a difícil situação da *outra*, a outra como estrangeira e a outra como mulher. Enfatiza o papel das mulheres, sua impotência e sua vulnerabilidade num mundo dominado pelos homens e, finalmente, mostra que as mulheres podem reverter o processo quando mobilizam suas forças.

Tradicionalmente, o *Livro de Rute* está vinculado ao evento central da existência do povo de Israel, a doação da Torá, *Natan Torá*, comemorado anualmente na festa de *Schavuot*, quando sua história é lida publicamente, do púlpito. Trata-se de uma história que fala da libertação e redenção do *guer* (estrangeiro), e do *iassom* (órfão) e da *almanah* (viúva). Representando as mulheres no coração da *Torá*, o *Livro de Rute* sublinha a íntima conexão entre as mulheres e o judaísmo.

O Livro de Rute

I

1 *E sucedeu no dia em que os juízes julgavam, houve fome na terra, pelo que um homem de Belém de Judá, saiu a peregrinar para os campos de Moabe, ele e sua mulher e seus dois filhos.*

2 *E era o nome deste homem Elimeleque e o nome de sua mulher Naomi e os nomes de seus dois filhos Malom e Quiliom, efrateus de Belém de Judá. E vieram aos campos de Moabe e ficaram ali.*

3 *Elimeleque, o marido de Naomi, morreu e ela ficou e os dois filhos.*

4 *Os quais tomaram para si mulheres Moabitas, uma chamada Orfa e a outra Rute e ficaram ali quase dez anos.*

5 *E morreram também Malom e Quiliom, ficando a mulher desamparada sem os dois filhos e sem marido.*

6 *Então se levantou ela com as duas noras e voltou dos campos de Moabe, porquanto na terra de Moabe ouviu que o Senhor tinha reconhecido seu povo, dando-lhe pão.*

7 *Acompanhada de suas duas noras, saiu do lugar onde estivera, caminhando para voltar à terra de Judá.*

8 *E Naomi disse às duas noras: Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe e o Senhor seja benevolente convosco como vós fostes com os falecidos e comigo.*

9 *Possa Deus assegurar a cada uma de vós segurança na casa de um marido. E ela as beijou e elas caíram em pranto e levantaram sua voz.*

10 *E disseram: Certamente voltaremos contigo ao teu povo.*

11 *Mas Naomi replicou: Voltai, minhas filhas, por que iríeis comigo? Tenho eu ainda no meu ventre mais filhos para que vos fossem por maridos?*

12 *Voltai, minhas filhas, pois já sou muito velha para arranjar marido. E mesmo que houvesse esperança para mim ou ainda que esta noite tivesse marido e ainda tivesse filhos.*

13 *Esperá-los-íeis até que se tornassem grandes? Deter-vos-íeis sem tomardes marido? Não, minhas filhas, meu destino é muito mais amargo que o vosso porquanto a mão do Senhor se descarregou sobre mim.*

14 *Então levantaram a sua voz e tornaram a chorar e Orfa beijou a sogra em despedida, porém Rute se grudou nela.*

15 *E assim ela disse: Eis que voltou a tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses, volta tu também atrás de tua cunhada.*

16 *Disse porém Rute: Não me instes para que te deixe, para que volte e não te siga. Porque aonde quer que tu fores, irei eu, aonde quer que pousares à noite, pousarei eu. Teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus.*

17 *Onde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor e outro tanto se outra causa além da morte me separar de ti.*

18 *Quando ela viu sua determinação, deixou de discutir com ela.*

19 *Assim, pois, foram-se ambas até chegarem a Belém. E sucedeu que entrando elas em Belém toda a cidade se comoveu por causa delas e diziam: Não é esta Naomi?*

20 *Porém ela replicou: Não me chameis Naomi, chamai-me Mara porque grande amargura me tem dado o Todo Poderoso.*

21 *Cheia parti, porém vazia o Senhor me fez voltar. Como podeis me chamar Naomi quando Deus me tratou tão duramente e trouxe infelicidade para mim?*

22 *Assim Naomi voltou da terra de Moabe e com ela sua nora Rute e chegaram a Belém no princípio da sega da cevada..*

II

1 *E tinha Naomi um parente de seu marido, homem valente e poderoso, da família de Elimeleque cujo nome era Boaz.*

2 *E Rute, a moabita, disse a Naomi: Deixa-me ir ao campo e apanharei espigas atrás daquele em cujos olhos eu achar graça. E ela lhe disse: Vai, minha filha.*

3 *Foi, pois, e chegou e apanhou espigas no campo após os segadores e caiu-lhe em sorte uma parte do campo de Boaz que era da família de Elimeleque*

4 E eis que Boaz veio de Belém e saudou os segadores: O Senhor seja convosco. E eles responderam: O Senhor vos abençoe.

5 Boaz então perguntou ao servo encarregado dos segadores: Quem é esta moça?

6 E respondeu o servo encarregado dos segadores: Esta é a moça moabita que voltou com Naomi dos campos de Moabe.

7 Ela me disse: Deixa-me colher espigas e ajuntá-las entre as gavelas após os segadores. Assim, ela veio e desde a manhã está aqui agora em pé. Só descansou um pouco na cabana.

8 Então Boaz disse a Rute: Ouça-me filha, não vás colher em outro campo, nem passes daqui e junta-te com minhas servas.

9 Atenta teus olhos nos campos que segarem e segue-as. Ordenei aos homens para não te molestarem. Tendo tu sede, vai até os jarros e bebe da água que os servos tirarem.

10 Então, ela se prostrou com a face sobre a terra e disse-lhe: Por que achei eu graça em teus olhos para que faças caso de mim, sendo eu uma estrangeira?

11 E respondeu Boaz e disse: Contaram-me o que fizeste de bem à tua sogra depois da morte de teu marido, como tu deixaste teu pai e tua mãe e o país do teu nascimento e vieste para um povo que não conhecias antes.

12 Possa Deus recompensar teus feitos. Possas tu ter uma recompensa completa do Senhor, o Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar.

13 E disse ela: Ache eu graça em teus olhos, meu Senhor, pois me consolaste e falaste ao coração da tua serva, sendo eu não ainda como uma delas.

14 E sendo já hora da refeição, Boaz disse a ela: Achega-te aqui e come do pão e molha teu bocado no vinagre. Assim, ela se sentou ao lado dos segadores e ele lhe deu do trigo tostado e se fartou de comer e ainda sobrou comida.

15 Quando ela voltou à colheita, Boaz deu ordem a seus empregados: Até entre as gavelas deixai-a colher e não interferi.

16 E deixai cair alguns punhados para que os colha e não a repreendais.

17 Ela colheu naquele campo até de tarde e debulhou o que apanhou e foi quase uma efa de cevada.

18 E carregou o obtido à cidade. E viu sua sogra o que ela tinha apanhado. Também deu-lhe a comida que sobrara depois de ter-se fartado.

19 Então perguntou-lhe a sogra: Onde colheste hoje e onde trabalhaste? Bendito seja aquele que te amparou. E ela relatou à sua sogra com quem tinha trabalhado dizendo-lhe: O nome do homem com quem trabalhei é Boaz.

20 Então Naomi disse à sua nora: Bendito seja o Senhor que não falhou na sua bondade, nem para os vivos, nem para os mortos. E explicou: Esse homem é nosso parente chegado e um de nossos redentores.

21 Rute, a moabita, disse então: Ele ainda me disse: Fica junto de meus empregados até que acabem toda a sega que eu tenho.

22 E Naomi respondeu à sua nora: Melhor é, filha minha, que saias com seus servos para que em outro campo não te encontrem.

23 Assim juntou-se com os servidores de Boaz para colher até que a sega da cevada e do trigo acabaram. e ficou então em casa com a sua sogra.

III

1 E Naomi, sua sogra, lhe disse: Minha filha, devo procurar um lar para ti onde tu possas ser feliz.

2 Ora, pois, não é Boaz com cujas moças estiveste, nosso parente? Eis que esta noite ele padejará a cevada na eira.

3 Lava-te, pois, e unge-te e veste os teus vestidos e desce à eira. Porém, não te dês a conhecer ao homem até que tenha acabado de beber e comer.

4 E quando ele se deitar notarás o lugar em que se deitar, então entrarás e lhe descobrirás os pés e te deitarás e ele te fará saber o que deves fazer.

5 Ela replicou: Vou fazer tudo o que tu mandaste.

6 Então ela foi à eira e fez tudo que a sogra lhe havia dito.

7 Havendo pois Boaz comido e bebido e estando já o seu coração alegre, ele veio deitar-se aos pés de uma meda. E então veio ela de mansinho e lhe descobriu os pés e se deitou.

8 E sucedeu que pela meia-noite, ele acordou e pulou para trás ao ver que aquela mulher jazia a seus pés.

9 Quem és tu? ele perguntou. E ela disse: Sou Rute, tua serva. Estende tua manta sobre a tua serva porque tu és meu parente redentor.

10 E disse ele: Bendita pelo Senhor sejas tu. Teu último ato de lealdade é ainda maior que o primeiro porque tu não procuraste homens mais jovens, sejam ricos ou pobres.

11 Agora, pois, não temas. Tudo que disseste te farei, pois toda a cidade de meu povo sabe que és mulher virtuosa.

12 Mas embora seja verdade que eu sou um parente redentor, há outro mais chegado que eu.

13 *Fica aqui esta noite. De manhã se ele te redimir, ele te redima. Porém se ele não te redimir eu o farei, pela vida do Senhor.*

14 *Ficou ela pois, deitada a seus pés, até pela manhã e levantou-se antes que alguém a pudesse reconhecer porquanto disse: Não se saiba que alguma mulher veio à eira.*

15 *Disse mais: Dá cá o xale que tens sobre ti e o segura. E segurou o xale e ele mediu seis medidas de cevada e lhe pôs em cima; então entrou na cidade.*

16 *Foi a casa e sua sogra perguntou: Como estás, minha filha? E ela lhe contou tudo que aquele homem lhe fizera.*

17 *Disse mais: Estas seis medidas de cevada me deu, porque me disse não vás vazia à tua sogra.*

18 *Então disse ela: Fica aqui quieta, minha filha, até que saibas como se desenrolará o caso, porque aquele homem não descansará até que conclua hoje este negócio.*

IV

1 *Entrementes, Boaz dirigiu-se ao portal da cidade e assentou-se ali e eis que o redentor que Boaz tinha mencionado ia passando e disse-lhe: Vem e senta-te aqui. E ele veio e sentou-se.*

2 *Então, reuniu dez homens dos anciãos da cidade e disse: Sentai-vos aqui e eles se sentaram.*

3 *Então, ele disse ao redentor: Aquela parte da terra que foi de Elimeleque, nosso irmão, Naomi, que voltou da terra dos moabitas, deve vendê-la.*

4 *Eu pensei em discutir o fato com você, dizendo: Toma-a diante dos habitantes e dos anciãos do meu povo. Se a queres redimir, redime-a, mas se não queres redimi-la diz-me para que o saiba, porque outro não há senão tu que a redima e eu depois de ti. Eu a redimirei, respondeu ele.*

5 *Disse porém Boaz: No dia em que tomares a terra da mão de Naomi e de Rute também tomarás a mão de Rute, a moabita, para suscitar o nome do falecido sobre sua herdade.*

6 *Então disse o redentor: Para mim não a poderei redimir para que não prejudique a minha herdade, redime tu a minha missão para ti, porque eu não a poderei redimir.*

7 *Havia há muito tempo o costume em Israel, quanto à remissão e contrato, para confirmar qualquer transação, que o homem descalçava o sapato e o dava a seu próximo - e isto servia de testemunho em Israel.*

8 *Disse pois o redentor a Boaz: Toma-a para ti. E descalçou o sapato.*

9 *Então Boaz disse aos anciãos e a todo o povo: Sois hoje testemunhas de que tomei tudo que foi de Elimeleque, de Quilom e de Malom, da mão de Naomi.*

10 *E de que também tomo como mulher Rute, a moabita, que foi mulher de Malom, para suscitar o nome do falecido sobre sua herdade e para que o nome do falecido não seja desarraigado dentre seus irmãos e do pórtico do seu lugar. Disto sois hoje testemunhas.*

11 *E todo o povo que estava no pórtico e os anciãos disseram: Somos testemunhas. O Senhor faça a esta mulher que entra na tua casa como a Raquel e como a Léia, que ambas edificaram a casa de Israel. Que ela prospere em Efrat e perpetue o teu nome em Belém.*

12 *E que seja a tua casa como a casa de Perez* (o filho de Tamar com Judá) *através da semente que o Senhor te der, desta moça.*

13 *Assim tomou Boaz a Rute e ela lhe foi por mulher. E ele entrou nela. E o Senhor a deixou conceber e ela teve um filho.*

14 *E as mulheres disseram a Naomi: Bendito seja o Senhor que não a deixou sem redentor e seja o seu nome afamado em Israel.*

15 *Ele renovará a tua vida e te sustentará na velhice porque ele nasceu de tua nora, que te ama e é melhor para ti do que sete filhos.*

16 *Naomi tomou o filho e o colocou no seu regaço e tornou-se sua ama.*

17 *E os vizinhos lhe deram um nome dizendo: Nasceu um filho a Naomi. E chamaram seu nome Obede. Ele foi pai de Jessé, pai de Davi.*

18 *Essa é a geração de Perez: Perez gerou a Esrom.*

19 *Esrom gerou a Arão e Arão gerou a Aminadabe.*

20 *E Aminadabe gerou a Naassom e Naassom gerou a Salmom.*

21 *E Salmom gerou a Boaz e Boaz gerou a Obede.*

22 *E Obede gerou a Jessé e Jessé gerou a Davi.*

Os Comentários sobre o *Livro de Rute*

Uma das mais destacadas comentaristas da história de Rute é sua xará, Ruth H. Sohn (1994), rabina formada no Hebrew Union College and Jewish Institute of Religion. Para ela, quando Elimeleque morreu, Naomi ficou desesperada e queria voltar a Israel. O texto bíblico diz: *E ela ficou e os dois filhos* (I, 3). Não diz que ela ficou com os dois filhos. Daí se entende que ela e os dois filhos não tinham o mesmo pensamento. A

viúva queria voltar mas os filhos a convenceram a ficar. Os dois tomaram para si mulheres moabitas: Orfa e Rute, e residiram ali durante dez anos. Quando Malom e Quilom casaram, Naomi se resignou a ficar em Moabe. Recebeu as noras em sua casa, ensinou-lhes as tradições judaicas e não se sentiu tão só. Ao casar, Malom e Quilom já estavam há dez anos em Moabe e viveram outros dez. A *Torá* usa a palavra *vayesch'vu – eles residiram* – que não aparece antes. Isso significa que os dois filhos ali fixaram residência para ficar definitivamente. Mas quando os filhos morrem, Naomi ouve que Deus se apiedou de Israel e que a fome que a levou a Moabe acabou. E resolve voltar a Israel. Ao mesmo tempo pede às noras que voltem à casa materna: *Ide e voltai cada uma à casa de sua mãe* (I, 8). Por que não à casa de seu pai? Durante todo o *Livro de Rute*, diz a rabina Sohn, grande ênfase é dada às relações entre as mulheres. E agora que os maridos morreram, o foco da história se concentra em Rute, Orfa e Naomi. E a grande questão é saber com quem as duas tinham maior ligação: com a sogra ou com a mãe. Quando, finalmente, Naomi e Rute chegam a Belém, diz o texto: *Toda a cidade se comoveu* (I, 19). Mas Naomi não se conformava: *Cheia parti, porém vazia o Senhor me fez voltar* (I, 21). Ela relembra, na recepção da volta, o marido e os filhos que perdera. Volta sem o marido, sem filhos e sem netos. *Chamai-me Mara porque grande amargura me tem dado o Todo Poderoso* (I, 20). Neste momento, ela não se lembra de Rute, que está por detrás, na sua sombra. Cega no seu desespero, esquece a devoção de Rute, que os habitantes da cidade tanto exaltaram mais tarde: *Tua nora que te ama é melhor para ti do que sete filhos* (IV, 15). Rute se estabelece em Belém e vai ao campo de Boaz para colher as sobras das colheitas. E Boaz a cumula de benesses e gentilezas e ela, agradecida, pergunta o porquê desta afabilidade e Boaz responde: *Contaram-me que tu deixaste teu pai e tua mãe e o lugar de teu nascimento e vieste a um povo que não conhecias antes* (II, 11). Aqui, diz Sohn, há uma analogia entre Rute e o patriarca Abraão, que também deixou sua terra natal em resposta ao comando de Deus: *Ora, Deus disse a Abraão: Sai da tua terra e de teus parentes e da casa de teu pai para a terra que te mostrarei* (Gên. 12, 1). Rute imita Abraão e Sara, que deixaram suas famílias para venerar a Deus, mudando completamente seus hábitos de vida.

A experiente Naomi, ao saber das gentilezas de Boaz, vê nelas um sinal de amor e instrui Rute para dar o primeiro passo e aproximar-se

dele. Depois, se ele quiser, as coisas caminharão por si e Boaz será o redentor. Rute segue as instruções da sogra, deita-se com Boaz quando este está bêbado. E quando ele acorda perplexo e pergunta quem é ela, identifica-se e diz: *Sou Rute, tua serva. Estende tua manta sobre tua serva porque tu és meu parente redentor* (III, 9). Quando o homem estende seu manto sobre a mulher, trata-se de um ato expresso formal de sua intenção de se casar com ela, como se depreende, mais tarde, em Ezequiel: *Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo e cresceste e te engrandeceste, alcançaste grande formosura e avultaram os teus seios e cresceram os teus cabelos, mas estavas nua e descoberta. E passando eu por ti, vi-te, e eis que teu tempo era tempo de amores e estendi sobre ti a ourela do meu manto e cobri a tua nudez e dei-te juramento e entrei em aliança contigo – diz o Senhor Jeová – e tu ficaste sendo minha* (Ezeq. 16, 7-8). A imagem é a de um homem falando à sua amada, embora na verdade sejam palavras entre Deus e sua Israel, em que o Eterno estende suas asas para proteger seu povo. Do mesmo modo, quando Rute pede a Boaz que estenda o seu manto como sinal de amor e desejo de casar, implora que ele estenda sua proteção sobre ela.

Há no *Livro de Rute* uma ênfase na redenção. A palavra redentor é repetida muitas vezes. Do uso repetido da palavra e finalmente do epílogo com o nascimento de Obede e a descendência ilustre que é anunciada, concluímos que é importante não perder a fé, mesmo nos momentos de desespero. Naomi, quando retornou a Belém, não tinha mais esperanças. Mas, com o tempo e com a devoção de Rute e o altruísmo de Boaz, as esperanças voltaram. Ela instruiu Rute sobre como abordar Boaz e tudo deu certo. E quando Obede nasceu, Naomi tomou o filho, colocou-o no próprio regaço e tornou-se sua ama. As mulheres vizinhas exclamaram: *Nasceu um filho a Naomi* (IV, 17). Esta assumiu a sua condição. Era realmente um filho nascido para Naomi? Os netos asseguram a seus avós a continuidade de sua existência após a morte, estendendo sua vida para além dos limites finitos. Neste sentido, os netos também são filhos, como ratificam os rabis: "Os netos são como filhos" (*Talmud Yevamot*). Nos *Salmos*, de Davi, está escrito: *Os mortos não louvam o Senhor, nem os que descem ao silêncio. Mas nós bendiremos ao Senhor, desde agora e para sempre* (Salmos 115, 17-18). As duas frases parecem contraditórias. Se os mortos não podem abençoar o Senhor, como o farão para sempre? Certamente, todos morrem, mas os filhos, os netos, os descendentes

continuarão a bendizer a Deus e daí Deus será bendito para sempre. E é o que pensam as amigas de Naomi quando dizem: *Ele renovará a tua vida* (IV, 15).

Comentários Adicionais

Quando Naomi resolve deixar Moabe, pede às noras que retornem às suas casas. Orfa e Rute choram. A primeira beija a sogra e se despede. Mas Rute *grudou nela* (I, 14). A palavra grudou – *dava* – sugere uma ligação íntima e permanente. O verbo é citado em outro texto da *Bíblia* como a ligação íntima entre homem e mulher, quando Deus cria a mulher da costela de Adão: *Portanto deixará o varão o seu pai e sua mãe e* grudará *na sua mulher e serão ambos uma única carne* (Gên. 2, 24). Grudar, no caso, é recapturar a unidade primitiva, retornar ao estágio quando Adão incorporava os dois sexos. Aqui, o termo é usado para exprimir a ligação entre as duas mulheres.

A filósofa Ruth Ana Putman (1994) considera surpreendente, estupenda e maravilhosa a amizade tão íntima entre duas mulheres. Quando os dois filhos de Naomi se casaram com duas estranhas, de religião diferente da sua, Naomi poderia ter repudiado a união. Mas não o fez. A atitude das duas noras sugere que Naomi não só não as rejeitou como as recebeu de braços abertos. Rute jamais amaria Naomi como a amou se ela não a tivesse acolhido efusivamente. Rute era uma extraordinária criatura humana e Naomi seu modelo. Quando Elimeleque emigrou, Naomi o acompanhou, não só por obediência. E aí decidiu abandonar, pelo marido, o seu lar na Judéia. Quando seus filhos casaram com mulheres moabitas, apesar da proibição da *Torá*, ela as aceitou plenamente e estabeleceu com elas relações de absoluta confiança. Procurou introduzir as duas noras no judaísmo. Foi quando aconteceu a tragédia: os dois filhos morreram. Só então, Naomi ouviu que a fome em Israel havia terminado. É pouco provável que a fome tivesse durado tantos anos. O mais lógico é presumir que Naomi só passou a se interessar pelo que acontecia na sua terra quando seus laços de parentesco se extinguiram em Moabe. Ela só tinha as duas noras e para elas o melhor seria a separação se ela voltasse, as jovens viúvas poderiam voltar à casa de seus pais e, (quem sabe?) encontrar novos maridos entre os moabitas.

Logo, Naomi sugeriu que as duas noras voltassem ao aconchego materno. Voltariam a venerar seus ídolos pagãos, mas Naomi invocou seu Deus para protegê-las: *O Senhor seja benevolente convosco* (I, 8). Além disso, ela acrescentou que não havia esperança para elas em Israel, onde sua vida seria amarga e sem perspectiva. Com lágrimas e beijos, Orfa se despediu. Mas Rute *grudou* em Naomi e disse: *Aonde quer que tu fores irei eu, onde quer que pousares à noite, aí pousarei eu. Teu povo será meu povo e teu Deus será o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada* (I, 16-17). Rute entregou-se a Naomi. Pôs sua amizade acima de seu país e de suas crenças.

Ao chegarem a Belém, Naomi ficou preocupada com o bem-estar de Rute, achando que ela como mulher jovem precisava de um marido para sua segurança e para manter a sua reputação. Escolheu Boaz. A *Bíblia* não diz se ele era casado ou solteiro, se tinha filhos ou não. Diz apenas que era um parente e foi muito gentil. Naomi propôs a Rute um esquema de conquista. Perfumada, ungida e lavada, com suas melhores roupas, deveria disfarçar-se e seduzi-lo. O risco era grande: se ela fosse vista, sua reputação iria soçobrar. Por outro lado, Boaz poderia usá-la e em seguida renegá-la. É espantoso como Naomi tinha certeza de que Boaz não rejeitaria Rute e também como persuadiu Rute a correr o risco. Felizmente, tudo deu certo como num conto de fadas e terminou em casamento. Rute concebeu e deu à luz um menino e Naomi voltou a sorrir.

Para Aristóteles, a verdadeira amizade só pode existir entre dois iguais e do sexo masculino. Entre duas mulheres seria impossível. Mas, neste caso, ele foi desmentido. As duas viúvas só eram semelhantes na sua condição de viúvas e na classe social. Rute era jovem e sadia e Naomi era idosa de espírito e de corpo. Para Ana Putman, a história de Rute revela o potencial de alegria que reside na verdadeira amizade. A alegria penetra na vida de Rute e Naomi pela presença de uma terceira força: Boaz. A amizade também não existe num vácuo social. Rute escolheu Naomi, mas escolheu também um povo e um novo caminho moral. O mesmo povo e o mesmo caminho de Boaz. *O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem de manhã* (Salmos 30, 5).

Aviva Zornberg (1994), doutora em literatura pela Universidade de Cambridge e professora de altos estudos judaicos em Jerusalém, con-

sidera a *Meguilath Rute* a mais perfeita, a mais idílica, a mais charmosa e a mais atrativa das histórias da *Bíblia*. É um livro sem tensões dramáticas, sem maldade, sem conflitos e com um final feliz. Quando Rute e Naomi retornam a Belém, o panorama é diferente. Antes ainda, em Moabe, quando os dois filhos de Naomi morrem, ela ressalta que ficou desamparada. Em hebraico: *va tischer Naomi*, ou seja, Naomi sobrou. O *Midrasch, Rute Raba*, interpreta a frase em analogia com as sobras alimentares de um banquete ou de um sacrifício após as oferendas. A maioria dos alimentos se transformou em dejeto e o que sobrou é o resto ou o supérfluo. Depois que seus filhos e seu marido morreram, Naomi era o resto, o resíduo sem valor. A morta-viva. As duas voltaram a Belém para um mínimo de existência. Eram fantasmas andando na estrada. Entrando em Belém, *toda a cidade se comoveu* (I, 19). A frase: *Hazot Naomi? É esta a Naomi?* (I, 19) exprime tudo. Como poderia isto tudo ter acontecido a ela? Ela se parece com o resto de comida ou com o bagaço de uma fruta cuja polpa foi consumida. Estava sem marido, sem filhos, sem propriedade. E Naomi confirma o desapontamento: *Não me chameis Naomi, chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. Cheia parti e vazia o Senhor me fez voltar. Como podereis me chamar Naomi quando Deus me tratou tão duramente e trouxe infelicidade para mim?* (I, 20-21). Naomi significa deleite. Ela salienta o mal que Deus impingiu a ela. Há amargura na sua voz. Esta passagem não é idílica, não é charmosa. Reflete desespero. *Cheia parti e vazia Deus me fez voltar*. Em hebraico *ani melea halacti*, cheia parti. O grande talmudista Raschi acha que *melea* significa "repleta de bens, de riqueza, de filhos". Significa possuir tudo que o mundo pode oferecer. O *Midrasch Rute Raba* diz que Deus, antes de matar Elimeleque, exterminou seus camelos e suas ovelhas. E, depois, Naomi lamentou: *Deus me tratou tão duramente* (I, 21). Para Raschi, a frase em hebraico: *Haschem ana vi* tanto pode significar "me afligiu tanto" como "testemunhou contra mim". Isso significaria que ela teria cometido um delito grave. A evidência do crime estaria na punição. Haveria assim uma dupla amargura: a dor da perda e a dor de saber que a perda era uma conseqüência de culpa. A sensação de humilhação ao saber que a culpavam.

Para Aviva Zornberg, o sentimento de culpa é similar ao do herói de Kafka, no livro *O Processo*. Ele sabe que é culpado, mas não sabe de quê. Er, quando levado ao patíbulo por duas estranhas figuras, diz que a

vergonha da morte o aflige mais do que a dor. Uma vergonha provocada pela presença das duas testemunhas que sabiam de seu crime, que ele ignorava.

Abraham Ibn Ezra (1090-1164), comentarista da *Bíblia* e poeta espanhol, andarilho pobre que viajou pelo mundo à procura do filho que se convertera ao islamismo e, pessimista nato, é autor da frase: "Se meu negócio fosse com velas, o sol jamais se poria, se eu fosse um mercador de mortalhas, ninguém morreria durante minha vida". Interpreta ele do mesmo modo esta frase. *Haschem ana vi*, Deus testemunhou contra mim, em analogia ao queixume de Jó: *Tu renovas contra mim as tuas testemunhas e multiplicas contra mim a tua ira* (Jó 10, 17). Antes disso, Jó afirma: *Darei livre curso à minha queixa, falarei na amargura da minha alma* (Jó 10, 1). É a mesma amargura de Naomi. Jó também não sabe porque foi punido: *Fazei-me saber porque contendes comigo* (Jó 10, 2) e depois: *Se for ímpio, ai de mim, e se for justo não levantarei a minha cabeça, cheio estou de ignomínia e olho para a minha miséria* (Jó 10, 15). No *Midrasch* e em Raschi, encontramos referências sobre a culpa de Elimeleque e de Naomi. Para Raschi, o delito inicial foi o fato de Elimeleque ter abandonado a sua terra natal durante a fome. Era um homem rico e benfeitor e teria deixado a Judéia por estreiteza de visão. Não quis abrir os olhos para as necessidades de seu povo num momento de fome. Para o *Midrasch Rute Raba, Elimeleque* se apavorou com a fome que grassava. Temia a invasão de sua casa, o saque de seus bens e até o linchamento, e fugiu. Por isso, a história começa com a frase: *E sucedeu nos dias em que os juízes julgavam, houve fome na terra, pelo que um homem de Belém de Judá, saiu a peregrinar nos campos de Moabe, ele e sua mulher e seus dois filhos* (I, 1). O verbo é singular. A mulher e os dois filhos não estão incluídos. Ele foi para proteger seus próprios interesses e daí a punição imposta a todos.

E voltamos à frase: *Rute grudou em Naomi*. O que queria Rute? Por que ela grudou? Diz a história que ela retornou com Naomi: *E assim, Naomi voltou da terra de Moabe e, com ela, sua nora Rute* (I, 22). Mas Rute voltou como, se Belém era um lugar onde ela jamais estivera? Ela na realidade aderiu a um passado que não era o seu. Como Boaz frisou: *Como tu deixaste o país de teu nascimento e vieste para um povo que não conhecias de antes* (II, 11). No final, Rute é recompensada e redimida. O redentor mais próximo queria ficar com as terras mas desistiu quando viu que teria de

tomar Rute também. Mas Boaz aceitou redimi-la por bondade ou por paixão. Ele não era obrigado. E esse ato de bondade deu origem à dinastia de Davi.

Uma Revisão Idílica do *Livro de Rute*

Uma das revisões mais interessantes do *Livro de Rute* deve-se a Ilana Pardes (1992), professora de literatura hebraica da Universidade de Princeton. Começa mostrando que no capítulo final do livro, o povo que estava no pórtico da cidade a abençoou dizendo: *O Senhor faça a esta mulher que entra na tua casa, como a Rachel e como a Léia, que ambas edificaram a casa de Israel* (IV, 11). É a única vez na *Bíblia* em que a bênção em vez de invocar os patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, invoca as matriarcas, Raquel e Léia, como modelo para a futura edificação de Israel. No *Gênesis*, Deus abençoa Sara: *Porque eu hei de abençoá-la e ela será mãe de nações, Reis sairão dela* (Gên. 17, 16). Do mesmo modo, Rebeca foi abençoada por seus irmãos: *E abençoaram a Rebeca e disseram-lhe: Oh nossa irmã, sejas tu a mãe de milhões e milhões* (Gên. 24, 60). Mas só no *Livro de Rute*, há uma linha matrimonial e matriarcal invocada. A isso, diz Ilana Pardes, se acrescenta a delicadeza do trato, a bela atmosfera criada, o caráter harmonioso, a tolerância para com Rute, mulher e estrangeira. Tolerância ligada ao respeito pela feminilidade.

O *Livro de Rute* viola as convenções, a primeira das quais ligada ao sexo das protagonistas. Até então as mulheres só servem para realçar o feito dos homens. Nesta narrativa, o tema central gira em torno de duas mulheres. E é o único texto da *Bíblia* em que a palavra amor é usada para exprimir o sentimento entre duas mulheres. Logo no começo, Rute rejeita a proposta de Naomi para ficar em sua terra e resolve *grudar* em Naomi. Como vimos, o verbo *grudar, dvac,* aparece na *Bíblia* para exprimir a unidade entre homem e mulher, recapturar a unidade de Adão, quando ele incorporava os dois sexos. E Boaz invoca esse fato ao recordar que Rute deixara seu pai e sua mãe para aderir a Naomi. No *Gênesis*, a união exprime a instituição do casamento. Em Rute, uma união feminina até então não reconhecida.

O grude de Rute em Naomi mostra que a rivalidade nas relações entre duas mulheres não é imperativa, mesmo em circunstâncias adequadas a um conflito como nos casos de sogra e nora, quando as duas disputam o amor do mesmo homem. A mãe, em geral, é hostil com a mulher que pretende substituí-la no amor de seu filho e a mulher quer assegurar sua posição no coração do marido, afastando a influência de sua precursora. Conflitos entre sogros e genros são comuns na *Bíblia* e terminam sempre com a vitória dos mais jovens: Jacó vence Labão, Davi vence Saul. Aqui, em vez de conflito, Rute se acopla a Naomi, em todos os níveis: *Aonde quer que tu fores, irei eu, aonde quer que pousares à noite, pousarei eu. Teu povo será meu povo e o teu Deus será meu Deus. Aonde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada* (I, 16-17). A fixação de Rute predomina em toda a história. O próprio Boaz, ao se casar com Rute, não desfaz sua conexão com Naomi. Como redentor, ele ressuscita o nome Malom mas, ao mesmo tempo, preserva o vínculo entre as duas mulheres. Se Rute prefere Boaz aos jovens de Belém é porque ele pode espraiar suas asas protetoras sobre as duas mulheres.

Naomi jamais encontra Boaz no texto, mas seu planejamento meticuloso da sedução a torna cúmplice do ato: Lava-te pois e unge-te e veste os teus vestidos e desce à eira. Porém não te dês a conhecer ao homem até que tenha acabado de comer e beber. E quando ele se deitar, notarás o lugar em que se deitou, então entrarás e lhe descobrirás os pés e ele te fará saber o que deves fazer (III, 3-4). Rute por sua vez, consumada a sedução, apressou-se a incluir a sogra em todo o evento: E foi à casa e sua sogra lhe perguntou como estás, minha filha? E ela lhe contou tudo que aquele homem lhe fizera (III, 16).

Mais tarde, quando Rute tem seu filho, as duas compartilham sua existência: Nasceu um filho a Naomi, dizem as mulheres de Belém (IV, 17).

A Interpretação das Lésbicas

Rebeca T. Alpert (1994), co-diretora e professora de estudos femininos da Universidade de Temple, na Filadélfia, descreve em cores vivas a interpretação lésbica da história de Rute. Observe-se que as mulheres lésbicas judias procuram um lugar na religião e na liturgia judaicas, especialmente nos Estados Unidos, o que inclui as não-judias que procuram converter-se ao judaísmo. Rebeca Alpert conta a história de uma delas, que viveu como judia durante muitos anos e desejou oficializar a situação,

convertendo-se. Requisitou a cerimônia de conversão para a época de *Schavuot* (feriado religioso em que a história de Rute é lida publicamente nas sinagogas), porque sentia-se profundamente vinculada a ela, uma mulher como ela, convertida e que amava outra mulher: Naomi.

Outra história por ela mencionada é a de duas lésbicas que planejavam uma cerimônia de compromisso mútuo, de acordo com o ritual judaico e escolheram as palavras de Rute a Naomi: *Não me instes para que te (...). Porque aonde quer que tu fores, irei eu, aonde quer que pousares à noite, pousarei eu. Teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu ali e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor outro tanto se outra causa além da morte me separar de ti* (I, 16-17).

Um casal de lésbicas planeja celebrar o décimo aniversário de sua união. Para honrá-las, os amigos escrevem e cantam trechos de Rute. Num livro sobre a celebração de uniões lésbicas, o trecho acima (I, 16-17) é considerado como tradicional e específico para essas ocasiões. Em livro sobre homossexuais, o autor, ele também homossexual, repete a história de Rute e Naomi como sendo o relacionamento primário entre duas mulheres e não como a devoção de Rute ao Deus de Israel. Segundo o autor, Rute se casa com Boaz somente para assegurar o suporte financeiro que permitiria às duas viverem juntas. Um dos passos para justificar o lesbianismo e introduzi-lo oficialmente na comunidade judaica foi a procura nas escrituras de um contexto que descrevesse essa relação. A procura de mulheres que amavam mulheres. Tarefa difícil porque a cultura ocidental excluía e ocultava esse amor. Não há menção de atividades sexuais entre mulheres na *Bíblia*. Alguma discussão de atitudes lésbicas é encontrada no *Talmud*. São duas passagens, nas quais fica clara a não-comparação do lesbianismo com o homossexualismo masculino. Na primeira, debate-se se o contato sexual entre duas mulheres as impediria de casar com sacerdotes. A grande maioria dos sábios é de opinião que a transgressão é mínima, não viola a lei e, portanto, não serve de impedimento. Na outra passagem, o *Talmud* cita o fato de que os rabinos proibiam as suas filhas de dormirem juntas. Mas não para evitar o lesbianismo, mas para impedir que elas se acostumassem a dormir acompanhadas.

Maimônides também não crê que a transgressão seja grave. Considera o lesbianismo condenável e comparável aos atos praticados pelos egípcios que o *Levítico* proíbe: *Não fareis segundo as obras dos egípcios em que*

habitastes (Lev. 18, 3). Para os nossos sábios, essas obras eram o casamento de homem com homem, de mulher com mulher e de mulher com dois homens. Maimônides recomenda que o marido evite o encontro de sua mulher com lésbicas, e o açoitamento, em casos de desobediência.

Rachel Biale (1984) acredita que a escassa referência ao lesbianismo nos escritos judaicos mostra a ignorância dos homens sobre o que se passava no universo das mulheres. A relação entre duas mulheres raramente aparece, e quando aparece, é para mostrar a rivalidade, como entre Sara e Hagar e entre Raquel e Léia.

Finalmente, outra afinidade das lésbicas com a história de Rute e Naomi é de que as duas ignoraram os limites impostos pela idade, raça e religião. Rute e Naomi, moabita e judia, vinham de culturas diferentes, adoravam deuses diferentes e eram de gerações diferentes. Assim, a história de Rute passa a ser a conexão das lésbicas com o passado judeu e o encontro de um lugar honroso na tradição judaica.

CAPÍTULO IX

O REINADO DE SAUL E OS AMORES DE DAVI E JÓNATAS

O período dos juízes termina com o profeta Samuel. Os judeus, cercados de inimigos e em constante luta com seus vizinhos, queriam um rei, e Deus, consultado pelo profeta, concordou, embora enciumado, pois ele mesmo se considerava o Rei, insubstituível. Samuel era da tribo de Efraim, filho de Elcana. Este era casado com duas mulheres: Ana e Penina. A primeira era estéril, como as matriarcas, Sara, Rebeca e Raquel, e a segunda, com dez filhos, provocava a primeira: *E a sua competidora excessivamente a irritava, para embravecê-la* (I Sam. 1, 6). Samuel gostava mais de Ana e, vendo-a triste, perguntou: *Ana, por que choras? E por que não comes? E por que está mal o teu coração? Não te sou eu melhor do que dez filhos?* (I Sam. 1, 8). Todos os anos o casal peregrinava a Schiló para orações, porque ali oficiava o Sumo-sacerdote. Elcana comandava os peregrinos e fazia quatro excursões ao ano, atraindo adeptos de vários lugares que o seguiam, aumentando assim o número de devotos.

Um dia, Ana chorou copiosamente e prometeu que se tivesse um filho o entregaria ao serviço de Deus: *Ela pois, com amargura na alma, orou ao Senhor, e chorou abundantemente. E votou um voto dizendo: Senhor dos Exércitos! Se benignamente atenderes para a aflição de tua serva e de mim te lembrares e da tua serva te não esqueceres, e a tua serva deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias de sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha* (I Sam. 1, 11). Elcana e Ana voltaram para casa, fizeram amor, e Deus se lembrou dela e ela teve um filho. Após o desmame, a criança foi levada ao santuário de Schiló e entregue ao Sumo-sacerdote Eli.

Ainda rapaz, Samuel oficiava perante o Senhor e agradava ao povo que detestava os filhos de Eli, seus sucessores, pois prevaricavam com as devotas e ingeriam as oferendas dos peregrinos. Deus resolveu, por isso, matar os dois filhos de Eli, Finéas e Hofni, e ungir Samuel como o novo profeta de Israel. Os dois filhos de Eli foram mortos pelos filisteus no campo de batalha em que os israelitas foram derrotados e perderam a Arca da Aliança, a arca sagrada que acompanhava os judeus. No centro do acampamento onde viviam após a aliança do Sinai havia um tabernáculo, morada de Deus. Em torno do tabernáculo, distribuíam-se as doze tribos de Israel, três de cada lado. No terreno, havia um altar quadrado para as oferendas. E, finalmente, dentro do tabernáculo, erguia-se o santuário interno onde ficava a Arca da Aliança, na qual se achavam, em pedra, as tábuas da lei que Deus dera a Moisés no monte Sinai. Sobre a arca existia um trono de ouro maciço. E aí Deus se sentava, com um querubim de cada lado.

Quando os filisteus capturaram a arca, deram com ela a volta por seu território, mas foram castigados por Deus: *Os filisteus, pois, tomaram a arca de Deus e a trouxeram de Ebenezer a Asdode, porém a mão do Senhor se agravou sobre os de Asdode e os feriu e os assolou e os feriu com hemorróidas* (I Sam. 1 e 6). De Asdode, a arca foi levada a Gate, e aqui o castigo se repetiu: *E sucedeu que, desde que se apoderaram da arca, a mão do Senhor veio contra aquela cidade, com mui grande vexame, pois feriu os homens daquela cidade, desde o pequeno até o grande e tinham hemorróidas na parte secreta* (I Sam. 5, 9). Então, os filisteus enviaram a arca a Ecrom e, ali, os habitantes morreram ou foram feridos com hemorróidas.

Os príncipes filisteus, para fugir do castigo, se reuniram e resolveram devolver a arca com ofertas que representavam o arrependimento e o pedido de perdão com expiação da culpa. Eram cinco hemorróidas de ouro e cinco falos de ouro representando os cinco príncipes filisteus e ainda as cinco cidades onde eles reinavam: Asdode, Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom.

A arca seria a incorporação da divina presença e para alguns teria no seu interior o falo de Deus. O seu nome era sugestivo: *Arun há Elohim* (Arca de Deus), mas também, *Arun há Idut* (Arca Testemunha). E, ainda, *Arun há bit* (Arca da Aliança). A palavra hebraica *idut* é equivalente ao latim *testis*, de onde deriva a palavra testículos (pequenas testemunhas).

Testis, testículos e testemunhas prestam-se a um jogo de palavras, pois na Antigüidade era costume jurar pondo a mão sobre os testículos. A cerimônia é citada no *Gênesis* várias vezes. Abraão e Jacó disseram: *Sinmã yadec that yarqui* (Segure meu membro). O hebraico *natan yad* alude a essa prática em várias partes da *Bíblia*: *E todos os príncipes e os grandes colocaram a mão em testemunho de sua submissão leal* (I Crônicas 29, 24). A palavra grega para testamento: *diatheque*, significa literalmente "pelos testículos" ou jurar sob o escroto e, daí, o latim "testamento" relacionado a testículo. Figuras de Osíris, apertando um pênis ereto e circuncidado ao testemunhar, são familiares e, daí, a conexão entre a aliança, *brit*, e testemunha, *idut*. De acordo com o *Zohar*, os patriarcas deram mais importância ao juramento fálico do que a qualquer outro, porque a sua violação era equivalente a violar a alma e a essência de Deus.

Os judeus acabaram por vencer os filisteus, reconquistaram suas cidades e *Samuel julgou Israel todos os dias de sua vida* (I Sam. 7, 16).

Tendo Samuel envelhecido, resolveu proteger seus filhos Joel e Abias, nomeando-os juízes em seu lugar. Mas os filhos não procediam bem. Eram avarentos, perverteram o juizado e aceitavam propinas. Os israelitas então se reuniram e pediram ao profeta que nomeasse um rei. O pedido soou mal aos ouvidos de Samuel, mas Deus, consultado, disse: *Ouve a voz do povo em tudo que te disserem, pois não é a ti que rejeitam, antes a mim. Para eu não reinar sobre eles* (I Sam. 8, 7). Samuel escolheu Saul, filho de Cis, da tribo de Benjamim, um dos mancebos mais belos de Israel: *Entre os filhos de Israel, não havia outro homem mais belo do que ele* (I Sam. 9, 2).

A escolha foi na realidade de Deus, que avisou ao profeta: *Amanhã a estas horas te enviarei um homem da terra de Benjamim, ao qual ungirás por capitão sobre o meu povo de Israel e ele o livrará dos filisteus* (I Sam. 9, 16). Ungido, Saul reuniu o povo ao seu redor e venceu muitos inimigos, como os filisteus, os amonitas e os amalequitas. Nas suas guerras, teve o auxílio inestimável de seu filho Jônatas.

Os mais acirrados inimigos eram os amalequitas, descendentes de Esaú, o irmão de Jacó, de quem ele usurpara a progenitura. Tratava-se de uma tribo de árabes semi-nômades, assaltantes e saqueadores, que a tradição judaica iguala aos gigantes da geração do dilúvio, que expeliam seu sêmen sobre as árvores e compunham canções em honra da pederastia e

da bestialidade. Durante o êxodo, os amalequitas atacavam os israelitas pela retaguarda, emboscavam e matavam os velhos e as crianças. No discurso de Moisés aos israelitas, ele frisou: *Lembra-te do que te fez Amaleque, no caminho, quando saíste do Egito. Como te saiu ao encontro no caminho e derrubou na retaguarda os fracos que iam após ti. Estando tu cansado e fatigado, não temeu a Deus. Será pois que quando Deus te der repouso de teus inimigos, na terra do Senhor teu Deus, para possuí-la, então apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu, não te esqueças* (Deut. 25, 17-19).

Histórias do *Midrasch* revelam que os amalequitas cortavam os membros circuncidados dos judeus (dos prisioneiros e dos cadáveres) e jogavam-nos ao ar, berrando obscenidades contra Iavé. Saul, enviado para destruir os amalequitas, teve ordens de Deus, através de Samuel, de não ter piedade, nem mesmo das mulheres e das crianças, para apagar completamente o nome de Amaleque. *Então disse Samuel a Saul: Enviou-me o Senhor para ungir-te rei sobre o seu povo, sobre Israel. Ouve pois agora a voz das palavras do Senhor. Assim diz o Senhor dos exércitos: Eu me recordei do que fez Amaleque a Israel, como se lhe opôs no caminho, quando subia do Egito. Vai, pois, agora, e fere a Amaleque, e destrói totalmente tudo o que tiver, e não lhe perdoe. Matarás desde o homem até a mulher, desde os meninos até os de mama, desde os bois até as ovelhas e desde os camelos até os jumentos* (I Sam. 15, 1-3). Saul cumpriu a ordem, aniquilando os amalequitas de Hávila a Schur. Só poupou o Rei Agag, cuja beleza e altura o impressionaram. Era a paixão humana sobrepondo-se aos desígnios de Deus.

Samuel, enraivecido, repreendeu Saul e ordenou a execução do Rei cuja espada em épocas anteriores mutilara o pênis dos judeus e, desse modo, tornara as mulheres estéreis. Quando Saul se recusou, Samuel sacou de sua espada, castrou Agag e depois o esmagou: *Então disse Samuel: Trazei-me aqui Agag, Rei dos amalequitas. E Agag veio a ele animosamente e disse: Já passou por mim a amargura da morte. Disse, porém Samuel: Assim como tua espada desfilhou as mulheres, assim ficará desfilhada a tua mãe entre as mulheres. Então Samuel despedaçou a Agag perante o Senhor em Gilgal* (I Sam. 15, 32-33). Saul retirou-se triste para sua casa em Giva e nunca mais Saul viu Samuel. O Senhor se arrependeu de ter ungido Saul como Rei e mandou Samuel ungir Davi, filho de Jessé, descendente de Rute e Boaz e caçula de oito filhos: *Ruivo e formoso de semblante e de boa presença* (I Sam. 16, 12).

Nesse ínterim, um espírito mau se apossou de Saul; ele não conseguia dormir, ficava agitado, e seus conselheiros acharam por bem convocar um músico que tocasse harpa para acalmá-lo, e Davi foi o escolhido. E logo houve uma atração mútua: *Assim Davi veio a Saul, esteve diante dele e o amou muito e foi seu pajem de armas. E Saul mandou dizer a Jessé: Deixa estar Davi perante mim, pois achou graça em meus olhos. E sucedia que quando o espírito mau se apossava de Saul, Davi tomava a harpa e a tocava com a sua mão. Então Saul sentia alívio e o espírito mau o abandonava* (I Sam. 16, 21-23).

Aí aconteceu o episódio da luta entre Davi e Golias. Os filisteus se juntaram e acamparam para uma nova batalha. Saul também juntou seus homens e entre eles estavam três irmãos de Davi. Este ia e voltava para apascentar o rebanho de ovelhas de seu pai, em Belém. Os filisteus e os israelitas estavam em dois montes separados por um vale. Então, saiu do arraial dos filisteus um gigante cujo nome era Golias, de mais ou menos quatro metros de altura. E desafiou os israelenses a que encontrassem alguém que o enfrentasse. Golias seria um mercenário e não um filisteu. O rabino Yochanan acha que ele era filho de cem pais e uma única mãe, baseado na *Bíblia*, que designa Golias como o guerreiro filisteu de Gate, o que significaria que todos os homens da cidade prensaram sua mãe como a prensa de vinho – *gath*. "Filho de cem pais" era um insulto comum no Oriente. O rabi Joseph acha que a mãe de Golias tinha relações anais com todos que lhe pagavam e era descendente de Orfa, a outra nora de Naomi, que ao retornar a Moabe foi estuprada por mais de cem moabitas. E o rabi Tanhuma inclui um cão nestas relações, baseado na frase de Golias: *Sou por acaso um cão para que venhas com paus a mim* (I Sam. 17, 43). O final é conhecido: Davi, em visita aos irmãos, ouviu os insultos e os desafios de Golias e resolveu enfrentá-lo. E conseguiu derrubar o gigante com uma funda onde colocou uma pedra, com a qual atingiu a fronte de Golias. Após derrubá-lo, aproximou-se e cortou-lhe a cabeça. E todos os filisteus fugiram.

Depois deste episódio, Saul tomou Davi sob sua proteção. Mas esta durou pouco, pois Saul temia o prestígio de Davi no meio do povo e o temia como possível concorrente ao trono. Vivendo na corte, Davi e a filha de Saul, a princesa Mical, se apaixonaram e resolveram casar-se. Saul viu no pedido de casamento a oportunidade de livrar-se de Davi.

Mandá-lo-ia à frente da batalha com os filisteus, exposto de tal modo que a morte seria certa. *E Saul deu ordens a seus servos, falai em segredo a Davi dizendo: Eis que o Rei está muito afeiçoado a ti e todos os seus servos te amam, agora pois consente em ser genro do rei. E os servos do Rei Saul falaram todas essas palavras a Davi. Então, disse Davi: Parece-vos pouco eu ser genro do Rei, sendo homem pobre e desprezível. E os servos de Saul lhe anunciaram isso dizendo: Foram tais as palavras de Davi. Então, disse Saul: Assim direis a Davi: O Rei não tem necessidade de dote, senão de cem prepúcios de filisteus para tomar vingança dos inimigos do Rei. Porquanto Saul tentava fazer com que Davi caísse pela mão dos filisteus* (I Sam. 18, 22-25).

Naquela época, os povos quando perdiam as batalhas, tinham seus prepúcios cortados como presa de guerra. Prepúcios e órgãos sexuais cortados transformavam-se em troféus de batalha, cuja coleção era sinal de poderio. Um velho costume beduíno exigia que os guerreiros presenteassem os pais ou seus parentes com órgãos genitais mutilados de seus inimigos. Foi uma tradição seguida pelos árabes e pelos israelitas. Davi e seus homens derrotaram os filisteus, mataram o dobro de inimigos, duzentos, e Davi entregou seus prepúcios ao Rei Saul. E este não teve outra saída senão dar-lhe sua filha Mical em casamento.

Os Amores de Davi e Jônatas

Ainda na corte de Saul, Davi e Jônatas, o filho de Saul, se amaram um ao outro. Logo após a vitória de Davi sobre Golias, Abner, o general chefe das tropas de Saul, trouxe Davi à sua presença: *E sucedeu que acabando ele de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi e Jônatas o amou como à sua própria alma* (I Sam. 18, 1). O amor entre os dois se assemelha ao de Rute com Naomi, uma amizade também estranha. Os acontecimentos posteriores à união entre o filho de um pastor e o filho de um rei seguiram rumos entrelaçados. Davi, após derrotar Golias, foi chamado ao palácio como herói e não foi reconhecido como o harpista do passado. E Jônatas e Davi reforçaram sua amizade. *E Jônatas e Davi se aliaram porque Jônatas o amava como à sua própria alma. E Jônatas se despojou da capa que trazia sobre si e a deu a Davi. Como também de suas roupas e até de sua espada, o seu arco e o seu cinto* (I Sam. 18, 3-4). Jônatas, condoído de Davi, que não tinha roupa para freqüentar a corte, dividiu a sua com ele.

E se aliou a ele prevendo as dificuldades que teria de enfrentar. Rapidamente, o temor dos dois se confirmou. Davi transformou-se no chefe de sucesso da armada e o povo passou a aclamá-lo como mais valente que o Rei.

Embora Saul e Jônatas ignorassem que Davi fora ungido Rei por Samuel, pois a cerimônia fora estritamente familiar, Saul suspeitava da popularidade de Davi e temia que ele fosse seu sucessor. Começou a odiá-lo, tentou matá-lo indiretamente no campo de batalha, mas falhou em suas tentativas. Jônatas, ao contrário, se rejubilava com os triunfos de Davi. E passou, inclusive, a protegê-lo da alienação do pai. Quando Saul sugeriu a Jônatas e a seus servos que matassem Davi, Jônatas não só avisou ao amigo como também demoveu o pai do intento: *E falou Saul a Jônatas e a seus servos para que matassem a Davi. Porém Jônatas, filho de Saul, era muito afeiçoado a Davi. E Jônatas o anunciou a Davi dizendo: Meu pai Saul procura matar-te, pelo que, agora, guarda-te pela manhã, fica oculto e esconde-te* (I Sam. 19, 1-2). Davi e Saul se reconciliaram e Davi obteve novas vitórias. Saul teve recaída de ciúmes, procurou matar Davi diretamente e falhou. Mandou assassinos à casa de Davi para que o liquidassem, mas desta vez sua mulher, Mical, o salvou, colocando na cama, no seu lugar, uma estátua.

Davi continuou na sua escalada de sucessos e Saul, com raiva, tentou jogar a própria espada contra ele. Novamente, Jônatas intercedeu mas Saul ficou irado com o filho: *Então se acendeu em Saul a ira contra o próprio filho, e disse-lhe: Filho da perversa, em rebeldia, não sei eu que tens elegido o filho de Jessé, para vergonha tua e para vergonha da nudez de tua mãe* (I Sam. 20, 30). Com isso, Saul ratificou rumores de que os dois eram mais do que amigos. Saul chegou a ameaçar o filho, em momento de raiva, e atirou sua lança contra ele. E Jônatas, encolerizado, deixou de comer: *Pelo que Jônatas todo encolerizado se levantou da mesa e no segundo dia da lua nova não comeu pão, porque se magoava por causa de Davi, pois seu pai o tinha maltratado* (I Sam. 20, 34). E Jônatas procurou Davi, deu-lhe armas e conselhos de fuga: *Beijaram-se um ao outro e choraram juntos, até que Davi chorou muito mais* (I Sam. 20, 41).

Jônatas estava num dilema, tinha de escolher entre o amigo e o pai, entre o país e o amigo. Ele devia saber que Davi não ia aceitar a fuga e o exílio e que iria reunir descontentes e guerrilheiros para resistir. E foi o que fez. Refugiou-se numa gruta e *ouviram-no seus irmãos e toda a casa de*

seu pai e desceram ali para ele. E juntou-se a ele todo homem que estava em aperto e todo o homem endividado e todo homem de espírito desgostoso e eram com ele uns quatrocentos homens (I Sam. 22, 2). Jônatas devia antever que a guerra civil estouraria. Mas Jônatas amava Davi e continuou a avisá-lo dos movimentos de seu pai a fim de evitar a sua morte.

Saul perseguiu Davi no deserto de Zife, onde ele se escondera, e lá Jônatas o achou e previu que Davi seria o futuro Rei de Israel: *Então se levantou Jônatas e foi para Davi no bosque e confortou a sua mão em Deus. E disse-lhe: Não temas que não te achará a mão de Saul, meu pai. Porém tu reinarás sobre Israel e eu serei contigo o segundo, o que Saul meu pai bem sabe* (I Sam. 23, 17). Mais uma vez, Davi e Jônatas fizeram uma aliança e Jônatas voltou à corte.

Por duas vezes, Davi em fuga poderia ter matado seu inimigo, Saul. Mas não quis fazê-lo, dizendo que jamais mataria um ungido por Deus. Saul abandonara a perseguição a Davi para voltar-se contra os filisteus que tinham invadido Israel. Bem-sucedido, voltou-se novamente contra Davi com três mil homens escolhidos a dedo. Entrou numa caverna sem perceber que os homens de Davi o espreitavam e então: *Os homens de Davi disseram a ele: Eis aqui o dia do qual o Senhor te diz: Eis aqui que te entrego o inimigo nas tuas mãos e far-lhe-ás o que te parecer bem aos teus olhos. E levantou-se Davi e mansamente cortou o manto de Saul. Sucedeu, porém, que logo após doeu a Davi por ter cortado a orla do manto de Saul e disse a seus homens: O Senhor me guarde que faça tal coisa ao Senhor e ao ungido do Senhor, estendendo eu a minha mão contra ele* (I Sam. 24, 4-6).

Mais tarde, numa de suas perseguições, Saul adormeceu, e à sua volta estava o seu estado maior e seus soldados, também dormindo. E disse Abisai a Davi: *Deus te entregou hoje nas mãos o teu inimigo, deixa-me pois agora encravá-lo com a lança, de uma vez, na terra e não o ferirei uma segunda vez. E disse Davi a Abisai: Nenhum dano lhe faças, pois quem estendeu a mão contra um ungido de Deus e ficou inocente?* (I Sam. 26, 8).

O raciocínio de Davi se estendia a Jônatas: se ele não tivesse sido avisado por seu amigo, Jônatas não teria fugido e liderado um bando de guerrilheiros, e se ele, Davi, matasse Saul, Jônatas se consideraria culpado pela morte do pai. E assim, arriscando a própria vida, Davi não quis impor essa tragédia ao seu amigo fraterno. O amor de Davi por Jônatas era tão grande que quando o amigo morreu junto com seu pai, Saul, na

mão dos filisteus, Davi lamentou profundamente a morte dos dois: *Vós, montes de Gilboa, nem orvalho, nem chuva caia sobre vós nem sobre vós, campos de ofertas alçadas, pois aí, desprezivelmente, foi arrojado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, como se não fora ele ungido com óleo. Do sangue dos feridos, da gordura dos valentes nunca se retirou para trás o arco de Jônatas e nem voltou vazia a espada de Saul. Saul e Jônatas, tão amados e queridos em vida, também na sua morte não se separaram. Eram mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões. Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de escarlate em delícias, que vos fazia trazer ornamentos de ouro sobre os vossos vestidos. Como caíram os valentes no meio da peleja, Jônatas, nos teus altos foste ferido. Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas, quão amabilíssimo me eras. Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres* (II Sam. 1, 21-26). Esta última frase reforça a suspeita de que o amor entre Davi e Jônatas, não se limitava à amizade, mas possivelmente seria um amor homossexual.

CAPÍTULO X

OS AMORES DO REI DAVI

Mical

Mical, a filha de Saul, amava Davi desde os tempos em que ele como pastor vinha tocar harpa para amenizar as crises nervosas de seu pai: *Mical, a outra filha de Saul, amava a Davi, o que, sendo anunciado a Saul, pareceu bem aos seus olhos* (I Sam. 18, 20). Saul, com ciúmes de Davi, que vencera Golias, procurou induzir a sua morte, exigindo 100 prepúcios filisteus para consentir com o casamento. Não acreditava que Davi pudesse realizar tal proeza, mas Davi a excedeu, e assim o casamento teve de ser efetuado. Saul mandou então matar Davi no leito, tentativa frustrada porque Mical soube do fato e colocou uma estátua na cama dos nubentes. Saul ficou possesso, desfez o casamento, e *entregou sua filha Mical a Palti, filho de Lais, o qual era de Galim* (I Sam. 45, 44).

Muitos anos se passaram. Davi possuía então muitas mulheres. Reinara em Hebron e mudara-se para Jerusalém. Mas não esquecia a primeira mulher. Exigiu então que ela voltasse. Ordenou ao ex-comandante em chefe de Saul, Abner, que fosse buscá-la. *E disse Davi: Bem eu farei contigo aliança, porém uma coisa te peço que é: não verás a minha face se primeiro não me trouxeres Mical, filha do Rei Saul* (II Sam. 3, 13). Mical lhe foi entregue e Davi, eufórico, instalou-se com ela em Jerusalém. Trouxe a Arca da Aliança para a nova capital e, alegre, dançou nas ruas seminu, coberto apenas com uma franja de manto sagrado. Mical reprovou seu comportamento. *E voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, a filha de*

Saul saiu a encontrar-se com ele e disse: Quão honrado foi o Rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas e de seus servos, como sem pejo se descobre qualquer dos vadios. Disse, porém, Davi a Mical: Foi perante o Senhor que escolheu a mim antes que a teu pai e toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo de Israel, perante o Senhor me alegrei. E ainda mais do que isso me envilecerei e me humilharei aos meus olhos e aos das servas de que me tens falado e por elas serei honrado (II Sam. 20, 22).

Mical teve uma vida atribulada. Começou amando Davi e casando-se com ele, sendo vítima de um estratagema que seu pai usou para tentar matá-lo. Salvou sua vida. Teve um pai que, por anos a fio, perseguiu seu marido. Depois, foi tomada de Davi e dada a outro. Em seguida, Davi a arrebatou de um marido que a idolatrava, que chorou e a acompanhou compungido na separação final. Sentiu-se desrespeitada em público por Davi com suas danças obscenas em Jerusalém. E, maior tragédia, morreu estéril, imensa desgraça naqueles tempos, especialmente para rainhas.

Abigail

Foi a segunda mulher de Davi. Durante os anos em que Davi fugia de Saul, reuniu à sua volta 600 homens que ofereceram proteção a criadores e fazendeiros contra salteadores e animais selvagens. Ele prestou este serviço a um rico fazendeiro chamado Nabal, casado com Abigail, que possuía fazendas na vizinhança de Carmel. Davi soube da data em que Nabal tosquiaria seu rebanho, que coincidia com a época de pagamento pelos serviços prestados. Pediu, então, através de mensageiros que ele desse comida a seus homens. Bêbado, Nabal rejeitou grosseiramente o pedido: *E Nabal respondeu grosseiramente aos criados de Davi e disse: Quem é Davi e quem é o filho de Jessé? Muitos servos há hoje e cada um foge de seu senhor. Tomaria eu pois o meu pão e a minha água e a carne de minhas reses que degolei para meus tosquiadores e daria a homens que eu não sei de onde vêm?* (I Sam. 25, 10-11).

Davi ficou profundamente magoado com a resposta, reuniu seus homens, mandou que cada um cingisse sua espada e sob seu comando partissem para acabar com a casa de Nabal. Um dos empregados de Nabal soube do ocorrido e o anunciou a Abigail, dizendo que não compreendia a atitude de seu marido porque as tropas de Davi sempre os

trataram cordialmente e os protegeram. Então, Abigail, resoluta, assumiu a iniciativa: tomou duzentos pães, dois odres de vinho, cinco ovelhas guisadas, cinco medidas de trigo tostado, cem cachos de passas e duzentas pastas de figo, pôs tudo em cima de jumentos e, sem falar com o marido, foi ao encontro de Davi. *E disse Davi: Na verdade em vão tenho guardado tudo que este* (Nabal) *tem no deserto e nada lhe faltou de tudo que tem e ele me pagou o bem com o mal. Assim faça Deus aos inimigos de Davi e outro tanto se eu deixar até amanhã de tudo o que tem* (I Sam. 25, 21-22).

Quando Abigail viu Davi, prostrou-se a seus pés e assumiu a responsabilidade por tudo, disse que o marido era desequilibrado, pediu perdão e conseguiu apaziguá-lo. Voltou para casa onde o marido estava bêbado. Esperou que ele acordasse e contou-lhe tudo. Aí, ele teve um ataque cardíaco, morrendo dez dias depois. Ouvindo Davi que Nabal morrera, mandou buscar Abigail, casando-se com ela. Tiveram um filho: Chileab. Mais tarde, os amalequitas, aproveitando a ausência de Davi, atacaram seu acampamento em Ziclague, destruíram tudo e capturaram as mulheres, entre as quais Abigail e Ainoã, outra mulher do soberano. Davi se angustiou, reuniu seus soldados, encontrou um escravo egípcio que o conduziu ao quartel dos amalequitas, os destroçou e recuperou tudo, inclusive as suas duas mulheres.

Betsabé

A história de Betsabé já foi por nós contada no capítulo referente ao adultério. Davi vivia em seu palácio em Jerusalém, e do terraço viu Betsabé nua, tomando banho. Mandou buscá-la e teve relações com ela e a engravidou. Seu marido, Úrias, estava no campo de batalha e Davi mandou que ele voltasse e dormisse com sua mulher, fazendo com que pensasse que o filho era dele. Mas Úrias, instado por Davi a aproveitar a folga e lavar os pés (eufemismo para designar relações sexuais), recusou-se a fazê-lo. *Depois disse Davi a Úrias: Desce à tua casa e lava os teus pés. Porém Úrias se deitou na porta da casa real com todos os servos de seu senhor e não desceu à sua casa. Então disse Davi a Úrias: Não vens tu de uma jornada? Por que não desceste à tua casa? E disse Úrias à Davi: A Arca de Israel e Judá fica em tendas e Joabe* (o chefe do exército), *meu senhor, e os servos do meu senhor estão acampados no campo de batalha. E hei eu de entrar na minha casa para*

comer e beber e deitar com minha mulher? Pela tua vida e a vida de tua alma, não farei tal coisa. Então, disse Davi a Úrias: Fica cá ainda hoje e amanhã te despedirei. E Davi o convidou, e comeu e bebeu diante dele e o embebedou e à tarde saiu a deitar-se na cama com os servos de seu senhor, porém não desceu à sua casa (II Sam. 11, 8-13). Davi mandou Úrias de volta ao campo de batalha e recomendou ao comandante Joabe para posicioná-lo no lugar mais perigoso, de modo que ele morresse. E Úrias morreu flechado. Os sábios das escrituras têm justificativas para o que aconteceu: Betsabé só teria se banhado nua em local onde pudesse ser vista por Davi, de propósito. Como mulher casada, obrigada ao recato, deveria ter-se banhado em recinto fechado. Por outro lado, é evidente que seu marido, hitita, era muito negligente nos deveres conjugais e mesmo na sua folga preferiu a companhia dos servos do que a da sua bela esposa. Alguns insinuam que Úrias seria homossexual e que mantinha um casamento de conveniência. Natan, o profeta, repreendeu a Davi e anunciou o castigo de Deus: a espada não se apartaria da casa do Rei e um parente próximo se deitaria com as mulheres do Rei.

Fiel à profecia, durante a ausência de Davi de Jerusalém, seu filho Absalão, ambicioso, resolveu subtrair-lhe o trono e, aconselhado por Aquitófel, conselheiro e traidor de Davi, armou uma tenda sob o teto do palácio e ali proclamou seu domínio, possuindo, em rodízio e publicamente, dez concubinas de seu pai. *E disse Aquitófel a Absalão: Entra nas concubinas de teu pai que ele deixou para guardarem a sua casa e assim todo Israel ouvirá que te tornaste aborrecível para teu pai e se fortalecerão as mãos de todos os que estão contigo. Estenderam pois para Absalão uma tenda no terraço e entrou Absalão nas concubinas de seu pai, perante os olhos de todo Israel* (II Sam. 16, 21-22). Depois de muitas peripécias, Absalão foi derrotado e Joabe, o comandante em chefe das tropas de Davi, o matou. Aquitófel suicidou-se.

Um episódio anterior também trouxe muitas mágoas ao Rei Davi. Amnon, primeiro filho de Davi, apaixonou-se por Tamar, irmã de Absalão. Fingiu-se doente, pediu a Davi que lhe mandasse a irmã para alimentá-lo e a estuprou. Absalão vingou-se mandando matar Amnon e teve de ficar foragido por três anos até obter o perdão do pai.

Dizem que o Rei Davi, além das concubinas, tinha oito esposas legítimas, embora outros elevem este número para 18. E com todas teria obedecido a injunção mosaica de não lhes faltar com a obrigação conju-

gal. No *Talmud*, consta que uma vez Betsabé teve de secar-se treze vezes. O *Salmo* de Davi: *Já estou cansado de meu gemido, toda a noite faço nadar a minha cama, molho o meu leito com lágrimas* (Salmos 6, 6) seria sugestivo. As lágrimas seriam aqui eufemismo de esperma.

No fim da vida, Davi ficou impotente: *Sendo pois o Rei Davi já velho e entrado em dias, cobriram-no de vestes, porém não aquecia. Então, disseram os seus servos: Busquem para o Rei, meu senhor, uma moça virgem que esteja perante o Rei e tenha cuidado dele e durma no seu seio para que o Rei, meu senhor, aqueça. E buscaram por todos os cantos de Israel uma moça formosa e encontraram Abisague, a sunamita, e a trouxeram ao Rei. E era a moça sobremaneira formosa e tinha cuidado do Rei e o servia, porém o Rei não a conheceu* (I Reis 1, 1-4). Antes de morrer, Davi determinou que seu sucessor fosse Salomão, filho de Betsabé.

CAPÍTULO XI

SALOMÃO E O *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

O Rei Salomão é considerado o mais sábio dos reis de Israel. Alguns episódios destacam-se na sua trajetória: as suas sentenças, a construção do primeiro templo, o relacionamento amoroso com a Rainha de Sabá, a luxúria representada por suas 700 mulheres e 300 concubinas e sobretudo as obras a ele atribuídas: *Eclesiastes, Provérbios* e o poema erótico *Cântico dos Cânticos.*

Em Gibeão, apareceu o Senhor a Salomão e lhe disse: Pede o que quiseres que te dê (I Reis 3, 5). *E Salomão respondeu: Dê a teu servo, pois, um coração entendido para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo?* (I Reis 3, 9). E Deus, encantado com o pedido, disse-lhe: *Porquanto pediste esta coisa e não pediste para ti riquezas, nem pediste a vida de teus inimigos, e pediste para ti entendimento para ouvir causas de juízo, eis que fiz segundo as tuas palavras. Eis que te dei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti igual não houve e depois de ti tão igual não se levantará* (I Reis 3, 11-12).

A história das duas mulheres que disputavam o mesmo filho é o exemplo clássico da sabedoria de Salomão: Duas prostitutas vieram a Salomão para que ele decidisse qual delas era a verdadeira mãe de um recém-nascido. As duas viviam juntas e cada uma delas teve uma criança. Uma das mulheres sufocou acidentalmente seu rebento. Quando acordou, colocou a criança morta no leito da outra, e se apossou da viva, que pôs ao seu lado. O estratagema foi descoberto pela segunda mãe, nascendo daí a disputa levada ao soberano. Salomão, o sábio, ordenou que lhe

trouxessem uma espada para cortar a criança em duas. A falsa mãe aceitou a decisão mas a verdadeira preferiu ver a criança viva e entregue à outra do que vê-la morta. Desse modo, o Rei reconheceu a verdadeira mãe e ordenou que lhe entregassem a criança. *Mas a mulher cujo filho era o vivo, falou ao Rei, porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho e disse: Ah Senhor meu, dai-lhe o menino vivo e de modo nenhum o mateis. Porém a outra dizia, nem teu nem meu seja, dividi-lo antes. Então, resolveu o Rei e disse: Dai a esta e não à outra o menino vivo e de maneira nenhuma o mateis, porque esta é a sua mãe. E todo Israel ouviu a sentença que dera o Rei e temeu ao Rei porque viu que havia nele a sabedoria de Deus para fazer justiça* (I Reis 3, 26-28).

A *Bíblia* ressalta esta sabedoria: *E deu Deus a Salomão sabedoria e muito entendimento e largueza de coração como a areia da praia do mar. E era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos do Oriente e de que toda a sabedoria dos egípcios e ele era ainda o mais sábio de todos os homens. E vinham de todos os povos para ouvir a sabedoria de Salomão e de todos os reis da terra que tinham ouvido de sua sabedoria* (I Reis 4, 29-31 e 34).

Salomão consolidou seu reino e acumulou riquezas, fazendo alianças com dinastias vizinhas, através de hábil comércio e de ligações matrimoniais com princesas de outras terras. Tendo acumulado muitas riquezas, no quarto ano de seu reinado construiu o primeiro templo de Israel, todo forrado de ouro puro.

A Rainha de Sabá

As referências à Rainha de Sabá são relatadas em treze versos do capítulo 10 de *I Reis* e repetidas em 12 versos de *II Crônicas*. A Rainha de Sabá, país do sul da Arábia, soube da sabedoria do Rei e quis verificar pessoalmente se a fama era verdadeira: *E ouvindo a Rainha de Sabá a fama do Rei Salomão, veio prová-lo por enigmas. E veio a Jerusalém com um séquito muito grande, com camelos carregados de especiarias e muitíssimo ouro e pedras preciosas* (I Reis 10, 1). A distância que ela percorreu foi enorme. Alguns afirmam que ela teria levado três anos. E foi recebida com pompas pelo Rei, fez-lhe as perguntas que queria para testá-lo e o soberano respondeu a todas. A Rainha ficou encantada com o palácio real, com as iguarias, com o comportamento dos serviçais e com a beleza do ambiente. Cumulou

o Rei Salomão de presentes. O Rei deu à Rainha de Sabá tudo quanto lhe pediu o seu desejo (I Reis 10, 13). Dizem que Salomão só acedeu em deitar-se com ela depois que ela raspasse os pêlos púbicos, uma tradição mais popular entre os árabes do que entre os judeus. A família imperial da Etiópia se diz descendente direta da união entre o Rei Salomão e a Rainha de Sabá porque as tropas de Sabá colonizaram o país de Cusch no século X da era cristã.

As Mil Mulheres de Salomão

Salomão era mulherengo, e como! *E o Rei Salomão amou muitas mulheres estranhas, e isso, além, da filha do faraó: moabitas, amonitas, iduméias, sidônias e hetéias. Das nações que o Senhor tinha dito aos filhos de Israel: Não entrareis a elas e elas não entrarão a vós, de outra maneira perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses, a estas se uniu Salomão com amor. E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas: e suas mulheres lhe perverteram o coração* (I Reis 11, 1-3). Uma parte dos casamentos mistos se deveu a razões diplomáticas. Mas o texto afirma que Salomão se uniu a elas por amor. Para muitas, ele nem devia ter tempo disponível, em vista do brilhantismo com que se descreve sua atuação nos negócios de Estado. Aceitando essas uniões, Salomão foi obrigado a honrar os deuses fálicos pagãos como Astarote de Sidon, deusa canaíta da fertilidade, do amor e da guerra, que na mitologia era esposa de Baal e o deus Milcolm de Amon, que corresponde ao moabita Camós: *Porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e de Milcolm, a abominação dos amonitas* (I Reis 11, 5). Edificou também altares a Camós de Moabe e a Moloque de Edom. A Camós ergueu um santuário em Jerusalém, numa montanha a leste da cidade, que o Rei Josias, mais tarde, destruiu. Moloque era uma divindade dos amonitas à qual crianças eram sacrificadas. Autores rabínicos dizem que Moloque era representado por uma estátua oca de bronze, de forma humana, mas com cabeça de boi. As crianças eram postas no interior da figura e queimadas. Trombetas abafavam o seu choro. Deus não castigou diretamente a Salomão em tributo a seu pai Davi mas, como castigo, dividiu o país em dois após sua morte, deixando aos seus descendentes apenas um pequeno território tendo Jerusalém por capital.

O Cântico dos Cânticos

Na sua juventude, o Rei Salomão teria composto o poema erótico e alegórico: *Schir Haschirim* ou *Cântico dos Cânticos* – que alguns consideram sagrado e outros, como o teólogo francês Sebastian Chatillon (*apud* Allen, 1967), um poema lascivo no qual Salomão descreveu suas vergonhosas relações sexuais. Ei-lo na íntegra:

I

O desejo é uma parte do amor

1 *Cântico dos cânticos que é de Salomão.*
2 *Beije-me ele com os beijos de sua boca, porque melhor é o seu amor do que o vinho.*
3 *Para cheirar são bons os teus ungüentos como ungüento derramado é teu nome. Por isso as virgens te amam.*
4 *Leva-me tu, correremos após ti. O Rei me introduziu nas suas câmaras; em ti nos regozijaremos e alegraremos; do teu amor nos lembraremos mais do que do vinho. Os retos te amam.*
5 *Eu sou escura, mas agradável, oh filhos de Israel! Como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão.*
6 *Não repareis por eu ser escura porque o Sol resplandeceu em mim; os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram como guarda de vinhas; a vinha que me pertence não guardei.*
7 *Dize-me, oh tu, a quem minha alma ama. Onde apascentas o teu rebanho, onde o recolhes ao meio-dia, pois porque razão sou eu a que erra ao pé dos rebanhos de teus companheiros.*
8 *Se tu não sabes, oh mais formosa entre as mulheres, acompanha as pisadas das ovelhas e apascenta as tuas cabras junto à morada dos pastores.*

O amor não será silencioso

9 *Te comparo, amiga minha, às éguas dos carros do faraó.*
10 *Agradáveis são as tuas faces entre teus enfeites, o teu pescoço com os colares.*
11 *Enfeites de ouro te faremos com pregos de prata.*
12 *Enquanto o Rei está sentado à sua mesa, dá-me do nardo o seu cheiro.*

13 *O meu amado é para mim um ramalhete de mirra, morará entre os meus seios.*
14 *Como um cacho de Chipre nas vinhas de Engedi é para mim o meu amado.*
15 *Eis que és formosa, amiga minha, eis que és formosa, os teus olhos são como o das pombas.*
16 *Eis que és gentil e agradável, oh amado meu; o nosso leito é viçoso.*
17 *As traves de nossa casa são de cedro, as nossas varandas de cipreste.*

II

1 *Eu sou a rosa de Saron, o lírio dos vales.*
2 *Qual o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as filhas.*
3 *Como a macieira entre as árvores do bosque, tal é meu amado entre os filhos. Desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento e o seu fruto é doce ao meu paladar.*
4 *Levou-me à sala do banquete e o seu estandarte é o meu amor.*
5 *Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço de amor.*
6 *A sua mão esquerda esteja debaixo de minha cabeça e a sua mão direita me abrace.*
7 *Conjuro-vos, oh filhas de Israel, pelas gazelas e cervos do campo que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que o queira.*

Amor e primavera andam paralelos

8 *Esta é a voz do meu amado; ei-lo aí que já vem saltando sobre os montes, pulando sobre os outeiros.*
9 *O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho do veado; eis que está detrás de nossa parede olhando pelas janelas e reluzindo pelas grades.*
10 *O meu amado fala e me diz: Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem.*
11 *Porque eis que passou o inverno, a chuva foi e cessou.*
12 *Aparecem as flores na terra, o tempo de cantar chega e a voz da rola ouve-se em nossa terra.*
13 *A figueira já deu os seus figos e as videiras em flor exalam seu aroma. Levanta-te amiga minha, formosa minha, e vem.*

14 *Pomba minha, que andas pelas fendas das penhas, no oculto das ladeiras, mostra-me a tua face, faze-me ouvir a tua voz, porque tua voz é doce e tua face aprazível.*

15 *Apanhai-me as raposas e as raposinhas que fazem mal às vinhas porque as nossas vinhas estão em flor.*

16 *O meu amado é meu, e eu sou dele. Ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.*

17 *Antes que refresque o dia e caiam as sombras, volta amado meu; faze-te semelhante ao gamo ou ao filho do veado sobre os montes de Beter.*

O amor é exclusivo

III

1 *De noite busquei em minha cama aquele a quem minha alma ama, busquei-o e não o achei.*

2 *Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas e pelas praças buscarei aquele a quem a minha alma ama; busquei-o e não o achei.*

3 *Acharam-me os guardas que rodavam pela cidade e eu perguntei-lhes: Vistes aquele a quem minha alma ama?*

4 *Afastando-me eu um pouco deles, achei aquele a quem minha alma ama, detive-o até que o introduzi na casa de minha mãe, na câmara daquela que me gerou.*

5 *Conjuro-vos, oh filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervos do campo, que não acordeis, nem desperteis o meu amor, até que queira.*

O amor cresce com a amizade

6 *Quem é a que sobe do deserto, como colunas de fumaça perfumada de mirra, de incenso e de toda a sorte de pós aromáticos?*

7 *Eis que é a liteira de Salomão, sessenta valentes estão ao redor dela, dos mais valentes de Israel.*

8 *Todos armados de espada, destros de guerra, cada um com a espada na cinta por causa dos temores noturnos.*

9 *O Rei Salomão fez para si um palanque de madeira do Líbano.*

10 *Fez-lhe as colunas de prata, o estrado de ouro, o assento de púrpura, o interior revestido com amor, pelas filhas de Israel.*

11 *Saiam, oh filhas de Sião, e contemplai o Rei Salomão com a coroa com que o coroou a sua mãe no dia de seu casamento e no dia do júbilo do seu coração.*

O amor só enxerga o belo

IV

1 *Eis que és formosa, amiga minha, os teus olhos entre as tuas tranças são como os das pombas, o teu cabelo é como o rebanho de cabras que pastam no monte Gileade.*

2 *Os teus dentes são como o rebanho das ovelhas tosquiadas que sobem do lavadouro, e das quais todas produzem gêmeos e nenhuma é estéril entre elas.*

3 *Os teus lábios são como um fio escarlate e o teu falar é doce; tua fronte é como um pedaço de romã entre tuas tranças.*

4 *O teu pescoço é como a torre de Davi, edificada para pendurar armas: mil escudos pendem dela, todos broquéis valorosos.*

5 *Os teus dois peitos são como dois filhos gêmeos de gazela que se apascentam entre os lírios.*

6 *Antes que refresque o dia, e caiam as sombras, irei ao monte da mirra e ao outeiro do incenso.*

7 *Tu és toda formosa, amiga minha, e em ti não há mancha.*

O amor significa dar e receber

8 *Vem comigo do Líbano, minha esposa. Vem comigo do Líbano. Olha desde o cume de Amana, desde o cume de Senir e de Hermom, a morada dos leões, desde os montes dos leopardos.*

9 *Tiraste-me o coração, minha irmã, minha esposa; tiraste-me o coração com um dos teus olhos, com um colar do teu pescoço.*

10 *Que belos são os teus amores, irmã minha! Oh esposa minha! Que melhor são os teus amores que o vinho. E o aroma de teus bálsamos do que o de todas as especiarias.*

11 *Favos de mel emanam de teus lábios, oh minha esposa! Mel e leite estão debaixo de tua língua e o cheiro de tua roupa é como o cheiro do Líbano.*

12 *Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada.*

13 Os teus renovos são um pomar de romãs com frutos excelentes: o cipreste e o nardo.
14 O nardo e o açafrão, o cálamo e a canela, com todas as espécies de árvores de incenso, a mirra e o aloés com todas as principais especiarias.
15 Eis a fonte dos jardins, poço das águas vivas que correm do Líbano!
16 Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul: assopra no meu jardim para que se derramem os seus aromas. Ah! se viesse o meu amado para o seu jardim e comesse os seus frutos excelentes!

V

1 Já vim para o meu jardim, irmã minha, minha esposa, colho a minha mirra com a minha especiaria, comi o meu favo com o meu mel, bebi o meu vinho com o meu leite: comei, amigos, bebei abundantemente, oh amados.

O amor prevê a possibilidade do sofrimento

2 Eu dormia mas o meu coração velava, eis a voz do meu amado que estava batendo: Abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, minha imaculada, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos das gotas da noite.
3 Já despi as minhas vestes, como as tornarei a vestir? Já lavei os meus pés, como os tornarei a sujar?
4 O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeceram de amor por ele.
5 Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldabras da fechadura.
6 Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado se tinha retirado e se tinha ido. A minha alma tinha-se derretido quando ele falara, busquei-o e não o achei, chamei-o e não me respondeu.
7 Acharam-me os guardas que rondavam pela cidade: espancaram-me, feriram-me; os guardas dos muros tiraram o meu manto.
8 Conjuro-vos, oh filhas de Jerusalém, que se achardes o meu amado, lhe digais que estou doente de amor.
9 Que é o teu amado, mais do que outro amado, oh tu, a mais formosa das mulheres? Que é o teu amado mais do que outro amado que tanto nos conjuraste?

10 O meu amado é cândido e rubicundo; ele traz a bandeira entre dez mil.
11 A sua cabeça é como o ouro mais apurado. Os seus cabelos são crespos, pretos como o corvo.
12 Os seus olhos são como o das pombas junto às correntes das águas, lavados em leite e postos em engaste.
13 As suas faces são como canteiro de bálsamo, como colinas de ervas aromáticas; os seus lábios são como lírios que gotejam mirra.
14 As suas mãos são como anéis de ouro que têm engastadas as turquesas; o seu ventre como alvo marfim, coberto de safiras.
15 As suas pernas como colunas de mármore, fundadas sobre bases de ouro puro; sua aparência como o Líbano, excelente como os cedros.
16 O seu falar é muitíssimo suave. Sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, e tal é o meu amigo, oh filhas de Jerusalém.

VI

1 Para onde foi o teu amado, oh mais formosa entre as mulheres? Para onde virou a vista o teu amado e o buscaremos contigo?
2 O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo para se alimentar nos jardins e para colher os lírios.
3 Eu sou do meu amado e o meu amado é meu: ele se alimenta entre os lírios.

As palavras falham para exprimir o amor

4 Formosa és, amiga minha, como Tirzá, aprazível como Jerusalém, formidável como um exército de bandeiras.
5 Desvia de mim os teus olhos, porque eles me perturbam. O teu cabelo é como o rebanho das cabras que pastam em Gileade.
6 Os teus dentes são como o rebanho de ovelhas que sobem do lavadouro, e das quais todas produzem gêmeos e não há estéril entre elas.
7 Como um pedaço de romã assim são as tuas faces entre as tuas tranças.
8 Sessenta são as rainhas, oitenta as concubinas, sem número as virgens.
9 Mas uma é a minha pomba, a minha imaculada, a única de sua mãe, e a mais querida daquela que a deu à luz; vendo-a, as filhas lhe chamarão a bem-aventurada e as rainhas e concubinas a louvarão.

10 *Quem é esta que aparece com a alva do dia, formosa como a lua, brilhante como o sol, formidável como um exército de bandeiras?*
11 *Desci ao jardim das nogueiras, para ver os frutos do vale e ver se floresciam as vides e brotavam as romeiras.*
12 *Antes de eu o sentir, me pôs a minha alma nos carros do meu excelente povo.*
13 *Volta, volta oh Sulamita, volta para que nós te vejamos. Por que olhas para a Sulamita como para as fileiras de dois exércitos?*

VII

1 *Que formosos são os teus pés nos sapatos, oh filha do príncipe! As voltas das tuas coxas são como jóias, trabalhadas por mãos de artista.*
2 *O teu umbigo como uma taça redonda a que não falta bebida; o teu ventre como monte de trigo, cercado de lírios.*
3 *Os teus dois peitos como dois filhos gêmeos da gazela.*
4 *O teu pescoço como a torre de marfim, os teus olhos como os viveiros de Hesbom, junto à porta de Bete Arabim. O teu nariz é como a torre do Líbano que olha para Damasco.*
5 *A tua cabeça sobre ti é como o monte Carmelo e os cabelos da tua cabeça são como a púrpura. O Rei está preso pelas tuas tranças.*
6 *Como formosa e aprazível és, oh amor, em delícias!*
7 *A tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus peitos aos cachos de uvas.*
8 *Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei os seus ramos. Então os teus peitos serão como cachos na videira e o cheiro da tua respiração como o das maçãs.*
9 *E o teu paladar como o bom vinho para o teu amado, que se bebe suavemente, e faz com que falem os lábios dos que dormem.*

O amor deve ser dado livremente

10 *Eu sou do meu amado e ele me tem afeição.*
11 *Vem, oh meu amado, saiamos ao campo, passemos as noites nas aldeias.*
12 *Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as videiras, se se abre a flor, se já brotam as romeiras, ali te darei o meu grande amor.*
13 *As mandrágoras dão cheiro e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutas, novas e velhas. Oh amado meu! eu as guardei para ti.*

O verdadeiro amor não tem preço

VIII

1 *Ai, quem me dera que fosses meu irmão e que tivesses sido amamentado nos seios de minha mãe! Quando te achasse na rua, beijar-te-ia, e não me desprezariam!*
2 *Levar-te-ia e te introduziria na casa de minha mãe, e tu me ensinarias. E te daria a beber vinho aromático e do mosto de minhas romãs.*
3 *A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a sua direita me abrace.*
4 *Conjuro-vos, oh filhas de Jerusalém, que não acordeis nem desperteis o meu amado, até que queira.*
5 *Quem é esta que sobe do deserto e vem encostada tão aprazivelmente ao seu amado? Debaixo de uma macieira te despertei, ali esteve tua mãe com dores, e ali esteve com dores aquela que te deu à luz.*
6 *Põe-me como selo sobre teu coração, como selo sobre teu braço, porque o amor é forte como a morte, e o ciúme duro como a sepultura; as suas brasas são brasas de fogo, labaredas do Senhor.*
7 *As muitas águas não poderiam apagar este amor nem os rios afogá-lo: ainda que alguém desse toda a fazenda de sua casa por este amor, certamente a recusariam.*
8 *Temos uma irmã pequena, que ainda não tem peitos. Que faremos dessa irmã no dia em que dela se falar?*
9 *Se ela for um muro, edificaremos sobre ele um palácio de prata, e, se ela for uma porta, cercá-la-emos com tábuas de cedro.*
10 *Eu sou um muro, e os meus peitos suas torres. Então, eu era aos seus olhos como aquela que acha paz.*
11 *Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom; entregou esta vinha aos guardas e cada um lhe trazia pelo seu fruto mil peças de prata.*
12 *A minha vinha que eu tenho está diante de mim. As mil peças de prata são para ti, oh Salomão, e duzentas para os guardas do seu fruto.*
13 *Oh tu, que habitas nos jardins, e à tua voz os companheiros atentam, faze-ma pois também ouvir.*
14 *Vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho dos veados sobre os montes dos aromas.*

Comentários sobre o *Cântico dos Cânticos*

Embora a maioria relacione o *Cântico dos Cânticos* ao Rei Salomão, admite-se que não tenha sido ele o autor. O título em hebraico – *Schir Haschirim* – tanto pode significar que se trata de uma coletânea de seus melhores poemas como, eventualmente, de poesias escritas sobre ele, isto, porque o Rei Salomão é mencionado várias vezes no poema. Uma antiga tradição rabínica atribui o *Cântico* e os *Provérbios* de Salomão ao Rei Ezequias (616-687 a.C.), baseada no seguinte texto da *Bíblia*: *Também estes são provérbios de Salomão, os quais foram transcritos pelos homens de Ezequias* (Prov. 25, 1).

Alguns historiadores, baseados em estudos de lingüística, acreditam que o poema é posterior ao Rei Salomão porque nele existem expressões persas e gregas que não são da sua época. Outros, porém, argumentam que essas expressões poderiam ter sido acrescidas posteriormente. Por sua linguagem erótica, muitos rabis queriam excluir o *Cântico dos Cânticos* das escrituras sagradas, mas suas tentativas esbarraram na declaração do rabi Aquiva (50-132 d.C.), um dos maiores sábios judeus, cuja opinião prevaleceu: "Todo o mundo não vale o dia no qual o *Cântico dos Cânticos* foi dado a Israel. Todas as escrituras são sagradas, mas o *Cântico dos Cânticos* é a mais sagrada entre as sagradas."

O rabi Eliezer ben Azariah, para ilustrar este conceito, contou a parábola de um homem que tomou um monte de trigo, deu-o ao padeiro e disse: "Peneira daí o máximo de farinha fina e faz, um doce elegante, saboroso, gracioso." Também de toda a sabedoria de Salomão foi peneirado o *Cântico dos Cânticos*, o mais belo poema, o mais sublime dos cânticos.

Para retirar o caráter erótico da obra, muitos intérpretes sublimaram seu conteúdo afirmando que o amor por ele descrito é o de Deus pelo seu povo, Israel. Contudo, esta versão é pouco aceita e a maioria dos estudiosos é pela interpretação literal das palavras. Alguns comparam o poema com outros da época, de países vizinhos, como o Egito e a Mesopotâmia. Seria, assim, uma coleção de poesias seculares. Outros vêem nele uma adaptação de rituais pagãos. Outros, ainda, um drama de puro amor pela Sulamita. Esse amor da Sulamita pelo seu pastor e deste pela Sulamita foi tão grande que impediu o Rei de levá-la para seu imenso harém.

Fato é que se trata da única descrição sexual explícita do amor na Bíblia, uma visão consistente e repetitiva. É um poema que celebra o amor corpóreo entre um homem e uma mulher, tal como descrito logo após a criação de Eva: *E, da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher e a trouxe a Adão. E disse Adão: Esta agora é osso dos meus ossos e carne da minha carne: será chamada ischa* [mulher], *pois do Homem* [isch] *foi tomada. Portanto, o varão deixará seu pai e sua mãe e apegar-se-á à sua mulher e serão ambos uma carne só. E ambos estavam nus, o homem e a mulher, e não se envergonhavam* (Gên. 2, 22-25).

Alguns trechos do *Cântico* são verdadeiras odes ao amor: *O amor é forte como a morte ..., as suas brasas são brasas de fogo. As muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo.* Não obstante, há um tempo certo para ele: *Conjuro-vos, oh filhas de Israel, pelas gazelas e cervos do campo, não acordeis nem despertai o meu amor, até que queira.* A mulher no poema assume atitudes transgressoras. Ela viola os costumes, procurando seu amado nas ruas e usa uma metáfora arrojada e incestuosa ao se dirigir ao seu amado: *Ai quem me dera que fosses meu irmão e tivesses sido amamentado nos seios de minha mãe, quando te achasse na rua beijar-te-ia e não me desprezariam.* Contudo os guardas que a encontraram na rua a castigaram: *Acharam-me os guardas que rondavam pela cidade, espancaram-me, feriram-me, tiraram o meu manto os guardas dos muros.* Já anteriormente, os irmãos a forçaram a guardar os seus vinhedos e a abandonar o seu próprio: *Não olheis para eu ser morena porque o sol resplandeceu em mim. Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda de vinhas. A vinha que me pertence não guardei.*

Muitos séculos mais tarde, na época dos *masquilim* – judeus esclarecidos que se opunham aos ortodoxos –, Judá Leib ben Zev (1764-1811), original da Cracóvia mas habitante de Berlim, escreveu um poema em hebraico moderno que só foi publicado no século XX, mas que circulou em manuscrito nos bastidores da Europa Oriental e foi um dos favoritos dos jovens que combatiam a rigidez da vida religiosa judaica. É um poema sobre o *Cântico dos cânticos*, publicado numa edição limitada, por G. Kessel, em Tel Aviv, sob o título *Schir Aghavim*, em 1977. Nele, o autor, utilizando frases do poema de Salomão, descreve com detalhes o ato sexual entre o narrador e uma dama que conheceu num baile. Ben Zev estava interessado somente no aspecto físico da relação sexual e substituiu a alegoria

teológica pela linguagem pornográfica. Por exemplo, para Ben Zev, a expressão meu amado – *dodi* – seria um eufemismo para pênis. O verso: *O meu amado desceu ao seu jardim* é uma metáfora do ato sexual. Quando a Sulamita diz para o seu amado *Detive-o até que o introduzi na casa de minha mãe, na câmara daquela que me gerou*, a casa da mãe é a vagina, numa interpretação precursora da psicanálise.

Finalmente, nos deteremos em alguns comentários contemporâneos. Ilana Pardes (1992), professora de hebraico da Universidade de Princeton, estranha a inclusão do poema nas escrituras sagradas. Há nele uma conspícua ausência de Deus. Faltam temas nacionais e há sobretudo uma atrevida caracterização erótica no diálogo dos dois amantes. Phyllis Trible (1976), professora de temas bíblicos na Universidade de Andover, salienta no poema a ausência do enfoque patriarcal que domina praticamente toda a *Bíblia*. A relação entre os dois amantes é igualitária, não há predomínio masculino nem subordinação feminina e não há padronização na descrição dos personagens. Ela sugere que o *Cântico* procura corrigir o modelo patriarcal, estabelecido em outro jardim, o jardim do Éden, logo depois de Eva ter induzido Adão a comer do fruto proibido: *O teu desejo será o de teu marido e ele te dominará* (Gên. 3, 16). Já, no Cântico, o desejo é mútuo. A Sulamita proclama: *O amado é meu e eu sou sua*, frase usada hoje em dia nos casamentos das seitas conservadoras e reformistas. O tom antipatriarcal está presente também na ênfase dada às vozes femininas. A de Sulamita é a mais focalizada. Sua voz conduz o diálogo amoroso e ela conclui o poema. Seu amor é captado, não somente em seu diálogo com o amado, mas também através da participação coletiva das filhas de Jerusalém.

Em abono dos que defendem o texto, deve-se dizer que ele mantém uma fascinante tensão entre a castidade e a liberdade sexual, e que não descreve uma relação sexual explícita. A Sulamita é um jardim fechado: *Jardim Fechado, és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada*; mas há logo uma promessa de abertura: *Ah, se viesse o meu amado para o meu jardim e comesse seus frutos*. E tudo pode ser interpretado sob o ponto de vista literal. A união sexual entre os amantes só existe num plano figurativo. Ninguém explicitamente penetra a amada. Há os que consideram o poema tão sagrado, que

não deve ser vulgarizado e deve ser restrito a cerimônias religiosas. Aquele que recitar o poema em banquetes ou bares ou em serviços leigos não terá participação no mundo vindouro, dizem a *Tosefta* e o *Talmud*. A Igreja Católica chegou a comparar-se à Sulamita e identificá-la com a virgem Maria, enquanto, de modo diverso, autores modernos a interpretam como propagadora do amor livre.

CAPÍTULO XII

OS REINOS DE JUDÁ E DE ISRAEL

A Sagrada Prostituição

Com a morte de Salomão, que governara o povo com rigor e impostos escorchantes em virtude das enormes despesas ostentatórias, o povo se revoltou e exigiu um abrandamento dos encargos. Seu filho Roboão herdou o trono. Ele reuniu o conselho dos anciãos, que votou a favor dos anseios da população. Mas o jovem Rei resolveu seguir o conselho de amigos e endurecer: *Meu dedo mínimo é mais grosso e rijo do que os lombos de meu pai. Assim, se meu pai vos carregou com jugo pesado, ainda eu aumentarei o vosso jugo; meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões* (I Reis 12, 10-11). Em hebraico, a interpretação pode ser diferente. A frase *cutni mabeh mi mitni abi* pode ser traduzida de modo diverso. *Mitni* significaria o "falo ereto", derivativo de *matan*, "ereto e rígido" e do sânscrito, *matna*, "pênis". A tradução seria: "meu dedo mínimo é mais grosso que o pênis de meu pai".

Roboão tomou posse do reinado em Siquém (Schechem): *E foi Roboão para Siquém, porque todo o Israel veio a Siquém para o fazerem Rei* (I Reis 12, 1). De acordo com o rabi Yosse, Siquém era uma cidade de mau agouro. Diná foi nela estuprada. José lá foi vendido por seus irmãos. Em Siquém, Jeroboão, chefiando enorme delegação israelense, solicitou uma redução nos impostos e, como não fosse atendido, contribuiu para a cisão da Terra Santa em dois Estados: o Reino de Judá, tendo como capital Jerusalém e abrangendo as tribos de Judá e Benjamim, e o Reino

de Israel, tendo como capital Samaria e abrangendo as restantes dez tribos.

Os israelenses escolheram um novo Rei na pessoa de Jeroboão. Ele tinha sido chefe de obras do Rei Salomão. Durante o reinado deste, um profeta, Schiló, encontrou Jeroboão, rasgou sua capa em doze pedaços e lhe deu dez dos doze pedaços. O ato foi interpretado como significando que Jeroboão seria o Rei de dez das doze tribos, como Deus profetizara antes, como castigo à idolatria do Rei Salomão. Este, ao saber do ocorrido, resolveu matar Jeroboão, que se refugiou no Egito. Quando Roboão tomou posse, Jeroboão voltou a Israel e foi proclamado Rei pelas dez tribos.

Jeroboão temeu que a religião monoteísta dos judeus os levasse a peregrinar a Jerusalém e que, arrependidos, eles pudessem se reconciliar com Roboão, pelo que construiu dois bezerros de ouro e mandou que seu povo os adorasse, porque eles teriam sido os deuses que os tiraram do Egito. E fez festas comemorativas.

Roboão, por sua vez, não pecou menos. Cultuou deuses fálicos e estimulou a existência das prostitutas sagradas – *queduschim.* P*orque eles também edificaram altares, estátuas e imagens do bosque sobre todo alto outeiro e debaixo de toda árvore verde e havia também rapazes escandalosos na terra e fizeram conforme todas as abominações das nações que o Senhor tinha expulsado dos filhos de Israel* (I Reis 14, 23-24).

Abião ben Roboão sucedeu ao pai e foi tão imoral e idólatra quanto ele. Pecadora e devassa era a Rainha-mãe Maaca, filha de Absalão e mãe de Abião, alta sacerdotisa de Príapos ou *Miflazeth*, "o rompedor de hímens". Quando Asa, o filho de Abião, assumiu, acabou com a prostituição masculina e destruiu todos os ídolos que seus pais tinham erigido. Afastou a mãe – adoradora de Achera, a deusa de fertilidade, mãe de Baal, o deus da fertilidade dos canaítas –, para o qual construíra um ídolo horrível, que Asa destroçou. Não se sabe ao certo porque Asa teria morrido de doença venérea: *Porém nos tempos de sua velhice padeceu dos pés* (I Reis 15, 23), eufemismo de órgãos genitais. Também o filho de Asa, Josafá desterrou os demais "rapazes escandalosos". Seguem-se gerações de reis, citados na *Bíblia*, reinando por períodos mais curtos ou mais longos, a maioria idólatras e alguns poucos retos aos olhos do Senhor. Tampouco a casa de Israel, dos descendentes de Jeroboão, agiu melhor. O sucessor

de Jeroboão, Onri, pecou do mesmo jeito e foi sucedido por Acabe, também perverso e pecador.

Acabe era poderoso, tinha enorme riqueza, domínios imensos, mas um comportamento devasso. As transgressões de Jeroboão eram ínfimas se comparadas às dele. Os portões de Samaria traziam a inscrição: "Acabe nega o Deus de Israel". Seus campos eram povoados de ídolos. Porém, mais pecaminosa e perversa era sua mulher, Jezabel.

Jezabel

Nos anais da história das mulheres célebres, poucas se comparam a Jezabel como paradigma de maldade, idolatria e devassidão. O seu nome chegou a ser citado por Jesus Cristo: *Eu conheço as tuas obras e a tua caridade e os teus serviços e a tua fé e paciência e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras. Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetiza, ensinou e enganou os meus servos para que se prostituíssem e comessem dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse de sua prostituição e não se arrependeu. Eis que a porei sobre uma cama e sobre os que adulteraram com ela e todas as igrejas saberão que sou aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós, segundo as vossas obras* (Apocalipse 2, 19-23). Diversos romances e filmes se basearam na sua história.

Acabe (874-835 a.C.), seu esposo, reinou em Israel durante 22 anos: E *fez Acabe, filho de Onri, o que parecia mal aos olhos do Senhor, mais do que todos os seus antecessores. E sucedeu, como se fosse leve andar nos pecados de Jeroboão, que ainda tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, Rei dos sidonitas, e foi e serviu a Baal, e se curvou diante dele* (I Reis 17, 30-31). Acabe era um Rei muito fraco e foi completamente dominado por Jezabel. Construiu um templo para Baal e, ao lado do templo, um bosque, para reverenciá-lo. Ao lado de Baal, o casal real venerava ainda a Achera ou Astarte, transformando o altar de Deus em altar para a deusa, e erigindo o pilar de Baal – um símbolo fálico para ser adorado. Jezabel nomeou sacerdotes para venerar seus deuses e matou os sacerdotes judeus.

Historiadores judeus e de povos semíticos falam das orgias sexuais nos templos de Baal e Achera como ritos de fertilidade. A prostituição sagrada predominava. A religião de Canaã era voluptuosa, dissoluta e com bacanais que ameaçavam a austeridade da religião judaica. Antes do ca-

samento, todas as mulheres eram obrigadas a se prostituir para estranhos nos templos da deusa Achera ou Afrodite. A prática não era considerada orgia mas dever religioso para com a deusa-mãe.

Na Babilônia, cada mulher rica ou pobre, pelo menos uma vez na vida, tinha de submeter-se aos caprichos de um estranho no templo de Milita, que é a Achera dos canaítas, e dedicar à deusa os ganhos obtidos com a prostituição sagrada. Em Heliópolis ou Baalbec, na Assíria, toda moça tinha de entregar-se a um estranho. Em Biblos, as mulheres que se recusavam a sacrificar seus cabelos, tinham de entregar-se em dia de festival, e o dinheiro assim obtido revertia para a deusa. Na Armênia, as famílias mais nobres dedicavam suas filhas ao serviço da deusa Anaítes, no seu templo, em Acilisena, onde as donzelas agiam como prostitutas, antes do casamento. Foi esta a prática que Jezabel instituiu em Israel e alarmou o profeta Elias.

Elias invectivou o comportamento da Rainha, e, ameaçado de morte, escondeu-se, sendo alimentado por corvos e depois por uma viúva de Sidon, até que, a mando de Deus procurou o Rei Acabe e, através do soberano, desafiou os profetas de Baal, em número de 450. De um lado, estava o altar dos idólatras, com um bezerro. Os sacerdotes invocaram seus deuses para ater o fogo, necessário ao sacrifício. Em vão. Do outro lado, estava Elias, também com um bezerro, para sacrificá-lo ao Deus de Israel. E este, invocado, mandou o fogo. Havia então uma grande seca em Israel e, depois do acontecido, choveu abundantemente. O povo reconheceu, então, que o Deus de Israel era o único, e matou os sacerdotes de Baal. Jezabel ao saber do fato resolveu, mais uma vez, matar Elias, que se refugiou desta feita em Judá.

Houve ainda o caso de Nabote, fazendeiro rico cujas fazendas o Rei Acabe ambicionava porque lá queria fazer um jardim de plantas. O Rei tentou comprar a fazenda mas Nabote se recusou a vendê-la. Jezabel, sem escrúpulos, mandou matar o fazendeiro: acusou-o de blasfemar, incitando o povo a apedrejá-lo. Revoltado, Elias voltou a Israel e, em nome de Deus, dirigiu-se ao Rei Acabe, dizendo que o Senhor iria acabar com a sua família, seu reinado e seus descendentes e que Jezabel seria comida pelos cães da rua. Acabe fez penitência e foi perdoado. Morreu em peleja contra os assírios e Joram, seu filho, reinou em seu lugar. Joram também prevaricou, andando nos caminhos de seus pais, Acabe e Jezabel, e serviu

a Baal. Anos se passaram e Eliseu, profeta que substituiu Elias, a mando de Deus, ungiu um novo Rei entre os comandantes do exército, de nome Jeú. Este se dirigiu contra Joram e o matou. Depois foi à procura de Jezabel, que se enfeitou toda e procurou seduzi-lo. Mas os eunucos de Jezabel, vendo que ela perdera os encantos, a jogaram pela janela, e nada restou de seu corpo, pois os cães, conforme as profecias, a devoraram. Acabe teve setenta filhos e Jeú matou a todos. Matou também todos os sacerdotes de Baal e destruiu suas estátuas, o seu templo e fez latrinas das casas de Baal.

CAPÍTULO XIII

O PERÍODO BABILÔNICO

A moral de Israel desceu a tal ponto que Deus ordenou ao profeta Oséias que se casasse com uma prostituta, como testemunho de um país dominado pela prostituição: *O princípio da palavra do Senhor a Oséias, disse pois o Senhor a Oséias: Vai, toma uma mulher de prostituição, porque a terra se prostituiu desviando-se do Senhor* (Oséias 1, 2).

Oséias foi o primeiro dos profetas menores, não no sentido de importância, mas do tamanho do texto a ele dedicado na *Bíblia*, pois sua grandeza era de tal monta que Deus falou diretamente a ele: *Palavra do Senhor que foi dita a Oséias, filho de Beeri, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, Reis de Judá e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, Rei de Israel* (Oséias 1, 1). O profeta era do reino de Israel, contemporâneo de Isaías, tendo vivido aproximadamente entre 750 e 725 a.C., numa época em que a Assíria era a grande potência militar, sob o comando de Tiglate III.

Aos dois filhos e à filha que teve com a prostituta Gomer, com quem se casara, disse palavras estarrecedoras: *Contendei com a vossa mãe, contendei, porque ela não é minha mulher nem eu sou seu marido; e desvie ela suas prostituições de sua face e os seus adultérios de seu peito. Para que eu não a deixe despida e a ponha como no dia em que nasceu e a faça como um deserto, e a ponha como terra seca e a mate de sede. E não me compadeça de seus filhos porque são filhos de prostituição. Porque sua mãe se prostituiu, aquela que os concebeu houve-se torpemente, porque disse: Irei atrás de meus namorados que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas* (Oséias 2, 2-5).

A interpretação do casamento de Oséias é controvertida. Alguns acreditam que se trata de uma alegoria. Outros que ele aconteceu de fato. Muitos o consideram a união entre o profeta e uma prostituta de culto. Mas a maioria acredita que o texto é um símbolo das relações entre Deus e seu povo. Aproximadamente na mesma época, viveu o profeta Isaías, em torno de 740 a.C., até os últimos anos do Rei Ezequias (716-687 a.C.), ou aos primeiros do seu filho, o Rei Manassés (696-642 a.C.). A destruição trágica de Samaria pelos assírios, comandados pelo Rei Sargom, ocorreu durante seu sacerdócio. Ao invectivar a idolatria e os maus costumes do povo, Isaías conclamou Judá e Israel a uma existência espiritual, contra o materialismo imoral e estéril: *Tu que procuras o Senhor, olha para o rochedo de que foste talhado e da fossa de que foste tirado.* *Tsur*, rochedo, poderia ser figurativo de pênis e fossa, *maquibetbur*, de vagina.

O profeta Ezequiel foi outro que condenou com palavras candentes o desvio dos costumes e personificou as duas cidades principais dos judeus como pecadoras, designando-as com o nome de duas notórias meretrizes: Aolá (Samaria) e Aolibá (Jerusalém). Ezequiel foi profeta no séc. VI a.C., durante o exílio babilônico. Foi aprisionado pelos babilônicos em 597 a.C., quando os judeus foram derrotados pelo Rei Nabucodonosor, junto com o Rei Joaquim, mais dez mil cativos e muitos de projeção entre políticos, militares e artífices: *Naquele tempo subiram os servos de Nabucodonosor e a cidade foi cercada. Também veio Nabucodonosor, Rei da Babilônia, contra Jerusalém quando já os seus servos a estavam cercando. Então, saiu Joaquim, Rei de Judá, ao Rei da Babilônia, ele, sua mãe e seus servos e seus príncipes e seus eunucos e o Rei da Babilônia o levou preso no oitavo ano de seu reinado. E tirou dali todos os tesouros da casa do Senhor e fendeu todos os vasos de ouro, que fizera Salomão, Rei de Israel, no templo do Senhor, como o Senhor tinha dito. E transportou a toda Jerusalém, como também a todos os príncipes e a todos os homens valorosos, dez mil presos, e a todos os carpinteiros e ferreiros, ninguém ficou senão o povo pobre da terra* (II Reis 24, 10-14).

Os sábios judeus, por muito tempo, debateram se Ezequiel pregou em Jerusalém ou na Babilônia. À primeira vista, parece que ele pregou na Babilônia: *E aconteceu no trigésimo ano, no dia quinto do mês, que estando eu no meio dos cativos, junto ao rio Quebar, os céus se abriram e eu vi visões de Deus. No quinto ano do cativeiro do Rei Joaquim* (Ezeq. 1, 1-2) e, mais adiante: *E vim aos do cativeiro em Tel Abibe, que moravam junto*

ao rio Quebar, e eu morava onde eles moravam, e fiquei ali sete dias, pasmado no meio deles (Ezeq. 3, 15).

Outros sábios alegam que a maioria das mensagens eram dirigidas ao povo de Israel: *E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, faz conhecer a Jerusalém as suas abominações* (Ezeq. 16, 1-2). *E, mais adiante: Filho do homem, dirige o teu rosto contra Jerusalém e derrama as tuas palavras contra os santuários e profetiza contra a terra de Israel* (Ezeq. 21, 2). Também a sua descrição dos acontecimentos em Jerusalém fala a favor de sua permanência naquela cidade. Alguns crêem que Ezequiel repartiu sua existência entre Jerusalém e a Babilônia. Por outro lado, visitantes de Jerusalém poderiam tê-lo informado sobre o que lá se passava.

Ezequiel pregou até o ano de 571 a.C.: *E sucedeu que no ano 27, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do Senhor dizendo* (Ezeq. 24, 18). Era casado e sua mulher morreu durante o cerco da cidade: *E falei ao povo pela manhã e à tarde morreu minha mulher* (Ezeq. 24, 18). Ezequiel dirigiu-se a todo Israel e Judá com reprovação ardente de suas obscenidades, acusando-os por moldarem feito imagens de órgãos masculinos – *tzilmi zacr* (falos artificiais), divertindo-se com eles e oferecendo-se a qualquer um que passasse: *Mas confiaste na tua formosura e te corrompeste por causa da tua fama e te prostituíste com todo o que passava para seres sua* (Ezeq. 16, 15).

Por ter-se prostituído a nações poderosas, Aolibá (Jerusalém) seria terrivelmente castigada: *E te tratarão com ódio e levarão todo o teu trabalho e te deixarão nua e despida e descobrirão a vergonha da tua prostituição, a tua maldade e as tuas devassidões. Estas coisas serão feitas a ti porque te prostituíste com os gentios e te contaminaste com seus ídolos. No caminho de tua irmã andaste, por isso entregarei a tua taça na tua mão* (A taça, *cuss*, pode ser eufemismo para vagina). Assim diz o Senhor Jeová: *Beberás a taça da tua irmã funda e larga, servirás de escárnio e riso* (A taça ou vagina é larga e funda porque Aolibá se prostituiu). *De embriaguez e de dor te encherás. A taça de tua irmã Samaria é taça de espanto* (Ezeq. 23, 29-33). E, mais adiante: *Porque adulteraram, de sangue se encheram as suas mãos* (isto é, sêmen expelido) *e sofrerão castigo e morte na mão daqueles com os quais pecaram* (Ezeq. 23-37). A terminologia de Ezequiel, segundo os hebraístas, não é fácil de ser entendida. O significado da frase: *E enamorou-se de seus amantes, cujas carnes são como carnes de jumento e cujo fluxo é como o fluxo dos cavalos*

(Ezeq. 23, 20) traduz, aparentemente, conotações fálicas. O *Midrasch Raba* propõe uma dupla interpretação: eram incircuncisos e tinham o pênis de enormes proporções. Isto se aplicaria aos assírios e babilônicos, cujo prepúcio tornava seus membros mais longos e mais largos. Também pode referir-se aos egípcios e, mais tarde, aos greco-romanos, cujo domínio tornou a circuncisão impopular e até ilegal. O *Midrasch Raba* nota que os egípcios, além do pênis de grandes proporções, eram muito promíscuos. Os artistas gregos pintaram os egípcios como negros bárbaros com enormes pêndulos. Todos os deuses fálicos dos canaítas tinham enormes órgãos sexuais.

Papiros egípcios antigos e inscrições em pirâmides confirmam essas imagens. Nos papiros encontrados no baixo Egito, Amen Ra grita: "Fui um dos que se excitaram com meu punho e ordenharam com minha mão." E Atum Ra, outro Faraó, diz: "Eu sou aquele que esfregou com a mão e esguichou com a palma." Vários trechos escritos nas pirâmides dizem que os deuses que criaram o mundo, punham o falo no punho e o manipulavam até a emissão. A formação da vida ocorreu nas águas primaveris do rio Nilo, de onde emergiu toda a existência, oriunda do sêmen vertido pelos deuses. Osíris, o deus da água do antigo Egito, controlava a ascensão e a queda das águas, pela manipulação alternativa de sua enorme genitália. Os faraós eram embalsamados com o órgão sexual em ereção. Não é de estranhar, que Ezequiel tenha invectivado esses fatos. O culto do falo entre os antigos hebreus é personificado em Ismael, filho de Abraão e Hagar. De acordo com o Gênesis, quando Sara, a mulher de Abraão, viu o filho adolescente de Hagar agindo com abuso ou auto-abuso, forçou seu marido a bani-lo: *E viu Sara que o filho de Hagar, a egípcia, que esta tinha dado a Abraão zombava* (Gên. 21, 9). O termo em hebraico foi *mitzhaquet*, "atritava". Esta atitude foi prevista: *E ele será homem bravo e a sua mão será contra todos* (Gên. 16, 12). A etnia egípcia é assim estigmatizada como formada por masturbadores e sodomitas cuja alma para ser admitida no reino dos céus tinha de fazer a declaração de que jamais teria se masturbado ou abusado de garotos.

A Queda e o Exílio de Sion

Há um antigo dito de que uma casa dividida e em luta não sobrevive. E foi justamente isto o que aconteceu a Judá e a Israel. Os reinados rivais, após a morte de Salomão, cresceram fracos e corruptos. A identidade

nacional e o caráter espiritual de Sion desmoronaram por uma sucessão de lutas, de influências externas, de dominações e submissões e de uma imoralidade pagã. Em 597 a.C., o Rei Nabucodonosor, da Babilônia, conquistou a Palestina e capturou Jerusalém. Entre seus prisioneiros, estava o Rei Joaquim que, como seu pai, era apóstata. *Tinha Joaquim 18 anos de idade quando começou a reinar e reinou três meses em Jerusalém. E fez o que parecia mal aos olhos do Senhor conforme tudo que fizera seu pai* (II Reis 24, 8-9).

Joaquim rendeu-se sem luta e sua covardia física se igualava à sua corrupção moral. Diz a tradição que, em desprezo a Deus, ele tatuou seu pênis com inscrições sagradas, masturbando-se freqüentemente. No *Midrasch Raba*, o rabi Yochahnan diz que ele teve relações incestuosas com a mãe e com as irmãs. Preso e levado para a Babilônia, foi substituído por um títere, seu tio Matanias, cujo nome foi mudado para Zedequias, o último Rei de Judá. Este, iludido por promessas de apoio egípcio, rebelou-se em 588 a.C., mas foi derrotado. Recapturado após fugir, teve seus filhos degolados na sua presença e, além de ficar cego, foi sodomizado e obrigado a masturbar-se em público. Os judeus feitos prisioneiros também foram sodomizados. O *Talmud* babilônico confirma que Nabucodonosor sodomizava todos os chefes de tropas que derrotava. O costume era simbólico da abjeta sujeição e humilhação dos inimigos, como afeminados. De acordo com o rabi Judah, quando Nabucodonosor submeteu Zedequias ao abuso sexual, seu pênis cresceu 300 jardas (em torno de 30 metros) e ficou balançando em frente de todos os cativos. Jeremias, o profeta que acompanhou a destruição de Jerusalém e o exílio, chorou a violenta sodomização dos jovens hebreus. *Aos mancebos obrigaram a moer e os moços tropeçaram debaixo da lenha* (Lamentos de Jeremias 5, 13). "Deixar-se moer" traduz a imagem dos jovens obrigados à masturbação e sodomizados pelos caldeus.

Jeremias era filho de Hilquias, sacerdote de Anatote, da terra de Benjamim. Recebeu o chamado divino para ser profeta no 13º ano do reinado de Josias, em Judá (640-609 a.C.). Profetizou nos reinados de Salum, filho de Josias (609 a.C.), Jeoiaquim (609-597 a.C.), Joaquim (597 a.C.) e Zedequias (597-586 a.C.). Quando Jerusalém foi destruída em 587 a.C., mudou-se para Mizpá, governada por Guedalia, governador judeu indicado pelos babilônicos. Guedalia foi assassinado e Jeremias

deportado para o Egito, contra sua vontade, por oficiais judeus que escaparam da sanha dos conspiradores. No Egito, continuou a pregar contra os costumes de seus compatriotas e contra os naturais do lugar, vivendo em constante atrito com as autoridades religiosas e políticas de seu povo. Recomendou a submissão dos judeus aos babilônicos e foi acusado de traição. Deus ordenou-lhe que não se casasse e que se afastasse de banquetes e festas e, assim, permaneceu solteiro por toda a vida. O profeta lamentou ter-se transformado em masturbador compulsivo, abusado por seus opressores e desprezado por seu povo. Este fato inspirou uma lenda escandalosa sobre o nascimento de Joschua Ben Sira, autor do *Eclesiasticus*.

O nome Ben Sira designa uma coleção de provérbios e máximas que fazem parte da *Apócrifa*, parte do cânon das escrituras em alguns tratados cristãos. Ensina moderação, virtudes da vida familiar e temor a Deus. O autor, Simão, ou Josué, ou Joschua ben Sira, revela tendências para as idéias religiosas dos fariseus, enfatizando a grandeza de Israel e a fruição de prazeres deste mundo dentro de limites moderados. A obra é altamente considerada em círculos rabínicos e houve até tentativas infrutíferas de incluí-la como texto sagrado. Sua leitura em público foi, porém, proibida para evitar que fosse confundida com a literatura sacra.

Segundo lenda bizarra, Ben Sira era ao mesmo tempo neto e filho de Jeremias. O profeta teria surpreendido, em banho popular, pecadores da tribo de Efraim se masturbando e os repreendeu. Longe de se arrepender, eles forçaram Jeremias a fazer o mesmo, ameaçando-o de sodomia se não os imitasse. Pouco após, a filha de Jeremias, virgem, veio às mesmas águas e concebeu, engravidada pelo esperma do pai. Na Enciclopédia *Ozar Israel*, sob a direção de Yehuda Davi Eisenstein, o verbete sobre Jeremias diz que aparentemente ele nunca se casou e não deixou descendentes, não se sabendo com que idade morreu e onde foi enterrado. Mas a mesma enciclopédia, no verbete sobre Ben Sira, faz referência à lenda onde a mãe de Ben Sira é tida como filha de Jeremias, tendo concebido por esperma emitido de um desconhecido, em casa de banho. A fonte da lenda seria um texto do próprio Ben Sira. A enciclopédia faz, porém, o reparo de que a lenda contradiz a cronologia, pois Ben Sira viveu cerca de 200 anos após o profeta Jeremias, acrescentando, contudo, que várias autoridades rabínicas da Idade Média aceitavam que Ben Sira era filho de Jeremias. Um fato curioso é que o valor numérico dos dois nomes, Ben

Sira e Jeremias é idêntico. Cada letra do alfabeto hebraico tem um valor numérico. A primeira letra, A, ou *Alef*, vale 1; a décima, I, ou *iod*, vale 10; a segunda, B, ou *Bet*, vale 2, etc. Somando-se o valor atribuído a cada letra em ambos os nomes, chega-se a números exatamente iguais. O filho concebido nessa gravidez acidental foi chamado Ben Zera ou "filho da semente" ou "filho de ninguém", designação alterada para Ben Sira, "filho de uma não-existente".

As mulheres daquela época entravam nos banhos públicos após os homens e considerava-se possível que elas engravidassem do esperma de homens que lá se tivessem masturbado. Legisladores judeus e árabes absolviam mulheres adúlteras que alegavam ter engravidado no banho, desde que apresentassem testemunha feminina que confirmasse ter visto esperma masculino flutuando sobre a água, na ocasião. Um pequeno favor de amizade. Averoes (1126-1198), médico e filósofo árabe de Córdoba e, antes dele, alguns talmudistas realizaram experiências para confirmar essa assertiva. Jorraram seu sêmen em banhos públicos onde suas mulheres se banhariam e comprovaram que toda a história era um mito.

No exílio da Babilônia, os judeus adotaram os costumes devassos da população nativa, afastaram-se de todos os mandamentos do Senhor, seu Deus, fizeram imagens de fundição - dois bezerros e ainda um ídolo do bosque - prostraram-se perante todo o exército do céu, e serviram a Baal (II Reis 16, 17). Todas essas devassidões foram atribuídas às dez tribos de Israel, o que selou seu destino. Sobre elas, o profeta Amós clamou: *Vós que dilatais os dias maus e vos chegais aos lugares de violência, que dormis em camas de marfim e vos estendeis sobre vossos leitos, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do meio da manada* (Amós 6, 3-4), indicando que eles contaminavam suas camas com efusão promíscua de sêmen porque estavam acostumados a trocar mulheres uns com os outros. No *Talmud*, o rabi Abuha bar Ihi acredita que a frase de Amós se refere à gente que comia e bebia junto, que aproximava os leitos, que trocava as mulheres e contaminava os lençóis com sêmen adúltero. A imoralidade sexual era tida como idolatria e daí derivaria a subjugação dos israelenses pelos povos vizinhos.

No cativeiro babilônico, foram tantos os judeus castrados que Isaías advogou a revogação da lei mosaica que os excluía da comunidade: *O quebrado de quebradura e o castrado não entrará na congregação de*

Deus (Deut. 23, 1). Disse ele: *Porque assim diz o Senhor a respeito dos eunucos que guardam os meus sábados e escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança: Também lhes darei lugar na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o das filhas e filhos, um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará* (Isaías 54, 4-5). Antes disso, o profeta advertira o Rei Ezequias de Judá: *Eis que virão dias em que tudo que houver na tua casa, como o que entesouraram teus pais, até o dia de hoje, será levado à Babilônia, e não ficará coisa alguma, disse o Senhor. E dos teus filhos, que procederam de ti e tu gerares tomarão, para que sejam eunucos no palácio do Rei* (Isaías 39, 6-7). O historiador Heródoto confirma que assírios e babilônicos, persas e egípcios castravam seus prisioneiros, que passavam a servir como guardiães dos haréns ou como prostitutos. Alguns atingiam altas posições, de conselheiros e chefes militares. De acordo com o historiador Flavius Josephus, o profeta Daniel foi castrado e sodomizado por Nabucodonosor.

O exílio dos judeus na Babilônia foi curto. O império ruiu sob o ataque e a conquista dos persas, chefiados por Ciro, o Grande, que estimulou o retorno dos judeus a Jerusalém. A fé dos persas era universal e tolerante com respeito às crenças religiosas dos povos subjugados. E o Imperador Ciro considerava seu dever reverter as deportações e reconstruir as propriedades destruídas. Para os judeus, foi tudo obra de Deus: *Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomou pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face: Eu soltarei os lombos dos reis para abrir diante dele as portas e as portas não se fecharão. Eu irei diante de ti e endireitarei os caminhos tortos, quebrarei as portas de bronze e despedaçarei os ferrolhos de ferro* (Isaías 45, 1-2). E, no livro de Esdras: *No primeiro ano de Ciro, Rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias despertou o Senhor o espírito de Ciro, Rei da Pérsia, o que fez passar pregão, em todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, Rei da Pérsia: O Senhor Deus do céu me deu todos os reinos da Terra e ele me encarregou de edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá. Quem há entre vós de todo o seu povo seja seu Deus com ele e suba a Jerusalém, que é em Judá, e edifique a casa do Senhor Deus de Israel. Ele é o Deus que habita em Israel* (Livro de Esdras 1, 1-3). Apesar do apoio de Ciro, o primeiro retorno dos judeus comandados por Schenazar, filho do Rei Joaquim, fracassou porque os habitantes que haviam permanecido em Jerusalém – judeus, samaritanos, edomitas e árabes – se recusaram a receber as levas de emigrantes. Houve um segundo

retorno, desta vez estimulado por Dario, sucessor de Ciro, uma terceira onda, e, finalmente, uma quarta, desta feita comandada por um oficial judeu persa, Nehemias, nomeado governador da Judéia com o propósito de organizar na Palestina uma entidade política semi-independente dentro do Império Persa. Nehemias era um eunuco que vivia na corte do Rei Ataxerxes I, sucessor de Dario. Sob sua liderança, Jerusalém foi reconstruída, e grande parte dos judeus para ela retornou. Outro tanto permaneceu na Babilônia ou emigrou para outras paragens. De novo em sua terra, os judeus se dedicaram à literatura. Escrever era a obsessão nacional. Existiam famílias de escribas que procuravam preservar a integridade das obras anteriores, desde os textos mosaicos até as narrativas históricas dos reis, dos profetas, de Davi, com seus *Salmos*, de Salomão, com seus *Provérbios* e seu *Cântico* até o *Livro de Jó* e, finalmente, a bela história de Ester.

CAPÍTULO XIV

A HISTÓRIA DE ESTER

O *Livro de Ester* faz parte das *meguiloth*, junto com o *Cântico dos Cânticos, Rute, Eclesiastes* e *Lamentações de Jeremias.* São textos lidos em público durante as festividades religiosas e denominadas de *meguilah,* em hebraico, "rolo", porque houve épocas em que eram lidos em rolos separados, preenchidos por escribas. Não têm a mesma santidade que a *Torá,* o grande rolo que registra toda a *Bíblia,* mas acredita-se que tenham sido escritos sob a inspiração de Deus. O *Livro de Ester* é o único rolo separado que é lido ainda hoje em todas as comunidades, sendo por isso sinônimo de *meguilah.* Muitos estudiosos crêem que a história de Ester é falsa, inclusive com datas e nomes fictícios para torná-la mais verossímil. Outros acreditam que se trata de uma história verídica, como escrito no próprio livro: *E todas as obras em seu poder e do seu valor e a declaração da grandeza de Mordechai, a quem o Rei engrandeceu, porventura não estão escritas no livro de crônicas dos reis da Média e da Pérsia?* (Ester 10, 2).

De qualquer modo, trata-se de uma narrativa interessante que conta como uma jovem e bela mulher do século V a.C. salvou os judeus persas de um holocausto, ao interceder junto ao Rei. Talvez tenha sido escrita por se tratar de uma bela saga, ou mesmo para encorajar os judeus no seu exílio ou até para justificar a festa judaica do *Purim,* uma das mais alegres da tradição judaica: *E Mardequeu* (Mordecai) *escreveu estas coisas e enviou cartas a todos os judeus que se achavam em todas as províncias do Rei Ahasverus, aos de perto e aos de longe, ordenando-lhes que guardassem o dia 14 do mês de Adar e o dia 15 do mesmo, todos os anos, como o dia em que os judeus

tiveram repouso de seus inimigos e o mês em que se lhes mudou a tristeza em alegria e o luto em dia de folguedo, para que os fizessem dias de banquete e de alegria e de mandarem presentes uns aos outros e dádivas aos pobres (Ester 9, 20-22).

Os eventos narrados teriam ocorrido no Império Persa, em torno de 485 a.C., quando persas e medas controlavam 127 províncias que se estendiam da Índia até a Etiópia. Dos judeus exilados na Babilônia, alguns retornaram a Israel, outros permaneceram na Babilônia e se fixaram na Pérsia, onde reinava Ahasverus ou Assuero, um tirano oriental, que promovia banquetes e orgias. Num dos banquetes em que grassou a bebedeira, mandou buscar ele a Rainha Vasti, sua mulher, para exibir sua beleza nua aos convidados. Mas Vasti se recusou a vir.

Vasti foi a primeira mulher na *Bíblia* com coragem de enfrentar publicamente o desejo do marido, de recusar obediência a um Rei. Vasti estava à frente de seu tempo, recusando-se a servir de objeto de exibição perante o Rei e os príncipes bêbados. Repeliu o convite do Rei, que ficou irado: *Porém a Rainha Vasti se recusou a vir conforme a palavra do Rei, pela mão dos eunucos, pelo que o Rei muito se enfureceu e ardeu nele a sua ira* (Ester 1, 12).

O imperador reuniu o ministério para decidir o que fazer e foi aconselhado a se livrar da rainha e escolher outra, mais submissa. Isso serviria de lição e exemplo para todas as mulheres do reino: *E ouvindo o mandado que o Rei decretar em todo o seu reino, todas as mulheres darão honra a seus maridos, desde a maior até a menor. E pareceram bem essas palavras e fez o Rei conforme as palavras dos conselheiros. Então, enviou cartas a todas as províncias do reino, a cada província segundo a sua escritura e a cada povo segundo a sua língua. Que cada homem fosse senhor em sua casa e que isto se publicasse em todos os povos, conforme a língua de cada um* (Ester 1, 20-22).

De acordo com a coletânea de Louis Ginzberg, *Legends of the Jews* (1968), Vasti era autoritária e lasciva como o marido. Forçava escravas judias a trabalhar e costurar para ela nos sábados. Teria recusado o convite do Rei porque temia que ele quisesse ter relações com ela, quando uma semana antes dera à luz uma criança. Além disso, o anjo Gabriel teria desfigurado seu rosto, e sinais de lepra e outras doenças de pele apareceram em sua face, e a sua vaidade não permitia que ela aparecesse diante da corte. Finalmente, para tornar sua imagem na história judaica ainda mais antipática, diz-se que ela pediu ao Rei que não permitisse aos

judeus reconstruírem o templo de Jerusalém. São lendas, segundo Mary Gendler (1976), que refletiriam o sentimento dos rabinos de não atribuir ao gesto de recusa de Vasti sua verdadeira dimensão de defesa da dignidade da mulher. Os rabis não podiam aprovar a demanda do Rei. Mas, por outro lado, não podiam aprovar a desobediência feminina. Daí, teriam surgido textos que justificam os castigos impostos a Vasti e a citação do decreto imperial que impunha a obediência da mulher aos desejos do homem.

Mary Gendler compara o que aconteceu com Vasti com a história de Lilith. Lilith, a primeira mulher de Adão, criada junto com ele da mesma terra e ao mesmo tempo, antes de Eva, recusou a submissão. Adão tentou forçá-la e subjugá-la, inclusive sexualmente, e ela, invocando falsamente o nome de Deus, fugiu. Deus mandou anjos ao seu encontro para capturá-la e convencê-la a voltar e ser dominada, mas ela se recusou. Como castigo, foi condenada a matar a cada dia cem crianças por ela concebidas. Ela é retratada nas lendas como demônio, mulher má, permanentemente exilada, que rapta crianças à noite e seduz os homens para roubar-lhes o sêmen. Lilith e Vasti, mulheres que tiveram a coragem de dizer *não* e repelir o domínio masculino, passaram a ser vilipendiadas. Vasti perdeu sua posição e possivelmente a vida. Lilith perdeu seu companheiro e sua posição na história da *Bíblia*. A primeira é transformada numa megera deformada. A segunda, numa figura diabólica. A mensagem rabínica é clara: não sejas desobediente ao marido ou serás uma marginal e perderás teu lar, teus filhos, teu bom nome e mesmo tua vida.

O caráter de Ester é oposto ao de Vasti. Ester ou Isthar é o nome persa. O seu nome hebraico é Hadassa. Era órfã, criada pelo tio Mardoqueu. Para alguns, seria prima pobre de Mardoqueu, que a teria comprado dos pais e a teria esposado. Era jovem e bela.

Quando o Rei Assuero abriu um concurso no Império, jovens de toda a Pérsia vieram concorrer. Mardoqueu insistiu com Ester para que participasse e não revelasse sua identidade judaica. Quando o Rei a viu, apaixonou-se de imediato e a fez Rainha. Ester infringiu o código das leis judaicas. Desposou um não-judeu e cometeu adultério porque era casada com Mardoqueu. Diz-se que ela, na realidade, não era adúltera porque na hora das relações Deus enviava ao leito conjugal um espírito similar a ela, que tomava o seu lugar. Conseguiu viver secretamente como judia, não

tendo revelado sua origem, mas afirmava ter ascendência real, no que não mentia porque descendia do Rei Saul.

Mardoqueu era membro do *Sanhedrim* (espécie de parlamento judeu formado por 70 anciãos) e, como tal, sabia falar setenta línguas. Rondava freqüentemente o palácio real para aliviar suas saudades e, numa dessas rondas, surpreendeu um diálogo entre dois eunucos que tramavam assassinar o Rei. Denunciou o plano através da sobrinha. A denúncia, uma vez apurada, fez-lhe merecer a gratidão do Rei, que mandou anotá-la nas crônicas do reinado, mas logo esqueceu o fato. Nesse ínterim, o Rei nomeou um agaguita, Hamã, como Primeiro Ministro, e deu-lhe poderes sobre todos os súditos, que deveriam reverenciá-lo e ajoelhar-se à sua passagem. Mardoqueu, contudo, recusou-se a fazê-lo porque os judeus só podiam reverenciar a Deus. Quando Hamã soube do fato, decidiu matar todos os judeus do Império e para isso obteve a aprovação de Assuero, selada com o anel do soberano, sendo, portanto, irrevogável. Apenas a data não foi marcada. Hamã jogou dados, denominados *pur,* para escolher a data ideal e marcou o dia: 13 de Adar, anunciando o evento a todos os regentes das províncias.

Ao saber do fato, Mardoqueu insistiu com Ester para que tentasse revogar a medida junto ao Rei, mesmo porque ela, como judia, também iria ser morta. Ester hesitou, ficou com medo, pois um decreto imperial proibia, sob pena de morte, que as mulheres do Rei o procurassem sem serem chamadas. Mas Mardoqueu foi firme na sua exigência e ela teve de aceder: *Então disse Ester que tornassem a dizer a Mardoqueu: Vai e ajunta todos os judeus que se acharem em Susã e jejuai por mim e não comais e nem bebais por três dia, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também jejuaremos. E assim irei ter com o Rei, ainda que não é segundo a lei, e perecendo, pereço* (Ester 4, 15-16). Ester rezou, jejuou, vestiu-se com roupas excitantes e posicionou-se no vestíbulo do salão do trono. O Rei a viu e ficou tão deslumbrado que a chamou e disse-lhe que ela poderia fazer-lhe o pedido que quisesse. Mas Ester, diplomaticamente, convidou o rei e Hamã a um jantar de iguarias que havia preparado. Depois que eles se deliciaram, convidou-os para um novo banquete. Hamã ficou orgulhoso com os dois convites. O que, porém, empanou o seu orgulho foi passar por Mardoqueu e ver que ele não se curvava à sua passagem. Para reafirmar seu poder, mandou construir uma forca destinada ao rebelde judeu.

Naquela noite, o Rei Assuero, excitado pelo convite de Ester, não conseguiu dormir. Fez com que lessem para ele as crônicas do reino e nessa leitura o episódio da denúncia de Mardoqueu foi relembrado. Assuero verificou, então, que não havia recompensado aquele que lhe salvara a vida. Chamou Hamã e perguntou-lhe como fazer para homenagear alguém dos mais merecedores do seu reinado. Hamã pensou que o homenageado seria ele e enunciou uma série de benesses: *E entrando Hamã o Rei lhe disse: O que se fará ao homem de cuja honra o Rei se agrada? Então, Hamã disse: No seu coração, de quem se agrada o Rei para lhe fazer honra, mais do que a mim? Pelo que disse Hamã ao Rei: Ao homem de cuja honra o Rei se agrada traga a roupa real com que o Rei costuma vestir-se e ponha-se-lhe; monte o cavalo com que o Rei costuma andar; e cubra-se a sua cabeça com a coroa real. E entregue-se a roupa e o cavalo a um dos príncipes do reinado, dos maiores, e vistam aquele homem de cuja honra o Rei se agrada e levem-no de cavalo pelas ruas da cidade. Assim se fará ao homem de cuja honra o Rei se agrada. Então, disse o Rei a Hamã: Apressa-te, toma o vestido e o cavalo como disseste e faz assim com o judeu Mardoqueu, que está assentado no portal do Rei e coisa nenhuma deixes de fazer, de tudo que disseste* (Ester 6, 6-10). E aqui começou a derrocada de Hamã, reconhecida pela própria família. *E contou Hamã à sua mulher, Zeres, e a seus amigos tudo quanto lhe tinha sucedido. Então, os seus sábios e Zeres, sua mulher, lhe disseram: Se Mardoqueu diante de quem já começaste a cair é da semente dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás perante ele* (Ester 6, 13).

No banquete, quando Assuero e Hamã estavam bebendo vinho, o Rei perguntou a Ester, mais sedutora do que nunca, qual o seu pedido, que ele o satisfaria de imediato; até a metade de seu reino ele lhe daria, prometeu apaixonado. Mas Ester retrucou: – "Quero apenas a minha vida e a de meu povo", e se revelou judia. E, imediatamente, o Rei indagou: – "Quem é o monstro que intenta tirá-la?" e a Rainha respondeu: – "O perverso Hamã." O Rei, atordoado, retirou-se para o jardim e lá deparou-se com Hamã de joelhos, aos pés da Rainha, gesticulando e pedindo que ela intercedesse a seu favor. O Rei suspeitou que ele estivesse cortejando a Rainha e ordenou que fosse preso e enforcado, e assim o foi, na forca que preparara para Mardoqueu.

O Rei deu a Ester todas as propriedades de Hamã, e Mardoqueu recebeu o anel e o sinete, transferindo-lhe o poder que Hamã manipu-

lara. Um novo édito real permitiu aos judeus que se defendessem contra os que quisessem matá-los, porque o édito anterior, que ordenara a matança, por ser real, não podia ser revogado. Quando o dia 13 de Adar chegou, os judeus se defenderam e mataram seus agressores, entre os quais os dez filhos de Hamã. E comemoraram no dia seguinte com festas que se repetem até os dias de hoje. Existem algumas curiosidades nesta *meguilah*. Embora de forte conotação religiosa, o nome de Deus não é mencionado na história. Talvez porque nela ocorram algumas transgressões importantes. Mardoqueu entrega Ester ao harém do Rei somente para obter vantagens materiais. Ester obtém benesses para seu povo por seu poder de sedução, e o próprio Mardoqueu se aproveita desta arte de sua sobrinha, que, para alguns, seria, também, sua mulher. A palavra *dod*, que significa "tio", também pode significar "marido" ou "amante", como no *Cântico dos Cânticos*. Neste caso, Ester cometera adultério. Naquela época, os homens eram os donos de seus lares e da sociedade. Eram os chefes, os sábios, as autoridades. As mulheres os serviam e limitavam sua ação à casa e às crianças. Neste sentido, Assuero era a autoridade máxima, com vasto poder sobre todos e mais ainda sobre suas mulheres. Vasti e Ester são modelos de conduta e a mensagem aqui é clara: as mulheres corajosas, agressivas e desobedientes como Vasti, não são aceitáveis. As que obtêm o que querem são as passivas, quietas, persistentes, que obtêm seu poder pela sedução e pelo amor que proporcionam ao marido.

2ª Parte

O SEXO NO JUDAÍSMO RABÍNICO

Na história do povo judeu, o período do judaísmo rabínico inicia uma etapa completamente nova. Uma forma diversa de judaísmo. No lugar do templo e da corte, as casas de estudo. Sábios, no lugar de sacerdotes e profetas e, no lugar de sacrifícios, uma vida religiosa centrada em torno das casas de oração. E, finalmente, a atenção voltada para as obrigações do indivíduo. Acredita-se na revelação de que Moisés ao lado da *Torá* escrita, recebeu no monte Sinai uma *Torá* Oral, transmitida verbalmente aos profetas e depois aos sábios e rabinos.

Em geral, quando falamos do judaísmo rabínico, o marco inicial situa-se na destruição do segundo templo em 70 d.C., terminando com a conquista de Jerusalém pelos árabes, em 634 d.C. e da Pérsia, em 640 d.C.. Contudo, as próprias fontes rabínicas fazem referência a figuras que viveram centenas de anos antes da destruição do templo e as identificam a elos da cadeia da tradição rabínica, como assinala Eliezer Diamond em "The World of the Talmud", no tratado *The Schoken Guide to Jewish Books* (1992). Além disso, o judaísmo rabínico, apesar de ter florescido após a destruição do segundo templo, tem suas preocupações voltadas para a adaptação e transformação das instituições, rituais e crenças desde a destruição do primeiro templo. Deste modo, qualquer estudo aprofundado do período rabínico deve começar com o conhecimento histórico do que se passou após o exílio babilônico, com as conquistas de Alexandre, o Grande, com o período helênico (334-164 a.C.) e com os períodos ptolomaico e selêucida, que culmi-

naram com a revolta e o domínio dos macabeus (164-63 a.C.) e, finalmente, com o período *romano* (63-70 d.C.), iniciado com a briga entre os pretendentes ao trono dos haschemonitas e a intervenção de Pompeu, e que na Palestina terminou com a última revolta contra Roma, chefiada por Bar Cochba, da qual resultou a dispersão dos judeus.

CAPÍTULO I

O DOMÍNIO GREGO E A HELENIZAÇÃO

A helenização do Oriente Médio se iniciou ou foi intensificada com a guerra entre gregos e persas que culminou com a esmagadora vitória dos primeiros, sob o comando de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.). Alexandre, o Grande, Rei da Macedônia e discípulo de Aristóteles, submeteu a Grécia, assumiu a chefia do governo em Corinto e atravessou o mar para vencer as tropas persas comandadas por Dario III. Primeiro, conquistou o Egito, onde foi recebido como libertador e depois franqueou o Eufrates e o Tigre, vencendo em Arbeles. Continuando sua marcha, conquistou a Babilônia, queimou Persépolis e atingiu a Índia. Estabelecido na Babilônia, tratou de consolidar suas conquistas, aliando vencedores e vencidos, e misturando o mais possível a civilização grega com a dos povos submetidos. Morreu jovem, aos 33 anos, após o quê seu Império se esfacelou na mão de seus generais. Mas suas conquistas tiveram como resultado ganhar todas as regiões ocupadas para o helenismo, que cresceu em extensão, o que, aos poucos, perdeu em singularidade.

Ao conquistar a Judéia, os gregos, como fizeram nas demais nações, não se impuseram como tiranos. Expunham e transmitiam sua arte, sua ciência, seus prazeres e sua filosofia. Uma filosofia que se apresentava aos judeus com pelo menos dois desafios. O primeiro era a idéia do supremo valor do pensamento humano e o ceticismo em relação à interferência divina no comportamento humano. O segundo era o sincretismo religioso, totalmente incompatível com o monoteísmo exclusivo do judaísmo. Conquistaram adeptos entre os judeus e evidências arqueológicas

de sinagogas e sarcófagos do período greco-romano mostram a incontestável existência de um judaísmo helênico. Uma sucessão de líderes judeus debalde exortava a comunidade a resistir ao que denominava engodo da cultura grega. Os líderes reprovavam a ilusão da filosofia do prazer e consideravam um suicídio nacional a troca da herança e da tradição judaicas pela cultura *ersatz** dos gregos. E embora os judeus rejeitassem o helenismo em si, muitos aspetos da cultura grega foram absorvidos, recebendo, contudo, um toque judaico. Os judeus vestiram uma túnica grega: o talmudismo. Por sua vez, os gregos foram também influenciados pela cultura judaica que emergira com as roupas do cristianismo. Mas, apesar deste mútuo intercâmbio que durou seis séculos, os gregos ainda consideravam os judeus bárbaros, enquanto os judeus consideravam os gregos idólatras sem moral.

Os judeus não hostilizaram os gregos quando Alexandre ocupou a Palestina. O alto-sacerdote de Israel chefiou uma procissão para saudá-lo em 332 a.C., e o Rei da Macedônia espantou-se com os selvagens que não levavam consigo imagens de deuses. Em retribuição, garantiu aos judeus a liberdade política e religiosa. A ambição de Alexandre era consolidar a conquista militar estendendo a cultura, a língua e os costumes gregos aos povos dominados. Todos falariam a língua grega, agiriam como gregos, seriam gregos. O instrumento para consegui-lo não era a espada, mas o sexo. Ordenou às suas tropas que se casassem com as mulheres locais e tivessem muitos filhos. Durante os primeiros anos fundou 25 cidades gregas no Oriente Médio, das quais a mais importante foi Alexandria. Seu método talvez fosse promissor, não fosse sua morte prematura, a partir da qual os generais gregos disputaram o poder, sem que nenhum deles sobrepujasse os demais. Antígono ficou com a Grécia, Seleuco com a Ásia Menor e com a Assíria e Ptolomeu com o Egito e com a Palestina.

Os governadores ptolomaicos eram tolerantes e não se imiscuíam nos assuntos internos dos judeus. Recolhiam os impostos, mas deixavam aos judeus o autogoverno sob o comando do sumo sacerdote e de uma câmara que funcionava como assembléia legislativa e corte suprema. Embora o grosso da população fosse agrícola, muitos judeus se voltaram

* NE – em alemão no original, significa "substituta"

para o comércio e se dispersaram no Império grego. O geógrafo grego Strabo (58-25 d.C.) escreveu que era difícil encontrar um lugar no Império onde os judeus não tivessem marcado presença e não ocupassem lugar de destaque.

A helenização dos judeus começou lenta e subrepticiamente. Primeiro, atingiu a linguagem, os costumes e as atitudes diárias. Depois, infiltrou-se na moral, na ética e na religião. Entre nove da manhã e cinco da tarde, judeus e gregos confraternizavam nos cafés e nos bazares. E depois, em teatros, ginásios e cabarés. Sob o impacto de associações comerciais, passaram a falar grego e a adotar nomes gregos. Substituíram a roupa tradicional por túnicas gregas. E adotaram o estilo grego de arquitetura para suas casas e até para as suas sinagogas. Em recente escavação arqueológica, encontrou-se sinagoga de estrutura similar a um templo grego, com paredes cobertas de pinturas coloridas e belas, mostrando cenas bíblicas. Também gravuras, remanescentes de estilo bizantino, creditam aos judeus a primazia desta arte. As relações sociais entre os jovens corroeram ainda mais os hábitos judeus. As lutas esportivas entre jovens nus se tornaram populares. E logo a porta se abriu para os prostíbulos. Os judeus sucumbiram à filosofia de Epicuro (341-279 a.C.), que advogava o prazer como bem supremo. Os homens deviam se livrar das superstições, como a crença no castigo ou na recompensa após a morte. Não existia moralidade e imoralidade. O prazer era a finalidade da vida.

O grande óbice à assimilação era a circuncisão, esteticamente repulsiva para os gregos e que simbolizava o separatismo dos bárbaros. Os helenos consideravam um escárnio a poda do prepúcio e a sagração do ato como prova da escolha divina. O corpo era uma obra prima da divindade e a mutilação uma degradação. A aliança dos judeus com seu Deus através do pênis era uma agressão à irmandade dos homens e à perfeição da natureza. Os gregos não viam indecência na nudez. O único tabu era expor a glande em público. O prepúcio a encobria e ela só podia ser exposta nos banhos públicos e na relação sexual. Os atletas greco-romanos estiravam a pele que cobria a glande e a fixavam com grampo ou fivela para evitar a ereção durante a corrida ou a ginástica, o que seria deselegante ou desairosa. Este disfarce é responsável pela aparência dos órgãos sexuais masculinos nos afrescos da arte grego-romana e nas pinturas de Miguel Ângelo. O ideal helênico era o dos vedas da Índia: o homem de fama e fortuna, com pênis

fino e curto, recoberto por prepúcio alongado. Não cobrir a glande era sinal de selvageria, pois a exposição da glande era sinal de masturbação e sodomia.

Durante 125 anos, ptolomeus e selêucidas lutaram pelo domínio da Palestina. Até que o Rei selêucida Antíoco III, o Grande, conseguiu conquistar a colônia judaica. Ele continuou a política tolerante dos antigos dirigentes, ampliando-a. Ambicionava refazer o Império de Alexandre através de um programa de helenização total, com instalação de estátuas de deuses gregos em todos os domínios. A medida só não vingou na Palestina. Os judeus alegavam que pagando pesados impostos e defendendo os domínios gregos, inclusive com armas, haviam provado sua lealdade e deviam ser dispensados da idolatria a deuses gregos e ao próprio Imperador. Mas o filho de Antíoco III, Antíoco Epífano, que assumiu o trono em 176 a.C. depois de assassinar o irmão, se opôs. A helenização devia ser imposta a ferro e fogo. No ano 186 a.C., declarou a religião judaica ilegal, iniciando um programa de helenização forçada, que punia a circuncisão com a morte na cruz, apedrejamento ou entrega à sanha de cães ferozes. As mulheres que permitiam que seus filhos fossem circuncidados eram garroteadas, com as crianças asfixiadas, penduradas pelo pescoço. O novo Rei passou a ser conhecido como Epífano, o louco.

Judeus renegados o apoiavam. Os mais influentes entre eles foram Joschua ben Simon (Jasom) e Onias ben Joseph, conhecido como Menelau, ambos disputando o supremo sacerdócio de Jerusalém. Os dois eram helenistas fanáticos e queriam transformar o templo em local de adoração dos deuses do Olimpo. Os selêucidas proibiram também o repouso dos sábados, sacrificaram um porco no altar do templo e queimaram as cópias das sagradas escrituras. As perseguições, paradoxalmente, foram a salvação do judaísmo. No princípio, a resistência foi passiva. Alguns atletas judeus e militares chegaram a aceitar a nova ordem, aderiram ao homossexualismo, então em voga, e realizavam cirurgias para reconstituir o prepúcio. A cirurgia conhecida como *episamasmo*, entre os gregos, e *recrutitio*, entre os romanos, tem em hebraico a designação de *maschiqué*, estiramento.

Os selêucidas começaram a realizar expedições punitivas em todo o país, compelindo os cidadãos mais destacados entre os judeus a sacrifícios públicos a Zeus. Então, estourou a revolta, comandada por Matatias e seus cinco filhos, os macabeus ou *martelos*. A chefia coube ao terceiro

filho, Judas, que venceu os selêucidas em várias batalhas que culminaram com a vitória esmagadora dos hebreus, a independência, a instalação de uma nova dinastia real – a haschmonita e um Reino de Israel, sem vassalagem, entre 167 e 63 a.C. Os macabeus circuncidaram as crianças e os incircuncisos. O único filho sobrevivente entre os cinco de Matatias foi Simão Macabeu, considerado o primeiro da dinastia, embora nunca tenha sido coroado. Oficialmente, era o Sumo-sacerdote. Grande estadista, consolidou o Estado e, antevendo que os gregos poderiam voltar, assinou um tratado de defesa mútua com a nova potência que surgia no horizonte, Roma.

A queda da Palestina independente deve-se não à perfídia romana, mas às lutas internas entre os haschmonitas: irmão contra irmão, pai contra filho, povo contra seus regentes. No fundo, o problema era saber o quanto o helenismo deveria ser limitado. É uma luta que persiste até hoje, se substituirmos a palavra helenismo por ocidentalização. Muitos judeus, especialmente os da classe mais alta, ansiavam por um certo grau de helenização, sem o desaparecimento do judaísmo. Três partidos políticos disputavam o poder: os essênios, os fariseus e os saduceus. Os essênios, os mais devotos, se afastaram das lutas pelo poder e se dedicaram inteiramente ao culto. Foram os precursores do cristianismo. Os fariseus resistiam ao helenismo. Os saduceus eram helenistas. Acreditavam que o país e a religião não seriam ameaçados pela cultura grega. Eram conservadores, e defendiam a estrutura do templo e o poder dos sacerdotes, mas eram liberais na política. Já os fariseus, ao contrário, eram intransigentes na política e liberais na religião, pois acreditavam que a helenização representava uma cultura estranha, ameaçadora.

A briga entre as duas facções estourou quando Simão foi assassinado por seu genro. Seu filho, João Hircano, foi nomeado Rei e, ao mesmo tempo, Sumo-sacerdote. Alugou mercenários para fortalecer seu domínio e saqueou o túmulo do Rei Davi, retirando de lá três mil pedras de prata. Além disso, introduziu hábitos helênicos na corte. Estendeu o domínio de Israel, conquistando os territórios pagãos da Iduméia (Edom), em obediência à profecia de que o patriarca "Jacó derrubaria Esaú pelo calcanhar", isto é, através de seu membro. Hircano permitiu aos idumeus que permanecessem em seu território desde que se circuncidassem e se convertessem ao judaísmo, e eles concordaram. Hircano, ao morrer, deixou

o trono para sua mulher, e o sumo-sacerdócio para seu filho, Aristóbulo. Este matou a mãe e um dos irmãos, aprisionou os outros, unindo as duas funções: o sumo-sacerdócio e a regência. Era um ardente saduceu e levou adiante os planos de helenização. Empreendeu guerra de conquista aos habitantes da Galiléia e os obrigou a adotar o judaísmo pelo laço da circuncisão. Seu reinado foi curto, de apenas um ano. Foi sucedido pelo irmão, Janeus, um regente despótico e violento, que manteve o poder à custa de mercenários. Durante seu reinado, que também foi curto, houve luta fratricida entre saduceus e fariseus, com vitória esmagadora destes. Após a morte, foi substituído pela mulher, Alexandra.

O reinado de Alexandra durou nove anos e foi brilhante. Instituiu vastas reformas sociais. Criou escolas, tornou o ensino obrigatório para meninos e meninas e praticamente aboliu o analfabetismo entre os judeus. O seu erro político foi ter-se entregado à política dos fariseus. Como não podia ser Sumo-sacerdote por ser mulher, passou o cargo a seu filho, Hircano, e brigas internas fizeram com que os romanos passassem a intervir, destituindo Hircano, e conquistando a Palestina sem batalhas, pois o temor dominava todos os povos. Os romanos, que tinham acabado de conquistar a Síria, ocuparam a terra de Israel e, assim, os descendentes dos macabeus perderam o poder. A luta pela liberdade teve um fim inglório.

CAPÍTULO II

O DOMÍNIO ROMANO

Entre os anos 50 a.C. e 350 d.C., uma série de pequenas e grandes batalhas fizeram de Roma a regente do Universo. As três guerras púnicas tornaram Roma a dona da Itália, da Espanha e do norte da África. Na aurora do século I, os romanos dominavam toda a Ásia Menor. Mais guerras, e acabaram por incorporar todo o antigo império de Alexandre, o Grande. Os romanos dominavam a Judéia e o mundo. Uma campanha militar chefiada por Ganeus Pompeu trouxe a Judéia para a rede das nações cativas. Após seu sucesso, Pompeu, enriquecido pela pilhagem, retornou a Roma para disputar o poder com Marcos Crassos e Júlio César. Formaram um triunvirato que logo se desfez, na Batalha de Farsalus, na Grécia. Pompeu foi derrotado, fugiu para o Egito e lá foi assassinado, sendo Júlio César nomeado cônsul, com poderes ditatoriais. Ao perseguir Pompeu, Júlio César apaixonou-se por Cleópatra. Enquanto César amava Cleópatra, suas tropas tomaram a Judéia e Jerusalém. Júlio César foi assassinado por Brutus, Otávio Augusto tomou o poder e Cleópatra, despojada de tudo, suicidou-se.

Na Judéia, o domínio romano era frouxo. Apenas coletavam impostos. A cultura grega continuava a influir. Mas a história subseqüente foi tumultuosa. Pompeu havia capturado a Judéia não em nome de Roma, mas em seu próprio. Dominou o país militarmente de 63 a 48 a.C. Nomeou Hircano, filho da Rainha Alexandra, Sumo-sacerdote e Regente, e um idumeu, Antipater, conselheiro político de Hircano. Depois da derrota de Pompeu, Júlio César nomeou Antipater para dirigir a Palestina.

Quando Júlio César foi assassinado, Antipater passou a adular Cássio, um dos conspiradores e incitadores do assassinato. Antipater, idumeu, procurador da Judéia, era um romanófilo e não viu necessidade de circuncidar os filhos. Morreu envenenado, numa orgia, com suas concubinas. Seu filho, Herodes, tomou o poder.

Herodes seguiu os passos do pai. Obteve em Roma os favores de Otaviano e foi nomeado Rei da Judéia. Permaneceu, física e espiritualmente, um gentio, até a idade de 25 anos, quando a ambição política forçou-o a sacrificar o prepúcio e proclamar sua conversão ao judaísmo. Isso lhe deu também o governo da Galiléia em 47 a.C., mas deixou-o sexualmente traumatizado, com um falo inflamado que lhe valeu sátiras que criticavam sua apostasia. Foi Rei da Judéia de 37 a.C. a 4 d.C. Executou Hircano. Aristóbulo foi feito prisioneiro e envenenado em Roma, golpeando assim a dinastia dos haschmonitas.

Quando Herodes estava em Roma, o último descendente dos haschmonitas, Antígono, filho de Aristóbulo, reuniu-se com guerrilheiros, marchou contra Roma, conquistou Jerusalém e proclamou a independência de Israel, assumindo o reinado e o sumo-sacerdócio. Resistiu durante três anos ao assédio de Herodes, proclamado Rei pelos romanos, mas afinal teve de render-se às legiões romanas, que eram em muito maior número. Em 37 a.C., Herodes e os romanos retomaram Jerusalém, executaram Antígono e 45 membros do *Sanhedrin*. Consumou-se, assim, mais uma tragédia: os idumeus, convertidos ao judaísmo à força pelo avô de Hircano, regiam o povo que os convertera, na pessoa de Herodes.

Herodes foi o arquiassassino de seu tempo. Intimidou os sumo-sacerdotes, subjugou o *Sanhedrin*, assassinou seus rivais e sua mulher favorita, além dos filhos, e ordenou a execução dos recém-nascidos temendo a profecia de que nasceria um rival para seu trono. Embora a maioria dos judeus o odiasse, muitos o toleravam porque uma de suas dez mulheres, Mariana, era princesa descendente dos macabeus. Tinha dois filhos, e nutria-se a esperança de que através deles se restaurasse a dinastia dos hachmonitas. Mas Herodes matou os dois.

O Rei designou um de seus lacaios como Sumo-sacerdote. A Rainha Mariana procurou impedir o ultraje intercedendo junto ao Imperador Marco Antônio e sua amante, Cleópatra. Mandou-lhe seu retrato, de beleza exuberante, nua, e de seu irmão, que era muito gracioso. Os

retratos encantaram o Imperador, que mandou buscar o jovem Aristóbulo para usufruir de seus encantos. Mas a busca gerou uma grande inquietude na Palestina. Herodes impediu o embarque do jovem de 16 anos, e pacificou a todos, nomeando-o Sumo-sacerdote, para ganhar tempo. Logo após, na festa dos tabernáculos em Jericó, capital de inverno da Judéia, Herodes e seus companheiros, bêbados, incitaram Aristóbulo a exibir-se sem roupas, violando o código dos sacerdotes, e o desmoralizaram. O historiador Flavius Josephus afirma que sodomizaram o jovem e o afogaram. Quando Herodes estava em campanha, ao lado de Marco Antônio, sua mulher Mariana o traiu com o procurador Joseph, tio dele. A ciumenta mulher de Joseph, Salomé, a irmã de Herodes, acusou-a. Mas Herodes mandou matar apenas o tio, pois amava muito sua mulher.

Quando Cleópatra visitou a Judéia, já sem Marco Antônio, que, temporariamente, a havia abandonado, tentou seduzir Herodes, mas não conseguiu. Tendo perdido seu marido, Salomé foi casada à força com Costobarus, governador da Iduméia, que sofreu uma afronta grave para aquela época. Abandonou-o numa atitude intempestiva, contrária aos costumes judaicos, e teve uma relação escandalosa com Sileus, jovem e inteligente embaixador da Arábia. Herodes tentou converter o árabe mas este ficou com medo da reação de seus compatriotas, que ameaçaram apedrejá-lo. Herodes insistiu, então, que Salomé retornasse ao lar de Costobarus.

Herodes dispunha de três eunucos a seu serviço e, através de denúncias, soube que estavam conspirando para derrubá-lo junto com o Príncipe Alexandre, filho seu e de Alexandra. Alexandre fôra educado em Roma, onde tomara gosto pela pederastia. Seus tutores, gentios, foram demitidos. O filho de um dos tutores, Demétrio, era companheiro de amores de Alexandre. Herodes mandou prendê-lo e, como primeiro castigo, circuncidá-lo. Prendeu Alexandre e dele obteve uma confissão escrita que envolvia Feroras (irmão mais novo de Herodes) e ainda sua tia, Salomé, que de noite procurava os dois sobrinhos e dormia com eles. Dois outros filhos de Herodes também foram aprisionados: Aristóbulo IV e Antipas III. Antipas e Feroras foram acusados de conspiração, incesto e relações adúlteras entre Antipater e a mulher de Feroras. Cada amigo e cada parente conspirava um contra o outro, e todos contra o Rei. Antipater planejava envenenar Feroras

enquanto os fariseus planejavam colocá-lo no trono junto com sua irmã, Salomé. Herodes prendeu Antipater e declarou guerra aos fariseus. Seus filhos Alexandre, Aristóbulo e Antipater foram estrangulados. Dezenas de conterrâneos morreram pela espada. "Melhor ser porco de Herodes do que ser seu filho", comentou Otávio Augusto. Semanas depois, Herodes morria. Morto Herodes, Antipas e Arquelau, dois de seus filhos com mulher samaritana, dividiram o poder. Os romanos deram a Antipas a região da Galiléia, enquanto Arquelau ficou com a Judéia, Samaria e Iduméia. Este foi mais déspota que seu pai. Em desespero, os judeus apelaram para o Rei Augusto, que acedeu em substituí-lo. De nada adiantou. O Imperador passou a governar por procuradores até que estourou nova guerra de independência em 66 d.C.

O primeiro procurador fez um censo entre os judeus com a finalidade de arrancar mais impostos. Provocou agitações e surtos de guerrilha. Entre 7 d.C. e 41 d.C., diferentes procuradores regeram o país. Muitos deles eram soldados ignorantes e cruéis que só sabiam resolver os problemas com derramamento de sangue. Lenta e inexoravelmente, jogaram os judeus nas mãos dos partidários da revolta: os zelotes. Houve um breve interlúdio, quando os romanos nomearam como regente um neto de Herodes, Marco Júlio Agripa II, dissoluto e portador de todos os vícios da educação romana. Com sua ascensão, acabou o período dos procuradores. Durante três anos, governou sem tomar qualquer medida. A anarquia reinava. Numa cerimônia estatal, em que foi proclamado Deus, caiu fulminado. Tivera relações incestuosas com sua bela irmã, Berenice. Quando a notícia se espalhou, Berenice persuadiu Polêmon, Rei da Selêucia, a circuncidar-se e casar com ela. Visava, com isso, abafar os rumores contra o seu comportamento. Polêmon concordou devido à riqueza de Berenice, mas esta logo abandonou o marido para voltar ao regaço do irmão. Duas outras irmãs, Mariane e Drusília, também se envolveram em aventuras amorosas. Aos dez anos de idade, Mariane foi casada com o príncipe de Comagene, Júlio Aquileu Epifânio, que para isso foi circuncidado. Mais tarde, divorciou-se dele em favor de Demétrio, magistrado e chefe dos judeus de Alexandria. Drusília tomou seu lugar como esposa de Epifânio, mas este acabou por repudiá-la e abandonou o judaísmo. A pequena Drusília foi então unida a Azizus, Rei de Emersa, que também foi circuncida-

do. Mas esse foi logo abandonado em favor de Antônio Félix, vassalo do Imperador Cláudio e procurador da Judéia.

Com a morte de Agripa, os procuradores voltaram – incompetentes, violentos, ignorantes e exploradores. O último, Florus, impôs altas taxas e vestiu-se de Sumo-sacerdote, violando o templo com obscenidades. Todos os judeus se revoltaram. Os zelotes expulsaram a guarnição romana de Jerusalém e puseram em debandada as legiões. Em maio de 66 d.C., a revolta contagiou a nação e estendeu-se a todos os lugares. Era Golias desafiado por Davi. Um país diminuto enfrentando o gigante que dominava o mundo. Antes disso, quando Ventidius Cumanos era procurador da Judéia (48-52 d.C.), ocorrera um massacre de judeus em Jerusalém provocado por um incidente sexual. Era o quarto dia da Páscoa, uma multidão se comprimia no templo, e Cumanos ordenou que uma legião fizesse a guarda para evitar distúrbios. De acordo com o historiador Flavius Josephus, um soldado retirou a túnica e expôs a genitália para a multidão. Esta reagiu e foi dizimada pelos legionários. Em vez de um festival, os judeus tiveram um holocausto. Um incidente mais grave foi o estopim da revolta. Ainda durante a Páscoa, Florus, o procurador, tirou as roupas do Sumo-sacerdote, colocou as vestes sagradas sobre seu corpo e fez gestos obscenos imitando o ritual sagrado. Durante a revolta, Agripa e Berenice apoiaram Roma e, por isso, seus palácios foram queimados. As mulheres do harém de Agripa e os serviçais de Berenice foram levados para lupanares e ali estuprados. Até as estátuas das irmãs de Berenice foram violadas, e sobre elas despejados urina e sêmen, antes de serem destruídas.

Iniciada a revolta, o chefe dos guerrilheiros, Eleazar ben Jairos, recebeu a rendição dos soldados romanos de Jerusalém, mas assassinou barbaramente a todos. Outro chefe dos revoltosos, John de Guechala (Jochanan ben Levi), chefiou uma legião de piratas galileus que aterrorizavam e matavam todos os simpatizantes de Roma ao seu alcance. O seu divertimento era matar os homens e abusar das mulheres, fantasiados de mulher, por puro deboche. Depois que os judeus foram derrotados, os romanos se vingaram dos revoltosos, na parada da vitória, obrigando seus componentes a marchar com o pênis em permanente ereção, sob manipulação constante. Tito, o general romano vitorioso, trouxe duas prostitutas, estendeu sobre o altar do templo dois rolos da *Torá*, obrigou-as a deitarem-se sobre os rolos, e ali foram elas possuídas sucessivamente pelas

legiões romanas. As tropas romanas pilharam o templo e sodomizaram os sacerdotes. O santuário do templo foi transformado numa casa de prostituição, onde mulheres judias e jovens judeus eram vítimas da lascívia dos soldados romanos. Mas até chegar à vitória, os romanos se viram a braços com muitas dificuldades para derrotar os judeus.

A situação era então tão grave que o Imperador Nero convocou o mais famoso de seus generais, Vespasiano. Este, após um ano de lutas, derrotou na Galiléia o exército dos revoltosos judeus, comandados por uma figura excepcional, que mais tarde ficou famoso como historiador – Joseph ben Matatias, conhecido como Flavius Josephus (38-100 d.C.). Era ele um judeu palestino, de família rica e instruída. Fez seus estudos em Roma e retornou à Judéia para seguir a carreira militar, assumindo o comando das forças revolucionárias da Galiléia. Derrotado, foi capturado e levado ao general Vespasiano. Os dois simpatizaram um com o outro, e Josephus teve a permissão do general para acompanhá-lo, com o objetivo de descrever a guerra. Daí ter sido considerado pelos judeus como traidor. Entretanto, seus livros *História da Guerra Judaica* e *Antigüidades dos Judeus* são de valor excepcional, analisando a história dos judeus de 100 a.C. a 100 d.C., ano após ano. Vespasiano cercou a capital, tentando vencê-la pela fome e pela sede. Nomeado Imperador dos romanos, deixou em seu lugar seu filho, Tito. Este, depois de várias tentativas, com 80 mil legionários, a maior tropa já usada pelos romanos contra qualquer país, irrompeu na cidade, através de uma brecha nas muralhas, mas foi fragorosamente derrotado nas batalhas corpo-a-corpo. Convenceu-se Tito de que não poderia ganhar a luta em combates e, assim, resolveu estabelecer um cerco mais rigoroso, matando todos que ousassem sair da cidade. Era uma questão de tempo. Ao fim de um ano, 600 mil judeus depauperados caíram indefesos. De acordo com o historiador romano Tácito (55-120 d.C.), o templo foi queimado, crianças foram jogadas nas chamas, mulheres estupradas e sacerdotes massacrados. Os sobreviventes foram levados a Roma para a parada da vitória, e vendidos como escravos ou atirados à sanha de animais selvagens. Os romanos também sofreram duras perdas e só venceram porque, em maior número. Mas, para esconder a pobreza da vitória, realizaram uma marcha triunfal em Roma, cunharam moedas comemorativas e construíram um arco do triunfo, honra reserva-

da a grandes acontecimentos. O arco do triunfo persiste até hoje como testemunho de um povo e de uma nação extintos, enquanto os derrotados ressurgiram de todos os apocalipses por que passaram.

Berenice e Tito

Berenice, princesa judia do século I, era filha de Salomé e sobrinha de Herodes. Casou-se primeiro com seu primo Aristóbulo e depois que este morreu, com o cunhado de Herodes, Teudion. Apaixonada pelo irmão, Agripa, com quem teve relações incestuosas, foi obrigada a casar-se com o Rei Polêmon da Selêucia, mas logo o abandonou para voltar ao regaço de Agripa. Após a revolta dos judeus, fugiu com ele para Roma, onde encontrou seu grande amor: o general Tito, que acabara de conquistar Jerusalém. Foi este um dos grandes amores trágicos da História, cantado em prosa e verso por Racine (1639-1699), o grande dramaturgo francês, e pelo não menos famoso dramaturgo Corneille (1606-1684). Como terceiro personagem do drama, aparece o Príncipe Antíoco, que, de longe, acompanhou Berenice a Roma para declarar-lhe seu amor, mas foi por ela repelido. A escandalosa relação entre Berenice e Tito, no palácio Palatino onde os dois viviam, era apenas carnal. Tito, como verdadeiro romano, recusou-se a ser circuncidado e a se casar com ela. Além disso, as leis romanas proibiam a seus mandatários que se casassem com princesas estrangeiras. Pressionado, Tito mandou Berenice de volta ao seu irmão Agripa. O drama dos dois amantes mostra as divergências entre a História e a Literatura. Pela História, Berenice deveria ter mais de cinqüenta anos quando Vespasiano morreu e foi sucedido por Tito. Era, portanto, uma amante já idosa que talvez Tito tenha rejeitado. Mas os textos literários ignoram esta versão. A *Berenice* de Racine e de Corneille é tão jovem como seu amante. O Tito dos dois autores não procura conquistar uma amante mais velha mas sim uma princesa exigente que colocou bem alto o preço de seu amor e que ama desesperadamente: "*Elle passe ses jours, Paulin, sans rien prétendre que quelque heure à me voir, et le reste à m'attendre.*" A separação entre os dois seria exclusivamente fruto de uma razão de estado, pois Roma não queria a união.

A Revolta Continua

No ano de 113 d.C., os remanescentes judeus da Palestina iniciaram nova revolta. O Imperador Trajano marchava contra os partas, quando os judeus se revoltaram no Egito, em Antióquia, em Chipre e na Palestina. Por três anos, os judeus resistiram a Trajano, até que foram vencidos pela superioridade romana em número e armamentos. O Imperador Adriano, que sucedeu a Trajano, fez construir um templo a Júpiter em Jerusalém, e modificou o código penal para incluir a circuncisão como crime punido com a morte. Era a extinção do judaísmo.

Uma nova revolta eclodiu, chefiada por Bar Cochba, em 130 d.C., com o apoio do rabi Aquiva, que considerou o guerreiro o Messias esperado. Pouco se sabe sobre sua vida. Seu nome real era Simeon bar ou ben Cosiba e o apelido Bar Cochba significa "filho das estrelas". Diz-se que ele descendia do Rei Davi. Textos talmúdicos o descrevem como possuidor de grande força física, autocrático e irascível, o que é confirmado por cartas encontradas no Mar Morto. As forças de Bar Cochba recapturaram Jerusalém, derrotaram os romanos em sucessivas batalhas, mas acabaram derrotadas em Bethar por uma armada de 35 mil soldados sob o comando do general Severo. Bar Cochba morreu na batalha. O rabi Aquiva foi morto após torturas, e Jerusalém ficou sem um único judeu.

A fase romana do domínio judeu termina com o reino de Adriano. Grande parte dos judeus sucumbiu aos atos bárbaros de latrocínio, vandalismo, estupro e assassinato. Os que sobreviveram e não conseguiram fugir, foram vendidos como escravos ou utilizados como mercadoria sexual. Mas, com o decorrer do tempo, as coisas amainaram. Roma tinha pouca ascendência sobre sua minoria judaica e os romanos acabaram por aceitá-la. Chegaram a conferir aos judeus a cidadania romana em 212 d.C.. Mas os judeus rejeitaram os romanos e se transformaram em uma minoria marginalizada, que, com sua força espiritual, rejeitava a maioria dominante, agrupando-se em nova fortaleza: o *Talmud* e as casas de estudo ou *yeschivot*.

Expulsos, os judeus durante a diáspora eram cerca de cinco milhões, oito por cento da população mundial de então, subordinados como os demais povos ao Império romano. E os romanos nutriam preconceitos antijudaicos semelhantes aos dos gregos. O historiador latino Tácito (50-

120 d.C.), na sua *Historiae Judaeus*, escreveu que os judeus eram obstinadamente afeiçoados uns aos outros, conectados e ligados entre si numa comiseração mútua que complementava seu implacável ódio e sua aversão pelo resto da humanidade. Disse Tácito: "Eles comem e dormem isolados do resto, são afeitos à devassidão, mas se abstêm de ter relações com mulheres estranhas." A abstinência sexual com mulheres gentias era compulsória. Por outro lado, as mulheres judias abominavam os que tinham prepúcio. A aversão mútua não impediu, porém, que mulheres e homens não tão devotos se aventurassem com gentios.

Apesar dos preconceitos, o espírito liberal dos romanos prevaleceu, permitindo, aos poucos, que os judeus desfrutassem de uma relativa liberdade econômica e política. Tornaram-se mercadores proeminentes, administradores e até militares. O poeta latino Catulo (87 d.C.) descreve seu patrão, Memius, judeu, magistrado em Bitínia, como "pretor e chupador de picas" e um outro judeu, Pisa, com idênticas qualificações. No ano 70 d.C., o Imperador Vespasiano despachou três navios cheios de jovens e belos judeus para lupanares romanos. E seu filho Tito mandou mais 400 jovens, de ambos os sexos, para serem explorados sexualmente. A imoralidade imperava nesses bordéis. O poeta latino Ausônio imortalizou o caso clássico da mulher sem-vergonha, *mulieris impudicae*, de nome Crispa, que vivia naquela época: "ela masturba, chupa, coloca o pênis em todo buraco, nada deixa sem experimentar e assim não morre em vão." É uma impudicícia remanescente de Catulo, o poeta latino de Verona, que descreve as ações de uma lésbica que masturbava os filhos de Remus. Foi uma época de oposição violenta à religião judaica e à circuncisão. O retórico grego Ápion, que viveu durante o reinado de Tibério (42-37 d.C.), segundo Imperador romano, investiu violentamente contra os judeus, fazendo com que Flavius Josephus fosse obrigado a reagir dizendo que Ápion fora obrigado a recorrer à circuncisão por causa de uma úlcera no seu pênis, e que, assim mesmo, a cirurgia havia sido ineficaz por ter sido feita tarde demais, estando o órgão já putrefato, e causando-lhe morte tenebrosa.

CAPÍTULO III

AMOR E SEXO NO *TALMUD*

Quando os judeus foram derrotados pelos romanos, expulsos de sua terra e dispersos pelo mundo, os rabinos estavam convencidos de que o judaísmo só poderia se manter através de uma dedicação extrema à *Torá*. E se organizaram para difundir seus conhecimentos, angariar discípulos e desempenhar a máxima influência na vida judaica. "Quando as perseguições de Adriano terminaram, nossos sábios se reuniram em Uscha: rabi Yehuda, rabi Nehemias, rabi Meir, rabi Simon ben Yohai, rabi Eliezer, o filho do rabi Yose, o galileu, e rabi Eliezer ben Jacob. Eles mandaram uma mensagem aos mais velhos da Galiléia: 'Aquele que estudou deve ensinar e aquele que não estudou deve vir e estudar.' Eles se reuniram, estudaram e ensinaram" (Cântico dos Cânticos Rabah, 2, 16). Graças a isso, os judeus jamais desapareceram ou foram varridos da História como aconteceu com os outros povos: helenos, romanos, celtas e gauleses. E a sua língua, o hebraico, é a única que permanece viva no decorrer dos séculos. Os judeus sobreviveram encouraçados pela *Torá*.

Tudo começou no ano 68 d.C., durante o cerco de Jerusalém, pouco antes de sua queda. As tropas romanas, incapazes de tomar a cidade, a sitiaram completamente impedindo o seu abastecimento. O interior da cidade era a encarnação do inferno. A população morria de fome e de epidemias. Os que queriam escapar eram mortos pelos zelotes, que dominavam a parte central da capital, e os que conseguiam escapar eram mortos pelos romanos, que dominavam as localidades periféricas. Dentro da cidade, vivia o maior sábio judeu do século I, obcecado pela

idéia de salvar o povo judeu e impedir o seu desaparecimento. Ele sabia que os romanos iriam vencer, sabia que eles iriam dispersar seu povo, e estava obcecado pela idéia de que só o estudo e a sabedoria aliados à religião poderiam manter o judaísmo vivo para sempre. Pensou, então, em um estratagema para sair da cidade. Fingiu-se de morto e seus discípulos saíram para as ruas cobertos de cinza, lamentando a sua morte. E obtiveram permissão dos zelotes para sepultar o mestre fora dos muros da cidade. Saíram com a mortalha, levando o rabi vivo diretamente para a tenda do general romano que chefiava o sítio, Vespasiano. A mortalha foi desfeita e, sem temer os romanos, Yochanan falou-lhes com firmeza. Disse ao general que tinha uma profecia a fazer e um pedido. A profecia: "Vespasiano seria em breve Imperador de Roma." O pedido: "Permitir o estabelecimento de uma escola de estudos das escrituras na Palestina." Um ano depois, a profecia se cumpriu. O senado romano ofereceu a Vespasiano o título de Imperador. E o pedido foi atendido, com a criação de uma escola de altos estudos, em Yavneh, cidade ao norte da Palestina, onde foi instalada a primeira *yeschivah* (escola de estudos hebraicos). Era o marco inicial da sobrevivência judaica.

A história da *Bíblia* começa com a criação do mundo: *No começo Deus criou o céu e a terra. E a terra era sem força e vazia. E havia trevas sobre a face do abismo. E o espírito de Deus se movia sobre a face das águas e Deus disse: Haja luz. E houve luz* (Gên. 1, 1-4). Mas o *Talmud* afirma que antes da criação do mundo já existia a *Torá*. Ela teria sido criada dois mil anos antes, escrita com fogo preto sobre fogo branco e aninhada no regaço de Deus. É a versão do judaísmo rabínico. Sua grande figura, além de Yochanan ben Zacai, foi o rabi Aquiva.

O Romance do Rabi Aquiva

O rabi Aquiva ben Joseph é considerado o pai do judaísmo rabínico. O grande problema do exílio era adaptar a *Torá* escrita e suas leis para o uso prático de uma nova vida sem templo e sem pátria. Os sábios, ao assumir a tarefa, tinham de realizar verdadeiras proezas. O processo envolvia especificações de contextos e isolava frases e até palavras, conferindo-lhes um novo sentido. O rabi Aquiva foi o mais proeminente expoente desta fase, argüindo que cada sílaba da *Torá* possuía um

significado independente. No início de sua vida, foi ele um pastor ignorante. Apaixonou-se por Rachel, filha de seu patrão, Calba Savua, e ela concordou em desposá-lo contanto que ele estudasse a *Torá*. Aquiva duvidou de sua capacidade até que viu uma pedra ser desgastada por um gradual, mas constante, pingo d'água. O pai de Rachel desaprovou o casamento e recusou qualquer ajuda financeira ao casal, fazendo com que Rachel vendesse sua basta cabeleira para obter dinheiro. Sentava-se ao seu lado, segurando lascas de madeira acesas, para que ele pudesse estudar sem ser perturbado. De acordo com o *Talmud*, os dois dormiam num celeiro de feno e o rabi catava o feno de seus cabelos.

Ele dizia para a mulher: – "Se eu pudesse te daria uma Jerusalém de ouro." Eliahu, o profeta, disfarçou-se de mendigo e apareceu-lhe chorando na porta do celeiro implorando um pouco de feno porque sua mulher estava prestes a dar à luz e o rabi Aquiva disse: – "Vê, há alguém que nem feno tem."

Rachel insistiu para que Aquiva fosse estudar e ele foi à *yeschiva* onde ficou durante 12 anos, tendo estudado com o rabi Eliezer e com o rabi Yehoschua. Ao voltar para casa, na soleira da porta, surpreendeu um velhaco dizendo para sua mulher: – "Teu pai sempre te tratou adequadamente. O rabi Aquiva não é da tua classe e, além disso, te transformou numa viúva viva, por todos esses anos." E ela respondeu: – "Se ele seguisse meus desejos, estudaria mais 12 anos." Ouvindo isto, o rabi Aquiva afastou-se e foi estudar mais 12 anos. Voltou, finalmente, muito prestigiado e com 24 mil discípulos. Todos vieram recepcioná-lo, inclusive sua mulher, Rachel. O velhaco disse para ela: – "Onde você pensa ir? E ela respondeu: – "O homem justo olha pela vida de seus animais." Era uma conotação talmúdica da relação entre o pastor e seu rebanho, na cultura pastoral judaica. Ela foi ao seu encontro e, embora os rabis da comitiva quisessem afastá-la, o rabi Aquiva falou: – "Deixai-a vir para mim; o que é meu e o que é de vocês, na realidade, é dela."

O sogro, Calba Savua, ao ver o prestígio de Aquiva, arrependido, revogou o ato que o deserdava e o rabi tornou-se rico por sua herança. Aquiva tornou-se o rabi mais importante de sua geração e muitas lendas correm a seu respeito. Dizem que foi um dos quatro rabinos que fizeram a mística jornada ao paraíso tendo só ele saído vivo desta experiência. Dizem que tudo que lhe acontecia ele aceitava como bondade de Deus.

Em uma ocasião, ao peregrinar montado num burro, levando um galo e um lampião, chegou a um lugarejo, mas não encontrou pousada. Impávido, dormiu no campo. Durante a noite, houve uma tempestade: o lampião apagou, o galo foi comido por um animal selvagem, e o burro fugiu. No dia seguinte, soube-se que o vilarejo fora atacado por bandidos e que ele, Aquiva, não fora molestado por não ter sido visto, pois o lampião se apagou e não tinham ouvido o galo cantar nem o burro zurrar. Tudo que parecia um castigo fora para seu bem. Aquiva apoiou de corpo e alma a revolta de Bar Cochba. E acreditava que ele era o Messias que veio para libertar os judeus do jugo romano. Foi por isso cruelmente martirizado pelos romanos após a derrota. Torturado até a morte, recitava o *Schemá*, pois assim conseguia, através seu martírio, demonstrar o seu grande amor por Deus.

Os Livros Sagrados do Judaísmo: a *Mischnah*, o *Talmud* e o *Midrasch*

O monumental trabalho de escrever a tradição oral do judaísmo começou com os rabis pioneiros: Yochanan ben Zacai e Aquiva ben Joseph, e foi consolidada pelo rabi Judah Hanassi, o príncipe (135-220 d.C.), na *Mischnah*. É o primeiro livro sagrado do judaísmo depois das escrituras e seus autores, não identificados, dividem-se em dois grupos. O primeiro, composto por autoridades religiosas que viveram entre os anos da destruição do templo e o advento da revolta de Bar Cochba, e o segundo, por autoridades que viveram entre 135 a 200 d.C. A *Mischnah* teria sido terminada em 200 d.C., predominando os autores da segunda fase.

Gerações posteriores de sábios e rabinos adicionaram comentários e interpretações que, juntamente com o texto original da *Mischnah*, formam o *Talmud*. A lei oral do *Talmud* e a lei escrita da *Bíblia* transformaram-se na pátria espiritual e portátil dos judeus, substituindo o território que eles haviam perdido. A vida dos judeus na diáspora centrou-se em torno das casas de estudo - *batei midrasch* e das casas de oração e reunião - *batei cnesset*. E tudo dominado pela *Torá*.

Os movimentos rabínicos tinham por finalidade expandir o estudo de modo que as leis das escrituras pudessem abranger a vida cotidiana. Existem, na realidade, duas modalidades de *Talmud*: o primeiro, o palestino, redigido antes, e o segundo, elaborado pouco depois, o babilônico.

Quando os dois foram compostos, a influência dos rabis abrangia apenas uma parcela da vida judaica, a comunidade mais ampla não estava totalmente engajada nos seus ensinamentos. O *Talmud* e a literatura a ele relacionada estavam restritos a grupos de estudiosos; mas, com o tempo, os textos rabínicos foram transformados na base da vida judaica. O judaísmo já era então um judaísmo rabínico. A literatura rabínica não estava mais restrita a grupos, era propriedade pública. Era a lei a que todos os judeus deviam obedecer, embora nem todos a estudassem. A legislação talmúdica não era somente material de estudo. Era uma legislação comunitária que se estendia a todos os aspectos da vida cotidiana, inclusive aos relacionados ao sexo.

O *Midrasch* não é um tratado, nem sequer um trabalho uniforme. É antes um conjunto de inúmeros *midraschim*, coligidos durante séculos por vários autores e editores, especialmente entre os séculos V e XIII. Originalmente, eram orais, só vindo a ser escritos nos séculos anteriormente citados. Para muitos autores, seriam inclusive anteriores à *Mischnah*. A palavra *midrasch* significa "interpretação" e esta abrange dois ramos: a *Halacá* e a *Hagadá*. A *Halacá* é a parte que lida com as leis. A *Hagadá* é a parte romântica. Contém contos, parábolas, homilias, afirmações teológicas e éticas. Um exemplo importante é a *Hagadá* de *Peissach* (páscoa), lida pelos judeus para relembrar a libertação do Egito. A introdução desta *Hagadá*, com as quatro questões feitas pelas crianças sobre o significado das comemorações, é puro *midrasch*. Temos de citar ainda a *Toseftá*, um verdadeiro suplemento da *Mischnah*, associada ao rabi Nehemias, discípulo do rabi Aquiva. Seis dos seus capítulos equivalem aos da *Mischnah* e têm os mesmos títulos. Alguns de seus parágrafos, denominados *baraitot*, são versões alternativas de parágrafos da *Mischnah*, outros suplementam ou elucidam esses parágrafos. Outros, finalmente, são independentes.

A literatura rabínica não é monolítica. Há muitos pronunciamentos díspares, compostos anos a fio em centros geográfica e culturalmente distantes como a Palestina e a Babilônia. Muitos pontos de vista são contraditórios, expostos e discutidos abertamente, inclusive na área sexual. O *Talmud* é essencialmente democrático, expõe e debate opiniões freqüentemente divergentes. A *Mischnah*, junto com a *Torá*, constitui a escrita sagrada sobre a qual, durante 900 anos, o judaísmo foi erigido. As suas seis divisões abrangem a agricultura, os feriados e o Sábado, as leis

de transferência de haveres e de mulheres de um homem (o pai) para outro (o marido), e ainda as leis civis e criminais, o sistema de culto, as leis de pureza ritual e doméstica, esta última de cama e mesa.

Na concepção israelita, a célula básica da nação é a família e os autores da *Mischnah* não imaginavam uma família chefiada por mulher. Tanto assim que a mulher divorciada devia voltar à casa dos pais. Na *Mischnah*, os capítulos que cuidam do problema das mulheres são em número de sete e, destes, quatro cuidam da transferência do pátrio poder para o âmbito do marido. Três são dedicados à formação dos laços matrimoniais pelo noivado e casamento e à dissolução desses laços através do divórcio: *quiduschim, quetubot e gittin*. Uma das partes, a *sotah*, é devotada à intervenção divina na formação e dissolução do casamento pelo divórcio ou pela morte. E, finalmente, mais dois tratados: *nedarim* e *nazir* conjugam as ações divinas e terrestres, como, por exemplo, as promessas, as devoções e os votos das mulheres, sempre, porém, sujeitas à aprovação dos maridos.

A conduta das mulheres é detalhada em *quiduschim*. O homem não deve permanecer a sós, com duas mulheres, mas a mulher pode permanecer a sós, com dois homens. Também o homem pode permanecer a sós, com duas mulheres, se uma delas é sua mulher. Ele pode dormir com elas no mesmo espaço, porque sua mulher o vigia. O homem pode ficar só com sua mãe ou com sua filha e podem até dormir juntos. Mas filho ou filha crescidos devem dormir vestidos. Os que têm negócios com mulheres não devem ficar sozinhos com elas. E não devemos ensinar profissão ao filho que o mantenha em contato permanente com mulheres.

O *Talmud* é constituído por comentários sobre a *Torá* e sobre a *Mischnah*. São, como dissemos, dois. Um foi elaborado em Israel, e completado em 400 d.C., e o segundo na Babilônia, e completado em 600 d.C. Diferem eles na escolha dos tratados da *Mischnah* que analisam e no tratamento que lhes dão na análise. O de Jerusalém comenta 39 tratados e o da Babilônia, 37.

Para Daniel Boyarin, no seu excelente livro *Carnal Israel* (1993), o que distingue o judaísmo rabínico, que surgiu depois da destruição do segundo templo, do judaísmo helênico, que predominava antes, é a concepção do corpo humano. Pelo judaísmo helênico, personificado no cristianismo, o corpo é relegado a um plano secundário. Isto é bem expresso

por São Paulo na sua "Epístola aos Coríntios": *Vede a Israel, segundo a carne* (I Corint. 10, 18). Em outras palavras, os helenistas e cristãos não se vinculariam à carne e sim ao espírito, enquanto os judeus estariam vinculados à carne, isto é, ao corpo. É uma afirmação muito comum nos antigos escritos cristãos.

A vida íntima dos judeus, a sua preocupação com o corpo, a ênfase dada por eles aos problemas do sexo e à reprodução, foram estigmatizadas como carnais pela Igreja cristã. Nos alvores do movimento rabínico não havia essa distinção tão clara entre os dois movimentos. O movimento rabínico começara a se firmar e muitos judeus de influência e fala grega, como Flavius Josephus, eram helenistas. A radicalização só se cristalizou pouco a pouco, até atingir a divisão absoluta: os helenistas cristãos e os anti-helenistas judeus, os primeiros investindo tudo na alma, e os últimos, também no corpo.

Para o judaísmo rabínico, diz Boyarin, o ser humano era corpo animado pela alma, e para os helenistas, como o judeu grego Philo (20 a.C.-54 d.C.), a essência do ser humano era a alma, apenas hospedada no corpo. A diferença entre as duas concepções pode ser verificada na interpretação do texto bíblico sobre a formação do primeiro ser humano: *E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou: macho e fêmea o criou* (Gên. 1, 27) e: *E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida e o homem foi feito alma vivente* (Gên. 2, 7). O homem estava só, Deus o fez cair em sono pesado, tirou uma costela e formou a mulher. Não há duvida de que na concepção de *Gênesis* 1, o primeiro ser humano era andrógino. Mas, enquanto os helenistas Philo e seus discípulos, e São Paulo interpretavam esse primeiro homem como puramente espiritual, sem um corpo, acreditando que em *Gênesis* 2 se verifica um novo ato de criação do homem e da mulher, os rabis consideram a primeira criatura como andrógino corpóreo, dividido em dois no segundo ato da criação. O primeiro grupo considera o primeiro ser humano puramente espiritual e assim é a espiritualidade que domina. O segundo grupo considera o original já materializado. A questão fundamental não é resolvida no *Talmud*, que, aliás, não suprime nem desdenha qualquer opinião. As duas concepções são apresentadas e cabe a nós decidir pela mais correta. As duas versões provêm de fontes credenciadas e a dissensão é de certo modo canonizada.

De um lado, a concepção platônica em que a alma é o ser e o corpo é apenas sua moradia, transitória. A mesma imagem de São Paulo: *Porque sabemos que se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, teremos de Deus uma casa não feita por mãos, mas sim eterna, nos céus. Por isso, também gememos, desejando ser revestidos de nossa habitação, que é do céu. Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus, é porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida* (II Aos Coríntios 5, 1-4). São Paulo refere-se aqui à ressurreição, mostrando que o corpo do ressuscitado não será o mesmo.

O judaísmo rabínico defende a concepção material desde Adão, no qual a costela seria de dois lados. Em lugar nenhum da literatura rabínica a alma é divina. O ser humano é um corpo animado e não uma alma morando no corpo. A alma é o agente vitalizante do corpo mas não vive fora dele. É comparada ao sal que preserva a carne. É ainda Boyarin que cita o exemplo de uma reza, feita após a micção ou defecação: "Abençoado seja Deus, o Rei do Universo, que fez o homem com inteligência e criou nele orifícios e buracos. Fechados os orifícios e buracos, a vida seria impossível. Abençoado o que cura toda a carne e fez coisas milagrosas". O texto mostra claramente a aceitação e o louvor à carne na mais material das funções humanas e a relação do homem com seu corpo. Diferentemente dos cristãos, que consideram o ascetismo um ideal, os rabis não o aceitam de modo algum. Todos os homens devem se casar e ter filhos. Os que não cumprem o preceito são equivalentes a assassinos. A sexualidade é um componente essencial do ser humano, em contraste com o helenismo, que advoga a sublimação.

Mas, mesmo entre os rabinos, há opiniões mais próximas dos helenistas. A figura rabínica mais crítica em relação ao sexo foi a do rabi Eliezer ben Horquenus. Viveu entre os séculos I e II e era discípulo de Jochanan ben Zacai e um grande sábio. Jochanan dizia que o rabi Eliezer equivalia a todos os rabis de Israel juntos. Dizem as lendas, que até no céu, Deus citaria seus pensamentos. A história relatada no *Talmud* de como ele fazia sexo com a mulher é ilustrativa de seu ascetismo: "Perguntaram a Ima Schalom, a mulher do rabi Eliezer, como ela concebera filhos tão lindos e ela respondeu: 'Ele não tem relações comigo nem no começo da noite, nem no fim, mas à meia-noite, e quando ele tem rela-

ções expõe apenas uma polegada e a cobre logo e parece dirigido por um demônio." (*Nedarim, Talmud* babilônico). Trata-se de uma atitude negativa em relação ao prazer, em que o rabi Eliezer parecia realizar o ato, constrangido e apressadamente, por instigação do demônio. O pensamento do rabi parecia idêntico ao dos helenistas, em que a única justificação era a procriação. Mas esta não é a regra no *Talmud*.

A regra é não desprezar o prazer sexual. Antes praticá-lo com alegria e espírito aberto, como recomendava o rabi Yossef, aconselhando a intimidade carnal e dizendo que os judeus não deviam imitar os persas que copulavam vestidos. Também o rabi Huna diz: "O que diz que no seu desejo 'ela e eu devemos estar vestidos', deve divorciar-se da mulher e pagar-lhe seu legado". A centralidade do prazer sexual pode ser deduzida da bela história narrada pelo rabi Idi ao interpretar o seguinte inciso do *Cântico dos Cânticos*: *Leva-me tu, correremos após ti. O Rei me introduziu nas tuas câmaras. Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos, do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho, os retos te amam* (Cântico 1, 4). A história é contada no *Schir Haschirnm Raba*. Refere-se a um casal que passou dez anos casado sem ter filhos. Ele deveria divorciar-se dela e se casar com outra. O casal, que vivia em Sidon, foi ao rabi Schimon ben Yohai para obter o divórcio. E o rabi disse a eles: "Na cerimônia do casamento, vocês deram uma grande festa, repeti a festa para anunciar o divórcio." Eles seguiram a sugestão, fizeram um festival de comes e bebes e a mulher embebedou o marido. Ainda meio desperto, o marido, que gostava da mulher, lhe disse: "Sou obrigado a me divorciar de ti, mas como testemunho do meu amor, leva para tua casa o que considerares o bem mais precioso." E, dito isto, adormeceu. Quando o marido estava mergulhado em seu sono mais profundo, a mulher chamou os servos e mandou levá-lo à casa de seus pais. Ao acordar, o marido se surpreendeu mas a mulher se justificou: "Levei para casa o bem que achei mais precioso, como tu ordenaste." Voltaram, então, ao rabi Schimon para anular o pedido de divórcio. O rabi os abençoou e ela foi lembrada por Deus e engravidou. Ao sugerir a festa, o rabi usou o termo *nizdavagtem*, que, traduzido literalmente, significa "cópula". Boyarin acredita que a história esconde delicadamente que os dois, após o banquete, tiveram uma relação sexual e que verificaram que se amavam tanto que não podiam permitir que a *halacá* os separasse. Mas, qualquer que seja a interpretação, o amor sobrepuja aqui a procriação como a base de uma casamento feliz.

A Tentação e a Atividade Sexual – O Papel das Mulheres

Uma das preocupações do *Talmud* é com o *yetzer hora*. Seria ele o desejo irrefreável para o mal e para o pecado ou especificamente para a realização do ato sexual. O homem ao ser criado tem o poder de decidir seu destino, entre o bem e o mal a cada momento. Deus disse: *Vês aqui, hoje te tenho proposto: a vida é o bem e a morte é o mal* (Deut. 30, 15). Os helenistas, na base desse texto, apontam duas linhas de ação: os caminhos bons e maus. E, para eles, a tentação sexual e o próprio ato seriam o mau caminho. Mas os rabinos divergem. Para eles, a grande finalidade do ato é a procriação e acrescentam o *yetzer hora:* afinal não é tão mau porque através dele perpetuamos a espécie. Além disso, os rabis admitem abertamente outros propósitos da cópula: o prazer, a intimidade entre homem e mulher e o bem-estar do corpo. Mesmo quando a procriação não é possível, como na esterilidade ou na menopausa, os outros propósitos são válidos e valorizados. E quando a gravidez é desaconselhada por questão de saúde, ainda assim admitem a relação sexual acompanhada de medidas anti-concepcionais. Um fato interessante é que nesses casos o uso do preservativo é condenado porque interferiria com o prazer do atrito entre as duas carnes. Para os rabis, embora a cópula seja uma poderosa atração com possibilidades destrutivas, também é essencialmente uma força criadora na vida terrestre.

Os rabis não se propunham a intervir na atividade sexual das mulheres e dos homens. Ela jamais foi codificada. Exaltaram a parte romântica e afetiva, a harmonia dos desejos e o despertar de um mútuo prazer. Isto pode ser deduzido das palavras de Yochanan ben Dabai: "Tudo que o homem deseja fazer com sua mulher ele pode fazer, de modo análogo à carne que vem do açougue. Podemos comê-la com sal, grelhada, cozida ou assada. Do mesmo modo, o peixe que vem da peixaria. Atos não procriativos são permitidos e até mesmo o coito anal". As leis que condenam a emissão do sêmen em vão, referem-se unicamente à masturbação.

Em todo o *Talmud*, a relação sexual exige a colaboração mútua do casal. Toda a coerção é proibida, inclusive a verbal. A conjugação de desejos é imperativa. A lei talmúdica é o primeiro sistema moral e legal que reconhece como estupro o ato de forçar a mulher a satisfazer o

desejo sexual do homem sem a sua vontade. As mulheres jamais são consideradas como objetos sexuais, e sim como seres indefesos, dignos de comiseração e respeito que devem ser tratados com solicitude e carinho.

No *Talmud*, um dos grandes defensores da dignidade das mulheres foi Rav. Seu nome era Aba Arecha (Aba, o comprido) porque era o homem mais alto de sua geração. É possível também que Arecha tenha sido seu lugar de nascimento na Babilônia. Foi ele o fundador da Academia de Estudos em Sura, na época do Rei persa Artabã, muito amigo dos judeus e de Aba Arecha. Em pouco tempo, a Academia reunia mais de 1.500 estudantes de todo o mundo. Aba Arecha nasceu em 155 d.C., e quando fundou a academia tinha 64 anos. Sua família era de origem nobre e altamente respeitada nos círculos do saber. Além disso, por casamento, era relacionado com o rabi Huna, que diziam ser descendente do Rei Davi. Muitos de seus ensinamentos estão preservados no *Talmud* de Jerusalém, porque antes da Academia de Sura seus discípulos pregavam naquela cidade.

Rav tinha grande respeito pelas mulheres, num grau muito mais elevado do que era costume na época. O respeito pode ser observado nas suas sentenças e decisões limitando o direito dos pais sobre as filhas e dos irmãos sobre as irmãs órfãs. Nos seus escritos, as mulheres são designadas pelo nome próprio, o que é outro sinal de deferência. Também se preocupava com a moral e a proteção das mulheres. Mandava punir com açoites o que casava com a mulher tendo em vista apenas a atração sexual, ou o homem que se casava com a primeira mulher que encontrava na rua, antes de haver um acordo formal do casal sobre o contrato de casamento. Em todos os seus ensinamentos, há uma grande preocupação em defender os fracos e, por isso, já naquela ocasião, aspirava a tornar as mulheres mais independentes e menos submissas aos caprichos dos homens.

No seu tempo, o homem tinha o direito de separar-se da mulher com o mais fútil dos pretextos e até sem pretexto algum, corroborado pela *Torá*: *Quando o homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que se ela não achar graça em seus olhos, ele lhe fará escrita de repúdio e lhe dará na sua mão e a despedirá de sua casa.* Mas a mulher não podia fazer o mesmo. Não podia livrar-se do marido que, ainda por cima, não fora de sua escolha, mas de seu pai ou de seu irmão. Já antes de Rav, os sábios haviam

determinado que a mulher, em certas ocasiões, tinha o direito de demandar à corte rabínica para que forçasse o marido a conceder-lhe a separação. Por exemplo, quando o marido era um aleijão ou cego de um olho, ou impotente, ou com mau cheiro pelo trabalho que realizava. Mesmo que antes do casamento a mulher soubesse do defeito, poderia alegar que não sabia de seu alcance. Para Rav, todas essas medidas não eram suficientes. Ele queria mais liberdade. Sentia-se desconfortável quando sabia de mulher presa a um marido mau, sem qualquer possibilidade de divórcio, porque o esposo não tinha defeito físico. Adicionou, por isso, novas possibilidades de separação dizendo que quando o marido não proporcionava mais prazer à mulher, deveria dela se divorciar e pagar-lhe o ressarcimento constante do contrato de casamento. O dever do marido de proporcionar à mulher tudo que ela necessita, inclusive o prazer sexual, foi considerado por Rav como a parte mais importante do matrimônio. Se o marido diz à mulher: "Não vou te alimentar mais", ou "Não vou ter mais relações contigo", não devemos esperar que ele cumpra sua promessa, e a corte deve obrigá-lo a conceder o divórcio e pagar a indenização devida.

Mas Rav foi ainda mais longe: ele disse que a mulher não deveria se casar muito jovem porque não teria condições de escolha adequada e não poderia opinar sobre com quem desejava casar. Proibiu o casamento entre mulheres muito jovens e maridos muito jovens ou muito velhos. E esta jóia de Rav é ainda mais sugestiva: "Não podemos aborrecer as mulheres *porque elas choram e comovem a Deus.*" (grifo nosso). Porque rabi Eliezer dissera: "Desde o dia em que o templo fora destruído, os portões do céu que atendiam às preces foram fechados, pois está escrito: *Ainda quando clamo e grito, exclui a minha oração.* Mas, mesmo quando os portões estão fechados para as orações, para as lágrimas estão abertos, pois está escrito: *Ouve, Senhor, a minha oração e inclina os teus ouvidos ao meu clamor, não te cales para as minhas lágrimas* (Salmos 39, 13). As mulheres seriam criaturas frágeis, que vertem facilmente suas lágrimas e assim têm acesso imediato a Deus. Contudo, o mesmo Rav aconselhava seus seguidores a não aceitar conselhos de mulher, pois assim estarão fadados ao inferno, porque está escrito: *Ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer mal aos olhos do Senhor, porque Jezabel, sua mulher, o incitava* (I Reis 21, 25).

O respeito pela mulher é realçado pelos rabis quando exigem que o ato sexual seja sempre feito na intimidade, sem a presença de estranhos. Era uma reprovação à atitude dos romanos, que copulavam na presença de escravos. Por este mesmo modo, também os rabis acreditam que as relações sexuais deviam ser praticadas à noite. O rabi Hisda afirmou: "O homem não deve ter relações sexuais durante o dia, porque está escrito: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Lev. 18, 19). A mulher deve ser amada como a si mesmo e durante o dia o homem pode achá-la feia e, assim, ela pode tornar-se repelente a seus olhos. O rabi Huna, que o precedeu, já havia dito: "Os israelitas são sagrados e não têm relações durante o dia". Mas Rav dizia que era permitido ter relações num quarto escurecido, mesmo durante o dia.

Os rabis aconselham ainda ao marido que, antes do coito, estimule a mulher com carícias e com palavras e que a esposa faça o mesmo. Ainda em respeito às mulheres, mesmo os maridos absorvidos em estudos não podem afastar-se delas por muito tempo. A presente história é sugestiva: O rabi Rehume visitava regularmente a mulher, na véspera do *Yom Quipur.* Um dia, seus estudos o absorveram. Sua mulher, ansiosa, o esperou em vão. Ficou preocupada e desconcertada. Lágrimas corriam de seus olhos. Enquanto isso, ele estava sentado no telhado da casa, estudando. O teto desabou e ele morreu. Trata-se de uma história de crime e castigo para o marido que abandona a mulher por muito tempo.

Uma história parecida é a de Yehuda, filho do rabi Hyia, genro do rabi Yanai. Ele permanecia na academia de estudos por toda a semana mas, às sextas-feiras, voltava para casa para cumprir seu dever conjugal. Um dia, ficou tão absorvido que não foi para casa numa sexta-feira. Seus discípulos e sua sogra, ao não verem luz em seu quarto, acharam isso tão estranho que concluíram que ele tinha morrido. O rabi Yochanan, seu sogro, disse: "Se Yehuda estivesse vivo ele não faltaria com suas obrigações matrimonias." E de fato ele foi achado morto. As duas mortes encerram uma lição: a obrigação de estudar a *Torá* é tão importante quanto a de cumprir as obrigações sexuais, sob pena de punição capital.

A História Trágica de Berúria

Berúria, a mulher do rabi Meir e filha do rabi Hanina ben Tardion, é uma das poucas mulheres mencionadas no *Talmud* por seus estudos e

sua sabedoria. Sábios ouviam sua opinião sobre questões religiosas e seculares. Seu marido foi um dos mais destacados discípulos do rabi Aquiva. Chamavam-no Nehoria porque com seus estudos iluminava a visão dos sábios que com ele estudavam. Os dois nomes têm significado idêntico. Meir, em hebraico, significa "aquele que dá luz", e Nehoria é seu equivalente, em aramaico. Há uma lenda de que o rabi Meir seria descendente de um general romano que se converteu ao judaísmo quando o mandaram conquistar a Palestina. Tornou-se genro do rabi Hanina, que lhe deu em casamento sua brilhante filha, Berúria. O rabi Meir era um mestre em contar fábulas relacionadas aos significados da *Torá* e tinha a mente aberta, pois dizia que um gentio que se dedica ao estudo das escrituras sagradas é semelhante a um alto-sacerdote judeu. Segundo ele, perante Deus, eram iguais os que tinham filhos e aqueles que não os tinham. Considerava o estudo o mais importante dos deveres para atingir todas as etapas da perfeição e dizia que o mundo fora criado para essa finalidade. Amava profundamente a língua hebraica e dizia que os que viviam em Israel e falavam o hebraico automaticamente iriam para o mundo vindouro. Foi também um legislador prolífico. Mais de 300 leis do *Talmud* são de sua autoria.

A erudita mulher seguia seus passos, era sua conselheira espiritual e o consolava nas horas de aflição. Uma vez, o rabi Meir teve de conviver com pessoas grosseiras que o molestavam e ele as amaldiçoou. Berúria o repreendeu e disse que nunca devemos condenar os pecadores, apenas o pecado. Ela tinha muita força de vontade e desdenhava ou refutava os que achavam que as mulheres tinham a mente fraca. Mas seu marido dissentia e dizia que um dia iria pôr à prova a versatilidade e a suposta força da mulher. Para tanto, persuadiu um de seus discípulos a seduzir sua mulher, certo de que ela resistiria. Mas Berúria cedeu à sua lábia e, quando soube que tudo fora planejado pelo marido, enforcou-se.

Berúria é o exemplo da mulher que lutou contra os preconceitos da época que lhe interditavam o estudo da *Torá*. A opinião dominante era a do rabi Eliezer, outro discípulo de Aquiva: "Quem ensina a *Torá* a sua filha, ensina-lhe a lascívia". Havia exceções como o rabi Ben Azai, também membro da academia de Aquiva, que acreditava ser uma obrigação ensinar a *Torá* às filhas. E Berúria havia atingido a mesma projeção de todos os sábios do *Talmud*. Diziam que ela aprendeu 300 leis rituais num

único dia, estudando com 300 rabis. No entanto, cedeu aos encantos de um estudante. Toda a história, em seus detalhes, é contada por Raschi e serve para contrabalançar, com sua queda, após tantas virtudes, os gestos de independência e de capacidade intelectual das mulheres.

Outra história atribuída ao rabi Meir confirma a asserção de que o estudo da *Torá* pelas mulheres tem componentes eróticos. Uma determinada mulher ia todos os sábados à sinagoga para ouvir as prédicas do rabi. Uma vez, a prédica foi muito longa, a mulher demorou muito tempo na sinagoga e o marido, ciumento, quis divorciar-se dela, a não ser que ela cuspisse na cara do rabi Meir. Este, ao vê-la chegar com o marido, pela expressão adivinhou o pensamento do casal e disse à mulher para cuspir em seu rosto, para afastar um mau-olhado que lhe perturbara a vista. E assim conseguiu apaziguar os dois.

Berúria é o paradigma da mulher estudiosa da *Torá* e representa, no final de sua vida, a conexão entre as mulheres intelectuais e o desejo sexual. A queda moral de Berúria atende a uma necessidade estrutural de então. O horror de seu fim, difamando uma das grandes intelectuais da história judaica, é um sintoma da intransigência rabínica em face da ameaça que a sabedoria das mulheres poderia representar.

O Conflito entre a Tentação e a Atração Sexual

O *Talmud* é um livro repleto de controvérsias. Não é de admirar que, ao lado da apologia da relação sexual, apareçam também textos que exaltam a abstinência e a renúncia aos instintos. No caso da sexualidade, a maior condenação é para o homossexualismo e para a masturbação e o auto-erotismo. Aparentemente, o homossexualismo é tratado sem grande preocupação pois é raramente discutido. Sua incidência estaria praticamente limitada ao círculo de apóstatas e de escravos. Representava uma ameaça muito tênue à forte estrutura heterossexual dos judeus, desde os tempos de Moisés. Para os judeus ortodoxos, a vida familiar era o alicerce fundamental e o homossexualismo seria uma questão relevante apenas para os judeus não-crentes que viviam no meio da libertinagem romana. O que mais preocupava os talmudistas eram as relações sexuais mistas entre os judeus e outros povos e a judaização dos escravos não-judeus.

Não se pode dizer o mesmo da masturbação, fonte de temor e angústia. O rabi Eliezer, contemporâneo de Aquiva e fervoroso membro da escola rigorosa de Schamai, caracterizou o temor com a frase do profeta Isaías: *Pelo que vejo, quando estendeis as vossas mãos, estão cheias de sangue* (Isaías 1, 15). Dizia ele que a frase se referia à masturbação e o sangue significava sêmen. O rabi Eliezer proibia, inclusive, que se segurasse o pênis com a mão quando se emitia urina. O rabi Yochanan dizia que os masturbadores mereciam a morte. Outros rabis compararam a masturbação ao derramamento de sangue. Por isso, o judeu ortodoxo guia seu membro ao urinar suportando ou elevando os testículos sem colocar a mão sob a glande. *Bill yadaim* ("sem as mãos"), grita ele quando vê o filho segurando o pênis com as mãos.

No que se refere às relações sexuais, poucos rabis defendiam a abstenção ou a sua limitação. Os mais reticentes consideravam a relação sexual um mal necessário, como afirma Maimônides: "Devemos limitar as relações sexuais ao mínimo necessário e desejá-las mais raramente. O prazer não é a finalidade precípua da existência humana". Mas seu contemporâneo, Moisés ben Nachman ou Nachmanides, talmudista e cabalista, que viveu em Gerona, divergiu deste conceito: "Não é verdade, como nosso mestre Maimônides afirma no seu *Guia dos Perplexos*, que a atração sexual seja fonte de vergonha, baseado em Aristóteles. O nosso Deus não admite que a nossa verdade seja próxima da dos gregos. O ato de união sexual é santo e puro. O Senhor Deus criou todas as coisas de acordo com sua sabedoria e o que ele criou não pode ser vergonhoso ou repelente. Quando um homem se une à sua mulher, ele o faz num espírito de santidade e pureza e a Divina Providência está com eles.

Contudo, resquícios de conceitos bíblicos que fundamentaram o conceito de Maimônides permanecem na literatura bíblica. O pecado original e sexual de Adão e Eva é até hoje um exemplo de libertinagem para a humanidade, e lendas judias admitem que Caim teria matado Abel num acesso de ciúmes pela posse de uma irmã gêmea.

A atração e o desejo sexuais despertaram a atenção dos talmudistas. O rabi Simeon ben Gamaliel, o *nasi* do *Sanhedrin*, por ocasião da destruição do templo dizia: "Quando o homem começa a estudar a *Torá* na juventude pode ser comparado ao jovem que casa com uma virgem. Um está para o outro. Ele sente paixão por ela e ela por ele. Mas quando o

homem começa a estudar a *Torá* já em idade avançada, pode ser comparado a um homem idoso que casa com uma virgem. Ela pode estar pronta para ele mas ele não está pronto para ela. Ela pode ter paixão por ele, mas ele está sempre amedrontado e foge dela."

O rabi Isaac, filho de Yehuda ben Ezequiel, da Babilônia disse: "O impulso humano para o pecado renova-se diariamente pela sedução, desde os primórdios da criação pois está escrito: *E viu o Senhor que a maldição do homem se multiplicara sobre a Terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente* (Gên. 6, 5). E continua o rabi Isaac: "Mesmo quando o homem está de luto, a sua tristeza é vencida pela sua prontidão para o pecado sexual. Seu impulso vence o pesar."

Uma das histórias mais interessantes refere-se ao rabi Matias ben Heresch. Era ele um homem rico, temente a Deus, que não saía da casa de estudos. Ele e outros, ao relembrar a terra de Israel, repetiam a frase: *Porque passareis o Jordão para entrardes e possuirdes a terra que vos dá o Senhor vosso Deus e a possuireis e nela habitareis. Tende pois cuidado em fazer todos os estatutos e os juízos que eu hoje vos proponho* (Deut. 31-32). E chegaram à conclusão de que morar em Israel era equivalente a cumprir todos os mandamentos de Deus. A fisionomia do rabi Matias brilhava como os raios do Sol e a beleza de suas feições assemelhava-se à dos anjos. Durante toda a vida, jamais levantara os olhos para uma mulher. E eis que Satã passou por ele e, vendo-o, foi vencido pela inveja, e disse: "Será possível que exista no mundo um homem sem pecado?" Voou para perto de Deus e perguntou: – "Mestre do Universo, que espécie de homem é para ti Matias ben Heresch?" – "Ele é totalmente virtuoso", respondeu Deus. Satã pediu permissão para testá-lo. E Deus concedeu. Satã, então, voltou à Terra e encontrou o rabi sentado, estudando a *Torá*. Disfarçou-se e apareceu-lhe como uma belíssima mulher, a mais bela do mundo, desde Naamá, a irmã de Caim, que, de tão bela, desencaminhou os anjos do Senhor. Postou-se na sua frente, e o rabi, ao vê-la, deu-lhe as costas. Satã deu a volta e novamente se posicionou defronte do rabi e, quando o rabi novamente virou a face, Satã mais uma vez ficou na frente dele. Satã, sempre disfarçado de mulher formosa, não abandonou o rabi e este ficou com medo de não resistir a tantos apelos. Chamou um de seus discípulos, mandou buscar unhas artificiais e fogo, passou as unhas pelo fogo e cravou-as nos olhos. Quando Satã viu o que provocara, ficou chocado e

fugiu. Neste mesmo instante, Deus mandou o seu anjo Rafael, o príncipe das curas, para que curasse os olhos de Matias. Mas este, com medo de cair novamente em tentação, recusou a cura e só acedeu quando o anjo voltou com o recado do Senhor de que o impulso do mal não mais o incomodaria.

Mais trágica é a história do rabi Haya bar Aschi. Ele costumava dizer: "Possa ele, que está em todos os lugares, salvar-me do impulso do mal". Uma vez, quando sua mulher ouviu a prece, ela disse consigo: "Há muitos anos ele não me procura, qual a necessidade que ele tem de rezar dessa maneira?" E, assim, um dia em que ele estava sentado e estudando no jardim, ela se enfeitou toda e sentou-se na sua frente. – "Quem és tu?" perguntou ele. – "Eu sou Haruta" (conhecida cortesã), respondeu. E ele pediu: – "Vem deitar-te comigo." Mas ela exigiu: – "Traze-me antes a romã que está no topo desta árvore." Ele pulou e trouxe a romã. Quando ele voltou para casa, arrependido, contou a aventura à mulher. – "Fui eu", confessou ela, e mostrou-lhe a romã. Mas o rabi não encontrou desculpa para seu ato porque a intenção do pecado sobrepunha-se a tudo. O resto de seus dias ele jejuou, até morrer de inanição.

O rabi Nachman bar Hanin chegou a dizer: "Quem é consumido pelo desejo sexual acaba sendo alimentado pela própria carne, e cometerá incesto." Já o rabi Samuel bar Nachman acreditava que tudo que de bom se faz no mundo vem do impulso para o mal. Não fora este, o homem não construiria casa, não tomaria mulher, não teria filhos e não se meteria em negócios. Todas essas atividades, como disse Salomão, no *Eclesiastes*, provêm da inveja: *Também vi eu que todo trabalho e toda a destreza em obras é trazida pela inveja do homem ao seu próximo* (Ecles. 4, 4).

O rabi Judah, último dos descendentes de Hilel, disse: "O mundo existe por causa de três pilares: piedade, rivalidade e lascívia." E Simeon ben Laquisch acrescentou: "Devemos ser gratos ao pecado de nossos antepassados. Se ele não existisse, não existiríamos." Ao rabi Dostai, os discípulos perguntaram: – "Por que o homem vai atrás da mulher e não ao contrário?" E ele respondeu: – "Quem procura quem? O homem vai atrás daquilo que ele perdeu, sua costela". Perguntaram ainda: – "Por que o homem é facilmente pacificado e a mulher não?" E ele respondeu: – "Porque o homem deriva sua natureza da terra, que é mole, e ela do osso, que é duro." Finalmente, outra pergunta: – "Por que a voz da mulher é

doce e a do homem é grave?" E ele respondeu: "Porque o homem deriva sua voz da terra, que não ressoa, e ela do osso, que ressoa."

Ao rabi Yoschua perguntaram: – "Por que, ao nascer, o garoto olha para baixo e a garota para cima?" E ele respondeu: – "Cada um olha para o lugar de onde veio. O homem, para a terra, e a mulher, para a costela." Perguntaram ainda: – "Por que a mulher usa perfume e o homem não?" E eis a resposta: – "O homem foi criado da terra, que jamais se torna pútrida, enquanto Eva foi feita de osso e carne e a carne não pode ser deixada ao léu, sem sal." E indagaram mais uma vez: – "Por que é fácil apaziguar o homem e não a mulher?" Ele respondeu: – "O homem foi criado da terra e esta se derrete quando você põe um pouco d'água sobre ela. Eva foi criada de osso, que não se derrete facilmente."

Os sábios diziam ainda: "Não cozinhes numa panela onde teu vizinho cozinhou." A frase significa: não cases com mulher divorciada enquanto o marido dela está vivo porque os mestres afirmam que quando um homem divorciado casa com mulher divorciada, são quatro a dividir a mesma cama.

Simeon ben Laquisch acreditava que não é necessária a união carnal para caracterizar o adultério. Pode-se adulterar até com os olhos. Porque está escrito na *Bíblia*: *Assim como os olhos do adúltero aguardam o crepúsculo, dizendo: Não me verá olho algum, e oculta o rosto* (Jó 24, 15). Também os sábios dizem: "Se a mulher está com o marido, engajada em uma relação sexual e seu coração pensa num homem que ela viu passar, nenhum ato de adultério é mais grave, porque está escrito: *Foste como a mulher adúltera que em lugar de seu marido, recebe estranhos* (Ezeq. 16, 32). O rabi Isac, que viveu na Babilônia no século III, disse: "Desde a destruição do templo, o prazer sexual foi retirado dos que obedecem à *Torá* e dado aos que a transgridem, porque está na *Bíblia*: *As águas roubadas são doces e o pão comido às ocultas é suave* (Prov. 9, 17).

Uma vez, uma mulher veio ao rabi Judah e disse: – "Eu fui estuprada." E o rabi perguntou: – "E você achou que o estupro lhe deu prazer?" E ela respondeu: – "Suponha que alguém empurre na boca de outro um dedo mergulhado em mel, no dia do *yom quipur* (dia de expiação e de jejum)? Mesmo que o gosto seja saboroso é um pecado que irá afligi-lo." E o rabi teve de concordar. Este e outros ditos mostram a divergência dos que interpretaram o ato sexual.

3ª Parte

OS JUDEUS NO EXÍLIO

O exílio começou em 70 d.C. com a vitória de Tito e se concretizou em 130 d.C., depois da derrota de Bar Cochba, quando os judeus foram expulsos de Jerusalém e dispersos pelo mundo. Duas conseqüências se seguiram, segundo o historiador Paul Johnson (1988): a separação definitiva entre o judaísmo e o cristianismo, que aos poucos adquiriu uma posição antagônica, irreconciliável e hostil, e a alteração radical das atividades judaicas. O judaísmo deixou de ser uma religião nacional e os judeus passaram a ser apátridas A população judia decresceu não só na Palestina mas em todo o mundo, e sua influência também. Na época de Herodes, os judeus eram influentes e exerciam papel importante na economia e na vida cultural do Império Romano. Um homem como o historiador Philos Judaeus (30 a.C.-45 d.C.), membro de uma das famílias mais ricas de Alexandria, filósofo e diplomata, que escrevia em grego, era o paradigma do intelectual universal e ao mesmo tempo um judeu religioso e comentador de leis judaicas. Nem hebraico ele sabia. Um século depois, literatos e estudiosos de sua estirpe desapareceram completamente, pois os judeus se fecharam na única forma de solidão possível – a interpretação de suas leis religiosas e a fuga para um mundo interior. Desapareceram a sabedoria universal, a poesia, a literatura, culminando com o rigorismo crescente da interiorização. Talvez tenha sido este o preço da sobrevivência do povo judeu. Os judeus mantiveram sua identidade quando outras civilizações, como a greco-romana, foram se apagando. A sobrevivência

dos judeus deveu-se à profunda introspecção que lhes permitiu expandir a *Torá* num sistema de teologia moral de extrema coerência e força social. Tendo perdido a pátria, os judeus transformaram a *Torá* em fortaleza da mente e do espírito, na qual se sentiram seguros apesar de todas as perseguições.

Os resquícios físicos desse período são escassos. Escavações feitas em 1932, na cidade de Dura, no Eufrates, revelaram uma sinagoga datada de 250 d.C., com inscrições em aramaico e grego. A arquitetura é helênica. Há imagens de Moisés, do êxodo, de Davi e de Ester. Outras sinagogas e também túmulos foram encontrados na Palestina. Em Tiberíades, no lago da Galiléia, uma sinagoga do século IV mostra imagens humanas e de animais e sinais do zodíaco, sobre um assoalho de mosaicos. Numa gruta próxima, estão os túmulos do rabi Aquiva e de Yochanan ben Zacai e, adiante, o do rabi Meir. Outros escombros existem em Jerusalém, no norte de Israel, na Síria e em localidades esparsas do Oriente Médio.

Em 313 d.C., o Imperador Constantino converteu-se ao cristianismo e dominou grande número de países onde os judeus estavam dispersos. No princípio, era total a tolerância para com os judeus, mas, em 340 d.C., a igreja cristã assumiu seu caráter de religião estatal e de massa e iniciou a perseguição aos infiéis, que se acentuou com o Imperador Teodósio I, em 380 d.C. Ataques populares a sinagogas e a bairros judeus passaram a ser rotina e os direitos individuais e comunitários dos judeus foram oficialmente abolidos. O proselitismo hebreu e os casamentos mistos eram punidos com a morte. Os judeus só podiam viver em pequenos núcleos, onde sofriam em condições de degradação e impotência.

Em 640 d.C., emerge o islamismo. Os muçulmanos derrotaram os bizantinos e passaram a ocupar, aos poucos, a Palestina, a Síria, todo o Oriente Médio, todo o sul do Mediterrâneo, pedaços da Espanha e vastas áreas da Ásia. A princípio tolerante, o islamismo evoluiu para um sectarismo ora violento ora brando. No século VIII, as comunidades judaicas só não foram absorvidas pela teocracia islâmica pela aderência à *Torá* e ao *Talmud*.

Em 1165, um viajante judeu espanhol, Benjamin, de Tudela, capital de Navarra, iniciou viagem pelo mundo em visita às comunidades judaicas da França, Itália, Grécia, Síria, Palestina, Iraque, países do Golfo Pérsico, Egito e Sicília. O livro de viagens compilado de suas anotações

só foi publicado em 1543 e constitui a maior fonte da história judaica daquela época. Benjamin fez observações minuciosas sobre as comunidades judaicas, suas condições econômicas e políticas, além de coletar informações sobre núcleos que ele não conseguiu atingir. A viagem terminou em 1172. A intolerância religiosa predominava e as perseguições aos judeus no mundo cristão os impeliam a se concentrar em comunidades urbanas e a mudar freqüentemente de cidades e países, a viver sob ameaça constante de massacres. Já no mundo muçulmano, ainda com exceções, os judeus eram mais bem tolerados e puderam demonstrar a sua capacidade, reconhecida a tal ponto que chegaram a atingir lugares de destaque na sociedade e nas cortes reais.

Além da circuncisão, o que chocava os cristãos era a poliginia. A monogamia no mundo cristão era condição legal, oriunda do ascetismo e da mística espiritual, como reação ao hedonismo de Roma. A poliginia foi abolida na cristandade porque era símbolo da voluptuosidade oriental e da promiscuidade pagã. Maimônides reconheceu a divergência, afirmando que no judaísmo o homem podia se casar com quantas mulheres desejasse, desde que assegurasse a cada uma delas o sustento e a obrigação sexual. Mas Maimônides vivia num mundo islâmico, onde o harém era símbolo de *status*. O costume da poliginia se extinguiu rapidamente entre os judeus que viviam no mundo cristão.

No casamento judaico predominava o enlace precoce, mesmo antes da puberdade, com escolhas de parceiros feitas pelos pais e a utilização de profissionais, intermediários *(schatchen)*, conferia-se imensa importância à virgindade. O judaísmo oficial considerava hipocrisia o amor livre e o conúbio romântico. Jovens judeus e judias eram escrupulosamente segregados, casamentos eram arranjados na puberdade, e o primeiro contato entre os nubentes freqüentemente acontecia na cerimônia. A fornicação era virtualmente desconhecida, o homossexualismo era infreqüente, o adultério e o divórcio incomuns e o ato da procriação de tal modo sistematizado que não abria espaços para o romantismo. A estranheza, a ignorância, além de razões sociais e religiosas, impediam os casamentos mistos entre judeus e cristãos, desencorajados e até proibidos pelos líderes das duas fés. Os judeus abominavam os casamentos mistos, mas os cristãos não ficavam atrás. Os detentores do poder constantemente emitiam editos de proibição. Theodor de Tarsus, arcebispo de Canterbury

(668 d.C.) declarou, no seu *Liber Penitentialis*: "Se de algum modo mulher cristã aceitar presente de um pérfido judeu e voluntariamente fornicar com ele, será separada da congregação por um ano e deverá depois fazer penitência durante nove anos. O Papa Inocêncio III, em 1215, decretou que cristãos relacionados com mulheres judias ou sarracenas ou cristãs relacionadas com judeus em qualquer país cristão deviam ser estigmatizados e diferenciados do resto da população por roupas diferentes.

Em 1215, Afonso X, Rei de Castela e Leão, promulgou *Las Siete Partidas*, fundamentos da jurisprudência espanhola onde se lê que judeus que vivem com mulher cristã são culpados de grande insolência e semvergonhice e devem ser condenados à morte, pois se os cristãos que cometem adultério são passíveis de pena capital, muito mais razoável é condenar os judeus que têm relações com mulheres cristãs, que pela fé e pelo batismo pertencem a Jesus Cristo. Em 1348, as leis da Espanha condenavam à morte qualquer judeu pego em flagrante com mulher cristã, mesmo prostituta. A mesma penalidade não se aplicava a homossexuais nem a mulheres judias que tinham relações com homens cristãos. Em Mainz, no ano de 1422, ordenavam cortar o membro e destruir um olho de todo judeu que tivesse relação carnal com cristã. Leis parecidas existiam em toda a Europa. Nos arquivos da República de Veneza (1424), verifica-se que judeu surpreendido em relação sexual com cristã, mesmo em bordel, teria de pagar multa de 500 ducados e ficar em prisão de classe baixa.

Na Idade Média, correu o boato de que os judeus empregavam servas cristãs para levá-las ao pecado. Uma Bula do Papa Gregório IX (1227-1241), um dos criadores da Inquisição, acusava os judeus de circuncidar seus servos cristãos e de convertê-los, além de seduzir as empregadas e cometer todas as aberrações com elas. Crimes rituais eram atribuídos na Europa Medieval aos judeus, tidos como feiticeiros e agentes do diabo, o que atiçava o ódio do povo.

Na Renascença, muitos judeus adotaram os costumes devassos da sociedade. Os desvios sexuais eram comuns, a prostituição florescia, e os rabis em vão tentaram se opor a este estado de coisas. Em Florença e Toledo os rabis chegaram mesmo a recomendar a relação heterossexual com prostitutas, como salvaguarda contra o homossexualismo e a promiscuidade. Além disso, as autoridades cristãs confinavam as prostitutas em

bairros adjacentes aos judeus, discriminando prostitutas e judeus pelo uso obrigatório de roupas que permitiam sua identificação imediata.

No ano de 1347, em Avignon, a Rainha Joana, então com 21 anos, erigiu um prostíbulo chamado Abadia, aberto para todos, com exame semanal obrigatório das meretrizes, pelo que foi considerada a "amiga dos homens". Os judeus, porém, eram proibidos de freqüentá-lo. Os que fossem pegos deviam ser presos e arrastados sob açoites nas ruas. O registro mostra que assim mesmo muitos judeus arriscaram a sorte. Esta mesma Rainha fez com que seu marido, o Príncipe André da Hungria, fosse estrangulado, porque seu pênis não tinha as medidas necessárias para satisfazê-la.

O homossexualismo também era freqüente na Idade Média e os judeus eram acusados de tê-lo introduzido junto com a bestialidade. Na liturgia cristã da época, há a seguinte frase: *Pro judaeis non flectant* ("Não te curves aos judeus"). Também estimulada pela Igreja, corria a frase "mais bestas que bestas nuas são todos os judeus". O homem comum da Idade Média estava imbuído da idéia de que os médicos e rabinos judeus eram todos feiticeiros e envenenadores. O célebre historiador e teólogo Guibert de Nogent, abade beneditino (1053-1124), que escreveu uma história das cruzadas, atribuía à influência judaica a flagrante imoralidade do clero cristão, citando o exemplo de um monge convencido por um médico judeu a se masturbar e engolir o esperma, transformando-se num masturbador compulsivo por toda a vida e abandonando o cristianismo. E, assim, concluiu Nogent: "Consorciando-se com judeus pérfidos, cristãos pios são transformados em masturbadores e sodomitas." De acordo com o catolicismo medieval, Onã era judeu e, por extensão, todos os judeus seriam onanistas, condenados a sacrificar seu sêmen a Satã e a seduzirem os outros povos para o mesmo procedimento.

Os judeus foram também acusados de realizar missas negras, paródias da missa, com orgias e bacanais. Também se dizia que realizavam assassinatos rituais, circuncisões forçadas e até a sodomia forçada de carneiros e porcos para glorificação do demônio. Falsificavam trechos do *Talmud* e do *Zohar* e inseriam tópicos em que os judeus apareciam tendo relações, todas as noites, com asnos. Numerosos monumentos, ainda existentes, em pedra, em igrejas da Alemanha, da Áustria e dos Países Baixos, mostram pinturas e desenhos de judeus sugando órgãos sexuais

de porcos e porcas e fornicando com elas. O próprio Lutero cita uma Igreja de Würtenberg onde se encontram gravados em pedra jovens leitões e judeus mamando em companhia uns dos outros, nas tetas de uma porca. Atrás da porca, está um rabi levantando com uma das mãos a perna direita do animal, enquanto, com a esquerda, segura o próprio pênis, inclinando-se ao mesmo tempo sobre o *Talmud*, como que lendo nele algo especial.

Nenhuma crítica aos judeus ocorria contudo quando os supostos pecados traziam benefícios aos rituais cristãos. Até o começo do século XIX, o coro papal da Capela Sixtina era suprido com garotos castrados, muitos dos quais vinham da França, especialmente de Verdun, onde os judeus dirigiam locais de castração. Os califas marroquinos de Córdoba, muito antes, também utilizaram esses eunucos. A castração, que na Roma Pagã era punida com a morte, tornou-se uma virtude na era cristã.

Os judeus eram também elogiados por certos hábitos, como o de não ter relações sexuais com mulheres durante o período menstrual. O monge franciscano Berthold von Regensburg dizia que "devíamos imitar esse costume". Advogados espanhóis usavam argumentos do *Talmud* para defender suas teses. Assim, citaram o caso de duas mulheres que procuraram o rabi para queixar-se de que os maridos as sodomizavam e a resposta do rabi de que aos maridos tudo era permitido. O rabi Moisés ben Israel Isserles, que adaptou para os judeus *asquenazim* (ocidentais) o Código judaico de Caro, *Schulchan Aruch*, ratificou essa permissão: É permissível ao homem fazer com sua mulher tudo que lhe vem à mente. Pode beijar qualquer parte de seu corpo, pode copular com ela da maneira usual e de modos não-habituais.

Os cristãos jamais se conformaram com a circuncisão. O *Código Teodosiano*, redigido por Teodósio I, o Grande, que foi o artífice do triunfo do cristianismo sobre os pagãos (438 d.C.), embora não proibisse a circuncisão dos infantes judeus, impedia o procedimento nos escravos cristãos, sob pena de morte. Naquela época, muitos traficantes judeus retiravam o prepúcio de seus escravos, temendo o contato sexual de suas filhas com incircuncisos. O *Código Justiniano*, elaborado pelo Imperador Justiniano I, condenava à morte o judeu que circuncidasse um cristão, e, ao exílio, qualquer judeu que tivesse um escravo cristão. O Papa Gregório, o Grande (590-604 d.C.), a quem se deve a liturgia da missa

e o rito gregoriano, refere-se à circuncisão como característica da superstição dos judeus.

Em 1267, o Conselho Sacro de Viena denegriu a insolência dos judeus que seduziriam cristãos para convertê-los e os compeliriam ao sacrifício da circuncisão. Anton Bonfin, no seu livro *Rerum Hungaricum Decadaes* (1494), ratificava a versão dos assassinatos rituais praticados pelos judeus, dizendo que o sangue era usado como bálsamo para curar as feridas da circuncisão. Além disso, frisava que os judeus eram obrigados por mandamentos secretos a fazer sacrifícios com sangue cristão. Os judeus eram ainda tidos como *felatio* maníacos, pela prática da *metzizah*, costume dos circuncisores de sugar o pênis do circuncidado após a intervenção.

Quando Lutero soube que muitos alemães se converteram ao judaísmo e foram circuncidados, disse, lamentando: "Espero jamais ser tão estúpido. Antes preferiria cortar o seio esquerdo de minha mulher e de todas as mulheres." Contrastando com essa atitude, o catolicismo romano comemorava em todo dia 1º de janeiro o dia da circuncisão de Jesus Cristo. Havia, até, na Idade Média, o culto do santo prepúcio.

Godefroy IV de Boulogne, duque de Baisse Loraine (1061-1100), chefe da primeira cruzada, teria trazido o prepúcio de Jesus, de Jerusalém. Outros onze santos prepúcios existem emoldurados em catedrais européias. Na Abadia de Coulomb, em Chartres, o prepúcio dissecado é reverenciado como capaz de curar a esterilidade e de facilitar o parto. Catarina de Valois, casada com o Rei inglês Henrique V, pediu emprestado o santo prepúcio para assegurar o nascimento de seu filho Henrique VI. Complementar ao santo prepúcio, a mais sagrada das relíquias de uma igreja parisiense é a *pudenda muleria Sanctae Virginis*, ou seja, partes pudendas da Virgem sagrada, resgatadas do santo sepulcro.

A Renascença praticamente não atingiu as comunidades judias, que continuavam isoladas nos seus guetos, regidas por seus rabinos e pelas leis da *Torá*, sem participar da emancipação que grassava na Europa. Mas havia exceções. Na poderosa Florença, o banqueiro Maschulan ben Menasche era companheiro de farras dos Médicis. Íntimo de Lourenço, o Magnífico (1448-1492), poeta, protetor das artes e das letras, acompanhava seu amigo nas aventuras amorosas e chegou a ser condenado uma vez por violência carnal. Aconselhado por Lourenço, em 1481, emigrou

para a Palestina para escapar da prisão e possível execução. Elijah del Medigo, sábio judeu, jovem e belo filósofo e tradutor, conhecido como Elias de Creta, era protegido e amante do igualmente jovem e belo filósofo e humanista Pico della Mirandola (1463-1494), em Florença, ao qual ensinava hebraico, árabe e a mística da *Cabala*.

Somente na época da Renascença, circuncidados e não circuncidados podiam viver tão livremente. Mas os inúmeros amores de Mirandola acabaram por envergonhar Medigo e quando adquiriu uma doença venérea, rompeu definitivamente com seu amigo. O sucessor de Medigo como amante de Mirandola foi Guglielmo Raimondo da Moncada, cujo nome literário era Flavius Mithridates, tradutor e hebraísta. Era filho de um rabi e convertido ao cristianismo. Agressivo, possessivo e violentamente ressentido com os outros amantes de Mirandola, especialmente com o poeta hebreu Girolamo Benivenieni, a quem odiava, acabou rompendo com Mirandola e se apaixonando por Yochanan ben Isac, seu tutor, que escreveu um livro sobre o *Cântico dos Cânticos*, *Heschec Schlomo* (A Luxúria de Salomão).

Outro libertino da época foi o poeta Dom Juan Leonel Abrabanel, conhecido na história da literatura espanhola como Leon, o Hebreu, autor do livro *Dialoghi di Amore*. Serviu em Nápoles como médico de Don Gonzalo Fernandes, de Córdoba, cuja fama de pederasta corria a Europa. Finalmente, podemos citar Imanuel Zifroni (Immanuele Romano), o Bocácio judeu. Sua linguagem obscena foi condenada como ameaça pública por ninguém menos do que o rabino Joseph Ben Caro, autor do grande código de leis *Schulchan Aruch*.

A Santa Inquisição

Inquisição é o nome dado a tribunais eclesiásticos (Santo Ofício) constituídos pela Igreja Católica para o combate à heresia. Na Idade Média, a Igreja, controlada pelos dominicanos, só se preocupava com os judeus incidentalmente. A perseguição aos judeus foi revivida na Espanha sob os auspícios reais por uma Bula papal, de 1478, voltada especificamente para os marranos, judeus convertidos ao cristianismo.

Na história dos judeus, os horrores da Inquisição só foram ultrapassados pelos do Holocausto, na Segunda Guerra Mundial. Comunida-

des inteiras eram julgadas, expulsas dos lugares onde viviam, seminuas e torturadas. Ou eram mortas. Milhares de judeus e judias, crianças e velhos eram queimados, tinham a pele removida, eram desmembrados e assassinados como animais selvagens para satisfazer a ignorância, a superstição e os instintos primitivos. Antes da Inquisição, o clima já era propício a estas barbaridades. Ataques clericais contra o *Talmud* eram instigados por judeus apóstatas, como o frei Alonso de Espina, autor do livro *Fortalitium Fidei contra Judaeus*, decisivo na propagação do antisemitismo. Esse fanático, convertido, empreendeu uma campanha de conversão forçada, nos meados do século XV, acusando os judeus, sem exceção, de todos os males: vilões, malfeitores, traidores, sodomitas, assassinos de crianças, estupradores, usurários, envenenadores, blasfemadores, bígamos. Não é, assim, de admirar que o primeiro inquisidor-mór nomeado, Tomás de Torquemada, o tenha tido como seu paladino.

O ódio dos cristãos foi fomentado por livros atribuídos aos judeus que se referiam a Jesus como bastardo, à Virgem Maria como prostituta, à Igreja como antro de corrupção e aos cristãos como impuros, por não serem circuncidados. O mais notório desses livros, de autor anônimo, *Sefer Tolodoth Yeschua Hanotzri*, era uma biografia de Cristo que lhe atribuía uma origem espúria.

Historiadores clássicos como Justin (séc. II), Tertuliano cartaginês (155 d.C.-230 d.C.), e o exegeta Orígenes, teólogo de Alexandria, exprimiam sua revolta pela versão de que os judeus retratavam Jesus como filho natural de um soldado romano de nome Panthera, e de uma camponesa judia, Maria, divorciada do marido, um carpinteiro, por adultério. O rabi rav Papa (300 d.C.-375 d.C.) teria dito que os homens espalhavam que Maria, descendente de príncipes, se entregava como prostituta a carpinteiros.

No seu livro *Gegen die Juden und ihre Lüge* (Contra os Judeus e suas Mentiras) Lutero escreveu: "Não chamamos suas mulheres de prostitutas como eles a Maria e não chamamos seus filhos de prostitutos como eles ao Nosso Senhor. Diante de tantas acusações, o problema era que castig aplicar aos judeus. Uma das propostas era castrar todos os judeus, acaban do com a raça. Esta idéia circulou em Paris e alguns burgomestres d França comandaram saques e castrações em vilas inteiras. Justificavam a castrações acusando os judeus de disseminar a devassidão, do estupro

meninas cristãs, da sodomia de garotos cristãos e da realização de orgias que ridicularizavam o ritual das missas.

Apesar das perseguições, a conversão de cristãos e a reconversão de judeus apóstatas ao judaísmo aumentavam ano a ano. Entre elas, podemos citar a de um jovem oficial, Dom Diogo Pires, convertido por um aventureiro polonês, Davi Reubeni, e considerado messias e profeta, com o nome de Schlomo Molcho (1500-1532). Foi martirizado e queimado pela Inquisição, em Mântua. Outro, foi Dom Lope de Vega y Carpio, poeta dramático, pai do drama espanhol (1562-1636), que escreveu 1.800 peças leigas e 400 religiosas e, preso por heresia, converteu-se, na prisão, ao judaísmo, sendo circuncidado com osso de galinha. "O Deus circuncidado é o nosso Deus", orava São Vicente Ferrer, dominicano convertido no início do século XV, mas ninguém lhe dava crédito.

Sevilha era o centro de conversão para o judaísmo. O Papa Sixto IV soube disso em 1478, por confissão de um cavaleiro que mantinha relações com algumas damas judias. Este cavaleiro jurou que judeus e pseudo-cristãos se congregavam na *judieria* (bairro judeu) em cerimônias de circuncisão. E aí mandou que a Inquisição se ocupasse dos convertidos. Dom Diego, chefe dos judeus, exortou seus correligionários a resistirem às execuções e torturas. Mas Susana, a filha de Dom Diego, conhecida como *la hermosa hembra*, devido à sua grande beleza, amante de outro cavaleiro cristão, ao qual denunciou os projetos de resistência de seu pai, pôs tudo a perder. A revelação ocasionou o primeiro Auto-da-Fé na cidade de Sevilha e nele meia dúzia de homens e mulheres pereceram na fogueira, após prisão e torturas. Susana, em desespero, entrou num convento, mas logo fugiu e se entregou à prostituição. Seu último desejo foi ver pendurada, no portal de seu bordel, a sua cabeça, após a sua morte.

Em 31 de março de 1542, o Rei Fernando V e a Rainha Isabel I, da Espanha, cujo casamento foi arranjado por Abraão Senhor, rabino-chefe e coletor de impostos de Castela, decretaram a expulsão da Espanha de todos os judeus que não aceitassem o batismo em Jesus até o dia 31 de julho. Na ocasião, viviam na Espanha 500 mil judeus, que formavam uma sólida classe média, de idéias anti-feudais, e representavam uma ameaça à nobreza. Além disso, o grande crime dos judeus não era a religião mas a riqueza que acumularam. E Bayazid II, Sultão da Turquia

que acolheu os judeus expulsos disse: "Fernando deve ser imbecil ou louco, empobrecendo seu país e enriquecendo o meu."

A Congregação da Inquisição ou "El Santo Oficio" foi instalada em 1480, com o propósito de erradicar os heréticos e detectar "judeus e muçulmanos convertidos que como cães retornavam ao seu vômito". Era uma expressão eclesiástica oficial, baseada nos *Provérbios* de Salomão ou em texto de São Pedro: *Como cão que retorna ao seu vômito, assim é o tolo que reitera sua estupidez* (Prov. 26, 11). Ou: *Deste modo lhes sobreveio que por um provérbio verdadeiro diz: o cão voltou ao seu próprio vômito e a porca lavada ao espojadouro de lama* (II S. Pedro 2, 22).

O primeiro inquisidor-geral Tomás de Torquemada (1420-1498) era de origem judaica. Seu pai e seu tio eram descendentes de judeus. O tio, Cardeal Juan de Torquemada, era cristão novo de grande projeção na Igreja e no Estado. Tomás, marrano ou cripto-judeu, foi educado como cristão, embora fosse circuncidado. Isso explica talvez sua intransigência e severidade para evitar ao máximo a pecha de ser suspeito. Foi assim um dos mais implacáveis perseguidores dos judeus. Quem o sucedeu, Diego de Dieza, também era judeu cristianizado, do mesmo modo que Alonso Manrique, Cardeal-arcebispo de Sevilha e inquisidor-mór, de 1523 a 1538. O irmão da Rainha Isabel, Henrique IV de Castela e Leão, alcunhado Henrique, o impotente, era um afeminado que se cercava de conselheiros homossexuais, entre os quais Afonso de Espina, igualmente judeu convertido e homossexual.

Era uma época em que judeus serviam na Espanha como médicos, ministros de reis, conselheiros de governadores, de príncipes, de bispos e até de papas. Muitos serviam em mosteiros e catedrais onde se escondiam de seus perseguidores. Os judeus espanhóis estavam em todos os locais de destaque. Mesmo as famílias mais nobres tinham sangue judeu. Os inquisidores, por isso, procuravam nos registros genealógicos vestígios das suas origens. Até o Papa foi investigado. A cadeira papal possuía um orifício pelo qual um empregado – *toccatore di testicoli* – introduzia o dedo para determinar se o Papa possuía os instrumentos da virilidade, resquício das leis mosaicas que impediam o sacerdócio aos mutilados. E isso, apesar dos papas serem impedidos de casar. Quando a judeofobia estava em ascensão, o exame incluía a verificação da presença do prepúcio. Isso, para evitar a ascensão de Papa circuncidado, como

aconteceu com o Cardeal Petro Pierleoni, que ascendeu ao trono de S. Pedro com o nome de Anacleto II, excomungado mais tarde, merecendo a exclamação de S. Bernardo de Calivraux: "Um rebento judeu ocupou a cadeira de São Pedro!"

Sob a doutrina da Inquisição, todos os circuncidados eram automaticamente considerados judeus e sujeitos às leis da limpeza do sangue. Os padres ligados ao Santo Ofício vasculhavam os impressos clandestinos e os livros à procura de heresias e, concomitantemente, faziam a inspeção da glande, para os que não possuíam o certificado de batismo. Também a glande de infantes era inspecionada para descobrir a existência de famílias cripto-judaicas.

Durante a Inquisição, muitos judeus fugiram da Península Ibérica e emigraram para o norte da África, onde eram tolerados pelas autoridades mouras. Para sobreviverem, centenas de rapazes se entregaram à prostituição masculina, muito difundida naquela região. Eram os célebres *maricones*, que pintavam na porta a palavra *Cascher*, para mostrar que eles só serviam a circuncidados. O ministro português, Marquês de Pombal, aboliu a Inquisição em Portugal em 1765. Na Espanha, ela só foi abolida em 1808, sob o domínio francês.

4ª Parte

O SEXO E A FASE MÍSTICA DO JUDAÍSMO

O misticismo judaico não deve ser confundido com magia, superstição, ocultismo ou algo misterioso e críptico. Embora não seja completamente alheio a isso tudo, na realidade, ele foi e é ainda um meio sutil de crença. Por isso mesmo, encontrou terreno e proliferou entre a elite intelectual e espiritual, mais do que nas camadas populares. Embora o misticismo judeu tenha sido diferente do islâmico, do cristão, do hindu e do budista ou do taoísta, tem com eles todos alguns pontos em comum. Todos os místicos procuram um conhecimento intimo de Deus, além da racionalização. Procuram algo intenso, intuitivo, direto, que os relacione com a divindade. Voltam-se para si para descobrir as profundezas de seu ser ou a totalidade do ser próximo a Deus.

A pesquisa da tradição mística judaica deve muito a Gershom Scholem (1897-1982). Numa época em que os judeus começaram a se emancipar e se livrar do fanatismo ortodoxo renegando o misticismo como irracional, Gerschom mostrou que, do período talmúdico em diante, eles cultuaram formas ricas de misticismo, profundamente integradas na essência religiosa e na cultura judaica.

No período rabínico, não houve somente uma literatura talmúdica mas também uma literatura esotérica fascinante. Já no século I, uma escola mística tinha existência comprovada entre os discípulos de Jochanan ben Zacai e é referida no livro de Freud, *Moisés e o Monoteísmo* (1967). A tradição mística, no primeiro milênio da era comum foi mantida, desenvolvida em pequenos grupos, e transmitida oralmente por muitas gera-

ções. Os temas centrais eram a *mercará* – o trono de Deus, e a *hechalot* – o seu palácio, com as tentativas de ascensão dos adeptos, através de sete céus para merecer a visão do trono divino. A literatura é rica de imagens de seres celestiais com asas, parte humanos, parte com formas de animais, guardando o trono onde Deus está sentado e cercado pelos anjos. É uma tradição que vem desde o *Gênesis*: *E havendo lançado fora o homem* (do Éden), *pôs querubins ao oriente do jardim do Éden e uma espada inflamada que andava ao redor para guardar o acesso à arvore da vida* (Gên. 3, 24). Figuras de querubins decoravam o interior e o exterior do templo de Salomão, para lembrar que Deus, ao doar as tábuas da lei ao povo judeu, determinou que elas fossem guardadas entre dois querubins feitos de ouro (Êxodo 25, 18). E quando Moisés entrava no recinto para falar com Deus, este se revelava entre as duas figuras (Num. 7, 89). *Entre os querubins, Deus está entronizado* (I Sam. 4, 4 e II Reis 19, 15). Na visão de Ezequiel, o trono divino se assenta sobre as asas de quatro querubins, cada um dos quais com a forma de um ser humano com quatro faces, de homem, boi, leão e águia, sob as quais se escondem suas mãos. Além disso, cada querubim tem duas rodas, uma de cada lado, dotadas de olhos, servindo assim de carruagem para o Senhor (Ezeq. caps. 1 e 10).

A *Cabala*, o movimento místico dos judeus, não é um movimento marginal que surgiu do nada. Originalmente, o termo significa *a tradição oral*, transmitida aos judeus desde a criação do mundo, junto com a lei escrita e, no século XII, foi adotada pelos místicos para denotar a continuidade do misticismo desde o início da criação. Um outro significado da *Cabala* é *sabedoria secreta*, somente decifrada por aqueles que descobrem nas escrituras seus significados ocultos. Aos olhos de quem não a conhece é cercada por uma aura de perigo, que, à luz da psicanálise, pode se dever ao fato de trazer material reprimido à consciência. Mesmo quando transmitida oralmente, para impedir divulgação maior, evitava ser clara. Os cabalistas, enfronhados nos segredos, seriam, por isso, dotados de forças misteriosas, sendo chamados de *Iod e Hei* (duas letras ligadas ao nome de Deus). Também eram conhecidos como possuidores de *Chochme Nistarah* (sabedoria estranha), pela qual poderiam realizar milagres invocando o verdadeiro nome de Deus, oculto aos mortais comuns. A *Cabala* atingiu seu apogeu nos séculos XIII e XIV. O grande documento desta época é o *Zohar*, livro divulgado por

Moisés de Leon e a ele atribuído por muitos estudiosos, entre os quais Gerschom Scholem.

Antes de Moisés de Leon, nos primórdios do século XIII, um cabalista escreveu um livro que mostra a atitude positiva dos judeus em face do sexo. O livro chama-se *Igereth Hacodesch* e refuta as objeções de Maimônides: "a matéria", diz o livro, "não é como o rabi Moisés (Maimônides) trata no seu livro, o *Guia dos Perplexos*, no qual ele cita Aristóteles ao afirmar que a sensualidade do toque é vil e indigna. Deus nos livre dessa afirmação. O grego impuro errou e sua interpretação contém um imperceptível traço de heresia. Porque, se ele acreditava que Deus criou o mundo intencionalmente, não deveria ter dito isto. Nós, que temos a *Torá* e acreditamos que Deus criou o mundo na sua sabedoria, não cremos que ele criou algo inerentemente repulsivo ou horroroso. Se achamos que a relação sexual é repulsiva, blasfemamos contra Deus, que fez os órgãos sexuais. Assim podemos compreender o que nossos rabis pensam quando dizem que 'o homem ao se unir à sua mulher em santidade, a divina providência está entre eles'". O autor do livro teria sido Nachmanides – Moisés ben Nachman (1194-1270) – talmudista espanhol, rabi e médico de Gerona (Aragão), que morreu em Acre, na Palestina. Mas não há certeza absoluta de que tenha sido ele.

Um outro grande cabalista da época foi Abrahan ben Abulafia, nascido na Espanha em 1240. Passou a juventude estudando o *Talmud* com o pai e aprofundou-se no *Guia dos Perplexos*, de Maimônides, ao qual deu uma interpretação mística. Aprofundou-se também na *Cabala*. A lenda afirma que ao seu lado estava sempre o diabo para confundi-lo e que, aos 31 anos, passou a profetizar e teve conhecimento do verdadeiro nome de Deus. Em 1280, procurou o Papa para discutir com ele o problema dos judeus, motivado por suas tendências messiânicas, pois havia uma predição de que o Messias daria o primeiro passo a favor da libertação dos judeus procurando o Sumo-pontífice.

O objetivo das obras de Abulafia é libertar a alma das amarras que a prendem, desfazer os nós que prendem as forças internas para evitar que o indivíduo seja tragado pelo Cosmos. Se o homem quer obter contato com o fluxo divino, tem de desamarrar-se. Germinam aqui as teorias da repressão e o papel do ego nessa repressão. Abulafia descreve dois meios de libertar a alma. O primeiro é o método interpretativo, que

consiste em separar e recombinar as letras das palavras, com formação de novos temas. Abulafia defende assim a lógica mística das letras. A recombinação produz um novo tipo de linguagem, que não obedece aos caprichos humanos e corresponde à lógica real de Deus, que à luz da psicanálise seria a lógica do inconsciente. O segundo método, para o qual o primeiro é uma preparação, consiste em saltar e pular – *duilugá* e *quefitsá* – de uma associação a outra. Passamos de uma concepção a outra, determinados por certas regras bem frouxas. Cada salto ou pulo abre novas associações ou novas esferas ou, no dizer de Abulafia, nos liberta da esfera existente para nos transportar aos limites da esfera divina. Todas essas associações, liberando processos ocultos da mente, nos levariam ao êxtase intelectual, identificável com a introspeção psicanálitica.

Além disso, Abulafia considerava os professores da *Cabala* como de extrema importância no ensino individual, verdadeiro precursor da idéia de *transferência*, que encontraremos mais tarde em Freud. Na transferência, há necessidade de um agente externo e de uma movimentação interna, e o agente externo, no caso, é o professor. No estado de êxtase, há uma verdadeira identificação com o professor, que se transforma numa identificação com Deus e paradoxalmente numa auto-identificação. A semelhança entre essa teoria e o método da livre associação da psicanálise é surpreendente. O problema é saber até que ponto Freud teria tido contato com essas teorias. A família de Freud era originária da Galícia (Polônia), cujos judeus eram impregnados de misticismo. No século XIX, pequenos grupos de judeus europeus estudavam com afinco a *Cabala*. Um dos líderes desses grupos foi Adolfo Jellinek, que viveu em Viena entre 1821 e 1898, e publicou várias obras em alemão sobre Abulafia. Jellinek foi um dos maiores oradores sacros. O que ele pregava na sinagoga era tema de discussões por semanas a fio. E ele pregou para várias gerações entre 1856 e 1893. Qualquer um que o ouvia saía entusiasmado com a grandeza espiritual do judaísmo, dizia seu discípulo Grünwald, estreitamente relacionado a Freud. É por isso muito improvável que Freud não tenha tido contato com as idéias de Jellinek.

CAPÍTULO I

O *ZOHAR*

O *Zohar* é o mais importante documento da tradição cabalística, com forte influência sobre o misticismo judeu. Embora de certo modo de difícil compreensão, destaca-se entre as grandes obras dos escritos medievais judaicos, muitos deles mais claros, porém nenhum deles com tamanha projeção. Durante muito tempo, o *Zohar* determinou a formação e o desenvolvimento das convicções de largos círculos do judaísmo e durante séculos, especialmente entre os anos de 1500 e 1800, foi fonte de doutrina equivalente à *Bíblia* e ao *Talmud* e de *status* canônico similar.

De acordo com o historiador judeu Heinrich Graetz, todo o *Zohar* era de autoria do cabalista espanhol, Moisés de Leon, nascido perto de Castela, que morreu em 1305 e começou a divulgar seus escritos entre 1280 e 1290. Para facilitar sua aceitação, ele os atribuíu a antigos *midraschim*, interpretações das escrituras que teriam como co-autor ninguém menos do que Yochanan ben Zacai. Ele pretendia meramente ter copiado esses manuscritos. Mas depois de sua morte, a própria mulher afirmava que o livro era de autoria do marido. Apesar disso, durante muito tempo se supunha que o *Zohar* fora composto nos círculos talmúdicos pioneiros e isso reforçou sua credibilidade.

Este livro difere completamente dos escritos de Abulafia. Nele está ausente o intenso personalismo e a ênfase da experiência mística que preside a obra de Abulafia. O *Zohar* destaca especialmente o relacionamento sexual e familiar, antecipa o pensamento de Freud sobre o anti-semitismo e a sua concepção do homem como ser bissexual e, mais

importante, propõe técnicas de interpretação lingüística de citações bíblicas idênticas às que Freud utilizou para interpretar expressões humanas.

O *Zohar* diz que duas mulheres acompanham cada homem: uma, a mulher superior, que acompanha o homem quando ele se afasta de casa em viagem ou para estudos, uma união sacra que reconstitui o primeiro ser humano, Adão, bissexual, pois está escrito: *Zedec* (feminino de *zadek*, a justiça) *irá na sua frente e o fará andar no caminho aberto pelos seus passos* (Salmos 85, 13). É uma união celeste. Quando ele retorna ao lar, passa a vigorar uma união terrena com a mulher da esfera inferior à qual ele é obrigado a dar prazer, porque está escrito: *E saberás que a tua tenda está em paz e visitarás a tua habitação e nada lhe faltará* (Jó 5, 24). A mulher superior que é seu par divino lhe é dada em função daquela com a qual ele cohabita, daí ser pecado não procurá-la porque, não o fazendo, ele desonra o par celestial que lhe foi concedido.

No *Zohar*, o problema da Lilith é revivido. Na lenda de Lilith, a rainha dos demônios induz os homens a práticas onanísticas gerando outros descendentes, que ela mata. Mas Lilith, de acordo com o *Zohar*, além de procurar homens solitários, se insinua também no leito conjugal, e daí o livro recomendar ritos e rezas para afastá-la. Importante também no *Zohar* é a concepção da *Schechinah*. Considerada até então como sinônimo de Deus, ela aí adquire foros de autonomia, como componente feminina de Deus, dele separada depois da destruição do Templo, devendo se reunir a ele para que o Messias possa vir à Terra.

CAPÍTULO II

FREUD E A *CABALA*

Freud é habitualmente visto como gênio inexplicável que explodiu no mundo deixando uma mensagem complexa e profunda. Na história das idéias que o precederam podemos encontrar alguns antecessores, mas a concepção básica da psicanálise é tão distinta das outras formas de pensamento que a questão de seus antecedentes ainda permanece nebulosa. Por tudo isso, David Bakan, no seu livro *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition* (1958), acredita que a análise da origem das idéias de Freud é incompleta, a não ser quando vista sob a luz do pensamento místico judeu. Para Bakan, novas idéias não podem surgir sem antecedentes, daí ele salientar a similitude entre as concepções freudianas e as cabalísticas.

As repetidas afirmações de Freud sobre seu judaísmo teriam maior importância do que geralmente se admite. O mundo de Freud foi o mundo do judaísmo europeu. Apesar de sua irreligiosidade, Freud se sentia intensamente judeu e viveu em círculos judeus. Seus amigos eram todos judeus, seus pacientes eram quase todos judeus, sua cultura e seus sentimentos de família exemplificam um judaísmo mais poderoso do que a ortodoxia religiosa. Não que Freud fosse um estudioso secreto e profundo da erudição judaica – a imagem de Freud debruçado sobre livros cabalísticos é irreal, embora até fosse possível – mas o pensamento místico judaico dominava nas regiões da Europa de onde vieram os seus pais e entre a grande maioria dos judeus de Viena. Por outro lado, Goethe, que Freud venerava, estudou a *Cabala*.

No livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* (1962), Carl Gustav Jung e A. Jaffé reproduzem uma série de cartas de Freud e, numa delas, o pai da psicanálise afirma: "Aqui há outra instância em que você encontrará a confirmação do caráter especificamente judeu do meu misticismo." Também Chaim Bloch, citado por Bakan, ao visitar Freud e esperá-lo na sua biblioteca, encontrou lá uma série de livros cabalísticos, traduzidos em alemão, e uma cópia em francês do *Zohar*, onde, como vimos, muitos conceitos se aproximam da psicanálise, como os da bissexualidade, da sexualidade em geral, e da noção de que o homem pode ser analisado por técnicas de exegese aplicadas à *Torá*, através da minuciosa investigação do sentido oculto das palavras. E, ainda, teorias sobre a origem do anti-semitismo que Freud defende no seu livro *Moisés e o Monoteísmo*.

Diferentes autores mencionam uma relação entre o espírito judaico e a psicanálise. Alguns, no sentido pejorativo, definindo-a como ciência judaica. Outros, ao contrário, consideram a psicanálise como mais uma prova do espírito judaico, que sempre serviu para sacudir a humanidade e para revolucionar o pensamento humano, comparando Freud a Spinoza, ou aos modernos, Bergson, Lévi-Strauss, Einstein e Karl Marx, cuja ousadia serviu para abrir novos horizontes.

O próprio Freud, como se depreende de sua autobiografia, estava convencido de que o fato de ser judeu foi de enorme importância na sua luta contra os preconceitos e na sua rebelião. Ele salientou que a mente judia é não-conformista e profética, no sentido de que procura sempre se livrar das tiranias intelectuais da sociedade dominante. "Porque sou judeu fiquei livre de muitos preconceitos que restringem outros no uso de seu intelecto, e, como judeu, estava preparado para opor-me à maioria compacta." São palavras de Freud em sua conferência na loja maçônica judaica *Bnei Brith*, no dia de sua posse.

Na sua autobiografia, ele afirma que os judeus têm duas vantagens nos seus pensamentos: sua visão não é embaraçada por dogmas e superstições que obscurecem a mente do mais progressista dos cristãos, por mais que eles se suponham livres de preconceitos e, além disso, não são tentados a imitar o conformismo dos que os cercam. E, mais ainda, quando os judeus tentam fazê-lo, a hostilidade dos que os cercam termina por mandá-los de volta ao seu meio original e natural.

O judeu é mais livre em relação à sua herança espiritual, que não distorce seu pensamento, e ainda mais em relação aos dogmas cristãos, que não o afetam. E, diz Freud, graças a esta dupla liberdade, a psicanálise foi capaz de impor-se como ciência e desenvolver suas armas para o ataque às últimas fronteiras da mente. Além disso, Freud considera que sua estrutura e natureza judaicas o equiparam para a sua luta intelectual, chegando à conclusão radical de que a psicanálise só poderia ser criada por um judeu, o que explica ela ter demorado a eclodir. Numa carta a Karl Abraham, em 1908, Freud escreveu: "É mais fácil para você do que para Jung seguir minhas idéias, em primeiro lugar por ser você completamente independente, e, em segundo, por estar mais próximo do que eu penso devido à consangüinidade racial. Jung é cristão e filho de um pastor e só encontrou seu caminho após vencer uma enorme resistência íntima. Apesar disso, a associação com Jung foi de grande importância, porque, se ele nela não se engajasse, a psicanálise poderia ser considerada assunto particular e nacional judaico."

Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856, três meses após a morte de Heinrich Heine, o poeta judeu, alemão, protestante por conversão, parisiense de coração e grego de espírito, encarnando desse modo a instabilidade espiritual de sua geração. Nessa época, mal começara a emancipação judaica, a abertura que permitiu aos judeus a possibilidade de cidadania e integração. Mas era apenas uma abertura limitada, oficial, cerceada por obstáculos gerados pela própria sociedade que eles pretendiam integrar.

Oficialmente, os judeus alemães foram emancipados em 1802, mas, em 1856, quando Freud nasceu, os seus direitos plenos variavam de lugar para lugar, sendo ausentes em alguns locais onde a população lhes era hostil. Em 1791, a Assembléia Nacional Francesa promulgou o decreto que dava aos judeus igualdade de direitos, igualdade que Napoleão Bonaparte estendeu a todos os territórios que conquistou, inclusive os da Alemanha. Mas esse decreto foi de tal modo desrespeitado que, na primeira metade do século XIX, teve de ser ratificado por novos decretos regionais. Os anos de 1802, 1808 e 1848 deram aos judeus alemães a esperança de se libertarem do regime medieval em que viviam, mas persistia a impotência do legislador para vencer a resistência da elite, das autoridades e da população local.

Em 1868, na Alemanha e em 1869, na Áustria, novos decretos foram promulgados. Na ocasião, Freud era estudante em escola secundária de Viena, onde não precisava esconder sua identidade. Neste particular, suas dificuldades eram bem menores do que as de Heine, de uma geração anterior, cujos correligionários tinham de se haver com obstáculos que os forçavam à conversão ao cristianismo, criando dúvidas, remorsos e vergonha. Nem o sucesso literário dos escritores judeus em língua alemã, nem o sucesso financeiro dos banqueiros judeus, nem a ascensão política, nem a beneficência de seus mecenas, nem mesmo a participação ativa nos movimentos sociais puderam diminuir a desolação do judeu que para tornar-se alemão devia se autodestruir em nome de algo que ele não era ainda, porque mesmo que aspirasse a sê-lo, a comunidade que ele pretendia integrar o rejeitava. Ele podia mudar de nome, adotar o tom e as maneiras do intelectual gentio, esposar formalmente o catolicismo ou o protestantismo, contribuir com seu talento para a glória da ciência ou da literatura, e continuava a ser discriminado.

Freud, judeu e alemão por nascimento, era filho de uma família tradicional, embora seu pai, Jacob, tivesse a mente mais aberta do que a dos judeus ortodoxos. Mas a julgar pelas reminiscências do filho, por sua aparência e por seus hábitos, era facilmente identificável. Vinha de um ambiente *hassídico*, movimento místico judeu. Mas a educação do filho não foi religiosa, nem mesmo judaica, a tal ponto que Freud lamentava não saber o hebraico. A negligência não foi completa porque ele estudou as escrituras e as tradições, e seu professor, Samuel Hamerschlag, longe de ser uma figura episódica nas suas memórias, tornou-se um de seus amigos mais queridos. No seu 35º aniversário, Freud recebeu do pai, como presente, uma antiga *Bíblia* que lhe servira de estudo na infância, tendo uma dedicatória em hebraico, presente que seria um absurdo se pai e filho não tivessem estreita ligação com o judaísmo.

Mesmo que se admita que Jacob Freud não fosse religioso fanático, é forçoso reconhecer que ele era adepto fervoroso das escrituras e que só timidamente se aventurara nos meandros da cultura ocidental. Era estritamente um homem ligado à *Bíblia* e tinha pouca vivência com outros livros. Bem diferente do pai de Einstein, Herman, que se assemelhava a um verdadeiro alemão, adepto de Bismark e patriota fervoroso, Jacob era unido ao mundo judeu por laços indestrutíveis. Esses laços aparecem

nas obras de Freud, com seu inesgotável repertório de histórias e de chistes judaicos e de alusões à *Bíblia*, e em certas características de seu pensamento. Freud deu sempre importância ao casamento e à vida familiar, era orgulhoso de seus filhos e os considerava, de acordo com a tradição, como garantia da sua imortalidade. Tinha a mesma paixão pelo estudo que seus ancestrais talmúdicos e, como eles, defendia suas convicções com coragem. Interessava-se sobremodo pelos fatos mais simples da vida cotidiana. Freud seguia ainda a tradição dos mestres judeus, auxiliando seus discípulos até mesmo no plano econômico, mesmo em períodos em que ele não gozava de boa situação financeira. A mulher de Freud era de família ortodoxa que obedecia estritamente às leis religiosas. De acordo com Ernest Jones (1957), biógrafo de Freud, os primeiros anos do casamento foram embaraçosos por esse motivo.

Freud teve experiências desagradáveis, primeiro na Universidade e depois entre os colegas de profissão, devido ao anti-semitismo. Mas havia também gentios na sua época que abominavam o anti-semitismo, como o professor Nothnagel, militante anti-racista na Universidade e fora dela. Freud gostava de viver entre seus correligionários, que predominavam em seu círculo de amigos. Sentia-se em casa no lar de seu velho professor Samuel Hamerschlag, que o estimava como a um filho. O seu grande confidente era Wilhelm Fleiss, em quem encontrou um caráter judeu igual ao seu, e, por muitos anos, "seu público", a quem apresentava seus trabalhos em primeira mão.

Freud nunca pronunciou uma palavra em desfavor dos judeus e nunca negou sua origem. As grandes figuras da *Bíblia* fazem parte de sua obra: José, como intérprete de sonhos e o patriarca Jacó, porque via nele a incarnação de seu pai. Foi membro da Bnei Brith, loja maçônica judaica, e pertenceu ao *board* da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ficou chocado com o caso Dreyfus e triste porque o considerou degradante para a França. Lamentou que tivessem eleito como prefeito de Viena o agitador anti-semita Karl Lueger, e foi favorável ao movimento sionista, só não participando dele porque se dedicou plenamente à psicanálise. Para David Bakan, foi esse o motivo por que Freud escondeu a relação da psicanálise com o movimento místico do judaísmo, pois temia que sua doutrina sofresse com a discriminação anti-semita.

Imediatamente após o aparecimento do livro de Freud *A Interpretação de Sonhos* (original de 1900), seus discípulos versados em hebraico começaram a procurar paralelos nas escrituras e em outros escritos antigos. Isto porque na vasta literatura rabínica é possível encontrar preceitos, máximas, conceitos e histórias próximos das idéias arrojadas de Freud. Os rabis também davam grande importância à interpretação dos sonhos, à sexualidade, à vida familiar e aos acontecimentos do dia-a-dia. Além disso, existia muita semelhança entre o simbolismo de Freud e as teorias cabalísticas, bem como a utilização de palavras e números como instrumento de análise.

Apesar disso, Freud jamais tentou relacionar a psicanálise com o judaísmo. Era e queria ser um judeu pleno, apesar de sua irreligiosidade, e jamais quis explicar como chegou às suas teorias, que tinham como finalidade desvendar os mistérios de toda a humanidade, independente de qualquer liame étnico, histórico, cultural ou social.

CAPÍTULO III

A SEXUALIDADE NA *CABALA*

De acordo com comentaristas modernos, como Gershom Scholem, os cabalistas judeus rejeitaram a hostilidade dos filósofos helenistas ao mundo material e procuraram, do mesmo modo que os talmudistas, restaurar a relação do corpo com a alma. Por isso, consideravam a sexualidade como base da harmonia divina. A relação entre o homem e a mulher trazia a *schechiná* ao leito conjugal. Numa época em que Maimônides caracterizava o ato sexual como ameaça ao estudo da *Torá*, surgiu o *Igerteh Hacodesch*, livro cabalístico de Nachmanides, que defendeu o ato como algo divino.

Algumas décadas antes do *Igereth*, circulou um tratado chamado *De Secretis Mulierum*. O texto, de autor desconhecido, dá instruções detalhadas sobre técnicas sexuais, incluindo quanto tempo esperar após as refeições e o momento de concluir a relação. O autor aconselha que as mulheres adotem determinadas posições no ato sexual e pensem em certos assuntos para terem uma prole sadia.

O *Igereth* manda que o marido inicie o ato sexual com palavras de carinho e sedutoras que despertem o desejo, a paixão e o amor. Que nunca force a mulher mas que a conquiste com carinho. "Penetra-a gentilmente e faze tudo para que ela tenha o orgasmo antes". O autor do livro reconhecia o orgasmo feminino, denominando-o inseminação. Eis um trecho significativo: "Engaja-a de início numa conversação que agrade e coloque seu coração e mente à tua disposição. Assim, a tua mente e a tua intenção ficarão em harmonia com as dela. Fale palavras que desper-

tem sua paixão, seu amor e seu desejo e palavras que ao mesmo tempo provoquem atitude de reverência ao Senhor, piedade e modéstia. Jamais abuses da força para a união, porque a *Schechiná* não o suportará. Também não discutas ou brigues com ela, antes obtenha seu apoio com palavras de sedução e graça. Não tenhas pressa de despertar sua paixão até que seu ânimo esteja pronto."

Sem dúvida, o *Igereth* valoriza o prazer físico, mas o propósito é antes eugênico. Combina o prazer sexual com o propósito de criar filhos sadios, pois baseia-se no princípio galênico de que o orgasmo é importante na concepção, legitimando o prazer sexual da mulher e subordinando-o à criação. De acordo ainda com o conceito galênico, o caráter moral e o aspeto físico dos descendentes depende exclusivamente da semente masculina, mas a modelagem final depende do comportamento dos dois parceiros durante o ato. Além disso, há ainda, nos conselhos dados, um componente nacional judaico: "Os judeus são diferentes das demais nações por serem sacros e, em o sendo, devem transferir a santidade através das gerações por adequado comportamento sexual. Homens e mulheres, durante a relação, concorrem para que os poderes divinos (*sefirot*) dela participem."

Como vimos, o autor do *Igereth* argumenta que tudo que foi criado por Deus é legítimo e não pode ser contestado. Por esse motivo, Adão e Eva, antes do pecado, não se envergonhavam de sua nudez porque seus órgãos genitais tinham para eles o mesmo sentido que as outras partes do corpo, como, por exemplo, as mãos ou os olhos. Se houve sexo no jardim do Éden, ele ocorreu sem desejo algum, afirmativa que é corroborada por outros escritos medievais judaicos. Depois de comer da árvore da sabedoria, o homem e a mulher tornaram-se conscientes do prazer sexual e de que estavam nus. Para voltar à inocência do jardim do Éden, devemos nos concentrar na intenção de servir a Deus durante o ato sexual e considerá-lo uma união entre as emanações femininas e masculinas de Deus, mais do que um ato puramente físico. Quando o homem compreende o significado místico do ato sexual, transforma-o em comunicação com o divino. Isto explica porque o judaísmo manda que seus sábios e estudiosos tenham relações sexuais no sábado. O sábado representa cabalisticamente a décima *sefirá*, o poder divino que é intermediário entre o mundo superior e o inferior. Neste dia, quem é místico comunga com Deus e assim o ato sexual ultrapassa sua base material e se transforma num ato teúrgico.

Ainda de acordo com o *Igereth*, o que pensamos durante a relação é impresso no sêmen e será reproduzido de alguma forma na criança. É uma concepção que nasce da crença médica da época de que o sêmen forma-se no sangue, passa ao cérebro e, depois, pela espinha, atinge a genitália. Assim, se nossos pensamentos são dirigidos a Deus, o sêmen será puro, mas se os nossos pensamentos se preocupam somente com o prazer ou com a beleza da mulher, o sêmen será poluído ou impuro. Despertar o desejo da mulher é importante porque cada parceiro está conectado com os poderes divinos (*sefirot*), femininos e masculinos, e, assim, os seus pensamentos devem ser conjugados, mais até do que os corpos, porque só deste modo atingirão o efeito teúrgico almejado.

Após a consolidação da *Cabala*, no século XIII, o misticismo se apresentou com duas diretrizes divergentes: a primeira, à qual pertencia o autor do *Igereth*, se preocupava com as repercussões dos atos humanos, inclusive da sexualidade sobre as *sefirot*, isto é, sobre os poderes divinos. A outra desprezava este pensamento e, de acordo com o pensamento dominante na época, considerava o ato sexual vergonhoso. As idéias do *Zohar* não diferem substancialmente das do *Igereth*. Defendem que a relação sexual apropriada, entre místicos e suas mulheres, produz um entrelaçamento harmonioso entre as *sefirot*, enquanto a infração sexual fortalece os demônios na sua ação destrutiva. Uma das grandes preocupações do *Zohar* era o casamento entre judeus e não-judias, freqüente na época. A prática em termos cabalísticos "introduzia a aliança com Deus, o pênis circuncidado, num domínio estranho": destruímos, no caso, a *sefirah yessod*, o pênis simbólico de Deus, que é rompido pela miscigenação.

O *Zohar* também enfatiza o pecado da masturbação, mais grave que a relação com mulheres gentias, sendo ambas formas de "perda de sêmen". Enquanto todos os outros pecados são suscetíveis de perdão, a masturbação não o é, porque representa o assassinato de um filho. Finalmente, há a preocupação com a ejaculação noturna. *Queri*, como é denominada na literatura talmúdica, é uma impureza transitória. Mas, para o *Zohar*, é uma relação com demônios femininos. Comentando o verso de Isaías: *Porque assim diz o Senhor sobre os eunucos que guardam meus sábados e escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança* (Isaías 56, 4), o *Zohar* afirma que a frase se aplica aos sábios que se abstêm de sexo nos dias da semana e só têm relações aos sábados. Os dias da semana são

puramente materiais, enquanto o Sábado é espiritual. Nos dias comuns, a sexualidade é despida de sua aura espiritual.

Embora os cabalistas considerem a *onah*, obrigatoriedade de satisfazer sexualmente a mulher, perturbadora, eles não podem ignorá-la. O autor do *Zohar* acredita que a relação com mulher estéril não deve ser entendida como perda de sêmen mas declara seu desconforto pelo fato de Abraão ter tido relações com Sara quando ela era estéril. Ele crê que este tipo de relação não-procriativa produz a alma dos convertidos, e isto explicaria porque não-judeus podem deste modo receber almas judias.

Em oposição ao ponto de vista aristotélico de Maimônides, as mulheres para os cabalistas são iguais aos homens no que se refere à semelhança de sua imagem com Deus, uma vez que as emanações divinas são, simultaneamente, masculinas e femininas. Embora a semente masculina seja a ativa, as mulheres não são apenas recipientes passivas. Ao feminino é dada uma dignidade ímpar no sistema das *sefiroth*, ou poderes divinos, como o elemento que medeia entre Deus e o Mundo. O homem não pode completar seus deveres místicos sem a mulher porque ela é imprescindível para trazer o elemento feminino de Deus a ele. A décima *sefirah*, ou *malchut*, é feminina, não tem identidade estável e oscila entre o amor e o ódio. De acordo com o alinhamento das outras *sefirot* e o poder do demônio, ela pode ser transformada instantaneamente de agente da vida em agente da morte. Em termos de analogia mitológica, a *machlut* ou *schechiná*, é ao mesmo tempo a "Grande Mãe" e a "Deusa Devoradora", o poder nutritivo da divindade e, ao mesmo tempo, seu poder destruidor.

CAPÍTULO IV

JOSEPH CARO E OS DESDOBRAMENTOS DO MISTICISMO

As doutrinas cabalísticas se restringiam a pequenos grupos sectários que faziam circular suas idéias em manuscritos que passavam de mão em mão. Após a expulsão dos judeus da Espanha, os místicos levaram suas doutrinas a plagas distantes – margens do Mediterrâneo, Holanda, Alemanha e Polônia. Finalmente, uma forte comunidade cabalística se fixou na cidade de Sfad, ou Safed, ao norte da Palestina e aí formou um grande centro de irradiação de suas doutrinas para todo o mundo. Estas idéias atingiram imensas camadas do povo judeu, embora as minúcias de conhecimento permanecessem restritas a uma pequena elite intelectual.

Em virtude da expectativa da vinda do Messias e do caráter comunal da prática mística de Safed, o ascetismo e a renúncia sexual exerceram grande atração. Penitências severas eram prescritas para todas as infrações possíveis, acompanhadas de explicações cabalísticas de como as transgressões afetavam as *sefirot*, as dez estruturas divinas que fizeram surgir o mundo através das emanações de Deus. As *sefirot* formam uma unidade e não devem ser consideradas entidades autônomas. A *sefirah* mais elevada é a *queter*, ou coroa, identificada com a incognoscível e infinita divindade – *Ein Sof*. Está situada no topo das demais. Abaixo, estão as outras nove, do lado direito e do lado esquerdo – *Chochmah* (sabedoria), *Chessed* (caridade) e ainda *Netsach* (vitória) do lado direito, e *Guevurah* (força), *Hot* (glória) e *Binah* (inteligência), situadas no lado esquerdo. As outras três – *Tiferet* (beleza), *Iessod* (fundamento) e *Malchut* ou *Schechiná*, abaixo e no centro. As *sefirot* do lado direito são masculinas e conduzem o fluxo

divino numa forma indiferenciada. As do lado esquerdo são femininas, recebem o fluxo das do lado direito e lhes dão forma. Quando as dez se unem harmoniosamente, e as masculinas e femininas se conjugam, o mundo se beneficia. Mas quando os pecados dos homens separam a *Malchut* das outras, a força do mal predomina e o mundo é atingido por toda sorte de calamidades. Nos manuscritos cabalísticos de Safed, encontramos muito material autobiográfico cuja finalidade é convencer os leitores pelo exemplo da própria vida. O livro *Maguid Mescharim*, de Joseph Caro, é uma demonstração dessa expressão autobiográfica.

Joseph Caro (1488-1575) nasceu em Toledo, na Espanha. Expulso de lá com seus pais em 1492, foi levado para a Turquia e, de lá, emigrou para a Palestina, fundando uma *yeschivah* (escola de estudos talmúdicos) em Safed. Aí, ele escreveu seu famoso código *Schulchan Aruch* (*A Mesa Posta*), que coleta e organiza os pontos de vista seus e de outros sábios. Foi também um grande estudioso e divulgador da *Cabala*, clamando que muitos segredos ocultos lhe foram revelados por um mensageiro sobrenatural – um *maguid*. Dizia que esse seu *maguid*, ou guia, era a personificação da *mischnah*, uma espécie de mentor celestial que se comunica com os homens em visões, sonhos, possessões do espírito, falando por sua boca ou escrevendo por sua mão, através de uma escrita automática. Processos similares aos de certos espíritas, hoje. O *maguid* de Caro falou por sua boca com voz estranha, numa noite de *schavuot* (Pentecostes), para admiração de uns e consternação de outros. O livro de Joseph Caro registra algumas dessas revelações. Numa delas, admoestou Caro por não seguir as recomendações e os preceitos de abstenção sexual, da irmandade de Safed. Os biógrafos de Caro acreditam que suas relações com o *maguid* tinham tonalidades eróticas e um deles, Werblovsky, crê que elas revelam sentimentos edipianos em relação à figura materna. A autobiografia de Caro inclui revelações sobre sua vida sexual. Teve três mulheres durante sua existência, e acreditava que elas o protegiam contra poderes demoníacos. Relata ter tido uma emissão noturna de esperma, que seu *maguid* atribuiu ao fato de ele ter passado por um mosteiro, mas conseguiu salvar-se uma hora mais tarde, tendo relações com a sua mulher.

A história se complica quando o *maguid* revela a Caro que sua terceira mulher é, na realidade, a reencarnação de um sábio, não podendo assim ser sua cônjuge. Deve tratá-la com todo o respeito e envergo-

nhar-se de ter relações com ela por puro prazer. O *maguid* não revela a verdadeira identidade do sábio-mulher. A troca de gênero seria uma tentativa de evitar novas relações ou, alternativamente, uma expressão de homossexualismo latente. Qualquer que seja a versão, não há dúvida de que o convívio de Caro com sua esposa gerava conflitos.

Para Caro, todos os prazeres físicos eram infrações. A freqüência imposta pela *Onah* seria o máximo de cópulas permitido ao casal, ao contrário do que pregava Rabad, rabino e místico provençal (1125-1198), que considerava a freqüência o mínimo requerido. As emissões noturnas deviam ser comuns no círculo de Safed, onde era pregada a abstinência sexual. Isaac Luria (1534-1572), místico e fundador de uma seita cabalística, o mais proeminente dos cabalistas de Safed, compartilhava das idéias de Caro. Todas as noites, tinha relações com a mulher para evitar a polução noturna. Era uma extraordinária inversão da doutrina da abstenção sexual, em que a renúncia requeria atos sexuais freqüentes.

Isaac Luria nasceu em Jerusalém e foi educado no Egito, onde viveu sete anos recluso numa ilha do rio Nilo, estudando o *Zohar*. Lá, reuniu à sua volta os maiores místicos da época, embora nem todos pudessem absorver a totalidade de suas idéias. O próprio Caro não conseguiu estudar com ele porque adormecia durante suas prédicas. Os pensamentos de Luria foram registrados por seu discípulo, Chaim Vital. Admitiam a transmigração das almas, permitindo que tarefas atribuídas a um ente continuassem a ser desenvolvidas em muitas vidas. Diz-se que a alma de Luria seria uma reincarnação da de Moisés e que ele possuía o santo espírito, o *ruach hacodesch*, podendo identificar o estado de transmigração da alma de uma pessoa apenas olhando para sua testa. Os ensinamentos de Luria tiveram grande impacto sobre o misticismo, criando um movimento neocabalístico.

Chaim Vital (1542-1620), o principal compilador dos ensinamentos de Luria, nasceu na Calábria e emigrou para Safed. Declarava ser o único conhecedor dos segredos de Luria e se jactava de que sua alma era a mesma do futuro Messias. A partir de 1590, viveu em Damasco, onde pregava a vinda do Messias, e divulgando os pensamentos de Luria que, para ele, eram inspirados por Deus. Quando morreu, seus escritos foram enterrados com ele. Mais tarde, foram desenterrados por cabalistas que receberam mensagem do céu advertindo-os para fazê-lo. A afirmação do

Zohar da proibição de sexo nos dias da semana foi por ele transformada em mandamento. Vital também lutava contra a prática de sexo com mulheres estéreis e em períodos não-procriativos, como a menopausa ou durante a amamentação. Para Vital, apesar da *Onah*, o homem pode abster-se das relações sexuais com o consentimento da mulher, uma vez que a união sexual superior, platônica, pode ocorrer sem correspondente união na esfera inferior, como reza o Zohar. Vital afirma que Luria não tinha relações com sua mulher nos períodos em que ela não podia conceber.

Os cabalistas de Safed eram muito rígidos no que tange ao comportamento sexual. Expulsaram uma mulher em 1548, que se queixou de que o marido tinha com ela relações anais. Outra preocupação era a masturbação. Vital achava que era o único pecado a ser expiado por menores e listou uma série de penalidades de acordo com a técnica utilizada.

No século XVI, houve uma espécie de contraposição, no pensamento místico, entre a mulher comum, terrena, e a mulher celeste, o espírito feminino sobrenatural. Os rituais sabáticos em Safed incluíam procissões e hinos para dar boas vindas à noiva sabática, com os cabalistas fazendo o papel de noivo. O hino popular *Lecha Dodi* é um exemplo dessa prática. Salomon Alcabez (1505-1576), autor do hino, poeta e místico, escreveu que Moisés sempre foi um ser espiritual. A fonte dessa idéia era o *Zohar*, que fala de Moisés como *casado com a Schechiná*. O mesmo ponto de vista foi defendido por Moisés Isserles, cabalista polonês judeu (1525-1572), autor de importantes adaptações do *Código de Caro* para os judeus *asquenazim*. Moisés, nosso mestre, disse ele, removeu de si toda a cobertura corpórea, só restando a sua brilhante luminosidade.

Filósofos e místicos da Idade Média debateram-se na luta entre o corpo e o espírito, mas raramente admitiam uma existência puramente espiritual. Sua descrição do jardim do Éden refere-se sempre a Adão e Eva como seres materiais, dotados de corpos e de órgãos sexuais, embora, até comerem a fruta da sabedoria, o desejo sexual fosse ausente. Mas na *Cabala*, o corpo de Abraão, após sua morte, teria sido substituído por uma emanação etérea. No século XVII, outro cabalista, Abraão Azulay, de Hebron, falou de um futuro, no fim de todos os tempos, em que os homens se despirão de seus corpos materiais e ascenderão ao corpo

espiritual que Adão possuía antes do pecado. Outros cabalistas popularizaram o conceito espírita de que na morte nos libertamos da poluição do corpo material.

Os cabalistas de Safed adotaram as tendências ascéticas provenientes da Espanha e da França Medieval. Esta influência se estendeu aos movimentos místicos de massa do judaísmo polonês, incarnados no hassidismo. O movimento cabalístico de Safed produziu dois co-produtos bizarros, expressos em torno de Schabse Zevi e de Jacob Frank.

CAPÍTULO V

SCHABSE ZEVI

Schabse Zevi (1626-1676) foi o mais interessante, o mais complexo e o mais importante dos falsos messias seguidores da *Cabala*. Apareceu numa época em que a Europa estava abalada pela guerra dos Trinta Anos, e cristãos e judeus sofriam as conseqüências da fome e da miséria. E ainda, no caso dos judeus, dos massacres. Um deles foi o célebre *pogrom* de Chmelnicqui, na Rússia, que ceifou a vida de milhares de judeus. Quando Schabse Zevi proclamou-se o messias, isto soou como uma resposta de Deus ao clamor coletivo. Mais de um milhão de judeus de todas as camadas sociais, ricos, sábios, pobres, da Turquia à Inglaterra, o consideraram o libertador há muito esperado.

Schabse Zevi nasceu em Smirna, na Turquia, filho de comerciante abastado. Teve acesso às melhores escolas e era fluente em hebraico e árabe. Tornou-se cabalista nos primórdios de sua vida intelectual e cedo começou a revelar sinais que hoje seriam equivalentes à paranóia, mas que então foram considerados sinais de santidade. Ouviu vozes que lhe ordenaram que libertasse Jerusalém e, em resposta a essas vozes, pronunciou o nome inefável de Deus, blasfêmia religiosa grave. Aboliu os dias de jejum e invectivou contra o *Talmud*. Quando proclamou que era o messias, multidões começaram a segui-lo. Devido à oposição dos rabis de Smirna, mudou-se para Salônica, em 1654, onde se autoproclamou o messias, numa cerimônia solene de casamento com a *Torá*. Ganhou as massas com seus sermões e atitudes. Em 1662, viajou para Rodes, Trípoli e Egito, onde se casou com uma bela prostituta, de nome Sara, que

escapou de um passado de massacre na Polônia e aventuras mirabolantes. Sara teve os pais assassinados num *pogrom* na Polônia, aos seis anos de idade. Foi levada para um convento, mas conseguiu fugir na adolescência. Sua beleza angariava-lhe adeptos e assim conseguiu chegar a Amsterdã, onde passou a sofrer de alucinações. Ouvia vozes que falavam de Schabse Zevi e a aconselhavam a ser sua noiva. A união entre uma prostituta e um santo não foi a primeira na história judaica. O profeta Oséias foi um exemplo. *O princípio da palavra do Senhor para Oséias: Disse pois o Senhor para Oséias: Vai e toma uma mulher prostituta e filha de prostituta, porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor. E foi-se e tomou Gomer, filha de Diblaim e ela concebeu e deu-lhe um filho* (Oséias 1, 2-3). Havia inclusive lendas que proclamavam a união do Messias com uma mulher da vida.

Depois do casamento, Schabse voltou a Jerusalém e, em 1665, foi proclamado Rei e Messias por seu discípulo, Nathan de Gaza. Foi, no entanto, excomungado pelos rabis da cidade. Retornou à Turquia, onde multidões o aclamaram como o messias há muito esperado. Correu então o boato de que uma armada hebraica divina estava de prontidão na Arábia para invadir a Turquia e depor o Sultão. Schabse acreditou nos rumores e anunciou que iria assumir o comando para marchar contra Constantinopla. O Sultão não sabia como tratar o louco. Não queria matá-lo para não criar um mártir. E resolveu trancá-lo na Fortaleza de Galipoli. Mas milhares de judeus passaram a visitá-lo e sua influência crescia. Na fortaleza, ele criou sua corte e transformou seu aniversário, o dia 9 de Av (dia de jejum e tristeza entre os judeus já que era o dia da destruição do templo), em dia de festa, e as expectativas dos judeus aumentaram. O Sultão então ofereceu-lhe o dilema: a morte ou a conversão ao islamismo. Schabse Zevi converteu-se, mas apesar disso o movimento à sua volta não esmoreceu. Ele e seus seguidores continuaram a realizar ritos judaicos e elaboraram a teoria de que o sofrimento e a conversão do messias era uma expiação dos pecados de Israel. Os sabatianos citavam o *Zohar*, dizendo que o messias seria bom por dentro e demoníaco por fora. Schabse teria se convertido de acordo com a teoria cabalística da descida do exterior, sem valor para redimir a Luz Divina. Em conseqüência do modo de vida de Schabse, em harmonia com os preceitos judaicos e desacordo com os princípios islâmicos, e da contínua veneração dos judeus que o idolatravam, o Sultão resolveu bani-lo para a cidadela de

Dulcigno, na Albânia. Apesar disso, continuou a manter contato com grupos de seguidores até sua morte, pois acreditavam que ele ressuscitaria como messias e redentor do povo.

Depois que o pretenso messias foi obrigado a se converter, os sabatianos desenvolveram a teoria da "redenção através do pecado", que procurava justificar a entrada do messias nos domínios do demônio. Era uma doutrina de exaltação erótica, oposta ao movimento tradicional de Schabse, que era ascético. De acordo com a história extraordinária contada por Gershom Scholem (1946), Schabse Zevi tinha seis anos quando uma chama apareceu-lhe em sonho e queimou seu pênis. Dizem as lendas que ele sofria com tentações sexuais e que não conseguiu consumar seus três casamentos. Além disso, em cerimônia na cidade de Salônica, teria se casado com a *Torá*, tornando concreta sua fantasia erótica espiritualizada.

Com o tempo, seus adeptos assumiram a libertinagem sexual. Schabse convocou as mulheres para a *Torá* e organizou banquetes em que homens e mulheres comiam juntos. E seu biógrafo, Gershom Scholem, acredita que ele procurou instituir uma modificação real nas condições sociais da mulher. Um texto sabatiano anônimo procurou interpretar o casamento misto entre heróis bíblicos e mulheres não-judias: Judá e Tamar, Sansão e Dalila, Moisés e Zípora, Boaz e Rute e Josué com Raabe (este último só citado no *Midrasch*). A alma dessas mulheres tem origem em gentios piedosos que pelo casamento adquirem uma co-participação no mundo do além. Ademais, como por sua origem esta alma ainda é vinculada ao diabo, ela permite o contato entre o mundo de Israel e o mundo demoníaco. Fica desse modo solapada a segregação estrita dos judeus. Nathan de Gaza (1643-1680), o profeta de Schabse Zevi, devotou-se à *Cabala* e passou a idolatrá-lo sob a influência de uma visão. A sua devoção continuou mesmo após a conversão de Schabse. Peregrinou nos Balcãs e na Itália, pregando uma teoria que reunia as atitudes de seu mestre e as teorias de Luria, com ênfase na liberação sexual. Ensinava que, com a vinda do Messias, a árvore da vida substituiria a da sabedoria, com a vitória do instinto sobre a razão. Com isso, o ato sexual seria elevado a uma condição honrosa e gloriosa. O mérito de Schabse Zevi, segundo os adeptos de Luria, foi resgatar os resquícios de santidade dos atos materiais e restituí-los à sua fonte divina. O ato sexual seria resgatado do reino

do diabo. E, desse modo, a direção do movimento cabalístico passou do ascetismo inicial, evoluindo para um franco erotismo e seu expoente foi Jacob Frank.

Jacob Franck

Jacob Frank (1726-1791), o outro falso messias, era uma refinado charlatão. Nasceu na Ucrânia e viajou pelo mundo como mercador. Os seus negócios o levaram à Turquia, onde estudou a *Cabala* e se tornou membro da seita de Schabse Zevi. Fundou então um novo evangelho, onde a redenção seria obtida pela prática de atos libidinosos e impuros, com sessões místicas repletas de orgias sexuais. Os rabis o excomungaram. Frank voltou à Polônia, onde dizia ser a reincarnação de Schabse Zevi, e difundiu um novo credo, similar à santíssima trindade, constituído pelo Pai, pelo Espírito Santo e por Schabse Zevi. Aliciou multidões, que o encheram de ouro e prata e passou a viver nababescamente. Morava em um castelo ducal, vestia-se como um príncipe, viajava em carruagens de luxo e se intitulava barão. Foi mais uma vez excomungado e apelou para o bispo da Polônia, dizendo-se zoharista e anti-talmudista. O bispo local promoveu uma disputa aberta entre o rabi da região e Frank, realizada em Kamenetz Podolski, em 1757, que terminou com a queima do *Talmud*, por ordem do bispo, que deu a Frank a vitória no debate.

Uma segunda disputa, em Lvov, no ano 1759, terminou com a conversão de Frank e seus seguidores ao catolicismo, tendo como padrinhos nobres poloneses e o próprio Rei da Polônia, que o batizou. Muitos desses franquistas batizados eram intelectuais e atingiram posições de destaque na Polônia e na Rússia. Casaram-se com pessoas da nobreza e, com sua influência, deram um toque liberal aos governos das duas nações. Frank continuou a viver no fausto mas sua glória chegou ao fim quando a Igreja tomou conhecimento de sua nova trindade, aprisionando-o. Só não foi condenando à morte porque era afilhado do Rei. Frank permaneceu preso durante 13 anos, até ser libertado pelos russos, que tinham acabado de conquistar o país. O falso messias dirigiu-se então à Áustria, onde obteve a simpatia da alta sociedade, inclusive da Imperatriz Maria Teresa.

Morreu de acidente vascular cerebral em 1791, mas o franquismo ainda persistiu por alguns anos dirigido por sua filha, Eva. Ela pregava o franquismo, combinando a sapiência do *Zohar* às seduções de seu quarto de dormir e, desse modo, obteve os recursos necessários para uma vida de fausto. A *Cabala* não impediu que ela perdesse a beleza e envelhecesse. Os membros de sua seita foram se afastando e o franquismo morreu. Para David Bakan (1958), Freud elevou o impulso sabatiano ao apogeu. O messias Schabse Zevi tornou-se um gentio por conversão. Jacob Frank também. Faltava transformar Moisés, a figura máxima do judaísmo, e foi o que Freud fez no seu livro *Moisés e o Monoteísmo.*

CAPÍTULO VI

O HASSIDISMO

Ao contrário da *Cabala*, doutrina mística das elites, o hassidismo foi um movimento místico de massas que rapidamente se difundiu entre os judeus poloneses na segunda metade do século XVIII. Surgiu na onda dos movimentos messiânicos anteriores, motivado pelo colapso social e econômico das comunidades judaicas da Europa Oriental, fruto das perseguições dos cossacos e das restrições impostas pelas igrejas cristãs e pelo governo russo. A autonomia das comunidades judaicas foi desfeita e os judeus foram tangidos de pequenas cidades e vilarejos para centros maiores. A sociedade que se desintegrava estava madura para a renovação religiosa destinada a preencher um vácuo espiritual e político. Assim, no princípio do século XIX, o hassidismo abrangia a metade dos judeus da Europa Oriental. O movimento hassídico era uma reação ao domínio do rabinato tradicional que se baseava na hierarquia do saber e da riqueza. O hassidismo ressaltava a piedade, a expiação espiritual, a devoção a Deus e a alegria de entregar-se completamente à divindade, em contraposição ao formalismo rabínico. Era a fé pura, sem sofismas, e o caminho para Deus aberto a todos, inclusive aos ignorantes e aos pobres, cujas orações fossem sinceras e cuja fé fosse ilimitada. O hassidismo não admitia as restrições impostas pelos ascetas, que negavam ou rejeitavam as alegrias da vida. Era a emoção vencendo o conhecimento. Desse modo, o movimento hassídico entrou em conflito com o rabinato ortodoxo,

centralizado, naquela época, na Lituânia, sede das grandes academias tradicionais, que procurava impor suas teses, até mesmo excomungando os seguidores do hassidismo. Opunham-se assim as duas grandes correntes: os *misnagdim*, tradicionais e os *hassidim*, revolucionários. Os *hassidim* tinham sinagogas separadas, livros especiais de reza e organizações comunais próprias. Reuniam-se em torno de um líder, um *rebe* ou *tzadic*, que mantinha uma verdadeira corte para receber seus adeptos. O isolamento entre os dois grupos era tão forte que *hassidim* e *misnagdim* não se casavam entre si.

Um dos marcos da revolta contra o estabelecido foi a atitude em relação à questão sexual, que se manifestou em dois pólos contraditórios: a libertinagem sexual e o ascetismo exagerado. A licenciosidade teve seu apogeu no franquismo. Na época de Jacob Frank, testemunhas levadas à corte de Satanow acusavam seguidores de Frank de dançarem nus em grupos, em torno de mulheres despidas, beijando seus seios e executando atos libidinosos. Alguns admitiram adultérios e promiscuidade sexual. Sejam rumores ou boatos, os fatos mostram o clima de obsessão sexual. Mas o que acabou sobressaindo foi um movimento profuso de ascetismo baseado na tradição da *Cabala* e do *Mussar*.

O *Mussar* foi fundado por Israel Lipkin Salanter (1810-1883), que, inspirado na tradição da *Cabala*, acreditava que a única forma de servir a Deus era através do auto-exame e do aperfeiçoamento contínuo do caráter. Os *mussarniques* concentravam seu proselitismo entre os estudantes das academias religiosas (*yeschivot*) da Europa e pregaram suas teorias por toda a Europa. Houve forte oposição a eles por parte do rabinato, e por isso os adeptos do movimento fundaram academias próprias, onde se reuniam e confessavam seus desvios de conduta. Adeptos e pregadores enfatizavam alternativas aos estudos talmúdicos clássicos.

O fundador do hassidismo, Israel Ben Eliezer (1700-1760) era um homem de origem humilde com fama de milagreiro e curandeiro que, devido ao seu carisma, era conhecido como o *Baal Schem Tov* (Mestre do Bom Nome). Nascido em Podolia, na Polônia, estudou e praticou a *Cabala* desde cedo. Foi, sucessivamente, professor de crianças, operário e matador ritual de aves e gado (*schoichet*).

Por volta de 1735, já era conhecido como realizador de curas milagrosas. A partir de 1740, seus discípulos passaram a divulgar suas doutrinas, que reuniram após sua morte mais de dez mil seguidores. Eram doutrinas baseadas nos ensinamentos de Luria, mas com importantes inovações. Os homens deviam procurar a comunhão com a divindade – *devecut* – com rezas fervorosas. O próprio estudo da *Torá* requeria o mesmo fervor. Os princípios mais importantes eram a devoção religiosa, o cumprimento alegre dos mandamentos e o amor a Deus, à *Torá* e a Israel. A mais alta manifestação do poder espiritual era o *rebe* ou *tzadic*, mediador entre o mundo superior e o mundo onde vivemos. O espírito de Deus está presente em cada homem e em cada partícula material de nosso ser, e assim era possível servir a Deus na mais vulgar de nossas ações. O prazer em todas as suas formas não era pecado porque o homem deve servir a Deus com o seu corpo do mesmo modo como o serve com sua alma. Todas as formas de ação e todos os atos, mesmo os mais baixos, eram dignos. Embora não rejeitasse o estudo, a oração para ele se situava acima da sabedoria e do conhecimento, e, por isso, ele insistia para que seus adeptos rezassem com devoção e esquecessem através da concentração religiosa as agruras da vida.

Os judeus atribulados por perseguições e privações se apegaram às prédicas e eram atraídos para um ascetismo sexual severo como redenção para os pecados. Muitos chegaram a sublimar o ato sexual, como se depreende do texto abaixo de Leib Melamed, que viveu na segunda metade do século XVIII, e está transcrito no livro de David Biale: "Uma vez eu estava a sós com uma mulher e ela estava nua sobre uma cama e me pediu para ficar com ela. Mas não acedi ao seu apelo. Somente contemplei a sua carne e sua grande beleza, até que o espírito da santidade veio sobre mim e me disse para desistir. É peculiar ao homem quando vê uma mulher ter grande desejo por ela, mas também evitar as relações e só contemplá-la. Olhar para ela intensamente é prova capaz de elevá-lo a grandes alturas espirituais". O mesmo autor, em outros escritos, afirma: "Eu digo que é próprio observar o banho ritual. Acredite-me que uma vez presenciei quando a mulher mergulhou no banho e vi aquele lugar e foi como se não visse nada e depois, quando deixei o local,

um espírito de grande santidade caiu sobre mim". Esses trechos são ilustrativos da luta entre o ascetismo sexual e as tentações, comum nos escritos da época.

A propaganda do ascetismo ultrapassou as elites e encontrou terreno fértil entre os jovens, muitos deles prematuramente casados. Desde a Idade Média, os judeus da Europa Oriental e do Norte da Europa casavam seus filhos muito cedo, em torno de 13 a 14 anos, através de arranjos entre os pais. E até mais cedo. A literatura rabínica é repleta de casos de meninos casados antes dos 13 anos e de meninas antes dos doze. Quando surgiam problemas, as autoridades sefaraditas tentavam encontrar brechas para anular ou desfazer o casamento. Mas as autoridades *asquenazit* tentavam por todos os meios manter os laços matrimoniais. O casamento precoce fazia parte dos costumes dos judeus *asquenazis*. Os *sefaradit* se casavam mais tarde. Só depois do século XVIII, o casamento precoce começou a desaparecer na Alemanha e em áreas próximas porque leis estaduais tiraram dos judeus o poder de regular e registrar o casamento, que passou a ser civil. Na Europa Oriental, o costume dos casamentos precoces continuou, o que diferenciou as comunidades judias da Alemanha das da Polônia e da Rússia. Pensadores e médicos gentios consideravam o costume dos casamentos arranjados depravado e indutor da obsessão sexual dos judeus. O movimento dos judeus pela emancipação que se seguiu ao hassidismo julgava que o casamento precoce era a base da opressão religiosa da sociedade ortodoxa tradicional. Mesmo entre os ortodoxos, o casamento precoce foi banido pouco a pouco.

Na literatura rabínica da época, existem muitos casos de proposição de anulação de casamentos porque o casamento precoce fazia com que os casais não consumassem o enlace por animosidade ou impotência psicológica. O peso do confronto era sentido especialmente pelas mulheres, pois os homens passavam longo tempo nas academias de estudo (*yeschivot*), ou nas cortes hassídicas, e lá fugiam da pressão familiar. Muitos dos que fugiam, obcecados pelo fracasso da vida sexual e pelos pecados juvenis onde pontificavam a masturbação e a ejaculação noturna, vinham ao *rebe* e encontravam nele o ideal de pureza e abstinência, sublimando sua angústia pela fé.

Os ensinamentos do Baal Schem Tov encontraram terreno favorável e logo se espalharam, atingindo populações atraídas pelo seu ar humilde e sua sabedoria, a ponto de venerá-lo como se fora um santo. Recebia presentes de todos os cantos e, por mais valorosos que fossem, ele os distribuía entre os pobres. O Baal Schem era contra a abstinência sexual, repudiando a teoria do *Mussar*. Ele dizia: "É melhor servir a Deus com alegria sem autoflagelar-se". Cada *mitzvah* ou mandamento divino tinha sua origem em algum pensamento de prazer físico, próprio do homem. Através dos desejos físicos acabamos por desejar a *Torá* e adorar a Deus. Eles não devem ser suprimidos porque nos servem para atingir a transcendência espiritual. O prazer sexual seria uma fonte de santidade, usando-se o físico como escala para o espiritual. Um dos membros de seu círculo, Benjamin de Zalosce, afirmou: "Se você quer aderir a Deus com fervor, permita-se algum tipo de desejo material e de lascívia". Nem o corpo humano nem a mulher eram encarados negativamente. Por isso mesmo, o Baal Schem Tov tratava com consideração a mulher de seu discípulo Nachman de Kossov: "Uma vez que ela tinha o mérito de se deitar ao lado do corpo de um santo homem, merecia todo o respeito".

Os adeptos, após a morte do seu fundador, se reuniram em torno de *rebes* ou *tzadics*, que exerciam as funções de mestre, orientador e mediador entre a comunidade e Deus. Os *tzadics* resolviam grande parte dos problemas particulares e domésticos dos adeptos. Eram procurados para dar conselhos, dirimir desavenças, resolver desde questões gerais às mais íntimas. A maioria desses líderes acabou por estabelecer verdadeiras dinastias hereditárias, mantendo cortes e palácios e acumulando bens. Em menos de 50 anos após a morte do Baal Schem, os mais influentes de seus discípulos rejeitaram a tese do prazer sexual como fonte de devoção e fizeram o hassidismo retornar às tendências ascetas do movimento *mussar*.

Um dos expoentes desse retorno foi Nachman de Bretslov (1772-1811), bisneto do Baal Schem. Desde a infância, absorveu as doutrinas cabalísticas de Luria. De temperamento ascético, isolava-se nos campos e florestas para meditar e rezar ao Deus da natureza.

Para Elie Wiesel, as suas histórias são as mais encantadoras da literatura hassídica e nos lembram Franz Kafka, que ele precede de um século, abordando os mesmos temas, obsessões e sonhos. Em 1798, emigrou para a Palestina e fixou-se em Tiberias para estudar a *Cabala*. Ao retornar à Ucrânia, começou a pregar e atrair adeptos pelo seu misticismo de características especiais, que ressaltava o valor supremo da alegria e da oração. O homem, dizia ele, poderia rezar na língua popular dos judeus, o *idisch*, e recitar os *Salmos* para sublimar seu desejo sexual. A fé, pregava, era o único caminho entre os mundos profano e divino. Deu grande destaque ao papel do *tzadic* como intermediário entre o homem e Deus. Para o *tzadic* Nachman de Brestlov, a cópula significava sofrimento idêntico ao da circuncisão. O *rebe* da Ucrânia e o novelista de Praga morreram ambos jovens, o *rebe*, com 38 anos, e o romancista, com 41. Da mesma doença, tuberculose. Ambos pediram para que seus escritos fossem queimados. E cada um teve um amigo que os preservou – Max Brod foi para Kafka o que o *rebe* Nathan foi para Nachman.

Um dos menos ascéticos discípulos do Bal Schem, Menachem Nahum, de Chernobil (1730-1789), contribuiu para lançar as bases do neo-ascetismo. Dizia ele que às vezes as pessoas entram em depressão por reconhecer o lado negativo de suas qualidades, como o desejo sexual incontrolável, ainda que este seja um desejo lícito. Essa pessoa devia saber que o Céu deseja elevá-la, utilizando suas emoções naturais para abrir seu coração ao amor de Deus. O homem deve executar seu ato de amor como se servisse ao Senhor, do mesmo modo como cumpre os demais rituais: o dos filactérios, por exemplo

A doutrina de usar os atos materiais para atingir a espiritualidade foi negada por Dov Baer (1710-1772), o grande pregador e *rebe*, denominado o *maguid* de Mezeritch. Originalmente, pregador popular, caiu Baer sob a influência do Baal Schem, a quem procurou para que curasse sua saúde abalada. Tornou-se o líder do hassidismo. Após a morte do mestre, atraiu sábios, religiosos e cabalistas, além das massas, e todos os chefes hassídicos posteriores foram seus discípulos. Foi o grande responsável pela disseminação do hassidismo, enviando pregadores para todos os

recantos da Ucrânia, da Polônia e da Galícia. O Baal Schem tentou demovê-lo de seu ascetismo dizendo: "Teu saber não tem alma", mas de nada adiantou. Dov introduziu no hassidismo as cortes hassídicas, nas quais o *rebe* era uma espécie de rei, com quem os adeptos iam estudar, procurar ensinamentos e viver parte de seu tempo. Pregava que o mundo material era um reino demoníaco que devia ser erradicado pelas atividades espirituais. Mesmo durante a cópula, devemos ignorar o prazer físico em favor do espiritual.

Nascido em Volhinia, em 1710, dez anos após o Baal Schem, era proveniente de família pobre e viveu na miséria mesmo após o casamento. Dizem que, mesmo exasperado pelas queixas de sua mulher, após o casamento de seu filho, ele jamais se exaltou, transformando sua pobreza em virtude. A vida deveria ser, segundo ele, cada vez mais dura. O *maguid* não publicou seus pensamentos mas sua doutrina pode ser encontrada nos escritos de seu discípulo Elimelech de Lizanski (1717-1787). Interpretando o versículo bíblico: *E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve a Caim* (Gên. 4, 1), Elimelech oferece uma interpretação radical para a palavra *conheceu*. Se a *Bíblia* quisesse indicar uma mera cópula, teria usado a expressão *e entrou nela*. A palavra conheceu implicaria conhecimento carnal e seria profundamente negativa. Porque para ele o ideal no coito é realizá-lo com pensamentos elevados a Deus, sem sequer pensar na própria mulher. Adão conheceu ou sabia que estava com Eva e daí o péssimo produto que foi Caim. No fim da vida, o *maguid* assumiu uma posição de destaque impondo intermediários entre ele e os que o procuravam, mas, desiludido com as brigas entre os *misnagdim* e os *hassidim*, que atingiu proporções enormes numa época em que as perseguições aos judeus estavam no auge, abandonou sua cidade e morreu pedindo a união de todos.

O *Cotsquer rebe*, Menachem Mendel de Cotsc, é a figura mais trágica do hassidismo. Trata-se de personalidade desconcertante na sua rebelião contra a divindade pelos sofrimentos impostos ao seu povo. Nos últimos anos de sua vida, em protesto, viveu praticamente isolado, recusando-se a participar de cerimônias coletivas. Acreditava que a proibição bíblica do adultério incluía a própria mulher

se a relação sexual terminasse em prazer. O desejo sexual para ele não se revestia nunca de um significado positivo. O costume hassídico de usar um cinto cerimonial (*gartel*) era, para ele, um sinal de que a parte sexual ou baixa do corpo deveria ser separada da parte superior ou espiritual. Devido ao mandamento de procriar, os ascetas hassídicos não podiam prescrever o celibato e optaram por ordenar que a cópula fosse realizada sem sombra de desejo ou prazer. Muitos *hassidim* foram, por isso, levados à misoginia, repulsa ou aversão às mulheres. O hassidismo adotou muitas imagens primitivas de mulheres demoníacas difundidas no folclore e na *Cabala*. Como a sexualidade era uma ameaça, as mulheres passaram a ser culpadas por associação. O cúmulo da espiritualidade seria o celibato. O exemplo de Hana Rachel de Ludomir ilustra a afirmação.

Hana (1805-1892), chefe de um grupo de *hassidim* ficou conhecida como a donzela de Ludomir. Quando menina estudou a literatura religiosa com o pai e teve vários episódios de êxtase. Costumava visitar o túmulo da mãe para rezar e uma vez adormeceu junto da sepultura. Quando acordou, assustou-se, saiu correndo e caiu numa cova. Passou então a ter visões e a ouvir vozes, afirmando que ganhara nova alma. Rompeu o noivado com o namorado de infância e começou a agir como se fosse um homem. Seguia os mandamentos pertinentes ao sexo masculino, vestia indumentária masculina e usava os apetrechos rituais dos homens (*talit* e *tefilin*). Quando o pai faleceu, recitou o *cadisch* (oração fúnebre pelos mortos), que é prerrogativa dos homens. Um grupo de seguidores reuniu-se à sua volta e ela costumava ensinar-lhes a *Torá* através da porta aberta de sua casa, que dava para uma sinagoga especialmente construída para esse fim, pois ela passava reclusa todo o seu tempo. Quando completou 40 anos, persuadiram-na a se casar e a renunciar à sua pregação. Apesar de ter-se divorciado logo a seguir, antes de consumar o casamento, perdeu seus seguidores. O episódio de Hana mostra que o hassidismo não se abriu para as mulheres. O celibato foi a condição necessária para a sua sagração. Ela só conseguiu manter seu carisma ao negar seu sexo. Ao casar e tentar assumir o papel de mulher, foi rejeitada. No final da vida, mudou-se para Israel, onde orou pela vinda do Messias.

Na defesa da abstinência sexual, o hassidismo imitava os talmudistas antigos, que se ausentavam de casa por longo tempo apesar da proibição de fazê-lo. Seguiam o exemplo do rabi Aquiva que, após o casamento, se ausentou por 24 anos para estudar. O próprio fundador do hassidismo, o Baal Schem, nos últimos 14 anos de sua vida se absteve de relações sexuais com a mulher. Quando a mulher morreu, seus seguidores queriam que ele se casasse de novo, mas ele replicou: "Para que necessito eu de uma mulher se há 14 anos não dormia com a minha e assim mesmo meu filho Herschele nasceu, pelo poder da palavra." Trata-se de uma estranha imitação da noção cristã da imaculada concepção.

O filho do *maguid* de Mezeritch era chamado Abraão, o anjo, por sua renúncia às relações sexuais com a mulher. Casado aos 13 anos, soltou um grito de agonia, dizendo não poder se humilhar num ato físico de relação sexual. Viveu com sua esposa doze anos, sem consumar o casamento. Também Menachem Mendel de Cots, após o nascimento do filho, deixou de coabitar com a mulher. Na prática, a doutrina da abstinência não se difundiu, mas a longa permanência dos *hassidim* nas cortes concorreu para a quebra dos laços familiares, pois as cortes eram bem afastadas do lar. Nelas, os adeptos, muitos deles obrigados ao casamento precoce, sem subsistência própria, e compelidos a suportar os sogros, encontravam o meio de recuperar a liberdade.

Naquela época, o mesmo acontecia aos *misnagdim*. Eles também eram obrigados pelos pais ao casamento, quando ainda quase crianças, e encontravam refúgio nas *yeschivot*, onde permaneciam dias, semanas, meses. A satisfação emocional dos jovens, em um movimento aparentemente antagônico, era encontrada fora da família artificialmente constituída. Somente uma nova ideologia de livre escolha e de romantismo poderia promover o retorno da sexualidade ao dia-a-dia dessas comunidades.

O movimento hassídico passou a declinar nos meados do século passado como resultado de sua estagnação, da difusão da modernidade, da secularização e das idéias laicas entre as massas dos jovens judeus, embora ainda existam núcleos muito ativos como os *lubavitcher*. Estes, porém, romperam com a religião predominante-

mente emocional dos *hassidim* clássicos e pregam que a verdadeira devoção vem da contemplação intelectual de Deus por meio da sabedoria – *chochmah*; da compreensão – *binah*, e do conhecimento – *daat*. Daí o cognome *Chabad*, baseado nas iniciais destes pilares. A sede atual desse ramo criado em Lubavic, na Polônia, fica em Nova York, e o *rebe* que lá reside comanda intenso movimento de proselitismo em todo o mundo judaico.

Entre os *hassidim*, um dos grandes sinais de fervor religioso é o balanço do corpo durante a oração (*schoclen zich*). Os judeus balançam o corpo para frente e para trás enquanto rezam, ato que já existia séculos antes do hassidismo. O *Talmud* sugere que seria um ato de êxtase, em concordância com o verso dos Salmos: *Todos os meus ossos dirão, Senhor quem é como tu, que livras o pobre daquele que é mais forte do que ele.*

Os místicos vêem no balanço um reflexo da tremeluzente luz da alma judaica, uma centelha da luz sagrada de Deus em comunhão com sua fonte. O maior poeta judeu da Idade Média, Judah Halevi (1085-1140), nascido na Espanha e morto por um árabe ao chegar a Israel, acreditava que o costume nasceu porque os judeus não possuíam muitos textos rituais escritos, de modo que as pessoas tinham de se inclinar para a frente para ler o texto do vizinho da frente e para trás, para que os outros pudessem ler. Há, ainda, a versão de que o movimento traduziria a comunhão do Hassid com a parte feminina de Deus, a *Schechinah*.

Nos fins do século XVII, David de Macov, um seguidor do grande *rebe* lituano, Elijah ben Salomon Zalman, o Gaon de Vilna (1720-1797), talmudista e oponente feroz do hassidismo, considerou o balanço do corpo um excesso sexual do hassidismo. Julgava que durante suas preces os *hassidim* cometiam o pecado da masturbação, porque durante suas preces deliberadamente provocavam a ereção de seus membros seguindo instruções do Baal Schem Tov, que teria dito que quando alguém se engaja em relações sexuais com órgão impotente não pode gerar filhos e que desse modo devemos ser potentes durante a oração para nos unirmos sexualmente com a *Schechinah*. O movimento de balanço seria uma imitação do ato sexual e a prece do ritual hassídico um equivalente do

próprio ato, podendo culminar numa ejaculação. Tudo segundo as acusações tendenciosas dos *misnagdim*.

Isso porque, com suas cortes místicas e milagrosas e seus adeptos dos *tzadics*, os *hassidim* passaram a constituir uma ameaça ao poder dos rabinos tradicionais, que começaram a acusá-los de licenciosidade. Na verdade, porém, o hassidismo foi um movimento de ascetismo. A sensualidade era sublimada pela relação entre o homem e a divindade. Deus era o objeto do desejo. Os *hassidim* construíram uma comunidade de companheiros masculinos em torno de um líder carismático. Em suas atitudes com as mulheres introduziram valores anti-eróticos extremos. Mas é preciso sublinhar ainda uma vez que o hassidismo não foi um movimento monolítico. Cada *rebe* comandava no seu setor e interpretava as leis à sua maneira, e ainda existem exemplos isolados contrários ao ascetismo. De qualquer modo, o movimento foi declinando e, já na segunda metade do século passado, tornou-se muito conservador, aproximando-se paulatinamente do judaísmo rabínico ortodoxo, como acontece hoje, com o mais expressivo dos movimentos hassídicos, o dos *lubavitcher*. O grande inimigo do hassidismo foi o Gaon de Vilna. Foi uma criança-prodígio, e com a idade de seis anos já pregava na Sinagoga. Aos 18 anos, casou-se, e, financeiramente independente, refugiou-se perto da cidade, dedicando-se inteiramente aos estudos. Seus numerosos trabalhos, todos póstumos, incluem comentários sobre a *Bíblia*, anotações sobre textos do *Talmud*, do *Midrasch* e do *Zohar*, obras de matemática, geografia da Palestina e gramática hebraica. Advogava uma estrita obediência aos Mandamentos e às leis judaicas e considerava o hassidismo uma heresia repleta de mentiras. Considerava a idéia de seguir a um *tzadic* pura idolatria. Proclamou inclusive a excomunhão dos *hassidim*, mandou queimar seus livros e proibiu qualquer relação com eles, inclusive o casamento e o sepultamento em cemitério judaico. Em Vilna, o Gaon criou um forte enclave de ortodoxos, antes de partir para morrer em Israel. Mas, apesar de tudo, os *hassidim* vieram para ficar. A tentativa dos *misngadim* de destruí-los falhou, sendo posteriormente abandonada quando ortodoxos e *hassidim* se uniram para enfrentar o inimigo comum: o Iluminismo.

5ª Parte

ILUMINISMO, ESCLARECIMENTO OU *HASCALAH*

Apesar de ser específico da história judaica e do *masquil* ou judeu esclarecido ter sido uma figura peculiar ao judaísmo, o movimento de iluminismo judeu integrou a revolução intelectual que se irradiou na Europa Ocidental e que deu lugar à Revolução Francesa e à Reforma alemã. Na França e na Alemanha, questionava-se a religião. Mas, enquanto na França o sentimento era francamente anti-religioso, na Alemanha, o problema enfrentado era o de uma nova acomodação entre o espírito religioso e o liberal. De acordo com Paul Johnson (1988), o Iluminismo francês foi brilhante mas frívolo. O alemão foi mais sério, criativo e, por isso, teria exercido maior atração sobre os judeus. Daí a afinidade dos judeus com a cultura alemã, para a qual trouxeram contribuições das mais relevantes.

Para os cristãos, o problema a ser equacionado era o papel da divindade na cultura ocidental que se expandia e sua relação com as idéias liberais. Para os judeus, o problema era saber até que ponto a cultura secular poderia interferir no culto da divindade. Isso porque, até então, cristãos e judeus estavam mergulhados na atmosfera medieval de uma sociedade totalmente religiosa. Naquela época, alguns judeus freqüentavam universidades, nos poucos lugares onde isso era permitido. Outros participavam de círculos de negócios. Mas, quando abandonavam seus afazeres profissionais, voltavam ao gueto espiritual e físico. Um ou outro, como o filósofo Baruch Spinoza, se aventurava fora do universo judaico. Mas a excomunhão de Spinoza mostrou que esta atitude acarre-

tava a perda de sua identidade. E, assim, o gueto se estendia para além do universo social, permeando o universo intelectual da vida judaica.

Apenas a partir do século XVIII, os judeus começaram a sair para o mundo, inclusive para livrar-se das pechas que os cristãos lhes atribuíam. Mesmo os mais educados dos cristãos, e seguramente os menos educados, viam nos judeus figuras desprezíveis, sempre escarnecidas, com suas roupas exóticas e aprisionados por superstições e isolados do modernismo. O problema dos judeus, por sua vez, era evitar que os cristãos os "contaminassem" com suas doutrinas. Com o Iluminismo, cristãos liberais e judeus aspiravam uma única meta: libertar os judeus de seu isolamento e abrir-lhes os olhos para o mundo ocidental. Em 1789, um dramaturgo alemão, protestante, Gotthold Lessing (1729-1781), que queria subtrair o espírito alemão da influência francesa, produziu um drama *Die Juden* (Os Judeus), no qual, pela primeira vez, o judeu era representado como figura humana racional. Foi um gesto de tolerância incomum, calorosamente recebido e retribuído por seu contemporâneo, o judeu alemão, Moses Mendelsohn (1729-1786).

CAPÍTULO I

MOSES MENDELSOHN

A era moderna do judaísmo começa com ele, a principal figura do Iluminismo judaico. Foi o primeiro judeu a identificar-se com a intelectualidade alemã e também o primeiro a fazer do alemão a sua língua. Embora fosse mestre do hebraico, confessou que, para exprimir seus pensamentos mais íntimos, só poderia fazê-lo em alemão, a língua de sua adolescência. E isto num alemão tão escorreito, que Kant e Goethe eram admiradores de seu estilo. Era corcunda e isso teria contribuído para o seu retraimento. Mas possuía uma energia formidável. Na juventude, estudou com afinco a literatura talmúdica e rabínica, na sua cidade natal, Dassau, e alegava que sua corcova se devia às noites em que passava encurvado lendo o *Guia dos Perplexos*, de Maimônides. Ainda jovem, mudou-se para Berlim, entrando em contato com os literatos alemães da época. Incentivado por Lessing, começou a escrever, e um dos seus ensaios ganhou o prêmio da Academia Prussiana de Letras, vencendo ninguém menos do que o expoente universal, Emanuel Kant.

Desafiado pelo pastor e filósofo suíço Johan Gaspar Lavater (1741-1801) a admitir a verdade do cristianismo, disse que a admitia apesar de ser judeu por nascimento e convicção, pois não via razão para desaprovar o cristianismo. Além dos problemas com os cristãos fanáticos, que não compreendiam seu judaísmo, teve também problemas com ortodoxos judeus. Sua tradução da *Bíblia* para o alemão foi por eles criticada por desviar os jovens do estudo do hebraico. Ademais, sua posição de que se devia obedecer às leis do Estado que exigiam um intervalo de dias entre

a morte e o sepultamento foi considerada herética porque pelas leis rituais judaicas o corpo tem de ser enterrado logo depois da morte.

Mendelsohn enriqueceu a psicologia com seu tratado sobre os sentimentos mistos. Seu livro *Phaedon* (1767), defendendo a imortalidade da alma, foi o favorito de gerações. No seu livro *Jerusalém* (1783), defendeu a separação entre a Igreja e o Estado, o que impressionou profundamente Kant, que se disse convencido de que a religião judaica era universal. À medida que seu prestígio crescia, Mendelsohn se julgava obrigado a defender as comunidades judaicas perseguidas. Opôs-se à expulsão dos judeus da cidade alemã de Dresden e às novas leis anti-judaicas do governo da Guisa. Defendeu as preces da religião judaicas consideradas anti-cristãs. Mostrou que se pode permanecer judeu apesar das perseguições e também quando os horizontes intelectuais se alargam. Defendeu a religião judaica como isenta de dogmas, dando ao homem preceitos de vida sadia sem interferir nos seus pensamentos. Para Mendelsohn, cada homem deve rezar para seu próprio Deus, conforme suas convicções, procurando a salvação eterna no lugar onde acredita que vai encontrá-la. O que ele almejava era um Estado laico, isento de discriminação religiosa.

CAPÍTULO II

A EMANCIPAÇÃO DOS JUDEUS

A emancipação dos judeus, a partir do século XVIII, se processou rapidamente em alguns países e muito lentamente em outros, variando inclusive em regiões diferentes de um mesmo país. A única nação em que houve uma emancipação sem problemas e bastante rápida foi a dos Estados Unidos da América. Thomas Jefferson, no jornal *Notas da Virginia*, em 1783, dizia que só com a existência de várias religiões étnicas, todas elas respeitadas, poder-se-ia atingir o ideal do progresso espiritual e material e alcançar a liberdade humana. O judeu continuaria a ser judeu na sua intimidade e no seu círculo mas, fora dele, seria um homem igual aos outros. Em 1789, numa cerimônia comemorativa da promulgação da Constituição, em Filadélfia, havia uma mesa especial com comida ritual judaica (*cascher*). Pela primeira vez na história da diáspora, a constituição de um país separava a Igreja do Estado e abolia as restrições impostas a minorias religiosas, com exceção de alguns poucos estados, como a Carolina do Norte, que só aboliram as restrições nos meados do século seguinte.

Na Europa, os problemas foram maiores. Nos estados papais da Itália, a posição dos judeus se deteriorou sob o domínio do Papa Pio VI (1775-1799), que queria convertê-los à força. Os judeus eram obrigados a freqüentar a igreja, ouvir sermões insultuosos e tinham suas crianças seqüestradas e convertidas. Na França, a Revolução era francamente anti-religiosa, mas era influenciada pelas idéias anti-semitas de Voltaire. Antes da Revolução, o Rei Luís XVI aboliu a taxa que os judeus eram obrigados a pagar para obter permissão de residência. Em tese, a Revolução Fran-

cesa tinha como lema tornar todos os homens iguais, mas só depois de suplantar terrível resistência dos elementos anti-judaicos da Assembléia Francesa, votou-se a igualdade completa. A redenção total veio com Napoleão Bonaparte. Ele deu aos judeus plena cidadania, o que foi estendido a todos os países que passaram a viver sob sua tutela. Havia um consenso de que a França era isenta de preconceitos contra os judeus, quando o caso Dreyfus mostrou a verdadeira face de um anti-semitismo oculto. Na Alemanha e na Áustria, as leis de emancipação surgiram aos poucos, mas não eram respeitadas. Os judeus tinham de se converter se quisessem alcançar melhores posições na Sociedade. Na Europa do século XIX, houve mais de 250 mil conversões, entre as quais, as de figuras ilustres da história. Disraeli converteu-se para poder ser Primeiro Ministro da Inglaterra. O poeta alemão Heinrich Heine converteu-se, arrependendo-se posteriormente. Os próprios filhos de Mendelsohn se converteram. Também Karl Marx, cujo avô e tio eram rabinos.

A emancipação pouco influiu nos hábitos sexuais dos judeus, pois estes, ao serem assimilados, adotavam a regra da fidelidade conjugal da burguesia, que, aliás, também era vigente entre eles. Houve uma diminuição patente dos casamentos por interesse, da influência dos pais sobre as escolhas, dos casamenteiros profissionais e, aos poucos, o romantismo passou a reinar. O próprio Moses Mendelsohn escreveu para sua noiva, F. Guggenheim, que seus amores não necessitavam de intermediários, pois o coração seria o grande casamenteiro. Mendelsohn também quebrou outro tabu, o das cartas de amor padronizadas e convencionais, as *egronim*. Muitos *masquilim* passaram a redigir outros modelos de cartas, inspiradas no Romantismo.

Na Polônia e na Rússia, as regras da razão só chegaram no século XX. Nas três partilhas da Polônia (1772, 1793 e 1795), a maior parte de seu território foi abocanhada pela Rússia. Esta, que em geral não possuía judeus em seu território, viu-se de repente habitada por mais de um milhão deles. Teve de dar-lhes direito de residência, restrito, porém, a determinadas regiões, onde seu número, sua pobreza e seu isolamento atingiram grandes proporções. Os *masquilim*, ou intelectuais esclarecidos, que queriam fugir do jugo do atraso, tinham de lutar contra o seu próprio meio dominado pelos ortodoxos, e contra as perseguições do governo e daqueles que o seguiam.

Recorremos a David Biale, no seu livro *Eros and the Jews* (1992) para ilustrar essa situação, a partir do caso de Mordecai Aaron Ginzburg. No inverno de 1810, com pouco mais de 14 anos, Ginzburg abandonou a casa paterna numa cidade da Lituânia, viajando para outra cidade e estabelecendo-se na casa de seus sogros. Como era hábito naquela época, o noivado entre ele e sua mulher resultou de um arranjo de dois anos antes. E, como era hábito, Ginzburg não conhecia a mulher com a qual teria de se casar. Ainda de acordo com os costumes, ele deveria ser sustentado pelo sogro, viver e comer em sua casa, até terminar seus estudos talmúdicos, costume denominado *quest*. Mas, ao contrário do que acontecia com a maioria dos jovens, Ginzburg revoltou-se, fugiu da casa dos sogros e da mulher e escreveu um libelo autobiográfico contra as práticas maritais judaicas. Foi o marco inicial do nascente Iluminismo da Europa Oriental.

O movimento dos *masquilim* estava atrasado em relação ao Iluminismo alemão em mais de cem anos e a emancipação completa só veio com a Revolução Russa de 1917. A partir do século XIX, gradualmente a *hascalah* estendeu sua influência através de panfletos e livros em hebraico, *idisch* e russo e de seus divulgadores. Suas idéias ganhavam uma penetração crescente à medida que os judeus eram perseguidos e lutavam contra o anti-semitismo, a urbanização forçada, a industrialização e a emigração em massa, iniciada em 1881. A *hascalah* tentou derrubar o poder dos rabis e dos líderes tradicionais, advogando uma nova ordem em que o domínio fosse compartilhado entre um Estado liberal e os líderes intelectuais do movimento. O Estado secular substituiria o ensino rabínico pelo ensino de matérias laicas, com um sistema educacional voltado para a ciência e para as línguas e literaturas européias. Lutavam ainda por uma modificação dos trajes, por uma reforma religiosa e por uma economia mais aberta. O poder dos pais na família seria derrogado e o romantismo substituiria o pragmatismo anterior dos casamentos arranjados. A sexualidade não seria mais uma experiência conturbada, imposta aos jovens imaturos. Eram idéias tomadas de empréstimo da literatura européia, mas ao mesmo tempo resultantes das suas vivências. Advogavam a família burguesa, monogâmica e endogâmica (não admitiam o casamento misto) e combatiam, ao mesmo tempo, as idéias do ascetismo propagadas por seitas hassídicas.

Um dos precursores desse discurso foi Jacob Israel Emden (1697-1776), autor rabínico e rabi em Emden. O pai de Emden, rabi Tzevi Asquenazi, conhecido como o *Chacham Tzevi* (o sábio Tzevi), foi um combatente feroz contra os seguidores de Schabse Zevi. Emden seguiu a mesma trilha. Crítico da *Cabala*, admitia as benesses do cristianismo, dizendo que Jesus concedera uma bênção dupla ao mundo ao fortalecer os valores da *Bíblia* e pregar o abandono da idolatria e proclamar a existência de um Deus único. Na sua autobiografia *Meguilat Sefer*, Emden relata detalhes de sua vida, incluindo problemas sexuais com a primeira esposa e a atração erótica por um primo que tentou seduzi-lo. Relata a força que fez para vencer as tentações do demônio. Devido à sua ânsia por independência, abandonou o rabinato em 1733, abriu uma gráfica e dedicou-se ao comércio.

Uma profusão de autobiografias pululou a partir daí, entre os *masquilim*. Uma das primeiras foi de Salomon Maimon (1753-1800). Maimon foi um menino prodígio, casado aos 14 anos e pai de um menino aos 15. Quando completou 25 anos, deixou sua cidade na Lituânia, onde fora educado exclusivamente em escolas judaicas, para se dirigir à Alemanha. Começou como mendigo errante na Prússia, até ser admitido em Berlim, graças à proteção de Mendelsohn, que o introduziu nos círculos intelectuais. Aprendeu alemão, sem auxílio de professores, e aos poucos começou a escrever nessa língua. O seu primeiro livro foi uma crítica à filosofia de Kant, que este julgava a melhor das críticas já escritas sobre seus livros. A sua autobiografia *Salomon Maimons, eigene Lebensgeschichte* (A História da Própria Vida de Salomon Maimon) é uma descrição charmosa dos vilarejos da Lituânia e da vida dos judeus e uma crítica corajosa do judaísmo rabínico. Apesar das dificuldades financeiras, escreveu outros livros, e acabou vivendo no condado de Kalkreuth, onde obteve proteção e sustento pelo resto da vida.

Nas inúmeras autobiografias da época, os autores pintaram uma infância idílica e amorosa no convívio com os pais, verdadeiros anjos e sábios, a que se seguia uma adolescência dominada por sogros e sogras irascíveis e cruéis, após um casamento arranjado entre os 11 e os 14 anos. O casamento era o protótipo do atraso e o símbolo da tirania e do mercantilismo da tradicional sociedade judaica, e, além das denúncias expressas nos seus livros, muitos fugiram de casa. Os *masquilim* também

atacaram o costume de vedar aos noivos o conhecimento antes de se casarem, verdadeiro retrocesso, pois na Idade Média os noivos judeus se encontravam antes do noivado e podiam ter, até mesmo, relações sexuais. Abraham Dov Lebensohn, conhecido como Adam Hacohen (1794-1878), poeta do Iluminismo, casado aos 13 anos, escreveu: "Não tive a chance de me tornar um jovem porque me transformaram em marido e pai quando eu era ainda uma criança." Mordecai Aron Ginzburg, anteriormente citado, escritor que fundou uma escola laica em Vilna para crianças judias e publicou muitos livros e dicionários, na sua autobiografia, *Aviezer*, afirmou que foi casado antes de estar sexualmente maduro e interessado. Sua mulher era mais velha do que ele e masculinizada. A noite nupcial foi catastrófica e a seguinte, ainda pior. O fracasso mobilizou os sogros, que o levaram ao médico, que, afinal, conseguiu curá-lo através de técnicas de modificação de conduta.

Outro grande problema foi a separação dos seus pais e a convivência com os sogros. Virtualmente, todos os contratos de casamento estipulavam que os sogros sustentariam o jovem casal em sua casa. Salomon Maimon conta que sua sogra, uma megera, o perseguia e lhe batia. Outros relatam tragédia semelhante: o abandono da casa materna e o desespero em casa estranha. As idéias da *hascalá* não podiam encontrar campo mais fértil. Muitos jovens desistiam do casamento e se refugiavam no celibato. Os *masquilim* denunciavam ainda a economia improdutiva que resultava desses arranjos. Em vez de aprender uma profissão, o jovem casado era transformado num parasita dependente, a princípio, do trabalho dos sogros e, depois, do trabalho da mulher.

Numa novela do escritor Perez Smolenskin (1842-1885), que deixou a casa dos pais aos 12 anos e viveu em Viena, onde trabalhou pela emigração judaica à Palestina, um jovem ortodoxo explica: "Será que minha sogra é paralítica para que eu tenha de me ocupar com meu sustento? Até o dia em que os vermes tomarem conta de seu corpo, eu não preciso me incomodar." Por tudo isso, o movimento do Iluminismo advogava um casamento mais tardio, o aprendizado de uma profissão e uma adolescência sem encargos. Para o movimento, o casamento arranjado era mera transação financeira epitomizada pelos casamenteiros, parasitas que viviam de comissões. Finalmente, o Iluminismo pregava uma vida familiar burguesa em que as mulheres fossem libertadas dos encar-

gos de sustento que lhes era imposto por maridos e genros, obrigando-as, nos pequenos vilarejos, a serem feirantes, além do trabalho doméstico pesado em suas casas. Os *masquilim* aspiravam à vida burguesa dos gentios, usufruindo de real intimidade com suas mulheres.

Havia, também, os que apelavam para a licenciosidade e até para a pornografia, como Juda Leib ben Zeev (1764-1811). Nascido na cidade de Cracóvia, depois de adulto viveu em Berlim, onde era membro ativo do Iluminismo. Foi um grande gramático e escreveu muitos trabalhos lingüísticos sobre o hebraico, mas também, poesias e paródias litúrgicas. O mais célebre de seus poemas é uma ode pornográfica, só publicada recentemente, em 1977, mas que, sob a forma de manuscrito, círculou entre os judeus de sua época fazendo a delícia dos jovens revoltados. Adaptando frases do *Cântico dos Cânticos*, o poeta descreveu um ato de relação sexual entre o narrador masculino e uma senhora que ele encontrou num baile. O poema descreve detalhadamente a relação sexual, substituindo a linguagem bíblica por alegoria pornográfica, como vimos em capítulo anterior. A expressão *dodi* (meu amado) foi substituída por *meu pênis*. O verso – *O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo, para se alimentar nos jardins e colher os lírios* tornou-se uma metáfora para exprimir o ato da cópula. A frase: *Apartando-me eu um pouco deles, achei aquele a quem minha alma ama, detive-o até que o introduzi na casa de minha mãe, na câmara daquela que me gerou* ganhou uma interpretação psicanalítica. *A casa de minha mãe* seria a vagina. Ben Zev, descreve e culmina a narração com a descrição do orgasmo feminino. Mas o seu estilo literário é uma exceção na literatura da respeitabilidade burguesa do Iluminismo.

Ao final do século XVIII, houve uma modificação substancial nas comunidades judaicas da Rússia. O Império Russo enfraqueceu as instituições comunais dominadas pelos rabinos, com a política governamental de "russificação". Estimulou, também, o ódio aos judeus, com massacres que destruíram bens e vidas. Grande parte dos judeus foi "desenraizada" dos lugares onde vivia e empurrada para centros maiores ou países estrangeiros. Houve aumento da prostituição e do tráfico de "escravas brancas", o que denotava descontrole social. A idade do casamento também se modificou, com diminuição visível do enlace precoce. As próprias *yeschivot* passaram a recusar estudantes casados.

Começaram a crescer as uniões clandestinas, tanto na ficção quanto na realidade.

Uma história emocionante e anônima que circulou na época conta o romance da filha de um rabi de Constantinopla prometida pelos pais, quando nasceu, ao filho de um rabi de Brisc. Sua curiosidade venceu a tradição e, ao crescer, viajou a Brisc e se matriculou na *yeschiva* local, disfarçada com trajes masculinos. Lá, encontrou o rapaz ao qual estava prometida, embora não o conhecesse. Num ponto do romance ele adoece gravemente e é curado por ela, que lhe mostra os seios. E, naturalmente, os dois se casam.

Surgem também novelas trágicas. Suicídios provocados pela intransigência dos pais e por amores proibidos, fugas com desenlace fatal, etc. O ideal romântico não persistiu por muito tempo devido ao empobrecimento dos judeus e às perseguições tzaristas, sendo substituído por um nacionalismo emergente ou pela filiação a movimentos socialistas e comunistas. O sionismo começava a se estruturar e o socialismo atraíu a juventude num movimento socialista judeu – o *Bund*, organização de esquerda fundada em Vilna, em 1897, com forte ênfase na cultura e adversa ao ideal sionista.

Uma história que já se incorporou à tradição judaica, o *Dibuk*, espelha bem o romantismo da época. Seu autor, Salomon Anski (1863-1920), pseudônimo literário de Salomon Seinwil Rapoport, escritor e dramaturgo, foi ativo no *Bund*, cujo hino, *Die Schvue* (*O juramento*), é de sua autoria. Viajou pelos vilarejos da Rússia para colher as histórias do folclore judaico. O livro, publicado em 1920, foi transformado em peça de teatro e filme, e comoveu as platéias populares ao mostrar o conflito entre o amor romântico e o casamento por interesse. A peça começa com uma espécie de coro grego que descreve o casamento dos tempos de antanho, baseado nas virtudes e no amor dos parceiros, em contraste com o atual, baseado em bens materiais que corrompem o enlace.

Na história, Hanon, um brilhante cabalista, e Léia são prometidos antes de nascerem um ao outro pelos pais, amigos uns dos outros, por um juramento solene. Mas Hanon morre subitamente, ainda jovem, e Léia é casada com um homem rico, por arranjo. Hanon volta do mundo dos mortos como fantasma (*dibuk*), torna-se bissexual por incorporar sua prometida, Léia, e a confusão de sexos impede o casamento. O fim é

trágico, porque Léia também morre, unindo-se a Hanon no outro mundo. O amor só persistiria, segundo a tese, no mundo do além. A possessão pelo *dibuk* exprime a revolta contra o reacionarismo dos rabis e dos pais, uma revolta que tem o suporte divino por ter sido sacramentado um juramento antes do nascimento do par. Embora o poder das forças conservadoras já estivesse praticamente esvaziado na época, o pessimismo dos escritores era um marco da literatura judaica de então. A *hascalá* entre os judeus da Europa Oriental não atingiu seus objetivos como alternativa de assimilação e integração, mesmo porque estas eram rejeitadas pelo poder dominante, em novas modalidades de anti-semitismo. Outros conflitos surgem com as barreiras contra o casamento misto entre judeus e gentios, como expressos no poema do grande poeta hebreu Haim Nachman Bialik (1872-1934): "Por um momento de felicidade eu fiquei fora da lei e neste instante pequeno de prazer, de felicidade e de alegria, o mundo inteiro foi destruído em mim. Como foi grande o preço que paguei por tua carne". O sionismo, que adotou Bialik como seu poeta, seria a redenção dos judeus e de seu erotismo?

6ª Parte

O SIONISMO

O sionismo foi um movimento destinado a assegurar a volta dos judeus à sua pátria. O termo foi criado, em 1893, por Nathan Birenbaum (1864-1937), político e filósofo nascido em Viena, de família hassídica, cujos escritos advogavam um nacionalismo judaico e lançaram as bases da ideologia sionista antes que Theodor Hertzl entrasse em cena. Até o século XIX, a aspiração do retorno era fundamentalmente um movimento religioso que ansiava pela vinda do Messias. A *aliah* (emigração judia para a Palestina) à época era inexpressiva. Só no fim do século passado, a imigração e o movimento pelo retorno ganhou maior expressão, cristalizado numa organização criada por Theodor Herzl, após o primeiro Congresso Sionista Mundial, realizado em Basiléia e cujo centenário foi comemorado em 1997. Na Palestina, os primeiros idealistas criaram os *quibutzim*, colônias agrícolas, muitas delas comunitárias, pois todos os seus membros compartilhavam de todos os bens. Nelas, os jovens idealistas, com roupas simples e pés descalços, mesmo os de grau universitário e originalmente ricos, pareciam livres de seus complexos, inclusive sexuais, que os atormentavam no exílio. Os jovens, *halutzim*, que emigraram para Israel, para se dedicar à agricultura, atividade proibida aos judeus da Rússia, eram de uma alegria contagiante, de uma vitalidade que ultrapassava as repressões e o sentimento de inferioridade do exílio. Dizia-se mesmo que, nos anos pioneiros do princípio do século XX, os jovens baniram os tabus sexuais e o amor livre campeava, sendo comum a promiscuidade e a poligamia, em uma verdadeira utopia sexual de liberta-

ção. De acordo com David Biale (1992), o ensaio que mais compreendeu a conexão entre o sionismo, a fertilidade e a sexualidade, foi a monografia de um judeu ortodoxo, Hans Gosler (1889-1945) – *A Ética do Renascimento Judeu, uma Palavra para Nossos Jovens – Die Sexuele Ethik des judes Wiedergeburt, ein Wort nach unsere Jugend* – Berlim, 1919. Gosler combate o casamento tardio que então predominava, e advoga o retorno a uma união mais precoce, como na tradicional família judaica. O casamento tardio resultaria em crianças doentes. Com ele, as mulheres eram obrigadas a se manter castas e os homens encorajados à promiscuidade sexual. A urbanização aumentou o desejo sexual e contribuiu para a emergência de uma série de doenças sexuais e problemas sociais, entre os quais a prostituição. Os jovens judeus sucumbiram a todos os vícios no exílio. Para enfrentar estes desafios, surgiu o sionismo, que almejava encaminhar os judeus a uma sociedade rural que venceria a depravação erótica urbana. A nova vida dos judeus no campo permitiria uniões sadias e maior fertilidade, garantia da continuidade do povo judeu.

Outros autores românticos lembravam o tradicional costume bíblico do mês de Av, quando jovens dos dois sexos se encontravam nos vinhedos para dançar e estabelecer laços de amor, isentos de preocupações materiais. Uma vez que as mulheres da época não usavam jóias, pobres e ricas tinham chances similares de encontrar o parceiro ideal. Era o apelo à *Bíblia*, como base para uma revolução erótica. O retorno aos ideais da *Bíblia* reverteria o estilo materialista da vida familiar.

Os jovens pioneiros estavam imbuídos de teorias nacionalistas e da noção de que deviam evitar a degeneração dos costumes. Inspirados por uma combinação de ideologias que abrangia o socialismo, o anarquismo e o populismo de Tolstoi, queriam, nos seus *quibutzim*, transformar completamente seu modo de viver. Um dos pioneiros desse movimento foi Aron David Gordon (1856-1922), que se juntou ao movimento sionista com 48 anos, sob a influência de Tolstoi, e criou uma verdadeira religião de trabalho agrícola, uma união mística do corpo físico com o Cosmos. Muitos dos pioneiros liderados por Gordon acreditavam que novas modalidades de relação deviam ser estabelecidas entre homens e mulheres. Uma revolução na sexualidade integrava uma revolução mais ampla, econômica e social, de uma sociedade que aspirava a ser igualitária.

As tentativas, porém, fracassaram, porque os jovens emigrantes não conseguem se libertar de seus preconceitos. Após a Primeira Guerra Mundial, as perspectivas mudaram. Havia uma influência nítida das teorias sexuais então vigentes na Alemanha e na Rússia. Freud era ponto obrigatório de discussão e os jovens judeus em Israel e na Diáspora liam com interesse as teorias dele e dos sexologistas. Muitos dos pioneiros aderiram ao sionismo através de movimentos juvenis como o *Haschomer Aziar*, do Império Austro-Húngaro, que, em um momento posterior, declarou-se francamente marxista, mas que nos seus primórdios estava imbuído da idéia romântica do culto à natureza. Chegaram mesmo a criar uma comunidade, Bitania, na qual se pretendia a abolição da propriedade privada acompanhada da abolição de relações sexuais exclusivas entre parceiros estáveis. A teoria contava a seu favor com o desequilíbrio entre uma emigração masculina vigorosa e uma feminina pouco expressiva, mas não vingou. O próprio povoado de Bitania não durou mais de um ano.

O talentoso orador e líder dos revisionistas, Vladimir Jabotinski (1880-1940), via na *Bíblia* um modelo de liberação sexual, que ele considerava como parte da libertação total do povo judeu. Na sua novela, *Sansão* (1927), Jabotinski descreve os filisteus como modelo de orgulho nacional e vigor sexual. Uma de suas passagens mostra os filisteus numa cerimônia, com mulheres de seios enormes e desnudas em sinal de força. Sansão, que seria filho de pai filisteu e mãe judia, era o representante dos frágeis judeus contra os viris filisteus. Na nova pátria desapareceria a desigualdade entre os sexos em todas as esferas.

Mas tudo isso era apenas idealismo da juventude e o novo nacionalismo se fez acompanhar de forte senso de respeitabilidade, herdado da burguesia européia. Este nacionalismo estava também submetido à necessidade de construir um novo Estado, o que deixava para um segundo plano doutrinas mais avançadas. De certo modo, o sionismo dos pioneiros, que idealizava o rompimento radical com o passado judaico, acabou retornando aos valores tradicionais. As ideologias utópicas e o erotismo foram exclusividade dos primeiros movimentos, que trouxeram para Israel jovens de ambos os sexos, entre os anos de 1903-1914 e 1918-1924, duas ondas migratórias constituídas pela elite cultural sionista jovem. Mas mesmo antes do estabelecimento do Estado judeu, em 1948, os pioneiros dos *quibutzim* já eram minoria. A grande maioria dos imi-

grantes vivia em cidades ou vilas e o seu padrão de conduta era idêntico ao da burguesia. Os *halutzim* eram apenas um símbolo e um mito do idealismo sionista.

A aliah (emigração) sionista era composta basicamente por judeus da Europa Oriental, mas havia também intelectuais da Europa Central que impregnaram o sionismo com as idéias dos expoentes da cultura judaica germânica. Nela preponderava o conflito entre a liberação e a sublimação da sexualidade, tão bem expresso no pensamento de Sigmund Freud. O vienense Artur Schnitzler (1862-1931), teatrologo e médico judeu, expôs nas suas peças as neuroses e as compulsões eróticas comuns entre os judeus. Ele era profundamente admirado por Freud, que o considerava seu *outro eu*, por ter antecipado em muitos anos algumas das mais importantes teorias psicanalíticas. Schnitzler, na sua novela *Der Weg ins Freie* (*O Caminho da Liberdade*), escrita entre 1902 e 1907, menciona a insistência de Theodor Hertzl, o fundador da organização sionista, que tudo fez para atraí-lo para o movimento. A novela descreve com detalhes o judeu austríaco da época, vacilante em relação ao caminho que deveria seguir num mundo repleto de preconceitos, frustrações e embaraços eróticos, chegando à conclusão de que cada um deve perscrutar a própria alma e encontrar seu próprio caminho.

Franz Kafka (1883-1924) foi outro escritor judeu-austríaco atento à relação problemática entre o erotismo e os judeus. Na sua famosa *Carta ao Meu Pai*, sugere que sua fraqueza sexual seria tributária do fato do pai não ter-lhe transmitido o judaísmo como algo sólido, mas sim como doutrina vaga cujos rituais são incompreensíveis e sem significado. As neuroses sexuais descritas pelos escritores da Europa Central tornaram-se caldo de cultura para a crítica dos sionistas ao modo de vida dos judeus na diáspora. Os sionistas se preocupavam com a degeneração física dos judeus no exílio e o declínio demográfico. A cura residiria na volta à natureza e no trabalho físico. O judeu era a imagem de um corpo combalido, a ser substituído por um corpo forte, símbolo de um novo povo. Max Nordau (1849-1923), filósofo, dramaturgo, novelista, ensaísta e médico, nascido em Budapeste, foi um dos teóricos dessas concepções. No seu livro *Degeneração*, denuncia os casamentos de conveniência como amizade assexuada, mantida apenas por dever para com o Estado e os filhos. Nordau foi o principal colaborador de Herzl, e seus escritos sionis-

tas ressaltam o valor de um judaísmo com músculos. A iconografia dos primeiros congressos sionistas evidencia o contraste entre os fortes *halutzim* e seus débeis irmãos dos guetos.

Com o tempo, esses ideais desapareceram. Muitos dos que proclamavam idéias sexuais revolucionárias, ao se casarem, retornaram a uma forma de vida tradicional. A realidade nas comunas raramente correspondia à imaginação dos ideólogos. Para isso concorreu, de um lado, a emigração maciça que se seguiu às perseguições nazistas e russas, que não atendia mais aos antigos ideais, e, ainda, à forte emigração *sefaradi*, cujos membros consideravam as doutrinas e práticas dos pioneiros sionistas como profundamente estranhas às suas tradições e aos seus hábitos.

7ª Parte

A SITUAÇÃO ATUAL NA DIÁSPORA

O termo "diáspora" significa dispersão e refere-se às comunidades judaicas fora da terra de Israel. Hoje, as grandes comunidades da Europa praticamente desapareceram. Algumas foram dizimadas pelo holocausto. Outras, como a grande comunidade judaica da União Soviética, pela assimilação e emigração. Contam hoje com números expressivos apenas as comunidades da França, da Inglaterra, da África do Sul, da Argentina, do México, do Brasil, do Canadá e, especialmente, a grande e influente comunidade dos Estados Unidos. A modernização e o progresso provocaram uma erosão no compromisso religioso, um declínio dos hábitos religiosos individuais, mesmo entre os judeus. Para sobreviver na sociedade moderna, a religião tornou-se cada vez mais secular. Os núcleos religiosos judaicos reformaram sua atitude, inclusive os mais ortodoxos. A proporção destes ortodoxos é pequena, e mal chega a dez por cento dessas comunidades, mas exerce grande influência pois se trata de um grupo ativo no seu proselitismo e no número de suas publicações.

Na literatura judaica da América, à época dos primeiros imigrantes e das primeiras gerações posteriores a Primeira Guerra Mundial, os homens eram retratados como criaturas fracas, azarentas, cheias de complexos e sexualmente angustiadas. As mulheres eram vítimas da miséria e da opressão e objeto de uma piedade pungente, ou eram retratadas como más, indiferentes, materialistas e até assexuadas. Mais tarde, seguiu-se uma fase em que se defendia o amor livre e, entre as mulheres, surgiram heroínas ambiciosas e talentosas com vidas repletas de conflitos,

crises de identidade e incoerências. Os ficcionistas judeus retrataram os judeus como indivíduos submetidos a uma herança que os tolhia e a uma ambição desmedida de integrar-se na sociedade de gentios, que não os aceitava completamente. Isto é traduzido numa personalidade impotente, um anti-herói, um *schlimazel* ("homem azarento"), presente nas novelas, peças de teatro e no cinema. Na literatura, quem encarna melhor esse anti-herói é o personagem de Philip Roth, Alexandre Portnoi, no livro *O Complexo de Portnoi* (1969). Neste primeiro livro de uma produção abundante, Roth descreve seu personagem como alguém dominado na adolescência pela mãe superprotetora, que o castra psicologicamente e o faz ter uma pena imensa de seu pai emasculado, persistentemente constipado e esgotado pelo trabalho ininterrupto e pouco rentável. Portnoi transforma-se em masturbador obsessivo e perseguidor de *schicses* (moças não-judias), as únicas com as quais consegue completar suas relações sexuais. Portnoi só consegue resolver seus problemas e contradições em Israel, quando se apaixona por Naomi, uma nativa vibrante que contrasta com as insossas gentias do seu passado. Mas ela o rejeita por sua mentalidade tacanha de judeu da diáspora. No final do romance, Naomi se assemelha à sua mãe, que ele amava e detestava ao mesmo tempo. Portnoi acaba no divã do psicanalista, ouvindo a própria voz enquanto manipula seu órgão sexual. Os personagens masculinos de Philip Roth, que espelhariam o perfil do judeu americano, sofrem de um complexo de inferioridade que os faz denegrir as mulheres judias e procurar a satisfação sexual fora da comunidade.

O diretor de cinema, ator e autor, Woody Allen, aborda a mesma temática dos judeus com dúvidas e obsessões por mulheres não-judias. Já no seu primeiro filme, *What's New Pussycat*, que escreveu, dirigiu e no qual atuou, encarna uma figura ridícula, com intensa libido e pronunciada neurose sexual, incapaz de consumar seu desejo. Como em Roth, os judeus de Woody Allen são castos na sua essência, mas secretamente hipersexuais.

A judia americana da elite econômica que se desgarra do gueto é satirizada como JAP (*Jewish American Princess*), "princesa" obsessivamente materialista e fria sexualmente. Ela se enfeita, seduz, mas se recusa a consumar, de fato, o ato sexual. Como os judeus de sexo masculino, ela é bloqueada eroticamente, mas enquanto ele seria cômico e digno de

pena, ela seria desprezível. Seus conflitos internos e suas neuroses são evidentes, mas sua atitude sexual é superficial, grosseira e interesseira. A condenação da JAP se estende aos círculos religiosos que condenaram o materialismo da mulher judia, ao qual atribuem a culpa pelo declínio da fé e do aumento da miscigenação. No filme *White Palace* (1990), a princesa judia passa o tempo na manicura e no cabeleireiro, e seu comportamento contrasta com a sensualidade de uma garçonete gentia. O jovem herói, Max, abandona o mundo artificial e repressor das JAPs e o troca pelo erotismo autêntico da trabalhadora, não-judia. Em grande parte, a ansiedade presente nessas histórias tem sua origem na meteórica passagem dos judeus americanos de profissões manuais pouco rentáveis a profissões liberais e intelectuais. O filme *White Palace* termina com uma solução tipicamente hollywoodiana para o dilema sexual dos judeus americanos, o casamento misto.

Antes de Roth e de Allen, já a partir de 1930, se inicia a onda literária sobre a sexualidade do judeu imigrante ou já estabelecido nos Estados Unidos. Em 1931, uma novela extremamente popular, *A Jew in Love*, de Ben Hecht (1894-1964), relata os amores do sinuoso Joe Bosher. Embora preso a uma amante judia, ele é obcecado pela *schicse* Tillie Marmon, antecipando-se em 40 anos às teses de Philip Roth. Mas, a essa época, este enfoque era ainda raro. O próprio Ben Hecht renunciou às suas idéias e acabou como militante do Irgun (Organização terrorista de direita em Israel que combatia o regime colonial da Inglaterra). As prostitutas judias retratadas por Michael Gold no seu livro *Judeus sem Dinheiro* (1930) eram mulheres comuns e, longe de serem sensuais, eram doentes e desesperadas, evidência incontestável, para o autor, de idéias comunistas, da decadência do capitalismo. O sexo na literatura judaica de esquerda era parte da descrição da miséria das ruas e dos quartos escuros dos bairros judeus e associado à vergonha pelas relações mercantis. Para a maior parte dos literatos de 1930, a permissividade sexual, o ultra-materialismo e a assimilação eram lamentáveis porque poderiam conduzir ao fim do judaísmo.

Um dos alvos das feministas judias e não-judias é o prêmio Nobel de literatura Isaac Bashevis Singer (1904-1991). Nos seus escritos, as judias polonesas do século XVII e as judias americanas do século XX têm papel relevante. As feministas o consideram um misógino (homem que tem

aversão às mulheres). Evelyn T. Beck (1989) afirma que todas as mulheres retratadas pelo escritor são estereotipadas negativamente como bruxas, feias, fedorentas, com corpos deformados, umbigos salientes e brigonas. Em algumas ocasiões são jovens, mas, assim mesmo, raramente atraentes. De acordo com Beck, Singer não teria interesse no judeu e na judia comuns. Para ela, Singer é um pessimista que acredita que todos os seres humanos são depravados. As únicas imagens positivas que Singer destaca são as daquelas mulheres que realizam fielmente a sua função de servir ao homem e dedicam a vida inteira aos seus cuidados. Para as feministas, a fórmula de Singer é a seguinte: O homem serve a Deus e a mulher serve ao homem. Nas novelas que escreveu na América, Singer se aproxima dos que, como Woody Allen e Philip Roth, se compadecem do judeu imigrante, verdadeiro *schlimazel* (azarento). Na novela transformada em filme, *Enemies, a Love Story* (1972), Herman Broder, um sobrevivente do holocausto, procura escapar de seu passado através do envolvimento simultâneo, em três situações conjugais: com a primeira mulher, que ele julgava morta em um campo de concentração e que volta inesperadamente, com a segunda, com a qual se casou na América, e com a amante americana. No seu livro, *Passions and other Stories* (1975), Singer relata a história curiosa de cinco homens e uma mulher numa cela, após escaparem do holocausto. A mulher acaba se entregando a todos. Singer conclui que homens e mulheres são vítimas de suas paixões, que a paixão é perigosa, mas que a ausência de paixão é igualmente perigosa.

A literatura judaica americana também se preocupou com a ruptura da tradicional família judaica, marido e mulher sendo acusados de vilania. A liberdade sexual era basicamente um privilégio dos homens, porquanto as mulheres eram mais passivas. Mas algumas exceções ocorreram, pela pena de escritoras. Assim, Alix Katis Schulman, no seu livro *Memoirs of an ex-Prom Queen* (1972), focaliza uma heroína diferente, Sacha Davis. Casada duas vezes, ela se sente infeliz com seu segundo marido e presa aos filhos, e passa a ter rica vida sexual clandestina, seduzindo seu professor de filosofia e outros homens. Confessa sua infidelidade pavimentando o caminho para o divórcio. Também no trabalho, sua libido é ativa, fazendo com que ela escape para quartos de hotel onde copula seguidamente com vários homens. Sacha não tem remorsos nem se sente culpada, somente insatisfeita por uma vida sem conteúdo. Outra mulher

ainda mais livre é a heroína da escritora Erica Jong. No livro *Fear of Flying*, com diversas edições em português, Isadora Wing, após dois casamentos fracassados, emerge como nova mulher, completamente livre. A linguagem de Jong, suas descrições explícitas de atos sexuais, a coragem das atitudes de Isadora, chocaram muitos leitores mas deliciaram as feministas, que vêem no livro uma resposta feminina ao *Complexo de Portnoi*. A bela e inocente garota judia desaparece da cena literária. Mesmo o símbolo familiar da mulher do rabi, a *rebetzin*, sai arranhada.

No livro hoje esgotado de Silvia Tennenbaum, *Rachel, the Rabbi´s Wife*, o rabi e sua mulher vivem com amantes de vários tipos e, com suas obscenidades, desafiam o casamento, a Congregação e as leis judaicas. Na meia idade, Rachel volta para o marido, mas fiel às suas regras. Embora o *rebe* e a *rebetzin* declarem seu amor um pelo outro, o futuro é incerto e a reconciliação, no ano novo, parece falsa. Mas também há, dialeticamente, um reforço aos valores tradicionais. O próprio Portnoi é profundamente infeliz ao ser rejeitado pela *sabra*, a mulher israelense que ele ama. E Isadora Wing, a heroína de Erica Jong, procura um homem que possa dar-lhe afeição, companheirismo e uma vida sexual satisfatória. A questão dos casamentos mistos é também permanente, o que parece refletir sua freqüência nos dias de hoje, em torno de 40 por cento ou mais de todos os casamentos.

CAPÍTULO I

A REAÇÃO DOS RELIGIOSOS

Os movimentos religiosos judeus negam que os judeus da diáspora sejam sexualmente débeis. Os teólogos, qualquer que seja sua filiação, ortodoxos, conservadores, liberais ou reformistas batem na mesma tecla: o judaísmo reconhece que o erotismo não só é admissível, mas louvável, desde que balizado pelos limites do casamento. O judeu não é o inepto retratado por Philip Roth ou por Woody Allen. Os teólogos judeus seguem a trilha de alguns dos seus colegas cristãos, que rejeitam a noção de que o sexo fora da procriação é pecado. E não é pecado porque nada tem a ver com o chamado pecado original de Adão e Eva. A fundadora do movimento de controle da natalidade, Margareth Sanger, era católica devota, mas deixou claro que o prazer do orgasmo estava sacramentado. O controle da natalidade era necessário, inclusive, para permitir ao casal o desenvolvimento de técnicas sexuais no sentido de que, ao atingir orgasmo, eles pudessem alcançar o mistério espiritual da comunhão. Para Sanger, não havia contradição entre o cristianismo e o prazer sexual. Muito antes, os judeus haviam adotado a mesma filosofia. As duas grandes preocupações judaicas eram os casamentos mistos, que ameaçavam a existência do judaísmo, e o desejo de assimilação, com a americanização da sua religião e cultura. Robert Gordis (1908-1992), rabi em Nova York e professor de religião da Columbia University, insiste que a grave crise na vida dos judeus americanos decorre da falta de um conceito firme em relação ao sexo, o que levou à ruína os laços familiares. Diz ele que o judaísmo integra amor e sexo e, assim, ser judeu é o meio mais fácil de

se tornar um ser humano completo. O prazer sexual é legítimo, mesmo quando não acompanhado da procriação, mas o único lugar para sua consumação é dentro dos limites do casamento.

Mas há vozes discordantes. Uma delas é a de Norman Lamm (1927-), presidente da Yeschiva University. Ele denuncia a revolução sexual como uma forma moderna da prostituição dos canaítas e da dissolução dos antigos romanos. A renascença pagã, diz ele, trata o sexo como uma função meramente biológica e esta é a maior ameaça à moralidade e à família. É uma ameaça que ele compara em efeitos à bomba atômica. Sem segredos e mistérios, a religião do sexo livre teria como *bíblia* a *Playboy* e similares. Lamm advoga um retorno ao mistério do sexo, embora rejeite também a associação do sexo ao pecado, desde que ele se realize nos limites do casamento. Qualquer atitude que ressalte a lascívia nupcial, destruiria a integração harmoniosa entre a moral e a sexualidade. Lamm defende ainda a *nidah* (abstinência sexual durante o período em torno da menstruação), como forma de erotização pela ausência que desperta o desejo, através de relações intercalada, sem as quais o sexo se transforma em ato mecânico. Devido às leis da pureza da *Bíblia*, afirma Lamm, os casamentos ortodoxos adquirem alto grau de intensidade sexual. Valores modernos, porém, acabaram por se infiltrar mesmo entre os judeus ortodoxos, que passaram a ver com mais tolerância as relações pré-maritais, o homossexualismo e o aborto. Moische Feinstein, rabino ortodoxo, defende relações sexuais mais freqüentes do que o determinado pelo *Talmud* porque as necessidades das mulheres atuais seriam maiores. Aliás, já no século XIII, Rabad ou o rabino Abraão ben David de Posquieres (1125-1198), místico provençal, afirmava que havia quatro propósitos que tornavam o ato sexual legítimo e desejável: a procriação, a constituição do feto, a necessidade do homem não se desviar de seu caminho, e o desejo da mulher, devendo o homem voltar-se para ela sempre que ela assim o quisesse, prevenindo inclusive doenças secundárias aos impulsos sexuais dirigidos para fora do lar.

CAPÍTULO II

O JUDEU MACHISTA

Esta é outra faceta encontrada na mídia americana, incarnada na figura do comediante judeu Leni Bruce. Ele foi um dos primeiros a se opor ao mito do judeu *schlimazel* (azarento), enfrentando a moral e a cultura puritana convencional dos ianques. Na sua luta contra o preconceito, utilizou uma linguagem chula e textos explícitos considerados impublicáveis até então. No seu livro *How to Talk Dirty and Influence People* (1963), Bruce afirma que falar obscenidades é uma maneira judia de se exprimir. Diz ele que, mesmo para um católico, morar em Nova York é ser judeu. O mesmo acontece se você vive em outras grandes cidades dos Estados Unidos. Mas, se você vive em Montana, mesmo sendo judeu passa a ser gentio. Negros, italianos, irlandeses das grandes cidades são todos judeus. Ser judeu, dizia ele, é estar fora da corrente puritana dos americanos tradicionais.

A imagem da América como selva sexual é encontrada nas obras do novelista judeu, o prêmio Nobel de literatura Saul Below (1915-). Num de seus livros, *Mr. Samler's Planet* (1969), um enorme punguista negro mostra sua genitália ao velho judeu Samler, que emigrara para os Estados Unidos. Escrevendo sobre os conflitos entre a sexualidade dos negros e a castidade dos judeus, Below sugere que a sexualidade dos afro-americanos é totalmente estranha à cultura do judeu europeu.

Bernard Malamud (1914-1986), no seu livro *The Assistant* (1957), narra o conflito entre Frank, um empregado não-judeu e seu empregador, Morris Bober, emigrante judeu. Frank se apaixona pela filha do

patrão, Helen, e após forçá-la a fazer sexo com ele, é xingado por ela com o epíteto de cão incircunciso. Com remorso, Frank procura um hospital para ser circuncidado. Sofre heroicamente a dor da cirurgia e se converte ao judaísmo. Malamud salienta o contraste entre a grosseira sexualidade dos gentios e a sexualidade supostamente delicada dos judeus. Frank, o americano grosseiro, se redime através de sua conversão. Trata-se de uma forma de ficção que manifesta o pensamento de que a ética sexual judaica poderá redimir a América do Norte.

Também o já mencionado Isaac Bashevis Singer, em alguns de seus livros, explora o folclore judaico para enfatizar a sexualidade. Ressuscita demônios sexuais e descreve um submundo oposto à autoridade rabínica. Num de seus contos, "Destruction of Krechev" (*The Collected Stories*), ele descreve o casamento arranjado através de um casamenteiro entre Lisa, filha de homem rico e sábio, e um pobre órfão, que é um prodígio talmúdico. Mas o noivo é um fanático seguidor de Schabse Zevi e, assim, ele e a mulher imergem em orgias e perversões sexuais. A história atinge seu clímax quando o marido convence a mulher a cometer adultério com o ateu Mendel. Lisa, arrependida, se suicida, mas a expiação do pecado só se efetua com a destruição do vilarejo pelo fogo e pela peste. Singer, neste conto, costura um universo de ficção e demonologia com ampla libertinagem sexual. Conectando o órfão ao movimento de Schabse Zevi, Singer cria a oposição ao legalismo da religião oficial dos rabis através da sexualidade, do misticismo e da magia.

CAPÍTULO III

OS MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS JUDEUS

O número de homossexuais judeus é pouco expressivo mas a sua movimentação é grande, especialmente entre as lésbicas. Elas se julgam muito discriminadas. Discriminadas, em geral, e discriminadas pela religião judaica como mulheres e como lésbicas, apesar de na *Bíblia* não haver nenhuma proibição expressa de seu comportamento sexual. E, finalmente, discriminadas entre as lésbicas não-judias, quase todas anti-semitas. Batya Bauman, fundadora da revista feminista *Lilith* e da liga feminina contra o anti-semitismo clama: "Se há um grupo de gente que pode protestar contra a opressão maior do que a exercida contra os judeus é o das homossexuais judias". Em seus ensaios, como aquele escrito para a coletânea *On being a Jewish Feminist* (1983), a autora conta que teve de abandonar a comunidade judaica para adotar publicamente seu lesbianismo e relata sua surpresa ao verificar a preponderância de judeus na primeira comunidade *gay* com a qual entrou em contato. Também descreve em artigo na revista *Lilith* seu envolvimento com uma sinagoga freqüentada, basicamente, por homossexuais masculinos. Relata que a maioria das lésbicas repudia a herança judaica por ser esta expressivamente patriarcal e nos conta do seu esforço para derrubar esse patriarcalismo. Ela ressalta a natureza evolutiva do judaísmo, com vista a uma revisão ampla de seus conceitos, destaca a experiência conjunta vivida pelos judeus e os homossexuais no holocausto. Conclui que o movimento feminista, a liberação dos homossexuais e o sionismo têm um destino igual – a afirmação da vida. Bauman afirma também que embora

o judaísmo seja centrado no machismo e o lesbianismo no feminismo, os dois têm em comum um forte sentimento de comunidade, além de serem núcleos em exílio permanente na sociedade atual.

A teologia hebraica, em sua opinião, é falocêntrica. Considera a sexualidade masculina sagrada e a feminina impura, exigindo um controle permanente desta por parte dos homens. Ela salienta a oferta que Lot fez de suas filhas aos habitantes de Sodoma para que deixassem em paz seus hóspedes, e o episódio de Gibéia, no qual uma concubina é estuprada e morta para salvar a vida de um levita. Mas nada disso, conclui Batya Bauman, impede a luta para a derrubada dessa falsa barreira. Biurá Barret, militante do movimento homossexual, clama pela integração dos homossexuais judeus à comunidade e por um maior ativismo e envolvimento, que assumam eles a liderança dessa luta. O Grão-rabino da Inglaterra, Imanuel Jacobovits, cita a virtual ausência do homossexualismo entre os judeus, atribuindo a este fato a omissão do assunto na literatura talmúdica e religiosa. O mais importante dos códigos judeus, o *Schulchan Aruch*, ignora o problema, mas cita uma referência talmúdica (*Sotah* 13B) de que o egípcio Potifar comprou José para satisfazer seus instintos sexuais. Para Jacobovitz, a homossexualidade não teria justificativa de qualquer espécie. Para Robert Gordis (1908-1992), rabi do templo Beth El, de Nova York, e professor de religião na Columbia University, o homossexualismo está situado na fronteira entre o bem e o mal, mas em conflito com os preceitos bíblicos e com os costumes judaicos, que o condenam. A forte rejeição a ele que consta do *Levítico* deve-se, para Gordis, à associação das práticas homossexuais aos cultos de fertilidade dos canaítas e da civilização greco-romana. O rabi considera o homossexualismo uma violação da natureza, uma doença de etiologia desconhecida. E tratando-se de uma doença para a qual não há cura até hoje, o homossexual mereceria toda nossa compaixão e amor, porém, jamais igualdade e completa aceitação. Mas qualquer ato de discriminação é, para ele, desprezível e intolerável. Ele acha mesmo que as sinagogas de homossexuais são louváveis por oferecerem a eles o conforto da espiritualidade.

EPÍLOGO

A grande questão final é saber o quanto a evolução da sexualidade no mundo e na história judaica ameaça a identidade do povo judeu. As leis judaicas se opõem à promiscuidade sexual e ao casamento misto com membros de outras religiões. Mas nesse particular há uma grande diferença entre a discriminação judaica e a existente entre raças diferentes. Os judeus se impuseram esta restrição não por um sentimento de superioridade mas pela necessidade premente de preservar seu pequeno número do desaparecimento. Os brancos dos Estados Unidos ou os da África do Sul impuseram suas restrições por um sentimento de superioridade e domínio. Os judeus não discriminam, eles apenas se restringem. A integração judaica só será compreendida quando se reconhecer que as raízes ideológicas, espirituais, morais e éticas da civilização ocidental estão embebidas no judaísmo. Por isso, a história dos judeus não é uma história específica, pois eles sempre viveram no contexto de outras civilizações. O destino dos judeus foi sempre paralelo ao destino das outras civilizações que eles integraram, exceto num único aspeto – o da sobrevivência.

De algum modo, o povo judeu escapou do desaparecimento de cada uma das civilizações dos países onde eles habitaram. Conseguiram sobreviver à morte de cada uma das civilizações e emergir culturalmente naquela que a substituía. Isso durante quatro mil anos, em todos os continentes, até os dias de hoje. Atualmente, a população mundial se aproxima dos 6 bilhões de habitantes e a judaica é de aproximadamente 12

milhões, muito menos do que meio por cento do total. Mas a repercussão da presença judaica é muito maior do que seu pequeno contingente. Basta dizer que mais de 125 dos prêmios Nobel de Ciência e cerca de 25 por cento dos de Medicina foram outorgados a judeus. A contribuição judaica à lista dos grandes nomes em religião, ciência, literatura, artes cênicas, economia, filosofia, literatura e música é imensa. O período de grandeza da civilização helênica antiga, cuja literatura, ciência, filosofia e arquitetura constituíram a base da civilização, durou no máximo 500 anos. Depois disso, a Grécia entrou em franco declínio. Não é assim com o judaísmo, cujo período criativo se estende por todos os seus quatro mil anos de existência e cuja contribuição foi absorvida pelo mundo sem que esse débito tenha sido devidamente reconhecido. Do judaísmo, originou-se Jesus Cristo, aclamado como Deus por mais de um bilhão de pessoas. Do judaísmo, saiu São Paulo, que organizou e estruturou o cristianismo. O judaísmo influenciou enormemente a fé de Maomé, que reconheceu a *Bíblia* e seus profetas, e afirmou descender do patriarca Abraão. Do judaísmo, veio Baruch Spinoza, que desfez os elos entre a filosofia e o misticismo, abrindo o caminho para o racionalismo e para a ciência moderna. Do judaísmo, surgiu Karl Marx cujo livro *O Capital* é o evangelho secular do mundo comunista. Do judaísmo, provém Freud, que abriu a mente do homem, e Albert Einstein, que desbravou o caminho para novas formas de energia e novos caminhos no espaço. E poderíamos continuar citando: Niels Bohr, na Física; Mahler, Mendelsohn, Offenbach, Saint-Saëns, Bizet e Ravel, na música; Disraeli, Leon Blum e Trotski, na política; Rotschild, nas finanças; Kafka, Marcel Proust, Emil Ludwig, Heinrich Heine, André Maurois, Stefan Zweig e Romain Rolland, na literatura; Pissaro, Soutine, Modigliani e Chagal, na pintura.

Na era moderna, os judeus expandiram os conhecimentos universais na matemática, na física, na biologia e na química. Durante anos a fio, destaca Max Dimont (1962), os judeus introduziram no mundo ocidental os atuais conceitos de redenção, de educação universal e de amor ao próximo, séculos antes que outros povos estivessem prontos a aceitá-los. E, apesar disso, até há pouco (1948) não possuíam um país próprio. Viveram no exílio entre os babilônios, entre os gregos, entre os romanos, floresceram entre os muçulmanos e, nos tempos modernos, emergiram da escuridão de uma Idade Média prolongada para alturas culturais

inimagináveis. A força espiritual e intelectual dos judeus se manteve durante todo o período de sua existência. Apesar de sobreviver durante dois mil anos sem pátria própria, preservaram sua identidade cultural entre culturas estranhas e exprimiram suas idéias não somente em sua língua mas também na de todos os demais povos. E, curiosamente, das línguas mortas do passado, o hebraico é a única que persiste viva e falada até a atualidade. Para conhecer a literatura e a ciência inglesas precisamos conhecer bem e apenas o inglês. Para nos enfronharmos na literatura, na cultura e na ciência francesas, basta conhecer o francês. O mesmo se aplica ao alemão, ao espanhol, ao português, ao alemão, ao árabe. Mas para conhecer a contribuição dos judeus nesses campos é preciso conhecer não só as línguas específicas dos judeus, o hebraico, o *idisch* e o ladino, mas também o aramaico, o árabe, o latim, o grego e, virtualmente, todas as línguas atuais da Europa. O melhor sinal da integração judaica na civilização de todos os povos é este: judeus foram primeiros-ministros, generais, intelectuais, revolucionários, e isso apesar de constituírem menos de meio por cento da população mundial e apesar de terem emergido de guetos, num clima de perseguições e de repressão permanente.

Tendo sobrevivido ao maior holocausto racial da História, os judeus conseguiram uma pequena pátria, menor do que o Estado de Sergipe, com uma população insignificante, de cerca de cinco milhões de habitantes. Mas, para lá se dirigem os olhos do mundo, desde os dos doentes de males incuráveis em busca de novas descobertas de seus institutos de pesquisa, até os dos arqueólogos, religiosos e intelectuais de todo o Ocidente. Apesar de não existir antagonismo entre o pensamento ético, entre a moral e a cultura judaicas e a ética dominante no Ocidente, é preciso reconhecer que há algo de diferente e que os judeus devem assumir essa diferença. Sem dúvida, são portadores de uma mensagem universal, mas para que essa mensagem seja ouvida é necessário que os outros povos a aceitem. A maior parte do mundo ocidental já se rege pelas idéias dos judeus, Moisés, Jesus, São Paulo, Spinoza, Marx, Freud e Einstein. São idéias baseadas em valores judaicos.

As idéias de liberação sexual, indo até a libertinagem, da assimilação total, indo até a perda de identidade, e do afrouxamento dos laços religiosos ameaçam a estrutura judaica. Os casamentos mistos estão se expandindo, os núcleos religiosos e ortodoxos têm sua influência di-

minuída. O judaísmo terminará no exílio? E o que acontecerá na própria Terra Santa quando a rivalidade entre árabes e judeus terminar?

No livro *O Complexo de Portnoi*, quando Portnoi se encontra em Israel, quase ao final da história, subitamente é tomado pela memória do pai e dos amigos, jogando *baseball*, numa manhã de domingo. Por um momento, suas obsessões sexuais e sua falta de estima desaparecem. A imagem do pai se transforma num modelo a ser imitado e ele reconhece sua felicidade de voltar a amar, agradecendo ao fato de ter nascido e crescido como judeu. Sua reconciliação com a memória do pai sugere a esperança de reconciliação com seus antepassados e seu passado. Em livros posteriores de Roth, há lembranças relacionadas à morte de seu pai e o autor nos proporciona uma poderosa visão dessa reconciliação, em que o filho, judeu americano, assume a força e a fraqueza, a realidade do emigrante que foi seu pai. Na sua passagem da ficção para a realidade, Philip Roth identifica o problema cultural da sexualidade judaica. Como sinaliza David Biale (1992), não é necessário ser freudiano para entender que, tendo compreendido suas relações com o pai, Portnoi, o judeu frustado, chega ao equilíbrio necessário com a sua própria sexualidade. No sentido mais amplo, o "pai" aqui representa todo o passado e toda a tradição do judaísmo. Foi o que aconteceu com toda a comunidade judaica da antiga URSS que, de repente, apesar de afastada durante decênios do convívio judaico, ao primeiro sinal de abertura, voltou às origens. E é o que está acontecendo com os judeus franceses liberais, que, sendo agnósticos ou anti-religiosos, desejam preservar seus laços através de associações de judeus laicos.

O nascimento de um judaísmo laico representa a entrada na era da modernidade e a passagem de uma identidade individual e coletiva religiosa para uma identidade cultural. Hoje, grande parte dos judeus franceses é laica e poucos freqüentam habitualmente as sinagogas. Poucos são crentes. O judaísmo laico vem propor uma nova aliança, fundada não mais na fé, mas na memória. Mesmo em Israel há um conflito entre religiosos e laicos, presente desde a fundação do Estado. A questão em Israel é saber se caminhamos para um Estado teocrático ou laico, até hoje indefinida, embora tudo indique que no futuro será vitorioso o conceito do Estado laico. Da França, o movimento se estendeu, e hoje existe uma Federação Universal do Judaísmo Laico. Eis o seu manifesto: "O que está

em jogo não é a religião mas a integração de milhões de judeus que não encontram sua identidade na crença religiosa ou na prática religiosa, mas descobrem seu judaísmo na experiência histórica do povo judeu. O que está em jogo é também a identidade de milhares de homens e mulheres, em Israel e no mundo, que querem ser judeus mas que são rejeitados pelo legalismo estrito das autoridades religiosas tradicionais. A Federação Internacional dos judeus humanistas e laicos crê que a sobrevida do povo judeu depende de uma visão mais ampla de sua identidade. Acredita ela que devemos acolher como judeus todos os homens e mulheres que desejam sinceramente compartilhar da experiência judaica, independentemente de quem foram seus ancestrais. A Federação contesta a pretensão segundo a qual os judeus são essencialmente ou exclusivamente uma comunidade religiosa e que a convicção religiosa é essencial para a participação no judaísmo. O povo judeu é um povo universal, com uma cultura universal e uma civilização particular. O judaísmo, como cultura, ultrapassa o engajamento teológico. Compreende uma infinidade de línguas, uma literatura vasta, memórias históricas essenciais e valores éticos. Atualmente, a sombra do holocausto e a renascença do Estado Judeu são parte essencial e central da onipresença judaica. Nós, os judeus, temos a responsabilidade moral de acolher em nosso seio todas as pessoas que procuram se identificar com nossa cultura e com nosso destinos. Filhos e consortes de casamentos mistos que desejam fazer parte do povo judeu não devem ser rejeitados só pelo fato de não terem uma mãe judia ou não se terem convertido com um rabino ortodoxo. A autoridade para definir quem é judeu pertence a todo o povo judaico e não pode ser usurpada por uma de suas facções."

A partir deste manifesto cabe ressaltar que as relações sexuais entre judeus e não-judeus refletem a interação entre a cultura judaica e a cultura dos povos onde eles vivem, estudam e trabalham. A cultura judaica nunca evoluiu num vácuo. Foi sempre um produto da interação entre judeus e não-judeus. Os judeus sempre viveram e participaram de um mundo multicultural. A procura de uma identificação sexual ou cultural própria repete os conflitos desnecessários entre os israelitas da *Bíblia* e os canaítas, entre os helenistas e os rabis talmúdicos, entre os judeus da Idade Média e os seus vizinhos árabes e cristãos, entre os *hassidim*, os *misnagdim* e os do movimento do Iluminismo, entre os

ortodoxos, os reformistas, os conservadores, os liberais e os judeus laicos. Mas o resultado final é um movimento de unidade, em que a tradição é de algum modo preservada mas também transformada à medida que os judeus participam da cultura de seu tempo. E a transformação é a garantia máxima da continuidade do elo judaico.

BIBLIOGRAFIA

Nota: O autor deseja salientar, na elaboração do presente trabalho, o apoio encontrado na vasta literatura sobre o assunto. A despeito desse fato, algumas obras de maior importância inspiraram grande parte do texto e estão por isso assinaladas com um asterisco.

Obras de referência:

A Bíblia Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 59ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1984.

A Lei de Moisés e as Haftarot. Em hebraico e português. Tradução e comentários do rabino Meir M. Melamed. Rio de Janeiro: Ed. S. Cohen & Co. Ltd., 1968.

Hebrew Old Testament. Em hebraico e inglês. Editado por Norman, H.S. Londres: Ed. British & Foreign Bible Society, 1972.

Bibliografia geral:

ABRAHAM, I. *Jewish Life in the Middle Ages.* Nova York: Meridian Books, 1958.

ABRAHAM, S. *The Comprehensive Guide to Medical Halaca.* Jerusalém: Feldheim Publicity, 1990.

ABRAMS, J.Z. *The Women of the Talmud.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1995.

ADLER, R. The Jew who wasn't there. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

ADLER, R. Halaca and the Jewish woman. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

ADLER, R. The virgin. *In: The Brothel and Other Anomalies – Character and Context in the Legend of Beruriah-Tikun.* 1988.

AIKEN, L. *To be a Jewish Woman.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1992.

AKERMAN, J. The literary context of Moses birth story. *In:* Gross, K.R. (ed.). *Literary Interpretation of Biblical Narratives.* Nashville: Louis-Abingdon, 1974.

* ALLEN, E. *Erotica Judaica. A Sexual History of the Jews.* Nova York: Julian Press Pub., 1967.

ALPERT, R. In God's image: coming to terms in the Leviticus. *In:* Balka, C. & Rosen-Beacon, A. (eds.). *Twice Blessed: On being Lesbian, Gay and Jewish.* Boston: 1989.

ALPERT, R. Challenging male/female complementarity. Jewish lesbians and the Jewish tradition. *In:* Schwartz, H. E. (ed.). *People of the Body. Jews and Judaism from an Embodied Tradition.* Albany, NY: Ed. Sunny Press, 1992.

ALPERT, R. Finding our past. A lesbian interpretation of the Book of Ruth. *In:* Kates, J.A. & Reimer, G.T. (eds.). *Reading Ruth.* Nova York: Ballantine Books, 1994.

ALT, A. The God of the fathers. *In: Essays on Old Testament and Religion.* Garden City, NY: Double Day, 1966.

ALTER, R. *The Art of Biblical Narrative.* Nova York: Basic Books, 1981.

ALTER, R. *The Literary Guide to the Bible.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.

ALTMANN, A. Moses Mendelsohn as the archetypal German Jew. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture.* Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

ANDERSON, F.I & FREEDMAN, D.N. *Hosea.* Garden City, NJ: Anchor, 1986.

ANDERSON, G. Celibacy or consummation in the Garden? Reflections on early Jewish and Christian interpretations of the Garden of Eden. *Harvard Theological Review:* 82-121,1989.

ANTONELLI, J. *In the Image of God. A Feminist Commentary on the Torah.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1997.

ARMSTRONG, K. *A History of God.* Nova York: Alfred Knopf, 1994.

AUERBACH, E. *Mimesis. The Representation of Reality in Western Literature.* Princenton: Princenton University Press, 1974.

AVERY, M.E. Sex and the Jewish woman in 20th century fiction. *In:* Scherer, B.J. (ed.). *Sex and the Modern Jewish Woman.* Fresh Meadows, NY: Biblio Press, 1986.

BADER, G. *The Encyclopedia of Talmudic Sages.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1988.

BAKAN, D. *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition.* Nova York: Schoken Books, 1958.

BAKAN, D. *Maimonides on Prophecy. A Commentary on Selected Chapters of the Guide of the Perplexed.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1994.

BAL, M. *Lethal Love. Feminist Literary Interpretation of Biblical Love Stories.* Bloomington: Indiana University Press, 1987.

BARNSTONE, W. *The Other Bible.* São Francisco: Harper and Row, 1984.

BASKIN, J.R. (ed.). *Jewish Woman in Historical Perspective.* Detroit: Wayne State University Press, 1991.

BAUMAN, B. Women identified women in male identified Judaism. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

BEAUVOIR, S. de. *The Second Sex.* Nova York: Vintage Books, 1952.

BECK, T.E. Why is this book different from all other books. *In:* Beck, T. (ed.). *Nice Jewish Girls.* Boston: Beacon Press, 1989.

BECK, T.E. I.B. Singer's misogyny. *In:* Beck, T. (ed.). *Nice Jewish Girls.* Boston: Beacon Press, 1989.

BERKOVITS, E. *Jewish Women in Time and Torah.* Hooboken, NJ: Ktav Publishing House Inc., 1990.

BERMAN, S. The status of women in Halakic Judaism. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman.* Nova York: Schoken Books, 1976.

BIALE, D. The God with breast. El Shadai in the Bible. *History of Religions.*

BIALE, D. Ejaculatory prayer. The displacement of sexuality in Hassidism. *Tikun.*

* BIALE, D. *Eros and the Jews. From Biblical Israel to Contemporary America.* Nova York: Basic Books, 1992.

* BIALE, R. *Women and Jewish Law.* Nova York: Schoken Books, 1984.

* BIALIC, H.N. & RAVNITZKY, H.Y. *The Book of Legends. Legends from the Talmud and Midrasch.* Nova York: Schoken Books, 1992.

BLEICH, J. D. *Contemporary Halakic problems II.* Nova York: Yeshiva University Press, 1983.

BLOOM, H. (ed.). *The Bible. Modern Critical Views.* Nova York: Chelsea House, 1987.

BLOOM, H. *The Book of J.* Nova York: Groove Weidenfeld, 1990.

BLUMENTAHL, D.R. *Understanding Jewish Mysticism. The Mercabah Tradition and the Zoharic Tradition.* Nova York: Ktav Publishing House, 1978.

BOKSER, B. *From the World of the Cabalah: The Philosophy of Rabi Judah Loew of Prague.* Nova York: Philosophical Library, 1954.

BOKSER, B. *The Jewish Mystical Tradition.* Nova York: Pilgrim Press, 1981.

BOLEN, J.S. *Goddess in Every Woman. A New Psychology of Women.* Nova York: Harper and Row, 1985.

BOTEACH, S. *The Jewish Guide to Adultery.* Londres: Pan Books, 1995.

BOYARIN, D. The great fat massacre: sex, death and the grotesque body in the Talmud. *In:* Schwartz, H. E. (ed.). *People of the Body. Jews and Judaism from an Embodied Tradition.* Albany, NY: Ed. Sunny Press, 1992.

* BOYARIN, D. *Carnal Israel: Reading Sex in Talmudic Culture.* Berkeley: University of California Press, 1993.

BRANOVER, H. & ATTIA, C.I. (ed.). *Science in the Light of Torah.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1994.

BRAYER, M.N. *The Jewish Woman in Rabbinic Literature.* Hooboken, NJ: Ktav Publishing House Inc., 1986.

BRISTOW, E.J. *Prostitution and Prejudice. The Jewish Fight Against White Slavery, 1879-1939.* Nova York: Schoken Books, 1983.

BROOTEN, B.J. *Leaders in the Ancient Synagogue.* Atlanta: Scholars Press, 1982.

BUARQUE DE HOLANDA, A.F. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BUBER, M. *Tales of the Hassidim.* Nova York: Schoken Books, 1947.

BUBER, M. *The Tales of Rabi Nachman.* Atlantic, IA: Humanities International Inc., 1988.

BULKA, R.P. *Mystics and Medics. A Comparison of Mystical and Psychoterapeutics Encounters.* Nova York: Human Science Press, 1979.

BULKA, R.P. *Judaism on Pleasure.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1995.

BUTLER, T.C. *Holman Bible Dictionary.* Nashville: Holman Bible Publishers, 1991.

CAMPBELL, E.F. Ruth in the Anchor Bible. Garden City, NY: Double Day, 1975.

CAMPBELL, J. *The Masks of God: Occidental Mythology.* Harmondsworth, UK: Penguin Books, 1985.

CANTOR, A. The Lillith question. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

CANTOR, A. *Jewish Women, Jewish Men. The Legacy of Patriarchal Jewish Life.* São Francisco: Harper and Row, 1995.

CARMICHAEL, C.M. *Women, Law and the Genesis Tradition.* Edimburgo: Edinburgh University Press, 1979.

CASSUTO, U. *Commentary on Genesis I. From Adam to Noah.* Jerusalém: Magnes Press, 1971.

CASSUTO, U. *The Goddess Anath.* Jerusalém: Magnes Press, 1971.

CHARLES, W.J.H. *Jesus dentro do Judaísmo.* Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CHEMOUNI, J. *Freud e o Sionismo.* Rio de Janeiro: Imago.

CHRIST, C. Women's liberation and the liberation of God. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman.* Nova York: Shoken Books, 1976.

CLARKE, B. & AYCOCK, W. *The Body and the Text. Comparative Essays In Literature and Medicine.* Lubbock, TE: Texas University Press 1990.

COHEN, A.A. & FLOHR, M.P. (ed.). *Contemporary Jewish Religions Thought.* Nova York: Free Press, 1987.

COHEN, G.D. The Talmudic ages. *In:* Schwartz, L. (ed.). *Great Ages and Ideas of the Jewish People.* Nova York: Modern Library, 1956.

COHEN, G.D. The Song of Songs and the Jewish religious mentality. *In: Samuel Friedland Lectures.* Nova York: Jewish Theological Seminary, 1966.

COHEN, J. *Be Fertile and Increase, Fill the Earth and Master It. The Ancient and Medieval Career of a Biblical Text.* Ithaca, NY: Cornell University Press, 1989.

COOPER, A. *Philip Roth and the Jews.* Albany, NY: State University of New York Press, 1996.

CUDDIHY, J.M. *The Ordeal of Civility. Freud, Marx, Levi-Strauss and the Jewish Struggle with Modernity.* Boston: Beacon Press, 1974.

DALY, M. *Beyond God, the Father.* Boston: Beacon Press, 1974.

DAVIDMAN, L. Sex and the modern Jewish woman. *In:* Scherer, B.J. (ed.). *Sex and the Modern Jewish Woman.* Fresh Meadows, NY: Biblio Press, 1986.

DAVIDOWICZ, L.S. *The Golden Tradition. Jewish Life and Thought in Eastern Europe.* Nova York: Holt, Reinhardt & Winston Ed., 1967.

DEEN, E. *All of the Women of the Bible.* Nova York: Harper & Bros., 1955.

DE VAUX, R. *The Archeology of the Dead Sea Scrolls.* Londres: 1973.

DIMONT, M.I. *Jews, God and History.* Nova York: Simon & Schuster, 1962.

DRIVER, S.R. *An Introduction to the Literature of the Old Testament.* Nova York: Scribner, 1900.

EILBERG, S.H. *God's Phalus.* Boston: Beacon Press. 1994.

ELDER, D. *Women of the Bible Speak to Women of Today.* Marina del Rey, CA: De Vors, 1986.

ELLIS, M. *Toward a Jewish Theory of Liberation.* Nova York: Orbis Books, 1989.

EPSTEIN, I. *Marriage Laws in the Bible and in the Talmud.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1942.

EPSTEIN, I. *Judaism. A Historical Presentation.* Londres: Penguin Books, 1959.

FALK, M. *Love Lyrics from the Bible.* Sheffield, UK: The Almond Press, 1982.

FELDMAN, D.M. *Marital Relations, Birth Control and Abortion in Jewish Law.* Nova York: Schoken Books, 1975.

FELDMAN, D.M. *Birth Control in Jewish Law.* Nova York: New York University Press, 1995.

FINKELSTEIN, L. *Akiba, Scholar, Saint, and Martyr.* Nova York: Macmillan, 1964.

FINKELKRAUT, A. *The Wisdom of Love.* Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1984.

FOCKELMAN, J.P. *Narrative Art and Poetry in Genesis.* Assen, Holanda: Van Gorsen, 1981.

FREEDMAN, M. A lesbian in the promised land. *In:* Beck, T. (ed.). *Nice Jewish Girls.* Boston: Beacon Press, 1989.

FREUD, S. *An Autobiographical Study.* Londres: Hogart Press, 1935.

FREUD, S. *Moses and Monotheism.* Nova York: Vintage, 1967.

FRIEDENWALD, H. *The Jews and Medicine.* Baltimore: Ktav Publishing House Inc., 1944.

FRIEDMAN, P.A. *Marital Intimacy. A Traditional Jewish Approach.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1996.

FRIEDMAN, R.E. *Who Wrote the Bible.* São Francisco: Harper and Row, 1987.

FRIEDMAN, S. *Who is Who in the Talmud.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1995.

FRYMER, K.T. *In the Wake of the Goddess. Women Culture and the Biblical Transformation of a Pagan Myth.* Nova York: The Free Press, 1992.

GABEL, J.B.& WHEELER, C.B. *The Bible as Literature.* Nova York: Oxford University Press, 1990.

GAY, P. *Freud, Jews and Other Germans. Masters and Victims in Modernist Culture.* Nova York: Oxford University Press, 1978.

GAY, P. *A Godless Jew. Freud, Atheism and the Making of Psychoanalysis.* New Haven: Yale University Press, 1987.

GAY, P. *Freud, uma Vida para nosso Tempo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GEDALIAHU, A. *Jews, Judaism and the Classical World. Studies in Jewish History in the Times of the Second Temple and Talmud.* Jerusalém: Magnes Press, 1977.

GELLER, J. The cultural construction of the other. *In:* Schwartz, H. E. (ed.). *People of the Body. Jews and Judaism from an Embodied Tradition.* Albany, NY: Ed. Sunny Press, 1992.

GENDLER, M. The restoration of Vasti. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman.* Nova York: Schoken Books, 1976.

GILMAN, S.L. *The Case of Sigmund Freud. Medicine and Identity at the Fin-de-Siècle.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

* GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. I: Bible Times and Characters from the Creation to Jacob. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

* GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. II: From Joseph to Exodus. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

* GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. III: Moses in the Wilderness. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

* GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. IV: From Joshua to Esther. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. V: Notes to Vols. I & II. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

GINZBERG, L. *The Legends of the Jews.* Vol. VI: Notes to vols. III and IV. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America., 1968.

GINZBERG, L. & BOAZ, C. *The Legends of the Jews.* Vol. VII: *Index.* Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1968.

GINZBURG, C.D. *The Song of Songs and Cohelet.* Nova York: Ktav Publishing House Inc., 1986.

GOLD, M. *Jews without Money.* Nova York: Horace Liveright, 1930.

GOLDFELD, A. Women and sources of Torah in the Rabbinic Tradition. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman.* Nova York: Schoken Books, 1976.

GOLDREICH, G. Ruth, Naomi and Or´pah. *In:* Kates, J.A. & Reimer, G.T. (eds.). *Reading Ruth.* Nova York: Ballantine Books, 1994.

GOLDSTEIN, B. *Reinscribing Moses.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

GOLLANCZ, H. The Targun to the Song of Songs. *In:* Grossfeld-Hermon, B. (ed.). *The Targun of the Five Megilloth.* Nova York: 1973.

GOODMAN, E.L. *Rambam. Reading in the Philosophy of Moses Maimonides.* Nova York: Schoken Books, 1977.

GOW, M.D. *The Book of Ruth.* Leicester, UK: Apollos, 1992.

GRAVES, R. *The White Goddess.* Nova York: Vintage Books, 1958.

GRAVIS, R. & RAPHAEL, P. *Hebrew Myths. The Book of Genesis.* Nova York: McGraw Hill, 1964.

GREEN, A. Bride, spouse, daughter. Images of the feminine in classic Jewish sources. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist*. Nova York: Schoken Books, 1983.

GREEN, A. *Seek My Face, Speak My Name. A Contemporary Jewish Theology*. Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1992.

GREENBERG, B. *On Women and Judaism. A View from Tradition*. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1981.

GREER, G. *Sex and Destiny. The Politics of Human Fertility*. São Francisco: Harper and Row, 1984.

GROSS, D.C. & GROSS, E.R.. *Under the Wedding Canopy. Love and Marriage in Judaism*. Nova York: Hippocrene Books, 1996.

GROSS, L.K.R. *Literary Interpretation of Biblical Narratives*. Nashville: Louis-Abingdon, 1974.

GROSS, R. Steps toward feminine imagery of deity in Jewish theology. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist*. Nova York: Schoken Books, 1983.

GUNN, D.M. & FEWELL, D.N. *Narratives in the Hebrew Bible*. Nova York: Oxford University Press, 1993.

HADDAD, G. *O Filho Ilegítimo. As Fontes Talmúdicas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

HALEVI, Z.B.S. *Adam and the Cabalistic Tree*. York Beach, ME: Samuel Weisner Inc., 1974.

HALEVI, Z.B.S. *Kabbalah. Tradition of Hidden Knowledge*. Londres: Thames and Hudson, 1979.

HALIVNI, D.W. *Midrash, Mishnah and Gemara*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1986.

HALS, R.M. *The Theology of the Book of Ruth*. Filadélfia: Fortress Press, 1969.

HARRIS, M. *Studies in Jewish Dream Interpretation*. Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1994.

HARROWITZ, N. & HYMAS, B. *Jews and Gender*. Filadélfia: Temple University Press, 1995.

HARTMAN, D. *A Living Covenant. The Innovative Spirit in Traditional Judaism*. Nova York: Free Press, 1985.

HERTZBERG, A. Judaism. *In: Anthology of the Key Spiritual Writings of the Jewish Tradition*. Nova York: Simon and Schuster, 1991.

HOLTZ, B.W. (ed.). *Back to the Sources. Reading the Classic Jewish Text*. Nova York: Summit Books, 1984.

HOLTZ, B.W. *The Schoken Guide to Jewish Books*. Nova York: Schoken Books, 1992.

HOROWITZ, G. *The Spirit of Jewish Law*. Nova York: Bloch Publishing Co., 1993.

IDEL, M. Métaphores et pratiques sexueles dans la *Cabalah*. *In: Lettre sur la Sainteté*. Paris: Ed. Verdier, 1986.

IDEL, M. *L'Experience Mystique d'Abraham Aboulafia*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1989.

JAKOBOVITS, I. *Jewish Medical Ethics*. Nova York: Bloch Publishing Co., 1975.

JOHNSON, P. *A History of the Jews*. Nova York: Harper and Row, 1988.

JONES, E. *The Life and Work of Sigmund Freud*, vols. I-III. Nova York: Basic Books, 1957.

JUNG, C.G. *Memories, Dreams, Reflections of C.G. Jung* (Jaffé, A., Ed.). Nova York: Pantheon, 1962.

JUNG, C.G. (Ed.). *Man and his Symbols*. Londres: Picador, 1966.

KAHANE, K. *Daughters of Israel. Laws of Sexual Purity*. Nova York: 1970.

KANTROWITZ, K.M. Some notes on Jewish lesbian identity. *In:* Beck, T. (ed.). *Nice Jewish Girls*. Boston: Beacon Press, 1989.

KAPLER, A. *Jewish Meditations*. New Jersey: Shocken Books, 1985.

KATSTEIN, J. *The Messiah of Ismir: Shabatai Zevi*. Nova York: Vicking Press, 1931.

KATZ, J. German culture and the Jews. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture*. Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

KAUFMAN, M. *Love Marriage and Family in Jewish Law and Tradition*. Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1992.

KELEMAN, S. *The Human Ground. Sexuality, Self and Survival*. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books, 1975.

KLEIN, D.B. *Jewish Origins of the Psychoanalytic Movement*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

KLEPFISZ, I. Anti-semitism in the lesbian feminist movement. *In:* Beck, T. (ed.). *Nice Jewish Girls*. Boston: Beacon Press, 1989.

KUZMACK, L. Aggadic approaches to biblical women. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman*. Nova York: Schoken Books, 1976.

LACKS, R. *Women and Judaism. Myth, History and Struggle*. Nova York: Doubleday, 1980.

LAFFEY, A.L. *Wives, Harlots and Concubines: The Old Testament in Feminist Perspective*. Filadélfia: Fortress Press, 1990.

LAM, N. Judaism and the modern attitude to homosexuality. *In: Encyclopedia Judaica*. Jerusalém: Yearbook, 1974.

LANDMANN, J. Moyses Maimonides, o Rambam. *In: Saúde e Medicina. Fatos e Ficção.* Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

LANDMANN, J. *Judaísmo e Medicina.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LAYTON, A. *Arguing with God, a Jewish Tradition.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1990.

LEWIS, B. *The Jews of Islam.* Princeton: Princeton University Press, 1984.

LIEBERMAN, S. Tanatic teachings regarding the Songs of Songs. *In:* Scholem, G. (ed.). *Jewish Gnosticism, Merkabah Mysticism and Talmudic Tradition.* Nova York: Jewish Theological Seminar of America, 1960.

MACHEN, J.G. *The Virgin Birth of Christ.* Grand Rapids, MI: Backer, 1965.

MAIMONIDES. *Mishné Torá. O Livro da Sabedoria.* Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud.* Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1969.

METZ, J.B. & SCHILEBEC, K.X. *God as a Father.* Nova York: Seabury, 1981.

MICHAEL, M. Reform Jewish thinkers and their German intellectual context. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture.* Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

MILLET, K. *Sexual Politics.* Garden City, NJ: Doubleday, 1970.

MOMIGLIANO, A. *On Pagans, Jews and Christians.* Middletown, NY: Wesleyan University Press, 1987.

MOSSE, G.L. Jewish emancipation between *Bildung* and respectability. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture.* Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

MULLER, E. *History of Jewish Mysticism.* Londres: East and West Library, 1946.

NEUSNER, J. *The Study of Ancient Judaism.* Nova York: Ktav Publishing House Inc., 1981.

NEUSNER, J. *The Incarnation of God: The Character of Divinity in Formative Judaism.* Filadélfia: Fortress Press, 1988.

NEUSNER, J. *The Midrash. An Introduction.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1990.

NEUSNER, J. *The Way of Torah. An Introduction to Judaism.* Belmont, CA: Wadsworth Publishing Co., 1992.

NEUSNER, J. *Androgynous Judaism.* Macon, GE: Mercer University Press, 1993.

NEVINS, M. *The Jewish Doctor. A Narrative History.* Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1996.

NOCHLIN, L. & GARB, T. *The Jew in the Text. Modernity and the Construction of Identity.* Londres: Thames and Hudson, 1995.

NOLASCO, S. *O Mito da Masculinidade.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OCHS, C. *Behind the Sex of God.* Boston: Beacon Press, 1977.

ODEN Jr., R.A. *The Bible without Theology.* São Francisco: Harper and Row, 1987.

ORING, E. *The Jokes of Sigmund Freud. A Study in Humor and Jewish Identity.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1984.

OSTRIKER, S.A. *Feminist Revision and the Bible.* Cambridge, MA: Blackwell Publishers 1993.

OSTRIKER, S.A. *The Nakedness of the Fathers. Biblical Visions and Revisions.* New Jersey: Rutgers University Press, 1994.

OSTROW, M. (ed.). *Judaism and Psychoanalysis.* Nova York: Ktav Publishing House Inc, 1982.

OUAKNIN, M.-A. *Méditations Érotiques. Essais sur Emmanuel Levinas.* Paris: Balland, 1992.

OZICK, C. Notes toward the right question. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

PAGELS, E. *Adam, Eve, and the Serpent.* Nova York: Random House, 1988.

PALMER, T. *Freud, Leitor da Bíblia.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PANOVSKY, E. & PANOVSKY, D. *Pandora's Box. The Changing Aspects of a Mythical Symbol.* Nova York: Pantheon Books, 1956.

* PARDES, I. *Countertraditions in the Bible. A Feminist Approach.* Cambridge, MA: Harvard University Press. 1992.

PATAI, R. *The Hebrew Goddess.* Nova York: Avon, 1978.

PHILLIPS, J.A. *Eve, the History of an Idea.* São Francisco: Harper and Row, 1984.

PIRANI, A. *The Absent Mother. Restoring the Goddess to Judaism and Christianity.* Londres: Mandala, 1991.

PLASKOW, J. The Jewish feminist. Conflicts in identities. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman.* Nova York: Schoken Books, 1976.

PLASKOW, J. The right question in Theology. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist.* Nova York: Schoken Books, 1983.

PLASKOW, J. *Standing again at Sinai. Judaism from a Feminist Perspective.* Nova York: Harper and Row, 1990.

PREUSS, J. *Biblical and Talmudic Medicine.* Nova York: Sanhedrin Press, 1978.

PUTNAM, R.A. Friendship. *In:* Kates, J.A. & Reimer, G.T. (eds.). *Reading Ruth.* Nova York: Ballantine Books, 1994.

RACINE, J. *Bérénice*. Paris: Le Livre de Poche, 1987.

RAVICH, A. *Preventing V.D. and Cancer by Circumcision*. Nova York: Philosophical Library, 1973.

RICHARDS, J. *Sexo, Desvio e Danação. As Minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1993.

RISKIN, S. Women and Jewish divorce. The rebellious wife, the Agunah and the right of women to initiate divorce. *In: Jewish Law, a Halakhic Solution*. Hooboken, NJ: Ktav Publishing House Inc., 1989.

ROBERT, M. *From Oedipus to Moses. Freud's Jewish Identity*. Garden City, NY: Anchor, 1976.

ROLL, W. The Kassel Ha Meassef of 1799. An Unknown Contribution to the Hascalah. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture*. Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

ROSENMAN, I. (ed.). *Juifs Laïques: Du Religieux vers le Culturel*. Paris: Ed. Corlet, 1992.

ROSNER, F. *Sex Ethics in the Writing of Moses Maimonides*. Nova York: Bloch Co., 1974.

ROSNER, F. *Medicine in the Bible and Talmud*. Nova York: Ktav Publishing House Inc., 1977.

ROTH, C. *Jews in the Renaissance*. Filadélfia: Jops Ed., 1959.

ROTH, P. *Portnoy's Complaint*. Nova York: Random House, 1967.

RUDERMAN, D.B. *Essential Papers on Jewish Culture in Renaissance and Baroque Italy*. Nova York: New York University Press, 1993.

RUNES, D.D. *Dictionary of Judaism. The Tenets, Rites, Customs and Concepts of Judaism*. Nova York: Citadel Press Book, 1991.

SANTON, E.C. *The Woman's Bible. The Original Feminist Attack on the Bible*. Edimburgo: Polygon Books, 1985.

SARTRE, J.P. *Antisemite and Jew*. Nova York: Schoken Books, 1965.

SCARF, M. Marriages made in Heaven? Battered Jewish wives. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist*. Nova York: Schoken Books, 1983.

SCHNEIDER, S.W. *Jewish and Female. Choices and Changes in our Lives Today*. Nova York: Simon and Schuster, 1984.

SCHOLEM, G. *Major Trends in Jewish Mysticism*. Nova York: Schoken Books, 1946.

SCHOLEM, G. *Zohar. The Book of Splendor, Basic Readings from the Kabbalah*. Nova York: Schoken Books, 1949.

SCHOLEM, G. *Kabbalah*. Nova York: Meridian, 1974.

SCHOLEM, G. *Origins of the Kabbalah*. Princeton: Princeton University Press, 1987.

SCHORSKE, C.E. *Viena Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

SCHIRAM, P. *Chosen Tales. Stories Told by Jewish Storytellers*. Hoooboken, NJ: Ktav Publishing House Inc., 1989.

SCHWARTZ, B. G.-W. *The Jewish Wife*. Nova York: Paperback Library, 1969.

SCHWARTZ, L.W. (ed.). *Great Ages and Ideas of the Jewish People*. Nova York: Modern Library, 1956.

SEREBNICK, S. *Glossário Etimólogico de Nomes da História Judaica*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1993.

SHAPIRO, M. *The Jewish 100. A Ranking of the Most Influential Jews in All Time*. Secaucus, NJ: Citadel Press Books, 1996.

SHULMAN, G. A feminist path to Judaism. *In:* Heschel, S. (ed.). *On being a Jewish Feminist*. Nova York: Schoken Books, 1983.

SOHN, R. Verse by verse. A modern commentary. *In:* Kates, J.A. & Reimer, G.T. (eds.). *Reading Ruth*. Nova York: Ballantine Books, 1994.

STERLING, H. & SIMON, M. *The Zohar*. Londres: Soncino Press, 1934.

STERN, G. German Jewish and German Christian writers. Cooperation in exile. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture*. Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

STONE, M. *When God was a Woman*. Nova York: Harvest Harscut, 1976.

STRACK, H.L. *Introduction to the Talmud and Midrash*. Nova York: Atheneum, 1969.

THIELECKE, H. *The Ethics of Sex*. Nova York: Harper and Row, 1964.

TOBIAS, H.J. *The Jewish Bund in Russia from its Origins to 1905*. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1972.

TRIBLE, P. Depatriarchalizing in biblical interpretation. *In:* Koltun, E. (ed.). *The Jewish Woman*. Nova York: Schoken Books, 1976.

TRIBLE, P. *God and the Rhetoric of Sexuality*. Filadélfia: Fortress Press, 1983.

TRIBLE, P. *Texts of Terror. Literary Feminist Readings of Biblical Narratives*. Filadélfia: Fortress Press, 1984.

UNTERMAN, A. *The Wisdom of the Jewish Mystics*. Nova York: New Directions, 1976.

* UNTERMAN, A. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1992.

VOGT, E. & BARBOSA, M. (eds.). *Os Salmos*. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1982.

WAITE, A.E. *The Doctrine and Literature of the Kabbalah*. Londres: Theosophical Pub. Society, 1902.

WEINIGER, O. *Sex and Character.* Nova York: Purnams, 1903.

WEISS, R.L. & BUTTERWORTH, C.E. *Ethical Writings of Maimonides.* Nova York: Dover Publications Inc., 1975.

WEISS, M. *The Bible from Within. The Method of Total Interpretation.* Jerusalém: Magnes, 1984.

WELDON, E. *Mother, Madonna, Whore. The Idealization and Denigration of Motherhood.* Londres: Free Association Press, 1988.

WESTHEIMER, R. K. & MARK, J. *Heavenly Sex. Sexuality in the Jewish Tradition.* Nova York: New York University Press, 1995.

WIESEL, E. *The Town beyond the Wall.* New Jersey: Avon Books, 1969.

WIESEL, E. *Souls of Fire. Portraits and Legends of Hassidic Masters.* Nova York: Simon & Schuster, 1993.

WIGODER, G. *The New Standard Jewish Encyclopedia.* Nova York: The Encyclopedia Publishing Co., 1992.

WISWELL, T. Circumcision circumspection. *New England Journal of Medicine*, 1997.

WOLFSON, E. Images of God's feet. Some observations of the divine body in Judaism. *In*: Schwartz, H. E. (ed.). *People of the Body. Jews and Judaism from an Embodied Tradition.* Albany, NY: Ed. Sunny Press, 1992.

YERUSHALMI, H.Y. *Zakhor. Jewish History and Jewish Memory.* Nova York: Schoken Books, 1982.

YERUSHALMI, H.Y. *Freud's Moses. Judaism Terminable and Unterminable.* New Haven: Yale University Press, 1991.

ZELIGS, D. *Moses, a Psychodynamic Study.* Nova York: Human Sciences Press, 1986.

ZLOTOWITZ, M. *The Megillah. The Book of Esther and Commentaries.* Nova York: Artscroll, 1976.

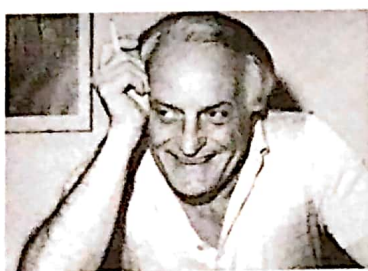
ZLOTOWITZ, M. *The Book of Ruth (Megillath Ruth). A new Translation with a Commentary Anthologized from Talmudic, Midrashic and Rabbinic Sources.* Nova York: Mesorah Publ., 1976.

ZOHN, H. Fin-de-Siècle Vienna. *In:* Reinhartz, J. & Schatsberg, W. (eds.). *The Jewish Response to German Culture.* Hanover, Canadá: University Press of New England, 1985.

ZORNBERG, A. The concealed alternative. *In:* Kates, J.A. & Reimer, G.T. (eds.). *Reading Ruth.* Nova York: Ballantine Books, 1994.

aqui o autor expõe de forma crítica as principais idéias dos rabinos e das diferentes correntes do judaísmo sobre os comportamentos e hábitos sexuais.

Seguem-se estudos sobre o misticismo judaico (a Cabala) e sua relação com a psicanálise de Freud, digressões sobre a emancipação intelectual judaica e, finalmente, sobre a influência do sexo no movimento sionista e na moderna cultura do judaísmo, religiosa e leiga.

O livro parte, portanto, de bases sólidas para debater o sexo e a sexualidade segundo uma perspectiva, simultaneamente, renovada e profundamente arraigada na cultura e na história.

Jayme Landmann é professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e autor de vasta literatura sobre medicina e ainda do livro *Medicina e Judaísmo*

SEXO E JUDAÍSMO

ed uerj

ISBN 85-85881-65-8

9 788585 881658